This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

BIBLIOTHECA MORÉ.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

UM ANNO NA CORTE.

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA PELO AUTHOR.

TOMO I.

PORTO,
EM CASA DE VIUVA MORÉ — EDITORA,
PRAÇA DE D. PEDRO.
A mesma casa em Coimbra, Rua da Calçada. | Casa de Commissões em Paris, 2 bis, Rua d'Arcole.
1863.

J. W. Harvey;
from Portuguese dept
Philadelphia High
Read March, 18

UM ANNO NA CORTE.

493736

UM ANNO NA CORTE.

POR

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA PELO AUCTOR.

TOMO I.

PORTO
EM CASA DA VIUVA MORÉ — EDITORA,
PRAÇA DE D. PEDRO.

A mesma casa em Coimbra, Rua da Calçada. | Casa de Commissões em Paris, 2bis, Rua d'Arcole.

1863.

493736

A MEU TIO E AMIGO

O MARECHAL

NUNO AUGUSTO DE BRITO TABORDA.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO I.

AO DESEMBARQUE.

No dia 1.º de agosto de 1666, ao cahir da tarde, uma falúa atravessava o Tejo, em direcção a Lisboa, impellida pelo vento que soprava rijo, e pelo esforço de seis vigorosos remeiros. A falúa vinha de Aldeia Gallega, e trazia grande numero de passageiros, gente do campo e almocreves, que facilmente se distinguiam pelos seus chapeos de lan de abas largas e copa baixa, a que denominavam então *chapeos de regateira*, grandes capas pardas com que se cobriam, e polainas presas com fivelas de ferro.

Entre os passageiros havia um, que pelo trajo se conhecia ser militar, e pelas insignias capitão de in-

fanteria. Trazia vestida uma coura de anta, na cabeça uma gorra simples; ao lado pendia-lhe a espada, presa de um talim bordado, e uma adaga luzia-lhe no cinto. Este homem teria uns vinte e quatro annos; era alto e bem proporcionado, rosto comprido e trigueiro, olhos vivos e negros, cabellos annellados cahidos até aos hombros, e bigode alevantado nas pontas, de modo que lhe assombrava as faces.

Os olhos do moço capitão seguiam com curiosidade os gestos de um soldado velho, que lhe indicava com o dedo e lhe dizia o nome de cada um dos edificios da antiga Lisboa, que do Tejo se podiam descobrir. A admiração do capitão era grande; mas a verbosidade do soldado *ciceroni* ainda era maior.

— Vê vossa mercê — dizia o soldado — aquella egreja que fica aqui mesmo defronte, com torres altas e toda de pedra? É S. Vicente de Fóra. Alli é que vão

— É o castello, senhor Francisco d'Albuquerque, o castello de Lisboa. Boas muralhas são aquellas: algumas ainda do tempo dos mouros. Ha no castello um canhão tão grande, que quando atira faz tremer toda a cidade: é maior do que as *duas irmans*, com que os castelhanos metteram tão grande medo aos de Jerumenha, quando D. João de Austria a sitiou. — Conheci alli perto, na rua que chamam de S. Christovão, uma velha que sabia muitas prophecias, e que muitas vezes me disse que já não estava longe o dia em que o nosso rei D. Sebastião ha de voltar...

Francisco d'Albuquerque, que sabia ser o soldado um sebastianista exaltado, um fanatico e louco sebastianista, como havia tantos n'aquelle tempo, interrompeu a torrente de prophecias que estava para lhe cahir em jorros sobre a paciencia.

— Dize-me cá, Diogo Cutilada — que assim se chamava o soldado, por ter recebido uma cutilada, na memoravel batalha do Ameixial, que lhe deixou a face direita rasgada de alto a baixo por uma funda cicatriz — dize-me, onde fica o paço?

— É alli. Não vê vossa mercê aquelle largo grande, que fica á esquerda ao pé da praia, com um caes de pedra? É o Terreiro do Paço. O palacio lá está com as suas arcadas, e o seu grande eirado, pegando com a casa da India. O forte fica pela parte de traz: é alli que foi por muito tempo o quarto de el-rei, em quanto a rainha mãe esteve no paço...

— Mandaram-no para lá, porque chamava para o

paço os villões e os mulatos da cavallariça, e armava brigas no páteo do Leão; não é assim?

— É verdade: a rainha não gostava do senhor D. Affonso VI; porque elle era... fazia muitas acções que escandalisavam a todos. Quando eu estava ao serviço do senhor duque de Cadaval, ha já seis annos, vi eu uma tarde, alli no terreiro do palacio, uma caçada publica, em que os mulatos d'el-rei lançavam, contra cachorros, ferozes lebréus, que tinham vindo de Inglaterra. El-rei estava com o Conti; e quando via os pobres cachorros rasgados pelos dentes d'aquellas feras, que assim se póde chamar áquelles cães inglezes, ria muito e batia as palmas. Ah! quando vier el-rei D. Sebastião, então...

— Onde é a casa do senhor infante? — atalhou o capitão.

— Alli — respondeu Diogo Cutilada, apontando com o dedo para o *Corte-Real*, que ficava proximo ao Corpo-Santo.

— Dizem que sua alteza acompanha tambem el-rei, quando anda de noite pela cidade a espancar as rondas?

— É falso, é falso. O senhor infante é um santo. Elle leva muito a mal as desordens de el-rei. Muitas vezes o ouvi dizer em casa do senhor duque; e depois m'o tem confirmado o meu compadre José Chanca.

Pouco tempo depois a falúa chegou ao caes dos Mouros, que ficava na Ribeira; e o nosso capitão, acompanhado de Diogo Cutilada, saltou em terra.

O soldado, que conhecia Lisboa por ter n'ella vi-

vido por muito tempo, foi conduzindo Francisco d'Albuquerque para as portas da Ribeira. Seguiram a rua chamada do Vêr-o-pezo; entraram n'uma outra rua que ia dar pela Padaria á porta do Ferro, que então existia proximo á Sé.

Quando o capitão Francisco d'Albuquerque e o seu criado velho chegaram á Sé, já era quasi noite escura. Nas ruas andava muita gente ainda; mas as tendas começavam a fechar-se, e as luzes a brilharem pelas gelosias dos balcões.

Depois de se orientar n'aquelle labyrintho de ruas e beccos que vinham dar ao largo da Sé, Diogo Cutilada encaminhou-se para uma coisa, que mais parecia estreito corredor do que rua, e que tinha por nome becco dos Seguros.

N'este becco não penetravam os ultimos clarões do crepusculo; alli as trevas eram tão densas como n'um subterraneo. Caminhando encostados ás paredes das casas para não cahirem, os dois militares chegaram a uma porta baixa e estreita, que estava apenas cerrada. O soldado bateu com a coronha do mosquete na porta, que se abriu com estrondo; e dizendo ao capitão: — É aqui a estalagem do *Alemtejo*. Suba com cautela, senhor capitão, porque a escada é ingreme e escorregadia — começou a subir, dando a mão a Francisco d'Albuquerque, uma escada de pedra, cujos degraus quebrados e cobertos d'uma espessa camada de lodo, tremiam debaixo dos pés.

Pelas fendas d'uma porta, que do primeiro andar

deitava para a escada, sahiam alguns raios tenues de uma luz froixa e incerta, e os sons de muitas vozes que fallavam alto, e riam desafogadamente. Diogo Cutilada abriu esta porta, e dando logar ao seu superior para passar primeiro, entrou depois, e tornou a pôr a porta no fecho.

A sala da estalagem do Alemtejo era uma casa immensa, de telhavan; apenas allumiada por duas candeias de ferro, penduradas nas paredes que ficavam nos extremos da casa. As paredes mal rebocadas e o ladrilho suavam agua, apesar da estação. Quatro mesas de pinho compridas, mal geitosas e sujas, cobertas com toalhas de *bragal* pouco brancas; oito bancos tambem de pinho, que apenas se podiam soster nos pés desiguaes e tortos, collocados parallelamente de um e outro lado de cada uma das mesas, uma grande arca de

jocosa, e a ceia do frade e dos seus companheiros. O estalajadeiro, homem rotundo de mediana estatura e sem pescoço, levantou-se da arca em que estava assentado, e approximou-se dos seus hospedes recem-chegados.

— Que tem para a ceia, mestre Pedro — perguntou Diogo Cutilada — que tem por cá que se coma?

— Pouca coisa, camarada, para dar a um capitão que chega da guerra. — Aqui o estalajadeiro saudou militarmente a Francisco d'Albuquerque — Temos ahi só um pouco de figado de porco guisado, bacalhau cosido e sardinhas para assar.

— Traga-nos do tal figado guisado — disse Francisco d'Albuquerque, sentando-se a uma das mesas, e fazendo um gesto a Diogo para o convidar a que se sentasse do lado opposto.

Diogo encostou o mosquete a um canto da casa, e veio sentar-se defronte de seu amo.

Mestre Pedro chegou a uma das portas que deitava para as casas interiores, e ordenou que trouxessem o guisado que os seus hospedes tinham pedido.

Em quanto Francisco d'Albuquerque e o seu criado esperavam pelo figado de porco, os almocreves e o frade, que haviam interrompido a conversa e a ceia para os observarem curiosamente, tinham de novo recomeçado a cumprir estas duas importantes tarefas.

— Se a rainha — disse o frade levando á boca metade de uma sardinha assada, que elle tinha separado das espinhas com os proprios dedos — se a rainha vem

a Portugal para achar um rei, está servida, mas se procura um homem, então...

N'este momento o frade levantou os olhos para os dois militares, e vendo que elles o escutavam, julgou prudente não acabar a phrase.

— El-rei é valente — disse um dos almocreves rindo.

— E bom toureiro — accrescentou outro.

— E eu que o diga — murmurou Diogo Cutilada, que estava morrendo por entrar tambem na conversa.

— Então que viu de el-rei, camarada, para poder julgar da sua valentia? — perguntou o frade, que tinha ouvido as palavras de Diogo.

— Talvez o visse na guerra — disse o estalajadeiro, que tinha tomado o seu logar sobre a arca collocada de proposito ao pé da porta, que estabelecia communicação entre a sala e a cosinha.

Estas palavras produziram uma grande hilaridade na assemblea. E os dois militares não foram dos que menos riram. Era sabido de todos que, quando os hespanhoes em 1663 tomaram Evora, e muitas povoações do Alemtejo prestaram pelo terror juramento de vassallagem nas mãos de D. João d'Austria, D. Affonso VI tinha, por demasiada prudencia ou talvez por cobardia, preferido os conselhos d'aquelles que lhe recommendavam que permanecesse na côrte, a coberto dos perigos da guerra, aos d'aquelles que lhe mostravam a necessidade que em tão criticas circumstancias havia

de elle ir tomar o seu logar á frente do exercito do Alemtejo.

Diogo Cutilada, depois de dar tempo á hilaridade para se expandir em sonoras gargalhadas, respondeu d'este modo á pergunta do rotundo e jocoso frade:

— Da sua valentia posso eu dizer alguma coisa, porque o vi atacar em certa noite uma ronda alli ao Rocio...

— Mas ia só?

— Não. Ia com a sua companhia de cavallo, a que chamam a *patrulha alta*...

— É toda má essa gente de que se compoem as patrulhas, tanto a *alta* como a *baixa*. Foram homens recrutados entre os facinorosos — acudiu o estalajadeiro.

— Eu — disse o frade endireitando magestosamente a cabeça sobre os hombros espadaudos — eu já uma noite tive de luctar com alguns dos da patrulha baixa; mas fugiram...

E dizendo isto mostrou por debaixo do habito uma d'aquellas facas destinadas para arremessar ao longe, e de que n'aquelle tempo se fazia muito uso.

— Na tal noite — proseguiu Diogo — vi eu, como ia dizendo, el-rei atacar uma patrulha de paisanos, e atropellar alguns; e se não fosse o infante, el-rei estaria a esta hora morto.

— Pois sua alteza tambem ia? — perguntou o frade, fazendo um gesto de incredulidade.

— Ia. Foi sua alteza que deu um tiro de pistola

n'um dos da ronda que tinha apontado o arcabuz para el-rei, e o matou.

— Fallou-se muito d'isso na côrte, agora me lembro. Os inimigos de sua alteza — disse o frade, procurando dar á voz a expressão da virtude indignada pelos crimes dos maus; expressão que produzia um contraste singular com o gesto que pouco antes elle tinha feito ao fallar da patrulha baixa — os inimigos de sua alteza accusaram-no então de ter commettido uma morte. Os maus sabem sempre aproveitar as occasiões para desacreditar os grandes e os bons! Que havia sua alteza de fazer, vendo o irmão em tão grande risco?

— É verdade, que havia de fazer sua alteza! — exclamaram muitos dos individuos que escutavam frei Antonio da Redempção; que assim se chamava o gordo do frade.

Como se vê por esta parte da conversa que deixamos relatada, todos os hospedes da estalagem do *Alemtejo* pertenciam ao partido que já n'aquelle tempo se começava a formar a favor do infante D. Pedro, que depois foi rei, e contra Affonso VI.

— El-rei — acudiu Francisco d'Albuquerque, que até alli se tinha conservado calado — el-rei resarciu, ao que me disseram, o mal que por sua causa se fez, dando á viuva renda bastante, e casando-lhe as duas filhas que tinha.

— Foi o infante quem lhe pediu que o fizesse — interrompeu o estalajadeiro.

— Sua alteza tem um excellente coração — disse

frei Antonio da Redempção — não é como... Pobre senhora! vir de tão longe para... ser mulher de... sua magestade.

— El-rei em sendo casado — atalhou o capitão, que apesar da sua dedicação ao infante, que não conhecia e que julgava tão virtuoso como o pintavam os seus partidarios, não podia ouvir fallar mal de D. Affonso VI — ha de mudar de costumes; ha de deixar a vida desregrada que leva, quando a rainha chegar. Sua magestade lembrar-se-ha que é rei: e nós devemos lembrar-nos que somos portuguezes.

Estas palavras quasi severas do mancebo foram seguidas de um longo silencio, apenas interrompido pelo tinir dos pratos e o rumor dos dentes a trabalharem.

A ceia dos dois militares já tinha chegado e começava a desapparecer com uma incrivel rapidez.

O primeiro que rompeu o silencio foi Diogo Cutilada, que perguntou ao estalajadeiro se já se sabia ao certo quando chegava a rainha.

— As naus de França já ha dois dias estão á vista da costa. Espera-se que poderão entrar ámanhan, porque o vento mudou esta tarde — respondeu o estalajadeiro.

— Ámanhan! — exclamou Francisco d'Albuquerque. E pondo-se de pé e deitando sobre a mesa um tostão de prata, disse: — Aqui tem para se pagar, mestre Pedro. Agora diga-me o caminho para casa do senhor infante, porque tenho de para lá ir esta noite mesmo.

Estas palavras causaram grande sensação na assemblea. Os olhos do frade e dos seus companheiros voltaram-se com admiração e respeito para o capitão, que ia ter a honra de entrar na casa de sua alteza.

— Eu sei o caminho — acudiu Diogo — sei-o muito bem, porque o tenho andado muitas vezes.

— Então vamo-nos — replicou o capitão voltando-se para elle.

— Tomem cautela, porque as ruas não são seguras a esta hora — disse frei Antonio.

— Não tem duvida — redarguiu o moço militar, mostrando a espada que trazia ao lado e o mosquete de Diogo.

— Deus os acompanhe e os guarde — concluiu o frade em tom de beato.

Depois de se despedirem dos seus companheiros da

CAPITULO II.

PERIGO DE ANDAR DE NOITE PELAS RUAS DE LISBOA.

Quando Francisco de Albuquerque e o seu companheiro sahiram do becco do Seguro já era noite cerrada.

O ceo estava estrellado, mas as ruas desilluminadas e estreitas causavam pavôr até ás almas de melhor tempera.

No seculo dezesete, Lisboa era uma cidade, onde de noite se passavam terriveis mysterios. Andar depois do sol posto pelas ruas podia considerar-se um rasgo de heroicidade. O socegado *tendeiro* mal se atrevia a atravessar a rua para ir a casa de um visinho fallar do seu commercio, ou dos acontecimentos da guerra com Hespanha; e se o fazia era sempre acompanhado de um ou mais criados com lanternas, e armados como se foram para a guerra.

Algumas rondas de paisanos, é verdade, corriam as ruas de Lisboa em nome do socego publico, mas essas rondas eram ordinariamente as primeiras victimas das proezas nocturnas da côrte.

Não era coisa que admirasse a ninguem o ouvir de noite na rua gritos, tinir de espadas, ou gemidos de agonia; ninguem se sobresaltava ao encontrar pela manhan ao pé da porta um homem moribundo ou morto. O proprio rei Affonso VI ficou uma vez gravemente ferido n'uma lucta nocturna. O caso — vale a pena contar-se aqui para melhor se fazer ideia do estado da capital —, passou-se do seguinte modo:

El-rei foi uma tarde ver uns cavallos seus que estavam em Palha-Van, e só quasi ao anoitecer voltou pelo caminho de Campolide: quando chegou á casa do Noviciado dos Jesuitas já era noite escura. Lembrou-se de que na quinta pertencente aos padres, que ficava mesmo defronte do Noviciado, havia uns cavallos que para lá tinham ido ao verde, quiz vêl-os: mandou-se buscar uma luz, mas como esta se demorasse, el-rei teve desejos de ver uns cães muito ferozes que havia na cêrca. Bateu-se á porta *do carro*, e como tardassem em responder de dentro, el-rei ordenou que a arrombassem; mas foi inutil a ordem, porque os padres a mandaram abrir logo.

Durante este tempo, porém, el-rei separou-se dos que o acompanhavam, e quando estava a alguma distancia passaram por elle tres homens. Travou-se uma briga entre esses tres homens e Affonso VI, e este, em-

baraçado pelas esporas, cahiu de costas logo aos primeiros golpes, e foi ferido gravemente. Trouxeram-no em braços para o paço, onde esteve bastantes dias enfermo.

O que n'esta noite de que fallamos aqui aconteceu ao rei, succedia quasi todas as noites a alguem que, pouco acompanhado ou pouco habituado a servir-se das armas, se atrevia a andar pelas ruas da cidade. Os homens, sobre tudo os militares e os fidalgos da côrte, julgavam quasi um dever de honra fraternizar quando se encontravam de noite nas ruas, dando-se mutuamente algumas cutiladas; do mesmo modo que os navios em tempo de guerra, quando passam uns pelos outros no oceano, se saudam com alguns tiros de artilheria, que nem sempre são innocentes.

Lisboa, como se vê, era cidade pouco commoda para os que gostavam de gosar o fresco da noite no verão: os balcões e os eirados das casas eram o unico passeio seguro, principalmente para as mulheres. Não é pois de admirar que os nossos dois provincianos se preparassem, como para uma batalha, antes de se aventurarem pelas ruas escuras, que do largo da Sé conduziam ao *Corte-Real*, proximo do Corpo-Santo. O capitão embraçou a sua rodela, e experimentou se a espada e a adaga sahiam facilmente da bainha. Diogo Cutilada assoprou o morrão, e observou se o mosquete estava em estado de poder servir n'um momento de perigo.

— Vamos aqui direitos ao Arco dos Pregos — disse

o soldado ao capitão. — O caminho pela rua Nova é mais seguro, e mais aceado...

— Ensina-me o caminho, Diogo — interrompeu Francisco d'Albuquerque. — A noite está tão negra, e as ruas por tal modo cheias de buracos, que tenho receio de cahir.

Diogo deu o braço ao seu official, e encaminhou-se para a rua Nova, que era a mais larga e bella rua da velha cidade. A intensidade das trevas não permittia com tudo, que Francisco de Albuquerque satisfizesse o grande desejo que trouxera de Elvas, sua patria, de admirar as maravilhas da Lisboa d'aquelles tempos.

Para compensar porém a falta que os olhos sentiam, os ouvidos do moço alemtejano foram mimoseados com uma descripção minuciosa e sórna de todas as tendas, de todas as casas notaveis, não só da rua Nova,

bem a cavallo, que rindo e fallando faziam grande bulha.

Quando um dos cavalleiros, que parecia o cabeça d'aquelle bando, viu os vultos dos dois militares, deu ordem aos seus que parassem, e chamando um dos mulatos mandou-lhe que fosse reconhecer quem elles eram, e os obrigasse a virem receber as suas ordens.

Francisco d'Albuquerque apenas viu o perigo que o ameaçava, desembainhou a espada e poz-se na posição de combater. Diogo Cutilada imitou a prudente acção de seu amo, assentando o mosquete sobre a forquilha, e preparando o morrão.

O mulato correu para elles, e approximando o archote de Francisco d'Albuquerque, bradou:

— Não ouviste as ordens que te deram? diz o teu nome...

— Não vês quem sou, villão? — respondeu o capitão, mostrando com um gesto as insignias.

— Traz-m'o aqui, e já — disse o cavalleiro que tinha dado a primeira ordem.

— Não ouves? Anda.

E o mulato fazendo approximar o cavallo rapidamente do capitão, estendeu a mão para o agarrar.

Mas ainda elle não tinha acabado este gesto insolente, já uma furiosa cutilada o estendia por terra.

Um grito de furor sahiu do grupo dos cavalleiros; e mettendo esporas ao cavallo, o chefe do bando correu com a espada na mão para Francisco d'Albuquerque.

Diogo apontou o mosquete, e com um tiro ia pôr

termo á cólera do inimigo de seu amo, quando uma palavra lhe fez cahir a arma das mãos.

— Senhor infante, senhor infante... — bradaram com angustia todos os cavalleiros.

O homem que ameaçava a vida de Francisco d'Albuquerque era um mancebo ainda sem barba, de grande estatura, trigueiro, e com uns olhos que brilhavam como dois carbunculos á luz dos archotes. Trazia sobraçada uma capa negra; e no chapéo de abas largas, sem plumas, um fumo que lhe cahia até á anca do cavallo.

As vozes dos cavalleiros, a figura e habitos de luto de seu adversario, deram a conhecer a Francisco d'Albuquerque que o homem, contra quem elle ia brandir a sua espada, era o infante D. Pedro, irmão de Affonso VI.

Largou a arma, e cahiu de joelhos em terra.

O infante, que já levantava a espada sobre elle, suspendeu o golpe ao vêl-o de joelhos, dizendo-lhe:

— Levanta-te, que te não quero matar. Merecial-o, mas não quero. Levanta-te.

— Não conheci a vossa alteza, por isso não obedeci como devia ás suas ordens — replicou Francisco d'Albuquerque pondo-se de pé. — Perdoe-me, senhor.

— Apanha a espada que te cahiu. És valente. Agora dize-me como te chamas, e porque deixaste o exercito. Vejo que és militar.

— Saiba vossa alteza que sou o capitão Francisco d'Albuquerque.

— Aquelle que o conde da Torre esperava?

— Esse mesmo, senhor.

— Conde — disse em alta voz o infante, voltando-se para um dos cavalleiros — aqui está o capitão de que me fallaste, e que vem para entrar ao meu serviço. Chegou a tempo — continuou elle — porque meu irmão continúa a recusar-me os gentis-homens que primeiro lhe pedi; e agora tambem parece pouco disposto a conceder-me que tu, conde, e o conde de S. João entrem na minha casa. Ámanhan chega a rainha e os estrangeiros, e eu estarei sem criados.

— São intrigas do Castello-Melhor — murmurou o conde da Torre.

— Não importa; tudo se ha de alcançar. Não é assim, D. Rodrigo? — perguntou o infante voltando-se para D. Rodrigo de Menezes seu mordomo-mór e conselheiro particular.

— Sua magestade não póde recusar por mais tempo a vossa alteza os gentis-homens que lhe pediu — respondeu D. Rodrigo com uma voz melliflua.

— Fizeste bem em chegar hoje, Francisco d'Albuquerque — proseguiu o infante, voltando-se para o capitão. — Já ámanhan farás parte da comitiva que me ha de acompanhar no cortejo da rainha. Tenho a minha casa tão reduzida, que preciso levar comigo todos os que me servem. Monta n'esse cavallo que deixaste sem cavalleiro, e segue-nos.

Francisco d'Albuquerque montou no cavallo que era do mulato que elle tinha deixado quasi sem vida

com um só bote da sua espada; e o infante, acompanhado dos seus, partiu para o palacio de Corte-Real, deixando a victima d'aquelle combate nocturno entregue aos cuidados de Diogo Cutilada.

— Vens do exercito do Alemtejo — disse o infante logo que se pozeram a caminho para o Corpo-Santo — pódes dar-nos novas da guerra.

— Depois da nossa entrada na Andaluzia, de que vossa alteza já deve ter noticia, nada tem occorrido de novo, a não ser a grande perda que os hespanhoes tiveram nos ataques que emprehenderam contra Alter-do-Chão — respondeu Francisco d'Albuquerque.

— Foste na expedição de Andaluzia?

— Acompanhei o senhor conde de Schomberg a S. Lucar. Eramos tres mil homens de infanteria e dois mil e quinhentos de cavallaria. O governador da praça começou, como todos os hespanhoes, por uma fanfarrice; mandando dizer ao nosso general que era uma fortuna para elle ter tal occasião de ganhar honra, defendendo a praça que lhe fôra confiada. Mas apenas o senhor conde de Schomberg lhe ordenou que se rendesse, se não queriam ser passados pelas armas elle e todos os que estavam dentro da praça, logo o pobre do governador mandou dizer que estava prompto para se entregar.

— Que grande medo haviam de ter os hespanhoes! — exclamou o infante com alegria.

— O terror dos hespanhoes ainda se tornou maior, quando mil cavallos e um terço de infanteria, de que

eu era alferes, commandados pelo tenente general D. Luiz da Costa, entraram pela Andaluzia dentro até Gibraleon, encontrando apenas uma pequena resistencia nas margens do Odieb.

— Ficamos d'essa vez senhores de S. Lucar, e saqueamos muitas terras de Hespanha; foi uma boa expedição, e que faz honra ao Schomberg — interrompeu o infante. — Agora conta-nos como foi esse ataque dos inimigos a Alter-do-Chão; é d'isso que ainda não temos noticia cá. Tu estavas em Alter-do-Chão?

— Não, senhor, eu agora estava em Portalegre, no corpo de tropas que commandava o commissario geral Francisco Barreto. O marquez de Carracena, depois da nossa entrada na Andaluzia, resolveu desforrar-se da affronta que recebera, e para isso reuniu uma columna de quasi quatro mil homens, com que marchou sobre Cabeço-de-Vide, que se lhe rendeu, e depois contra Alter-de-Chão; mas ahi...

— Achou braço portuguez que lhe resistisse! — interrompeu o infante.

— Dez horas a fio — proseguiu Francisco d'Albuquerque — o conde de Carracena empregou todos os possiveis esforços para se apoderar do castello, mas não o póde conseguir; porque, tendo noticia de que o governador da provincia estava em marcha para o ir atacar, abandonou a empreza e recolheu-se para Badajoz.

— Que desgosto para Dionizio de Mello não alcançar uma victoria na ausencia do Schomberg!

— Os hespanhoes tornaram de novo a atacar a provincia por dois pontos; mas não lograram o seu intento. Quando eu deixei o exercito para vir receber as ordens de vossa alteza, já elles se tinham retirado.

Fallando assim das coisas da guerra, chegaram ao Corpo-Santo, onde era o palacio do infante.

Corte-Real era uma grande casa que havia edificado o marquez de Castel-Rodrigo, no tempo dos Filippes. Depois da revolução de 1640, perdeu elle esta casa e todos os seus bens por ter seguido, com muitos outros fidalgos, o partido de Hespanha. O palacio constava de um grande corpo quadrado, ornado nos angulos de quatro torreões: d'este corpo principal se estendiam para o mar dois eirados com parapeito de balaustres. A entrada era por um grande páteo que occupava o centro do edificio.

Quando o infante chegou ao seu palacio achou as portas abertas, e o páteo e escadas allumiadas. Simão de Souza de Vasconcellos, irmão do conde de Castello-Melhor, e governador da casa de sua alteza, descera com alguns criados a esperal-o.

O infante apeou-se pondo o pé no joelho de Simão de Souza, que para esse fim se tinha approximado do seu cavallo; e despedindo-se do conde da Torre e de S. João, que ainda não faziam parte da sua casa, subiu as escadas, acompanhado de D. Rodrigo de Menezes, Simão de Souza, Francisco de Albuquerque e alguns criados.

Chegando a uma sala forrada de pannos de arraz,

em que estavam tecidas as historias do Minotauro e do fio de Ariadne, o infante deitou o chapéo e a capa sobre uma cadeira de espaldar, e deixou-se cahir n'um sofá de velludo roxo, cuja fórma era a de uma immensa cadeira de braços.

— El-rei negou-me hoje outra vez os fidalgos que lhe pedi! — exclamou o infante colerico — São intrigas, meu Rodrigo, intrigas do valido, d'aquelle maldito Castello-Melhor.

Esta cólera inesperada admirou muito a Francisco d'Albuquerque, que acabava de ouvir o infante fallar socegadamente da guerra, com os fidalgos e com elle mesmo. Porém logo percebeu a causa de tão grande mudança, quando viu Simão de Souza approximar-se do infante.

— Senhor — disse este, curvando o joelho — perdoe-me: vossa alteza está mal informado. Meu irmão é incapaz de fazer uma intriga contra vossa alteza.

— Cala-te! — bradou o infante pondo-se de pé — Teu irmão é a causa de todas as injurias que eu soffro. É elle quem domina a vontade de sua magestade, e são os seus conselhos que hão de deitar a perder este reino.

— Vossa alteza não faz justiça nem a mim, nem a meu irmão. Sua magestade tem resistido ás supplicas de meu irmão...

— Mentes! Teu irmão é um traidor...

— Traidores tem vossa alteza ao pé de si! — interrompeu Simão de Souza com voz tremula de cólera, olhando para D. Rodrigo de Menezes.

O infante, cego de raiva, deitou a mão a um bastão de general que estava ao canto da sala, e levantando-o para Simão de Souza, ordenou-lhe que sahisse da sua presença.

Depois de Simão de Souza se retirar, o infante ficou algum tempo calado, a andar rapidamente pela sala em varios sentidos.

Foi então que Francisco d'Albuquerque teve occasião de ver bem sua alteza. D. Pedro contava apenas n'aquelle tempo dezoito annos; mas parecia ter mais de vinte. Era de grande estatura e robustez: sem ser bello, o seu rosto tinha uma expressão de soberba e magestade que o ennobrecia: os olhos grandes e negros, e os cabellos da mesma côr, que lhe cahiam annelados sobre os hombros, assombrando-lhe as faces trigueiras, tornavam por instantes quasi feroz aquella physionomia de mancebo. Era o typo portuguez em toda a sua perfeição e grandeza.

A agitação do corpo acalmou a tempestade do espirito. O infante parou emfim, e voltando-se para os que em roda da sala esperavam as suas ordens, mandou-lhes que se retirassem. Todos obedeceram logo, deixando-o só com D. Rodrigo de Menezes.

Os criados, quasi todos moços e cavalheiros, que assistiam ao infante, apenas se viram dispensados do serviço por aquella noite e longe da vista do severo D. Rodrigo, cercaram o seu novo companheiro, offerecendo-lhe cada um d'elles o seu quarto, e convidando-o para ir ver os brilhantes e luzidos vestidos que

tinham mandado fazer, para no dia seguinte assistirem ao desembarque da rainha.

Francisco de Albuquerque agradecendo a todos, acceitou o offerecimento de um cavalheiro moço, chamado Luiz de Mendonça, que elle já conhecia pelo ter encontrado no exercito.

Uma hora depois de estarem juntos, os dois mancebos haviam travado estreita amizade, e tinham promettido contar um ao outro os segredos da sua vida na côrte.

Francisco d'Albuquerque cumpriu immediatamente a promessa que acabava de fazer, declarando ao seu novo amigo a magoa que lhe causava o não ter vestidos elegantes, dignos de apparecerem entre as galas dos outros criados de sua alteza. E esta franqueza teve os mais felizes resultados, porque Luiz de Mendonça prometteu arranjar-lhe de um algibebe seu conhecido um fato, que lá tinha mandado fazer um morgado do Minho para a festa do casamento de el-rei.

Com o espirito tranquillisado pela certeza de ter no dia seguinte vestidos dignos de realçar os dotes naturaes, que elle estava profundamente convencido que o ornavam, o moço capitão deitou-se n'uma cama que lhe tinham preparado no proprio quarto do seu novo amigo, e adormeceu, depois de ter feito poucas e ligeiras reflexões sobre os acontecimentos d'aquella noite aventurosa.

CAPITULO III.

SEGREDOS DO CORAÇÃO.

Quando no dia seguinte Francisco de Albuquerque

ficou de lhe ir arranjar. Parece-me um bom cavalheiro este senhor Mendonça — proseguiu o soldado. — Hei de fallar-lhe no nosso rei encoberto; quero saber se elle é dos fieis.

— Fazes bem, Diogo — atalhou Francisco d'Albuquerque — falla-lhe a elle em D. Sebastião; mas faze-me o favor de me não fallares a mim n'isso.

— Ah! senhor capitão, senhor capitão! Deus ha de esclarecel-o. As prophecias bem claro fallam:

> Do reino a potestade anda encoberta
> Na patria propria, o rei vive escondido,
> E por um modo estranho.....

— São prophecias que se cumpriram já. O rei encoberto era o senhor D. João IV. Mas não se tracta agora d'essas coisas: deixemos as prophecias e os prophetas. As naus francezas já entraram a barra?

— Ainda não. Mas as praias começam a encher-se de povo.

— Não ouviste um tiro de canhão? — perguntou Francisco d'Albuquerque, sentando-se na cama e começando a vestir-se — Outro tiro. É a rainha que chega.

N'este instante a porta do quarto abriu-se com violencia; e Luiz de Mendonça entrou seguido de um negro com uma caixa.

— Aqui está uma gala de principe — bradou da porta Luiz de Mendonça. — Vamos provar tudo isto, para ver se lhe fica bem.

— Que bondade! — exclamou o nosso capitão pondo-se de pé.

— Vai-te — disse ao negro o moço cavalheiro. — E tu tambem te pódes ir; teu amo não precisa de ti mais, por hoje — continuou voltando-se para Cutilada. — Não é assim, meu caro Albuquerque?

— É, é assim. Pódes-te ir, Cutilada, dou-te licença por todo o dia.

Cutilada sahiu dizendo, que ia procurar a velha bruxa, que morava na rua de S. Christovão.

Logo que os dois novos amigos ficaram sós, Luiz de Mendonça abriu a caixa e começou a tirar d'ella os elegantes vestidos que destinava para o provinciano, de quem se tinha constituido protector e conselheiro.

— Aqui está uma boa camisa de *beiraminho* (1) com punhos e collarinho de renda. Um collete de *cat*

alteza. Os de el-rei com as suas casacas azues, guarnecidas de prata, não hão de fazer-nos sombra.

Esta phrase simples e apparentemente insignificante, foi articulada com voz vibrante e quasi apaixonada: o nome de el-rei foi pronunciado por Luiz de Mendonça com uma sinistra expressão de rancor.

Francisco de Albuquerque proseguiu nas suas exclamações, ao passo que ia miudamente observando cada uma das peças do seu novo trajo. Quando acabou de admirar tudo com candura, e de saciar os olhos com o brilho do oiro e o vivo explendor das côres, começou, ajudado pelo seu officioso amigo, a trocar os vestidos velhos de guerra pelas novas galas de côrte.

Só depois de se ter pavoneado nas galas de cortezão; de ter puxado com delicadeza os punhos de renda; de ter arredondado os *bocaes* ou canhões da casaca; de ter penteado e perfumado os longos e encrespados cabellos; de ter calçado e descalçado as luvas de cordovão de flores; de ter emfim posto e tirado tres vezes o chapeo para lhe concertar as plumas, é que o moço provinciano se lembrou de que todas aquellas coisas custavam dinheiro, e que a sua bolsa não era das mais bem fornecidas.

— Mas quando e como hei de eu pagar tudo isto! — exclamou elle — Toda a minha riqueza não chega a trinta cruzados.

— Um cavalheiro com tão bella figura e tão valente espada não tem nunca na côrte faltas de dinheiro — interrompeu Luiz de Mendonça. — Em servindo com

fidelidade ao senhor infante, e conquistando um coração de fidalga, tens...—Permitte-me que te tracte por tu: é assim que se devem tractar amigos verdadeiros—tens uma fortuna feita.

— Fiel hei de sel-o de certo. Mas conquistar um coração, isso...

E cortou a phrase com um suspiro sentido.

— Ah! Vejo que estás namorado! — exclamou Mendonça, rindo. É um inconveniente, um gravissimo inconveniente para fazeres fortuna. Mas a inconstancia é uma deusa omnipotente.

— Não; inconstante não posso, não hei de sel-o nunca, nunca me hei de esquecer...

Sentindo que ia revelar os sentimentos intimos da sua alma a uma pessoa que lhe era quasi desconhecida, e que provavelmente estava disposta a zombar d'elle, e a consideral-o como um provinciano simples e ridiculo, Francisco d'Albuquerque, córando, calou-se repentinamente.

— As revelações que se hão de fazer ámanhan, é melhor que se façam hoje — disse o seu elegante mentor. — Estabeleçamos por uma vez a nossa amizade sobre uma base solida, sobre a confiança. Temos tempo. São apenas sete horas. Contemos um ao outro os nossos segredos em quanto almoçamos.

Luiz de Mendonça era um homem de vinte e seis annos, que parecia ter trinta. A sua physionomia não era bella. Nariz grande; olhos pretos, que se não fixavam nunca, que, para assim dizer, oscillavam sobre os

eis, cortavam em differentes sentidos; cabello
e annelado; voz suave, quando fallava natural-
e, mas metallica ás vezes, aguda, desagradavel
uando se levantava acima do tom ordinario; ex-
ão de orgulho no rosto e nos gestos; grande fran-
e affabilidade no tracto intimo; indifferença e
na phrase; todos estes defeitos, todas estas boas
dades produziam em Luiz de Mendonça um con-
o que attrahia, que agradava aos que o conheciam
cularmente, mas que á primeira vista o tornava
athico, ou pelo menos pouco sympathico.
rancisco d'Albuquerque, esse sentia-se attrahido
istivelmente para aquelle mancebo que, sendo da
nesma idade, tinha com tudo superioridade de in-
encia, um espirito muito menos enthusiasta e con-
ntemente mais calculador, e sobre tudo conhecia,
o melhor do que elle, os homens e as coisas.
mutua confiança, que lhe parecia a elle tambem
em que devia assentar a amizade verdadeira que
desejava travar com o seu novo companheiro,
tou-a sem hesitar. Os dois mancebos promette-

quarto o seu almoço e o do novo criado do infante. Foi só depois de se sentarem á mesa e de terem enchido de vinho os copos de metal, que Francisco d'Albuquerque principiou a narrativa que se segue.

— Meu pae, o general Mathias de Albuquerque, pouco tempo depois de ter ganho contra os castelhanos a celebre batalha do Montijo...

— Em que obrou prodigios de valor — atalhou Luiz de Mendonça — rompendo com a propria espada os esquadrões inimigos que já levavam os nossos de vencida.

— Pouco depois de ganhar essa victoria que firmou a coroa na cabeça do senhor D. João IV — proseguiu o narrador — cahiu doente em consequencia das grandes contusões que lhe fez a cavallaria passando-lhe por cima; porque sabes...

— Sei que uma bala lhe matou o cavallo, quando ia a montar, e que seria esmagado pelos soldados que fugiam, e a batalha se teria perdido se não lhe acudisse um capitão francez.

— Essa catastrophe foi a causa fatal da sua morte. Quando elle morreu contava eu apenas tres annos, e já não tinha mãe. Confiou-me a um amigo seu de Evora; homem simples, lavrador intelligente, que se conservara fiel á causa portugueza, durante a usurpação dos hespanhoes. Este homem tinha uma filha mais nova do que eu um anno. Fomos criados um com o outro, amando-nos, primeiro como irmãos, depois.... Fui para a guerra; estive separado d'ella seis mezes, e quan-

do nos tornamos a ver córamos ambos, ambos estremecemos de alegria. Os nossos sentimentos tinham-se transformado. Já não era amizade que nós sentiamos um pelo outro; era amor. Encontramo-nos uma noite sós n'um jardim que ha por detraz da casa em que ella vive: e esses logares, tão conhecidos por mim, pareceram-me n'aquelle instante um paraizo. As rosas tinham mais perfume, os pyrilampos irradiavam uma luz mais brilhante. Fallamos primeiro de coisas indifferentes; das nossas brincadeiras de crianças; dos arbustos que plantaramos juntos, e que tinham crescido comnosco; depois contamos o que tinhamos feito, o que tinhamos dito durante a nossa separação; fallamos das saudades, das esperanças... emfim, eu cahi-lhe aos pés para lhe confessar que a amava, e ella respondeu-me com um beijo suave, puro, candido como os affagos de um anjo.

— E agora?...

— Agora, ao separarmo-nos, juramos amar-nos sempre. Ella chorava, dizendo que temia que lhe eu fosse infiel, que me esquecesse d'ella para pensar nas bellezas da côrte. Jurei-lhe, jurei-lhe pela alma de minha mãe que a amaria sempre... e hei de cumprir o juramento.

— Fizeste mal em jurar — disse Luiz de Mendonça com um tom lento, e sorrindo ligeiramente.

— Não fiz mal, não; que não ha na côrte mulher que possa fazer-me esquecer da minha angelica, da mi-

nha linda Thereza, da filha do meu protector! — exclamou Francisco d'Albuquerque.

— Póde ser. Mas na côrte a inconstancia é moda: e tu, meu caro, já estás um *casquilho* da côrte — interrompeu o grave Mendonça, apontando para as galas de que o seu amigo estava coberto.

O moço capitão olhou para si, sorriu-se involuntariamente, levando o copo á bôca para disfarçar o sentimento de vaidade que n'aquelle instante se lhe apoderou do espirito.

— Esse mal dos cortezãos — disse elle — não se me ha de pegar a mim. Hei de ser tão fiel a Thereza, como ao senhor infante.

— O mal é contagioso: ninguem póde assegurar que um dia não será victima do contagio. Eu sou uma prova...

rapariga formosissima. Os seus olhos eram os mais bellos olhos negros que tem havido no mundo; as ondas dos seus cabellos, fugindo por debaixo de uma especie de turbante branco, cahiam-lhe até aos pés, que eram breves e ligeiros como os pés de uma sylphide. Uma tunica azul de grosseira tela cobria-lhe as fórmas gentis sem lh'as occultar, e cahindo-lhe do hombro esquerdo deixava adivinhar um seio gracioso e virginal. Estava sentada á porta de uma casinha baixa e quasi em ruinas, ao pé de uma velha, que parecia uma bruxa fugida dos carceres da santa inquisição. O que eu senti ao ver aquella rapariga, não se póde explicar; senti que perdia o juizo. N'essa mesma noite fui fallar-lhe. Soube que era uma cigana pobre, que vivia das esmolas que lhe davam quando bailava pelas ruas. Offereci-lhe o meu coração, e quanto tinha: acceitou. Passei com ella o anno mais feliz da minha vida: as suas caricias eram apaixonadas, ardentes... de enlouquecer. No fim de um anno amava-a mais, muito mais do que no primeiro dia!

A voz do narrador fôra vibrante e convulsa ao dizer estas ultimas phrases: de repente porém tornou-se abafada, mas aspera e metallica.

— Uma noite — proseguiu elle — quando entrei em casa de Aza, achei-a triste, distrahida, indifferente comigo. Perguntei-lhe se padecia, se lhe tinha succedido alguma coisa que a atormentasse; respondeu-me que nada tinha, que a deixasse socegada. No dia seguinte, quando entrei, vi que me recebia com impa-

ciencia, que desejava ficar só: sahi sem lhe dizer nada, mas fui esconder-me á esquina de uma rua proxima. Meia hora depois parou á porta d'ella uma cadeira de quatro homens, de dentro sahiu um vulto embuçado n'uma capa: bateu duas pancadas na porta, que se abriu logo, e vi então sahir Aza coberta com uma manta. O homem que a esperava deu-lhe um beijo, e offereceu-lhe a mão para entrar para a cadeira de que elle se havia apeado. A raiva que eu senti n'aquelle instante não me cabia no coração, que palpitava convulso, que me estalava no peito. Tirei da espada, e corri como um louco para aquelle que me roubava a minha amada, mas... antes de lá chegar estava cercado de homens que me desarmaram. Vi então á luz de um archote que Aza me era infiel, não por amor a outro homem, mas por cobiça. O meu rival era...

Vendo que o narrador hesitava em dizer o nome do rival preferido, Francisco d'Albuquerque jurou-lhe guardar segredo de quanto tinha ouvido, e pediu-lhe que acabasse a sua interessante historia. Esta interrupção deu tempo a Luiz de Mendonça para abafar a cólera que lhe irritava os nervos: a sua voz tomou de novo o tom que lhe era natural, e elle contou quasi com indifferença o resto do terrivel drama.

— O homem que eu ia matar — disse elle — era el-rei. Fui cruelmente affrontado por essa vil canalha a que chamam a patrulha baixa; e a mão de D. Affonso VI marcou-me vergonhosamente a face.

Aqui Mendonça fez uma pausa.

— E ella; Aza onde está agora?

— Onde ninguem lhe tornará a pôr os olhos.

— Morreu!

— Poucas semanas depois de me ter abandonado embarcou uma tarde, ao sol posto, na Ribeira, para ir á quinta de Alcantara ter com o seu novo amante; mas... o barco em que ia afundou-se, e nunca mais se soube d'ella.

— Havia tempestade n'essa tarde?

— O mar estava socegado.

Estas ultimas palavras pozeram termo á conversação dos dois amigos.

Depois de ter bebido um grande copo de vinho generoso, Luiz de Mendonça levantou-se da mesa para se ir vestir. Eram quasi nove horas, e o infante devia a essa hora sahir do palacio para visitar a bordo a esposa de Affonso VI.

CAPITULO IV.

PRIMEIRO ENCONTRO.

Ás nove horas o som agudo, discorde, estridente,

musica infernal continuava mais insupportavel do que d'antes.

Apenas ouviram os primeiros sons d'aquella trombeta cruel, os criados do infante correram para a sala, onde elle os esperava com D. Rodrigo de Menezes e Christovão d'Almada, seus gentis-homens, ricamente vestidos de velludo e brocado.

Simão de Vasconcellos, depois da scena violenta que na vespera tinha tido logar, entre elle e o infante, recusara continuar a servir sua alteza, e sahira do Côrte-Real para nunca mais voltar.

Francisco de Albuquerque e o seu amigo Luiz de Mendonça tambem correram para a sala d'onde partiam os sons da trombeta, e chegaram já quando o infante se dispunha a partir.

Desceram todos ao páteo do palacio, e o infante entrou com D. Rodrigo e Christovão de Almada, n'um coche dourado, puxado por seis magnificos cavallos. O coche logo que sua alteza entrou n'elle, partiu a passo para o palacio do rei, acompanhado por Francisco d'Albuquerque e os outros criados fidalgos, que o seguiam a pé.

Desde o Terreiro do Paço até á Junqueira, a praia — onde então havia apenas algumas casas isoladas, o palacio do infante e o de Alcantara — estava apinhada de povo, de coches, de liteiras, de fidalgos e damas, a cavallo e a pé. Todos esperavam impacientes que el-rei fosse a bórdo buscar sua esposa, a senhora D. Maria Francisca Isabel de Saboya, princeza de Aumale, e fi-

lha do duque de Nemours. A nau em que vinha a rainha lançara ancora defronte da ponte, que na Junqueira se achava construida; e o conde de Castello-Melhor, com sua mãe, nomeada camareira-mór da rainha, fôra já a receber as ordens da sua nova soberana.

A belleza das naus francezas ricamente embandeiradas, o estrondo dos canhões e o som alegre de muitas bandas de musica, prendiam a attenção do povo, quando o coche de sua alteza se encaminhava para o paço. O infante mandou apressar o passo á sua comitiva, porque julgava que não chegaria a tempo para acompanhar el-rei; porém quando entrou no páteo da capella, viu os coches reaes parados, e os criados e parte da côrte a esperarem, sem que se soubesse o motivo porque el-rei não partia a receber a rainha.

Sua alteza subia as escadas, quando se encontrou

Estas palavras causaram uma profunda impressão no valído, que se fez pallido e balbuciou:

— Sua magestade estava a vestir-se quando eu sahi; e não sei... não posso dizer a razão porque...

O infante interrompeu-o:

— Já vamos saber a causa de tudo isto — disse elle. — Meu irmão deve estar impaciente por fallar a sua esposa... que tão formosa é.

Estas ultimas palavras foram ditas quando ambos entraram n'uma sala, de cuja parede estava pendurado um magnifico retrato da princeza de Nemours; e a voz do infante, ao pronuncial-as, tornou-se ligeiramente tremula.

— A senhora rainha é ainda mais bella do que aquelle retrato — proseguiu o conde, olhando para sua alteza, e para o painel.

E ambos entraram para os quartos d'el-rei, sem dizerem mais palavra.

D. Rodrigo de Menezes ordenou aos moços fidalgos que serviam o infante, que o fossem esperar na ponte da Junqueira, onde havia de ter logar o desembarque da rainha. Francisco d'Albuquerque e os seus companheiros sahiram então do palacio, e atravessando o Terreiro do Paço foram embarcar ao caes n'uma falúa de seis remeiros.

O dia estava sereno e bello; um sol claro inundava a cidade e o Tejo de luz e de vida. A maré enchia, e por isso o barco em que iam os criados do infante vogava perto de terra. — O espectaculo era admi-

ravel. Os montes estavam cobertos de povo; a praia era um kaleidoscopo brilhante, em que as plumas, os velludos, o oiro, os coches, as liteiras, formavam uma infinidade de figuras, e de combinações harmonicas de cores.

A alegria da nação, pelo casamento de Affonso VI, era immensa; e muitas razões contribuiam para isto. Entre estas avultava a esperança que todos tinham de que el-rei, depois de casado, modificaria a sua vida desordenada, e se deixaria dominar pelo amor.

Para se comprehender porém claramente a causa do regosijo que o povo manifestava, e que sentiam todos os portuguezes, será conveniente entrar aqui em alguns detalhes, que podem tambem dar ao leitor ideia da situação de Portugal no tempo em que começa esta nossa historia.

Depois da desgraçada entrega de Portugal a Filippe II, feita por grande parte de uma nobreza corrupta, como era já a nobreza das nações da Europa no fim do XVI seculo, a decadencia d'este paiz tornou-se tão rapida, que todos os que ainda conservavam amor pela patria perderam a esperança de a tornar a ver livre. No momento da invasão castelhana, que assim se póde chamar a entrada de Filippe II n'este reino, só estavam promptos para a defeza o Prior do Crato D. Antonio, e alguns centenares de homens do povo. O resto da nação tinha-se deixado vencer pelo oiro, pela corrupção, e pelas promessas do rei de Hespanha.

E — se acreditarmos as palavras de D. Christovão

de Moura, embaixador d'el-rei de Castella, n'um officio em que participa a este soberano o que passou n'uma conferencia, que teve com D. Antonio — este mesmo pretendente offereceu vender a patria a Filippe II, por trezentos mil ducados e o titulo de governador de Portugal!

Não é para admirar que todos trahissem ou abandonassem a patria, quando o proprio duque de Bragança, a quem a coroa de Portugal pertencia por sua mulher, a infanta D. Catharina, filha segunda do infante D. Duarte e neta de el-rei D. Manoel, tinha tacitamente cedido dos seus direitos, depois de algumas conferencias com os ministros da França, só com a esperança de obter de Filippe II graças e riquezas, que este depois nunca lhe quiz conceder.

Filippe II procurou gastar as forças de Portugal em guerras que só interessavam á Hespanha: as nossas colonias foram preza dos Hollandezes. Essa terrivel companhia das Indias, que fazia conquistas e sustentava exercitos, não por amor da gloria, mas pela sêde do oiro, lançou-se ávidamente sobre os nossos despojos, e senhoreou-se das nossas possessões da India e de parte das colonias da America. A Hespanha julgava-se mais segura do seu escravo á proporção que o via perder as forças e tornar-se moribundo. Os favoritos dos Filippes só curavam de tirar oiro de Portugal, para com elle satisfazerem os seus caprichos e darem mais explendidas festas a seus imbecis amos: queriam tornar este reino um cadaver, e esqueciam que se abraça-

vam com elle, e que a corrupção se péga áquelles que estreitam a si um corpo corrompido.

Uma fatalidade terrivel fez que nós estivessemos unidos á Hespanha durante o periodo da queda d'aquelle immenso imperio. Viardot, nos seus estudos sobre os Museus de Madrid, faz notar a degradação das fórmas que se observa nos retratos dos cinco reis da dynastia austriaca, desde a magestosa e intelligente physionomia de Carlos V, até ás estupidas e repugnantes feições de Carlos II.

A pesada coroa de Carlos V ainda se póde sustentar, mas oscillante já, sobre a fronte do sagaz e cruel Filippe II: a cabeça de Filippe III curva-se, como esmagada por aquella coroa immensa, e são as mãos dos favoritos que a sustentam debilmente. Filippe IV, o rei artista, deixou-a cahir de todo nas mãos dos cortezãos. Um drama vale para elle mais do que um reino, um quadro de Velazquez importa mais do que uma colonia. No tempo de Carlos II a coroa magnifica de Carlos V estava já quebrada em pedaços, que eram disputados pela rainha, governada por um jesuita, e por D. João d'Austria, o filho bastardo de Filippe IV e de uma actriz.

A revolução que separou Portugal da Hespanha teve logar no reinado de Filippe IV; isto é, quando as forças d'aquelle reino se achavam quebradas de todo, quando o thesouro se achava exhausto, a industria e o commercio paralysados. Não foi o amor da patria e da liberdade — é triste dizel-o, mas é a verdade — não

foram esses nobres sentimentos que levaram os fidalgos portuguezes a conspirarem contra Hespanha; uma causa menos nobre, o interesse pessoal, é que os levou a emprehenderem aquelle grande feito. O conde-duque d'Olivarez tinha-os privado de muitas de suas regalias, e queria obrigal-os a partir para a Catalunha, onde rebentara uma terrivel revolução; os fidalgos preferiram conspirar a ir fazer a guerra por conta de Hespanha.

A coragem do duque de Bragança, que os fidalgos escolheram para rei, não era grande. Por muito tempo hesitou elle entre acceitar ou recusar a offerta da corôa, apesar do apoio que a França, então ainda governada pelo cardeal de Richelieu, lhe mandava offerecer pelos seus agentes: e se não fôra o caracter varonil de D. Luiza, sua mulher, provavelmente não subiria ao throno a dynastia de Bragança. A heroica duqueza, sabendo do desalento e hesitação em que estava o duque, seu marido, disse-lhe um dia, para o resolver a entrar na conspiração: « Não ha remedio: vossa excellencia ha de morrer: se ha de morrer duque, é melhor que morra rei. »

A revolução de 1640 achou ecco em todo o reino; o povo, que tinha sido o ultimo a abandonar a causa da patria, foi o primeiro a entrar na lucta com Hespanha. Este reino achava-se tão debilitado, que não pôde suffocar a revolução portugueza; o duque de Bragança, acclamado rei, pôde em breve dispor de um exercito sufficiente para resistir ao poder de Filippe IV.

A França reconheceu e prestou apoio a D. João IV;

Luiz XIII tinha esperança de estender o seu sceptro sobre a Catalunha revolucionada.

O tractado dos Pyrenéos entre a França e a Hespanha, e o casamento de Luiz XIV com a infanta D. Maria Thereza, filha de Filippe IV, fez um instante duvidar do vencimento da causa portugueza, apesar das muitas batalhas que tinhamos ganho aos castelhanos.

Porém a influencia do marechal de Turenna, que na côrte de França defendia os nossos interesses, e o casamento da infanta D. Catharina, irman de Affonso VI, com Carlos II rei de Inglaterra, deram-nos meios de resistir á Hespanha, que então podia, por ter acabado a guerra com a França na Catalunha, dispor de um poderoso exercito contra nós.

Com a morte de Filippe IV, que teve logar em 1665, principiou de novo a guerra da França contra Hespanha. Luiz XIV, — que tinha começado definitivamente a reinar, pela morte do cardeal Mazarino, — pretendia ter direito, por ser casado com Maria Thereza, filha da primeira mulher de Filippe IV, á Flandres e ao Franco-Condado, que reclamava de Hespanha. O ambicioso rei já então formava os vastos projectos de conquista, que de certo teria executado se não fosse a liga que mais tarde contra elle fizeram a Suecia, a Hollanda e a Inglaterra. Luiz XIV, esse Napoleão de punhos de renda, concebia já n'aquelle tempo a França, como depois a talhou o heroe de Austerlitz.

Levado pela ideia de alargar as fronteiras do seu reino, Luiz XIV concluira na Haya um tractado pelo

qual a França e a Hollanda dividiam entre si os Paizes-Baixos, e por isso em 1666, época em que teve logar o casamento de el-rei de Portugal com D. Maria Francisca Isabel de Saboya, elle se achava interessado na guerra da Inglaterra contra a Hollanda.

A declaração de guerra entre a França e a Grã-Bretanha não tivera só por origem a questão hollandeza e a venda de Dunkerque; motivos comicos — como em muitas das questões d'aquelle tempo em que o capricho dos reis valia mais do que o interesse das nações, — contribuiram tambem para este perigoso rompimento. Um d'esses motivos a que os diplomaticos — gente acostumada a dar valor ás coisas imperceptiveis — deram grande importancia, foi o recusar Lord Hollis, embaixador da Inglaterra em Paris, o tractamento de *excellencia* ao secretario de estado de Luiz XIV: o outro motivo, ainda mais *grave*, segundo os diplomaticos, foi o ter-se representado em Londres uma comedia em que Carlos II tinha um dos primeiros papeis, e na qual era achincalhado o rei de França.

Este rompimento entre as duas potencias que protegiam Portugal, causou grande desassocego aos ministros de Affonso VI. O marquez de Sande, nosso embaixador, procurou por todos os modos conciliar as duas côrtes, mas não o pôde conseguir: comtudo pelo seu talento e tacto politico elle pôde conservar a Portugal a protecção e estima dos dois poderosos monarchas.

A Europa estava n'um momento de transformação;

começavam a constituir-se os grandes centros, que ainda hoje dominam a politica do mundo, e formam, entre si, isto a que chamam *equilibrio-europeu*, e que é o equilibrio mais instavel que se conhece.

O abalo que a *Reforma* tinha dado ás ideias, produzira uma completa mudança na organisação intima das nações. A Hespanha cahira com Filippe II; a França começava com Luiz XIV a adquirir o logar eminente na politica, que ella depois soube conservar por tantos annos.

Portugal carecia de tomar uma posição definida na Europa moderna. Desligado da Hespanha, este reino precisava de poderosas allianças para poder existir. O casamento da infanta D. Catharina com Carlos II de Inglaterra havia estreitado os laços que nos uniam a esta poderosa nação; mas esses laços, que mais tarde

néos, um dos esteios em que se apoiou a nova nacionalidade portugueza. N'esse tractado fomos sacrificados pelo cardeal Mazarino. Havia porém no casamento celebrado entre Luiz XIV e a filha de Filippe IV um germen de novas guerras entre as corôas de Hespanha e de França; e essas guerras começaram pela morte de Filippe. A França, para conservar sempre enfraquecidas as forças da sua rival, não nos abandonou nunca de todo. Não passou um só anno sem nos enganar com a promessa de uma liga offensiva e defensiva contra a a Hespanha.

O casamento de D. Affonso VI com a princeza de Aumale, parenta de Luiz XIV, estreitava as relações da França com Portugal, e dava ao povo a esperança de ver terminada a guerra com os hespanhoes, que durava já havia vinte annos. O povo ignorava que o interesse da França era impedir a união das duas corôas, e que fôra principalmente a politica doble de Luiz XIV quem rompeu as negociações que, no fim do anno de 1665, o embaixador inglez Fanshaw entabolou entre Portugal e Hespanha.

A Inglaterra estava empenhada em servir de medianeira para estabelecer pazes entre a regente de Hespanha e el-rei de Portugal. No anno de 1666 viera a Salvaterra, onde estava a côrte, Ricardo Fanshaw a trazer propostas de paz, que não foram acceitas por não ser n'ellas tractado D. Affonso VI como rei pela regente de Hespanha. Por esse mesmo tempo chegara o abbade de S. Romão para offerecer os serviços da côrte

de França, e persuadir o marquez de Castello-Melhor a que preferisse a liga com aquella nação á mediação ingleza.

N'uma outra negociação da maior importancia politica e religiosa podia a França ser util aos interesses de Portugal. As nossas relações com a côrte de Roma estavam inteiramente cortadas desde a revolução de 1640: não tinhamos bispos, e o clero achava-se em extremo desmoralisado. Alexandre VII só attendia aos interesses de Hespanha, e deixava no abandono e na tristeza um povo sempre fiel á religião catholica romana. A rainha de Inglaterra mandara, mas sem resultado, a Roma, Belling, catholico irlandez, para tractar dos negocios de Portugal; embaixadores portuguezes tinham ido para o mesmo fim á côrte do Papa, mas sempre inutilmente. Era pois da influencia de Luiz XIV, que soubera, por occasião de um insulto feito ao seu embaixador M. de Créqui, dobrar á sua a vontade de Alexandre VII, obrigal-o a dissolver a sua guarda corsa, e a levantar n'uma praça uma *columna infame* para eternisar a sua vergonha; era d'esse rei poderoso e temido que os portuguezes esperavam o restabelecimento da concordia entre a corôa de Portugal e a curia romana.

Todas estas causas reunidas, como dissemos já, á esperança de que o casamento faria mudar os costumes e o caracter de el-rei, produziam no povo grande regosijo. A cidade tinha-se despovoado; toda a gente tinha corrido ás praias, ou ao cimo dos montes para ver

as naus francezas, e assistir ao desembarque da rainha.

O Tejo tambem estava, proximo á terra, coalhado de barcos, por entre os quaes vogava, ás vezes a custo, a falúa em que iam os moços fidalgos de sua alteza.

Chegando á Junqueira, a falúa abicou á praia; dois remeiros saltaram ao mar para a impellir com os hombros e fazel-a entrar mais pela areia, e os criados do infante, posta uma prancha, saltaram em terra.

O logar do desembarque ficava a uns cem passos da ponte, que se tinha armado para receber a rainha: e por isso o concurso era immenso alli; e os coches e as liteiras em maior quantidade do que no resto da praia. A custo poderam os criados da casa de sua alteza atravessar a multidão, em grande parte composta de cavalheiros e damas elegantes, por entre os quaes se via entretanto negrejar o gibão e a capa dos homens do povo. Comtudo, ora pedindo por favor, ora usando da força dos pulsos e dos hombros, foram elles rompendo e approximando-se da ponte, onde deviam esperar por seu amo.

Francisco d'Albuquerque estava extasiado á vista d'aquelle brilhante espectaculo: os olhos tinham-se-lhe dilatado, a bôca semi-aberta exprimia a maior das admirações, a admiração de um provinciano na côrte. Em vez de seguir de perto os seus companheiros, o pobre capitão parava a cada instante, ora para ver um coche, ou admirar os olhos de uma mulher bonita, ora para notar os arreios doirados de algum cavallo fogoso

e soberbo. Para elle tudo era novo, tudo era bello; os olhos não se lhe fixavam em coisa alguma senão um segundo, mas eram tantas as coisas a ver, que elle se foi deixando ficar para traz, e perdeu-se dos outros mancebos.

De repente parou, e sem se importar com a multidão que o cercava e opprimia de todos os lados, ficou a olhar, com a mais profuuda e sincera admiração, para uma dama que a poucos passos d'elle sopeava os impetos de um formoso cavallo em que estava elegantemente montada.

A dama mereceria a admiração d'um rei, se um rei a visse n'aquelle instante; a sua belleza era d'aquellas para que se não póde olhar sem sentir logo o coração estremecer no peito, e um vago sentimento de amor vibrar no intimo da alma. As suas feições eram regulares e perfeitas, não como as de uma estatua grega, mas como as das virgens que os pintores hespanhoes pintavam então nos seus admiraveis quadros; a côr da pelle, ligeiramente avelludada, era essa côr encantadora que só possuem as mulheres meridionaes, que se póde comparar á da perola, mas que é infinitamente mais bella; os olhos, pretos e luminosos, formavam um mysterio que se não podia decifrar, tão vaga era a expressão d'elles, tão escondidos estavam n'uma lagrima crystallina que se não desprendia nunca das palpebras longas e ligeiramente curvadas.

Na cabeça tinha a bella cavalleira um chapeo de abas largas e levantadas, como então usavam os ho-

mens de côrte, ornado de plumas brancas de abestruz, e por baixo do chapeo sahia uma cabelleira em *guinguetas* (1) que lhe realçava ainda a belleza dos olhos negros. Vestia uma casaca de *escarlata* bordada de oiro com botões de diamantes, por baixo da qual se via uma camiza alvissima de *cambray* preza no collarinho por uma fita de *ponçó* (2); a saia era de *nobreza azul* com uma barra bordada de *canotilho*. As mãos escondiam-se n'umas finissimas luvas de Ocanha, e os pés, que, com os movimentos do cavallo, Francisco d'Albuquerque tinha podido interver, n'uns sapatos, pequenos como os de uma criança de dez annos, de seda verde-escuro com saltos vermelhos. Arrecadas preciosas de esmeralda, e um collar de grossas perolas a que pendia um frasquinho de oiro (como então traziam as senhoras) com agua de cheiro, completavam o elegante vestuario da formosa dama.

O moço provinciano não se fartava de admirar os encantos da mulher feiticeira, que lhe apparecia no meio da multidão como estrella solitaria em noite tenebrosa. Tudo se sumiu, galas e festas desappareceram de ante os olhos de Francisco de Albuquerque; o mancebo enthusiasta não via já senão a chamma d'aquelles olhos negros, que a elle lhe pareciam mais bellos, não só do que os olhos de todas as mulheres que elle até então tinha visto, senão das que tinha imaginado nos seus mais delirantes sonhos.

(1) Com duas tranças cobertas de fita.
(2) Côr de fogo.

O ingrato de tudo se esquecera n'aquelle instante; até do juramento feito a Thereza, á sua companheira da infancia, á filha do seu protector. A côrte começava a influir no candido coração do provinciano.

A admiração extatica do mancebo, que era bello, e a quem a sua vida de soldado tinha dado um ar de soberba e ousadia, que estava em perfeita harmonia com o caracter das suas feições, attrahiu a attenção da dama, que até alli parecia cuidar só nos graciosos movimentos do seu formoso cavallo. Os olhos d'ella encontraram-se com os do atrevido capitão, e um sorriso quasi imperceptivel lhe animou o rosto.

Descontente talvez de ter mostrado por aquelle ligeiro sorriso que lhe não era indifferente a extatica admiração do mancebo, a gentil cavalleira levantou o chicotinho doirado que tinha na mão direita, e fustigou com elle a anca do brioso cavallo. O cavallo, firmando-se nos pés, deu dois galões, sacudindo a crina longa e ondeada; mas a mão breve e delicada da dama soffreou logo a furia do animal que ella propria tinha excitado.

De proposito ou involuntariamente porém a dama deixou cahir o chicote, quando Francisco d'Albuquerque corria para segurar o cavallo e impedir alguma catastrophe; o namorado capitão abaixou-se a apanhal-o antes que acudissem á voz da sua ama quatro criados vestidos de azul, que acompanhavam a gentil cavalleira.

O moço provinciano, curvando ligeiramente o joe-

lho, offereceu ao objecto da sua subita admiração, com elegancia digna de um casquilho de côrte, o chicote doirado que lhe tinha escapado da mão. Ella recebeu o obsequio de Francisco d'Albuquerque com o ar magestoso de uma rainha acostumada a receber a côrte dos seus mais nobres vassallos; e deixando cahir dos labios em sons sonoros e puros, que as tornavam divinas, estas palavras vulgares — « Muito obrigada, senhor » — voltou o cavallo e partiu quasi a galope, rompendo por entre a multidão.

Francisco de Albuquerque ficou parado a seguir com os olhos a dama; e só o tiraram do seu enlêvo as palavras singulares que entre si trocavam alguns dos seus visinhos.

— Pobre rapaz! — dizia uma velha olhando com compaixão para elle — pobre rapaz! está perdido!

— É verdade! já outro dia por causa d'ella mataram o filho de um mestre de campo. E que guapo rapaz que elle era! — exclamava outra.

— Por similhante mulher!... E ella continuará a viver aqui depois da chegada da nossa rainha! — dizia um homem.

— Talvez, talvez. O diabo protege a *Calcanhares*. Nada me admira! — redarguia outro.

Francisco d'Albuquerque escutava a conversa dos seus visinhos, quando Luiz de Mendonça, que havia dado pela sua falta e tinha voltado para traz a procural-o, chegou junto d'elle.

— Que fazes aqui? — perguntou este — Então por

que não vens para ao pé de nós; estamos alli á entrada da ponte?

— Quem é — perguntou o capitão ao seu amigo, sem attender ao que elle lhe dizia, e apontando para a dama que já ia a distancia — quem é aquella linda mulher?

— Ah! É Margarida, a Calcanhares, a amante de el-rei — respondeu Mendonça com um gesto de desprêzo.

Francisco d'Albuquerque, sem dizer mais palavra, seguiu o seu amigo, que abria caminho por meio da gente que se apinhava nas proximidades da ponte, e que era apenas detida pela guarda dos archeiros.

CAPITULO V.

SCENAS DE CÔRTE.

Deixemos agora Francisco d'Albuquerque e os seus companheiros esperar com toda a população de Lisboa pelo desembarque da nova rainha, e acompanhemos o infante e o conde de Castello-Melhor ao quarto d'el-rei.

Quando o porteiro abriu a porta da antecamara, estava sua magestade assentado no meio da casa, atirando ao ar uma bola de marfim, que esperava, com os olhos fitos e as orelhas direitas, um enorme lebréo inglez.

Affonso VI tinha vestida uma larga tunica vermelha, e na cabeça uma gorra da mesma côr; vestuario este que deixava bem patente a sua excessiva gordura. O rosto pallido do rei daria logo a conhecer a qualquer physionomista a imbecilidade e fraqueza do seu espi-

rito. O beiço inferior grosso e descahido, os olhos azues e desanimados, os cabellos de um loiro pallido soltos sobre os hombros, o ventre proeminente, uma ligeira desegualdade entre a altura do hombro direito e a do esquerdo, faziam d'este monarcha, que apenas contava vinte e tres annos, um ente repugnante, apesar de não ser disforme, nem mesmo feio.

Em pé, no extremo da sala, estavam dois homens. Um, que pelos vestidos se via ser nobre, era Henrique Henriques de Miranda, cuja physionomia grosseira lhe revelava a baixeza da alma. Este homem, que el-rei fizera tenente-general da artilheria do reino, possuia um espirito sagaz e ousado, e alcançara o favor de seu amo sendo, desde o dia em que elle tomou posse da coroa, o agente secreto de suas escandalosas devassidões. O outro era um guarda dos cães chamado João, a quem o rei confiava os seus lebréos mais estimados.

A bulha da porta que se abriu fez voltar a cabeça ao rei, que, vendo seu irmão e o Castello-Melhor, se levantou e caminhou para elles, arrastando ligeiramente a perna direita, defeito que lhe ficara de uma paralysia que teve, quando apenas contava tres annos.

— Ah! és tu — disse elle vendo o infante. — Vens pedir-me outra vez os gentis-homens? Vens-me importunar com as tuas exigencias?

— Venho para acompanhar a vossa magestade — respondeu o infante.

— Para me acompanhar!

O conde de Castello-Melhor, beijando a mão a D.

Affonso, apresentou-lhe então a carta que para elle trouxera da rainha.

— A rainha, nossa senhora, espera por vossa magestade para desembarcar — disse o conde.

— Já ahi está! e não se encontrou com a esquadra hespanhola! — exclamou el-rei, pegando na carta e deitando-a sobre uma mesa sem a abrir.

— Felizmente — redarguiu o conde — a esquadra hespanhola foi afugentada da nossa costa pela esquadra do duque de Beaufort; e sua magestade chegou sem soffrer mais do que os incommodos do mar, que nem sempre lhe foi bonançoso na viagem.

— Conseguiram o seu fim! — bradou el-rei — estou casado, já não tem remedio! E tu — continuou elle, voltando-se para D. Pedro — tu ficas solteiro, livre! Ainda teimas em não te casar?

— Já disse a vossa magestade — respondeu o infante — que me não devo... que me não hei de casar com mademoiselle de Bouillon. Póde-me vossa magestade castigar, como meu rei e senhor que é, mas obrigar-me a casar, isso não: porque só por vontade propria se deve contrahir matrimonio.

Esta resposta de sua alteza fez subir o sangue ao rosto do rei. Cheio de cólera, Affonso VI bradou:

— Não queres, não queres! Pois mandar-te-hei metter n'uma torre, d'onde não sahirás mais.

O cão, que não tinha despregado os olhos de seu dono e lhe seguia os passos, ouvindo-o levantar a voz,

e vendo-o furioso de cólera, pôz-se a ladrar estrondosamente. El-rei fez cahir sobre elle a sua raiva.

— Cala-te, Valente, cala-te — disse elle, dando-lhe com um chicote. — Vai-te, vai-te d'aqui já!

Reparando n'esse instante em João, o guarda dos cães, que estava immovel á porta da sala, D. Affonso correu para elle, e dando-lhe tambem com o chicote:

— Que fazes aqui? — proseguiu no mesmo accesso de furor — Estás a ouvir o que se diz, villão?

João, a esta apostrophe, fugiu atraz do seu amigo Valente para escapar á cólera e ao chicote de el-rei.

Depois de ter afugentado as suas duas victimas, Affonso VI parou no meio da sala, e atirando com o chicote ao chão, voltou-se de novo para o infante, bradando:

— Não te queres casar? Faltas ás tuas promessas? Pois tambem eu hei de faltar ás minhas. Não has de ter a casa de Bragança, nem os gentis-homens, nem coisa alguma do que me pedires. Queres ser rei aqui, e ter uma côrte?... o rei sou eu, Pedro, sou eu, e não tu. Nossa mãe morreu, Pedro; e agora não receio que ella me tire a coroa para t'a dar a ti. Acabaram já aquellas conspirações em que andava a côrte no tempo da rainha: e assim hão de acabar todas as que apparecerem para o futuro! Foste tu, conde — proseguiu el-rei voltando-se para o Castello-Melhor com brandura e intimidade — foste tu que me salvaste. Se me não ajudasses, se não fosse a tua fidelidade, estaria eu a esta hora n'um convento... e Pedro seria o rei!

N'estas palavras Affonso VI referia-se ao projecto que se dizia tivera sua mãe, quando era regente, de fazer subir ao throno o infante em vez d'elle; projecto que fôra o pretexto da sua fugida do paço para Alcantara, logo depois da prisão de Conti, e da sua acclamação feita contra a vontade da rainha, que por essa occasião perdeu o poder por ella tantos annos ambicionado.

O infante estava pallido e tremulo de cólera, que apenas podia abafar no coração, que lhe pulava no peito. Approximou-se de seu irmão e, dobrando o joelho, disse-lhe com a voz suffocada:

— Peço licença a vossa magestade para me retirar da côrte, logo que tiverem acabado estas festas do casamento.

— Podes-te ir — respondeu el-rei — podes-te ir quando quizeres.

Depois de dizer estas palavras el-rei sahiu da sala, acompanhado do conde de Castello-Melhor e de Henrique Henriques, aos quaes ordenou com um gesto que o seguissem.

O infante ficou só, agitado e perplexo entre a cólera, que lhe aconselhava o sahir immediatamente da côrte, e o vivo desejo que sentia de ver a rainha, cujo retrato lhe causara uma profunda impressão. Sahiu da antecamara e foi direito á sala onde estava D. Rodrigo de Menezes. Apenas entrou na casa onde o esperava o seu estribeiro-mór, chamou-o para o vão de uma janella, e contou-lhe rapidamente quanto se havia passado.

— Vossa alteza deve ter paciencia: calar e esperar é a grande maxima dos que desejam vencer — disse o sagaz conselheiro, buscando acalmar a cólera do infante. — As intrigas do favorito, d'esse ambicioso Castello-Melhor, teem indisposto el-rei contra vossa alteza; porém essas intrigas não o poem mesmo em risco de perder a batalha. As forças são deseguaes. Vossa alteza tem por si o nome e a posição: é filho do senhor D. João IV, de saudosa memoria: elle tem só a intriga, a ousadia, e o favor de sua magestade, que ámanhan o póde abandonar, e entregar talvez nas nossas mãos. É preciso ter paciencia. Não convém de modo algum que vossa alteza deixe de ir hoje cumprimentar a rainha, nossa senhora; esteja vossa alteza certo de que sua magestade ha de reconhecer em breve, que é do seu interesse o apartar o conde do lado de el-rei; porque sem isso nunca ella poderá ter sobre o animo do senhor D. Affonso a influencia que convém á sua posição. Não me parece comtudo que vossa alteza se deva mostrar indifferente ás offensas que lhe foram feitas — proseguiu D. Rodrigo — pelo contrario: depois da entrada solemne da rainha, nossa senhora, na côrte, que terá provavelmente logar d'aqui a uns vinte dias, será bom que vossa alteza se ausente para a sua quinta de Queluz; para provar assim ao favorito, que está na resolução de combater, com dignidade, as intrigas e as insolencias com que elle ousa offender um irmão do seu rei.

O infante escutou os conselhos do seu estribeiro-

mór, como se foram um oraculo; e, decidido a seguil-os em todo o ponto, ia logo voltar para a antecamara de el-rei, quando entrou na sala o conde de Castello-Melhor, extraordinariamente pallido.

O infante perguntou-lhe a causa do desassocego em que vinha, e da demora de sua magestade; e o conde, procurando em vão esconder n'um sorriso de cortezão a dolorosa expressão da sua physionomia, respondeu-lhe « que sua magestade tinha sahido n'uma liteira, para ir ao convento de S. Antonio dos Capuchos ganhar o jubileu da Porciuncula. »

Este acto de el-rei, de inexplicavel loucura, produziu uma desagradavel impressão no infante e nos seus dois camaristas, D. Rodrigo e Christovão de Almada. Todos ficaram silenciosos; e pouco depois sua alteza, approximando-se da parede em que estava pendurado o retrato da nova rainha, poz-se a contempla-lo, e ficou em breve por tal modo absorvido n'aquella contemplação, que se esqueceu inteiramente dos objectos que o cercavam.

Só depois do meio dia é que el-rei regressou do seu devoto, mas intempestivo passeio; e foi então que começou a vestir-se para ir receber sua esposa. O conde de Castello-Melhor tinha voltado para junto da rainha; a nobreza e o povo, cansados de esperar, manifestavam em palavras descompostas a sua justa impaciencia.

Já o sol declinava havia muito sobre o horisonte, quando Affonso VI, seguido da sua côrte, se encaminhou para o caes, onde o esperava o bergantim real.

El-rei vestira uma casaca coberta de tão relevada e grossa bordadura, que se não conhecia de que droga era feita; o espadim era todo oiro e diamantes, e o chapeo, ricamente acairelado e ornado de plumas, tinha preza a aba por um broche de pedras preciosas.

O bergantim em que entrou Affonso VI, acompanhado do infante e dos conselheiros de estado, era todo adornado de muitos e elegantes entalhes de oiro e marfim: cobria-o um toldo de brocado carmesim, recamado e franjado de oiro e prata; e tinha á pôpa duas magnificas cadeiras de velludo, uma destinada para el-rei, outra para a rainha, e um escabello para n'elle se assentar sua alteza.

O bergantim real era seguido pelo do infante, em que iam D. Rodrigo de Menezes e Christovão d'Almada; e atraz d'este vogavam doze falúas, umas com fidalgos, outras com bandas de musica. Os remeiros do bergantim real iam vestidos de damasco carmezim com passamanes de oiro; e os das outras embarcações levavam as côres da libré dos fidalgos a que pertenciam.

Logo que o bergantim real se afastou da praia, os navios e as fortalezas começaram a atroar os ares com salvas de artilheria; e o povo, que estava apinhado nas praias e nas embarcações que cortavam as aguas do Tejo em todos os sentidos, rompeu em estrondosos vivas.

El-rei, durante o transito do caes do Terreiro do Paço á nau capitania, que estava ancorada defronte da ponte da Junqueira, não abriu a boca para pronunciar

uma unica palavra. Só quando, amarrado o bergantim ás escadas doiradas da nau, o marquez de Sande, — a quem tinha sido encarregado o negocio do casamento, e que acompanhara de França a rainha, — lhe veio ajoelhar aos pés, e beijar-lhe a mão, é que sua magestade sahiu do estado de silencioso torpor em que até alli se tinha conservado.

O bispo de Laon, que o marquez apresentou a el-rei, podia considerar-se como o typo do *abbade* d'aquelle tempo. O abbade d'Estrées, bispo de Laon, era moço, e o seu nome tornara-se celebre na côrte de França, e figurava, como o do famoso M. de Lauzun, na lista dos grandes conquistadores de corações femininos. D. Affonso VI pagou os exagerados cumprimentos do gentil bispo com algumas palavras seccas, que o marquez de Sande, interprete n'esta occasião, traduziu em francez, tornando-as comtudo o mais amenas que lhe foi possivel.

Depois d'esta apresentação, el-rei encaminhou-se para a escada da nau, em cujo primeiro degrau o esperava o marquez de Ruvigni, general da armada franceza, que conduzira a rainha. Das escadas á camara formavam alas a infanteria franceza, e os soldados do conde de Maré, que vinham servir no exercito de Portugal, e a quem o seu chefe tinha dado por uniforme casacas verdes com passamanes de prata.

Na camara, ricamente adornada, a rainha esperava seu real esposo, tendo junto de si as suas duas damas, as marquezas de Puy e Castello-Melhor.

D. Maria Francisca Isabel de Saboya era graciosa na figura e no gesto; não tinha grande belleza, mas animava-lhe a physionomia uma extraordinaria vivacidade e expressão. A abundancia dos seus cabellos loiros e annelados exagerava ainda a sensivel desproporção que existia entre a cabeça bastante grande e o corpo pequeno e delgado; desproporção esta, que apesar de pequena, se podia considerar como grave defeito n'uma princeza que julgava ter distincto logar entre as mais bellas da Europa. A rainha, para aquella occasião solemne, vestira um *justilho* de tal modo decotado, que lhe deixava quasi o seio todo descoberto; este *justilho* estava tão escondido pelo *peitilho* de diamantes, e pelos bordados de oiro, que fôra difficil saber-se de que era feito. As duas saias, que se prendiam no *justilho*, uma de preciosa sêda de lavores, outra de *brocado alto* branco aberta pela frente, — a que se dava o nome de *roupa*, por arrastar pelo chão uma immensa cauda, — estavam extraordinariamente tufadas pelo *guardainfante* (1) sobre que assentavam.

Quando Affonso VI entrou na camara em que o esperava a rainha, esta levantou-se para o receber; e fazendo-lhe uma mesura graciosa e compassada, esperou de pé que elle lhe dirigisse os cumprimentos do estylo, e lhe offerecesse, sobre um throno que alli se achava armado, uma cadeira ao lado da sua.

(1) Armação de arcos de ferro cobertos de fita, que servia para tufar as saias. Os *guardainfantes* começaram por esta época a usar-se na côrte de França; e foram inventados pela celebre madame de Montespan.

Os olhos da gentil rainha, que apenas se tinham fixado um instante em seu real esposo, voltaram-se curiosos para o infante; e tornaram-se radiantes ao ver essa figura nobre e magestosa, esse rosto trigueiro, mas bello, que tão singularmente contrastava com o rosto e figura de el-rei seu irmão.

O infante quiz ajoelhar para lhe beijar a mão, porém não o consentiu a rainha. Quando os labios de D. Pedro tocaram a mão branca e admiravelmante modelada da graciosa princeza, ambos estremeceram, e uma ligeira pallidez passou por um instante sobre o rosto de sua alteza.

Todos os fidalgos que se achavam presentes áquella ceremonia beijaram a mão á nova rainha. Depois el-rei, tomando-a pela mão, conduziu-a ao bergantim, onde entraram só suas magestades, o infante e as duas marquezas de Puy e de Castello-Melhor.

Quando o bergantim real começou a vogar para a praia, novas salvas de artilheria e de mosquetaria e estrondosos vivas retumbaram nos montes que cercam a magnifica bacia, em que o Tejo se alarga defronte de Lisboa, antes de se lançar no oceano. Os vivas e as salvas continuaram até o bergantim chegar á ponte da Junqueira, onde suas magestades desembarcaram.

Um coche de velludo carmezim, bordado e franjado de oiro por dentro e por fóra, puxado por oito cavallos brancos ferrados de prata, e enfeitados, nas clinas e nos cabos, com fitas vermelhas, esperava pelos reaes consortes. As guarnições do coche eram todas doiradas,

os tirantes de sêda e oiro: a libré dos cocheiros e lacaios vermelha, com passamanes de azul e prata franjada. A familia real entrou no formoso coche, que logo se pôz a caminhar para Alcantara, seguido dos coches e liteiras que levavam a nobreza da côrte.

O cortejo parou á porta da egreja do convento das freiras da ordem de S. Francisco, que ficava proximo ao palacio de Alcantara. A egreja estava sumptuosamente ornada: cortinas de velludo e brocado, e preciosos lós vermelhos bordados de palmas de oiro, cobriam as paredes e se curvavam em pregas e festões graciosos. Luzes sem conto ardiam sobre os altares, e faziam scintillar as pedras preciosas com que estavam profusamente enriquecidos os vestidos das damas da côrte que esperavam pela rainha. A fragrancia das flores, e a harmonia magestosa dos cantos religiosos que as freiras entoavam no côro, completavam as maravilhas do templo em que o bispo de Targa, capellão-mór, ia lançar a benção nupcial aos reaes noivos.

Á chegada de suas magestades os musicos da camara romperam n'um hymno brilhante, e os padres vieram á porta recebel-os debaixo do palio. El-rei, dando a direita a sua esposa, foi ajoelhar n'uma das almofadas que estavam collocadas sobre os degraus do altar: a côrte ajoelhou tambem; e todos se recolheram em oração até ao fim da ceremonia religiosa. Acabada ella, a côrte tornou a entrar nos coches, e o cortejo encaminhou-se para a porta do palacio de Alcantara, que estava brilhantemente illuminado.

Durante toda a ceremonia e lenta marcha da Junqueira a Alcantara, os dois reaes esposos não disseram um ao outro uma unica palavra: nem era possivel que dissessem, porque el-rei não entendia o francez, e a rainha mal começara a estudar o hespanhol com a celebre madame Scarron (depois madame de Maintenon), que ella quizera trazer comsigo para Portugal, mas que mais altos destinos detiveram na côrte de Luiz XIV. Só os olhos do infante fallaram em todo aquelle tempo; nem sempre as phrases apaixonadas que elles disseram ficaram sem resposta.

As salas do palacio de Alcantara estavam ornadas com riqueza, e profusamente illuminadas por candelabros de prata e de oiro.

O infante e parte da côrte acompanharam a rainha até á segunda antecamara. Ahi sua alteza lhe beijou segunda vez a mão, e despedindo-se com algumas phrases balbuciadas apenas, mas que revelavam a agitação de um espirito profundamente impressionado, deixou-a só com el-rei e as damas que haviam sido nomeadas para a servirem, e fazerem parte da sua casa. D. Pedro sahiu logo do palacio e foi alojar-se na quinta de Luiz Cesar de Menezes, que ficava perto e estava preparada para o receber.

El-rei, depois de conduzir a rainha ao quarto, deixou-a entregue ás suas damas, e foi desabafar com os favoritos as mágoas d'aquelle dia, que para elle fôra um dia de martyrio.

CAPITULO VI.

SCENAS POPULARES.

Já era noite cerrada quando o infante chegou á quinta de Luiz Cesar de Menezes. Francisco d'Albuquerque seguia a passos vagarosos o coche de sua alteza, com Luiz de Mendonça e os outros criados. Já ia a entrar a porta da quinta, quando sentiu cahir-lhe sobre o hombro uma pesada mão, e uma voz grossa dizer-lhe sem ceremonia:

— Então já me não conhece, senhor capitão?

Francisco d'Albuquerque voltou rapidamente a cabeça, e viu a seu lado frei Antonio da Redempção, o frade que elle na vespera encontrara na estalagem do *Alemtejo*.

— Ah! É vossa reverendissima! — exclamou Francisco de Albuquerque.

— Sou eu, meu rico capitão; eu mesmo, que o venho seguindo desde a porta do palacio — disse o frade. — Queria-lhe propôr... — desejo fazer mais intimo conhecimento com vossa mercê — pedia-lhe que viesse comigo aqui perto á taverna do Salpicão para petiscarmos alguma coisa; *libare ac degustare*.

— Obrigado, frei Antonio; mas... o serviço de sua alteza...

— Sua alteza não carece agora senão de D. Rodrigo de Menezes — interrompeu o frade sorrindo com finura. — Os serviços d'esse é que lhe são uteis. N'este momento a barriga deve ter o primeiro logar. Desde pela manhan sem comer e a apanhar o ar do mar, senhor Francisco de Albuquerque, que grande fome que ha de ter!

— Não me posso ir sem licença; mas em a alcançando, volto para o acompanhar.

— Bom! As galas não o tornaram soberbo — rosnou o frade. — No fim de tudo, quasi que estou convencido de que o habito não faz o monge.

Francisco d'Albuquerque tinha-se demorado á porta a fallar com o frade, em quanto entrara toda a comitiva do infante. Depois de dizer estas ultimas palavras, e depois de pedir com um gesto a frei Antonio que o esperasse, o moço capitão atravessou o páteo da quinta, e foi procurar o seu amigo Luiz de Mendonça, para este lhe ensinar o meio de obter a desejada licença. Luiz de Mendonça prometteu desculpal-o, se D. Rodrigo de Menezes désse pela sua falta, e ir ter com

elle á taverna do Salpicão, logo que lhe fosse possivel. Com o espirito inteiramente socegado, Francisco de Albuquerque encaminhou-se, embuçado n'uma capa, com frei Antonio, para o logar onde os esperava a tão appetecida ceia.

— Então já sei, senhor Albuquerque — disse o frade logo que se pozeram a caminho — já sei que teve hoje um mau encontro.

— Um mau encontro! — exclamou o capitão.

— Um mau encontro, sim. Encontrou o diabo feito mulher.

— Já sei de que me quer fallar, frei Antonio — acudiu o capitão um pouco perturbado. — É d'essa mulher...

— Da Calcanhares. Isso é uma má mulher, que enfeitiçou el-rei, e o tornou ainda peor do que elle era antes de a conhecer. Sabe o que lhe digo, meu capitão — proseguiu o frade parando e tirando da manga uma caixa de buxo em que tomou uma immensa pitada — é que, se outra vez se encontrar com similhante creatura, não olhe para ella...

— Não olhe!... É bonita.

— Por isso mesmo. A belleza deu-lh'a o diabo, para com ella perder as almas dos que a conhecem.

— Talvez que não seja verdade...

Francisco de Albuquerque não ousou acabar a phrase principiada.

— É verdade, é; tudo que se diz d'ella é verdade. El-rei, em sabendo que algum homem se lhe atreve a

olhar para a amante, manda-o logo matar por um dos assassinos da sua patrulha. Cautela! Não se deixe dominar pelos encantos d'aquella sereia, se quer continuar a andar por este mundo.

— Fique socegado, frei Antonio. Eu não gosto, não posso gostar d'ella.

— Deus o queira! — acudiu o frade — Do mar se tira o sal, e da mulher muito mal; diz o dictado, e diz bem. Agora vamos a cear, que já estamos á porta da taverna do Salpicão. Tem gente a deitar fóra, por ser dia de festa. Entremos depressa para não ficarmos sem comer.

A taverna do Salpicão, que estava situada á beira do rio de Alcantara, era uma casinha terrea, suja e mal geitosa, onde n'aquella noite se tinha ajuntado gente de diversas e bem oppostas classes. Militares, frades, mulheres, homens do povo e marinheiros, estavam sentados, ou em pé, a comer e a beber, a fallar e a gesticular, allumiados por duas candeias, e pelo clarão da fogueira que ardia na chaminé.

O taverneiro ajudado por uma moça, gorda e córada, que passava por sua mulher, corria de mesa para mesa, levando a uns um cangirão de vinho, a outros um prato com peixe frito, ou couves cozidas com o celebre salpicão, que tinha feito a honra e a gloria do seu afamado estabelecimento, a outros, emfim, uma saladeira cheia de verde e appetitosa alface.

Frei Antonio foi atravessando a casa, e conduzindo o seu companheiro para o canto de uma mesa, onde

havia dois logares vagos. Ao passar junto da mulher do taverneiro, o frade disse-lhe em voz baixa:

— Olhe que eu quero ser bem servido, senhora Joaquina. Veja lá.

E a boa da mulher, apenas pôz sobre uma mesa o cangirão que levava, correu logo a receber as ordens do seu respeitavel confessor.

— Queremos um prato de salpicão, antes de tudo — disse o frade á taverneira. E voltando-se para o capitão — É o guisado mais saboroso que se faz aqui; é coisa de appetite. Queremos tambem...

— Já vou! — bradou a senhora Joaquina, voltando-se para um soldado que, impaciente, lhe pedia pão, batendo na mesa com a faca.

— Queremos tambem — proseguiu o frade — um pouco de peixe, e...

— Já vou! — bradou de novo a taverneira.

— E salada.

— Não quer mais nada, senhor frei Antonio? — perguntou ella meigamente ao frade.

— Quero, quero que não te esqueças de mim, minha Joaquininha.

— Ai! não tenho hoje tempo para essas coisas! Deixe-me, senhor frei Antonio, largue-me esta mão para me eu ir embora. Está toda essa gente a gritar! Jesus! Que inferno este!

O frade largou a taverneira, que se foi correndo; e voltando-se para o capitão, disse:

— É uma boa mulher, esta Joaquininha. Quando

sáio da cidade, venho sempre por aqui vel-a, e comer um bocado de salpicão. Verá que é coisa de appetecer, senhor Francisco d'Albuquerque. Escutemos o que se diz por essas mesas. É sempre bom ouvir o que os outros dizem, para conhecer a verdade. *Verba sunt ponderanda.*

— Cada um falla do que o interessa — atalhou o capitão — e nós não temos nada com essas coisas.

— É verdade; nós nada temos, nada, com o que se diz, quando se tracta de questões particulares. Mas aqui... Eu desejava muito saber ao certo — proseguiu o frade, olhando fixamente para o seu companheiro — desejava saber qual foi a causa da demora de el-rei; e o que se passou entre elle e o senhor infante. Falla-se de uma grande questão; diz-se que sua alteza sahirá de Lisboa...

— Não sei, não ouvi fallar em tal — respondeu com algum desabrimento o capitão. — Deixei sua alteza no paço; e viemos, eu e os meus companheiros, aqui para a Junqueira, onde não ouvimos dizer coisa alguma a esse respeito.

Este dialogo foi interrompido pelo clamor de muitas vozes que disputavam acaloradamente. Estas vozes, que se alevantavam acima do rumor geral que havia na casa, e despertavam a attenção de todos os que estavam na taverna do Salpicão, interrompendo as conversações particulares, eram as vozes de alguns homens do povo, que se achavam assentados á mesma

mesa que frei Antonio da Redempção, e Francisco de Albuquerque.

— A maldita da bruxa, a Zaída aqui da Quebrada, prometteu-lhe — dizia um — que el-rei não havia de fazer senão o que elle quizesse. Cá a mim, diz-me as coisas quem as sabe de boa parte.

— Pois olha — bradava outro, cuja voz grossa correspondia ás proporções athleticas do corpo — enganaram-te. Não é por bruxaria que o senhor conde se fez estimar de el-rei; que lá estimal-o, estima-o elle, e de véras. A amizade de sua magestade não vem d'ahi!...

— Então d'onde vem essa amizade?

— Das virtudes...

— Do conde de Castello-Melhor! — clamaram todos com indignação.

— A tua amizade com Agostinho Nunes, o criado

— Então tudo é mentira. Ninguem falla verdade senão alli o senhor Manuel! Olha, Manuel, não sejas teimoso cá com a gente, que te podes sahir mal.

— Querem metter-me medo? — disse Manuel pondo-se de pé — Pois agora é que eu digo que vocês são todos uns asnos, e que eu...

— Nada de tolices, rapaz — acudiu um velho, agarrando no braço do orador. — Senta-te; e toca a beber. Ó mestre, traga vinho!

Manuel Serralheiro sentou-se rosnando algumas pragas, e o velho proseguiu:

— Todos vocês teem razão.

Como se vê por estas simples palavras, o velho Zé Borracha era *ordeiro*, d'estes que acham razão a toda a gente, para se não pôrem mal com ninguem.

— O Manuel diz que o conde está no valimento pelas suas virtudes. Será verdade; talvez que seja verdade. Olhem; elle tem feito muita coisa boa, não ha duvida. Se não fosse elle, talvez que a guerra se não tivesse podido sustentar, e que nós fossemos todos hespanhoes a esta hora.

— Elle gosta da guerra para poder apanhar mais dinheiro ao povo — interrompeu um.

— Diabos o levem! Se não fosse elle, já a guerra estaria acabada!

— Vocês não entendem nada d'estas coisas, d'estes negocios politicos — proseguiu o velho *ordeiro*, tossindo magestosamente. — Hum! hum! Não entendem nada d'estas coisas; é como lhes digo. Não se acceitou

a paz proposta pelos hespanhoes, porque... porque nos ficava mal.

— E a guerra não nos custa nada, senhor Zé Borracha?

— Cala-te, grulha impertinente! — bradou o sabio Zé Borracha, sapateiro remendão. — Então nós haviamos de acceitar... hum! hum! Sim, haviamos de receber as condições, d'essas condições...

— Vossa mercê é pelo conde, tio Zé! — clamaram alguns dos que o escutavam.

— Não sou — atalhou logo o remendão doutor — eu não sou do partido de ninguem. Quero dizer; eu voto sempre pela verdade.

— *In medio consistit virtus* — interrompeu frei Antonio da Redempção.

— Tem vossa reverendissima razão — disse Zé Borracha sem se perturbar. — *In media constit virtudes.* Hum! hum! Vocês não entendem isto, rapazes: pois olhem que é uma grande verdade.

— Então nega, senhor Zé, que o conde fosse uma noite a casa aqui da velha Zaída, para ella lhe ensinar uma receita...

— Uma receita para quê? — perguntou colerico Manuel Serralheiro, o defensor do conde.

— Para enfeitiçar el-rei.

— Ah! — exclamou Manuel com um gesto de desprezo.

— Cbristão novo! — disse a meia voz o seu adversario João Pardo, que era empregado na inquisição.

— Hum! hum! — tossiu estrondosamente o sapateiro para cobrir o som d'estas perigosas palavras. — Talvez que isto não seja verdade.

— Talvez que não seja verdade — accrescentou com voz sumida o Manuel Serralheiro, a quem as palavras « christão novo » tinham quebrado subitamente as forças.

— A santa inquisição ha de acabar por uma vez com bruxas e christãos novos, judeus disfarçados, perros malditos — disse o implacavel inimigo do Manuel Serralheiro.

Os diversos grupos, em que naturalmente se achavam separados os freguezes da taverna do Salpicão, haviam de novo recomeçado as suas conversações particulares; frei Antonio e Francisco de Albuquerque devoravam já a ceia que a taverneira tinha posto diante d'elles, e o capitão informava-se com curiosidade da morada da celebre bruxa Zaída, quando oito ou dez homens, armados todos de espadas e punhaes, e cambaleando de embriagados, invadiram a casa. Estes homens faziam parte da celebre e temivel *patrulha baixa* de Affonso VI: entre elles vinha o João dos Cães, aquelle que estava na antecamara d'el-rei, quando o infante lá entrara pela manhan.

Á chegada d'estes faccinorosos todos se calaram, e alguns dos mais prudentes foram-se approximando da porta e sahindo da taverna; o illustre Zé Borracha seguiu, como sempre, n'esta occasião, o exemplo dos homens prudentes.

— Ó lá, taverneiro do diabo! Traz-nos vinho. Muito e do melhor — bradou um dos invasores.

— Tudo ha de hoje aqui beber á saude de el-rei — disse outro.

— Viva el-rei! — clamou um terceiro.

— Viva! — responderam quantos estavam na taverna.

— Viva a nossa rainha!

— Viva! — respondeu outra vez o côro.

— Viva o senhor infante! — bradou da porta Luiz de Mendonça, que entrava n'aquella occasião.

Os da patrulha hesitaram um instante, mas gritaram depois com todos os outros:

— Viva!

João dos Cães, pondo-se no meio da casa e levando a mão á faca que trazia no cinto, disse:

— Não bebe?—repetiram os outros fazendo o mesmo gesto.

Luiz de Mendonça, desembuçando-se da capa vermelha em que vinha embrulhado, tirou da espada, e estendeu no chão de um golpe ao João dos Cães.

N'um instante a taverna do Salpicão tornou-se um campo de batalha. Francisco de Albuquerque cahiu com a espada em punho sobre os adversarios do seu amigo, e frei Antonio, agarrando no banco de pau em que estava assentado, pôz-se a combater ao lado d'elle. Alguns dos que discutiam pouco antes com o Manuel Serralheiro formaram um corpo auxiliar para ajudar com os seus movimentos os dois criados do infante.

O taverneiro apenas viu travar-se esta terrivel lucta, correu a apagar as luzes, e a espalhar pela chaminé a lenha da fogueira, de modo que a casa ficou quasi em completas trevas. A tia Joaquina approximou-se, apesar do perigo, de frei Antonio, seu digno confessor, e puxando-lhe pelo habito, foi-o conduzindo para uma porta que dava sahida da casa para a margem do rio.

Os dois fidalgos do infante, avisados pelo frade, foram-se escapando pouco a pouco d'entre os combatentes: e depois, ás apalpadellas e encostando-se pelas paredes, poderam emfim atinar com a porta, e sahir da taverna sem serem presentidos.

O combate tinha-se tornado feroz. As juras, as pragas, os gritos e os gemidos formavam um côro discorde e terrivel, a que o bater dos ferros uns nos ou-

tros, e o estrondo das mesas e dos bancos que tombavam fazia um acompanhamento infernal.

No meio d'esta briga tenebrosa, dois homens luctavam desde o principio sem dizer uma só palavra. Abraçados estreitamente, os dois inimigos faziam esforços extraordinarios para se suffocarem um ao outro. Esses homens, que assim luctavam com a ferocidade e a cólera implacavel de dois animaes ferozes, eram o Manuel Serralheiro e o João Pardo.

Manuel luctava para salvar a vida, que ficaria em grande risco se o seu adversario sahisse vivo da taverna do Salpicão, para o ir denunciar ao terrivel e cruento tribunal da inquisição como christão novo.

Foi d'estes dois combatentes que rebentou o primeiro grito de verdadeira agonia; grito suffocado e tremendo, que oscillou um instante entre a palavra e o

nosos. Apenas a ronda sahiu, levando os prêsos e os feridos, a taverna do Salpicão fechou-se, e tudo ficou tranquillo e silencioso, como se alli se não houvera passado aquella scena sanguinolenta.

CAPITULO VII.

LOS PRIVILEGIOS DE LAS MUGERES.

El-rei, quando deixou a rainha no quarto com as damas, foi direito á sua antecamara, onde o estavam esperando o conde de Castello-Melhor e alguns dos criados que ordinariamente se empregavam no seu serviço.

Affonso VI, logo que entrou, lançou-se sobre uma cadeira, e exclamou, dirigindo-se ao seu favorito:

— Conde! conde! que hei de fazer, conde? Que posso eu fazer agora, Castello-Melhor?

— Vossa magestade pelos principios da etiqueta... — disse o conde.

— Não me fallem agora em etiqueta! Cansado estou eu d'ella. Todo o dia; é de mais! — bradou el-rei — Manuel Antunes, dá-me um cachimbo bem cheio de

tabaco; traze-m'o acceso, que estou morrendo por fumar.

Manuel Antunes, criado muito querido de Affonso VI, que era notavel por ter um olho branco e o outro preto, apresentou um cachimbo de barro a sua magestade, que se poz a fumar com avidez. Depois de longo silencio, el-rei, com um meio sorriso que apenas lhe animava a desconsolada physionomia, disse ao Castello-Melhor:

— A *brichota* (1) é bonita; não é assim, conde?

— Não sei de quem vossa magestade quer fallar; por isso...

— Da rainha, é da rainha que fallo.

— Sua magestade é um anjo formosissimo — respondeu o conde.

— Formosissimo! Não sejas lisongeiro. Não é feia: mas aquella cabeça não foi feita para aquelle corpo; é grande de mais.

El-rei, depois de dar uma estrondosa gargalhada, proseguiu:

— Não sei de véras, conde, não sei o que hei de fazer. Voltar para ao pé d'ella, não volto eu hoje, porque...

O conde interrompeu sua magestade.

— Permitta vossa magestade que lhe communique alguns negocios importantes...

— Negocios! Já outra vez negocios! Mal acabei

(1) Nome que por zombaria se dava aos estrangeiros.

de fumar! Manuel Antunes! outro cachimbo; e traze-me de cear.

— Vossa magestade — accrescentou o Castello-Melhor — ha de fazer-me a graça de me attender um instante.

— Pois sim, sim, conde. Dize o que queres; aqui estou para te ouvir.

O conde voltou-se para os criados, dizendo:

— Tenho que fallar de negocios secretos a sua magestade.

— Olhem! — disse el-rei aos criados que iam sahindo — em a ceia estando prompta, tragam-m'a logo. — Henrique Henriques, vai-me buscar Margarida. Não está aqui?

— Espera pelas ordens de vossa magestade — respondeu, curvando-se, Henrique Henriques.

Os criados sahiram todos; e o conde de Castello-Melhor ficou só com el-rei.

— Real senhor, vossa magestade bem sabe — começou o conde — conhece sem duvida as vantagens que traz aos seus reinos a alliança de França. Não queira vossa magestade fazer agora com que este casamento, que a nação toda festejou como o comêço de uma nova era de felicidade, se torne a origem de grandes males para todos nós.

— Que quer isso dizer, conde? Que significam essas palavras?

— A união da rainha, minha senhora, com vossa magestade deve ser intima... — respondeu o favorito.

— Mas... tu sabes... Bem vês que lhe não posso dizer... — interrompeu el-rei pondo-se de pé.

— Que tem vossa magestade que lhe dizer? — atalhou o conde. — A nação espera d'este casamento um herdeiro para a coroa, e um defensor para a sua independencia.

— Não te dizia eu, conde, que me não queria casar! — exclamou Affonso VI.

— Vossa magestade não podia deixar de escolher para esposa uma das princezas de França. A politica assim o exigia. Além de que — accrescentou o Castello-Melhor — o reino não podia ficar mais tempo sem principe. Vossa magestade, que Deus nos conserve por muitos annos, póde desgraçadamente morrer: sua alteza, tambem nós podemos ter a desventura de o perder; e n'esse caso, a coroa voltaria para as mãos dos reis de Castella.

— Mas... tu bem o sabes, conde, eu não posso dar ao reino o que elle espera de mim.

— Publicar uma similhante coisa seria entregar a coroa nas mãos do senhor infante — acudiu o conde, com a voz alterada. — E vossa magestade...

— Não quero, não hei de largar a coroa...

— Nem Deus permitta que o queira! — accrescentou o favorito.

— Mas dizer-lh'o a ella, é dizel-o a todos. Saber-se-ha....

— Sua magestade a rainha, minha senhora, ha de

querer tambem conservar a coroa, que veio buscar de tão longe.

Affonso VI, sem responder, poz-se a andar lentamente pelo quarto; depois pegou em um cachimbo que estava em cima de uma mesa, accendeu-o, e deixou-o cahir: parou duas ou tres vezes diante do conde, como se fosse para fallar, e depois proseguiu no seu lento passeio, arrastando sempre a perna direita, quasi paralysada: finalmente voltou-se para o conde, e, com uma voz que exprimia a oscillação de um homem fraco, que hesita sempre nos raciocinios que faz e nas acções que ousa emprehender, disse:

— Tenho estado a scismar, conde, para ver se descubro o motivo por que meu irmão recusa casar-se; e não posso atinar com elle.

— Vossa magestade quer que eu lhe diga sinceramente o que penso a esse respeito? — perguntou o Castello-Melhor.

— Dize, dize a verdade — respondeu el-rei deixando cahir o corpo, extraordinariamente gordo, sobre uma cadeira de espaldas.

— Sua alteza — disse o favorito — aconselhado por D. Rodrigo de Menezes, tem esperança — obedecerei a vossa magestade dizendo-lhe a verdade inteira — tem esperança de ser ainda rei de Portugal. Sua alteza sabe que vossa magestade... não póde dar um herdeiro á coroa. Não se tem sua alteza illudido com as apparencias. O Menezes não é tão facil de persuadir como o povo. O senhor infante não se tem querido casar,

porque deseja que a nação perca a esperança... de ver augmentada a familia real. Espera por essa occasião desgraçada, para poder exigir que se convoquem as côrtes, que o acclamem principe, e talvez...

— E talvez rei! — bradou D. Affonso.

— Sua alteza odeia-me profundamente; e eu não sei, não me accusa a consciencia de lhe ter dado motivo....

— É por me teres servido com fidelidade; é por isso que elle te odeia, meu conde.

— Sua alteza despediu hontem meu irmão do seu serviço; e ameaçou-o...

— Quer só criados que o ajudem nas suas conspirações? Pois não os ha de ter; não lhe hei de dar os criados que elle me pede — clamou el-rei, dando com o punho sobre um bofete.

— Perdoe-me vossa magestade; não me parece conveniente n'esta occasião ir contra os desejos do senhor infante. Será bom que a rainha, minha senhora, não perceba as desgraçadas desintelligencias que separam dois principes, que por tantas razões se deviam amar.

— Mas os gentis-homens que me elle pede — interrompeu el-rei — são todos inimigos teus, conde.

— É verdade, real senhor — disse o conde — porém com a protecção de vossa magestade havemos de resistir ás intrigas de D. Rodrigo.

— O conde da Torre, que elle quer para o seu serviço — atalhou el-rei — era tambem da briga do jogo da pélla, não é assim?

— Peço a vossa magestade que se não recorde de uma coisa tão desagradavel para todos nós...

— Mas responde-me — interrompeu Affonso VI. — Tenho ideia de que o conde da Torre tambem estava no jogo da péllа quando tu, só, desafiaste uns poucos de fidalgos.

— Estava, senhor. O conde e D. Rodrigo de Menezes tomaram parte n'essa triste pendencia, em que eu tive a desgraça de matar o conde de Vimioso.

— Porque foi, conde; que razão houve para essa briga?

— Peço perdão a vossa magestade — respondeu o favorito com voz suffocada — esqueci-me de tudo isso durante as minhas viagens pela Italia: e creio que todos se esqueceram, como eu me esqueci.

— Elles não se esqueceram ainda: e é por isso que meu irmão os escolheu para seus gentis-homens.

— Não importa. O senhor infante não me honra com o seu favor; mas apesar d'isso, o meu dever é supplicar a vossa magestade que attenda ás pretenções de sua alteza... sempre que eu julgar que ellas não offendem os interesses de vossa magestade.

— Não fallemos mais n'isso agora, conde. Quero cear, que tenho muito appetite. Vai dizer que me tragam a ceia já.

— Vossa magestade vai depois de ceia fazer companhia á rainha, minha senhora? — perguntou o conde com interesse, antes de sahir para cumprir a ordem de el-rei.

O conde tinha grande empenho em que Affonso VI se alliasse estreitamente com sua real esposa; porque suppunha por este modo assentar o seu poder sobre uma base segura, visto ter elle sido quem principalmente contribuira para se fazer aquelle casamento. Esperou com anciedade a resposta de el-rei: e ficou pouco satisfeito quando este, em vez de lhe responder, lhe ordenou outra vez que mandasse vir a ceia depressa.

Restava ao conde de Castello-Melhor um ultimo recurso para obter a desejada união entre os dois reaes esposos, era a influencia da Calcanhares no espirito de el-rei; influencia a que sua magestade quasi nunca sabia resistir.

— Vossa magestade quer que D. Margarida entre para esta sala? — perguntou elle.

— Sim, sim: que venha! — exclamou el-rei — Estou com saudades de a ver. Que venha depressa.

O Castello-Melhor sahiu, saudando profundamente sua magestade.

N'uma sala proxima estava a Calcanhares, esperando pelas ordens do seu real amante. O conde foi ter com ella.

— Margarida — lhe disse elle com tom brando, mas de superioridade — é necessario que el-rei fique esta noite nos quartos da rainha.

— É necessario... — interrompeu a Calcanhares.

— O quê? — perguntou o conde.

— Que eu tenha esta noite a liberdade de ir só...

— Aonde?

— Aonde eu quizer.

— Não é possivel...

— Isto não póde continuar por mais tempo assim, senhor conde — disse em voz baixa a Calcanhares. — El-rei está casado: e eu não quero ser eternamente escrava.

— Tem paciencia, Margarida — acudiu o conde, apertando-lhe affectuosamente a mão — tem paciencia por mais algum tempo, que te não has de arrepender.

— Eu sou tambem mulher, senhor conde — proseguiu Margarida — sou mulher como as outras e preciso amar, porque tenho coração.

— Tens muito tempo para ter amores. Agora...

— Agora devo ser toda de vossa excellencia; obedecer-lhe, e não pensar, nem sentir; não é assim? — exclamou a Calcanhares com amargura.

— É por pouco. Vamos; anda. El-rei espera-te.

— E o que eu lhe pedi, senhor conde?

— Será como desejas.

Depois d'estas palavras, o conde de Castello-Melhor deixou Margarida, e esta encaminhou-se para a antecamara d'el-rei.

A Calcanhares estava esplendidamente vestida á hespanhola. Um gibão estreito de téla *rosa-secca*, *repassada* de oiro, desenhava com perfeição as suas fórmas elegantes, e deixava entrevêr, por entre finas rendas de oiro, um seio formosissimo: uma saia curta de ligeira téla azul idealisava ainda mais essa mulher feiticeira. Os cabellos alevantados em anneis, e sostidos

por diamantes, descobriam-lhe a fronte pallida e bem talhada, dando realce á sua belleza portentosa.

El-rei, que ficara quasi adormecido sobre a cadeira em que se tinha deixado cahir, estremeceu e abriu repentinamente os olhos ao ouvir os agudos saltos de pau de Margarida, que tinham dado causa á alcunha de Calcanhares por que ella era conhecida, retinirem no ladrilho da sala.

— És tu? — perguntou Affonso VI, sem voltar a cabeça, o que era para elle um movimento difficil.

Margarida, sem responder, approximou-se de el-rei, e pegando-lhe na cabeça com as duas mãosinhas calçadas n'umas luvas perfumadas de ambar, deu-lhe um beijo na testa.

— Tinha saudades tuas, Margarida! — exclamou el-rei, puxando-a brandamente para si, e assentando-a sobre os joelhos — Tinha saudades tuas! Dize-me; o que fizeste hoje? Viste a rainha?

— Não — respondeu a Calcanhares. — Estive algum tempo na Junqueira; mas não a vi. É bonita?

— Bonita! É. Não é feia: mas comparada comtigo...

— É uma formosura, não é assim? — perguntou Margarida sorrindo-se vaidosa, e olhando para um espelho que ficava defronte.

— Comparada comtigo não ha mulher bella no mundo.

— Como estás lisongeiro, meu pobre rei!

49755

— Digo-te a verdade; tu és a unica mulher que eu posso amar, a unica que tenho amado.

— Agora está vossa magestade casado; e tem de amar outra mulher.

— Amar a *brichota*? Não; isso não posso eu.

— Amar, não a amarás talvez — disse ella fazendo-lhe uma caricia — mas has de fingir que a amas, pelo menos.

— E tens ciumes?

— Tenho, sim.

— Então...

— É indispensavel que eu os tenha. Amo muito a vossa magestade para lhe pedir coisas que possam prejudicar os interesses do seu reino.

— Bom! Que abnegação heroica!

— Não; não é abnegação, é um dever.

— Mas tu bem sabes... — accrescentou el-rei com melancolia.

— Que não tenho direito para ter ciumes...

— Que não te hei de dar razão para os ter.

— Vossa magestade não póde avaliar essas coisas.

N'este momento Henrique Henriques entrou, para participar a el-rei que a ceia estava servida na sala immediata. A voz de Henrique Henriques fez estremecer involuntariamente a Calcanhares, que saltou logo dos joelhos d'el-rei, e correu a esconder a sua perturbação, olhando para o espelho e concertando alguns cabellos que se tinham desarranjado.

A mesa d'el-rei estava allumiada brilhantemente

por muitas vellas de cera branca em castiçaes de prata de bojo. A toalha e os guardanapos eram de linho de Guimarães, guarnecidos de rendas de Flandres: a louça de raminhos com as armas reaes. Diversos fruteiros de prata rendados e doirados, com os celebres pecegos de Chellas, limões, peras, camoesas, &c., alguns pratos doirados com azeitonas d'Elvas, um saleiro, duas garrafas de vidro grosso com vinho, e um ramo de flores, constituiam o ornato da mesa real.

El-rei assentou-se n'uma cadeira alta, e ordenou á Calcanhares que se assentasse ao seu lado n'uma cadeira mais baixa. Os gentis-homens tinham sido dispensados de assistir á ceia; e por isso el-rei achava-se só com a amante, e Henrique Henriques, que fazia as vezes de trinchante.

A ceia constava de perús assados, gallinhas recheadas e de *gigotte*, pombos *enredados*, fricassés de peixe, tortas folhadas, fartelejos recheados de manjar-branco, enormes bolos de *rodilha*, confeitos de rosa, e alguns doces de fruta servidos em pucaros de barro. Affonso VI comia com tanto excesso, que causava espanto a todos os que lhe assistiam. N'aquella noite sua magestade devorou com uma incrivel voracidade: as iguarias que Henrique Henriques lhe punha no prato desappareciam instantaneamente. Margarida provou apenas de um fartelejo, e comeu uma colhér de *perada*.

El-rei acompanhara a ceia de frequentes libações; e quasi no fim, enternecido talvez pelos effeitos do vi-

nho, voltou-se para a Calcanhares, e pegando-lhe na mão:

— Não comes, Margarida? — disse elle — Acho-te triste! É por eu estar casado?

— Vossa magestade é feliz! — respondeu unicamente Margarida.

— Não sou; tu bem sabes que eu não sou feliz. Tenho inimigos, Margarida: invejam-me a minha coroa.

— Que importa que lh'a invejem, se lh'a não podem tirar?

— Olha! — disse el-rei em voz baixa, para que o não ouvisse Henrique Henriques — Sabes o que me disse hoje o Castello-Melhor?

— Não.

— Disse-me, que, se eu não tiver filhos, o infante póde tirar-me a coroa: e tu bem sabes...

— E não disse mais nada, o conde?

— Disse que era necessario ligar-me com a rainha; confessar-lhe... a verdade.

— Tem razão o conde — concluiu a Calcanhares.

— Mas eu é que não posso dizer...

— Assim é preciso. Vossa magestade não deve, não póde offender a rainha, minha senhora, logo no dia da sua chegada.

— Então...

— É necessario que vás para junto d'ella, meu rei — murmurou a Calcanhares, n'um suspiro.

— E és tu quem m'o dizes!

— Estes nossos amores não podiam durar sempre, Affonso. És rei, e eu sou uma pobre rapariga, que nada vale.

— Queres deixar-me?

— Se fores prudente, continuar-te-hei a amar; senão....

— Senão? — perguntou el-rei ancioso.

— Ir-me-hei metter n'um convento.

— Que queres que eu faça, Margarida?

— Que vossa magestade volte para o quarto da sua real esposa.

— Vou — disse Affonso VI tristemente — Vou já.

Margarida levantou-se da mesa, e pegando na mão do seu amante, conduziu-o até á porta que dava para os quartos da rainha. Ahi, dando-lhe um beijo, fugiu ligeira, deixando-o só.

El-rei hesitou um instante; depois, abrindo lentamente a porta, entrou na antecamara de sua real esposa.

CAPITULO VIII.

A BRUXA ZAÍDA.

— De boa escapamos — exclamou, rindo, Luiz de Mendonça, quando se viu fóra da taverna do Salpicão.

— Safa! Que excellente conselho que nos deu o frade! — disse Francisco de Albuquerque — Olha que bulha que lá vai dentro! E ás escuras!

— Matam-se todos uns aos outros.

— Vamo-nos d'aqui; porque a taverneira tem boa voz, e os seus gritos podem ser ouvidos pela ronda.

— Não devemos ir agora para a banda do palacio — observou Luiz de Mendonça. — É d'esse lado que ha de vir a ronda, se vier; e não será bom que nos encontremos com ella.

— Onde estará o frade? Não sahiu comnosco?

— Provavelmente já a esta hora está ao pé do con-

:e bruxas! — murmurou o capitão Francisco de
:rque com algum terror — Ha de ser a casa da
aída, de que fallaram alli na taverna, e que frei
› me disse que morava aqui perto.
Pois vamos a casa da bruxa — disse tranquilla-
seu companheiro.
A esta hora! Aqui!... Credo! — clamou ben-
e o bom do capitão.
Não te benzas, Francisco, senão, o diabo foge,
amos sem conhecer o nosso futuro.
Não receias?...
Nada, nada receio. Ando ha muito com von-
consultar o diabo... E elle ha de responder-me
› com verdade ao que lhe eu perguntar, por-
em lá as suas razões para isso.
as palavras do Mendonça foram ditas com uma
a e funebre, que contrastava terrivelmente com
igeiro que elle tinha tomado n'esta conversação

rança de que a bruxa lhe fallaria na bella cavalleira, que elle pela manhan tinha encontrado na Junqueira, e que procurava esquecer em vão, levaram-no a declarar a Luiz de Mendonça, que estava disposto a acompanhal-o.

O sitio onde ficava a casinha d'onde sahia o clarão, que chamara a attenção de Luiz de Mendonça, era entre as quebradas de dois pequenos montes cortados quasi a prumo, e formando entre si um angulo agudo. A casa era toda de barro e palha, baixa, mal geitosa e apenas sostida pelo apoio que lhe davam as duas quebradas a que estava encostada: o clarão da fogueira, que ardia lá dentro, sahia, não só pelas fendas das portas, mas pelos buracos que o tempo tinha aberto nas paredes e no tecto.

Luiz de Mendonça caminhou para a porta baixa e estreita, e bateu duas pancadas com os copos da espada. Uma voz rouca e tremula perguntou de dentro:

— Quem é?

— Abra — respondeu Luiz de Mendonça.

— Mas quem procura, quem procura aqui a esta hora? — perguntou de novo a voz.

— Zaída. É a ti que procuramos, mulher. Abre.

Ouviram-se então arrastar no chão humido da casa os pés tropegos da velha, e depois abrirem-se lentamente os ferrolhos da porta. Os dois mancebos entraram, e a porta fechou-se immediatamente.

Ambos ficaram calados em quanto a velha atravessava outra vez a casa, e se ia assentar n'um banquinho

o pé do lume, que, produzindo insupportavel calor, rdia a um canto, e carregava de pesado e acre fumo a tmosphera.

Zaída era alta e magra; o rosto cortado de muitas ngas, similhava-se na pallidez e na immobilidade ao e um cadaver: os olhos cavos, vidrados e immoveis mo o resto da physionomia, pareciam, ao reflectir a m da fogueira, irisados como a madre-perola; os cabellos estavam inteiramente escondidos por um turante branco, que fazia singular contraste com a longa mica negra que lhe envolvia o corpo. Uma só coisa rilhava sobre este espectro vivo; era um annel, em ne estava engastado um diamante precioso, que scinillava como uma estrella.

Zaída, depois de se ter sentado, voltou-se para os ois mancebos, e perguntou-lhes com voz lenta e baixa:

— Que querem de mim, senhores, que querem?

Luiz de Mendonça não respondeu: um extraordinario sentimento de terror lhe tolhia a falla. Francisco e Albuquerque esperou alguns instantes que o seu ompanheiro fallasse, mas vendo-o silencioso, respondeu:

— Queremos saber o futuro. Desejamos conhecer que sorte nos espera, que destino nos está preparado?

— Não sou eu que lh'o posso dizer, meus senhores — respondeu a bruxa. — Sou uma pobre velha, que não sabe nada; que nem de si mesma sabe.

— Pódes estar descansada, Zaída — proseguiu o capitão — nós vimos consultar-te, porque sabemos... sa-

bemos tudo, e havemos de te guardar segredo. Fica socegada que t'o havemos de guardar.

— Mas enganaram-vos...

— Vamos; nada de desconfianças. Aqui tens — accrescentou Francisco d'Albuquerque offerecendo-lhe um pouco de dinheiro, que ella recebeu — isto é para sermos... para que haja confiança entre nós.

— Então que querem? — perguntou outra vez a velha, pondo-se de pé.

— Que nos digas o futuro — repetiu o capitão.

— É difficil, muito difficil — murmurou a bruxa accendendo uma candeia á fogueira, e encaminhando-se para o lado da casa que ficava encostado ao monte.

Ahi havia uma porta, quasi escondida na parede, que ella abriu cautelosamente: e, dizendo com um gesto aos dois fidalgos que a seguissem, entrou n'uma caverna, para onde dava a porta mysteriosa.

O logar para o qual Zaída conduziu os dois mancebos, era uma casa baixa e quasi circular, aberta na rocha, no meio da qual havia uma pedra redonda e negra, que parecia destinada a cruentos sacrificios. Nas paredes deseguaes e escabrosas estavam pendurados objectos informes, que vacillavam ao clarão amortecido da luz da candeia: do tecto humido, onde brilhavam algumas gotas de agua suspensas na ponta de pequenas stalactites, pendia uma enorme lampada de ferro. Dois gallos negros, e um gato raiado como o tigre, eram os habitantes d'este antro tenebroso.

A bruxa accendeu tres luzes na lampada de ferro; depois juntou algumas achas sobre a pedra redonda, e deitou-lhes fogo. A humidade fazia com que luzes e fogueira crepitassem ao accender-se, e lançassem uma luz incerta, ora viva, ora amortecida, que tornava ainda mais medonha aquella scena singular.

Logo que Zaída viu bem accesa a fogueira, voltou-se para os dois mancebos, e perguntou-lhes qual desejava consultal-a primeiro.

— Este — respondeu Francisco de Albuquerque, apontando para o seu companheiro.

Luiz de Mendonça não tinha dito uma só palavra desde que entrara na casa da bruxa; e, embuçando-se, escondera o rosto nas pregas da sua capa vermelha. A esta palavra de Francisco de Albuquerque respondeu elle apenas com um gesto.

— Dê-me a sua mão direita — disse Zaída.

Mendonça estendeu a mão por debaixo da capa, sem se desembuçar. Zaída pegando-lhe, poz-se a consideral-a attentamente, murmurando entre dentes palavras incomprehensiveis.

— É extraordinario! — exclamou ella ao cabo de alguns segundos — é incomprehensivel! Deixe-me ver a outra mão — proseguiu ella — quero observar... custa-me a comprehender... É singular! Ambas dizem o mesmo!

E largando a mão esquerda do mancebo, a bruxa foi buscar um copo de vidro cheio de agua, e pondo-o ao pé do lume, tirou do dedo o annel em que brilhava

o diamante maravilhoso, e offerecendo-o a Luiz de Mendonça:

— Aqui está este diamante — disse ella — lance-o na agua, para que nos responda.

Luiz de Mendonça estremeceu e recuou um passo quando Zaída approximou d'elle o mysterioso annel:

— Não — murmurou elle — não posso tocar n'esse annel: não posso.

— É indispensavel que faça o que eu lhe disser; senão, é impossivel que lhe responda, que saiba... o que nós desejamos saber — disse a bruxa rapidamente, e quasi colerica.

Luiz de Mendonça com visivel repugnancia que era inexplicavel para Francisco de Albuquerque. tomou o annel entre os dedos, e deixou-o cahir no fundo do copo.

Zaída murmurou novas palavras mysteriosas, e depois baixou lentamente a cabeça para observar o que se passava no fundo do copo.

— Ai! Que horror, que horror! — clamou ella, tapando os olhos com as mãos, e dando um grito suffocado, soltando um gemido de angustia.

— O que é? Que tens, mulher? — perguntou o moço capitão, a quem esta scena causava incrivel terror.

— Era minha filha, a minha pobre filha que alli estava. Vi-a morta... E foi este homem quem a matou. Olhai — proseguiu ella — vede, vinde ver o que eu vi.

Francisco de Albuquerque olhou para o fundo do opo, mas não viu nada. Luiz de Mendonça ficou imovel como uma estatua, sem fazer um gesto, sem dar m signal de vida.

— Este homem já assassinou — proseguiu Zaída. -Está escripto n'aquellas mãos. Assassinou uma muher; vi-o eu no fundo d'aquelle copo. Agora quero ıber o nome d'essa mulher desgraçada...

— Não foi para que nos contasses a historia da miha vida, que viemos aqui! — bradou n'uma explosão e raiva Luiz de Mendonça — Dize-nos o futuro; o futuro só.

O gesto com que acompanhou estas palavras desrendeu-lhe a capa do hombro esquerdo.

— Luiz de Mendonça! — bradou Zaída ao ver-lhe ı rosto pallido—Que fizeste de minha filha; que fizeste le Aza, Luiz de Mendonça?

— Tua filha trahiu-me; deixou-me por outro... Não sei, não te sei dizer onde está.

— Morta, está morta a minha rica filha!

A voz de Zaída tornara-se vibrante, forte, apaixonada.

— Está morta — proseguiu ella — encontrei-a mora na praia, tinham-a deitado ao mar. Aquelle annel que ha pouco lhe dei, senhor, trazia-o ella no dedo; e por isso tremeu quando lh'o mostrei, e por isso lhe não queria tocar. Foi elle que denunciou o assassino...

— Socega, mulher — disse Francisco d'Albuquerque approximando-se d'ella — tua filha morreu por al-

gum accidente; talvez se afundasse o barco em que ia, talvez...

— Vi-a alli morta! — proseguiu a bruxa apontando para o copo de agua — E vi-o a elle tambem, a elle que a matou.

— Eu amava tua filha! — interrompeu com um gemido Luiz de Mendonça — Esse amor queria-o mais do que a vida... e trahiu-me, Aza trahiu-me...

— Assassinastel-a!

— Não me falles no passado, mulher, que me matas. A vista d'este annel, que eu mesmo lhe dei, mata-me de dôr.

Houve depois d'estas palavras um longo silencio, durante o qual o rosto de Zaída serenou um pouco. A velha bruxa, mais tremula do que d'antes, mas sem dar nenhum signal de dôr, voltou-se para Luiz de Mendonça.

— Quer saber o futuro? — disse ella — Pois bem! vejamos o que dizem as dormideiras. O futuro ha de ser similhante ao passado.

— Não quero saber mais nada, Zaída: não me tornes a fallar, mulher!

Zaída, sem responder, pegou de tres cabeças de papoilas, e repetindo palavras inarticuladas, lançou-as na fogueira que ardia sobre a pedra redonda. As papoilas queimaram-se rapidamente, produzindo um fumo branco e ligeiro, que subiu ao ar em fórma de coroa. A coroa de fumo foi subindo e alargando-se cada vez mais. Zaída seguia-a com os olhos, e rugia de raiva.

Porém quando ia quasi a chegar ao tecto, a coroa quebrou-se, o fumo formou um rolo revolto e informe, e baixou rapidamente, impellido talvez pelo ar que entrava por alguma das fendas da abobada.

A bruxa deu um grito de selvagem alegria ao ver partir-se a coroa, e bradou:

— Quizeste amar uma rainha; mas a coroa quebrou-se, e as tuas esperanças mallograram-se. Luiz de Mendonça, os tormentos de um novo amor hão de vingar-me da morte de minha filha!

Luiz de Mendonça não respondeu uma unica palavra a esta exclamação de Zaída; mas a sua pallidez tornou-se um instante cadaverica, e os labios arroixados tremeram-lhe n'uma convulsão. O coração d'este homem, que devia ter morrido para o amor, palpitara n'aquelle dia mais rapidamente ao ver passar a nova rainha no seu coche doirado.

Zaída voltou-se então para Francisco d'Albuquerque, perguntando-lhe se tambem queria conhecer a sua sorte. E como este lhe respondesse que sim, tremendo, a bruxa observou-lhe attentamente as linhas da mão.

— As tuas mãos estão puras — disse ella — mas ha ahi uma linha fatal, cuja significação não posso comprehender. É talvez um signal de morte; talvez seja apenas o presagio de grandes desventuras.

— És sempre sinistra, Zaída. Não sabes vaticinar senão desgraças! — exclamou o moço capitão.

— Vieste a esta casa com o assassino de minha filha.

— Cala-te! — rugiu Mendonça levando a mão ao punhal.

A bruxa pegou n'uma varinha branca, e traçou com ella um circulo, que dividiu em muitas partes, em cada uma das quaes escreveu uma lettra. Depois lançou sobre cada lettra um grão de milho negro, e pondo no centro do circulo um dos gallos que estavam empoleirados ao canto da casa, começou a dizer as seguintes palavras:

— Gallo negro, gallo negro; negro da côr da noite! Vai, gallo maldito, que o diabo beijou na crista; lê o nome da amante d'este homem, gallo negro, e dize-lhe a sua fortuna.

O gallo comeu o bago de milho que estava sobre a lettra M, depois o da lettra A, e successivamente o das outras lettras até completar o nome de Margarida. O gallo, depois de ter comido os nove grãos de milho, cantou duas vezes com uma voz rouca e aspera.

Francisco d'Albuquerque ficou passado de terror ao ver descoberto por este modo um pensamento que ainda estava tão escondido, e, para assim dizer, tão informe no fundo da sua alma, que nem elle mesmo o tinha adivinhado. A imagem graciosa da Calcanhares passou-lhe diante dos olhos, e apagou-lhe totalmente da memoria por um instante a lembrança dos seus amores com Thereza, a candida menina com quem elle se havia criado.

— Os seus amores hão de ser desgraçados — disse

Zaída. — O gallo cantou duas vezes apenas; e a sua voz foi terrivel.

— Mas eu não conheço, não amo... Margarida — murmurou Francisco d'Albuquerque.

Uma pancada na porta exterior veio interromper esta phrase balbuciada a custo por Francisco d'Albuquerque.

Zaída, depois de recommendar aos dois fidalgos que não sahissem da mysteriosa caverna, deixou-os para ir ver quem batia.

Poucos instantes depois ouviram elles uma voz melodiosa e pura de mulher, que fallava com a velha bruxa.

— Venho aqui para que me ensines algum encanto, alguma reza com que me faça amar — dizia ella. — Dar-te-hei o que me pedires...

— Uma menina tão linda não precisa senão de si para ser amada por quantos a vêem — respondia Zaída.

— Vi hoje pela primeira vez, Zaída, um fidalgo moço e gentil, como não ha outro em toda a côrte... fiquei morta de amores por elle! — exclamava com exaltação a mulher, cuja voz commovia profundamente o coração de Francisco d'Albuquerque — Tu bem sabes que uma mulher como eu não deve amar sem ser correspondida.

— Ha de sêl-o; ha de ser adorada por esse homem. Mas cautela! — proseguiu a bruxa abaixando a voz — Que o não saiba ninguem, senão... ambos ficariam perdidos...

As ultimas palavras d'esta phrase não as podera os dois amigos perceber.

— Fica socegada. Tu és incapaz de me trahir; eu não digo a mais ninguem...

A voz murmurou aqui algumas palavras inintel giveis.

— Tudo se ha de fazer como deseja — conclu Zaída depois de fallar algum tempo em voz baixa. Mas é preciso que saiam primeiro dois fidalgos que n vieram consultar, e que estão alli dentro. Em quan elles cá estiverem não é possivel, não se póde fazer encantamento.

— E não me disseste...

— Não tem duvida.

Zaída entrou então na caverna onde estavam os do moços fidalgos para lhes pedir que sahissem de s

reprimiram a custo um grito que lhes ia a escapar dos labios.

Francisco de Albuquerque reconhecera n'aquelle olhar a formosa dama da Junqueira; a graciosa, mas terrivel Calcanhares. Esta sentira que passava proximo d'ella o *gentil fidalgo* por quem tanto desejava ser amada.

CAPITULO IX.

QUESTÕES POLITICAS.

Oito dias depois do casamento d'el-rei, o conde de Castello-Melhor, e alguns fidalgos portuguezes e francezes, esperavam n'uma sala do palacio d'Alcantara, que se abrisse a porta dos quartos da rainha, para lhe irem beijar a mão.

Todos os cortezãos estavam cobertos de preciosas galas: mas eram sobre todos brilhantes os vestidos do favorito, enriquecidos de uma abotoadura magnifica de pedras preciosas, e adornados de relevada bordadura de oiro.

O conde fallava com um francez ainda moço que, pelo trajo elegante, mas todo negro, mostrava ser ecclesiastico, e todos o escutavam attentos; uns com benevola sympathia, outros escondendo n'um sorriso de côrte o seu profundo odio ao orgulhoso valído.

— Senhor abbade — dizia o conde — o negocio de que vossa senhoria se acha encarregado, está agora mais adiantado do que nunca. A chegada da rainha, nossa senhora, tem diminuido muito a repugnancia que uma parte dos fidalgos e da nação mostrava para a alliança franceza. O conselho d'estado hoje mostra-se, quasi todo, inclinado a acceitar a liga proposta por sua magestade christianissima. E póde ser que, se as condições apresentadas por vossa senhoria forem convenientemente modificadas, cheguemos emfim a um feliz accordo.

— A utilidade que Portugal póde tirar d'esta liga é immensa — respondeu o francez, que era o abbade de S. Romão, encarregado por Luiz XIV de impedir, com promessas e propostas artificiosas, a paz que os enviados diplomaticos inglezes tractavam de estabelecer entre nós e os hespanhoes. — A paz entre a França e a Inglaterra é de esperar que se faça em breve. N'este caso, a França obriga-se a romper as hostilidades contra Castella, e Portugal fica alliviado do pêso dos exercitos hespanhoes. Até então sua magestade christianissima, obrigando-se a dar annualmente trezentos mil cruzados e a sustentar aqui um corpo estrangeiro, contribue de um modo valioso para estabelecer a independencia d'esta nação sobre seguras bases.

— Não é justo — atalhou o conde — não é justo que el-rei, meu senhor, se comprometta n'um tractado que é desegual, e de grande risco para os seus reinos. Por um tão pequeno auxilio como esse, que vossa se-

nhoria nos offerece em nome do seu soberano, não deve Portugal empenhar-se em sustentar uma guerra perigosa, que lhe consome as forças e deixa totalmente exhaurido o thesouro publico. A guerra que infelizmente rebentou entre as duas nações, que nos protegiam, deu animo aos nossos inimigos; os quaes, receosos do grande poder da França, nos tinham já mandado propostas de paz. Esta guerra não podemos nós avaliar quando terá fim...

— A alta influencia de sua excellencia o senhor marquez de Sande — interrompeu o abbade, mostrando com um gesto o celebre diplomatico portuguez que estava presente — ha de talvez trazer a um accordo os dois monarchas de Inglaterra e de França.

— Póde ser que sim — proseguiu o valído — mas tambem póde ser que se não alcance esse feliz resultado. A meu ver, e é essa tambem a opinião d'el-rei, meu senhor, não devemos fazer uma liga com a França, senão quando definitivamente se fixar o prazo em que sua magestade el-rei Luiz XIV ha de declarar a guerra á Hespanha.

— O interesse de sua magestade — atalhou o marechal Schomberg, que tinha grande empenho em que a guerra continuasse, porque era o general das forças estrangeiras que serviam em Portugal — o interesse de el-rei Luiz XIV é começar o mais cedo possivel a guerra com Hespanha, para fazer por este modo valer os seus direitos á Flandres e ao Franco-Condado...

— Tem razão, senhor marechal — respondeu An-

onio de Souza de Macedo, secretario d'estado, homem ntractavel e violento, que não podia soffrer os estrangeiros. — Mas Portugal não póde sustentar um exercito de estrangeiros, e supportar por mais tempo os esragos de uma similhante guerra, só para servir os ineresses e concorrer para o engrandecimento da França!

— A França obriga-se a não fazer nem paz nem reguas, sem que el-rei de Portugal n'ellas seja comrehendido; já se vê d'aqui a grande vantagem que da iga póde colher este reino, mesmo para contractar a az com Hespanha.

— Se sua magestade christianissima — disse o seretario de estado, comprimindo a custo a cólera que rincipiava a irrital-o — quizesse contribuir efficazsente para o bem d'esta nação, sua alliada sincera, ão mandaria, como mandou, fazer ao gabinete hespahol propostas de alliança, e até de liga contra Inglaerra e Portugal. Esta duplicidade...

— Póde ser que essas informações sejam inexactas — interrompeu o marquez de Sande, que procurava empre conciliar todas as opiniões; e buscava attrahir s sympathias dos homens politicos para a alliança franeza. — Nem sempre se podem em politica compréender os fins pelos meios. Muitas vezes, é só para render a attenção de um gabinete, que se lhe fazem ropostas e promessas mais ou menos vantajosas; não e póde conseguintemente d'ahi deduzir o pensamento olitico e as intenções de quem faz taes promessas.

— A lealdade...

— Em politica a lealdade está no fim e não nos meios — disse sorrindo o marquez de Sande.

— O casamento de sua magestade com a senhora D. Maria Francisca Isabel de Saboya — interrompeu o abbade de S. Romão — estreitou por tal fórma os laços de amizade que havia muito prendiam el-rei de França ao de Portugal, que se não póde duvidar um instante da sinceridade das suas intenções. Nem eu — proseguiu o abbade fazendo um gesto altivo — consentiria que se duvidasse d'el-rei, meu senhor.

— Ninguem ousa duvidar — disse o Castello-Melhor — d'el-rei Luiz XIV. Todos sabemos, que é obrigação nossa respeitar a sua magestade. É só dos interesses de Portugal, que eu, como ministro d'el-rei, meu amo, tenho cuidado agora aqui, e hei de cuidar sempre em toda a parte. Esta questão da liga, é muito séria, muito importante, para que se possa tomar uma resolução sobre ella, antes de ter ponderado todas as circumstancias que se apresentam em pró e contra ella. A situação de Hespanha é tal, que nos dá esperança de alcançarmos a paz, com as condições que exige a nossa dignidade, logo que termine a guerra entre Inglaterra e França. A divisão que lavra entre os ministros hespanhoes; a lucta travada entre a rainha regente e D. João d'Austria; as victorias com que Deus, pela sua infinita misericordia, nos tem sempre favorecido; a grandeza do nosso exercito, que sobe n'este anno a quasi vinte e quatro mil homens, tudo póde contribuir para que os hespanhoes nos offereçam um

dia a paz, reconhecendo o senhor D. Affonso VI como legitimo rei de Portugal. A prudencia aconselha-nos, pois, que esperemos, para termos a liberdade de acceitar a paz logo que ella nos seja proposta.

— Não é para a paz que os hespanhoes parecem actualmente inclinados — observou o abbade de S. Romão. — O ataque que elles ultimamente effectuaram contra as Berlengas, e os esforços que fizeram para surprender a esquadra do Marquez de Ruvigni que acompanhava sua magestade a rainha, provam o desejo que elles tem de hostilisar Portugal, e a esperança que ainda conservam de outra vez se apossarem d'elle.

— El-rei meu amo — respondeu o conde — sabe avaliar a importancia do serviço que lhe prestou o senhor duque de Beaufort, afugentando a esquadra hespanhola que intentava senhorear-se da pessoa de sua magestade. Mas permitta-me vossa senhoria que eu lhe faça notar, que nada ha de commum entre esse feliz acontecimento e a questão de que presentemente nos occupamos.

— Referi-me a esse successo, porque o considero como uma prova evidente do muito que todos nos interessamos, os vassallos de sua magestade christianissima, na prosperidade das coisas de Portugal. Torno a repetir a vossa excellencia — proseguiu o enviado francez — que a paz entre a minha nação e a ingleza não póde deixar de se fazer com brevidade. Devemos esperar muito dos bons serviços do senhor marquez de Sande, que tão considerado e attendido é pelos monar-

chas de ambas as nações. Apenas a concordia se houver estabelecido, el-rei, meu senhor, dará principio á nova guerra contra Hespanha; e não só mandará exercitos para a Catalunha e para a Italia, mas enviará tambem logo um corpo de tropas para a Galliza...

— É n'esse ponto, em que vossa senhoria por mais de uma vez me tem fallado — interrompeu o Castello-Melhor — que nós não poderemos nunca concordar, ainda que cheguemos a estabelecer de um modo satisfactorio para ambas as nações as outras bases do tractado. A Galliza deve ser um logar onde se empreguem as armas portuguezas; e só o nosso exercito alli ha de entrar, em quanto nos não fôr mister pedir auxilio immediato a sua magestade christianissima. Os passos que as armas d'el-rei de Portugal tem dado em Galliza, o pé em que n'ella se acham já, e a facilidade que

em que estavam assentados a rainha e o rei, cobria-a um magnifico docel bordado.

Os fidalgos foram beijar a mão a suas magestades. Quando o valído ajoelhou aos pés da rainha, esta estendeu-lhe graciosamente a mão, e disse-lhe com um sorriso:

— Ainda não está resolvida a questão da liga, conde?

— Não, real senhora. O conselho não resolveu ainda se convinha ou não acceitar as condições propostas pelo senhor abbade de S. Romão.

— Tudo depende da vossa vontade só, conde — interrompeu a rainha. — Eu sei já o muito que podeis; espero que me haveis de fazer quanto vos tenho pedido.

— Saiba vossa magestade — respondeu o conde levantando-se — que eu não tenho poder, nem sou digno de o ter. Os desejos de vossa magestade são comtudo preceitos a que eu não posso deixar de obedecer sempre que fôr possivel.

— Desejava, já vol-o disse, conde, desejava muito que meu tio, o bispo duque de Laon, levasse para França a noticia de estar já assignado o tractado de liga.

— Sem o conselho dar a esse respeito o seu voto, real senhora, não é possivel assignar-se o tractado.

— Porque me não dais então immediatamente o logar que me pertence no conselho? — perguntou a rainha com impaciencia.

— É necessario ordem de el-rei para eu...

A rainha voltou-se immediatamente para D. Affonso VI, e tocando-lhe no braço com o leque, disse-lhe em francez, que o seu secretario Verjus, que estava por detraz do estrado, traduziu logo:

— O conde diz que é necessaria uma ordem de vossa magestade para eu entrar no conselho. Espero que vossa magestade se não esquecerá de que é um direito das rainhas de Portugal o tomarem parte nos conselhos de estado.

El-rei, ao ouvir estas palavras da rainha, ficou perplexo e inquieto; olhou duas vezes para o conde, e respondeu:

— Depois, mais tarde fallaremos n'isso.

— Hei de esperar muito ainda? — perguntou a rainha em hespanhol.

— Sua magestade ha de resolver este negocio com a possivel brevidade — atalhou o conde.

— Convencei-o, conde; usai do vosso valimento em meu favor — disse a rainha, encobrindo mal com um sorriso a cólera que a agitava.

— Quem póde mais do que vossa magestade sobre o espirito de el-rei! — exclamou o conde, lançando-lhe um olhar apaixonado.

O conde tinha pouco mais de trinta annos, e podia dizer-se que era um bello e elegante cavalheiro, mas, apesar d'isso, o seu olhar ardente esfriou, e quebrou-se no rosto altivo da nova rainha.

— Ha, começo a desconfiar que ha alguem que me

quer privar de toda a influencia sobre a vontade e o coração de meu marido! — murmurou a rainha, voltando orgulhosamente a cabeça.

Estas palavras fizeram profunda impressão no valído. O conde de Castello-Melhor receava muito que a rainha se unisse ao partido que lhe era contrario; e esse receio fazia com que elle hesitasse entre o desejo de lhe agradar, dando-lhe o logar que ella desejava no conselho de estado, e o medo de lhe entregar nas mãos armas politicas, de que mais tarde ella se podesse servir para o hostilisar.

A influencia franceza em Portugal, que era muito grande desde a acclamação de D. João IV, tornara-se maior com a chegada da rainha. O valído receava não poder resistir ao partido do infante, se um dia se apoiasse n'esta influencia; e por essa razão procurava attrahir a si as sympathias da côrte de França, sem comtudo querer perder o apoio inglez. A situação pois do conde, n'estas circumstancias, era por extremo melindrosa; e tornava-a ainda menos segura a impossibilidade que havia em ter el-rei relações de intima e estreita amizade com sua real esposa.

O conde teria de certo acceitado as propostas de liga offerecidas pelo enviado francez, se não fosse o receio que tinha de attrahir sobre si o odio popular. A nação toda, cansada da guerra, mal podia supportar a ideia de que tão grande calamidade pesasse mais tempo sobre ella. Alguns fidalgos, os governadores e cabos de guerra costumados a mandar despoticamente e a vi-

ver do roubo e da licença, e um pequeno numero de individuos, cujo amor das patrias glorias se tornara fanatismo, eram só quem desejava a prolongação da guerra. O povo que pagava, que padecia simultaneamente as vinganças e crueldades do inimigo, e as oppressões e tyrannia dos naturaes e estrangeiros que pelejavam em nome da sua independencia, o povo, para quem a guerra era um tremendo flagello, só pedia, só desejava a paz.

Fazendo rapidas reflexões sobre todas estas circumstancias, o conde de Castello-Melhor julgou prudente não proseguir a sua conversação com a rainha, e afastou-se da tarima para dar logar aos outros fidalgos.

Poucos instantes depois chegou o infante, que vinha para cumprimentar suas magestades e acompanhal-os aos toiros que n'aquelle dia se haviam de correr no Terreiro do Paço. A entrada de sua alteza produziu uma breve agitação na sala, que foi seguida do mais profundo silencio. D. Pedro, nos oito dias que tinham decorrido desde a chegada da rainha, só duas vezes fôra a Alcantara, e n'essas duas occasiões não se encontrara com el-rei. A scena violenta, que tivera logar entre os dois irmãos, já era sabida por toda a côrte, e todos tremiam que ella se renovasse em publico e diante da rainha.

Quando sua alteza atravessou a passos lentos a sala, recebendo as respeitosas genuflexões dos cortezãos, Affonso VI voltou-se para elle, e disse-lhe com voz aspera e severa:

— Pois ainda não te foste?

O infante, que já estava ao pé da rainha quando estas palavras sahiram a custo da boca de seu irmão, curvou ligeiramente o joelho, pegou na mão da graciosa franceza, e beijou-a com respeito.

El-rei, impaciente, repetiu a pergunta. Então sua alteza, que já tinha, segundo os principios de prudencia que lhe ensinara o seu mentor D. Rodrigo de Menezes, vencido a natural cólera que lhe agitava a alma, respondeu tranquillamente:

— Já tive a honra de dizer a vossa magestade que esperava pelo dia da entrada solemne da rainha, minha senhora, em Lisboa. Só depois de ter, como é dever meu, acompanhado a vossa magestade n'esse dia, é que eu conto aproveitar-me da licença que me deu para sahir da côrte.

A rainha, que não fallava ainda, mas entendia já o portuguez, querendo cortar a tempo esta perigosa discussão, voltou-se para seu real esposo, dizendo:

— São horas de partirmos. Estou com grande curiosidade de ver uma corrida de toiros: é espectaculo novo para mim.

— Pois vamos — respondeu el-rei, pondo-se de pé.

— Esperavamos por vossa alteza — disse a rainha ao infante, acompanhando estas palavras com um gracioso sorriso. E apoiando a mão no braço de sua alteza, levantou-se da cadeira em que estava assentada, e desceu os degraus da tarima.

D. Pedro ficou por tal fórma arrebatado ao ouvir

aquellas simples palavras, e ao sentir a mão da bella rainha tocar-lhe ligeiramente o braço, que não teve forças para responder uma só palavra. Um pallido e incerto sorriso lhe vagueou nos labios, subiu-lhe ás faces um subito rubor, e apenas murmurou alguns sons inarticulados, que em nenhuma lingua teriam significação, a não ser na lingua mysteriosa dos namorados.

CAPITULO X.

TOIROS REAES.

Era no Terreiro do Paço que, segundo o costume, estava armada a praça para se correrem toiros. Esta praça, que occupava apenas um terço do Terreiro, era de dois lados formada pelo palacio real, e dos outros dois lados por palanques de madeira, pintados de encarnado e oiro, e ornados de cortinas de damasco.

Em roda da praça corria uma trincheira pouco mais alta do que um homem; e no meio um grosso mastro sustentava uma varanda, com grades doiradas, onde estavam os musicos; este mastro era na parte superior ornado por um immenso estandarte de seda, em que se viam, de um lado bordadas as quinas reaes, e do outro a imagem de Nossa Senhora. Na parte inferior, uma estacada circular servia para livrar dos toiros os soldados que faziam a guarda da praça.

Da janella central do paço sahia uma grande tribuna de madeira, que fechavam amplas cortinas carmezim com franjas de oiro. Era a tribuna real.

Desde pela manhan que a praça se tinha enchido de povo. Trincheiras e camarotes estavam apinhados de homens e damas cobertas de galas brilhantes. A alegria manifestava-se no rosto de todos; as gargalhadas e os gritos, confundindo-se uns nos outros, formavam um immenso sussurro, que se assimilhava ao rugir do vento por entre a rama de cerrado pinhal.

Era quasi uma hora da tarde, e só se esperava pela chegada de suas magestades para dar principio á desejada festa.

N'um dos cantos da praça. encostados á trincheira, alguns homens do povo manifestavam a sua impaciencia com gritos e discordes clamores.

— Nada de imprudencias, Manuel — atalhou o sapateiro, fallando-lhe ao ouvido. — Lembra-te que... que és christão novo...

— Cale-se!

— El-rei não tarda. O senhor D. João IV...

— O senhor D. João IV nunca fazia esperar o povo — disse frei Antonio. — Muitas vezes o vi chegar á tribuna antes do meio dia.

— Aquillo é que era um rei! — exclamou um velho — E que tempo aquelle! Todas as semanas havia toiros; e el-rei não faltava nunca.

— Os toiros hoje hão de ser bons. São das manadas de Azeitão — disse um dos interlocutores.

— El-rei bem sabe por experiencia que os toiros de Azeitão são bravos — observou Diogo Cutilada, que rompendo por entre a multidão que se apinhava na praça, deitava n'este momento a mão á trincheira para subir. — Ajude-me a subir, frei Antonio. Dê-me cá a mão para eu subir para ahi.

— Ah! é vossa mercê, camarada! — exclamou o frade estendendo a mão ao Diogo, e puxando-o vigorosamente para cima — Onde está seu amo? O capitão não veio aos toiros?

— Ora obrigado, senhor frei Antonio — disse o soldado sentando-se na borda da trincheira. — Estou aqui melhor que n'um camarote.

— Mas seu amo...

— Meu amo? Ah! Alli está elle com o seu amigo, o senhor Mendonça...

— Estão quasi por baixo da tribuna. Apanharam um bom logar. Vamos a ver se olham para cá.

— Lá olham! — observou o soldado — Não nos viram.

— Adeus! — murmurou frei Antonio, acenando com o lenço a Francisco d'Albuquerque — Adeus! Lá olhou! Adeus!

Francisco d'Albuquerque, depois de dizer adeus ao frade, voltou de novo a cabeça para olhar para uma janella do paço, situada á esquerda da tribuna. Frei Antonio da Redempção seguiu com os olhos o movimento da cabeça do seu novo amigo, e viu na janella, que ficava por cima da que era destinada para as damas da rainha, a Calcanhares que se debruçava e olhava sorrindo para o gentil provinciano.

Outro homem, de pé n'um camarote situado do la-

udindo-os graciosamente; abriu e fechou com rapidez leque rendado; inclinou a cabeça sobre o hombro esuerdo com a natural facilidade e requebro com que as ıulheres bellas fazem este movimento encantador, que ó se póde comparar ás ondulações do colo do cysne; e epois poz-se a observar com distracção os objectos ue a cercavam. Quando viu porém Henrique Henriues só n'um camarote, e notou o olhar sinistro com ue a observava, a pobre mulher estremeceu involunıriamente, e desviou d'elle os olhos com invencivel orror.

— A Calcanhares alli na janella do Paço! — exclaıou frei Antonio da Redempção, voltando-se para os ue o cercavam.

— É incrivel que ella ouse affrontar d'este modo a ainha! — bradou um.

— Então el-rei ainda a não deixou? — perguntou utro.

— Parece que não!

— Sempre é verdade que ella enfeitiçou sua maestade!

— A excommungada tem parte com o diabo.

— Fóra a Calcanhares! — vociferou um dos que stavam na praça, e que ouvira esta conversação.

— Fóra a Calcanhares! — responderam muitas voes.

A desordem ia rapidamente crescendo e tomando orça. Já o povo, de pé nas trincheiras, gritava, rugia, tumultuava; a multidão da praça começava a in-

vadir os palanques; muitas mãos se agitavam com furor em roda de frei Antonio da Redempção, e ameaças terriveis, acompanhadas de tremendas pragas, sahiam de muitas bocas; emfim tudo denotava proximidade de uma tempestade popular, quando uma simples coisa poz termo a todo o tumulto e serenou todos os espiritos. — O mordomo-mór veio abrir as cortinas da tribuna real; e a curiosidade fez n'um instante desapparecer a cólera.

Poucos momentos depois entrou na tribuna a familia real; e appareceram nas janellas os fidalgos e as damas da côrte, os tribunaes e o senado. As charamelas e trombetas tocaram uma marcha de guerra, e um immenso grito de acclamação se alevantou de todo o amphitheatro. Suas magestades saudaram o povo, e sentaram-se depois em cadeiras de velludo carmezim, col-

em duas alas, marchavam soldados, armados uns de mosquetes e outros de piques.

Os cavallos do capitão e do tenente traziam magnificos jaezes doirados, sellas bordadas, listões de seda e prata nas crinas. Guiando-os com singular destreza, fizeram os dois cavalleiros as costumadas cortezias, primeiro ás pessoas reaes, depois ás damas que estavam nas janellas do paço e nos camarotes. Feitas as cortezias, sahiram da praça, levando adiante de si o povo que n'ella se tinha apinhado.

Doze carros representando monstros marinhos coroados de algas e nadando em duras ondas de pau, puxados por mulas cobertas de seda verde mar, entraram na praça. Os monstros marinhos deitavam pela boca e narizes agua com que regavam a praça. A estes seguia-se outro carro, em que vinha o deus Neptuno, toscamente talhado, mas coberto de telas das mais vivas côres, e armado do indispensavel tridente. O deus do mar estava de pé sobre uma concha, cercado da sua côrte de tritões e sereias, cujos encantos eram realçados por uma espessa camada de vermelhão. As rodas d'este carro representavam conchas, e o cocheiro, escondido n'uma gruta, era um satyro com longas barbas vermelhas e pés de cabra.

Os carros percorreram a praça em todos os sentidos, causando grande pasmo ao povo, que sobretudo admirava a magestade do grande deus Neptuno, e as visagens e desgraciosas contorsões que faziam as sereias da sua real côrte. Regada que foi a praça, sahiu

Neptuno, seguido de todos os seus vassallos, e as charamelas annunciaram a entrada dos toireadores.

Primeiro entraram sete homens de forcado, com largas e compridas casacas vermelhas. Seguiram-se doze toireiros de pé, vestidos de primavera verde-de-prata, com polainas e monteiras da mesma tela, e trazendo no braço capas de cochonilha com quatro bandas de tela de jasmins e franjas de prata. Após estes entrou na praça o cavalleiro.

N'aquelle dia toireava D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, a quem chamavam *el caballero de la bella imagen*, pela sua grande belleza e galhardia. D. Luiz de Menezes vinha, segundo o costume, vestido de filéle preto com forro de tela doirada; o chapeo ardia em diamantes; os borzeguins prendiam-se em rosas brancas de prata, e as joelheiras eram de velludo alcachofrado. Os acicates reluzentes tinham passadores esmaltados: e os estribos de bronze torciam-se em preciosos lavores. O cavallo em que vinha D. Luiz de Menezes trazia ferraduras de prata; o freio e os ornatos da sella eram de oiro fino. Por tal modo as crinas, os peitos e a cabeça do animal estavam carregados de rosas e laços de fita, que mais parecia vir o conde sobre um monte de flores, do que montado n'um brioso corsel.

O elegante cavalleiro era seguido por cincoenta lacaios de casacas de velludo vermelho bordadas de prata, chapeos de plumas, meias de seda e espadins doirados; de cincoenta turcos com vestias de tela branca de jasmins guarnecidas de oiro, alfanges doirados, e turban-

tes ornados de martinetes; e de cincoenta negros cobertos de sedas de varias e vivas côres, barretes de pennas, laços de listões brancos e carmezins nos braços e nos joelhos, arrecadas de prata nas orelhas, e aljavas prateadas.

O conde atravessou rapidamente a praça e parou diante da tribuna real: depois, tirando o chapeo, saudou suas magestades, fazendo recuar o cavallo com singular gentileza. A esta seguiram-se muitas outras evoluções, que excitaram a admiração dos espectadores, e os fizeram romper em freneticos applausos.

Terminadas as cortezias D. Luiz sahiu, para voltar logo depois montado n'outro cavallo mais ligeiro e proprio para o combate dos toiros. Apenas o cavalleiro chegou ao meio da praça, armado de rojão, os moços do toiril abriram as portas ao primeiro toiro. O animal, cego de raiva, correu a praça perseguindo os toireiros e os homens de forcado, mas, vendo-os subir para a trincheira, estacou olhando em roda para o amphitheatro, e lançou um rugido de furor.

Foi então que viu pela primeira vez o cavalleiro, que corria em roda d'elle, apertando cada vez mais os circulos em que o envolvia: abaixando a cabeça robusta, o toiro investiu com o cavallo do conde da Ericeira, e este, firmando-se nos estribos e furtando á pancada o corpo do corsel, embebeu rapidamente o ferro do rojão no pescoço do animal, quebrando-lhe ao mesmo tempo a haste flexivel. O animal lançou de novo outro rugido mais feroz do que o primeiro, e um

brado de immensa alegria sahiu das trinta mil bocas dos espectadores.

A esta seguiram-se muitas outras sortes egualmente felizes, e que todas foram acompanhadas de freneticos applausos. O toiro, tremulo de raiva e faiscando lume pelos olhos, ora escarvava o chão, ora corria cego sobre o cavalleiro. e este fugindo-lhe á pancada, alcançava, a cada sorte, nova victoria.

Em poucos minutos o boi, crivado de rojões, baqueava quasi sem vida na areia tinta de sangue.

A este seguiram-se outros bois, que foram corridos pelos toireiros de pé, os quaes ora os cançavam com as capas, ora os feriam com as garrochas.

A rainha assustada e commovida, mas dominada pela fascinação, que a vista do perigo exerce sobre o espirito quando pela primeira vez se presenceia uma lucta, em que o homem põe a cada instante a vida em risco, não perdia um só movimento dos combatentes. Com a boca semi-aberta, os olhos dilatados, a respiração rapida e febril, ella ora lançava um grito de afflicção, ora sorria ligeiramente, ora desbruçava o corpo da tribuna para ver melhor, ora recuava na cadeira e levava as mãos ao rosto para não ver tanto.

N'esta excitação nervosa os seus olhos mais d'uma vez se encontraram com os do infante, e mais de uma vez tambem a mão, que se estendia para procurar uma outra mão a quem communicasse as suas vibrações, cahiu sem força ao encontrar a mão de Affonso VI.

Tinham-se picado já cinco ou seis toiros, sem que

incidente algum desastroso perturbasse a alegria da festa, quando um episodio singular e inesperado veio pôr, um instante, em commoção todo o amphitheatro.

Abrira-se a porta do toiril; um toiro de extraordinaria grandeza e espantosa agilidade, armado de pontas curtas, mas agudas como punhaes, correra á praça. Sacudindo convulsivamente a cabeça, pequena em relação á robustez do musculoso pescoço, fazendo saltar em roda de si a terra que escarvara com impaciencia; o boi, parando um instante, olhara para todos os lados; depois, n'uma nova carreira, varrera da praça toireiros e homens de forcado.

D. Luiz de Menezes, cravando os aciceates no ligeiro cavallo, correu então com o rojão em punho para o toiro vencedor: mas este, abaixando a cabeça, precipitou-se sobre elle com tal furia e velocidade, que o conde, não podendo evitar a pancada, lhe cravou o rojão quando já o cavallo mortalmente ferido vergava com o peso do cavalleiro.

Um brado de angustia rompeu de todos os lados, quando o cavallo cahiu e o cavalleiro rolou na arena. Todos se pozeram de pé como para salvar o conde da Ericeira do perigo que o ameaçava, e muitos toireadores saltaram á praça, desenrolando as capas para chamar a attenção do boi. O cavalleiro, ajudado por alguns criados, pôde soltar a perna do estribo em que tinha ficado prêsa; e, enrolando no braço esquerdo uma capa, e tirando com a mão direita a espada que lhe

pendia ao lado de um telim bordado, preparou-se para se desaffrontar do desar que havia recebido.

O toiro, excitado pela capa, vôa cego de raiva a atacar D. Luiz de Menezes; mas este, furtando o corpo á pancada, deixa-o passar ao lado, e torna de novo a chamal-o á capa. Por muitas vezes se repetiu o ataque, e sempre a destreza do conde soube evitar o perigo. O toiro, já arfando de cansado, corre cada vez com maior raiva para o seu inimigo, sem nunca o encontrar na carreira.

Ao cabo de alguns minutos, D. Luiz de Menezes vendo a fera, já perdidas as forças, correr para elle menos veloz e vergando com o proprio pêso, esperou-o a pé firme no meio do circo. O toiro baixou a fronte para o ferir com as terriveis armas, e o dextro cavalleiro, aproveitando-se d'este movimento, enterrou-lhe a espada no pescoço. O animal deu um rugido de dor e de raiva, que fez estremecer de terror quantos o ouviram; dobrou um instante os joelhos, depois, erguendo-se de novo, proseguiu na desvairada carreira.

De quantos assistiam a esta scena barbara, ninguem tinha n'ella tomado mais interesse do que a nova rainha. O seu corpo convulso vibrava a cada golpe, estremecia a cada impeto da fera; e por mais de uma vez um ai mal comprimido veio romper o silencio profundo do amphitheatro. Quando a rainha viu o conde da Ericeira esperar o toiro a peito descoberto, um brado mais agudo lhe sahiu dos labios, e pondo-se quasi de pé, debruçou-se da tribuna, estendendo involuntaria-

mente as mãos como se quizesse parar com este gesto a carreira da fera.

Uma unica pessoa tinha assistido indifferente a esta lucta perigosa entre a destreza do homem e a força indomada do toiro. Os olhos de Luiz de Mendonça quasi que se não tinham despregado da tribuna real desde a chegada da rainha: parecia que occulto poder se lhe assenhoreara dos sentidos, e o subjugara por irresistivel fascinação.

A rainha, ao debruçar-se, soltou das mãos o lenço, que levado pelo vento foi cahir na praça a pouca distancia do logar do combate. Luiz de Mendonça viu-o voar, e seguiu-o com os olhos; apenas elle tinha tocado o chão, levantou-se, e sem hesitar um instante, sem calcular o perigo, salvou de um pulo a trincheira e correu a apanhal-o.

Um brado de angustia interrompeu os applausos com que o amphitheatro victoriava já a pericia do conde da Ericeira, e a este brado succedeu um profundo silencio. Quando Luiz de Mendonça se abaixava para apanhar o lenço da rainha, o toiro, que se tinha levantado depois de ferido, foi levado na sua cega carreira direito a elle, e tomando-o nas armas, arremessou-o aos ares. Luiz de Mendonça, apenas pôde firmar os pés na arena, abraçou, apesar de ferido, a fera corpo a corpo, e travou com ella uma lucta tremenda. No fim de alguns segundos o toiro dobrou as pernas que a morte enfraquecia já, depois as mãos vergaram tam-

bem, emfim o corpo todo baqueou no chão. Acabada a lucta Luiz de Mendonça cahiu como morto.

Muita gente saltou á praça para o soccorrer, mas o primeiro que o tomou nos braços foi Francisco d'Albuquerque. Ajudado por Diogo Cutilada, e por alguns criados do conde da Ericeira, o capitão transportou o seu amigo para o paço, onde el-rei tinha mandado ordem que o recolhessem.

A rainha, desgostosa e commovida por este triste acontecimento, não quiz continuar a assistir á toirada. A familia real voltou logo para Alcantara seguida de toda a côrte.

— Pobre Luiz de Mendonça! — exclamou frei Antonio da Redempção.

— Que diabo o levou a correr assim atraz do lenço da rainha? — perguntou Manuel Serralheiro.

CAPITULO XI.

DUAS CARTAS.

Alguns dias depois da toirada real que tivera logar no Terreiro do Paço para festejar o casamento de el-rei, Luiz de Mendonça, já convalescente, estava em um quarto do Côrte-Real, para onde fôra transportado por ordem do infante, sentado n'uma larga cadeira de coiro lavrado, ao pé de uma janella que deitava para o Tejo.

Luiz de Mendonça estava só. O seu rosto extraordinariamente pallido exprimia a mais profunda tristeza; os olhos negros e melancolicos olhavam, sem as ver, para as aguas do rio, que um vento rijo do norte encrespava em ondas orladas de espuma, e para as nuvens negras que se encastellavam sobre as montanhas de além do Tejo. Um amargo sorriso se lhe escondia

por detraz do longo bigode, e duas rugas profundas lhe sulcavam a fronte. A mão esquerda apertava ao peito um lenço finissimo e primorosamente bordado, cuja alvura era manchada por algumas nodoas de sangue; a mão direita, cahida para fóra do braço da cadeira, affagava lentamente a cabeça de um lebréo, que estava estendido no chão a olhar para seu melancolico dono.

— Que incomprehensivel coração, este meu! — pensava Luiz de Mendonça — Sempre a desejar com ardor uma felicidade que nunca chega; que a razão lhe diz que não póde chegar! Que loucura! Tomara que este coração se me gelasse aqui dentro! Mas se a ingratidão, se a traição de uma mulher amada não teve força para o quebrar, que desengano lhe poderá matar os desejos e as esperanças? Esta desharmonia da razão que medita e do coração que sente, esta lucta do pensamento e da paixão é o maior martyrio que Deus deu ao homem para castigo das suas culpas. Este amor... É, é amor isto que sinto! Este amor é uma fascinação fatal, terrivel... que eu hei de vencer. Porque não devo... é crime ter um amor assim. E não chegará nunca o dia em que os homens, todos eguaes, luctem no mesmo campo para alcançar o premio que pertence ao que mais vale, ao que mais póde, ao que Deus fez maior? Que significa esse abalo profundo, essa convulsão tremenda que ha pouco agitou o mundo? Um homem, rompendo por entre a multidão, derrubou do throno um rei poderoso que queria escravisar o povo; e como lhe não póde arrancar a coroa, decepou-lhe a cabeça.

Esse homem era o que mais valia, o mais poderoso da Inglaterra: sentou-se no throno dos reis. Em Napoles tambem um homem do povo foi rei um dia, porque Deus lhe tinha dado uma grande alma. Não ter direito para amar uma mulher, porque é rainha! Não ter esperança de ser amado... Eu, amado! Que me importa? Para que queria eu ser amado? Para ser trahido, abandonado; para morrer de dor, ou vingar-me... como já me vinguei?

A dor que lhe causaram estes ultimos pensamentos foi tal, que Luiz de Mendonça, ainda abatido pelo soffrimento, cerrou os olhos e ficou quasi sem sentidos por alguns instantes.

A bulha da porta, que se abria, fel-o estremecer e voltar a cabeça.

Foi grande o prazer que sentiu quando viu entrar Francisco d'Albuquerque.

O capitão, apenas abriu a porta, correu para o seu amigo, bradando:

— A rainha perguntou hontem por ti a sua alteza, Luiz.

Luiz de Mendonça levantou-se da cadeira em que estava sentado, e estendendo os braços para o seu amigo, pediu-lhe que lhe contasse como tinha sabido aquella feliz nova.

— Disse-m'o mesmo o senhor infante — respondeu Francisco d'Albuquerque. — Esta manhan sua alteza chamou-me para me dizer que sua magestade se tinha dignado perguntar como tu estavas.

— Lembrou-se de mim! Dignou-se fallar, não se esqueceu do... do criado de sua alteza! — exclamou com amargo sorriso Luiz de Mendonça.

— A rainha disse tambem que permittia que lhe fosses restituir o lenço logo que podesses ir a Alcantara.

— Querem-me tirar o meu thesouro! — bradou o pobre doente com exaltação febril, e apertando ao coração o lenço da rainha — Querem separar-me do companheiro das minhas horas de angustia! Estou com a cabeça perdida! Tive esperança...

— E tiveste razão para a ter — interrompeu Francisco d'Albuquerque afagando-o — A rainha ha de recompensar-te, ha de...

— Que me póde ella dar a mim? Nada... nada.

— É rainha, póde-te dar tudo.

— Não é pela rainha que eu quizera ser recompensado; é pela... mulher.

— Que dizes? Endoideceste!

— Endoideci; dizes bem. Eu, que julgava não tornar outra vez a ter amor... Olha! — proseguiu Mendonça com voz lenta e abatida — Esquece quanto me ouviste dizer agora. Foi um delirio que passou. Esta noite senti ainda uma febre violenta; e agora mesmo o sangue escalda-me nas veias. Preciso sangrar-me outra vez... para não morrer suffocado.

A estas palavras seguiu-se um longo silencio. Francisco d'Albuquerque meditava sobre a estranha revelação que o seu amigo lhe fizera; e Luiz de Mendonça

proseguia nas desvairadas reflexões que a chegada do capitão tinha vindo interromper. Foi este quem rompeu primeiro o silencio.

— As insolencias do valído continuam — disse elle, mudando de conversação para distrahir Luiz de Mendonça das penosas reflexões em que o via absorvido. — É por causa d'elle que el-rei não tem querido dar ao senhor infante os gentis-homens. Antes de partirem, como sabes, o marquez de Ruvigni e o bispo de Laon mandaram pedir licença a sua alteza para lhe irem beijar a mão. O senhor infante só tinha n'aquella occasião para o servir D. Rodrigo de Menezes; e se não fosse o assistirem-lhe alguns fidalgos e titulos da côrte, os estrangeiros tel-o-iam encontrado quasi só.

— Sua alteza não mandou pedir de novo a el-rei os gentis-homens que elle lhe prometteu? — perguntou Luiz de Mendonça.

— Mandou. Mandou-os pedir pelo secretario João de Roxas; mas o valído deu-lhe, em nome de sua magestade, uma resposta tão desabrida, que sua alteza...

— Está resolvido a castigar o Castello-Melhor...

— Sahir da côrte, é o que o senhor infante definitivamente decidiu fazer. Um desastroso acontecimento, segundo ouvi contar, faz com que sua alteza apresse o mais possivel a sua partida. Retirar-se-ha para Queluz no dia mesmo da entrada da rainha em Lisboa.

— Então que aconteceu?...

— Dizem que hontem, quando o senhor infante assistia no coche d'el-rei ao ensaio das canas, que se

hão de correr alli na praça do Palacio, succedeu gabar sua alteza o bem que o marquez de Marialva e seu irmão D. Rodrigo de Menezes, que pertenciam á mesma quadrilha, guiavam os cavallos, e faziam as sortes. El-rei, que era, como sempre, pelo valído, teve tal cólera ao ouvir isto, que ameaçou sua alteza; dizendo-lhe que lhe daria quatro estocadas se não fôra estar presente a rainha. E das palavras passaria ás acções, se os rogos d'esta o não suspendessem.

— El-rei... odeia profundamente seu irmão: e tem um coração de fera.

— Talvez que sejam, hão de ser de certo, os maus conselhos dos validos...

— Receio que tu te exponhas por causa da Calcanhares a algum grande perigo — interrompeu Luiz de Mendonça. — Ámal-a; és moço e imprudente...

— E tu queres-me dar conselhos de prudencia? — perguntou rindo o capitão.

— Tens razão para te rir dos meus conselhos. Rite d'elles, mas toma-os. Vens da provincia — proseguiu Mendonça — onde tudo é singelo, onde a verdade é respeitada e a fé se tem conservado pura... não pódes entender o coração artificioso das mulheres da côrte. A Calcanhares tem por ti um amor passageiro; d'estes amores que duram um dia, que passam nas mulheres como o perfume da agua de cheiro se escapa do frasquinho que a contém. Tu, se te deixares fascinar, ficarás o escravo dos seus caprichos; sem força para lhe resistir, sem coragem para fugir d'ella.

— Mas não a amo, não penso n'ella...

— Já te esqueceste de Thereza — atalhou Mendonça, com seriedade. — Andaste seis mezes na guerra, e nunca te esqueceste da tua companheira da infancia: estás ha quinze dias na côrte, e já te não lembras da tua noiva, a quem juraste, pela alma de tua mãe, amar sempre e ser sempre fiel.

— Enganas-te! — murmurou Francisco de Albuquerque, córando de envergonhado — Não me esqueci de Thereza...

— Não te esqueceste d'ella? Escreveste-lhe já?

— Tens razão, Mendonça. Sou um ingrato: um homem sem fé; um mau homem! — exclamou o capitão, quasi chorando de raiva.

— Não te afflijas. Quando tu me contaste a historia dos teus puros amores, recommendei-te que te não fiasses no teu proprio coração. E tinha razão, como vês, em t'o recommendar. O coração não obedece á vontade, não escuta os conselhos da razão — proseguiu elle. — Tem vagos desejos, que não podem nunca ser satisfeitos; ambições que o perdem, caprichos que o fazem criminoso.

— Que hei de fazer?

— Foge da Calcanhares; foge d'essa mulher artificiosa e má, que te póde fazer para sempre desgraçado.

— Ah! Se eu podesse agora fallar com a minha cara Thereza, se podesse ouvir a sua voz suave, ver o seu angelico sorriso, beijar-lhe as mãos castas, e pedir-lhe perdão, estou certo de que a minha alma ficaria so-

cegada; como n'essas noites formosas, em que fallavamos do nosso amor n'aquelle jardim, que a mim me parecia o paraizo... que era o paraizo de certo.

Estas palavras de Francisco d'Albuquerque foram ditas tanto do coração, que as lagrimas lhe saltaram dos olhos. A saudade era para elle um remorso. Desejava e temia o amor de Thereza. Queria esquecer a Calcanhares, mas não lh'o consentia o coração.

Por um impulso de dor e de remorso, Francisco de Albuquerque sahiu do Côrte-Real, e correu á estalagem do *Alemtejo*, a saber se algum almocreve lhe tinha trazido carta de Evora.

Meia hora depois, voltou trazendo uma carta de Thereza, que leu, profundamente commovido, ao seu amigo. A carta era como se segue:

« poucos de soldados do regimento francez de Chauvet « atacaram de noite algumas casas fóra da cidade, para « as roubar; meu pae, que tinha ido visitar um amigo « seu, e que ficara de noite n'uma das casas que foram « atacadas, correu ás armas logo que ouviu os solda- « dos arrombarem as portas. Houve um combate lon- « go e tenaz entre os salteadores e os que defendiam a « casa; e, se não fosse acudir um troço de tropa, te- « riam ficado estes todos mortos. Meu pae, o meu que- « rido pae foi perigosamente ferido n'este combate: e « os medicos dizem, só para me consolar, que *talvez* « *escape da morte*. Mas eu sinto que o vou perder; que « vou ficar sem pae, sem ninguem!

« Sem ninguem! Não. Tenho-te a ti; que me « amas, que me não has de abandonar, que juraste pela « alma de tua mãe ser meu protector, e meu marido.

« Quando vejo passarem-se tantos dias, Francisco, « sem que me venham novas tuas, accuso-te de in- « grato, queixo-me de ti; e chego quasi a acreditar « que se realisaram os meus presentimentos, que me « esqueceste por outra mulher. Perdoa-me, perdoa- « me, porque o mereço. É o amor que me cega. De- « mais eu tenho padecido tanto, que me parece que to- « dos os males vão pesar agora sobre mim como um « castigo de Deus. — Nossa Senhora se compadeça de « mim! Uma mulher fraca como eu sou, não póde sof- « frer tanto.

« Vem, vem depressa! Pede licença ao senhor in- « fante, e vem. Meu pae quer-te fallar... antes de mor-

« rer, diz elle. Vem! Eu amo-te cada vez mais. As « saudades e os soffrimentos tem-me exaltado o cora- « ção a ponto, que morreria de dor agora se me dei- « xasses de amar.

« Escuta estes meus prantos; e vem consolar-me. « Ai! tu deves sentil-os, como eu os sinto. — A cada « instante espero ver-te chegar. Tu has de lá ter adi- « vinhado os meus tormentos; e de certo me não dei- « xarás padecer só por mais tempo.

« Vem, vem! Que te espera, que te chama a tua

« *Thereza.* »

A leitura d'esta carta fez uma inexplicavel impressão em Francisco d'Albuquerque. Pareceu-lhe sentir primeiro renascer todo o seu amor por Thereza; depois, a ideia de sahir de Lisboa, de se separar da Calcanhares, passando-lhe subitamente pelo espirito, deixou-o aterrado e sem forças. Cahiu prostrado sobre uma cadeira, e largando a carta das mãos, murmurou:

— É um anjo!... e eu sou um ingrato.

— É quasi noite — observou Luiz de Mendonça, que lia no rosto do seu amigo as paixões que o agitavam. — É quasi noite. Vai, vai ter já com D. Rodrigo de Menezes, e pede-lhe licença para ir ao Alemtejo. Deves partir ámanhan...

— E se elle me não deixar partir?

Esta pergunta do capitão era quasi a expressão de um vago desejo.

— Deixa, deixa-te ir de certo, em tu lhe dizendo tudo, em lhe contando a verdade.

— Pobre Thereza!

— Tens razão em a lamentar — disse o Mendonça. A leitura d'essa carta magoou-me muito; a mim, que a não conheço. Não lhe tornes tu maiores os seus padecimentos, prolongando uma ausencia tão dolorosa para ella n'estes dias de angustia.

— Vou já a Alcantara fallar com D. Rodrigo; pedir-lhe que me deixe partir esta noite mesmo. Adeus!

Ao dizer estas palavras, Francisco d'Albuquerque poz-se de pé e sahiu precipitadamente. N'aquelle instante tinha elle medido com horror a grandeza da sua ingratidão.

Francisco d'Albuquerque sahiu correndo do Côrte-Real; e tomou logo o caminho de Alcantara. Ainda porém não tinha dado cem passos, quando uma mulher se approximou d'elle, e lhe entregou uma carta pequena e perfumada em agua de rosas.

O capitão parou para ler. A carta continha apenas algumas linhas, e não vinha assignada.

« Senhor capitão: — dizia a carta — Uma mulher « que vos ama, deseja fallar-vos esta noite. Talvez o « vosso coração vos diga quem é essa mulher; porque, « se não mentem os olhos, não vos tem ella sido indif- « ferente nas occasiões em que a tendes encontrado. — « Esperam por vós ás nove horas, nas portas da Ri- « beira. »

Francisco d'Albuquerque sentiu um immenso prazer ao ler esta carta, que elle estava certo de que só podia ser da Calcanhares. Esqueceu-lhe tudo; a noiva, o protector moribundo, a carta que recebera, o motivo por que ia correndo para Alcantara; tudo se lhe varreu da memoria por um instante. Olhou em roda de si para procurar a mulher que trouxera a carta; mas a mulher tinha desapparecido.

A este primeiro sentimento seguiu-se logo a reflexão; e á reflexão o arrependimento e o remorso. O capitão proseguiu na sua carreira para Alcantara, e só parou na quinta de Luiz Cesar de Menezes, onde o infante se achava alojado.

A fatalidade perseguia n'aquella occasião o moço provinciano: tudo parecia querer-se oppor a que elle cumprisse os seus sagrados deveres. — D. Rodrigo de

CAPITULO XII.

A CALCANHARES.

Fóra das portas da Ribeira, mesmo á borda do Tejo, ficava uma casa de boa apparencia, precedida por um páteo cercado de altos muros, cuja porta, grossa e reforçada de enormes pregos, deitava para um largo pequeno e solitario. Esta casa estava caiada com esmero, e as suas janellas, fechadas de alto a baixo por gelosias verdes, faziam lembrar um serralho do oriente.

A riqueza das armações e moveis d'esta casa era realmente digna de um palacio de fadas. O precioso das alcatifas, a profusão dos velludos e damascos, das franjas de oiro e rendas de prata, a magnificencia dos lustres e candelabros, dos leitos de ebano chapeados de oiro e dos estrados cobertos de riquissimas télas, as ondas de luz que por toda a parte se reflectiam nos es-

pelhos, e os perfumes que se exhalavam das caçoulas de oiro, tudo contribuia para tornar esta casa similhante ás encantadas habitações que os poetas sonham quando os inspira o amor.

No fundo de todas as magnificas salas, espaçosas e brilhantemente illuminadas, que formavam como uma galeria de um ao outro extremo da casa, havia um camarim, ornado de brocado e velludo branco entrelaçado de perolas e relevado de bordadura de oiro. Este camarim, debilmente illuminado pela luz rosada d'uma lampada de alabastro, e onde o perfume do ambar se misturava com a fragrancia das flores, mais parecia o sanctuario de uma divindade do que a habitação d'uma mulher. E divindade parecia a formosa Calcanhares, vestida de branco, com os negros cabellos apenas sostidos por fios de perolas, o seio mal coberto de uma finissima renda, meio recostada n'um estrado sobre uma pilha de almofadas de velludo branco, e com os pés pequenissimos quasi escondidos n'um tapete de arminho.

A physionomia de Margarida estava animada por um sorriso angelico e puro como o de uma virgem; os seus olhos exprimiam, ao mesmo tempo, a paixão, a doçura e o casto pudor, quando disse a um velho vestido com os habitos de S. Bento, que estava sentado junto d'ella:

— Amo-o, frei Pedro, amo-o muito!

— Sem o conhecer! — atalhou o frade.

— Vossa reverendissima não sabe que um coração de mulher precisa amar; que o amor é a vida? Perdoe-

me, frei Pedro — proseguiu a Calcanhares, pondo a mão tremula sobre o braço do frade — perdoe-me o fallar-lhe d'estas coisas; mas não tenho, não tenho ninguem a quem confie os meus segredos, a quem possa dizer livremente os meus padecimentos. Estou só no mundo; separaram-me de todos... de quantos me estimavam. Ai! Quem me dera poder voltar agora para o meu convento!

— Pobre Margarida! — murmurou frei Pedro de Sousa — Tem paciencia, minha filha. Sei que soffres, mas Deus conhece a tua innocencia...

— Mas todos me desprezam! Ainda outro dia nos toiros... Jesus! Que vida esta!

E uma lagrima de immensa dor se lhe desprendeu dos olhos, e brilhou como um diamante ao escorregar-lhe pela face pallida.

— A tua cruz é pesada, bem o sei. Lembra-te porém que um reino todo te deve talvez a sua liberdade, e que um dia o ceo te ha de dar o premio da tua resignação.

— Nunca me custou tanto, nunca me foi tão dolorosa esta minha situação. Desde que vi aquelle mancebo, de que fallei a vossa reverendissima — proseguiu a Calcanhares — sinto-me mudada. Sou outra. Agora quizera parecer pura, ser digna do seu amor. É um martyrio que excede muito as minhas forças, este martyrio a que me condemnaram! Quando me tiraram do convento, quando Manuel Antunes me foi buscar por ordem d'el-rei, era eu innocente; não sabia que me

queriam lançar n'uma vida de opprobrio e infamia. Enganaram-me... enganaram uma pobre rapariga, orphan e sem apoio. Foi aquelle... aquelle demonio; foi Henrique Henriques, esse homem sem honra, esse escravo vil e abjecto, foi elle o culpado de tudo.

Os olhos de Margarida estavam encendidos pela cólera, e os labios brancos, descerrando-se a custo, deixavam ver os alvos dentes convulsivamente apertados.

— Foste destinada pela Providencia para ser o anjo da guarda d'este reino. Se não fosses tu, el-rei ter-se-ia perdido de todo; e não escutaria os prudentes conselhos de meu sobrinho.

— É tempo já de me darem a liberdade — disse a Calcanhares, inclinando a cabeça com desalento. — Até aqui fui um instrumento docil na mão do senhor conde de Castello-Melhor; nunca me queixei, não murmurei nunca contra o homem que me condemnou a parecer criminosa, sendo eu innocente; a ser despresada e odiada por um povo inteiro, quando não merecia senão ser querida por elle. Mas agora, frei Pedro, agora não posso conformar-me com a minha sorte. Não me bastam as consolações da consciencia. Se Francisco d'Albuquerque é digno do amor que eu tenho por elle, despresar-me-ha como os outros me despresam, e ainda que lhe eu jure ser innocente, ainda que lhe conte a verdade, não me acreditará. Oh! Eu não suppunha que se podesse amar assim um homem sem o conhecer, sem nunca sequer lhe ter fallado! Mas

o meu pobre coração tinha necessidade de amar; já não podia supportar por mais tempo a solidão.

— Se sabem d'esse amor — disse o frade com interesse — póde ser que...

— Que o matem, que o assassinem como fizeram a esses infelizes que ousaram olhar para mim, e affrontar a cólera de Henrique Henriques, não é assim? — perguntou Margarida — Frei Pedro, tenho fé na sua virtude. Vossa reverendissima é tio do senhor conde de Castello-Melhor, mas não é capaz de trahir...

— Minha filha... — interrompeu o velho, pegando na mão da Calcanhares.

— Bem o sei, senhor; conheço a bondade da sua alma. Ainda me não esqueceram as palavras magoadas, as santas e consoladoras palavras que me disse, quando pela primeira vez me viu depois da minha sahida do convento. É aos seus conselhos, á sua amizade de pae, — permitta-me que lhe dê este nome, frei Pedro — e aos puros principios de religião que me ensinou, que eu devo o não estar a esta hora perdida de todo, para me não poder salvar. Sei que me ha de guardar este segredo que lhe confiei: espero que me guie por estes novos caminhos, em que entrou a minha vida agora.

— Conheci-te ainda criança, Margarida — disse o frade, enxugando uma lagrima que lhe descia lentamente pela face. — Então eras tu um anjo, pura e casta como os anjos do ceo. Vi-te crescer ao pé do altar; vi-te amada pelas tuas companheiras do convento e es-

timada pelas tuas superiores; tenho-te amizade, quero-te como se fosses minha filha. A minha dor foi immensa, Margarida, quando soube que te tinham arrancado do asylo, onde a tua innocencia estava ao abrigo das seducções mundanas, para te lançarem nos braços d'el-rei. Tive medo que te perdesses de todo, e quiz salvar-te. Tu bem sabes quantas queixas amargas, quantas accusações severas eu fiz ao conde. Mas elle não tinha culpa. Henrique Henriques é quem tinha fallado de ti a sua magestade; fôra elle quem mandara Manuel Antunes ao convento, quem te entregou a el-rei. Pobre Margarida! Foste victima da ambição de um homem...

— O senhor conde de Castello-Melhor — atalhou Margarida — podia-me ter livrado da deshonra, ter-me mandado outra vez para o convento.

— O conde é ministro — respondeu frei Pedro de Sousa — e deve antes de tudo cuidar dos interesses do reino. Meu sobrinho viu a influencia que pela tua formosura adquiriste sobre o espirito de sua magestade, e quiz aproveitar-se d'ella para trabalhar mais seguramente para o bem da nação. Fui eu mesmo — proseguiu o confessor de Affonso VI — fui eu que te aconselhei ajudasses o conde na sua difficil tarefa. Deus me perdôe se te dei um mau conselho; as minhas intenções eram boas. O mal já não tinha remedio: as portas do convento já se não podiam abrir para te receber, sem que te cobrisses primeiro com o habito da penitencia.

— Mas eu estava, estou pura...

— Sei-o eu, e sabe-o Deus. O mundo — accrescentou o frade — julga-te criminosa e condemna-te.

— Ai! é isso mesmo, é essa ideia que me mata! — bradou a Calcanhares pondo-se de subito em pé — Todos me criminam, e eu sou innocente. Todos me julgam feliz, e eu padeço. Todos me desprezam, todos me odeiam, e eu sinto em mim um amor infinito. Em nome de Deus, frei Pedro, em nome de Deus lhe peço que interceda com o senhor conde para que me deixe livre, para que me deixe amar como amam as outras mulheres. El-rei está casado; agora já não precisam de mim. Tenho servido o senhor conde de Castello-Melhor com zelo, á custa da propria honra, e nunca o trahi. Mas agora... se não fosse uma fraca mulher sem apoio, guardada n'esta casa como uma captiva por um carcereiro sem alma, fugiria para longe, para muito longe d'aqui. Tenho até medo de amar! — exclamou Margarida, passando da exaltação ao abatimento — O meu amor póde dar a morte. Henrique Henriques ama-me, frei Pedro; e como eu tenho despresado o seu amor, ha de querer-se vingar de mim. Peço-lhe...

— O que queres, o que me pedes? — perguntou o confessor d'el-rei, pegando nas mãos tremulas da Calcanhares.

— Ainda não ousei dizer a vossa reverendissima por que lhe suppliquei que viesse fallar-me. Tem-me faltado o animo; mas agora é preciso confessar-lhe a verdade. Esta noite — murmurou a Calcanhares ca-

hindo quasi de joelhos aos pés do frade — Francisco d'Albuquerque ha de vir a esta casa.

— Que fizeste, minha filha? — exclamou o frade — A tua pureza...

— A pureza da amante d'el-rei! — interrompeu Margarida, com um riso convulsivo misturado de prantos — A pureza da Calcanhares, da mulher vilipendiada....

— Mas a tua consciencia...

— A consciencia diz-me que Deus ha de perdoar-me se eu peccar; porque me arrastaram ao peccado. Não posso viver mais tempo sem este amor.

— Esqueceste que punhas em perigo a vida d'esse homem, chamando-o aqui?

— Não... não sei se me esqueci. Foi uma loucura,

hoje ás mãos dos da patrulha d'el-rei, havia de cahir como um eterno remorso na consciencia do senhor conde de Castello-Melhor.

Frei Pedro de Sousa ficou um instante perplexo, sem saber o que havia de resolver n'aquella difficil situação. A inabalavel resolução da Calcanhares, a exaltação d'aquelle amor repentino, que elle sabia ser o primeiro, tudo desarranjava singularmente os calculos egoistas do confessor d'el-rei. O frade tinha na verdade amizade a Margarida; mas receava muito que este amor fosse causa de seu sobrinho, o conde de Castello-Melhor, perder um dos mais poderosos meios que tinha para influir no animo de Affonso VI. Comtudo, como a ideia de contribuir menos indirectamente para a morte de um homem lhe assustava a consciencia, pouco melindrosa, mas não depravada, frei Pedro decidiu-se a ir fallar ao valído n'aquella mesma noite, para evitar a catastrophe, que sem isso a Calcanhares receava ver succeder.

— Vou, Margarida, vou já ter com o conde, minha filha — disse o frade encaminhando-se para a porta. — Estou certo de que, em pensando melhor, has de vencer um amor que póde vir a ser fatal a todo este reino. Foi vontade de Deus que te tirassem do teu convento. O Senhor, Margarida, deu-te a cumprir uma penosa missão; deves sujeitar-te á sua santissima vontade.

E sem escutar a resposta da Calcanhares, frei Pedro atravessou as salas, e desceu ao páteo.

A Calcanhares seguiu o confessor d'el-rei a passos

lentos até á ultima sala, e esperou alli a uma janella, que elle sahisse do páteo na sua cadeira de quatro homens. Apenas ouviu fechar a porta, correu a ver que horas eram n'um magnifico relogio, que estava ao canto da sala; e, como passava de nove horas, chamou pela sua aia e confidente dos seus segredos, para lhe ordenar que fosse immediatamente ás portas da Ribeira, onde a devia estar esperando o capitão Francisco d'Albuquerque.

A aia, ligeira e jovial rapariga que adorava sua ama, e morria por intrigas de amor, embuçou-se n'um manto preto de bioco, e sahiu quasi correndo por uma portinha que deitava para a praia, e da qual a Calcanhares tinha mandado fazer uma chave falsa, para escapar á ciosa vigilancia de Henrique Henriques.

A amante de Affonso VI, voltando para o magnifico

faltarem-lhe as forças, e cahiu sem alento sobre as almofadas do estrado.

Quando Francisco d'Albuquerque entrou no camarim, a Calcanhares estava quasi deitada sobre uma pilha de almofadas de velludo branco; o seu rosto pallido e alvo como a neve confundir-se-ia, á branda luz da lampada de alabastro, com as telas em que estava meio escondido, se não fossem as ondas de cabellos negros que o cercavam, e os olhos semi-abertos que brilhavam por entre as longas pestanas. O desalinho das roupas, o braço direito, bello como o de uma estatua, cahido para fóra do estrado, a flexibilidade e pureza de todas as linhas que indicavam uma perfeição digna de ser admirada na Grecia antiga, tudo dava a esta mulher um tal encanto, que o moço provinciano julgou ter diante de si uma fada ou uma princeza encantada.

Francisco d'Albuquerque, depois de um instante de immobilidade e admiração, foi ajoelhar ao pé de Margarida, e, pegando-lhe na mão, deu-lhe um beijo tão ardente que a fez vibrar como se recebera um choque electrico. Ao tornar a si, fitou no capitão os seus lindos olhos negros, murmurando:

— Foi o amor, um invencivel amor!...

— Como o meu! — exclamou o mancebo.

— Eu não devia... fazer o que fiz — disse ella. — Mas a morte vale mais do que a existencia que eu levava aqui só. Tinha precisão de amar para poder viver!

— Como é formosa! Quem a não ha de amar!

— O amor que eu desejo é um amor puro... Ha de tambem julgar-me indigna d'elle, senhor. Todos pensam que sou uma mulher criminosa, infame; e não sou senão uma desgraçada! Todos, todos se enganam, e todos me desprezam.

E escondendo o rosto entre as mãos, a Calcanhares poz-se a chorar amargamente.

— Que tem? Que prantos são esses? — perguntou-lhe o capitão, sentando-se no estrado, e beijando-lhe de novo a mão.

— Não sei. Sou mais feliz agora do que nunca fui; e comtudo parece que se me quebra o coração no peito. É a primeira vez, talvez o não acredite, mas é a verdade — disse ella apertando nas suas as mãos do capitão — é a primeira vez que entra n'este camarim um homem, a não ser frei Pedro, o meu confessor.

pouco, approximando dos cabellos da mulher encantadora, que enlaçara nos braços tremulos, estreitando-a ao coração; até que n'uma convulsão de amor, depoz sobre elles um beijo de fogo. Margarida, ao sentir os labios de Francisco d'Albuquerque tocar-lhe nos cabellos, levantou subitamente a cabeça. Então, os dois amantes trocaram um olhar de suprema ventura; e um novo beijo terminou a phrase de amor que os olhos tinham começado.

CAPITULO XIII.

HISTORIA SINGELA.

Uma hora passada em casa da Calcanhares bastou, para os sentimentos de Francisco d'Albuquerque soffrerem uma completa transformação. A paixão tumultuosa e cega, que o attrahira irresistivelmente para aquella encantadora mulher, tinha-se tornado n'um amor intimo, tinha-se purificado sem comtudo perder nada da sua intensidade. Margarida não era, como elle acreditara, como o suppunham todos, uma d'essas mulheres terriveis e perigosas, que se servem da formosura para arrastar os homens ao crime; que, devoradas pelo fogo das paixões, sacrificam tudo aos seus caprichos e impudicas fantasias. O feliz capitão encontrara suave candura em vez de delirio, melancolia em vez de exaltação desvairada. A Calcanhares conservava a mais casta virgindade no meio da apparente corrupção.

Um homem conhecedor do coração humano, experiente nas coisas da vida, teria hesitado em dar inteira fé ás palavras da amante de Affonso VI, que todos accusavam de grandes crimes, que o povo desprezava e maldizia. O moço provinciano porém, dotado de uma alma pura, leal e generosa, não teve animo para duvidar sequer da verdade do que lhe dizia, com uma voz vibrante, sonora e apaixonada, uma tão bella e tão graciosa mulher. As lagrimas, desprendendo-se uma a uma das palpebras rosadas de Margarida, foram apagando rapidamente do coração do credulo amante as impressões dolorosas, o vago terror, que lhe causaram as palavras dictadas pelo odio aos inimigos d'el-rei, e que as apparencias totalmente confirmavam.

A Calcanhares reunia á mimosa expressão do mais casto amor, do mais exaltado e puro sentimentalismo, á suave melancolia das almas virginaes as perigosas paixões da mulher melancolica, que tem gasto a vida nas luctas do amor e na intriga; observando os mysteriosos segredos do coração, estudando o modo de commover profundamente a alma de um amante, e de o prender captivo nos laços infrangiveis de um amor delirante.

Margarida amava com o fogo do primeiro amor; e queria ser egualmente amada. Francisco d'Albuquerque não pôde resistir ao poder fascinador d'esta mulher; esqueceu-lhe tudo no mundo para pensar n'ella só, para a adorar. Sentado sobre almofadas aos pés de Margarida, com o riso na boca, os olhos fitados nos

olhos d'ella, e apertando-lhe entre as suas a mão de neve, o moço capitão estava n'um extasis de amor, sem ousar dizer uma palavra, com receio de que um movimento, um simples gesto fizesse esvaecer a divina visão que o arrebatava; quando a melodiosa voz da sua amante rompeu o silencio, que já durava havia alguns minutos, murmurando:

— Porque olhas assim para mim? Não acreditaste o que te disse? Julgas-me ainda má, como d'antes me julgavas?

— Amo-te!... amo-te muito — respondeu o capitão.

— Mas esse teu amor não é, não póde ser ainda o amor casto e puro, o amor que eu desejo que me tenhas. Não me acreditaste — proseguiu ella tristemente — julgas que eu te quero enganar, que te menti...

— Creio em ti, Margarida. Creio que és um anjo, e adoro-te! — exclamou Francisco d'Albuquerque.

— Purificas-me com a pureza do teu amor — disse ella, passando-lhe a mão pelos cabellos. — Receava que amasses a minha formosura, mas que me desprezasses: receava que estivesses já namorado de outra mulher...

O capitão estremeceu, e fez-se pallido ao ouvir estas palavras. Figurou-se-lhe ver Thereza, lavada em lagrimas, estender para elle as mãos supplicantes. Apertou com força a mão da Calcanhares, e levando-a aos labios, repetiu ancioso:

— Amo-te, amo-te...

— Oh! Que felicidade esta minha! Deus quiz-me

dar allivio aos padecimentos crueis que tenho supportado com paciencia durante dois annos! Bemdito sejaes, Senhor!

Margarida, levantando as mãos e os olhos ao ceo para agradecer a Deus, era a mais pura, a mais sublime idealisação da Magdalena.

— Hei de dizer-te, Francisco d'Albuquerque, hei de contar-te a minha historia — proseguiu ella, depois d'uma pausa. — É simples, mas quero contar-t'a, para que conheças, para que vejas se mereço odio ou compaixão; se sou criminosa como dizem todos, ou innocente. Escuta-me; quero que me julgues e que me faças justiça. Uma palavra de amor tua, basta para me consolar do injusto desprezo de todo um povo.

— Margarida, não careço saber a tua historia para te amar, para te julgar innocente. Não posso sentir já mais amor do que sinto agora por ti!

Um beijo suave, casto, angelico uniu por um instante aquellas duas almas, que o amor arrebatava e attrahia irresistivelmente uma para a outra.

— Sou filha de militar — começou ella. — Minha mãe morreu poucos mezes depois de eu nascer; e fui até aos dez annos creada por um soldado velho, que servia no terço de meu pae, e me levava comsigo de terra em terra. Muitas noites fiquei sem abrigo no campo, muitas outras passei a chorar por não ter um pedaço de pão para matar a fome. Manuel, o meu velho protector, era um bom homem; mas o seu caracter rude não consentia que elle comprehendesse os padeci-

mentos e as lagrimas de uma pobre criança. Meu pae, esse só cuidava nas coisas da guerra, e nem uma vez sequer se chegava a mim para me fazer uma caricia, ou para me dar um beijo. Padeci muito; porque já então eu sentia em mim a necessidade de amar, e via-me obrigada a recalcar no fundo do coração os meus mais ardentes sentimentos.

Mais de uma vez corri para os braços de meu pae, e fui recebida com indifferença, quasi repellida por elle. Resignei-me a viver só; a calar quantos pensamentos vagos me passavam pela mente; a esconder as mais simples, as mais innocentes expansões da minha alma infantil. O meu amor concentrou-se todo no pobre soldado, que me queria como se eu fosse sua filha. Era eu que cuidava d'elle, que guardava o pão para lh'o dar depois de uma marcha penosa, que o cercava de carinhos e meiguices; era eu que pedia a meu pae, nas poucas occasiões em que se dignava fallar-me, pelo velho Manuel, e lhe fazia sentir, na linguagem candida e singela da infancia, que já era tempo de dar ao seu fiel amigo o descanso de que elle, pela sua edade avançada, carecia.

Todos os sentimentos ternos a que a minha alma era naturalmente inclinada, se desenvolveram rapidamente. A vida irregular, livre e ao mesmo tempo comprimida pela severidade de meu pae, sem os afagos, sem os mimos, sem o amor de uma mãe para me consolar, essa vida singular que eu levava, cercada de soldados, assistindo por mais de uma vez aos combates,

vendo homens morrer ás mãos de outros homens, exaltou-me o coração de modo que, aos dez annos, já eu tinha todas as paixões, todos os pensamentos de uma mulher. A mais profunda melancolia me devorava a existencia; o meu rosto tornara-se pallido, a minha cabeça curvara-se com o pêso de graves pensamentos. Muitas noites passava eu em vigilia, criando na fantasia mil fórmas indefinidas, que amava um instante, mas que desappareciam antes de as poder gravar na memoria. Era um amor vago e puro, que tinha por objecto entes ideaes, que ornavam belleza e virtude, nobreza e valor.

Uma grande desventura veio então amargurar ainda mais a minha triste alma. O corpo de exercito a que pertencia meu pae, havia travado batalha com os castelhanos. O estrondo da artilheria, repetido pelos eccos das montanhas, chegava distinctamente aos meus ouvidos; eu esperava anciosa pelo resultado da peleja. Parecia que me adivinhava o coração uma terrivel catastrophe; tão profunda era a dor que n'elle sentia, tão grande o abalo que o agitava a cada rugido dos canhões que o vento me trazia pelas quebradas dos montes. Passou-se mais de uma hora sem que chegassem novas do campo de batalha á herdade, onde meu pae me tinha deixado. Eu era uma criança ainda, contava dez annos apenas, mas a minha afflicção era tão grande, e chorava tantas lagrimas, que a pobre gente, em casa de quem ficara, fazia, mas em vão, quanto lhe era possivel para me consolar. De repente vi vir ao longe um

homem correndo; era Manuel. Chegou emfim aonde eu estava. O seu rosto exprimia a mais pungente dor, e a voz tinha-se-lhe suffocado pelas lagrimas, quando exclamou:

« — Está a morrer! Ahi vem quasi morto!

« — Meu pae! — bradei eu. E sem escutar a resposta de Manuel, sahi de casa correndo.

A pouca distancia encontrei meu pae gravemente ferido, conduzido em braços por alguns soldados do seu terço. Acompanhei-o chorando até o deitarem sobre uma enxerga velha, que a gente da herdade tinha a um canto da casa; e ahi ajoelhei em silencio, beijando-lhe a mão, que a morte começava já a regelar. Queriam ir chamar ao campo um cirurgião para cuidar de meu pae, mas elle não consentiu; e voltando para mim os olhos turvos, disse-me com voz cava e debil:

« — Margarida, minha rica filha, vou morrer... vaes ficar sem pae. Olha, filha; quero-te, sempre te queri muito. Se te não fiz carinhos, se nunca te mostrei o meu amor de pae, é... é porque me envergonhava. Perdoa-me, filha; toda a minha vida fui militar, e não sabia ser homem. Dá-me um beijo, Margarida; um beijo por todos os beijos teus, que eu não tenho querido receber. Quero-me fartar dos teus beijos antes de morrer... não torno mais a ver-te.

Puxando-me então para si, meu pae apertou-me ao coração, e uniu as suas com as minhas lagrimas n'um beijo sublime de supremo amor paternal.

Todos choravam os que assistiam a esta triste

scena; e o velho soldado que me creara, o antigo amigo de meu pae, calado e encostado á chaminé, cobria com as mãos tremulas o rosto para não ver.

« — Approxima-se o instante de te deixar — proseguiu meu pae, depois de me cobrir de beijos. — Vaes ficar só, filha: orphan e sem apoio. Resta-me comtudo uma esperança: e Deus ha de permittir que não seja uma esperança van. Escuta-me. Eu prestei, como leal vassallo que sempre fui, um serviço ao senhor D. João IV; el-rei queria premiar..... Jesus! Que agonia esta! queria premiar-me; e eu pedi-lhe em paga do que tinha feito, a sua protecção para minha filha; para ti, Margarida... Sua magestade prometteu proteger-te... »

A voz do moribundo ia-se cada vez tornando mais fraca; e as palavras que elle dizia mais se podiam perceber pelo movimento dos labios, do que pelo murmurio que a custo lhe sahia da garganta.

« — El-rei morreu! — proseguiu elle — Mas a rainha é uma santa. Vai ter com ella, e lembra-lhe a promessa de seu marido... Vai, minha filha... e que Nossa Senhora te guarde, e te acuda... »

A estas palavras meu pae fez um ultimo esforço para me beijar; e cahiu sem vida.

Chorei por muito tempo a morte de meu pae. Só no momento de o perder comprehendi a grandeza da minha desventura. Vi-me só no mundo, e tive medo: tive desejo de morrer tambem.

Passados alguns dias parti para Lisboa, acompa-

nhada por Manuel, a quem a morte de meu pae tinha feito cahir n'uma invencivel tristeza, e perder de todo as forças. Fui fallar á rainha D. Luiza. Contei-lhe o que meu pae me tinha dito á hora da morte; e ella tratando-me com bondade, e consolando-me da minha desventura, mandou-me para o convento de Sant'Anna com uma avultada tença.

A vida triste e monotona do convento, diversa em tudo da existencia errante e variada que eu tinha tido até aos dez annos, em vez de transformar o meu caracter, não fez senão exagerar-lhe os defeitos, irritar a sensibilidade e exaltação que me dominava o espirito e me arrastava muitas vezes, em sonhos, para as extravagantes regiões da fantasia. O meu maior prazer, no convento, era fugir de noite do claustro, e ir só passar horas inteiras na egreja. Foi então, n'essas horas de solidão e de tristeza, que eu comprehendi a sublimidade da religião. Ajoelhada ao pé do altar de Nossa Senhora, esquecia-me inteiramente do mundo; a vida concentrava-se-me toda na oração, e arrebatada n'um extasis de amor infinito, sentia a minha alma unir-se aos espiritos do ceo.

Aos dezeseis annos eu era, diziam-n'o todas as freiras do convento, um modelo de perfeições e de formosura. Ignorava completamente o valor d'estes dotes externos: não tinha senão sentimentos religiosos, e a vaga esperança de encontrar um dia um espirito que comprehendesse o meu espirito, e se unisse com elle em vôos desvairados. Foi por este tempo que a rainha

mãe, a minha protectora, sahiu do paço para se ir encerrar na sua prisão, que assim se póde chamar a casa do Grillo, onde ella acabou os seus dias. El-rei continuou a mandar-me ao convento a minha tença por Henrique Henriques. Foi isto a causa da minha desgraça.

Henrique Henriques viu-me algumas vezes, e namorou-se apaixonadamente de mim. Um dia, que estavamos sós, fez-me uma declaração de amor, exaltada e louca; e eu, em vez de o escutar, fugi d'elle, e fui-me queixar á prioreza. Este homem cruel jurou vingar-se de mim. Fallou a el-rei, encarecendo-lhe os meus encantos; e el-rei mandou immediatamente o seu criado particular, Manuel Antunes, buscar-me.

Como el-rei era o meu protector, e era por ordem da rainha sua mãe que eu tinha entrado no convento, a superiora não hesitou em me entregar ao criado d'el-rei. Metteram-me n'uma liteira; e um quarto de hora depois estava no quarto de sua magestade.

D. Affonso ama-me extremamente, adora-me como se eu fôra o *seu anjo da guarda;* nome que elle muitas vezes me dá. Não sabe, não póde resistir a nada do que lhe peço; e por isso é de mim que depende talvez... a tranquillidade d'este reino. Ai! se não fosse o ciume, o eterno odio de Henrique Henriques, talvez eu podesse ser feliz ainda! Mas receio tudo d'esse homem; e n'este instante mesmo, Deus sabe que tremo de susto ao lembrar-me que a tua vida está em perigo, meu querido Francisco...

— Tenho uma espada para me defender! — bradou o capitão levando a mão ao lado.

— A força de um homem não basta para resistir á furia dos da patrulha d'el-rei. Eu estou guardada pela vigilancia de cem assassinos; sou captiva aqui. E se não fosse o muito que devo ao conde de Castello-Melhor...

— Ao conde! ao valído! — exclamou Francisco d'Albuquerque.

— O conde é o meu protector.

— Ama-te tambem? — perguntou o capitão com um gesto de cólera.

— Não; o conde não me tem amor; mas quer-me muito, porque... — A Calcanhares cortou a phrase que lhe ia a escapar, e proseguiu depois dizendo: — frei Pedro de Sousa, o confessor d'el-rei e tio do Castello-Melhor, era o capellão do meu convento. É elle quem me aconselha e dirige; é um santo homem que eu respeito, a quem obedeço como a pae.

— Esses homens sem alma, esses demonios malditos sacrificaram-te á sua ambição! Tu não és só victima do ciume de Henrique Henriques; és victima tambem do valído, que se serve de ti para melhor se sustentar no poder! Deshonraram-te aos olhos de todos...

— Pouco me importa agora o que o mundo pensa de mim — atalhou a Calcanhares. — Tu sabes que sou innocente. Tens fé nas minhas palavras; amas-me...

Os dois amantes cahiram nos braços um do outro: e mil suspiros de amor, murmurados apenas entre bei-

jos e sorrisos de ineffavel ventura, revelaram, como palavras o não poderiam fazer, os exaltados sentimentos que a ambos arrebatavam. Depois seguiram-se fallas incoherentes, phrases soltas cortadas por novos beijos, e que todas se podiam resumir n'uma só, singela sim, mas sempre sublime, quando é dita de coração: « Amo-te! »

Este delirio de amor foi interrompido pela chegada da aia da Calcanhares:

— É quasi meia noite — disse ella da porta do camarim — e não anda agora ninguem pela rua.

— São horas de nos separarmos — murmurou tristemente a Calcanhares pondo-se de pé.

— Já? — exclamou o capitão.

— Seria perigoso demorares-te mais. Adeus, Francisco! Em sendo possivel irei ter comtigo, ou mandar-te-hei chamar!

— Não póde ser ámanhan?

— Talvez não. Ama-me. O teu amor é a minha vida agora.

— Não me enganas?

— Duvidas de mim? — perguntou a Calcanhares assustada.

— Não; não, Margarida!

Depois de um terno e ultimo adeus, Francisco de Albuquerque sahiu de casa da Calcanhares com a alma cheia de inextinguivel amor, e de fagueiras esperanças.

CAPITULO XIV.

CATASTROPHE.

Os quartos que o conde de Castello-Melhor tinha no paço eram os mesmos que habitara o principe

de coiro ornada de pregaria amarella, e encostado a um vasto bofete sobre que havia uma escrivaninha de prata, algumas folhas de papel, tres ou quatro livros encadernados em pergaminho, e dois castiçaes com suas vellas de cera amarella, que, lançando uma luz pallida e tremula, davam a esta casa uma apparencia lugubre e pavorosa.

De pé no meio da sala estava um homem moço, com os vestidos amarrotados, os cabellos desgrenhados, e tão pallido que se poderia tomar por um cadaver se não fossem dois olhos vivos e brilhantes que lhe illuminavam o rosto.

— Foi um milagre escapar — dizia este homem, com voz tremula. — Atiraram-me dois tiros: e quando senti o cavallo vergar debaixo de mim, julguei-me perdido.

— E o visconde, morreria? — perguntou o Castello-Melhor, sem levantar a cabeça.

— Quando ha pouco sahimos d'aqui — respondeu Simão de Sousa de Vasconcellos — ouvimos gritos proximo das cavallariças; julgamos que era uma desordem, e apressamos o passo dos cavallos para lhe acudir. Vimos então alguns homens acutilando um desgraçado, que não podémos reconhecer. Quando nos approximavamos cahiram sobre nós outros assassinos que estavam escondidos a uma esquina, e, sem nos darem tempo para tirar as espadas, deram umas poucas de cutiladas no visconde da Asseca, que cahiu do cavallo como morto. Quiz soccorrel-o, mas... vi...

— Que viste? — disse ancioso o valído, vendo que seu irmão hesitava em acabar a phrase que principiara.

— Vi, meu irmão — proseguiu Simão de Sousa baixando a voz como se receasse ser escutado, apesar de estar só com seu irmão — vi... o infante...

— Sua alteza!

— Sua alteza queria-me assassinar. Quando eu fugi, disparou sobre mim as duas pistolas que tinha na mão, e feriu-me mortalmente o cavallo.

Depois d'estas palavras os dois interlocutores ficaram calados. O conde poz-se lentamente de pé, e deu algumas voltas pela casa, sem levantar a cabeça; e Simão de Sousa, sem se mexer do logar em que estava, seguiu com olhos turvos os passos incertos de seu irmão.

disse o conde — para ter occasião de lhe fallar, e ver se lhe desvanecia as suspeitas que tem, de que por conselhos meus el-rei lhe recusa os gentis-homens, e o tracta com desamor. O infante, depois de ouvir o que lhe eu dizia, dando mostras de descontentamento, disse-me apenas « que para se crerem as palavras era preciso que as obras lhe servissem de prova; que elle estava certo de que todos os actos com que sua magestade lhe mostrava o seu desagrado, não vinham tanto da vontade d'elle, como dos ruins conselhos que homens mal intencionados lhe davam; emfim, que se eu me queria justificar fizesse boa a sua opinião para com el-rei. » Foram estes os termos com que sua alteza me fallou; e nunca esperei que depois d'isto attentasse d'este modo contra a tua vida.

— D. Rodrigo de Menezes tem persuadido sua alteza de que tu lhe usurpas um logar, que só lhe pertencia a elle occupar. O infante quer governar o reino, e talvez...

— Talvez ser rei — atalhou o Castello-Melhor. — Bem o sei. Todos estão contra mim — proseguiu elle. — A rainha, chegada apenas ha dias, ja tambem me faz guerra. Como eu não consenti que se fizesse o tractado com a França, com as condições apresentadas pelo abbade de S. Romão, quer-me tirar o valimento, quer-me derrubar do poder. A princeza franceza queria fazer d'este reino um campo de batalha, e d'este povo um exercito que combatesse para interesse da França. O marechal Schomberg apoia o partido fran-

cez; o que elle quer é a guerra. Tenho inimigos por toda a parte; mas posso mais do que elles todos. O homem que na Italia, longe da sua terra, desterrado e esquecido de todos, jurou que havia de governar Portugal; o homem, que na acclamação de Alcantara tirou a coroa da cabeça de uma rainha, para com ella coroar um mancebo... quasi louco; o homem que salvou a sua patria das invasões estrangeiras, não ha de agora deixar-se vencer pelas intrigas de uma mulher, e o odio de um principe de dezoito annos.

— A amizade d'el-rei... — interrompeu Simão de Sousa.

— A amizade d'el-rei! — exclamou o valído, parando defronte do irmão — A amizade d'el-rei! El-rei não tem amizade a ninguem. Se ámanhan lhe fosse preciso sacrificar-me ao seu egoismo, se alguem lhe persuadisse que podia passar sem mim, entregar-me-ia nas mãos dos meus inimigos. O que D. Affonso quer é comer, dormir, e satisfazer os seus loucos caprichos; o egoismo é o sentimento mais poderoso da sua alma. Fui eu o primeiro fidalgo que lhe appareceu depois da prisão do seu favorito Conti; fui eu que o fiz rei, está costumado a ver-me governar a mim, por isso julga impossivel que outro, sem ser eu, governe este reino. N'este momento porém ha um grande perigo a combater. A rainha...

— El-rei está muito namorado da rainha — disse Simão de Sousa.

— É verdade; el-rei vive em muita intimidade com

sua esposa. A influencia d'esta cresce todos os dias; de tal modo, que el-rei já me esconde alguns dos seus segredos, e vai contar á rainha quanto eu lhe digo. É preciso empregar todos os meios possiveis para evitar que esta influencia se torne funesta.

N'este momento a porta da sala abriu-se com violencia, e frei Pedro de Sousa entrou a passos precipitados.

Era tão grande a inquietação que se manifestava no rosto do confessor d'el-rei, que os dois irmãos correram a elle, apenas o viram entrar, a perguntar-lhe a causa do seu apparecimento alli, a uma hora adiantada da noite, e quando elles o julgavam já recolhido no seu convento.

— Venho de Alcantara — respondeu o tio do Castello-Melhor — venho de Alcantara onde te fui procurar. Estranhei não te encontrar ao pé de sua magestade, e logo suppuz que estarias aqui. Tudo vai mal, meu sobrinho...

— El-rei já sabe que o infante quiz assassinar meu irmão? — perguntou o conde.

— Quizeram... quizeram-te matar, Simão? — perguntou o velho frade cahindo sobre uma cadeira.

— Não sabe ainda o que se passou?

Então Simão de Sousa contou ao tio o que lhe acontecera n'aquella noite, e o perigo em que deixara o visconde da Asseca.

— É preciso fugirmos! — exclamou frei Pedro, pallido e tremulo de susto — Está tudo perdido...

— Não; nada está perdido! — bradou o valído, com um gesto de cólera — Eu sou ainda o ministro d'el-rei...

— El-rei estava agora no quarto da rainha — disse o frade — e esteve hoje muito tempo a fallar com o confessor d'ella, o padre de Villes, o jesuita...

— Não importa — interrompeu o conde, com um tom no qual procurava affectar uma tranquillidade que não tinha. — Tenho força para resistir aos que me combatem. A minha influencia sobre el-rei é ainda a mesma: o seu amor pela Calcanhares...

— É d'isso que eu te vinha fallar agora — interrompeu frei Pedro. — A Calcanhares está namorada, conde...

— Ah! ah! Amores que passam, que duram um dia! — disse o valído, rindo.

— Não, não. É um amor que se não póde desvanecer assim. Commetteu já por causa d'elle uma imprudencia, que a póde perder, que nos póde perder a todos.

— O que foi? — perguntou o conde inquieto.

— A esta hora tem em casa um amante...

— É... é indispensavel... — bradou o favorito pondo-se, colerico, de pé.

— É indispensavel salvar esse homem do risco em que está... Henrique Henriques póde já ser sabedor d'este desgraçado acontecimento, e, levado pelo ciume... pelo zelo com que serve a el-rei, mandar matar... esse desgraçado.

— Seria um crime desnecessario — observou Simão de Sousa.

— Seria um crime perigoso para nós todos — accrescentou o frade. — Francisco de Albuquerque, o amante de Margarida, é da casa de sua alteza. Se o matassem, os do partido do infante accusar-te-iam da sua morte, conde; e levantar-te-iam calumnias sobre calumnias. Além de que, se Francisco d'Albuquerque morresse, Margarida — disse-m'o ella e fal-o-ia de certo — Margarida ir-se-ia metter n'um convento...

— E isso não póde, não deve succeder — disse o conde. — Agora sobre tudo carecemos da Calcanhares para combater a influencia da rainha.

— Manda depressa alguns homens de ronda para perto da casa de Margarida, a fim de evitar que o seu amante seja assassinado.

— Vou, vou eu mesmo.

E pondo na cabeça o chapéo que estava sobre uma cadeira, e embuçando-se n'uma capa, o valído sahiu, acompanhado por Simão de Sousa.

Em quanto esta scena se passava no paço, uma outra que tinha com ella intima relação se passava em Alcantara, no quarto de Henrique Henriques de Miranda.

Este confidente e particular valído de el-rei fallava com um homem de ignobil physionomia, que acabava de chegar ao palacio a procural-o, e que fôra immediatamente admittido no seu quarto.

— Que novas me trazes, Luiz Manco? Para que

me vens procurar a esta hora? — perguntou Henrique Henriques.

— Eu andava a rondar a casa da menina — respondeu, coçando a cabeça, Luiz Manco — quando vi entrar para lá uma cadeira de quatro homens...

— A que horas?

— Alli pela volta das sete e meia.

— E quem ia na cadeira?

— Ia... ia um homem...

— E só agora, ás dez horas, é que me vens dizer isso, excommungado! — bradou Henrique Henriques colerico.

— Não foi preciso vir mais cedo — respondeu o assassino da *patrulha baixa*.

— Não foi preciso? Que quer isso dizer?

— O homem que entrou na cadeira era o senhor padre confessor d'el-rei.

— Então para que me vens tu dizer agora que o confessor d'el-rei foi a casa da Calcanhares? Não sabes que elle é tambem o seu confessor; que vai lá muitas vezes? Bruto!

— Não é isso — interrompeu o Manco, deixando de coçar a cabeça, e pondo-se a voltar socegadamente do avesso a gorra que tinha na mão.

— Então o que é?

— Ás nove horas abriu-se a porta do páteo, e então...

— Que viste?

— Vi outra vez sahir a cadeira com o confessor de -rei.

— Pois se frei Pedro de Sousa entrou para casa de largarida, e se tu o viste entrar, porque te admiraste e o ver sahir? — interrompeu o cortezão.

— Não é isso.

— Faze-me favor de fallar claro e por uma vez.

— Pouco depois de frei Pedro sahir, vi abrir-se a porta pequena que deita para a praia...

— Eu tenho a chave d'essa porta na minha mão, e não é possivel...

— É, sim senhor, é possivel. Vi-a eu abrir com estes olhos, e vi sahir por ella...

— Algum homem...

— A aia da menina.

— E quem mais?

— Mais ninguem. Mas não é isso.

— Com mil diabos! Não acabarás de dizer o que viste, homem! Não é isso, não é isso! Então que é?

— A aia voltou pouco tempo depois, e entrou outra vez pela mesma porta.

— Só?

— Com um homem embuçado n'uma capa.

— E tu que fizeste?

— Eu disse a tres dos meus companheiros, que o esperassem á sahida e que o matassem, em quanto eu vinha dar parte a vossa mercê do acontecido.

— Maldito sejas tu! — bradou Henrique Henriques fazendo-se fulvo de raiva — Hei de mandar-te açoitar

como um escravo que és! Para que deixaste entrar esse homem? Porque o não mataste?

— Não queria fazer nada sem ordem de vossa mercê.

— Mas se esse homem sahir agora de casa da Calcanhares, os assassinos que lá deixaste matal-o-hão mesmo sem ordem minha.

Não sabendo o que havia de responder a esta observação de seu amo, o assassino deixou a gorra que já estava perfeitamente voltada do avesso, e recomeçou a coçar na hirsuta cabeça, rosnando entre dentes:

— Não é isso, não é isso.

Henrique Henriques, perdido de raiva e de ciume, metteu duas pistolas no cinto, cobriu-se com uma capa, e sahiu precipitadamente, dando ordem a Luiz Manco que o seguisse.

De Alcantara ás portas da Ribeira estes dois homens não andaram, correram sem parar. Henrique Henriques era impellido pelo ciume, e pelo seu odio implacavel contra a Calcanhares; Luiz Manco pela sede do ganho, e a de tomar parte no assassinio que se ia commetter. — Este homem tinha os instinctos sanguinarios das feras, e era como ellas estupido e sem alma.

Ao sahirem as portas ouviram alguns gritos e um tiro para o lado da casa da Calcanhares; correram para o sitio d'onde viera o som, e ao voltar uma esquina, deram de cara com dois homens que iam fugindo, e que Luiz reconheceu serem os assassinos que elle tinha posto de guarda á casa da Calcanhares.

Henrique Henriques chamou-os, fel-os parar, e perguntou-lhes a causa d'aquella fuga precipitada.

— Quando vimos sahir, alli da casa, o homem que o Luiz nos tinha mandado esperar — respondeu um d'elles — escondemo-nos á esquina: e mal chegou ao pé de nós, atirei-lhe uma facada ao peito, que o estendeu logo. Aqui o Gaspar — proseguiu elle apontando para o seu companheiro—deu-lhe, já depois de elle estar no chão, uma cutilada; e tel-o-iamos acabado por uma vez se não fosse acudir a ronda...

— E porque não fizeram voces fugir a ronda, miseraveis covardes! — bradou Henrique Henriques.

— Porque.... porque appareceu o senhor conde de Castello-Melhor; e se não fugissemos...

— O conde!

— O senhor conde ainda disparou uma pistola sobre nós — proseguiu o assassino; — e até feriu o Manuel, que lá ficou preso.

— Estás certo, ao menos, que o homem está bem ferido?

— A mim parece-me que d'aquella se não torna elle a levantar.

CAPITULO XV.

O INFANTE D. PEDRO.

O dia 2 de agosto fôra o designado para n'elle ter logar a entrada solemne da rainha em Lisboa. O concurso era immenso; as ruas, as janellas, os terrassos e os telhados, tudo estava coberto de povo, que esperava com impaciencia o cortejo brilhante, que devia conduzir á cathedral os dois reaes esposos.

Ao meio dia entravam pelas portas de Santa Catharina doze trombetas a cavallo, vestidos de primavera-verde de prata, que annunciavam com repetidos toques a chegada de suas magestades. Seguia-se-lhes uma dansa e folia dirigida pelo meirinho da cidade, que a acompanhava a cavallo: os procuradores do senado, montados em magnificos cavallos ricamente ajaezados e cobertos de laços de fita, precediam os seis por-

teiros da camara vestidos de preto com massas de prata doirada ao hombro, e os doze reis d'armas, arautos e passavantes, que se distinguiam pelas cótas de armas e cadeias de oiro que traziam. Os desembargadores e os juizes vinham logo depois a cavallo, com becas de seda forradas de lama de prata. Os coches e as liteiras dos titulares e fidalgos rivalisavam na riqueza dos ornatos doirados, no precioso dos brocados e na belleza dos jaezes, com os coches da casa real que se lhes seguiam.

O coche real era puxado por oito cavallos brancos, ferrados de prata, e adornados de formosas plumas brancas e carmezins; os tirantes eram de oiro e seda, e a libré dos cocheiros e lacaios vermelha com passamanes azues. Dentro do coche vinham, el-rei sentado á direita, a rainha á esquerda, e o infante no assento de diante. A rainha vestia de brocado cor de rosa, e trazia os cabellos loiros profusamente ornados de diamantes; com a luz dos seus bellos olhos ateava ella o fogo que ardia no coração de D. Pedro, desde o primeiro dia em que a vira, e com a sua presença fazia soltar brados de enthusiasmo ao povo que a admirava. O coche real, para que todos podessem vêr sem difficuldade a nova rainha, não era coberto; um moço da camara, sustentando uma rica umbella franjada d'oiro, guardava do ardor do sol o rosto mimoso da graciosa franceza.

Logo atraz dos coches, que eram acompanhados por numerosos lacaios a pé, vinham os officiaes das guardas alleman e portugueza, seguidos dos seus soldados

vestidos de verde com passamanes de seda branca, e um numero consideravel de homens de cavallo, do regimento que o conde de Maré trouxera de França. Eram estes que compunham a guarda de honra da rainha. Nas portas de Santa Catharina estava armado o arco da nação italiana. Era um arco grandioso, mas de architectura pouco regular, pesada e de mau gosto. Entre as quatro pilastras corinthias que o ornavam, havia nichos com estatuas allegoricas, representando as artes liberaes; por cima da cornija estava representada, n'um grande quadro, a figura da Italia offerecendo em uma cornocopia ricos e variados fructos a suas magestades. Sobre quàtro pedestaes, collocados diante das pilastras, havia estatuas de pedra representando imperadores romanos. O arco era superiormente rematado pelo escudo das armas de Portugal, com uma grande coroa doirada, tendo por timbre a tiara papal com as duas chaves em cruz.

Á entrada d'este arco esperavam por suas magestades, o presidente do senado vestido de brocado pardo com rendas de oiro, e os vereadores com garnachas de seda preta forradas de brocado branco. O coche real, ao chegar ao logar onde estava o senado, parou; e o presidente, dirigindo-se aos reaes esposos, fez uma longa oração, cheia de trocadilhos, e de phrases gongoricas, que a tornavam quasi inintelligivel, terminando por apresentar n'uma grande bacia de prata as chaves da cidade a el-rei, que por um gesto lhe indicou que as offerecesse á rainha. Esta acceitou-as com um

sorriso gracioso, e tornou-as immediatamente a restituir.

O real cortejo desceu, depois d'esta ceremonia, á rua nova, e encaminhou-se para a sé, passando por baixo dos arcos alevantados pelos officios nos logares que para isso lhes haviam sido designados. Á porta da cathedral, sumptuosamente armada, estava o cabido, com o pallio, e o Santo-Lenho, que suas magestades beijaram de joelhos.

Depois de cantado um *Te-Deum* pelos musicos da capella, a familia real acompanhada pela côrte tomou o caminho do paço.

Logo que terminou a ceremonia, o infante, despedindo-se de seu irmão e da rainha, entrou n'um coche que o estava esperando, e foi para o Côrte-Real seguido apenas de alguns fidalgos.

A noticia de que sua alteza era obrigado a retirarse da côrte pelas intrigas do valído, tinha corrido vagamente na cidade. Muitos individuos do partido do infante, e que tomavam parte activa nas conspirações tramadas contra o Castello-Melhor, não se descuidavam de irritar o odio e a desconfiança, que uma parte do povo manifestava contra o poderoso ministro: comtudo o geral da nação estava ainda, por aquelle tempo, quasi indifferente ás contendas e inimizades da côrte; e era mais a curiosidade do que outro qualquer sentimento, que levava o povo a escutar as furiosas declamações dos partidarios do infante.

Sua alteza decidira deixar a côrte no dia immediato

áquelle em que tivesse logar a entrada solemne da rainha em Lisboa; por isso, logo que chegou ao Côrte-Real depois do anoitecer, reuniu em roda de si os fidalgos que principalmente compunham o seu partido, para os consultar ácerca da importante resolução que tomara, por conselho de D. Rodrigo de Menezes.

N'uma sala vasta e mal allumiada por alguns brandões de cera, o infante presidia uma assemblea pouco numerosa de fidalgos e homens de guerra. Sua alteza estava assentado no topo da casa n'uma cadeira alta de velludo escuro, tendo ao pé um enorme lebréo, e ao lado sobre uma mesa uma trombeta doirada, seu instrumento favorito. A distancia, sentados em bancos de pau, os fidalgos esperavam que sua alteza quebrasse o silencio. D. Pedro hesitou muito tempo sobre o modo porque havia de começar a sua oração; voltou-se duas

começou a ter poderosa influencia sobre o animo de sua magestade. Estou pobre, sem meios para manter a minha dignidade de principe, sem gentis-homens para me servir, sem nada; quando o valído, um aventureiro ousado, dispõe das rendas do reino, vive no fausto e na grandeza, e tyrannisa esta desgraçada nação que ainda ha pouco conquistou heroicamente a sua independencia. Pedi a sua magestade a casa de Bragança, que me pertencia, e recusou-m'a; pedi-lhe rendas, recusou-m'as; pedi-lhe que me nomeasse alguns d'entre vós para me servirem, e recusou-m'o. Ha pouco ainda, quando os enviados francezes vieram despedir-se de mim, se me não assistissem por mercê alguns titulos e fidalgos da côrte, esses estrangeiros iriam contar na côrte d'el-rei de França, que tinham visto pobre, só, abandonado de todos, o infante de Portugal. A inimisade de meu irmão contra mim vai de dia para dia crescendo mais. Já... Não vos contarei outra vez o que se passou entre mim e el-rei, quando assistiamos outro dia ao ensaio das canas. Os meus inimigos, não contentes com o separarem-me de meu irmão, ousam talvez agora... conceber mais sinistros projectos. Nada os póde deter na senda criminosa que vão trilhando. Já se me atreveram a um dos meus criados, a um mancebo valente, que servira com lealdade e honra na guerra; ao filho do general Mathias d'Albuquerque. Ha poucos dias que um bando de assassinos o atacou... e o deixou por morto ás portas da Ribeira. Francisco d'Albuquerque fôra chamado ao meu serviço pelo con-

de da Torre, e foi por isso que os da sanguinaria patrulha d'el-rei o quizeram matar. É tempo de me retirar da côrte, para que o braço, que se levantou armado sobre Francisco de Albuquerque, não ouse... manchar o reinado de meu irmão com um tremendo crime. Estou decidido a sahir da côrte, e a retirar-me á minha quinta de Queluz. Pedi a el-rei licença para o fazer, e a permissão que elle me deu foi quasi uma ordem de desterro. Espero, senhores, que me acompanheis no meu desterro; para que a nação saiba que o infante de Portugal é estimado pela nobreza, e é digno de o ser.

Todos os fidalgos escutaram o infante em profundo silencio; e só na expressão das suas physionomias se podia ver o effeito que n'elles causavam as palavras de D. Pedro. Apenas porém sua alteza se calou, a assem-

pela frente, e não sei combater senão cara a cara. Retirar é fraqueza, quando a peleja é possivel, e a victoria provavel. Ainda não vi diante de mim adversario, que o não vencesse. Com esta espada na mão — bradou elle — não tenho medo de ninguem. Se elles, o valído e os seus, querem guerra, demos-lhe a guerra. Quem tem medo que se esconda, que eu cá tenho uma espada para me defender. Vossa alteza é filho do senhor D. João IV, e sabe que um principe nunca recua diante do perigo. Tem muitos braços que o defendam. Eu estou prompto a morrer por vossa alteza; e se ha ahi alguem que não queira fazer o mesmo, esse que se passe para o partido do valído, talvez que ache ainda vago o logar que lá deixou.

Esta ultima phrase foi directamente dirigida pelo general fanfarrão a D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, que pouco tempo antes deixara o partido d'el-rei para se ligar ao do infante, e que fôra dos que aconselharam sua alteza a que se retirasse para Queluz. O conde da Ericeira, apenas o conde da Torre acabou de fallar, poz-se de pé, e pediu licença a sua alteza para lhe responder:

— As obras valem mais do que as palavras — começou elle. — É bom fallar em combate n'um dia de batalha; no conselho a prudencia vale mais do que a fanfarrice. Se algum de nós é traidor, não é de certo dos que aconselharam a vossa alteza que não désse, com uma imprudencia, occasião aos seus inimigos para o accusarem de ser a causa de discordias civis. Perdi

a estima d'el-rei por lhe dizer a verdade ácerca do valído; e nem por isso estou resolvido a calar a verdade agora aqui. Já por eu dizer a verdade levantou sobre mim traiçoeiramente a mão um general...

Um murmurio geral da assemblea interrompeu o orador; porque todos receavam que uma pendencia dos dois condes viesse quebrar a harmonia que reinava entre os amigos do infante. Para se comprehender, porém, a significação e importancia das palavras do conde da Ericeira é indispensavel relatar o facto succedido durante a guerra com os hespanhoes, que foi causa da inimizade dos dois generaes.

No tempo em que D. João d'Austria sitiava Jerumenha, D. Diogo Caballero, general da cavallaria hespanhola, fez uma entrada pelas terras de Portugal com um grosso de cavallaria. O marquez de Marialva, que commandava o exercito em Villa-Viçosa, ordenou logo ao conde da Torre, general da cavallaria, que fosse pelejar com o inimigo, e ao tenente-general D. João da Silva, que estava em Elvas com alguns esquadrões, mandou dizer que marchasse immediatamente a encontrar-se com o conde no logar a que chamam a Fonte dos Sapateiros. Fez-se a juncção, e pouco depois passou a cavallaria hespanhola a pouca distancia do logar onde estava a tropa portugueza. O general porém deixou passar o inimigo sem o atacar, e só quando elle já ia a distancia mandou D. João da Silva perseguir-lhe a retaguarda, promettendo que em breve o iria ajudar. D. João da Silva cumpriu com valor as ordens que lhe

havia dado o conde da Torre, porém como este, em vez de seguir o inimigo, se retirou para Villa-Viçosa, viu-se o tenente-general na necessidade de voltar para Elvas depois de ter sem utilidade alguma perdido um numero consideravel dos seus soldados.

O conde da Torre, ao relatar o acontecido ao marquez de Marialva, calou as circumstancias que o podiam comprometter, e attribuiu o mau exito da expedição a D. João da Silva; porém o conde da Ericeira, que fôra informado da verdade por uma carta d'este, defendeu acaloradamente a honra do tenente-general, e d'aqui resultou o dar-lhe o conde da Torre com o bastão ao sahirem da tenda do marquez de Marialva, e ferir-se D. Luiz de Menezes na propria espada quando a tirava para se desaffrontar. D'esta occasião datava o odio dos dois generaes, e o murmurar-se no exercito contra o conde da Torre, de quem se escreveu o seguinte pasquim:

Tan soberbio en la paz,
Y tan cobarde en la guerra,
Toda su fama se incierra
En patarata, no mas.

O infante, interrompendo a falla do conde da Ericeira, impoz silencio á assemblea: e D. Luiz de Sousa, bispo do Porto, homem de cincoenta annos, gordo e baixo, cuja physionomia era extraordinariamente animada por uns olhos pequenos e vivos, começou a fallar com voz melliflua:

— A bondade divina seja comnosco! — disse elle

— Parece que estamos aqui n'um conselho de guerra: não se falla senão em espadas e em combates. O ardor militar não me parece conveniente n'esta occasião: e é bom que ao lado de illustres e valentes generaes estejam os homens de paz como eu, para evitar as imprudencias, e permitta-se-me a palavra, os erros. Andou bem avisado, senhor conde da Torre, quem aconselhou a sua alteza que sahisse da côrte, e se pozesse fóra do alcance dos tiros da inveja — a metaphora é militar, e sua senhoria de certo me ha de entender. — É preciso ter paciencia para esperar; Deus Nosso Senhor nunca abandona os bons. Não temos a recear que a vida de sua alteza corra perigo. A mão que se alevantou contra o desgraçado mancebo, que ha dias foi victima da crueldade do valído, cahiria sem força ao alevantar-se contra o descendente dos reis de Portugal.

Estas palavras, ditas n'um tom conciliador pelo bispo do Porto, socegaram algum tanto os animos irritados dos dois condes. Porém D. Rodrigo de Menezes, não contente com esta apparente concordia, e desejando convencer todos os fidalgos de que o melhor caminho a seguir era o da prudencia, pediu licença ao infante para fazer algumas considerações ácerca do objecto de que se tractava, e este concedeu-lh'a immediatamente.

— A prudencia de sua alteza é tão grande — disse elle — que não se póde duvidar de que a sua opinião, na perigosa situação em que nos achamos, seja a melhor de todas. Sua alteza só põe o seu desvelo em ser um principe perfeito; e por tal fórma o allumia a luz da razão, que com insigne esplendor poderia governar o mundo. Se as imprudencias de el-rei, e a maldade do conde de Castello-Melhor poem em perigo a paz publica, não é razão que sua alteza siga tão mau exemplo. É verdade que o senhor infante tem sido aleivosamente affrontado por esse fementido ministro, é verdade que sua alteza perdeu, pelas intrigas d'esse ambicioso, a amizade de seu augusto irmão, é verdade que os assassinos já ousaram attentar contra a vida de um criado de sua alteza, mas não se segue d'aqui que nós devamos imitar os crimes do conde de Castello-Melhor. Deus não ha de deixar por muito tempo este reino nas mãos dos que o querem perder: a morte póde livrar-nos um dia do tyranno que nos opprime: *Breves dies hominis sunt*. É natural em ho-

mens de guerra, em generaes illustres, opporem-se ao que a elles lhes parece pouco valor, ao que tem por demasiada prudencia; se pensarem porém na situação em que estamos, se se lembrarem de que os inimigos do senhor infante são desgraçadamente apoiados por el-rei, convencer-se-hão de que só resta escolher entre a guerra civil, e o prudente alvitre que sua alteza se propõe seguir. Mas a guerra civil agora seria um crime, seria entregar a patria aos hespanhoes e sacrificar a independencia por que combatemos ha vinte annos. O que ha pois a fazer? Retirar-se sua alteza para onde lhe não cheguem os tiros do valído, e esperar ahi que Deus se digne baixar olhos de misericordia sobre os portuguezes.

Com este discurso de D. Rodrigo de Menezes se pôz termo ao conselho, e os fidalgos separaram-se, de-

CAPITULO XVI.

SCENAS DE FAMILIA REAL.

A noite estava serena, e o ar, puro e diaphano, por tal modo quieto que nem encrespava sequer a superficie das aguas do Tejo, onde a lua se reflectia como em um espelho do mais limpido crystal, prendendo uma á outra as margens do rio com uma faxa rutilante. Errantes sobre as aguas algumas luzes de pescadores traçavam a espaços linhas tenues de fogo, que ora se esvaeciam pouco a pouco no vivo clarão do luar, ora se perdiam ao longe na sombra projectada pelas ribas alcantiladas, e cobertas de escuros pinheiraes.

Lisboa, n'aquelles tempos muito menos vasta do que hoje, fechada n'um cinto de muralhas, coroada pelas torres negras de numerosos conventos, e pelos antigos muros do castello mourisco, estendia-se silenciosa

e immovel pelas encostas dos montes, e banhava os pés de marmore dos seus palacios na limpida corrente do Tejo. Só o lento e sinistro brado das sentinellas, o uivo distante dos cães, e o piar das aves nocturnas pousadas sobre as grimpas perturbavam o profundo repouso da cidade adormecida.

A formosura da noite, a serenidade das aguas do rio, o silencio que o murmurio d'aquellas poucas e isoladas vozes tornava ainda mais sensivel, o perfume das flores de que a aragem se tinha impregnado nos jardins e nos campos, os feiticeiros encantos, emfim, d'aquella scena maravilhosa derramavam uma suave melancolia no coração da rainha, que a contemplava, com ineffavel prazer, do eirado do paço.

D. Maria Francisca de Saboya estava languidamente recostada n'um amplo sofá de velludo escuro. Dois dias depois da sua entrada solemne em Lisboa fôra ella atacada de uma ligeira indisposição, e os medicos, que consideravam então as sangrias como remedio para todos os males, tinham-lh'as feito tão repetidas e abundantes, que a delicada e graciosa rainha ficara abatida e sem forças. O seu rosto pallido, allumiado pelo luar, parecia do mais puro marmore, e os olhos azues, a que o soffrimento fizera perder parte da natural vivacidade, tinham tomado uma expressão de doçura que lhe realçava a belleza.

Sentado ao lado da rainha, o infante D. Pedro contemplava com olhos de amor a formosura da gentil princeza; os labios, que sorriam, por mais de uma vez

murmuravam palavras de amor, mas tão baixo que nem chegavam aos ouvidos d'aquella que as inspirara. Sua alteza, depois que a rainha adoecera, vinha todas as noites de Queluz visital-a, e voltava depois para o que elle e os do seu partido chamavam *desterro*.

A porta, que dos quartos da rainha deitava para o eirado, estava aberta, e proximo d'ella, da parte de dentro da casa, Affonso VI encostado a uma mesa jogava o *solitario;* jogo muito usado então em França, e que a rainha lhe ensinara. El-rei dava profunda attenção ao jogo; e o conde de Santa Cruz, mordomo-mór da rainha, em pé atraz da cadeira de sua magestade, dava a perceber o interesse que tomava na partida de el-rei só pelos ligeiros gestos de impaciencia que lhe escapavam, quando via mover inconsideradamente alguma tabula.

O silencio durava havia muito quando a rainha, voltando os olhos para o infante, lhe perguntou se elle contava tornar n'aquella noite para Queluz.

— Vossa magestade bem sabe — respondeu D. Pedro de modo que el-rei o não podia ouvir — as razões que me levaram a sahir da côrte. Eu, infante de Portugal, não devia ceder á tyrannia do valído de meu irmão: fôra rebaixar a minha dignidade. Demais vossa magestade vê o modo por que el-rei me tracta; apenas se digna fallar-me, e nada do que eu lhe peço me concede. As intrigas do Castello-Melhor fazem com que meu irmão me considere como inimigo seu e do reino. É doloroso — proseguiu sua alteza suspirando — é do-

loroso para mim o estar longe da côrte, quando n'ella brilha o mais fulgente astro que sobre este reino se tem levantado; o desterro é dobrado martyrio agora, que a alma me fica presa aqui... captiva, para nunca mais ser livre.

Os olhos negros do infante diziam claramente o que os labios calavam a custo. A rainha sorriu, com a expressão indefinida e simultaneamente apaixonada da mulher, que adquire a certeza de ter captivado o homem por ella preferido, mas deseja esconder o intimo sentir da sua alma.

— É conveniente que vossa alteza se faça respeitar pelos seus inimigos — disse ella depois de uma pausa; — mas para isso não é necessario pôr em risco a tranquillidade do reino, e a sua independencia.

— Não serei eu nunca quem contribua para tão funestos resultados. Sejam quaes forem as offensas que eu receba na côrte, jamais recorrerei á violencia...

— Vossa alteza não póde ignorar que o seu retiro tem causado profundo sentimento em todo o reino; e que os de Castella estão com esperança de ver a nação dividida em parcialidades, porque julgam poder assim apossar-se novamente de Portugal.

— Se tivesse a desgraça — exclamou o infante — de tomar armas contra meu irmão, e accender a guerra civil, entregar-me-ia nas suas mãos captivo mesmo n'um dia de victoria, quando visse que a minha rebellião expunha esta nação a ser outra vez subjugada pelos hespanhoes.

— Então porque não volta para a côrte, porque não vem viver outra vez para o seu palacio do Côrte-Real?

— A Queluz não chegam as intrigas dos valídos. O socego de particular, de que lá góso, vale muito mais do que estes desgostos que aqui padeço como infante.

— E prefere o socego de Queluz... á côrte? — perguntou a rainha em tom melancolico.

O infante sentiu vibrar-lhe o coração no peito como se fôra de crystal; as faces coraram-se-lhe da mais viva purpura, e os labios murmuravam baixinho palavras inarticuladas. Ao impeto da paixão, que violento agitou a alma de D. Pedro, seguiu-se um longo e expressivo silencio.

No fim, quando sentiu que tinha força já para fallar, respondeu apenas com voz tremula:

— Farei o que vossa magestade me ordenar.

— Direi francamente a vossa alteza o que se passou, para o resolver a ficar na côrte—disse a rainha.— O conde de Castello-Melhor tem feito tudo da sua parte para abrandar el-rei, e persuadil-o a que ceda da sua determinação a respeito dos gentis-homens que vossa alteza lhe pediu.

— Se assim fosse, meu irmão...

— El-rei tem resistido ás instancias do seu valído, e ás minhas tambem. Comtudo o Castello-Melhor tem esperança de que em breve as coisas se accommodarão, de modo que vossa alteza fique satisfeito.

— Não cederei em nada... — interrompeu o infante com impaciencia.

— Não me disse que faria o que eu lhe ordenasse?

— Peço perdão a vossa magestade da minha impaciencia.

— O conde deseja servir a vossa alteza; disse-m'o elle, e eu tenho provas de que me disse a verdade. O Castello-Melhor receia que o partido de vossa alteza cresça com a perseguição e o odio de el-rei; eis a razão porque quer vel-o de novo na côrte, e pede a sua magestade que nomeie gentis-homens para servirem na casa de vossa alteza. Hoje no conselho de estado...

— Que se passou?

— El-rei cumpriu emfim a promessa, que fez logo no dia em que cheguei, de me dar logar no conselho

lou logo depois d'el-rei, dizendo que, se era elle a causa d'esta desgraçada desunião, como seus inimigos publicavam, pedia a el-rei que o castigasse...

— E el-rei...

— Sua magestade fez do conde os maiores elogios; e o conselho todo justificou-o das accusações que os seus inimigos lhe teem feito.

— Este ministro maldito póde tudo; todos o adulam, todos se lhe rojam aos pés.

— Espere vossa alteza, sem imprudencia, pelo resultado das promessas do conde.

— Diz-me vossa magestade que espere! — exclamou D. Pedro. — Pois não sabe que já me mandaram assassinar um dos meus criados, e que talvez ousem...

— O valído queixa-se tambem... — peço desculpa a vossa alteza de lhe fallar n'uma calumnia, que de certo não tem fundamento algum, mas que é geralmente acreditada na côrte; — accusam a vossa alteza de ter mandado dar uns tiros em Simão de Sousa, o irmão do conde...

— É para me malquistarem ainda mais com el-rei, que.... levantam essas calumnias. Já sei que sua magestade mandou chamar dois corregedores da côrte, e lhes ordenou que tirassem devassa rigorosa...

— O conde fallou-me d'isso ainda hoje, assegurando-me que se tinham passado ordens para que a devassa não progredisse. — Mas é realmente para estranhar — proseguiu a rainha, rindo-se — que eu esteja ha tanto

tempo a fallar de negocios politicos! Bem se vê que já faço parte do conselho de estado.

— E no conselho a opinião de vossa magestade ha de ser sempre a mais digna de ser escutada e seguida.

— Vossa alteza póde agora provar que julga bons os meus conselhos.

— Eu já disse a vossa magestade que estava prompto, como é meu dever, a obedecer-lhe em tudo.

— Não mando, peço — disse a rainha com um gesto gracioso que lhe estava desmentindo as palavras. — Peço-lhe que, para evitar o incommodo de vir de noite saber novas minhas, e de se recolher fóra de horas para Queluz, se deixe ficar na côrte em quanto durarem os meus padecimentos. Talvez que entretanto se accommodem as coisas do modo mais conveniente, e a seu gosto. É verdade — proseguiu a rainha — que um pas-

rainha; e não ouvira d'elle uma só palavra, porque do logar, em que estes estavam no eirado á casa onde jogava Affonso VI, mediava uma consideravel distancia.

Depois de ter tentado em vão por muitas vezes *fazer o solitario*, el-rei levantou-se impacientado, e encaminhou-se a passos vagarosos para sua esposa. Quando a rainha o viu perto, voltou-se para elle com vivacidade, dizendo-lhe com astuciosa alegria:

— Sua alteza condescendeu com os meus rogos; e já esta noite fica no seu palacio do Côrte-Real.

— Era um dever meu — accrescentou o infante — obedecer ás ordens da rainha, minha senhora. Conservar-me-hei na côrte até que sua magestade esteja de todo restabelecida da doença que infelizmente a accommetteu; mas depois ir-me-hei para a minha casa de Almada, porque não quero com a minha presença causar desgosto a el-rei, meu senhor.

— Vossa magestade não ha de consentir — disse a rainha, interrompendo sua alteza e dirigindo-se a Affonso VI — que esteja longe da côrte a pessoa que n'ella tem a mais elevada posição, depois de vossa magestade; sendo, como é, a sua presença necessaria para o lustre e grandeza da sua real coroa. Estar separado de um principe de tantas e tão relevantes virtudes, quando n'esse principe vossa magestade sabe que tem o amor de um irmão e o zelo de um amigo, deve causar-lhe profunda magoa; e se até hoje causas particulares tem impedido que ceda vossa magestade aos rogos de sua alteza, é de esperar...

— Tu bem sabes, Pedro, que não sou eu o culpado do que se tem passado entre nós n'estes ultimos tempos — disse el-rei ao irmão. — Conselheiros maus te persuadiram, que podias exigir de mim quanto te aprouvesse, que eras o maior de todos n'este reino. Grande aqui sou eu só, Pedro, e hei de repartir a minha grandeza com quem quizer.

— Não ponho em duvida o direito que vossa magestade tem de escolher os seus ministros — disse o infante — mas desejava que me désse a mim, ao menos, o direito de escolher criados para me servirem. Respeito vossa magestade como rei e irmão, que é, mas...

— Respeitas-me, mas não perdes uma só occasião de me offender.

— Vossa magestade fez muitas vezes o solitario? — perguntou a rainha, cortando esta perigosa conversação, que já ameaçava a tornar-se tempestuosa.

— Não, senhora — respondeu el-rei. — Estou infeliz em tudo; nem ainda mereci esta noite a vossa magestade uma palavra sequer. Meu irmão tem sido muito mais feliz.

— Não quiz perturbal-o nos seus calculos de jogo.

— Vossa magestade dá-me sempre muito prazer quando se digna fallar-me. Não te succede a ti o mesmo, Pedro?

Esta pergunta d'el-rei fez subir o rubor ás faces do infante, que balbuciou apenas algumas palavras, sem levantar os olhos do chão.

A rainha, para o tirar da situação melindrosa em que o via, queixou-se da frescura da noite, pretextou uma dor de cabeça e levantou-se para se recolher aos seus quartos; pedindo ao mordomo-mór, conde de Santa Cruz, lhe fosse buscar uma *banda* para se abafar.

Pouco tempo depois de se recolherem do eirado, os dois reaes esposos e o infante ouviram uma viva altercação na antecamara.

O mordomo-mór e a camareira-mór, mãe do conde valído, disputavam em voz de falsete ácerca do objecto, para elles, de maior importancia no mundo; isto é, ácerca das preeminencias e direitos dos seus respectivos cargos.

— Sua magestade pediu-me esta banda para se abafar — dizia o conde de Santa Cruz — e quero levar-lh'a.

— Não ha de leval-a — bradava a marqueza de Castello-Melhor. — Só eu é que tenho, como camareira-mór, direito de vestir a rainha.

— Foi a mim que ella pediu a banda; e eu não cedo da honra que sua magestade me fez...

— Largue a banda, senhor mordomo-mór; largue a banda para eu a levar!

— Sua magestade está á espera...

— Sua magestade está com frio...

— Póde fazer mal á rainha.

— Corre perigo de uma recahida.

— Largue.

— Não largo.

— Senhor mordomo-mór!

— Vossa excellencia por ser mãe do senhor conde de Castello-Melhor não deve querer usurpar aos outros as honras...

— Hei de queixar-me a sua magestade.

— Vou já pedir justiça a el-rei.

— Olhe que se rasga, senhor conde.

— Isto é um escandalo, senhora marqueza.

Esta singular e comica altercação tinha logar em tão alta voz, que tudo era distinctamente ouvido no quarto da rainha. Quando Affonso VI ouviu a marqueza bradar que lhe queria pedir justiça, levantou-se da cadeira em que se tinha sentado, e encaminhou-se para a antecamara, dizendo:

— Vou pôr termo áquella contenda; estou resolvido a governar a minha casa.

Não só a sua casa devia vossa magestade governar

— Não falles no conde! São traidores quantos o accusam, e hão de ter um dia o castigo que merecem.

— Socegue vossa magestade — interrompeu a rainha, interpondo-se, para impedir que passasse a maiores excessos a cólera d'el-rei. — O senhor infante quiz-lhe dar um conselho de irmão, e não offender...

— Vossa magestade não o conhece ainda — disse o rei com voz tremula e limpando as lagrimas que lhe rebentavam dos olhos. — Este meu irmão é o maior inimigo que eu tenho. O que elle queria era poder tirar-me a coroa!

— Vossa magestade é de certo injusto para com seu irmão. Sua alteza só quer o bem do reino, e a gloria de vossa magestade.

— Não tenho amigos; ninguem... ninguem... — murmurou el-rei soluçando.

E sem escutar as consolações da rainha sahiu precipitadamente da sala.

O infante estava pallido como um cadaver; os labios tremiam-lhe n'uma convulsão violenta, e os olhos faiscavam-lhe de raiva. Um olhar da rainha, brando e amoroso, extinguiu n'um instante aquelle furor mal comprimido, como os primeiros raios do sol da madrugada desfazem o transparente véo de geada que cobre as plantas do valle.

— Vossa magestade bem vê — disse D. Pedro á rainha depois de um breve instante de silencio — que me não é decoroso ficar na côrte depois do que se acaba de passar aqui. Prometti a vossa magestade ficar

no Côrte-Real, cumprirei a minha promessa; mas o que eu não posso é voltar ao paço, porque el-rei me faria novas affrontas, e a paciencia não é infinita.

— Vossa alteza sabe como el-rei é — atalhou a rainha. — Ámanhan pedir-lhe-ha perdão das offensas que lhe fez hoje, esquecerá tudo...

— Mas eu é que não posso esquecer.

— E se eu pedir a vossa alteza que esqueça? — perguntou ella com um sorriso gracioso, de enfeitiçar.

— Esquecer-me-hei — respondeu o infante com humildade.

N'este momento o mordomo-mór e a camareira-mór entraram na sala, elle com uma banda verde no braço, ella com outra escura; e ambos vieram offerecel-as á rainha. Sua magestade acceitou a que lhe apresentara o conde de Santa Cruz, dizendo:

CAPITULO XVII.

A MENSAGEM.

Luiz de Mendonça, depois que o seu amigo Francisco d'Albuquerque fôra transportado, quasi moribundo, para o Côrte-Real, raras vezes sahira do palacio; e por isso não tornou mais a vêr a rainha desde o dia em que, na toirada real, um toiro o feriu, quando apanhava o lenço que sua magestade deixara cahir das mãos. Foi para elle, pois, um momento de prazer, de pallido susto, de dor e alegria ao mesmo tempo, aquelle em que o infante lhe ordenou que fosse ao paço — « para restituir a sua magestade o lenço que tinha tido a honra de guardar, e ter por essa occasião a ventura de lhe beijar a real mão. »

D. Pedro, depois da questão que tivera com el-rei por causa da pendencia alevantada entre a camareira e

o mordomo-mór da rainha, não voltara ao paço; mas, apesar de não ter mandado recolher de Queluz a sua recamara, tinha-se conservado no Corte-Real: não só porque assim o havia promettido á rainha, mas tambem porque recebera ordem expressa de seu irmão para se não ausentar de Lisboa. Sua alteza estava desejoso de saber novas directas da rainha por pessoa de sua casa, e foi este o motivo porque mandou chamar Luiz de Mendonça e lhe deu a ordem, que n'este produziu tão encontrados e violentos sentimentos.

Era noite fechada quando Luiz de Mendonça se encaminhou para o paço, levando uma carta do infante para a rainha, e o precioso lenço, de que elle se ia separar cheio de profunda magoa; porque fôra o seu unico allivio nas horas do pungente padecer, do amargo desalento, desde o dia em que havia, por um perigoso e arrojado combate, ganho o direito de o apertar ao coração, de o beijar muitas vezes, e de o ensopar nas suas lagrimas e no seu sangue.

O amor de Mendonça pela rainha era um d'estes amores sem limite e sem esperança, que se alimentam dos proprios soffrimentos, que crescem regados de prantos, e lançam raizes profundas n'um coração dilacerado pela dor. O caracter orgulhoso, frio, desconfiado e pouco expansivo do amante de Aza, do homem que trahido se vingara por um assassinio, tinha-se tornado mais melancolico, mais concentrado ainda, depois que um novo amor lhe acordara violentamente as intimas e profundas paixões. A ambição havia penetrado

tambem com este amor na alma de Mendonça; Cromwel e Mazaniello eram homens sublimes, que lhe faziam horror mas que elle admirava, porque souberam ser grandes alcançando o poder e a gloria. Ás vezes o apaixonado mancebo pensava na possibilidade de chegar aos postos mais elevados, combatendo na guerra contra Castella; outras, sonhava conspirações contra o valído, e não se lhe aterrava o coração com a ideia de ser elle mesmo o assassino d'esse ministro, que reputava criminoso; o que elle desejava só era merecer o amor da rainha, subir para poder chegar aos pés da mulher que amava. O desalento, que sentia pesar-lhe no coração quando estava a sós com o seu pensamento, em vez de lhe apagar o ardor da paixão, não fizera senão irrital-o contra a propria fraqueza, e excital-o a luctar com a sorte: apesar de lhe mostrar a razão que era inutil o combate, porque a sua situação tornava a victoria impossivel.

Quando se encaminhava para o paço, onde ia fallar pela primeira vez com a rainha, ligeiras esperanças, a que buscava apegar-se como o naufrago procura agarrar com mão tremula a alga que boia sobre as ondas, fluctuavam mal seguras no espirito de Luiz de Mendonça. Afigurava-se-lhe sentir os olhos radiantes da formosa princeza baixarem-se sympathicamente sobre elle, e aquella boca formosa, que elle tantas vezes adorara nos seus sonhos febris, sorrir-lhe para o animar e dar-lhe força. Esta fugaz e tenue alegria era logo depois substituida por um quasi terror, causado pela ideia

de se ver de todo desprezado, e de ser apenas recebido e tractado pela rainha como o mensageiro do infante, que elle sabia que era seu rival.

Foi tremulo e enfiado de susto e de esperança, com o passo incerto, e escondendo-se nas sombras como se fôra commetter um crime, que Luiz de Mendonça atravessou o páteo da capella e se approximou de uma porta do paço estreita e pouco elevada, a que chamavam a *portaria das Damas*. A porta estava fechada, mas o mensageiro de sua alteza, que recebera as necessarias instrucções de D. Rodrigo de Menezes, não hesitou em bater duas pancadas com a argola de bronze, mas tão de vagar bateu, que só alguem que estivesse proximo da porta o poderia ouvir. A porta, comtudo, abriu-se immediatamente; e uma mulher, embuçada em uma manta de capuz, perguntou a Mendonça, com uma voz tremula e fanhosa, que destruira todas as duvidas que por ventura podessem nascer no espirito do mancebo ácerca da sua idade: «quem elle procurava áquellas horas, alli na *portaria das Damas do paço*.»

— Trago uma mensagem para sua magestade — respondeu Luiz de Mendonça.

— A esta hora! Sua magestade não recebe...

— É uma carta — atalhou o mancebo.

— Uma carta! — murmurou a velha porteira — Dê-m'a, dê-me a carta para eu a levar...

— Só nas mãos da rainha, nossa senhora, é que a posso entregar.

— Nas mãos da rainha! Jesus! vossa mercê está

doido! Credo! Fallar á rainha! Olhe, eu vou dizer á senhora camareira-mór...

— Não vá.

— Volte ámanhan, e então irei receber as ordens de sua magestade.

E a velha estendeu a mão para fechar a porta.

— Escute, senhora — disse Mendonça, detendo-a. — Sua magestade quer receber-me, eu bem o sei. Vá dizer...

— Á senhora camareira-mór?

— Não. A... a mademoiselle d'Amuraude...

— A dama franceza que veio com sua magestade?

— Sim.

— Essa não tem nenhum officio no paço; não tem direito de levar cartas e recados á rainha.

— Chame-a.

— Não, não a chamo. E tire-se, senão vou queixar-me ao senhor mordomo-mór, ao senhor conde...

N'este momento um homem de capa escarlate desceu rapidamente a escada que dava para a *portaria das Damas*, e parou ao lado da velha porteira.

— De quem se quer queixar, senhora Agostinha? perguntou elle á porteira com uma pronuncia estrangeirada, e nada correcta.

— Este cavalheiro quer fallar a sua magestade, a esta hora. Veja que atrevimento, senhor Estevão de Castilho! — exclamou a velha.

— Da parte de quem? — perguntou o francez.

— Da parte de sua alteza — respondeu Luiz de Mendonça.

— De sua alteza! bom! deixe-o entrar, senhora Agostinha.

— Não, não o deixo entrar sem licença...

— É vontade da rainha, minha senhora. Entre, entre, senhor — proseguiu Estevão de Castilho, criado francez da rainha, dando a mão a Luiz de Mendonça e conduzindo-o para a escada.

— Senhor Castilho, que faz vossa mercê, que quer fazer? Não sabe...

— Sei quaes são as ordens de sua magestade, senhora Agostinha — respondeu o francez subindo a escada.

A senhora Agostinha ficou praguejando entre dentes contra os francezes, que infringiam as leis da eti-

A principio, o namorado cavalheiro, entregue ás suas serias meditações, esperou de pé á entrada do corredor pelo criado da rainha, que tinha promettido voltar em breve: mas, vendo que se demorava mais do que promettera, começou, levado por uma attracção irresistivel, a caminhar para a porta por onde o vira entrar. Uma voz intima lhe dizia que era alli que estava a formosa rainha.

Mal elle tinha, porém, dado alguns passos, as portas que ficavam de um e de outro lado do corredor começaram a ranger ligeiramente, e pelas fendas, que mãos cautelosas n'ellas abriam, a apparecerem olhos vivos, que a curiosidade animava. Luiz de Mendonça admirado do que se passava, e sentindo-se o alvo da curiosidade das damas da rainha, parou perplexo no meio do corredor, e começou a examinar com attenção cada uma das portas por detraz das quaes elle sabia que o espreitava uma dama curiosa: mas a cada movimento que fazia com a cabeça, uma porta se fechava precipitadamente, e uns olhos, mais ou menos bonitos, desappareciam ao som de uma gargalhada de escarneo mal comprimida.

— É elle! — disse baixo uma voz de mulher, pela fenda de uma das portas que ficavam por detraz de Luiz de Mendonça.

— Elle, quem? — sibilou outra voz da porta fronteira.

— O que na toirada...

Mendonça voltou a cabeça e immediatamente as vozes calaram, e fecharam-se as portas.

— Quem será? — murmurou outra voz do lado opposto do corredor.

— Que virá fazer aqui a esta hora? — perguntou outra.

— Ouvi passos...

— Já estavas deitada?

— Ainda não.

Um novo movimento do mensageiro do infante fez parar este dialogo, e fechar duas portas immediatamente. A primeira conversação proseguiu.

— Quem disseste que era?

— O criado de sua alteza, que na toirada apanhou o lenço...

— Da rainha?

— Sim.

Duas gargalhadas interromperam n'este ponto a conversação das duas damas.

— Como é que a tia Agostinha o deixou entrar? — disse uma.

— Só se foi por ordem de sua magestade — respondeu outra.

— Não póde ser.

— É criado de sua alteza, e então...

— Cala-te!

Luiz de Mendonça havia-se conservado immovel para não perturbar esta mysteriosa conversação; voltando-se porém de repente, para ver se podia descobrir

quem eram as maliciosas interlocutoras, no momento em que as julgava mais descuidadas, viu, á meia luz que a lampada lançava por todo o dormitorio, as cabeças de duas raparigas que riam, mostrando dentes alvos como perolas. Ambas soltaram um ligeiro grito, e se recolheram para os quartos, fechando as portas com precipitação. Pouco depois, como elle se conservava voltado para o lado da porta por onde entrara no corredor, o segundo dialogo continuou.

— Deixam-no aqui ficar toda a noite!—exclamava uma voz.

— Elle entrou só? — perguntava outra.

— Ouvi passos de duas pessoas.

— E a outra?

— Foi para a casa do *lavor*.

— Sua magestade ainda estará levantada?

— Está, está alli a ver bordar, e a ouvir ler.

— É tarde!

— São dez horas quasi.

— E sua magestade sem se recolher!

— Saberá ella...

Um rapido movimento de Mendonça, similhante ao de que poucos momentos antes tirara tão excellente resultado, fez calar immediatamente as vozes, e fecharem-se as portas dos quartos; sem que fosse comtudo possivel d'esta vez ao namorado mensageiro descobrir quem n'elle empregava tanta curiosidade.

Luiz de Mendonça começava a recear que o criado francez da rainha d'elle se tivesse esquecido. A sua si-

tuação era em extremo desagradavel: aquelles olhos que elle sentia, sem os ver, fixarem-se sobre elle de todos os lados, irritavam-lhe os nervos e impacientavam-lhe o espirito, que causas mais graves já haviam desassocegado e abatido. Elle estava quasi resolvido a sahir do paço sem esperar mais tempo por Estevão de Castilho, apesar do ardente desejo que tinha de ver a rainha, e das ordens que recebera de sua alteza, quando a porta do fundo do corredor se abriu, e uma rapariga de estatura pouco elevada, mas gentil e proporcionadamente contornada e com uma physionomia animada por um riso de zombaria, se approximou d'elle com affectada gravidade. Era mademoiselle de Amuraude, a favorita da rainha.

— Que quer vossa mercê a sua magestade, cavalheiro? — disse ella em puro castelhano, respondendo com uma solemne mesura á respeitosa cortezia de Luiz de Mendonça. — A esta hora! é mister que seja de grande importancia a mensagem de que vem encarregado, para se ter atrevido a penetrar aqui...

— É uma carta do senhor infante, que eu trago para sua magestade — respondeu Mendonça. — Sua alteza está ancioso por saber novas da saude da rainha, nossa senhora.

— Dê-me essa carta, senhor, para eu a levar a sua magestade.

— Não seria possivel entregal-a eu mesmo...

— A rainha não recebe cartas da propria mão dos mensageiros — interrompeu ella rindo: — a etiqueta...

— Então não me será permittido beijar a real mão de sua magestade?

— Não lhe posso dizer qual é a vontade da rainha, minha senhora; mas parece-me que sua magestade não fará a um cavalheiro desconhecido a mercê de lhe fallar.

— Sua magestade dignou-se consentir que eu viesse agradecer-lhe...

— O quê?

— A honra que tive de apanhar na toirada o real lenço...

— Foi vossa mercê?...

— Fui eu, senhora.

— Então talvez sua magestade se digne recebel-o hoje mesmo — disse ella rindo com malignidade. — A rainha faz grande estimação do lenço que vossa mercê tem em seu poder, por ser uma prenda que lhe deu sua augusta irman a senhora duqueza de Saboya; por isso terá muito gosto em que vossa mercê lh'o restitua immediatamente; e pagará, como quem é, o serviço que lhe foi prestado.

— Sua magestade...

— Espera pela carta do senhor infante.

Luiz de Mendonça apresentou a mademoiselle de Amuraude a carta de sua alteza, dizendo:

— Espero que se não esqueça, senhora, de levar aos pés de sua magestade a minha humilde supplica.

— Não esqueço nunca — respondeu a favorita da rainha, lançando ao mensageiro do infante uns olhos,

cuja jovialidade contrastava com o tom solemne em que ella tinha dito estas palavras, e sobre tudo com a melancolia que no rosto de Mendonça transparecia claramente.

Apenas recebeu, com uma reverencia, a carta de D. Pedro, mademoiselle de Amurande entrou na sala onde estava a rainha, deixando outra vez só Luiz de Mendonça, cujo coração palpitava de esperança e receio. Poucos minutos depois a dama da rainha tornou a apparecer á porta do corredor, e dizendo-lhe que a seguisse, conduziu-o á presença de sua magestade.

A sala onde estava a rainha era uma vasta casa, toda forrada de *guadamecins* (1) doirados; e illuminada por candelabros de prata. No meio havia um immenso bofete de madeira negra, em roda do qual as *moças de lavor* estavam trabalhando; no fundo, a rainha, recos-

paço, com a mesma gravidade com que um juiz preside ao tribunal, que vai pronunciar uma sentença de morte.

A rainha, quando viu ajoelhar o mensageiro do infante proximo do estrado que lhe servia de throno, perguntou-lhe primeiramente por sua alteza, e proseguiu depois dizendo «que sentia muito que o senhor infante não tivesse voltado ao paço, estando na côrte e tão perto do palacio real.»

— Vossa magestade conhece de certo a causa por que o senhor infante, meu amo, tem estado privado da felicidade de vir fazer côrte a vossa magestade e a el-rei.

— Dizei ao senhor infante — atalhou a rainha — que os motivos da sua ausencia acabaram já. Sua magestade el-rei está resolvido a nomear gentis-homens de sua alteza os fidalgos que por elle forem escolhidos; com tanto que desista da primeira eleição que fez, e não nomeie o conde de Sarzedas.

— Farei presente a sua alteza as palavras de vossa magestade.

— Agora compete-me agradecer — disse a rainha, mudando de tom — o serviço que me prestastes. Dizei-me o que desejaes em paga da vossa dedicação, e contai que vos hei de attender em tudo.

— O pequeno serviço, que tive a dita de prestar a vossa magestade, considero-o eu como o maior favor que Deus me tem concedido — respondeu Luiz de Mendonça com voz tremula. — A paga d'esse serviço, paga

muito superior ao que elle vale, é a bondade com que vossa magestade se dignou lembrar-se de mim, e conceder-me a honra de lhe beijar a mão.

— Falla bem! — disse a rainha em francez, voltando-se para mademoiselle de Amuraude — Não parece um fidalgo d'esta côrte de selvagens. Diz fineza como um francez.

— E não é feio — observou a dama, rindo-se.

— Gostas d'elle, Ninon?

— Parece-me bem.

— És bonita... não te ha de ser difficil fazer com que te ame.

— Não é tão facil como vossa magestade pensa.

— Porque...

— Creio que já não tem livre o coração.

— Júlgal-o namorado?

— Julgo.

— De quem?

— Isso não me atrevo eu a dizer a vossa magestade: nem elle talvez ouse confessal-o a si proprio.

— Fazes-me curiosidade.

— Aquelle lenço que elle apanhou.... com risco de vida... — disse rindo mademoiselle de Amuraude.

— É de mim que elle está namorado, Ninon? — perguntou a rainha, rindo.

— Creio que sim — respondeu Ninon fazendo uma mesura.

Voltando-se então para Luiz de Mendonça, que tinha ficado silencioso e de joelhos, durante esta conver

sação n'uma lingua que elle não entendia, a rainha disse:

— Não quero deixar-vos sem um signal da minha estima; seria penoso para mim que me considerasseis ingrata. Dizei-me o que quereis?

— Quero só restituir a vossa magestade o lenço, que tenho na minha mão, e que vossa magestade tanto estima; só peço que me perdôe o ter-me demorado tanto em lh'o restituir...

Dizendo isto o mancebo apresentou á rainha o lenço que trazia sobre o coração, córando excessivamente, e balbuciando algumas palavras.

Sua magestade recebeu graciosamente o lenço; e depois de o ter tido alguns instantes na mão, deu-o outra vez a Luiz de Mendonça.

— Aqui tendes este lenço — disse ella com um sorriso encantador. — É uma rainha que vol-o offerece; e foi bordado por mãos de princeza. Guardai-o, como signal da minha gratidão.

Luiz de Mendonça acceitou o presente que lhe offerecia a rainha, n'um extasis de felicidade: e quando esta princeza estendeu a mão, beijou-lh'a com tal ardor, que a fez córar um instante e estremecer.

A rainha levantou-se e sahiu da sala, acompanhada de duas das suas damas, recommendando ao mensageiro do infante, que se não esquecesse do recado que ella lhe tinha dado para sua alteza. E Luiz de Mendonça conduzido por Estevão de Castilho, que tinha entrado na sala apenas a rainha sahira, atravessou o

longo corredor, que servia de dormitorio a part
criadas do paço, desceu a escada que conduzia *á p*
ria das Damas, e achou-se, quasi sem o sentir, s
meio do páteo da capella.

Embebido nas suas cogitações, e com o co
profundamente agitado, Luiz de Mendonça cami
para o Côrte-Real, sem ver os objectos que o c
vam, sem attender ao caminho que trilhava, po
simples impulso mechanico totalmente estranho á
tade.

Ao entrar porém no palacio do infante elle foi
acordado pelo clamor de muitas vozes, e pelo c
de muitos homens, que subiam e desciam tumult
mente as escadas, e se cruzavam em todos os sent
com luzes na mão, e espadas desembainhadas.

Commovido, assustado do que via, o criado f

CAPITULO XVIII.

ACCUSAÇÕES.

Para se conhecer a causa da desordem em que Luiz de Mendonça achou o Côrte-Real, é indispensavel contar aqui alguns acontecimentos importantes para esta historia, que se passaram depois do dia em que Francisco d'Albuquerque foi atacado pelos assassinos da patrulha baixa, ao sahir de casa da amante d'el-rei.

A Calcanhares, debruçada de uma janella que deitava para a praia, seguiu anciosa com os olhos o seu amante quando este se apartou d'ella, na noite em que tivera logar a scena de amor a que assistimos n'um dos precedentes capitulos. A cada passo Francisco d'Albuquerque parava para ver a figura de Margarida, desenhada em linhas puras e graciosas no fundo illuminado da casa: e ella por gestos apaixonados lhe exprimia a

exaltação do seu amor, e a magoa que lhe causava aquella, posto que breve, separação.

Por mais d'uma vez o moço namorado voltou atraz, para a admirar e prolongar por mais alguns instantes a amorosa despedida, antes de se resolver a separar-se da casa em que lhe ficavam o coração e o desejo; mas por fim o receio de pôr em risco o socego de Margarida venceu, e Francisco d'Albuquerque, caminhando com passos apressados pelas ruas estreitas da Ribeira, perdeu em breve de vista a janella da sua amada.

Esta, apenas o capitão desappareceu, sentiu rumor de passos na praia, e um murmurio de vozes que fallavam em segredo. Debruçou-se mais, e viu tres vultos de homem que corriam na mesma direcção que tomara Francisco d'Albuquerque; a estes reuniu-se pouco depois outro homem, em cuja mão relampagueou, ao clarão baço das estrellas, o ferro de uma espada. E todos quatro se sumiram na encruzilhada de ruas tenebrosas e desertas.

Assustada, tremula, sem se mover, quasi sem respirar, a Calcanhares escutou attenta o tropel dos passos que se ia esvaecendo ao longe. De repente um grito de dor e angustia, um quasi gemido de agonia, que ella, por uma percepção sublime, conheceu sahira dos labios do seu amante, veio fazer-lhe vibrar dolorosamente os nervos, e refluir o sangue abrazado ao coração: ao gemido succedeu o clamor de muitas vozes, depois alguns homens atravessaram a praia correndo:

e o silencio e as trevas cobriram funebres e medonhas aquellas scenas de terror e agonia.

Margarida, perdidas as forças e o sentimento, arrastou-se até uma cadeira, em que cahiu meio morta. O seu espirito vagueou um instante no delirar de funestas visões: o rosto moribundo de Francisco d'Albuquerque appareceu-lhe disformado pela dor mas illuminado pelo amor; e logo depois pareceu-lhe ver diante de si, de pé, terrivel, cruel, ameaçador, o vingativo Henriques de Miranda: o seu perseguidor, o seu implacavel inimigo.

Deu um grito de angustia, e abriu subitamente os olhos. Henrique Henriques de Miranda estava á porta da sala, que dava para a escada secreta, pallido e horrivel como a estatua da vingança. Margarida fechou involuntariamente os olhos para o não ver; mas, vencendo o terror que lhe causava a vista d'aquelle homem, levantou-se da cadeira, e caminhou com passo seguro para a porta onde elle estava.

— Deixai-me passar! — bradou ella com voz energica e forte.

— Onde vai? — perguntou Henrique Henriques, sem se tirar da porta, e oppondo-se a que a Calcanhares sahisse.

— Vou-me d'esta casa maldita, para nunca mais voltar.

— Não vai, senhora, que a não deixo eu.

— Queixar-me-hei a el-rei...

— El-rei não póde separar-se da sua formosa amante — interrompeu elle, sorrindo-se.

— D. Affonso não se póde oppor a que eu me retire para um convento, a que tome habito...

— Em sua magestade sabendo o que se passou aqui esta noite...

— O que ha de fazer?

— Castigar...

— A quem, a quem póde el-rei castigar? A elle?... Elle! Mataram-no; matou-o vossa mercê, com essa alma de fera, que tem. Matou-o cobarde e vilmente — proseguiu ella, chorando de dor e de raiva — matou-o como um traidor, que é; de noite, pelas costas, ajudado por uns poucos de assassinos! Ah! Sou eu que não perdôo, que lhe não posso perdoar nunca os males que me tem feito. Nem Deus póde deixar de o castigar por tantos crimes.

— Cumpri as ordens d'el-rei...

— El-rei não soube, não lhe mandou fazer uma tão barbara morte... Porque elle está... está morto, não tem remedio! Diga-me — proseguiu ella supplicante — diga-me a verdade, homem! mataram-o? está certo que já não tem remedio?

— O insolente que se atreveu a olhar para tão alto, teve o castigo que merecia.

— Deixe-m'o ir ver, quero vel-o com estes olhos, pela... pela ultima vez; assim mesmo morto como está.

— Não póde sahir d'esta casa, Margarida; bem sabe que a não deixo sahir a esta hora.

ou escrava, captiva aqui! Mas ha de ter fim o
ro. Hei de dizer, hei de contar tudo a D. Af-
serei attendida por elle. El-rei não ha de que-
ir sua esposa, por uma mulher que o não ama,
deseja ir chorar na solidão do seu convento a
. A minha deshonra, esta situação infame em
vejo, a morte do primeiro, do unico homem
ho amado, esta eterna, esta negra saudade que
e cobrir de lucto o resto da existencia, todos os
idecimentos, as minhas dores mais pungentes,
crueldade que as devo, Henrique Henriques; á
aridade implacavel...
ocegue, tranquillize-se, Margarida — atalhou
es de Miranda, buscando acalmar a desespera-
Calcanhares. — É a amante d'el-rei, quasi uma
Que mais quer?...
Amante d'el-rei! Isso é a deshonra, é uma in-
que eu não mereço, porque estou pura...
Agora! ainda?... — perguntou elle com um riso
o, em que se manifestava a raiva e o ciume que
m.
Ai! Não sou; não sou senão uma mulher que
sprezam, que todos odeiam. Por minha causa
commettido crimes infames; tem corrido san-
até o sangue d'elle.
alcanhares, perdido o alento, cahiu sobre uma
debulhada em lagrimas.
oração, suffocado pelo peso de uma dor sem li-
esabafou em prantos e gemidos, entre-cortados

de queixas, de ameaças, de gritos inarticulados. Torcendo os braços com desesperação, a Calcanhares ora rasgava os vestidos, ora arrepellava com mão despiedosa as tranças que cahiam desalinhadas, cobrindo-lhe o rosto e o seio. Henrique Henriques, esquecendo o odio e o ciume á vista d'aquella dor profunda, sentiu-se commovido, e, approximando-se d'ella, tomou-lhe da mão para a consolar:

— Não chore, Margarida — disse elle dando á voz uma expressão de brandura, que lhe não era natural — não chore, que ainda póde... que ainda podemos ser felizes.

E como viu que a Calcanhares, insensivel a tudo depois d'aquelle paroxismo de violenta desesperação, lhe não respondia nada, e lhe deixava apertar a mão tremula e gelada sem fazer o minimo esforço para o repellir de si, um vago pensamento de esperança e desejo lhe passou na alma corrupta e infame.

— Ainda podemos ser felizes — proseguiu elle — se esquecer... todo o passado. Uniremos o nosso poder, e seremos senhores de tudo aqui. Do reino e do rei. Dize-me que consentes em ser minha — accrescentou elle animando-se cada vez mais — que me não odeias...

Dizendo isto, Henrique Henriques deu um beijo na mão de Margarida. Esta deu um grito agudo, e levantou-se de pulo como se fôra mordida por uma vibora. Os seus olhos faiscavam de raiva, a boca contrahida e semi-aberta torcia-se convulsivamente, a pallidez da morte desbotava-lhe as faces e os labios, os cabellos

revoltos assombravam-lhe a fronte. Aquelle rosto formoso havia-se tornado terrivel. — Era como um d'esses anjos a quem as paixões más, e a cólera de Deus, fizeram perder a candura e a suave belleza.

— Assassino! — bradou ella, repellindo-o com horror — Assassino, sem alma! Vá-se, vá-se para que o não torne a ver mais! A sua vista mata-me; e dera a vida... perderia até a alma por toda a eternidade para me poder vingar!

— Mas não póde!... — exclamou Henrique Henriques convulso de raiva, e levando a mão á espada.

— Tire, tire a espada contra uma fraca mulher, cobarde! É menos, muito menos do que assassinar pelas costas um homem que se não defende. Mate-me com essa espada; ainda ha de estar molhada pelo sangue d'elle, e misturar-se-ha assim com o meu. Morrerei feliz. Eu amo-o, amo-o — proseguiu ella delirante, ao ver Henriques de Miranda rugir de furor — amo-o como nunca amou ninguem. Agora, depois de morto, ainda o amo mais. Quero vel-o, quero vel-o outra vez ainda!

Quando a Calcanhares ia a sahir da sala com a cabeça perdida, inteiramente fóra de si, encontrou-se com frei Pedro de Sousa, que a deteve cingindo-a com os braços tremulos.

— Socega, filha — disse o confessor d'el-rei conduzindo-a quasi desmaiada para um sofá. — Socega; que elle... elle...

— Morreu? — murmurou a Calcanhares.

— Não... ainda não, ainda ha esperança.

— Não me engane, frei Pedro; por Nossa Senhora lhe peço, que me não engane. Eu tenho forças para tudo... menos para ver aquelle homem! — exclamou ella apontando para Henrique Henriques, que tinha ficado de pé no meio da casa.

Frei Pedro de Sousa, afastando-se da Calcanhares, levou o tenente-general de artilheria para o vão d'uma janella, e ahi, depois de breve mas animada altercação, convenceu-o a que voltasse para o paço, e o deixasse com a amante de Francisco d'Albuquerque.

Mal se viu só com o seu confessor Margarida deixou-se cahir de joelhos, e, suffocada em prantos, de mãos postas, supplicou a frei Pedro que a não enganasse, que lhe dissesse se Francisco d'Albuquerque estava vivo ou morto.

— disse a Calcanhares levantando-se. — Não posso ficar aqui, quando sei que precisa de quem o tracte, de quem cuide d'elle.

— Não é possivel, Margarida: não pódes ir. Saber-se-ia...

— Que me importa que se saiba, que el-rei, que todos o saibam! Estou decidida a sahir d'esta casa. A viver com Francisco d'Albuquerque, ou a ir-me fechar n'um convento.

— Filha, então queres abandonar a santa missão que Deus te deu de proteger este reino; quando elle precisa mais do que nunca dos sacrificios de nós todos, para se não perder?

— Este reino, Portugal, precisa lá de uma fraca mulher? Frei Pedro, começo a acreditar que tenho sido... que nos temos enganado ambos. Vossa reverendissima tem muito saber, e muita virtude...

— E quero-te muito, Margarida.

— Bem o sei. Mas diga-me, senhor, não lhe parece que eu tenho feito mais mal do que bem a... el-rei.

— Como...

— Por minha causa tem-se commettido crimes...

— E tem el-rei deixado de praticar muita culpa, muito peccado.

— Talvez. Mas é tempo que eu volte para o meu convento, expiar na penitencia e na dor... os muitos peccados de que a minha consciencia me accusa. Vou ficar viuva de coração... Foi por minha causa que aos golpes de assassinos cahiu o homem... o unico homem

que tenho amado. É mais um remorso, que annos inteiros de pranto e cilicio não bastarão a apagar.

— O conde, meu sobrinho, precisa de ti agora mais do que nunca. Quizeram hoje assassinar seu irmão Simão de Sousa: e ámanhan assassinal-o-hão a elle, se el-rei continuar a oppor-se aos desejos de sua alteza.

— E que posso fazer...

— Convencer el-rei a que siga os conselhos do seu ministro.

— Ai! Eu agora não sei senão chorar. É tempo de me deixarem. Só peço que se não lembrem de mim. Quero receber o ultimo suspiro, o derradeiro alento d'esse desgraçado... — se ainda fôr tempo — e depois... Eu, sem elle não posso, não tenho forças para viver. Diga-me vossa reverendissima onde elle está, onde o

sobre umas almofadas, e deixando pender a cabeça sobre os joelhos com desesperação.

No fim de um quarto de hora, em que apenas se ouviram na sala os soluços entre-cortados de Margarida e uma reza murmurada monotona e lentamente pelo frade, a porta abriu-se violentamente, e o conde de Castello-Melhor entrou com precipitação. O conde vinha livido e demudado; tudo n'elle manifestava a profunda agitação do seu espirito: e, quando se deixou cahir sobre uma cadeira, parecia ter quasi perdido o alento.

— Que tens, conde? — perguntou frei Pedro de Sousa.

— E elle? — bradou a Calcanhares pondo-se de pé.

— Parece que um mau fado me persegue hoje! — exclamou o conde de Castello-Melhor, sem responder ao que Margarida lhe perguntava — É uma guerra terrivel a que me movem todos os do partido de D. Pedro... e a rainha é por elles.

— Elle morreu? — bradou de novo a amante de Francisco de Albuquerque, agarrando no braço do conde.

— Não, não morreu — respondeu o valído, com impaciencia. — Está no Côrte-Real...

— A ferida é perigosa?...

— Não sei... — interrompeu elle com aspereza. Depois tomando um tom mais brando e affavel: — Ainda se não sabe. Ficou entregue aos cuidados de Antonio do Prado, o medico de sua alteza...

— Senhor conde, eu não posso soffrer a afflicção que me causa esta cruel incerteza — disse a Calcanhares, suffocada pelo pranto. — Quero ir ao Côrte-Real, quero vêl-o.

— Não é possivel, Margarida...

— Eu não sou sua escrava, senhor conde! — clamou ella com tal vehemencia, que o conde estremeceu — O amor dá-me agora força para tudo! Hei de ir ao Côrte-Real.

Frei Pedro, vendo o rosto de seu sobrinho afogueado pela cólera, e receando que se quebrasse de todo a harmonia entre a amante e o ministro de Affonso VI, julgou prudente interpor-se para evitar as consequencias de tão funesta pendencia.

— Pois sim, Margarida — disse elle fazendo um gesto, para impedir o valído de fallar — pois sim, mi-

— Então, conde — acudiu o frade — promette a Margarida que... ha de hoje mesmo ter novas de Francisco d'Albuquerque?

— Prometto tudo! — respondeu o valído pondo-se de pé — Mas é preciso que ella...

— Continue a ajudar-te a livrar esta terra dos males, com que a vontade de Deus tem querido castigar os nossos peccados — acudiu o frade, com uma compunção pouco sincera. — Promette, Margarida, promette tambem, que nos não has de abandonar. A Providencia divina fez de ti o instrumento da sua infinita bondade... e dar-te-ha na vida eterna o premio da tua virtuosa resignação.

— Cumpra-se a vontade de Deus! — murmurou a Calcanhares ajoelhando e cobrindo o rosto com as mãos.

Frei Pedro, aproveitando este momento de triste resignação e profundo abatimento de Margarida, conduziu o conde para fóra da sala; e depois de fallar algum tempo com elle em voz baixa, voltou só para ao pé da inconsolavel victima do cruento ciume de Henrique Henriques.

CAPITULO XIX.

O MEDICO DE SUA ALTEZA.

Na tarde do seguinte dia a Calcanhares estava só, chorando sem descontinuar um instante, abatida, quasi

conselhos de feminil vaidade. Tudo estava amarrotado e em desalinho, e as lagrimas tinham quebrado e amassado as rendas de oiro que lhe cobriam o seio. Nunca esculptor ou pintor concebeu mais bella, mais triste, mais sublime a imagem da dor, do que ao vivo a representava esta abatida e magoada mulher. A Magdalena de Canova não é tão formosa; a sua fronte descahida, os seus olhos meio-cerrados não mostram tão patheticamente a angustia de um coração dilacerado pela dor, como a manifestava a fronte pallida e os olhos anuviados pelo pranto da desventurada Margarida.

— Que novas me traz, frei Pedro? — perguntou ella, apenas o frade se approximou do sofá em que estava recostada.

— Boas novas, filha — respondeu o confessor d'el-rei. — Antonio do Prado não tarda ahi...

— E será possivel eu vel-o... entrar no Côrte-Real...

— É para esse fim que eu pedi ao medico de sua alteza, a Antonio do Prado, que viesse fallar-nos. O conde só te recommenda segredo... cautela...

— O senhor conde e vossa reverendissima não fazem, não podem fazer ideia do que já hoje padeci sem me queixar! El-rei mandou-me chamar a Alcantara esta manhan, frei Pedro...

— Bem sei...

— E eu fui, e tive forças para esconder a minha dor, para não chorar... para me cobrir com estas pedras e estes vestidos...

— Fallaste a el-rei na questão do infante, e s
magestade...

— Não sei em que lhe fallei, o que lhe disse... E
rei estava... era para mim um martyrio vel-o, o
vil-o...

— Pobre Margarida! Deus ha de abençoar os te
esforços a favor d'este reino, que é d'elle; e pagar-te-
no ceo...

— Menti, menti hoje a sua magestade. Ha u
poucos de annos que lhe minto... que finjo por elle u
sentimento que não tenho. É um crime simular, e s
bretudo simular o peccado...

— Os fins, Margarida, justificam tudo — disse
frade com compunção. — Deus sabe pesar as inte
ções, e tel-as em conta. Fizeste hoje um grande be
a este reino, a todos nós; restabeleceste talvez a p

que infinita desdita a minha! O premio que eu desejo, o que eu quero é acabar em paz, na obscuridade de um convento, esta vida principiada na orphandade e no desamparo.

O rumor de passos de homem na sala proxima interrompeu as doloridas queixas da Calcanhares. Frei Pedro approximou-se da porta do camarim para saber quem era, e exclamou, vendo Antonio do Prado:

— Ora finalmente, senhor licenciado, finalmente chegou!

— Não pude vir mais cedo, frei Pedro; demorei-me n'uma junta com o licenciado Antonio Ferreira, á cabeceira do nosso doente.

Estas ultimas palavras foram ditas pelo medico de sua alteza, quando já tinha transposto a porta do camarim. O licenciado Antonio do Prado era um homem alto, gordo, e de pescoço extraordinariamente curto; a sua enorme cabeça dava ares da cabeça de um elephante, e era coberta de uma vasta grenha de cabellos grisalhos, que na desordem e má disposição se podia comparar a uma choça de pastores. Vestidos todos negros davam a este homem singular um aspecto lugubre e tristonho, que augmentava a gravidade de pedante, que transparecia nos seus mais insignificantes movimentos.

— Como está elle? Francisco d'Albuquerque ainda não está livre de perigo? — perguntou a Calcanhares, pondo-se de pé e indo ao encontro do licenciado.

— Tem o cirurgião, segundo diz Galeno, por lei

obrigatoria — respondeu este com ar doutoral — conhecer a enfermidade, o membro em que está, e finalmente saber o modo como os doutores a mandam curar antes de aventar uma opinião. *Necessarium est, quod ubi maius imminet periculum, cautius, et longius est agendum.*

— Ha esperança?...

— Dizia eu pois... — proseguiu Antonio do Prado sentando-se. — Permitta-me vossa reverendissima que me sente, porque venho cansado do caminho. Dizia eu que a primeira coisa que se deve conhecer é a enfermidade: *Non est possibile morbum curare, nisi prius ejus naturam noveris:* depois é indispensavel conhecer o logar, *locus affectus.* É isto mesmo que eu dizia ha pouco ao meu companheiro o licenciado Antonio Ferreira, e no que elle concordou... Talvez porque receava que

dade como a deve dizer sempre um homem da minha profissão, e que conhece, como eu, os segredos da natureza. Reconhecemos que o doente tem uma ferida no peito; e depois de lhe fazermos a *emborcação*, pondo o doente de bruços, e de termos empregado a tenta de chumbo, viemos no conhecimento de que a ferida é penetrante. Ora, como diz Falopio: *Sciendum enim est, quód vulnera hæc Thoracis maximé Medicum decipere possunt.*

— Não tem cura? responda, responda-me. Jesus! que homem! — brados Calcanhares interrompendo-o.

— O peito é a cavidade vital, e as feridas alli são perigosas: *Quia in ea est cor vitæ principium, vitalis spiritus origo, respirationis auctor.* Acham-se aqui o coração, os bofes, a veia cava, a arteria magna, a aspera arteria &c., e se qualquer d'estes orgãos é ferido, a vida...

— Francisco d'Albuquerque foi ferido n'alguma d'essas partes?

— Não, não me parece que a ferida seja das mais graves.

Margarida deu um grito de alegria.

— Comtudo — proseguiu o licenciado — *si sanguis in ventrem præter naturam effunditur, necesse est supurari.* O sangue que cahiu na cavidade do peito póde corromper-se, e n'esse caso não é facil salvar o enfermo.

— E não será possivel acudir-lhe a tempo para que o sangue se não corrompa?

— *Curatio est rei præsentis, ejus autem, quod futurum est, providentia*, como diz Galeno. No caso de apparecer corrupção, a sua cura é dar sahida aos principios venenosos, dilatando a ferida, fazendo emborcação conveniente, e lavando com lavatorio abstersivo.

A Calcanhares, suffocada de raiva, anciosa, n'uma convulsão, lançou-se outra vez sobre o sofá, d'onde se tinha levantado; perdida a esperança de poder concluir nada ácerca do estado do seu amante, das palavras obscuras e linguagem pedantesca do medico de sua alteza. Este proseguiu na sua dissertação.

— A sciencia dá-nos meios para combater o mal em todos os periodos — disse elle. — Tirar o sangue é o principal remedio n'este caso, porque: *si totum pe-*

— Permitta Deus, Nosso Senhor, que assim seja, para descanso... de quantos nos interessamos na sua vida — disse o frade. — Para outra coisa lhe queriamos tambem fallar, senhor licenciado. Não sei se o criado do conde, de meu sobrinho, se Agostinho Nunes lhe disse... se lhe fallou...

— No desejo que tem D. Margarida de ir ver o capitão...

— É seu parente, um parente muito chegado. *Necessitas amicum probat*, como diz o sabio: e Margarida quer ao menos consolar o pobre capitão, na dor, e...

— Tem razão — respondeu Antonio do Prado, meneando a cabeça, como quem quer mostrar que as palavras que diz tem dupla significação: — D. Margarida tem razão em querer consolar os afflictos; é de uma alma bem formada. Sua alteza não póde oppor-se...

— Sua alteza não deve saber nada a este respeito. Nem o senhor infante, nem ninguem. Porque vossa mercê bem vê, que se el-rei desconfiasse...

— *Leo rugiet, quis non timebit?* Se el-rei desconfiasse levaria a mal talvez...

— O conde e eu, senhor licenciado, temos confiança na sua muita prudencia e discrição. E é tal a estima e amizade sincera que meu sobrinho tem por vossa mercê, senhor licenciado, apesar de o ver ligado com os seus inimigos...

— Eu não sou dos inimigos do senhor conde de Castello-Melhor: sou pelo contrario...

— Todos o conhecemos — interrompeu o frade

pondo-lhe a mão no hombro. — E como eu ia dizendo, meu sobrinho tem tal estima por vossa mercê que talvez seja possivel obter o logar de cirurgião do Hospital Real...

— Para mim?

— Elle já está promettido a Antonio Ferreira, mas... a bondade com que el-rei se digna tractar meu sobrinho... Para outra vez fallaremos d'este negocio; agora temos que combinar o modo...

— De D. Margarida entrar no Corte-Real?

— É possivel, será possivel que eu o veja?! — exclamou a Calcanhares levantando-se.

— É facil... isto é, talvez não seja difficil.

— Hoje?

— Hoje talvez não; mas ámanhan, ámanhan á noite de certo.

pouco mais tarde do que esta hora. Só de noite é que vossa mercê póde entrar em casa do senhor infante, sem causar desconfiança.

E pondo-se de pé o licenciado Antonio do Prado encaminhou-se para a porta.

— Até ámanhan, D. Margarida — disse elle fazendo uma reverencia. — Não se esqueça vossa reverendissima de que o logar de cirurgião do Hospital Real está ainda vago — proseguiu elle voltando-se para o confessor d'el-rei — e de que ninguem... poucos se tem dado como eu, ao estudo da verdadeira sciencia.

— Nem eu, nem o conde desconhecemos o seu merecimento, senhor licenciado — respondeu frei Pedro.

— Este homem não é bom — disse Margarida quando o medico de sua alteza sahiu. — Não tem coração, não tem alma, não sente...

— Devemos ser indulgentes com as fraquezas do proximo — atalhou o frade. — Todos os medicos são assim, minha filha.

CAPITULO XX.

THEREZA.

Diogo Cutilada, o velho criado do capitão Fran

mostrou ao vivo a raiva, que lhe causavam os tractos que via fazer a seu amo. O velho militar, que assistira a muitos combates, e vira no campo, agonisantes, grande numero dos seus companheiros d'armas, não podia, sem se lhe arripiarem os cabellos e lhe doer o coração, ouvir os gemidos entre-cortados de Francisco d'Albuquerque. As lagrimas eram em fio por aquelle rosto crestado do sol.

Cutilada velou a noite inteira á cabeceira de seu amo, tractando-o com o carinho de pae extremoso; ora dando-lhe uma mistura de vinagre e agua, a que chamavam *posca aquosa*; ora um xarope feito de rozas seccas e murtinhos; ora, em fim humedecendo-lhe a boca com agua de *alquitira*, cada vez que, abrasado pela sede de uma febre intensa, elle pedia de beber.

Na seguinte manhan, porém, quando viu o doente adormecido, Diogo Cutilada, deixando-o confiado á vigilancia de Luiz de Mendonça que ficára n'aquella noite tambem no quarto de Francisco d'Albuquerque, sahiu do Côrte-Real.

— Tenha cuidado de meu amo — disse elle antes de sahir — tenha-me cuidado n'elle, senhor Luiz de Mendonça. Olhe! Este pucaro é o da alquitira. Pobre senhor capitão! Quem seriam os malvados, que assim m'o pozeram n'este estado? A *posca* dá-se-lhe de tres em tres horas...

— Vai descançado, homem — atalhou o Mendonça. — Bem sei o que disse Antonio do Prado.

— Perdoe-me vossa mercê. Mas é que eu... Te-

nho certeza de que tem muita amizade ao senhor Albuquerque, mas eu, que o conheci assim pequenino como aquella bengala que alli está ao canto, que o vi crescer e fazer-se homem, quero-lhe, quero-lhe tanto como se elle fosse meu filho — Aqui o soldado enxugou uma lagrima com as costas da mão. — E vêl-o assim é para mim uma grande dôr. Meu amo nunca acreditou na volta do nosso rei encoberto, mas assim mesmo não conheci em minha vida coração mais leal do que o seu. Se elle se fôr embora e eu ficar aqui n'este mundo velho como sou, eu que de nada sirvo nem valho, então digo que é peor viver que morrer.

— Não te afflijas, Diogo. Vai, vai-te a descansar um pedaço, que eu aqui fico ao pé de teu amo tomando conta n'elle.

— Não vou dormir, não senhor, não tenho som-

dro, Diogo Cutilada foi direito á Rua Nova e d'ahi entrou pela dos Escudeiros, onde morava o seu compadre José Chanca.

Na loja baixa, escura e humida, de uma casa meio delida pelo tempo, que lhe abrira já mais de uma brecha profunda, José Chanca o velho sapateiro, calvo, de enorme nariz e olhos redondos como os de um mocho, trabalhava, sentado de tripeça, na confecção de uma enorme bota, com a attenção e consciencioso cuidado do verdadeiro artista. O compadre de Diogo tinha um gibão de *roxeta*, panno grosso que se fabricava então na serra da Estrella; calções de pelle de carneiro, já rotos e quasi sem pello, e meias de lan, em não melhor estado, lhe cobriam as pernas cambaias; os pés desmesurados apenas se escondiam com as tiras de coiro de umas velhas alparcas.

A entrada de Diogo chamou a attenção do sapateiro, que levantou immediatamente a cabeça para ver quem o procurava áquella hora da madrugada.

— Ó lá, Diogo! por aqui a esta hora? — exclamou elle vendo o seu amigo — Temos alguma novidade?

— É verdade, compadre, temos novidade, e grande — respondeu Diogo, suspirando. — Pois não sabes...

— O que?

— Que meu amo, o meu capitão, foi atacado hontem á noite por uns assassinos, que o deixaram por morto!

— Já hoje passou por ahi o Zé Borracha, o remendão de Alfama — disse o sapateiro dos mulatos de sua

alteza em tom de desprezo — e contou-me, que tinham morto um dos criados do senhor infante: mas o Zé Borracha é tão mentiroso, e depois diz as coisas com tantos mysterios e cautellas — para se não comprometter, o maldicto remendão! — que eu não pude entender bem o que se tinha passado. Fallou-me no conde de Castello-Melhor...

— Meu amo sahiu hontem á noite sem me dizer para que, nem para onde. Eu creio que elle anda... não sei se me entendes; parece-me que está namorado d'alguma dama da côrte. É um guapo cavalheiro, não me admira que lhe vá tudo bem nos amores. Olha, compadre, lá em Evora deixou elle uma namorada... que linda que é!

— Teu amo sahiu, e depois?... — atalhou José Chanca.

— Isto vai mal! — exclamou o rival do Zé Borracha, meneando a cabeça — São todos os dias mortes ahi por essas ruas, roubos...

— Lá dizem os versos propheticos — disse Diogo com voz de inspirado:

Veo, como por visiones,
Cosas tanto de notar,
Que haran temer, y temblar
Los mas fuertes coraçones.

— Grandes males — continuou — são o annuncio da chegada do salvador de Portugal. Não tarda o dia promettido nas prophecias, em que a armada d'el-rei D. Sebastião...

— Deus o traga para pôr isto a direito! — exclamou José Chanca — Mas eu já começo a perder a esperança de que elle volte...

— Que dizes, José; pois tu duvidas agora, quando os signaes vão sahindo tão certos.

Vejo, vejo, do rei vejo
(Vejo, e estoi sonãndo?)
Semente de rei Fernando
Hazer un fuerte despejo,
Y seguir con gran desejo,
Y dexar acá su viña,
Y dezir, esta casa es mia,
Eu que aora acà me vejo.

— Esta trova — proseguiu Diogo — bem claro falla da maneira por que Portugal cahiu nas mãos dos perros castelhanos; como me explicou um dia o padre capellão do meu terço, que é muito lido e entende todas

as prophecias. Passou esse tempo, e agora não tarda a chegar ahi á barra a armada real. Não viste aquelle terrivel cometa que appareceu no ceo aqui ha um anno?

— A que el-rei atirou um tiro de pistola do eirado do paço? — atalhou rindo José Chanca.

— El-rei bem sabia que o cometa annunciava morte de rei, ou mudança de monarquia — proseguiu Diogo Cutilada com gravidade — e queria-se-lhe atrever, como se os signaes do ceo podessem ser apagados pelas mãos dos homens. Aquelle cometa era precursor de grandes calamidades, d'esses males que estamos sentindo. Estamos para ver grandes coisas, compadre, e Deus nos dê vida para assistirmos á formação do famoso imperio.

Veo, como por visiones,
Cosas tanto de notar

— Fallou-se muito d'isso no exercito. Mas aquelle cometa é, como me disse o capellão do meu terço, o signal que, segundo as prophecias, annuncia a chegada do encoberto. Antes da jornada d'Africa tambem appareceu um pavoroso cometa; e em Penamacor se viram exercitos combatendo nos ares. Estes prodigios do ceo — Nosso senhor nos livre de todo o mal — estes prodigios são, acredita no que te digo, José, são annuncios de grandes males: que hão de ser seguidos depois, é verdade, de grandes bens para este reino. Primeiro o castigo:

Por ser dexaran de ser
Si mentiroso no salgo.
Ay de los que valen algo,
Que tan poco hande valer!

— N'estes castigos do ceo — continuou — até os bons padecem. Meu pobre amo lá está, lá o deixaram quasi a expirar...

— Tens razão, Cutilada! — exclamou o sapateiro — Lá isso é verdade:

..... el castigo
Perdida la rienda, y freno
Tambien atropella el bueno
Por culpa del enemigo.

N'este momento Diogo Cutilada, em vez de escutar as judiciosas considerações do seu compadre José Chanca, sahiu da loja correndo, e atravessou a estreita rua dos Escudeiros para ir ao encontro de uma mulher toda vestida de negro, e com o rosto quasi escondido

n'um grande bioco, a qual se encaminhava para o Rocio, seguida de um almocreve carregado de um bahú redondo e d'uns alforges de coiro.

— Senhora D. Thereza, D. Therezinha! — bradou o soldado ao sahir da porta.

Ao ouvir a voz de Cutilada, a mulher parou sobresaltada, e voltou repentinamente a cabeça. Era uma rapariga de pouco mais de vinte annos, sobre o moreno, com olhos de azeviche, e dentes alvissimos: as feições eram perfeitamente regulares, e só os labios levemente espessos pareciam perturbar a harmonia d'aquelle rosto formoso, dando-lhe comtudo um tal caracter de doçura e bondade, que antes se podia tomar por encanto do que por defeito tão leve desproporção.

— Diogo! — exclamou Thereza — tu aqui! que

nha tia... e para ao pé do senhor Francisco d'Albuquerque.

— Oh! senhora D. Thereza, é d'essa desgraça que lhe eu fallava...

— Que desgraça? O que é? Responde! — E Thereza tornou-se pallida como um cadaver.

— O senhor capitão está muito mal.

— Que tem? Onde está?

— Está ferido.

— Jesus! Que foi? Como foi isso?

— Foi atacado a noite passada por uns assassinos....

— Está em perigo?

— Ainda se não sabe se escapará.

— Vamos. Leva-me onde elle está, que o quero ver.

— Está no palacio do senhor infante.

— Não importa. Tu bem sabes que sou a sua noiva, sua irman. Nossa senhora me acuda. Se elle me morresse, ficava só no mundo!

Perdido o alento, pallida, n'uma convulsão, Thereza teria cahido sem sentidos, se Diogo a não sostivesse nos braços.

— Que tem, minha rica menina? — disse o soldado — Que tem? Sente-se incommodada... Está doente?

— Não é nada — respondeu a desditosa orphan, com voz quasi inintelligivel. — Senta-me aqui na pedra d'este degrau, e dá-me... quero beber agua, para não desmaiar.

Diogo, depois de ter sentado Thereza no degrau de

uma porta, correu a casa do sapateiro José Chanca, d'onde trouxe um pucaro com agua.

— Borrifa-lhe a cara — dizia o sapateiro — É muito bom para os desmaios. Quantas vezes usei de borrifos para fazer tornar em si a minha mulher — Deus a tenha em gloria. — É agua muito fresca do chafariz da Rua Nova, minha senhora. E o pucaro é novinho, ainda não tem um anno...

— Beba, minha senhora — disse o soldado chegando o pucaro á boca de Thereza. — Beba; que lhe ha de fazer bem.

De feito, depois de ter bebido alguns golles d'agua Thereza achou-se um pouco melhor; e pediu de novo a Diogo Cutilada, que a acompanhasse ao Côrte-Real.

— Vamos, senhora D. Thereza — respondeu Diogo — vamos lá. Aqui tem o meu braço, para se encostar.

CAPITULO XXI.

O DELIRIO.

Thereza, conduzida por Diogo Cutilada, chegou pallida e convulsa ao Côrte-Real; encaminhando-se logo para o triste e funebre quarto, onde estava quasi moribundo o seu namorado. As janellas, cuidadosamente cerradas, deixavam penetrar tão pouca luz no aposento, que quem entrava mal podia distinguir os objectos; e com tudo Thereza, por uma impulsão intima de amor, por uma irresistivel attracção, foi logo direita ao lugar onde Francisco d'Albuquerque, opprimido pela dor e pelos ardores de uma febre intensa, jazia na cama, meio adormecido, ou antes cahido em pesada modorra.

Ao rumor dos passos de Thereza Luiz de Mendonça, que estava sentado á cabeceira do doente, levantou-se, e veio ao seu encontro.

— Que quer aqui, senhora? — perguntou elle, em voz baixa, para não perturbar o repouso do enfermo — Veio de certo enganada...

— É a senhora D. Thereza — disse da porta Diogo — é a noiva do meu capitão...

— Soube da desgraça succedida a... a Francisco; é quasi um irmão, e não pude deixar de vir vêl-o... — murmurou Thereza.

Luiz de Mendonça saudando-a profundamente, conduziu-a, sem dizer palavra, para a cabeceira da cama em que estava o capitão. Ajoelhando e pegando na mão insensivel do seu amante, a pobre orphan soltou em torrentes o pranto que lhe opprimia o coração.

Pouco a pouco os seus olhos se habituaram á obscuridade, e viu desenhar-se nas sombras a fórma querida do seu noivo. O rosto livido e desanimado, os olhos

atalhou o Mendonça. — Francisco d'Albuquerque não está tão mal, que não haja esperança ainda de o ver livre de perigo.

— O que disseram os medicos?

— Que a ferida é grave, mas que não é d'aquellas que não deixam esperança.

— Ambos mortos pela mão de assassinos! — exclamou Thereza — Triste de mim! Que mal fiz eu a Deus, que mal lhe fizeram elles? Não posso agora separar-me, deixar Francisco n'este estado — proseguiu ella — mas uma mulher aqui, só...

— Irei pedir licença a sua alteza para vossa mercê aqui ficar — disse Mendonça — e se julga necessario ter aqui alguem para lhe fazer companhia...

— Agradeço-lhe muito a bondade com que me attende — respondeu ella. — Desejava ficar para tractar d'elle; mas só, sem outra mulher, póde parecer mal...

— Ninguem se lhe atreverá aqui, na casa do senhor infante. E eu estou prompto para...

— Póde parecer mal — repetiu Thereza com modestia. — Diogo far-me-ha a mercê de levar uma carta á minha tia Brizida, a Santo André...

— O que quizer, minha senhora D. Thereza; estou para lhe obedecer...

N'esta mesa, ao pé da janella, está o que é preciso para escrever — disse Mendonça, apontando para a mesa collocada no vão de uma janella.

Thereza sentou-se a escrever; e Luiz de Mendonça sahiu para ir pedir a D. Rodrigo de Menezes licença

para ella ficar no Côrte-Real em quanto durasse a doença de Francisco d'Albuquerque.

Uma hora depois já Mendonça tinha voltado com a desejada licença, e Diogo com a resposta da tia Brizida. A tia velha promettia vir ver sua sobrinha «apenas sahisse da novena de Nossa Senhora da Graça, que era muito da sua devoção, e tivesse ouvido duas missas ao Santissimo Sacramento no Menino Deus.»

Só de tarde é que a tia Brizida chegou, acompanhada de uma criada, ao Côrte-Real. A tia Brizida era uma velha, alta, magra, e secca como uma mumia; a boca immensa e desdentada; a cabeça ornada de uma enorme cabelleira vermelha, á sombra da qual brilhavam dois olhos pardos, pequenos e encovados; toda vestida de negro e embrulhada n'uma manta de bioco. Nos seus passos lentos e tremulos, e em todos os gestos que fazia, era facil notar a hesitação e timorata incerteza, natural a todas as beatas nimiamente escrupulosas.

Quando a viu á porta do quarto de Francisco d'Albuquerque, Thereza levantou-se para a ir receber e beijar-lhe a mão: mas, em vez de esperar por sua sobrinha, a tia Brizida recuou alguns passos exclamando:

— É o quarto de um homem! Credo!

— Minha tia, minha querida tia! — disse Thereza pegando-lhe na mão tremula e beijando-lh'a com respeito.

— Estavas alli, rapariga? No quarto de um homem!

— É o quarto do doente, de Francisco d'Albuquerque...

— Está na cama! — murmurou a beata, tapando os olhos.

— Coitado! Como ha de elle estar, se se não póde mexer, se quasi não dá accordo de si!

— Pois tu estavas aqui só com um homem... Anjo bento! Teu pae creou-te muito mal, filha. Eu sempre disse que meu irmão te havia de deitar a perder com os seus poucos escrupulos — bradou a tia Brizida encolerisada.

— Minha tia, minha rica tia Brizida, lembre-se que meu pae morreu...

— Tens razão, tens muita razão, filha — atalhou a velha, mudando de tom. — Rezemos-lhe por alma. « Padre nosso, que estaes no ceo, santificado... » — E proseguiu, murmurando um « Padre nosso » e uma « Ave Maria » por alma de seu irmão.

— Minha tia — disse Thereza, quando ella acabou de rezar — pedi-lhe que viesse aqui...

— E vim. Muito amor te devo eu ter para vir aqui a uma casa de homens, a casa do senhor infante, que dizem que é tão.... Deus nos livre de homens assim! Livrai-me, Senhor, de tentações más, e de peccados!

— Meu pae, quando morreu, recommendou-me que viesse para a sua companhia, tia Brizida. Que era a unica parenta que ainda nos restava, e que me havia de receber...

— Com muita amizade. Isso é verdade, Thereza.

Deus tenha em misericordia a alma de meu irmão. Conheci-te de pequenina, rapariga, e quero-te muito. Então porque não foste direita á minha casa...

— Encontrei Diogo, o criado de Francisco d'Albuquerque, na rua, que me disse o estado em que elle estava. Fomos creados de pequenos como irmãos; meu pae desejava muito o nosso casamento.

— Esses amores do mundo são perigosos, Thereza. Só o amor divino é que é puro e verdadeiro. Vamo-nos embora d'esta casa, minha filha. Na minha não entra nunca pé de homem. Lá, estás tu mais segura.

— Minha tia, perdoe-me se lhe não obedeço, mas eu não posso deixar assim.... um irmão, quasi a expirar — respondeu Thereza; — isso não posso eu fazer.

— Pois fica, fica n'esta casa de perdição! — bradou a beata encaminhando-se para a porta.

tem aqui parentes, não tem amigos; está só, fica só se eu o abandonar.

— O sentimento que te detem aqui...

— É a amizade.

— É um sentimento profano.

— Um sentimento puro e santo, a caridade. Venha, minha tia, ver o estado em que elle está. Não faz ideia do que padece. — Ao dizer estas palavras Thereza levantou-se e foi levando a velha beata para o quarto de Francisco d'Albuquerque.

— Para onde me levas, Thereza?

— Para ao pé de... de um enfermo, que precisa de nós.

A velha enternecida foi-se deixando levar até á cabeceira da cama do doente.

— Veja em que misero estado o pozeram os maus. Esses homens perdidos, que não duvidam manchar as mãos no sangue do innocente — exclamou Thereza. — Ainda não fallou, nem quasi que deu accordo de si. Não me conheceu ainda, a mim, que sempre o tractei como irmão. Que mal lhes faria elle, o meu pobre Francisco...

— Foi por ser do partido do senhor infante que o assassinaram — disse Diogo, que tinha ficado ao pé de seu amo, durante a curta ausencia de Thereza. — São coisas do valído...

— Não falle mal do senhor conde de Castello-Melhor — atalhou a beata, que era do partido de el-rei, ou antes do partido do valído. — Isso são calumnias

que levantam ao senhor conde, que é um homem virtuoso, e um grande amigo de el-rei.

— Tem razão, senhora, tem vossa mercê muita razão. O valído d'esta vez houve-se como um bom fidalgo; foi elle quem livrou meu amo da morte.

— Então para que disse...

— Foi mal feito, é verdade. Eu não devia ter dito o que disse. Desdigo-me, e acabou-se.

— Desdiz-se! — bradou a tia Brizida. — Não basta desdizer-se. Não sabe vossa mercê que a calumnia é um peccado muito feio; e que as pessoas tementes a Deus fazem penitencia pelos peccados que commettem? Ai Jesus! Que o mundo anda perdido! Reze dois rozarios a Nossa Senhora das Mercês, senhor soldado. Reze, se quer que Deus Nosso Senhor lhe perdôe.

— Eu bem sei quando hei de rezar — respondeu

— Pois vossa mercê acredita?...

— Que o senhor D. Sebastião ha de voltar? De certo que acredito. Acredito n'isso como na Santissima Trindade.

— Abençoado seja, senhor soldado: abençoado, pela fé que tem nas promessas do ceo! — disse a tia Brizida, cuja cara se contrahiu n'um sorriso feio. — Ai! ainda bem que o encontrei. Quero que me diga todas as prophecias que sabe; estou certa que ha de saber algumas de que não haja noticia cá em Lisboa.

— Então fica, ficamos aqui a tractar d'este pobre doente, minha rica tia? — perguntou Thereza, aproveitando o ensejo que a alegria de sua tia, por ter encontrado um sebastianista, lhe dava para alcançar o desejado consentimento.

— Ficamos. Para te dar gosto fico a fazer-te companhia. Elle, coitadinho, está muito doente. Nossa Senhora da Piedade o soccorra. Quando eu precisar sahir, para ir á missa e a casa, deixo-te cá a Josepha, a criada que me acompanhou. Eu sou tua amiga, Thereza, muito tua amiga. Dá-me cá um beijo, filha; e agradece a tua tia velha, o que ella faz para te dar gosto. Ainda me ficam escrupulos; mas ámanhan o meu padre frei Thomaz do Espirito Santo me aconselhará sobre este ponto; e far-se-ha o que elle determinar.

Thereza deu um beijo de agradecimento e amizade na sua velha tia, e tomou outra vez, á cabeceira do doente, o lugar que tinha deixado para lhe ir ao encontro.

Vinte e quatro horas passou a triste orphan sem se afastar de ao pé de Francisco d'Albuquerque; ministrando-lhe os remedios, e cuidando d'elle com a solicitude de uma irman, e o casto amor de uma esposa. A tia Brizida esteve grande parte da noite, na casa immediata ao quarto do enfermo, a fallar com Diogo Cutilada sobre as prophecias e signaes, que promettiam a proxima chegada d'el-rei D. Sebastião; o resto da noite e do dia gastou-o em rezar e dormir, coisas que a beata muitas vezes confundia de um modo pouco piedoso.

O capitão, abrasado pela febre, ora parecia respirar apenas a custo, ora, cahindo em delirio, soltava palavras incoherentes, e gemidos de agonia; e, com as mãos convulsas e hirtas, forcejava por arrancar da ferida as ataduras que o opprimiam. Então Thereza, cobria-o de afagos e meiguices para o socegar, e dizia-

mortalha do que corpo ainda animado pela vida. O crucifixo de marfim, pendurado da cabeceira do leito e meio escondido na sombra de uma cortina, era como o mystico symbolo da misericordia de Deus, que das alturas do ceo baixou a suavisar e purificar as agonias dolorosas e contínuo padecer do homem. A voz tremula da tia Brizida, rezando n'um oratorio que ficava perto do quarto uma ladainha, a que respondiam as vozes pouco sonoras da sua velha criada Josepha e de Diogo Cutilada, quebrava só, com lento e monotono murmurio, o silencio melancolico d'aquelle triste aposento.

Thereza cahira pouco a pouco no mais profundo abatimento; o pensamento parara-lhe cansado e exhausto pelo longo padecer, e só uma dor surda e contínua, pesando-lhe sobre o coração, lhe fazia vagamente sentir a grandeza da sua desventura. Ajoelhada n'um sitial proximo da janella, a infeliz orphan, ora fixava os olhos inundados de pranto no rosto querido do seu amante, ora os voltava para o ceo como para buscar nas profundidades insondaveis do espaço uma esperança ou um desengano; os seus labios, desbotados pela dor, insensivelmente murmuravam as palavras de uma oração, e a mão tremula e destrahida voltava de instante a instante as folhas não lidas de um livro religioso.

Um grito rouco e suffocado do enfermo, seguido de gemidos e de palavras quasi inarticuladas e sem sentido, tirou subitamente Thereza do torpor doloroso em

que o cansaço e o excesso do padecimento a haviam lançado.

Francisco d'Albuquerque fôra accommettido por um terrivel delirio. Pareceu-lhe estar envolto n'uma densa, fria e pesada escuridade, onde apenas se divisavam as figuras informes de innumeros phantasmas. A multidão ia sempre crescendo, crescendo e apinhando-se em torno do leito, sobre o qual o pobre enfermo sentia que uma invencivel força o detinha. Uma luz pallida e alvacenta rompeu pouco a pouco a obscuridade; e a esta luz, os phantasmas se lhe afiguraram tão hediondos e terriveis, que fechou involuntariamente os olhos para os não ver. Então chegou-lhe aos ouvidos o murmurio triste e afflictivo de um como chôro sentido, a principio apenas perceptivel, depois agudo, incessante, cortado de soluços e gritos de dor.

pavorosos phantasmas pesaram sobre o caixão, e o fecharam subitamente.

Francisco d'Albuquerque não viu mais nada no seu horrivel delirio. Mas começou a ouvir o psalmear de frades, que lhe rezavam por alma; depois, pareceu-lhe que o desciam ao fundo de uma cova, e lhe lançavam e recalcavam terra sobre o caixão; emfim, o tombar de pesada louza abalou a sepultura em torno d'elle, e os seus membros hirtos vibraram em rapida convulsão. O silencio, a solidão, a escuridade impenetravel do sepulcro pesaram sobre o seu espirito, como a mortalha e a gleba lhe pesavam sobre o cadaver.

Durou por muito tempo este estado de profunda immobilidade. Pareceu-lhe a elle que durara seculos.

Subitamente se lhe acordaram outra vez os sentidos, e a alma começou a recordar-se. Na lagea que lhe cobria a cova resoavam passos lentos e compassados: e a suave e sonora voz de uma mulher, atravessando as solidões da sepultura, lhe trouxe aos ouvidos estas meigas palavras:

« — Amo-te! Sou tua!

« — Mas ainda te recordas com saudades, do homem que está aqui debaixo d'esta pedra? — atalhou uma voz de homem.

« — Não. Não penso senão em ti.

A voz de mulher, que o desgraçado ouvia no seu espantoso delirio, era a voz da Calcanhares. A sua alma reviveu pelo ciume. Quiz erguer-se, rasgar a mortalha que lhe comprimia os membros, e lhe emba-

raçava o movimento; mas não pôde, não teve força para isso.

Lançou um rugido temeroso; e bradou tres vezes: « Margarida! Margarida! Margarida! »

Mas a voz foi perder-se nos abismos da terra; e o silencio tornou a conglobar-se outra vez em torno da sepultura.

Thereza não abandonou Francisco d'Albuquerque durante este delirio longo e pavoroso. Carinhos e afagos, prantos e supplicas, solícitos cuidados, palavras de amor, tudo ella empregara em vão para o fazer tornar em si: quando o viu, porém, erguer-se sobre a cama, pallido, com os cabellos hirtos, os olhos a sahir-lhe das orbitas, repetindo, em extremos de dor e de paixão, o nome de outra mulher, a timida donzella fugiu espavorida, levantando tristes clamores de terror e de aprupti

INDICE.

		Pag.
Capitulo I.	— Ao desembarque	7
Cap. II.	— Perigo de andar de noite pelas ruas de Lisboa	19
Cap. III.	— Segredos do coração	32
Cap. IV.	— Primeiro encontro	44
Cap. V.	— Scenas de côrte	63
Cap. VI.	— Scenas populares	76
Cap. VII.	— Los privilegios de las mugeres	90
Cap. VIII.	— A bruxa Zaida	104
Cap. IX.	— Questões politicas	118
Cap. X.	— Toiros reaes	131
Cap. XI.	— Duas cartas	145
Cap. XII.	— A Calcanhares	157
Cap. XIII.	— Historia singela	170
Cap. XIV.	— Catastrophe	182
Cap. XV.	— O infante D. Pedro	194
Cap. XVI.	— Scenas de familia real	207
Cap. XVII.	— A mensagem	221
Cap. XVIII.	— Accusações	237
Cap. XIX.	— O medico de sua alteza	250
Cap. XX.	— Thereza	260
Cap. XXI.	— O delirio	271

LIVRARIA DE VIUVA MORÉ, EDITOR

BIBLIOTHECA MORÉ.

Volumes publicados:

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Doze Casamentos felizes, collecção de p
romances; 2.ª ediç. revista pelo author — 1 v.
Estrellas Funestas — 1 vol. 16.º gr. .
Estrellas Propicias — 1 vol. 16.º gr. . .
Memorias do Carcere — 2 vol. 16.º gr.
As Tres Irmans — 1 vol. 16.º gr. . . .
Romance d'um homem rico; 2.ª ediç.
prefacio. — No prelo.

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

A Mocidade de D. João V, romance h
2.ª edição revista pelo author — 3 vol. 18.º .

SEPT. 21.

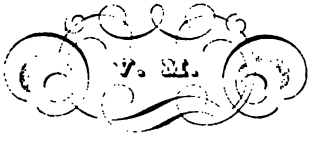
BIBLIOTHECA MORÉ.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

UM ANNO NA CORTE.

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA PELO AUTHOR.

TOMO II.



PORTO,
EM CASA DE VIUVA MORÉ -- EDITORA,
PRAÇA DE D. PEDRO.
A mesma casa em Coimbra, Rua da Calçada. | Casa de Commissões em Paris, 2 bis, Rua d'Arcole.
1863.

J. W. Hawes;
from Portuguese dept
Philadelphia Exhib.
Recd. March, 187

UM ANNO NA CORTE.

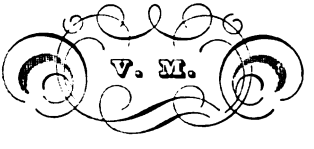
UM ANNO NA CORTE.

POR

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA PELO AUCTOR.

TOMO II.



PORTO
EM CASA DA VIUVA MORÉ — EDITORA,
PRAÇA DE D. PEDRO.

A mesma casa em Coimbra, Rua da Calçada. | Casa de Commissões em Paris, 2bis, Rua d'Arcole.

1863.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
493737
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXII.

Á CABECEIRA DO DOENTE.

Antonio do Prado apenas entrou no quarto correu logo direito á cama do doente, mas encontrou já alli o seu companheiro, que, moço e agil, tinha atravessado a casa de um pulo para soccorrer o desgraçado capitão, e oppor-se a que, nos paroxismos do delirio febril, arrancasse com as mãos hirtas as ataduras que o opprimiam.

Quando a tia Brizida e Diogo Cutilada acudiram com luzes aos gritos de Thereza, o aposento do enfermo apresentava um aspecto lugubre e doloroso. Thereza cahira de joelhos, e com as mãos levantadas ao ceo, debulhada em lagrimas, pedia a Deus em fervo-

rosa oração pela vida do seu noivo. Este, quebrado o vigor pelo padecimento e pelo delirio, parecia estar já na tremenda lucta do passamento; os olhos amortecidos e embaciados haviam perdido a luz e a vida; a boca semi-aberta deixava-lhe passar a custo, rapida, convulsa e alta a respiração; a cabeça pendia-lhe desanimada e livida sobre os hombros. O mancebo, que entrara com o medico de sua alteza, sostinha nos braços o corpo abatido do enfermo, em quanto o licenciado lhe tomava o pulso e lhe observava a ferida. Eram admiraveis a formosura e suavidade do rosto, a esplendida e melancolica belleza dos olhos negros do mancebo; o pranto que, baga a baga, lhe marejava das palpebras, escorregava-lhe pelas faces lentamente, sem soluços, sem gritos, nem gemidos. Era como um anjo piedoso que houvesse descido á terra para alliviar os

statu tamen morbus magis ingravescit, et difficilior, et interior, quàm principio, aut alio tempore.

— E a este delirio, a este terrivel delirio, não se lhe póde dar remedio? — perguntou Thereza, que se levantara do logar em que estava ajoelhada para se approximar da cama do seu amante.

— *Ex sanguinis profluvio delirium, aut etiam convulcio, malum.* Comtudo é conveniente, visto a inflammação urgente, a febre excessiva, e o vigor das forças na occasião do delirio, que se lhe repita a sangria, veia de todo o corpo, e se continuem as esfregações.

— Ha ainda esperança, senhor Antonio do Prado, podemos esperar que elle se salve? — perguntou com voz tremula a Calcanhares, a quem nossos leitores terão já reconhecido, apesar do seu disfarce.

— Os symptomas não podem ainda ser interpretados de modo, que d'elles se possa concluir exactamente o estado actual da doença. *Tamen dico, quod in istis signis distinguendis est magna difficultas, et non cognoscuntur, nisi ab valde experto...* Mas este texto de Berengallo não póde ser avaliado por pessoas a quem a lingua dos sabios é desconhecida. Sim — proseguiu elle tossindo, e voltando-se para Margarida — tu ainda não estás habilitado, rapaz, para entender os segredos da sciencia; ainda não recebeste as lições...

— É preciso sangral-o. Não diz que a sangria lhe póde dar algum allivio... — atalhou a Calcanhares.

— A sangria diminuirá o peso dos humores, e fará

com que a inflammação não tome maior incremento. Tragam uma luz, uma bacia, e uma atadura. Vou-lhe abrir a cesura do braço, e tirar-lhe sangue para o alliviar. *Novit natura vias:* a natureza dará depois, pelas vias de que dispõe, vasão á materia corrupta.

— Vão-lhe tirar ainda mais sangue! — exclamou Thereza — É a sexta sangria; e as suas forças estão já tão quebradas!

— É na sangria que está a chave de toda a medicina: pela sangria dispõe e regula o medico os humores naturaes — observou o licenciado.

— Pobre Francisco! — E approximando-se mais da cama, Thereza pegou da mão do enfermo, e beijou-lh'a muitas vezes.

Foi n'este momento que a Calcanhares, que até alli não despregara os olhos de Francisco d'Albuquerque,

— Ama-o! — bradou imprudentemente a Calcanhares — Ama-o! E diz-m'o... diz que o ama; aqui, n'esta occasião!

O tom em que esta phrase foi pronunciada por tal modo era apaixonada, havia tal vibração no som de cada uma d'estas palavras, que Thereza estremeceu. O sangue refluiu-lhe ao coração, as lagrimas seccaram-se-lhe nos olhos, e pareceu-lhe ouvir outra vez resoar no aposento aquelle nome de mulher, que Francisco d'Albuquerque com tanta paixão repetira no seu delirio.

— Eu amo-o — disse ella, fixando os olhos na sua rival — com todas as veras da alma! Quero-lhe como a irmão...

Margarida ia interrompel-a, quando Antonio do Prado, receioso de que ella se désse a conhecer por alguma palavra imprudente, lhe impôz silencio em voz baixa.

— Vamos á sangria, sem mais demora — disse elle alto. — O estado do enfermo não permitte delongas. Approximem a luz, e tragam o que lhe pedi. A bacia aqui: aqui a luz — proseguiu elle indicando a Diogo a posição em que devia ficar — Deixem-no descansar nas almofadas, e afastem-se um pouco para eu ver melhor, e estar mais á larga. Bem! É isso, mesmo assim.

Assim como ia fazendo estas recommendações, o licenciado desatava a atadura da sangria, e abria a cesura com a cabeça de um alfinete, como era então de uso. Aproveitando a occasião em que todos seguiam attentos os movimentos de Antonio do Prado, Thereza

e a Calcanhares foram-se chegando uma para a outra, e afastando-se da cama, em roda da qual se tinham grupado as pessoas que estavam no aposento. A antipathia e o ciume que uma pela outra sentiam, em vez de ter sobre ellas acção repulsiva, faziam pelo contrario com que, n'aquelle momento, ambas desejassem estar sós, para poderem livremente fallar, e descobrirem as causas que assim as haviam ajuntado á cabeceira de Francisco d'Albuquerque moribundo.

Da lembrança de Thereza não se apagara um instante aquelle nome de mulher, repetido nos paroxismos do delirio pelo seu amante. Sentia vagamente que ás magoas que a opprimiam, uma magoa maior se accrescentaria em breve: via já o amor de Francisco de Albuquerque, esquecidas as solemnes promessas tantas vezes repetidas na noite em que d'ella se separara,

não podem soffrer nem a sombra de uma desconfiança, que são egoistas e exclusivos porque absorvem em si todas as paixões dos que os sentem. Margarida estava certa de que a mulher, que encontrara á cabeceira do seu amante moribundo, não podia ser senão uma rival; e queria saber quem ella era, desenganar-se da verdade, conhecer se Francisco d'Albuquerque fingira ter por ella amor, depois de ter dado a outra o coração.

Foi Thereza quem fallou primeiro.

— Quem é, senhora? — perguntou ella agarrando no braço da Calcanhares, e em voz tão sumida, que só um amante ou uma rival a poderiam perceber — Que vem fazer assim disfarçada a esta casa?

— Vêl-o — respondeu Margarida, no mesmo tom, e apontando para o capitão. — Amo-o, sou amada por elle, e...

— É amada; amada por Francisco; por elle? Não é verdade isso, senhora; bem sabe que não é verdade. Elle nunca lhe disse que a amava: e mentir em taes coisas, n'esta occasião...

— Mentir, não minto eu — atalhou a Calcanhares. — Foi elle quem disse que me amava; foi da sua boca que o ouvi. Ai! E melhor fôra que eu nunca lh'o tivesse ouvido, porque...

— Para que me está enganando? Porque me querem roubar agora a triste consolação de ser amada por um moribundo? — exclamou Thereza — Já não tenho senão a elle...

— Eu tambem só tenho o seu amor, só vivo para o amar!

— Perdi pae e mãe; estou orphan e abandonada...

— Tambem estou só no mundo.

— É o meu noivo...

— É o primeiro homem que amo.

— Fomos creados um com o outro; este nosso amor começou quasi com a vida...

— O meu só com a morte terá fim.

— E elle não me ama já!

— Não.

— Deus tenha misericordia de mim! — murmurou Thereza, unindo as mãos n'um gesto de dor — Agora é que me sinto só, é que estou de todo isolada!

— Francisco d'Albuquerque já a não ama — repetiu a Calcanhares. — Deixe-o; esqueça-se tambem d'elle.

brotavam dos olhos, e a ternura lhe repassava o coração ao ouvir as nobres palavras de Thereza.

Um gemido do enfermo, e os clamores lamentosos da tia Brizida, desvaneceram nas duas rivaes o extemporaneo ciume com que se haviam hallucinado momentaneamente. Ambas sentiram remorsos: parecia-lhes criminoso e repassado de egoismo o sentimento que as fizera esquecer de Francisco d'Albuquerque, quasi agonisante, para unicamente se lembrarem do seu amor. No intimo d'alma ambas pediram perdão áquelle que julgavam ter offendido com o seu egoismo; e do mesmo modo que uma mutua antipathia as levara a afastarem-se do leito em que jazia o seu amante, um remorso commum as attrahiu outra vez para esse leito de dor.

— Coitado! — bradava com lastima a tia Brizida — Lá morreu! Deus tenha dó da sua alma! Padre nosso...

— Cale-se, mulher — acudiu o licenciado — não faça essas lamentações aqui.

— Que é? Que succedeu? — perguntavam ao mesmo tempo Thereza e Margarida.

— Nada: não é nada. A sangria produziu uma syncope no doente: *Ex sanguinis profluvio...*

— Ai! Que se lhe ha de fazer! o que se lhe ha de dar para elle tornar em si? — exclamou Thereza.

— O que é preciso? Diga, senhor licenciado — acudiu a Calcanhares.

— Façam-lhe umas aspersões de agua fria, é o que

basta — respondeu Antonio do Prado, fechando socegadamente a sangria, e pondo-lhe a atadura. — Isto não é nada. Se elle tivesse isto só, estava bom em cinco minutos.

— Aqui está agua n'este gomil — disse a tia Brizida, apresentando um gomil de barro a Margarida — aqui está a agua para o borrifar, senhor cirurgião...

— Ainda não: cirurgião ainda elle não é — atalhou o medico do infante. — É o melhor discipulo que tenho; mas falta-lhe muito que aprender antes de chegar a cirurgião. *Nemo repentè fit summus*, como diz Juvenal.

— Eu não sou cá para estas coisas — resmungou a tia Brizida — Quem me dera voltar já para o meu cantinho de Santo André. Já hoje me não confessei, e fiz esperar toda a manhan o meu frei Thomaz do Espirito

das pela duvida, dilaceradas pela dor, anhelavam o triste descanso que dá uma mal segura esperança, ou um pungente, mas absoluto desengano.

A sangria tinha causado allivio ao enfermo: a febre tornara-se menos intensa, e ao delirio succedera grande abatimento e prostração de forças. Com voz debil e sumida:

— Tenho sede! — murmurou elle — Dêem-me agua.

— Dêem-lhe d'essa agua de alquitira — disse o licenciado. — Como o mal continua, será bom preparar-lhe soro de leite com assucar, para elle beber a miudo; e empregaremos agora sobre a ferida o parche de unguento santo, de que falla João Andreas, e a mecha acanulada de chumbo.

Tirando então de uma bolsa que trazia algumas caixas com varias drogas, unguentos, estopas, pannos de linho etc., Antonio do Prado substituiu o apparelho, que cobria a ferida do capitão, por outro convenientemente preparado.

Em quanto durou a cura, as duas amantes de Francisco d'Albuquerque não se lhe tiraram da cabeceira do leito; cada uma d'ellas buscando, com afagos e mimos, com lagrimas e palavras de amor, chamar-lhe a attenção, e abrandar-lhe os padecimentos. Eram porém baldadas as caricias, era inutil a ternura, porque o enfermo não estava em estado de dar pelo que se passava em torno d'elle.

Houve comtudo um instante, em que os olhos de

Francisco d'Albuquerque se animaram, como se a sua memoria acordasse subitamente e o seu espirito voltasse á vida do pensamento. Thereza e Margarida, ambas estremeceram; os corações palpitaram-lhes com mais violencia; e, apertando aos labios as mãos frias do enfermo, esperaram anciosas que elle fallasse.

O olhar abatido do capitão, depois de oscillar, tremulo e incerto, entre Thereza e Margarida, fixou-se finalmente por alguns segundos no rosto pallido d'esta ultima; e, pelos labios convulsos e lividos do inconstante provinciano sahiu a custo o nome da amante de Affonso VI, da mulher por quem elle esquecera a casta companheira da sua infancia. Thereza deu um grito de angustia, e cahiu desmaiada. A tia Brizida assustada de tão repentino como inesperado accidente, e ignorando totalmente o que lhe dera causa, correu para

estar bom de todo — observou o licenciado. — É perigoso demorarmo-nos mais tempo n'esta casa. Póde entrar alguem n'este quarto, Luiz de Mendonça por exemplo, e conhecerem-na...

— Não vem; agora não vem ninguem...

— Nada de imprudencias. Venha comigo. Vamo-mo-nos já, sem mais demora.

— Hei de deixal-o só...

— Pois não fica...

— Essa mulher!

— Não me deite a perder, D. Margarida; não se deite a perder com esses loucos ciumes. Ouço passos — proseguiu Antonio do Prado, agarrando no braço da Calcanhares. — É Luiz de Mendonça; já lhe conheci a voz. Venha, venha antes que elle entre e a veja.

Em todo o tempo que durara este rapido dialogo, a tia Brizida havia empregado em vão a agua e os espiritos para combater o desmaio de Thereza. Perdendo por fim a esperança de conseguir com tão simples medicamentos pôr termo ao padecimento de sua sobrinha, a velha beata chamou por Antonio do Prado, acompanhando os seus clamores de muitos choros e orações; e, vendo que lhe não respondia ninguem, voltou-se para procurar no aposento o licenciado e o seu discipulo.

— Foram-se! — bradou a velha, dando pela falta d'elles — Jesus, que se ha de fazer agora! Que hei de fazer a esta pobre rapariga, que morre aqui se lhe não acodem! Senhor do ceo, para que se foram agora estes

homens! Vão chamal-os: chamem-nos, que nã
ir longe!

— O que é? — perguntou da porta Luiz
donça, que chegava.

— Jesus me valha! Nossa Senhora nos ac

— Mas que foi?

— Minha sobrinha Thereza, que está n'est
e sem ter quem lhe dê os soccorros de que pre

— Encontrei agora mesmo á porta o m
sua alteza.

— Estava aqui, e foi-se sem dizer nada.

— Vou chamal-o — disse Mendonça sahin

— Deus lhe pague! Vá, vá de pressa.

Poucos minutos depois Luiz de Mendonç
com o licenciado só. A Calcanhares tinha p
Côrte-Real n'uma cadeira, que a estava esp

CAPITULO XXIII.

RAPTO.

Dias depois na grande sala do paço, onde o conde de Castello-Melhor dava audiencia e tractava dos negocios d'estado, dois cavalheiros da côrte disputavam entre si em vivo e acalorado dialogo, ora caminhando a passos lentos e deseguaes, ora parando um defronte do outro. Um d'elles era o primeiro ministro de Affonso VI: o outro Henrique Henriques de Miranda.

Por uma das janellas abertas via-se, projectada no azul do ceo, a hirsuta e elephantina cabeça do medico de sua alteza. Antonio do Prado, encostado á balaustrada da varanda, olhava distrahidamente para as nuvens que se apinhavam no occidente, afogueadas pelos ultimos raios do sol-posto. O licenciado parecia desassocegado e impaciente. Do logar em que estava não

lhe era possivel ouvir a altercação dos dois cortesãos, e comtudo voltava de minuto a minuto a cabeça, e punha o ouvido á escuta, como se quizesse de algumas palavras soltas, que a custo podia perceber, deduzir o objecto e importancia da animada discussão dos dois privados.

— Foi uma imprudencia!... um crime desnecessario, e que nos ia privando de um dos mais poderosos instrumentos, que a Providencia divina nos deu para dirigirmos o animo indocil d'el-rei — dizia o conde.

— Eu queria acabar por uma vez com esses amores, de que não podem resultar senão males — respondeu Henrique Henriques. — Margarida trahiu sua magestade, e eu...

— Bem sei a causa de tudo o que se passou, Henrique Henriques. Meu rico amigo — proseguiu o valí-

commettem na côrte; querem os meus inimigos, que sobre mim pese a responsabilidade de actos, em que não tomo parte, de actos que reprovo e condemno; e em vez da gratidão, que o reino me devia pelo ter salvado do jugo castelhano, por lhe ter conservado a independencia e a liberdade, encontro muitas vezes o odio dos fidalgos e a indifferença do povo. Tudo lhes serve de pretexto para me accusarem; os desvarios de el-rei, e as proprias intrigas que D. Rodrigo de Menezes trama contra mim. E quando se tornava indispensavel destruir taes calumnias, é que, por este attentado contra a vida de um criado de sua alteza, foram dar motivo a novas queixas, accusações, e intrigas aos inimigos d'el-rei e do reino.

— Sei que lhe devo muito, que tudo lhe devo, conde; que foi por sua causa que el-rei me fez mercê dos dois officios de tenente-general e provedor dos armazens, que por justiça me pertenciam por haverem sido de meu sogro Rui Corrêa Lucas, mas que a rainha-mãe me não quiz conceder nunca. Sei que o valimento que tenho com sua magestade m'o deu mais a bondade de vossa excellencia do que o meu proprio merecimento; e por isso desejo provar-lhe em tudo a minha amizade e gratidão. Não sabia que este acontecimento podia ter tão serias consequencias; ignorava que o homem, por quem a Calcanhares trahia.... el-rei, era da casa do infante...

— Ainda que o não fosse, um escandalo d'estes podia ter consequencias fataes. Se a el-rei constasse que

Margarida o trahiu, sua magestade, com o genio violento e indomito que tem, teria talvez apunhalado essa desgraçada rapariga. Felizmente ao infante e aos seus convem-lhes, ainda que o saibam, occultar o verdadeiro motivo d'este successo, para o attribuirem unicamente a odios e vinganças politicas; de outro modo el-rei saberia tudo, e Deus sabe, o que se teria passado, e os crimes que se haveriam commettido a esta hora. O seu louco, o seu inconsiderado ciume, Henrique Henriques — proseguiu o conde parando — veio dar maior força ás queixas de sua alteza; e D. Rodrigo sabe, como raposa velha que é, tirar proveito de tudo. Antes d'isto já se atreveram a atirar dois tiros a meu irmão, agora atrever-se-me-hão a mim. Ha tres dias, na altercação que se travou entre minha mãe e o mordomo-mór, o infante apoiou-o a elle, só para injuriar a

os odios do povo, que paga e padece, contra mim, cujo poder elle julga quasi absoluto.

— Se a rainha não tiver nunca de que se queixar, se tiver quanto deseja, fique vossa excellencia certo de que não deixará o partido de el-rei pelo de sua alteza — observou Henrique Henriques.

— A rainha deseja tudo, e nós não lhe podemos dar tudo. A princeza d'Aumale — proseguiu o valído, baixando a voz — veio para esta côrte de *selvagens* (é assim que nos consideram na côrte de Luiz XIV), para esta cidade de Lisboa medonha e *cercada de precipicios*, para ser senhora absoluta de tudo e fazer de Portugal uma colonia franceza. Além de que, pelas causas que vossa mercê sabe, entre suas magestades não póde existir nunca aquella amizade e intimas relações, que nós tanto folgariamos de ver estabelecidas para socego e felicidade da nação. É este o principal motivo, que nos deve obrigar a ser cautelosos e a não nos deixarmos arrastar por desvairadas paixões. N'este momento seria um grande e irremediavel erro o destruirmos a illimitada influencia que a Calcanhares tem sobre a vontade d'el-rei; é essa influencia um dos nossos mais fortes apoios....

— Havemos de consentir que ella traia... — atalhou Henrique Henriques colerico.

— Havemos de ter prudencia. Nós não podemos exigir de uma mulher sacrificios impossiveis. Se usarmos outra vez de violencia para acabar com estes amores de Margarida...

— Quer, senhor conde, que essa miseravel loucura dure por mais tempo ainda, e que, se esse excommungado capitão não morrer, Margarida o torne a receber de noite...

— Margarida ha de para o futuro ser mais cautelosa...

— Cautelosa! A vossa excellencia basta-lhe a cautela e o segredo, mas a mim... — bradou o tenente-general, contendo a custo a colera que o suffocava.

— Sei o que o afflige, meu amigo — disse o conde sem mudar de tom. — Mas esses.... ciumes já não são para a sua edade, Henrique Henriques. Um homem não se deixa vencer por paixões d'essas que lhe não ficam bem. Não se tracta agora de amores que são ou não correspondidos, tracta-se de coisa mais séria: do socego do reino e dos interesses de el-rei, nosso amo.

elle quer sem razão plausivel, não faltarão queixas, intrigas, e talvez conspirações e violencias.

— Disseram-me que o infante, se o obrigassem a desistir da primeira escolha dos fidalgos que nomeou...

— Esses não lh'os concede sua magestade, por certo. El-rei não quer que seu irmão seja servido nem pelo conde de Sarzedas, nem pelo conde de Oriola. O mais que eu espero é que Margarida, empregando o grande poder que tem sobre o animo de sua magestade, consiga resolvel-o a dar ao infante licença para fazer nova escolha.

— E se sua alteza escolher, como dizem, os quatro condes...

— O conde da Torre, o de S. João...

— E os condes de Aveiras, e Villar-Maior...

— É mau, mas não ha remedio senão conceder-lh'os.

— Côrte-Real torna-se um centro permanente de conspirações. O conde da Torre...

— Esse tem mais soberba que valor, mais palavras do que obras:

Tan soberbio en la paz,
Y tan cobarde en la guerra,
Toda su fama se encierra
En patarata, no mas.

O conde de S. João é mais para temer. Melhor soldado, de valor, e dotado de boas prendas e virtudes. Os outros dois...

— São seus inimigos antigos...

— Somos inimigos por herança, já nossos avós o eram tambem.

— E ha de vossa excellencia consentir que taes homens se juntem na casa de sua alteza para lhe fazerem guerra.

— Agora, que remedio? Convém antes de tudo tirar aos inimigos todo o pretexto, com que se possam auctorisar para levantarem calumnias e tramarem intrigas contra el-rei, e contra os seus ministros. Sinto passos — proseguiu o conde, escutando a uma porta da sala, que dava para extensa galeria. — É Margarida talvez, que me vem contar o que passou com el-rei. Vá-se, Henrique Henriques; bem sabe que...

— Que ella me odeia — atalhou este. E abrindo outra porta, sahiu precipitadamente, resmungando palavras de colera, e ameaça. Mal Henrique Henriques

de ciumes, pintava-se-lhe vivo no desbotado e melancolico semblante.

O conde, que esperava Margarida á porta da galeria, apenas ella entrou pegou-lhe da mão tremula, e com voz branda e affavel, em que transparecia comtudo a anciedade, perguntou-lhe o que passara com el-rei.

— Sua magestade consente... está por tudo — respondeu a Calcanhares sem dar quasi attenção ao que lhe dizia o valído, e lançando os olhos inquietos pela sala como se procurasse alguem.

— Consente em que sua alteza fique com os fidalgos que lhe aprouver nomear? Não fez nenhuma excepção?

E vendo que lhe não respondia, o conde, sacudindo o braço e apertando a mão de Margarida, exclamou:

— Não ouves o que te digo! Acho-te distrahida! Que te aconteceu?

— Nada — respondeu ella, buscando soltar a mão que o valído apertava entre as suas.

— Não te disse...

— Nada mais me disse el-rei.

— E ácerca dos gentis-homens de sua alteza?...

— Diz que, para não ouvir fallar mais em tal, está resolvido a dar-lh'os...

— Os que elle nomeou já?

— Sim... não...

— Responde-me, Margarida. Escuta, attende ao que te pergunto, e responde-me.

— Já disse a vossa excellencia que el-rei... está resolvido a acabar com esta questão por uma vez.

E, desprendendo-se das mãos do Castello-Melhor, Margarida correu ás janellas que deitavam para o Tejo. Foi então que ella viu Antonio do Prado, que estava, como dissemos já, encostado á balaustrada da varanda.

— Antonio do Prado! — bradou ella, transpondo quasi de pulo a distancia que a separava do licenciado — Como vai elle?

Ouvindo a voz de Margarida o medico de sua alteza voltou a cabeça sobresaltado para responder: porém, vendo o conde, encobriu com um sorriso feio e triste a sua perturbação, e perguntou fazendo uma reverencia:

— De quem deseja ter novas, D. Margarida?

— De quem ha de ser?! — exclamou a Calcanhares com impaciencia — D'elle; de Francisco, é que eu

contar-me o que passaste com el-rei — proseguiu elle, abaixando a voz para que Antonio do Prado o não ouvisse.

— Já lhe respondi, senhor conde — disse a Calcanhares no mesmo tom. — Está tudo como vossa excellencia deseja. El-rei resolveu-se finalmente a ceder ás supplicas de sua alteza.

— Então vou immediatamente aos quartos de sua magestade.

— Vá, vá depressa, que el-rei espera-o — atalhou Margarida, com a alegria espontanea de quem inesperadamente se sente alliviado de um grande pêso.

— Hoje mesmo será bom que a rainha saiba, que esta questão está de todo resolvida. Á sua influencia sobre o animo d'el-rei, e ao meu desejo de a servir, attribuirá ella tão feliz resultado — pensou comsigo o Castello-Melhor. — Cuidado, Margarida! não faças alguma imprudencia, que nos deite, que te deite a perder — disse elle depois ao ouvido da Calcanhares. — Lembra-te dos excellentes conselhos de meu tio, do virtuoso frei Pedro. Tu és o anjo da guarda d'este reino. Deus, pela sua infinita misericordia, ha de compadecer-se dos teus padecimentos e dar-te o premio que mereces. Prudencia! — Mal acabou de fazer estas hypocritas recommendações á victima dos seus interesses politicos, que como tal podia ser considerada a pobre Margarida, o conde sahiu pela mesma porta por onde ella pouco antes havia entrado.

Logo que se viu só com o licenciado, a Calcanha-

res levou-o para um canto da sala; e ahi, deixando-se cahir sobre uma cadeira, perguntou-lhe se cumprira a sua promessa, e se tudo estava disposto, como ella lhe havia dito.

— É grande o risco de uma tal empreza — respondeu Antonio do Prado, sentando-se tambem. — Tenho pensado muito nas perigosas consequencias que póde ter, e parece-me melhor, *dum tempus habemus*...

— E não fez nada do que prometteu.

— *Qui fugit molam, fugit farinam.* Quem não quer tomar bons conselhos, nem escuta os velhos, cedo se deita a perder.

— Tenha dó de mim, senhor licenciado. Acabo agora de estar com el-rei por mais de uma hora, já não tenho paciencia: faltam-me forças para padecer mais.

— Não é minha intenção augmentar-lhe os pade-

ciado rindo maliciosamente. — É caso raro; e não fallam as historias... Ah! Ah! Ah! Fallam do rapto de Ganimedes. Ah! Ah! Ah! *Iste mundus aut ridet nos, aut irridetur á nobis:* vamo-nos rindo sempre antes que os outros se riam. — E desatou uma estrondosa gargalhada.

Esta hilaridade extemporanea de Antonio do Prado por tal modo excitou a colera da Calcanhares, que, pondo-se de pé:

— É de mais! — bradou ella, batendo com o pé no chão. — É de mais, senhor licenciado! Prometteu-me dispôr tudo para eu poder tirar Francisco do Côrte-Real. Disse-me que só esperava que elle estivesse em estado de poder, sem perigo, ser transportado do Corpo-Santo a Xabregas, para me fazer o que havia promettido; e agora ri-se, e zomba de mim! Não vê que eu não posso soffrer por mais tempo este martyrio? Não o ver, e saber que elle está com uma mulher que o ama, que o ama ha tanto tempo, e por quem elle se esquecerá de mim, talvez! Disse-lhe, senhor Antonio do Prado, que alcançaria de el-rei que o nomeasse cirurgião da sua real camara, o conde de Castello-Melhor fallou-lhe no officio de cirurgião do hospital real, nem uma nem outra coisa terá, se...

— Eu ainda lhe não disse que tencionava faltar ao que prometti — atalhou o licenciado. — Isto eram só conselhos, severos sim mas de amigo: *Ego, quos amo, arguo et castigo.* Mas emfim, D. Margarida, se os não quer tomar não os tome, que eu por isso não lhe hei

de ser menos fiel. Sou homem de palavra, e de uma só fé. Sei o muito que póde com el-rei, e quanto bem me deseja fazer....

— Então, se não mudou de resolução, se está ainda pelo que me disse, para que faz... para que deixa perder assim um tempo precioso....

— Porque ainda não é bem noite. Temos hoje uma excellente occasião para levar a cabo esta imprudencia. É o menos que se lhe póde chamar. Mas, se a não soubermos aproveitar ficamos ambos perdidos. Deixe-se guiar pelos meus conselhos: *Discernit sapiens res, quas confundit asellus*, quer dizer — proseguiu elle, julgando conveniente construir em traducção não literal o texto, tão pouco modesto quão pouco delicado, que citara, — quer dizer: Ao homem de experiencia é facil discernir as coisas, que ao menos instruido confundem e perturbam:

O que não experimentares
Não cuides que o sabes bem.

— Quando havemos de ir?

— Agora — respondeu o licenciado, olhando para o poente, — agora mesmo. Já se escondeu o sol; d'aqui a nada é noite. Thereza vai, com a tia, á Graça para assistir a umas vesperas; Luiz de Mendonça, sei eu, que tambem lá não está; e tudo o mais ficou preparado, e disposto como se quer.

— Então, vamo-nos.

— Vamos; e que Deus seja comnosco.

Instantes depois, Margarida com a cabeça inteiramente envolta n'uma manta escura, e acompanhada do licenciado Antonio do Prado, entrava para uma liteira no páteo da Capella.

Deixemos tambem agora os paços d'el-rei para entrarmos no Côrte-Real, e vermos o que a esta mesma hora se passava no quarto de Francisco d'Albuquerque.

O capitão já estava, segundo a sábia opinião do licenciado Antonio do Prado, inteiramente livre de perigo; porém a sua fraqueza, resultado de abundantes perdas de sangue e da violencia das febres que padecera, era tão grande, que mal podia volver sobre as almofadas a pesada cabeça livida em que se viam tristes signaes de longa e penosa enfermidade.

Os olhos do capitão voltados para Thereza, que estava assentada ao lado da cama, pareciam buscar no rosto d'esta a revelação de um segredo ou a explicação de um mysterio; tão grande era a sua curiosa fixidez. Não incerto e simultaneamente escrutador o seu olhar. Este longo e vacillante olhar foi-se, porém, transformando lentamente: a sua expressão mudou por graus insensiveis. A principio terno, tornou-se depois melancolico, triste, doloroso. Duas lagrimas, brotando a custo como se viessem do coração, pouco a pouco se conglobaram e suspenderam nas palpebras do enfermo, até que sacudidas por um impulso commum de dor e de angustia, como que lhe saltaram pelas faces e se foram embeber nas almofadas.

Francisco d'Albuquerque recordava-se vagamente

de haver visto junto de si Margarida e Thereza, ambas meigas e carinhosas, ambas debulhadas em lagrimas, que lhes arrancava a dor de o verem padecer; e esta recordação, que elle não sabia onde tivera origem, pesava-lhe como um remorso cada vez que olhava para a casta e suave companheira da sua infancia.

Quando, depois de longo scismar, de triste e amargo cogitar, sentiu que as lagrimas lhe cahiam pelas faces, o capitão não pôde ter-se que não estendesse para Thereza a mão tremula, murmurando com voz debil e sumida:

— Perdão, Thereza, perdão!

Thereza, toda ternura e solicitude, seguira no rosto do seu amante as varias transformações de um sentimento, cuja amargura se pintava claramente n'aquelle olhar longo e profundamente melancolico. Desde o dia

cega, Francisco — disse ella apertando a mão
io — socega. Eu não tenho que te perdoar...
sse — accrescentou ella vendo que Francisco
erque fazia um ligeiro gesto de negação — e
, perdoar-te-ia como a irmão, que és meu.
ue o affligires-te póde causar-te damno; e eu
-te restabelecido bem cedo, para... para...
brindo com um sorriso gracioso e suave o
e ella sentia rebentar-lhe dos olhos, Thereza
se sobre a cama, e deu um beijo na fronte do

e fazes ahi, Thereza? — bradou n'este mo-
porta do quarto a tia Brizida — Que esperas
io doente o remedio que o licenciado ahi dei-
são quasi sete horas; é tempo de nos irmos
o para sahir.
i Brizida, minha rica tia! — balbuciou The-
emecendo ao ouvir a voz da beata — Pois
esta hora, lá tão longe...
que horas querias tu que fossemos rezar as
i Graça? — respondeu a velha — As vesperas
ao cahir da tarde, e isto é quasi sol-posto.
ihora te ajude, filha, que me parece que não
teu juizo!
tão havemos de deixar aqui só este pobre
.
e não precisa de nós por agora, e cá fica o
omar conta n'elle. Ás vesperas não falto eu

Foi elle quem me recommendou q
e não hei de faltar. Tu has de vir
te não deixo aqui só. Não ouviste
do Prado esta manhan, quando lh
mos sahir?

— Ouvi, mas elle...

— Elle é um homem de juizo,
tu... és uma tontinha — atalhou
sando a enrugada mão pelos cabe
— « Sáiam, disse elle, podem sahi
deixem só depois de lhe darem es
de fazer dormir. Eu cá venho á
que voltem. » Anda, dá-lhe o r
ras...

— Tem uma côr tão feia, tão
xinho Thereza, pegando no vaso
bida que deixara o licenciado. —

— Tambem agora entendes de
bes tu de remedios? Remedios tod

que; e este, obedecendo como uma criança ao gesto da sua formosa enfermeira, bebeu até á ultima gotta o liquido que elle continha.

Apesar das palavras e gestos de impaciencia da velha beata, Thereza deixou-se ficar sentada á cabeceira do leito, e esperou, sem despregar os olhos do doente, que o remedio produzisse effeito, o que breve succedeu. Francisco d'Albuquerque cahiu em pesado torpor, e depois em profundo somno, causado pelo narcotico que Antonio do Prado lhe mandara ministrar.

— Agora podemos sahir — disse Thereza pondo-se de pé, e detendo a custo as lagrimas que lhe nublavam os olhos. — Elle ahi fica dormindo esse somno, que me faz mal, que se parece com... a morte.

— Não tenhas susto, não ha que recear — atalhou a tia Brizida. — Vamos pedir por elle ao Senhor dos Passos, vamos que é tarde. E não havemos de ir de vagar se lá quizermos chegar a tempo.

Cobrindo-se então com mantas de capuz, a tia e a sobrinha, acompanhadas da velha Josepha e de um moço do infante, sahiram do Côrte-Real para irem assistir ás vesperas que n'aquelle dia se celebravam no convento da Graça.

— Tenha cuidado no senhor capitão — disse Thereza a Diogo Cutilada antes de sahir. — Não se afaste muito do quarto, porque elle póde acordar, e carecer de alguma coisa...

— Veja o que faz — accrescentou a beata — veja o que faz, senhor Diogo. Olhe que nós vamos descansa-

das, porque temos que se não ha de descuidar das suas obrigações.

— Vão socegadas — respondeu o soldado. — Eu cá estou costumado a tractar doentes, e bem sei o que devo fazer.

— Meu amo ainda agora adormeceu — disse elle comsigo, apenas sahiram as duas mulheres — e só d'aqui a uma ou duas horas é que póde acordar. Então, se hei de ficar aqui a olhar para o tecto, melhor é que vá para o páteo palrar com os moços da estrebaria, e apanhar o fresco da tarde. — Depois de tirar esta prudente conclusão das suas reflexões, o bem-avisado sebastianista desceu as escadas do palacio, e foi juntar-se com os criados de sua alteza.

Francisco d'Albuquerque ficara só. Estendido sobre o leito, immovel, pallido, respirando apenas im-

no rosto do mysterioso personagem. Era Antonio do Prado.

O licenciado, quando se desenganou de que o enfermo estava só, approximou-se apressadamente do leito em que elle jazia, apalpou-lhe a testa e as mãos, tomou-lhe o pulso, escutou-lhe o lento respirar, e certo de que o narcotico não tivera funestos resultados, soltou um longo suspiro, porque se sentia livre emfim do temor que lhe remordia a consciencia.

O medico de sua alteza esperou que fizesse mais noite; e então, quando viu que o quarto e o corredor proximo estavam quasi em total obscuridade, envolveu Francisco d'Albuquerque n'um amplo gabão, e levantando-o nos braços robustos com a mesma facilidade com que pegaria n'uma criança de poucos annos, sahiu; atravessou alguns corredores, evitando sempre a luz, e desviando-se dos logares onde sentia ruido de passos ou de vozes; desceu uma estreita escada de caracol, e abriu a porta que deitava para a praia do Corpo-Santo. Ahi estava parada uma liteira, na qual o medico do infante, ajudado pelo liteireiro, metteu o capitão ainda adormecido.

Poucos minutos depois, os habitantes do Côrte-Real, assustados, escutavam brados de afflicção, que soavam para o lado do palacio, onde eram os quartos dos criados fidalgos de sua alteza. Correram todos a ver o que era, e deram com Antonio do Prado, que, n'um violento accesso de desesperação, bradava:

— Onde está o meu doente? Quem ousou tiral-o

d'este quarto sem minha licença? Se elle morrer, hão de dizer agora que fui eu quem o matei! Vou queixar-me a sua alteza. É assim que se obedece aos preceitos do medico! *Cave calumniosum!*

Os criados do infante olhavam uns para os outros, espantados do que ouviam, e sem poderem entender as palavras do licenciado. Diogo Cutilada, pallido e aterrado, precipitou-se no quarto de seu amo; e vendo que não estava já no leito, onde pouco antes o deixara, deitou a correr pelos corredores, debulhado em lagrimas e gritando como um perdido:

— Assassinaram o meu capitão! Mataram-me o meu rico amo! Acudam, acudam-lhe. Procurem os assassinos!

Immediatamente os criados do infante se espalharam por todos os corredores e escadas do palacio, com archotes e tochas accesas, para procurarem os assassinos e roubadores de Francisco d'Albuquerque; e o proprio D. Pedro, com a espada na mão e seguido de D. Rodrigo de Menezes, corria pelas salas dando ordens

CAPITULO XXIV.

CONSELHO NOCTURNO.

Luiz de Mendonça, assustado pela desordem em que via os criados do infante e pelos brados e clamores discordes que troavam por todo o Côrte-Real, subiu rapidamente as escadas do palacio, e detendo um mulato que ia correndo com um archote na mão, perguntou-lhe qual era a causa de tão estranho tumulto.

— Mataram-o — respondeu o mulato, desprendendo o braço das mãos de Luiz de Mendonça. — Mataram-o; e nós andamos em busca dos assassinos...

— A quem mataram? — perguntou este enfiado de susto.

O mulato, em vez de lhe responder, galgou a escada em dois saltos e desappareceu.

Certo de que uma grande desgraça succedera, de

que um grande crime fôra commettido na sua ausencia, Mendonça voou pelos corredores e pelas salas do palacio em busca do infante, porque receava que D. Pedro tivesse sido victima de alguma nefanda vingança. Quando entrou porém na antecamara e viu sua alteza, de pé no meio da casa encostado á espada, e fallando em altas vozes com D. Rodrigo de Menezes e mais dois ou tres fidalgos, o seu coração tranquillisou-se algum tanto. Para não interromper esta animada conversação, Luiz de Mendonça esperou á porta da sala que o infante o visse e o chamasse para lhe ir então dar conta do que passara com a rainha na difficil mensagem de que fôra encarregado.

— O atrevimento do valído — dizia o infante — já não conhece limites. Se nos não unirmos para o combater, se eu não tomar, á força se necessario fôr, o logar que me pertence como irmão e actual herdeiro de el-rei, o conde de Castello-Melhor mandar-nos-ha as-

nhal. O valído mandou matar Francisco d'Albuquerque, porque sabia que era um valente militar que o conde da Torre, por elle tão odiado, chamara ao meu serviço: e como não pôde lograr da primeira vez o seu intento infame, hoje, agora mesmo, mandou outra vez assassinal-o covardemente aqui, dentro do meu palacio...

Um grito abafado de Luiz de Mendonça interrompeu de subito o infante. Voltando-se então, e dando com os olhos no amigo de Francisco d'Albuquerque, pallido, hirto, com os olhos lançando áscuas vivas de ira, a mão no punho da espada, D. Pedro proseguiu:

— És tu, Luiz de Mendonça! Já sabes o que succedeu?

— O que foi, senhor?

— Mataram-te o teu companheiro, o teu amigo! E não podemos dar com os assassinos, nem achar vestigios d'elles. Oh! se os apanharmos um dia ás mãos havemos de tirar d'este crime uma vingança, que sirva de exemplo a todos os valídos insolentes, a todos os infames assassinos! Até o cadaver, Mendonça, até o cadaver lhe levaram, esses monstros sem alma!

— Permitta-me vossa alteza que vá eu proprio indagar tambem, procurar...

— É inutil. Dize-me — proseguiu o infante chamando Luiz de Mendonça para um canto da sala, e fallando-lhe baixo — dize-me cá; entregaste a carta á rainha? Vistel-a? Fallaste-lhe?

— Sua magestade dignou-se receber-me, apesar de

já estar fechada a portaria das dámas. Leu a carta de vossa alteza e manda-lhe dizer...

— O que?

— Que el-rei resolveu nomear gentis-homens de vossa alteza os fidalgos que lhe aprouver nomear, com a unica condição de desistir da primeira eleição, e de não nomear o conde de Sarzedas.

— São embustes, são novos embustes do Castello-Melhor — bradou o infante.

— Que ha mais de novo? — perguntou D. Rodrigo, ouvindo esta exclamação do infante.

— Manda-me dizer a... mandam dizer do paço — respondeu sua alteza — que el-rei me concede finalmente alguns fidalgos para servirem na minha casa. Mas é falsa a nova de certo.

— Talvez que o não seja — disse D. Rodrigo. — O

— E se fôr verdadeira a noticia, quem hei de escolher para o meu serviço, Rodrigo?

— Já disse a vossa alteza a minha opinião a esse respeito. Convem que vossa alteza se cerque de amigos seguros e de influencia no exercito. Os quatro condes são os fidalgos que melhor podem servir a causa de vossa alteza; são inimigos pessoaes do valído. O conde da Torre é mestre de campo, general da côrte e provincia da Estremadura. O de S. João é governador das armas de Traz-os-Montes. O conde de Villar-Maior é o coronel da infanteria da côrte, e dispõe das forças que se acham em Lisboa.

— Mas o conde de Aveiras?

— Esse é o regedor da casa da supplicação: precisamos ter por nós tambem os tribunaes.

N'este momento um criado veio annunciar a sua alteza, que grande numero de fidalgos e titulos se achavam já reunidos no Côrte-Real: e D. Pedro, acompanhado pelo seu astucioso mordomo-mór, immediatamente se encaminhou para a sala, onde o esperavam os seus parciaes.

Era na mesma sala, em que, no dia da entrada solemne da rainha em Lisboa, se haviam reunido os fidalgos do partido do infante para decidirem se elle se devia ou não retirar da côrte, que os inimigos do Castello-Melhor estavam esperando por sua alteza. A assemblea era numerosa; e o clamor das vozes e o desordenado dos gestos bem claro mostravam, que a indignação e a colera mal podiam alli ser comprimidas pelo

respeito devido ao infante. O astuto e sagaz D. Rodrigo de Menezes mandara chamar os nobres fidalgos ao Côrte-Real « para os consultar ácerca das medidas que convinha tomar, a fim de evitarem o perigo que os ameaçava a todos, e principalmente a sua alteza; em cujo palacio já tinham ousado entrar assassinos, mandados pelo valído; e se havia commettido n'aquella mesma noite um terrivel crime. »

Quando D. Pedro entrou na sala, os fidalgos foram-lhe ao encontro para lhe beijarem as mãos, e o felicitarem de haver escapado, por mercê da Divina Providencia « á trama infame e tenebrosa que os traidores contra elle haviam urdido. » O infante, depois de agradecer aos fidalgos a solicitude e vivo interesse que tomavam pela sua causa, atravessou por entre elles e foi sentar-se na cadeira de velludo, collocada sobre um es-

Não havia detel-o em taes occasiões, que não commettesse ou dissesse imprudencias e loucuras: e o proprio D. Rodrigo de Menezes conhecia, que só passada a tormenta podia governar de novo o seu, quasi sempre, docil pupillo.

— As vidas de todos estavam em perigo imminente — dizia sua alteza. — Os assassinos, que o valído trazia sempre ás suas ordens, tinham ousado penetrar no Côrte-Real, e commettido alli, a dois passos d'elle infante de Portugal, um barbaro, um cruento homicidio. Era finalmente chegada a occasião de se empregarem todos os meios, ainda os mais violentos, para destruir um poder tyrannico, que lhes ameaçava até as proprias vidas. Se a condescendencia, o cego e irreflectido apoio d'el-rei mantinham no valimento um ministro indigno, não era isso razão sufficiente para elles se deixarem assassinar; e, sobre tudo, para consentirem nos erros, nos crimes, nas injustiças, que todos os dias punham a patria á beira do abismo. O meu dever — proseguiu elle, dando no braço da cadeira com tal força que o estalou — o meu dever como filho de D. João IV, e o vosso tambem como fidalgos que sois, dos mais principaes d'este reino, é não soffrermos que el-rei seja por mais tempo enganado por um valído; que o deshonra; que dispõe das rendas publicas e vive no fausto, quando eu estou em pobreza e sem gentis-homens, para me servirem; que dá os logares mais eminentes do estado aos parentes e amigos, e deixa sem emprego os homens a quem a patria deve a sua independencia. De mais te-

nho soffrido já affrontas e intrigas. É preciso destruir por uma vez a pandilha que se senhoreou do paço, e governa d'alli o rei e o reino.

Estas palavras, que a colera dictara ao infante, foram como chispa electrica lançada sobre polvora; produziram súbita e violenta explosão. Muitos dos fidalgos pozeram-se de pé por um impulso commum, praguejando e amaldiçoando os valídos, e levando a mão ás espadas e aos punhaes.

— É um infame! — dizia um.

— Um ladrão! — exclamava outro.

— Fez-se escrivão da puridade para governar só o reino.

— E até *excellencia* quer, em vez da *senhoria*, que lhe pertence!

— Toda a fazenda para elle é pouca.

[redacted]

ɜgar de vez. Golpe que eu dou é seguro, como todos ɔem.

— Dá a morte, e cava a sepultura — atalhou D. Luiz Menezes, conde da Ericeira, implacavel inimigo conde da Torre por motivos já conhecidos do lei-

Esta phrase de D. Luiz moveu o riso n'alguns dos algos que cercavam o conde, e teve o poder magico o fazer calar subitamente; porque era allusiva a um ebrado soneto, que gongorico poeta fizera á espada general fanfarrão, depois d'elle ter rasgado um toiro uma só cutilada. O soneto, como curiosa e verdara amostra do estylo poetico d'aquella, em tudo, desçada época, merece ser transcripto aqui, tal qual o z na sua *Nova Floresta* o padre Manuel Bernardes. ; como o poeta panegyrista teceu os louvores da toiida espada:

Foy para o rayo de aço curta esfera
A vida de hum só bruto limitada:
Queixa-se da materia a cutilada:
Mais funda entrára, se mais fundo houvera.

Torna (se podes) a viver, ó fera;
Vae buscar mais pescoços á manada:
Que no resto das iras desta espada,
Nova morte sem nova acção te espera.

Mas já que ao ferro do melhor Mavorte,
Depois de sorver vidas, ainda dura
Vasta e anhelante a sêde de seu corte:

Que empregos achará força tão dura?
Rasgue o boy, e abra a terra: desta sorte
Sahe das sobras da morte a sepultura.

Acceso em ira, o conde da Torre levou do bastão que tinha na mão direita, e teria com ella descarregado um golpe no seu adversario, se outros fidalgos se não interpozessem.

Este incidente passou-se porém com tanta rapidez, e era tal a agitação que havia na assemblea, que de poucos foi notada, e nem o proprio infante deu por elle.

D. Sancho Manuel, conde de Villa Flôr, o illustre general que ganhara contra D. João d'Austria a gloriosa batalha do Canal, e salvara com esta unica victoria a independencia de Portugal, que os exercitos hespanhoes, então senhores de Evora e da maior parte do Alemtejo, estavam talvez a ponto de subjugar, levantou-se por esta occasião e pediu a sua alteza licença para fallar. O voto do conde era tido por todos em tão

mos guerra sem mercê, nem descanso ao Castello-Melhor. O interesse da patria, por quem nós temos feito tantos sacrificios e derramado tanto sangue, tambem exige que entremos em campanha sem mais delongas. O desejo do valído é pôr termo á guerra, e assentar pazes ou fazer ao menos treguas com Hespanha: e é esta a razão porque ainda se não accordou nas bases d'esse tractado de liga que a França nos propõe, e de que as armas portuguezas poderiam tirar tão grande utilidade. Se deixarmos o conde no poder, veremos perdido o fructo das nossas victorias, esquecida a gloria das nossas armas, o nosso exercito desarmado e destruido, as nossas praças desguarnecidas... E quem sabe se ainda um dia os grilhões castelhanos nos tornarão a dilacerar os pulsos! Eu não fallaria de mim agora aqui, se o que vou relatar não fosse facto sabido de todo o Portugal, e uma prova irrefragavel da má vontade que o valído tem a todos os que servimos a patria com a espada ou com o conselho, n'um campo, onde elle, cortezão costumado a viver com as damas nas salas do paço, não ousa mostrar-se. Quando D. João d'Austria entrou pelo Alemtejo com um luzido exercito de vinte e sete mil homens, e tomou Evora, de que era governador esse covarde Manuel de Miranda Henriques, irmão do segundo valído d'el-rei, era eu capitão general da provincia, e tinha ás minhas ordens, em Estremoz, uma columna de vinte e quatro mil homens, pobre de bastimentos e munições, pobrissima de dinheiro. Sahi a campanha como pude; e depois de varios recontros,

em que Deus protegeu sempre as nossas armas, resolvi apresentar batalha ao inimigo, apesar do voto dos cabos do exercito e do proprio conde Schomberg ser opposto á minha resolução. Ganhei a batalha, destrui o exercito hespanhol, puz em fugida D. João d'Austria, e salvei Portugal. Quereis saber o premio que me deram, na côrte, por esta victoria? O conde de Castello-Melhor começou a tecer intrigas contra mim e a malquistar-me com el-rei, persuadindo-o de que a batalha só por milagre de Deus se ganhara, e de que fôra criminoso arrojo meu pelejar contra a opinião de todos, e sem ordem de sua magestade. Tanto fizeram, tanto enredaram esses malvados valídos, que el-rei me mandou ordem de entregar o governo ao conde Schomberg, e de vir sem detença a Lisboa. Reuniu-se conselho de estado para se decidir se era ou não delicto ter eu ganho

Flór ateou de novo as iras dos fidalgos contra o Castello-Melhor. Clamores discordes, acompanhados de gestos descompostos, recomeçaram a estrugir a sala: os insultos e as pragas contra o valído revoavam de boca em boca; e todos á porfia accrescentavam uma affronta mais ás que os seus visinhos lhe urravam aos ouvidos. Mais de um alvitre ousado, mas pouco moral, foi proposto para acabar de uma vez com o conde; mais de um ferro brilhou ao clarão das tochas. Com o proprio rebramar a tempestade engrossava, e o marulho fazia levantar novas ondas sobre as ondas encapelladas que referviam em nutantes cachões.

O prudente D. Rodrigo de Menezes, vendo que era tempo de sofrear os impetos da colera desregrada dos fidalgos, para que alguma imprudencia não destruisse de golpe a trama que elle andava paciente e laboriosamente urdindo em roda do valído, approximou-se do infante, e disse-lhe baixo para que só elle o ouvisse:

— Ordene vossa alteza a estes fidalgos que soceguem; que se calem para que se possa ouvir a opinião dos mais experientes...

— Deixa-os desabafar. É tempo de acabar com estas infamias.

— Não é prudente...

— Tu és prudente de mais. Por causa das prudencias se perdem os ensejos.

— Permitta-me vossa alteza que eu exponha ao conselho a minha opinião ácerca d'este successo. O bispo do Porto tambem quer fallar...

— Tens razão, tens razão, meu Rodrigo — atalhou D. Pedro, cahindo em si. — Com os teus conselhos é que me eu tenho achado sempre. A amizade dos outros é fumo que se desfaz, a tua é fogo que sempre arde.

Então o infante levantou a voz para pedir aos fidalgos que se calassem; porém em vão, porque as suas palavras se perderam no meio do bradar frenetico e confuso dos seus parciaes. Vendo que não podia, por palavras, nem gestos, obter silencio da inquieta assemblea, sua alteza embocou uma trombeta doirada que estava sobre a mesa, e lançou na sala dois sons agudos e estridentes, que fizeram estremecer todos os fidalgos, muitos dos quaes levaram involuntariamente as mãos aos ouvidos.

Aos clamores e ao movimento succederam subitamente o silencio e a quietação. Aproveitando o effeito

— Sua alteza faz-me grande mercê em me querer escutar — disse D. Rodrigo, saudando profundamente o infante. — Em verdade eu não me sinto propenso, como estes illustres fidalgos, para os meios violentos. Para combater um ministro valído é mister ter força; digo mais, é indispensavel estar seguro da victoria. Não vencer, quando se vai contra a vontade de um rei, é ser criminoso de lesa magestade, isto é, condemnado e justiçado. Vencer, é salvar a patria e o rei, isto é, ser poderoso e victoriado. Ora se nós fossemos agora, com as espadas em punho, accommetter no paço o escrivão da puridade, é certo que não seriamos nós os vencedores. Não penetrastes bem as intenções de sua alteza, senhores — proseguiu elle, olhando fixamente para D. Pedro, de modo que lhe fez baixar os olhos e lhe tirou a força de o desmentir — quando suppozestes que vos convidava para uma empreza imprudente, infructuosa e prejudicial ao reino. O senhor infante deseja, pelo muito amor que tem a seu augusto irmão e a Portugal, afastar da côrte o privado: mas sua alteza bem sabe que ainda não dispõe de força bastante; que o povo e muitos fidalgos ainda não estão de tal modo convencidos da justiça da sua causa, que se possa, sem imprudencia manifesta, dar principio á lucta. Aproveitemos o tempo para fortalecermos esta legião de verdadeiros e leaes fidalgos, que se reuniu em roda de sua alteza com o nobre fim de derrubar um tyranno e salvar a patria. Quando a nobreza souber o attentado que o conde de Castello-Melhor commetteu contra o filho

do senhor D. João IV, que Deus tenha em gloria; quando souber que o valído mandou assassinar, no Côrte-Real, um dos moços fidalgos de sua alteza, virá espontaneamente offerecer espada, riqueza e vida ao herdeiro da coroa; tomará o partido do infante offendido contra o ministro, que ousou affrontal-o. A plebe tambem a podemos attrahir a nós persudindo-a, como é de razão, de que é o valído a causa unica dos seus males. Essa gente, ignorante e rude, nem sempre conhece os seus verdadeiros interesses; a nós, que prevemos e conhecemos o futuro e o presente, é que pertence levar pelo bom caminho a vontade do povo. A plebe quer paz, e receia a liga com a França, porque suppõe que d'ella lhe virá a prolongação da guerra: o conde sabe-o, e é esta a razão porque se não quer comprometter pela liga, e consulta — elle sempre audacioso, dominado

provavel, o herdeiro da coroa é o senhor infante; muito conviria pois que sua alteza, quanto antes, acceitasse as propostas de casamento que de França lhe tem mandado fazer o senhor de Turenne. A alta influencia d'este fidalgo segurará melhor o apoio d'el-rei Luiz XIV á justa causa que defendemos. Mademoiselle de Bouillon é um bom partido...

Desde que D. Rodrigo de Menezes começou a fallar de casamento, o infante enfiou. Os olhos incenderam-se-lhe lançando um clarão pallido e sinistro, e o beiço inferior, grosso e algum tanto pesado, como o de todos os Braganças, começara a agitar-se de colera. Comprimindo a custo os affectos que lhe trasbordavam do coração, D. Pedro ergueu-se de salto, e com voz tremula mas pausada, disse:

— Não falles, Rodrigo, não falles do meu casamento a estes fidalgos. Como sabes, ainda não tenho opinião assentada a esse respeito; e é essa até uma das coisas de que el-rei meu irmão injustamente me accusa. Não sei ainda que resolução tomarei; e sem ter a casa de Bragança, sem o consentimento de minha irman, a rainha de Inglaterra, e... sem eu encontrar uma princeza tão virtuosa e digna como mademoiselle d'Aumale, não me posso decidir a casar.

O mordomo-mór, mal viu o gesto irado e o sanhudo semblante de seu amo, percebeu logo quão melindrosa era a sua situação; e receando que aquella colera, cuja causa elle não podia saber ao certo, porque tinha apenas leves desconfianças do amor que sua al-

teza tinha á rainha, lhe viesse transtornar os plan
intrigas politicas, pediu auxilio ao bispo do Porto,
velho e astuto amigo; porque não julgou prud
affrontar cara a cara a ira do principe, que nem s
pre se deixava levar pelos seus conselhos, nem su
gar pela força das suas razões.

Sua alteza apenas acabou de fallar deixou-se c
na cadeira de espaldar, por tal modo pallido e agi
pelo esforço que fizera para comprimir a explosã
colera que o suffocava, tão severo e ameaçador no
regado da fronte e no fitar agudo e penetrante
olhos, que os fidalgos, admirados do que viam, c
ram por alguns minutos, olhando assustados uns
os outros.

O bispo do Porto, D. Luiz de Sousa, aproveito
d'este favoravel ensejo para tranquillisar o anim

ria, verdadeiro e leal a ponto de ser tido na côrte por osseiro e de mau tracto, livre nos gestos e nas palaas, desleixado nos vestidos, orgulhoso e insolente m os grandes, affavel e chão com os humildes, um lalgo, emfim, a quem as considerações não prendiam, quem os enredos não assustavam, ousou contestar as oposições defendidas no seu conceituoso discurso pelo spo do Porto. O marquez de Cascaes mostrava ser mem de cincoenta annos. Alto e magro; rosto comido, coroado por uma fronte espaçosa e cortado por ofundas rugas longitudinaes; olhos de um azul alvanto, que se revolviam com incrivel velocidade á somra de sobrancellas espêssas e grisalhas, labios finos e asi sempre franzidos por um sorriso, que lhe dava á rsionomia certo ar de escarneo e de altivez; carão, im, por tal modo coberto de manchas pardas e irilares, que similhava a pelle da onça.

— Não gosto de irresoluções — começou o mar- de Cascaes. — Vamos ao paço, e dêmos cabo do o. Ahi estão trinta fidalgos, qual d'elles mais va-, todos amigos da patria e de sua alteza. Nada noras, mãos ás espadas e vamos...

· É uma loucura! — exclamaram muitos.

Loucura é isto tudo — respondeu o marquez, — O valído é como todos os ministros, quer go- ; é como todos os homens, gosta de honras e de s. Não o accuseis de crimes que elle não com- que não é isso de fidalgos honrados. Se o Cas- lhor quizesse acceitar pazes com Hespanha, de

um modo deshonroso para nós, teria acceitado as propostas que de Madrid trouxe o cavalheiro Fanshaw, em vez de as rejeitar com tal nobreza e dignidade, que obrigou el-rei Luiz XIV a dizer que só á republica romana, na epocha do seu maior poder, conviria tal modo de negociar. Quando o conde subiu ao ministerio estava o estado ás beiras do precipicio, e foi o conde quem salvou o estado...

— Foi para defender o valído que vossa excellencia cá veio? — perguntou D. Rodrigo de Menezes com indignação.

— Vim para dizer a verdade. O valído tem commettido erros; tem faltado ao respeito devido a sua alteza; mas, de alguns dos crimes de que estes fidalgos o accusam, está innocente, totalmente innocente. Diz o senhor conde de Villa Flor, que foi o Castello-Melhor

para lhe pôr termo antes que désse de si alguma desagradavel consequencia.

— Tenho em muito os conselhos e rectas opiniões do marquez de Cascaes — acudiu sua alteza — mas parece-me que se não tracta agora aqui de avaliar a conducta politica de Castello-Melhor...

— Não parece — murmurou o marquez.

— Não se tracta por agora, repito, de avaliar os actos politicos do valído, mas sim as injustiças, as violencias de que, por culpa d'elle, eu e vós todos temos sido victimas. Do que vos tenho ouvido, senhores, concluo que o melhor é, em vez de darmos immediatamente principio a uma lucta em que poderiamos não levar a melhor, chamarmos pouco a pouco a nós a nobreza e o povo. Para resistirmos á perseguição, que o valído presentemente nos faz, basta-nos vigilancia e coragem. Para o derrubarmos do poder necessitamos força e prudencia.

Quando o infante acabou de fallar, um dos porteiros levantando o reposteiro branco que fechava a porta da sala, annunciou:

— Sua excellencia o senhor marquez de Marialva.

— Que entre — disse D. Pedro.

A figura magestosa e bem talhada do marquez de Marialva appareceu então á entrada da sala. Depois de fazer uma mesura cortezan, o nobre fidalgo atravessou a casa, ajoelhou aos pés de sua alteza, beijou-lhe a mão, e apresentando-lhe uma carta fechada com um fio verde:

— De sua magestade el-rei — disse.

O infante abriu a carta immediatamente, e depois de a ler:

— El-rei, meu irmão — disse — ordena-me, que nomeie gentis-homens para a minha casa. Foram attendidas as minhas razões; e é-me dado emfim ter uma casa de principe. Desejara, senhores, nomear-vos a todos para a minha casa; porém como me não é dado fazel-o, escolherei d'entre vós, não os que mais estimo, porque a todos vos estimo egualmente, mas os que ha mais tempo me servem. Conde da Torre — proseguiu elle — quereis ser gentil-homem da minha casa?

— Grande mercê me fará vossa alteza em me nomear — respondeu o conde da Torre, saudando.

— E vós, conde de S. João?

— Senhor, eu estou ás ordens de vossa alteza.

— Conde de Villar-Maior, desejaes entrar ao meu serviço?

— É uma honra que todos os fidalgos ambicionam.

— Falta só preencher um logar; offereço-vol-o, conde de Aveiras.

— Beijo as mãos de vossa alteza por tão grande favor.

E os quatro condes foram beijar a mão de seu illustre amo.

Meia hora depois o marquez de Marialva sahia do Côrte-Real com uma carta, em que sua alteza agradecia a seu augusto irmão a mercê que lhe fizera em lhe conceder gentis-homens para a sua casa, e lhe partici-

pava quaes eram os fidalgos que escolhera para esses logares.

— É este o meu primeiro passo, senhores, no caminho que me indicastes, como o melhor para salvar o estado dos perigos que o ameaçam — disse o infante logo que o enviado d'el-rei sahiu da sala. — Terei de ora ávante junto de mim cinco dos mais prudentes, dos melhores fidalgos de Portugal; e em breve, se Deus me ajudar, virá juntar-se a elles toda a nobreza, todo o povo, à nação inteira.

CAPITULO XXV.

A ESTALAGEM DO ALEMTEJO.

A estalagem do Alemtejo ficava, como os leitores

a chaminé. Em roda de uma das mesas muitos
s, cujos pellotes de panno da serra ou gibões de
ra tela e chapeos de regateira mostravam per-
:m á plebe, passavam de mão em mão copos de
ɔ a trasbordar de vinho, que tiravam d'um enor-
ıgirão de barro de Estremoz, collocado no cen-
mesa entre dois candieiros, como se fôra o idolo,
ıra do qual se faziam aquellas copiosas libações.
o na cabeceira, e presidindo á tumultuosa as-
a, estava um velho de mais de cincoenta annos,
obusto, espadaùdo como um Hercules; de testa
: sulcada de rugas, calva, espaçosa e vermelha,
'asgados e brilhantes. Á direita d'este velho fi-
m clerigo, cuja physionomia extraordinariamente
em que predominava um nariz enorme e cur-
omo um bico de papagaio, era a viva represen-
la astucia e da maldade. Á esquerda, o gordo e
ndo frei Antonio da Redempção ria escancara-
te a cada copo que lhe chegava ás mãos, e que
um trago enxugava.

ɔorta que dizia para as casas interiores, o baixo
ado estalajadeiro repimpava-se no seu telonio,
sobre uma arca de pau santo crivada de prega-
ırella.

Feche-nos aquella porta e não deixe entrar mais
m, mestre, que queremos fallar á vontade —
ɔo estalajadeiro o clerigo que estava sentado na
ira da mesa.

— São nove horas dadas; e agora já cá não vem nenhum hospede — respondeu o estalajadeiro.

— Sempre é bom trancar a porta da rua.

— Agora não são horas de maré, as faluas da outra-banda chegaram todas e não trouxeram passageiros — disse o estalajadeiro. — A ultima pessoa por quem esperavamos chegou agora.

— E não cheguei cedo, pelo que vejo — atalhou Diogo Cutilada que ainda estava de pé, buscando um banco para se sentar. — Já estão reunidos todos os amigos...

— E podemos dar principio á ceia, que fome não falta — atalhou frei Antonio da Redempção.

— Pois vamos a isto — bradou o velho calvo, que occupava o logar principal entre os dois respeitaveis

chegado hesitou um instante: depois, com passos vagarosos, mas firmes, entrou na casa.

— Salve-os Deus — disse com uma voz sonora e vibrante, levando a mão ao chapeo sem comtudo descobrir o rosto. E approximando-se do estalajadeiro, que se preparava para o despedir, perguntou: — Não é aqui a estalagem do Alemtejo?

— É, sim senhor; é esta mesma — respondeu mestre Pedro com visivel embaraço. — Mas a esta hora...

— E na estalagem ha só esta sala?

— Não... não: ha outra.

— Responda: vamos, eu sei que ha outra sala.

— Outra sala ha tambem — acudiu o estalajadeiro cada vez mais enleado e olhando em roda de si — mas está tomada como esta por hospedes.

— Conduze-me a essa outra casa — disse imperiosamente o desconhecido.

— Não posso... tenho ordem...

— Essa ordem não se entende comigo.

— Mas não é por esta porta que se entra. Ha outra entrada pelo largo da Sé.

— Ha de haver caminho por dentro de casa.

— Já disse a vossa mercê que tenho ordem...

— Nada de demoras. — E baixando a voz, o mysterioso hospede disse algumas palavras ao ouvido do mestre Pedro, o qual, logo curvando-se respeitoso até o chão, ficou esperando submisso as ordens do que parecia ter sobre elle completo dominio.

— Pega de uma luz, e ensina-me o caminho — ordenou elle.

O estalajadeiro, tirando uma das candeias de ferro que estavam pregadas na parede, obedeceu immediatamente, e sahiu da sala, seguido pelo desconhecido.

Apenas mestre Pedro e o seu imperioso companheiro transpozeram a porta, levantou-se na sala o murmurio de muitas vozes, que perguntavam umas ás outras, formavam conjecturas, exprimiam receios, ou zombavam indifferentes.

— Isto é algum espia do valído! — dizia um.

— Algum dos da *patrulha alta!* — bradava outro.

— Nada, nada. É um militar que chega do Alemtejo.

— A esta hora, e de plumas negras no chapeo! Militar não é de certo.

— Não é, não póde ser espião — respondeu o padre José. — Socegue, senhor Antonio de Belem: é algum provinciano...

— Será bom sempre indagarmos... Eu cá sou o juiz do povo, e não quero que se diga...

— O que não quer vossa mercê que se diga? — perguntou o clerigo, pregando no juiz do povo olhos vivos e luzentes.

— Nada... Dizia eu que era bom saber quem este homem é — respondeu Antonio de Belem com visivel perturbação.

— Estamos a tempo de o saber — disse frei Antonio da Redempção. — Ahi vem o estalajadeiro.

De feito, n'este instante mestre Pedro, já mais socegado, mas ainda um tanto enfiado, appareceu á porta com o candieiro na mão.

— Quem era esse homem? — perguntou o juiz do povo.

— Não sei — respondeu o estalajadeiro — não sei quem é. Um hospede.

— Tão escondido, que nem o nariz nos quiz deixar ver.

— Lá teria suas razões.

— E se fosse um espia...

— Espia não é de certo; fique socegado.

— E que sala é essa que você tem lá para dentro, mestre Pedro; e de que eu, freguez antigo da casa, nunca lhe ouvi fallar? — perguntou frei Antonio.

— É uma casa que eu arrendei ha pouco, aqui pe-

gada com a minha, para dar mais largueza á estalagem.

— Então isto vai de vento em pôpa — acudiu frei Antonio, piscando um olho — os hospedes já lhe não cabiam em casa.

— Não cabiam...

— É singular! Venho aqui tanta vez, e ha tantos annos, e nunca vi metterem-lhe azafama os hospedes.

Mestre Pedro estava sobre espinhos. Fazia-se ora amarello, ora vermelho; coçava o nariz e a barba; esfregava os olhos, e abria a boca como um peixe fóra de agua. Os olhos de Antonio de Belem e do padre José da Fonseca seguiam, com visivel anciedade, as rapidas mudanças por que passava a cara do estalajadeiro, como se receassem que este deixasse perceber pela sua agitação o segredo da mysteriosa sala. O padre, por

povo, que parecia quasi tão afflicto como mestre Pedro, ameaçou a integridade das costellas do capellão do infante; que tal era o officio que na casa de sua alteza exercia o padre José. Mas fazendo-se desentendido, apesar da dor, e sobretudo do abalo que o agitara como uma enorme descarga electrica, o cego e insensivel perguntador proseguiu:

— Nós todos somos de segredo. Ninguem vai denuncial-o á justiça, mestre Pedro.

— Senhor padre José, eu não tenho... não ha motivo para me denunciarem a minha casa.

— Aqui o nosso amigo Antonio de Belem é o juiz do povo; mas eu fico por elle...

— O maldito do padre está sandeu chapado! — murmurou comsigo o juiz do povo. Depois alto: — Deixe lá o homem ganhar a vida como puder, padre José; não lhe faça mais perguntas.

— Eu por mim não lh'as fazia; mas algum dos amigos, que presentes estão, póde ser que seja mais escrupuloso. Emfim, sempre é melhor que se saiba a verdade. Nós promettemos todos guardar o segredo de mestre Pedro. Promettem, senhores meus? — perguntou elle voltando-se para a assemblea.

— Promettemos, promettemos — responderam todos á uma.

— Então, bem. Agora, já o mestre Pedro se póde fiar em nós. Diga-nos a verdade...

— Mas a verdade já a disse.

— Diga, confesse que tem alli...

— Tenho alli...

— Uma casa de jogo.

— É verdade — disse o estalajadeiro, respirando ruidosamente, como se lhe houvessem tirado de cima do peito um pêso de mil arrobas.

— E que esse cavalheiro...

— Sim! o que é? — rosnou mestre Pedro enfiando outra vez um pouco.

— É algum fidalgo moço, que vem arruinar-se á maldita espelunca, que você para ahi tem.

— É verdade! — bradou o dono da casa, com manifestos signaes de alegria; e fazendo ao padre um signal de intelligencia.

A nova, de que havia alli pegada uma casa de jogo, tinha feito impressão nos alegres hospedes da estalagem do Alemtejo. Via-se nos olhos de muitos trans-

amente atacada pelos dezoito ou vinte con-
juiz do povo. O appetite fez esquecer n'um
ogo e a curiosidade.
viu os seus joviaes companheiros deixarem
ervallos entre copo e copo de vinho, e di-
:onsideravelmente o movimento das maxil-
rincipio haviam trabalhado com portentosa
Antonio de Belem impoz, com um gesto,
todos se calaram instantaneamente:
mpo de fallarmos em coisas sérias — disse
enhor padre José da Fonseca disse-me, ha
lesejava praticar, em objectos que interes-
ro todo, com alguns dos membros da casa
: Quatro e dos officios, que fossem de me-
ho, e em quem eu tivesse mais confiança.
r a verdade, tenho todos em muita conta,
gente como nós não ha que desconfiar; e
:olhi aquelles que são amigos meus ha mui-
com quem me tenho achado sempre nas oc-
perigo, e que sei tem mais poder no animo
o povo de Lisboa.
iso não é tão serio, por ora, como vossa
er fazer, Antonio de Belem — atalhou o pa-
- Isto não é uma conjuração...
o sei — disse o juiz do povo. — Louvado
npo dos conjurados já lá vai. Agora a gen-
não lhe agrada uma coisa, quando vê que
m os negocios politicos pelo bom caminho,
e diz a el-rei claramente o que entende, e

o que quer. E se as portas do paço se não abrem logo, espera-se que el-rei sáia, agarra-se-lhe no freio do cavallo, e alli mesmo na rua, diante de todos, falla-se-lhe a verdade inteira. Eu, que aqui estou vivo e são, já por duas vezes fiz parar sua magestade, que Deus guarde, no meio da rua, para lhe dizer o sentir do povo a respeito das coisas da guerra.

— E é assim que deve fazer sempre, senhor Antonio de Belem. Um juiz do povo é para dizer verdades ao rei, e defender os interesses da nação. Nunca a lingua lhe dôa, meu rico Antonio de Belem! Mas, como eu ia dizendo, o caso por ora não é tão serio — proseguiu o capellão do infante — póde vir a sêl-o, mas ainda o não é. O que eu queria só era conhecer e tractar em amizade estes bons e honrados membros da respeitavel casa dos Vinte e Quatro, e dos officios da

— O senhor Francisco d'Albuquerque? — perguntou o frade.

— Esse mesmo — respondeu o padre José. — Os assassinos entraram lá, para assassinarem sua alteza; e, receando que elle gritasse, quando lhe passaram pelo quarto, mataram-no...

— Mas o senhor Francisco d'Albuquerque não estava em estado de gritar. Desde o dia em que fôra ferido, alli para a banda das portas da Ribeira, nunca mais pôde fallar.

— O que é certo — atalhou o padre — é que os *valentes* d'el-rei, mandados pelo Castello-Melhor, entraram no Côrte-Real e tiraram a vida a um dos fidalgos do senhor infante. Este maldicto valído ha de perder o reino e entregar-nos nas mãos dos hespanhoes, depois de ter tirado ao povo até o ultimo real. A liga com França, que seria uma felicidade para o reino...

A estas palavras levantou-se dos respeitaveis membros da casa dos Vinte e Quatro, que compunham a assemblea, um murmurio de desapprovação e desgosto. O povo não sympathisava com a liga proposta pela França; porque sabia ser a sua principal consequencia a prolongação da guerra, que havia vinte e seis annos Portugal sustentava com o oiro e com o sangue contra a Hespanha. O capellão do infante percebeu logo que seguia errado caminho, e que, em vez de servir seu amo, serviria o valído se o accusasse de não acceitar as propostas de Luiz XIV. Querendo aproveitar ainda a má disposição d'aquelles homens rudes, mas sinceros

para o seu fim, que era engrossar o partido que combatia o Castello-Melhor, o astucioso clerigo proseguiu:

— A liga com França, que seria uma felicidade para o reino não chegasse nunca a concluir-se, já está em andamento, e breve será assignada.

— Dizem por ahi que o conde está inclinado a fazer pazes com Castella — disse um dos da casa dos Vinte e Quatro — e que é a rainha, e o conselho de estado...

— Elle consulta o conselho de estado, é verdade — atalhou o padre. — O conde é astucioso, e não quer comprometter-se. Mas a verdade é que a paz não está já feita, por culpa d'elle. Se elle acceitasse as propostas que trouxe o inglez...

— O senhor Fanchó? — O juiz do povo queria dizer Fanshaw — Isso não eram propostas que se accei-

— É verdade, é verdade! — barafustou com furia Diogo Cutilada — Dos crimes ahi temos a prova na crueza com que mataram o meu capitão; que nem o corpo lhe deixaram para ser enterrado em chão bento, os malvados!

— Esses escandalos e peccados não só em si são maus; devemos tel-os como prognosticos de longo purgatorio, em meio do mundo presente e d'esse outro mundo de gloria, que as prophecias e avisos do ceo nos estão cada dia promettendo. Acabemos com os peccados, para diminuir os castigos de Deus.

— Falla-se ainda em prodigios do ceo? — disse Diogo Cutilada — Ouvi dizer, que lá para Melgaço apparecera um feio signal...

— Sim, appareceu. Era uma espada de fogo verde, que sahia de entre duas nuvens pequenas, uma branca e outra vermelha. A espada correu para a parte de Valença do Minho, e foi sobre Galliza desfazer-se em raios e coriscos. Este anno de sessenta e seis ha de ser ainda anno de grandes maravilhas. O cometa que appareceu ha dois annos, ainda não produziu todos os seus effeitos, apesar do que o padre Antonio Vieira disse que tinha achado no livro de um antigo philosopho chamado Ptolomeu.

— E o que dizia o philosopho? — perguntou em tom doutoral, e tossindo magestosamente frei Antonio da Redempção.

— Dizia o seguinte: *cum æde ostenta orientalis sunt, et solem antecedunt, et in oriente apparent, cele-*

ritatem eventus secuturi significant. O que, posto em linguagem, quer dizer...

— Que o ser o cometa oriental — atalhou o frade — caminhar adiante do sol, e apparecer no oriente, é signal de que não hão de tardar muito os seus effeitos.

— Boa traducção é essa, e que lhe faz honra, frei Antonio.

Este rasgo de erudição dos dois clerigos foi recebido com pasmo pelos circumstantes. O capellão do infante, que não perdia um só dos gestos expressivos dos seus ouvintes, notou os signaes de admiração — bocas abertas, olhos esbugalhados, e dedos ora estreitamente engranzados para apertar as mãos umas ás outras, ora tacteando vagamente os objectos que estavam espalhados pela mesa — com que lhe escutavam, sem o entenderem, um mal apreciado texto latino, que elle ba-

— Sim, sim. Bem me lembra — atalhou o Cutilada —

A linhagem dos fidalgos
Por dinheiro é trocada,
Vejo tanta mixturada,
Sem haver chefe que mande;
Como quereis que a cura ande,
Se a ferida está damnada.

— Apesar da ferida estar damnada, já começam a apparecer signaes de cura. Não sabeis ainda da visão de Bartholomeu Pincho, o lavrador do Algarve?

— Não. Não sabemos — responderam todos.

— Pois eu vol-a conto.

Os convivas largaram os copos, puxaram os bancos para mais perto da mesa, encostaram-se á mão, e escutaram.

— Bartholomeu Pincho é, como vos disse, um pobre lavrador do Algarve; temente a Deus, e simples como um rustico. Mas Nosso Senhor não escolhe para os seus milagres os mais sabedores e ricos de espirito, senão os mais innocentes e que maior fé tem na sua misericordia.

— Seja Deus louvado! — murmurou frei Antonio, levantando os olhos ao ceo.

— Este tal lavrador andava, ha já vinte oito annos, dois annos antes da feliz acclamação do senhor D. João IV...

— Que Deus tenha em gloria — disse o juiz do povo.

— Que Deus tenha em gloria — repetiu o padre.

— Como ia dizendo, o bom do homem andava lavrando uma fazendita que tinha arrendado a um convento, quando veio pousar diante d'elle, no chão, quasi debaixo dos pés dos bois, uma ave branca, branca como neve...

— E elle o que fez?

— Apanhou-a?

— Não, não a apanhou. Ficou maravilhado do que via, porque ave tão linda nunca por aquelles campos tinha apparecido. Os bois pararam tambem; e a ave, fallando com voz suavissima, disse...

— Pois o passaro fallou? Que me diz, senhor padre José?—perguntou um dos ouvintes menos credulo.

— Fallou. Aquillo sempre foi um grande prodigio! Fallou e disse: « Portugal, Portugal! has de ter rei portuguez e natural. »

— E o irmão o que lhe disse?

— Conta-se que o irmão, como homem de bom juizo que era, lhe aconselhou que pedisse a Deus um signal de que não era o diabo que lhe havia fallado.

— E veio o signal, heim! — disse frei Antonio da Redempção.

— Claro está que veio. O signal foi uma cruz de cera com lettras mysteriosas, que o bemaventurado lavrador achou á noite debaixo do travesseiro.

— Bem se vê que a tal ave não era o diabo.

— Uma cruz nunca foi signal de coisas más — acudiu sentenciosamente o juiz do povo.

— E a prophecia cumpriu-se, como todos vimos.

— É essa a visão de Bartholameu Pincho, de que vossa mercê nos queria fallar? — perguntou o incredulo, que no começo interrompera a narração do padre José da Fonseca — Uma coisa que já lá vai ha tanto anno!

— Verdade é que o primeiro milagre... milagre se póde chamar tão estranho prodigio, ha muito anno que succedeu — atalhou o capellão de sua alteza, a quem as observações do incredulo não faziam perder o sangue frio. — Mas a ultima...

— Pois esse bemaventurado lavrador foi segunda vez visitado pela ave prophetica? — perguntou Antonio de Belem.

— Haverá um mez, se tanto, que Bartholameu Pincho, andando a lavrar, viu outra vez a ave branca pousada no cimo de uma larangeira.

menso de um rei, coberto com u
nido e luzente, que despedia fai
que os olhos mal a podiam supp
encoberta ilha ha de vir o novo
escondido por denso e serrado n
mysteriosa voz. — Do cabo de S
desembarcar, a Lisboa, o seu tra
indelevel rasto de sangue, e de
das as ruas da futura capital do
Africa serão conquistadas pela
em Jerusalem lhe será confiad
christão. »

— É mais uma prophecia qu
gada d'el-rei D. Sebastião — exc
— Não tarda o dia em que:

Começará a ventura
Do Imperio mais lu
Deste Infante esclar
Que promette a esc

— Por causa d'esse livro do *Quinto Imperio* foi o padre Vieira chamado em Coimbra ao tribunal do santo-officio — disse o juiz do povo. — E, dizem, será condemnado a rigorosas penas por não querer desistir, nem retractar nenhuma das proposições que escreveu.

— Eu li o livro por uma copia que me mandou um amigo meu de Coimbra — accrescentou frei Antonio da Redempção — e posso affirmar, agora aqui que ninguem nos ouve, que o livro é bom de lei. Todo fundado em prophecias de santos e nas trovas do Bandarra...

— Então, se vossa reverendissima tem o livro, ha de estar lembrado do modo por que aquelle grande prégador interpreta as prophecias — disse o padre José da Fonseca. — Não é el-rei D. Sebastião que ha de voltar d'Africa para ser imperador. Ao senhor D. João IV é que pertence a coroa, como o prova o padre Vieira.

— Mas o senhor D. João IV já morreu! — atalhou o incredulo, rindo á socapa.

— Deus fará o milagre de o resuscitar. É o que se conclue das proprias palavras do Bandarra.

— Grande milagre será esse.

— Maiores os tem feito Deus. E a promessa de Christo, quando appareceu a D. Affonso Henriques, nenhuma duvida nos deixa de que o mundo está para ver um grande prodigio. D. João IV resuscitará um dia para dar principio ao imperio temporal de Christo.

— Amen! — accrescentou frei Antonio.

— Tenhamos fé nas promessas divinas; mas não consintamos que por mais tempo o crime e o peccado

se assentem ao pé do throno! — exclamou o padre — O valído causará a perdição do reino; e fará talvez com que Deus, em vez de nos fazer o primeiro, nos condemne a ser o ultimo povo da terra.

— Jesus, Maria! Que mau agoiro esse! — bradou Antonio de Belem.

— Quem nos ha de livrar de tão grande perigo? — perguntou o estalajadeiro.

— Nossa Senhora da Guia nos encaminhe bem — disse um.

— Quem nos poderá valer! — bradou outro.

— Soceguem — atalhou o padre José, que vira com alegria o vago e supersticioso terror causado pelas suas hypocritas palavras. — Não percam ainda a esperança. Deu-nos Deus um principe virtuoso, illustre nas sciencias, zeloso da religião e do bem da patria, de agudo engenho e prudente juizo, um principe emfim perfeito para nos livrar dos castigos que nós, por nossos peccados, mereciamos. O senhor infante é o anjo tutelar de Portugal...

— Viva o senhor infante! — bradou o juiz do povo.

— Viva! — responderam todos pondo-se de pé.

Então troou pela sala o estampido de muitas vozes que bradavam, a qual mais forte, vivas e louvores ao infante D. Pedro. D'este frenetico enthusiasmo foram em parte causa os astuciosos discursos do padre José; mas, é força confessal-o, ao vinho do mestre Pedro se podia attribuir o que n'elle havia de mais exaltado.

O cangirão monstruoso que o estalajadeiro por tres

vezes enchera de espumoso vinho do Lavradio durante a ceia, foi n'um instante despejado pelos sedentos amigos do juiz do povo: e o espherico mestre Pedro recebeu quarta vez ordem de ir á adega buscar um almude de fervor patriotico para a assemblea.

— Não é tempo ainda de travarmos lucta com os inimigos do reino — disse alevantando a voz o capellão de sua alteza. — El-rei, mal aconselhado, cercado de cortezãos desleaes, não quer afastar de si esses valídos, que lhe estão deshonrando a coroa e deslustrando a gloria do seu reinado. Esperemos. Quando fôr tempo, Antonio de Belem, nosso honrado juiz do povo, em quem todos temos confiança, que todos apreciamos e nos honramos em ter por amigo, e que sua alteza o senhor infante honra com a sua confiança, vos dirá o que deveis fazer. Vamos a beber á saude do honrado defensor do povo. Viva Antonio de Belem!

Com o braço esquerdo o padre abraçava o juiz do povo, com o direito levantava o copo acima da cabeça, bradando: — Viva Antonio de Belem!

E todos, em altas vozes, respondiam: — Viva Antonio de Belem! Viva o honrado juiz do povo!

N'este momento o estalajadeiro entrou na sala carregado com um immenso cangirão a trasbordar de vinho, o que fez recrescer a alegria, os brados, as gargalhadas e o enthusiasmo dos dignos representantes dos officios da cidade.

Logo que poz no centro da mesa o cangirão, não sem difficuldade, porque todos o queriam ajudar e pou-

cos conservavam ainda nos movimentos a diligencia e firmeza necessarias para tão difficil empreza, mestre Pedro chegou-se ao juiz do povo, e batendo-lhe no hombro, disse-lhe ao ouvido:

— Esperam-no lá dentro.

— Já? — perguntou Antonio de Belem.

— Já, sim. Vá de pressa, não os faça esperar — disse o padre José da Fonseca, que ouvira as palavras do estalajadeiro.

— Vou, vou sem demora — murmurou Antonio de Belem, lançando olhos saudosos ao cangirão.

E passando desapercebido por detraz dos seus convidados, que aparavam nos copos o vinho que corria a jorros da vasilha monstruosa, o juiz do povo sahiu da sala precedido de mestre Pedro.

CAPITULO XXVI.

SUA PATERNIDADE.

A casa que do becco dos Seguros fazia esquina para o largo da Sé, era uma d'essas casas estreitas e elevadas como torres, com janellas do feitio de gaiolas, fechadas por apertadas gelosias, paredes derrocadas e gibosas, frontaria terminada em angulo agudo, formado pela união dos dois planos do telhado, de que ainda se encontram alguns exemplares nos antigos bairros de Lisboa. Esta casa, logo acima da estreita porta que lhe servia de entrada, alargava consideravelmente, porque, apoiada em grossas traves dispostas á maneira dos modilhões em cornija corinthia, a parede sahia tres ou quatro palmos fóra da linha dos alicerces, roubando assim ao triste becco dos Seguros a maior parte dos poucos raios de sol, que a sua situação e extrema estreiteza lhe consentiam que podesse gosar.

Na noite em que tinham logar os acontecimentos, cuja narrativa fez objecto do precedente capitulo, esta casa estava triste, obscura e silenciosa como todas as outras casas do largo da Sé; e apenas um tenue clarão, sahindo a custo pelas adufas mal cerradas das janellas do primeiro andar, indicava que alli alguem velava ainda, apesar de no relogio da cathedral terem dado, havia muito, nove horas. Á boca da noite a porta abrira-se nove vezes, e de cada vez um homem totalmente escondido nas pregas de ampla capa desapparecera na obscuridade da estreita escada, depois de haver fechado a porta cautelosamente.

Mestre Pedro, o dono da estalagem do Alemtejo, alugara havia mezes aquella velha casa para n'ella estabelecer sala de jogo: e todas as noites vinte ou trinta fidalgos, trazendo comsigo para victimas dois ou tres mercadores ricos da rua Nova, tomavam posse da sala do primeiro andar, e permaneciam alli, em roda de

sso consentimento de quem por toda a noite to-
posse da casa. Por isso, quando algum fidalgo
ntrava pela cidade um mercador rico atacado da
rel mania do jogo, e resolvia, ajudado pelos seus
os, dar-lhe cabo da fortuna, mandava pela manhan
r a sala a mestre Pedro; e assim ficava certo, se
aviso não havia precedido o seu, de encontrar á
uma mesa espaçosa, tres candieiros luzentes como
e accesos por tres bicos, dois baralhos de cartas,
collecção de dados, e a mais completa solidão.
la manhan do dia em que o juiz do povo de Lisboa
idara a cear, a pedido do capellão do infante, al-
dos seus collegas da casa dos Vinte e Quatro, um
com a libré da casa de Marialva viera, da parte
. Rodrigo de Menezes, alugar a sala de jogo. O
do velho fidalgo algum espanto havia causado ao
ijadeiro; como, porém, o lacaio trazia boa porção
uzados e lhe recommendava o mais inviolavel se-
, e, além d'isto, elle sabia que D. Rodrigo era o

tenta annos, coxa, quasi cega e com a lingua tolhida por uma paralysia, mas cujo ouvido conservava ainda bastante sensibilidade para perceber as ligeiras pancadas na porta, onde os jogadores annunciavam a sua chegada. O estalajadeiro confiara a sua mãe tão importante logar, porque sabia quão preciosos eram estes dotes, raros na mulher, indispensaveis n'um porteiro de casa onde se joga ou se conspira, com que a velhice e a doença a haviam mimoseado.

Como dissemos, á boca da noite, nove vezes a velha abriu a porta, e de cada vez um homem de capa entrou cautelosamente na casa de mestre Pedro. De uma das vezes, porém, quando a porta estava ainda meio aberta depois da entrada de D. Rodrigo de Menezes, um vulto informe, ligeiro e veloz como uma sombra, sahiu do becco dos Seguros e desappareceu na obscu-

mão uma carta, e de pela mesa estarem espalhadas algumas moedas de oiro, claramente se via que o *lansquenet*, jogo de parar então muito em voga não obstante a sua origem plebêa, os não interessava; de modo que mais pareciam buscar no jogo uma maneira de matar tempo, do que uma distracção para o espirito, ou um incitamento para as paixões.

Quando deram nove horas no relogio da Sé, D. Rodrigo levantou-se da mesa, e dando alguns passos pela casa:

— Já me vai tardando sua paternidade! — disse — Vem de longe, e talvez algum impedimento, alguma causa inesperada o haja detido no caminho.

— Mas quem é? D'onde vem sua paternidade, como vossa senhoria lhe chama? — perguntou o conde de Villa-Flor.

— Quem é? — repetiram mais dois ou tres fidalgos.

— Vêl-o-hão, se elle vier. É, como já tive a honra de lhes dizer, um bom conselheiro, um bom politico, um amigo sincero de sua alteza.

— E o outro auxiliar, que nos prometteu, senhor D. Rodrigo, tambem faltará? — ajuntou o conde da Ericeira.

— Não; esse não falta de certo. D'aqui o estamos nós ouvindo fallar com os seus amigos.

— Esse, tambem se não póde saber quem é?

— Póde. É o juiz do povo.

— É pelo senhor infante, o juiz do povo! — exclamaram com admiração os fidalgos.

— Ainda se não decidiu de todo: mas não tardará. Está em muito boas mãos.

— Como!

— Agora mesmo está elle a cear alli, na sala da estalagem, com o padre José da Fonseca á direita, e um tal frei Antonio da Redempção, grande inimigo tambem do Castello-Melhor, á esquerda.

— E tres homens só fazem tão grande bulha? — observou o conde da Torre.

— Não são tres, são dezoito ou vinte.

— Que casta de gente?...

— Da casa dos Vinte e Quatro, dos officios. Homens de importancia todos, como vê — disse, rindo, o estribeiro-mór do infante.

— E nós havemos de fallar com o juiz do povo, com essa gente dos officios? — perguntou, endireitando

o roliço mestre Pedro, e atraz d'elle a elevada e magestosa figura do desconhecido, que tanta curiosidade fizera aos amigos do juiz do povo quando, poucos minutos antes, havia atravessado a sala grande da estalagem.

— Que quer aqui, mestre Pedro? — perguntou ao estalajadeiro, que parecia esperar que o interrogassem, o estribeiro-mór do infante.

— Está aqui um fidalgo, que procura a vossa senhoria, e que me disse... que lhe podia abrir todas as portas — respondeu com hesitação mestre Pedro.

— E quem é esse fidalgo? — perguntaram algumas vozes.

Aquelle, ácerca de quem se fazia esta inquirição a mestre Pedro, tendo lançado os olhos em roda de si, e, provavelmente, reconhecido que alli se achavam reunidas as pessoas que procurava, entrou lentamente na sala; e levando a mão ao chapeo sem comtudo se descobrir inteiramente, disse, com a mesma voz sonora e cheia com que tinha saudado os commensaes de Antonio de Belem:

— *Pax Christi.*

— Vossa paternidade! — exclamou, correndo para elle com os braços abertos, D. Rodrigo de Menezes.

— O padre... — murmuraram alguns fidalgos.

Impondo silencio com um gesto, o Menezes ordenou ao estalajadeiro que se retirasse; ao que este immediatamente obedeceu, fechando cuidadosamente a porta.

Foi então que o recem-chegado tirou o chapeo e a capa, saudando de novo com um gesto os fidalgos, que, para o receber, se haviam posto de pé. Sua paternidade mostrava ter não menos de sessenta annos, a sua estatura era muito acima do mediano. O rosto comprido, mas proporcionado, causava respeito e admiração a quantos o viam, porque, ao mesmo tempo que magestoso, era esclarecido pela luz intima e resplandecente do talento e do saber. Na larga testa, sulcada de rugas, no sobre-olho ainda negro e espêsso, sobre tudo nos olhos vivos e scintillantes tinha elle tal poder, tal grandeza, tal força, que poucos ousariam resistir a uma ordem sua, poucos se atreveriam a não lhe seguir os conselhos. Esta nobre e grandiosa physionomia, era, por assim dizer, allumiada por um resplendor de cans alvissimas, que, sahindo de um pequeno barrete de seda negro, lhe cingiam a vasta cabeça. O sorriso,

vel-o aqui para fallar-lhe e apresental-o a estes amigos....

— Que já o são meus, ha muito — atalhou sua paternidade, saudando os fidalgos; e sentando-se. — Ah! Estou cansado da jornada, que não foi pequena. Estou velho; e a minha fraqueza não póde com os trabalhos de uma jornada difficil e perigosa, depois do que tenho padecido com os rigores d'aquelle carcere de Coimbra. Demorei-me algumas horas mais do que tinha determinado; mas não foi culpa minha, foi vontade de Deus, que sempre faz as coisas pelo melhor!

— Então que lhe aconteceu?

— Como vossa senhoria sabe, como sabem estes senhores todos, ha mais de um anno que estou em custodia no santo-officio, por haver escripto proposições, que eu, se a misericordia divina de todo me não abandonou, julgo puras e verdadeiras. E, se não foram secretas instrucções de quem póde mais do que o sagrado tribunal, ser-me-ia impossivel mesmo o ter vindo agora aos pés de vossa senhoria, como eu desejava tanto e ha tanto tempo, pelo julgar assim necessario ao serviço de Deus. Sahi como pude, occultamente, para que o não saibam valídos e ministros, do meu carcere de Coimbra. Larguei a minha roupeta de panno grosseiro, mais pardo que preto, o meu trabalho contínuo, o meu rosario, os meus livros da Madre Santa Thereza, aquella solidão onde tudo fazia com Deus, por Deus, e para Deus; e parti de Coimbra. Mas uma triste nova me deteve algumas horas na estrada...

— Que nova foi? Que disseram a vossa paternidade? — perguntou D. Rodrigo.

— Soube, que ia caminho de Coimbra, para me matar, se eu sahisse da inquisição, um dos *valentes* d'elrei, um fulano Caminha...

— Como o soube? como lhe escapou? — acudiram alguns fidalgos.

— *Super inimicos meos prudentem me fecisti, Domine!* — exclamou sua paternidade, levantando as mãos ao ceo — Tive aviso do padre Nuno da Cunha. Deixei-os passar; e depois prosegui na minha jornada para Lisboa. Não que a mim se me désse, a minha Senhora do Rozario bem o sabe! morrer alli ás mãos d'aquelle peccador: que em toda a parte ha terra para o corpo, e Deus para a alma: senão porque desejo reviver com a resurreição geral do genero humano, que tenho por certo ha de ser muito cedo.

- *Amen!* — responderam muitas vozes.

- Ver-se-ha então — proseguiu sua paternidade tando a voz, como se estivesse prégando — o mundo, dissipadas as trevas da heresia, entrar na comão dos fieis. Como ao cego da cidade de Bethsaihristo porá a mão nos olhos dos que vivem na eão, e elles começarão a ver: *Iterum imposuit maiper oculos ejus, et cœpit videre.* Cumprir-se-hão ophecias. O novo imperio levantar-se-ha podee grande sobre as ruinas dos imperios antigos. mperador e um papa governarão o mundo; conlo pelas missões dos filhos do glorioso Patriarcha iacio, que são o braço direito da egreja: *Vos estis,* Clemente VIII, *brachium dextrum Ecclesiæ Dei.*

- Ainda vem longe esse dia de gloria para Portule triumpho para a religião! — disse o bispo do

- *Qui perseveravit usque in finem, hic salvus est*

S. Pedro Gonçalves a quem a elle se encommenda e se fia nos seus poderes.

Esta allusão ao infante, de que sua paternidade se servira com o fim de fixar a attenção dos fidalgos sobre o assumpto para que se haviam reunido áquellas horas na sala de jogo de mestre Pedro, produziu o effeito que o jesuita desejava.

— Muito devemos nós esperar de S. Pedro Gonçalves, como diz vossa paternidade — acudiu o conde de Villa-Flor — porque é santo capaz de grandes milagres. Mas tão longe o trazem da côrte do ceo... Fallemos claro; sua alteza está tão afastado de seu irmão, tem-no indisposto os valídos por tal modo com sua magestade, que difficil lhe será pôr termo a esta situação indecorosa para todos nós, perigosa para a santa fé, em que actualmente se acha Portugal.

ceira. — Mas quizera ver já os primeiros indicios da felicidade futura apparecerem no horisonte; e por ora tudo são trevas.

— As obras da justiça divina assentam sobre merecimento, e ainda as da Providencia esperam cooperação — respondeu o jesuita. — Mas não ha de que perder a esperança, onde os signaes da misericordia são tão evidentes. Pelas cartas de que o senhor D. Rodrigo de Menezes me fez mercê, tenho sabido noticias do estado das coisas na côrte. Com tantos annos de rustico, como tenho já, mal posso dar um parecer acertado sobre o que n'estas circumstancias convem fazer; mas o que eu posso é ajudar com as fracas forças, que as enfermidades, os annos e os trabalhos me deixaram ainda, esses que mais podem e mais valem do que eu.

— É de vossa paternidade que fiamos tudo — disse D. Rodrigo de Menezes. — Todos em Portugal sabem apreciar o muito que valem os sabios conselhos de vossa paternidade. A situação em que sua alteza actualmente se acha é difficil e perigosa; o valído consentiu, quero dizer, aconselhou a el-rei que désse gentis-homens ao senhor infante; porém as intrigas com que busca afastal-o de seu augusto irmão, recrescem de dia para dia; de modo que sua alteza agora só por occasião de funcções publicas vai ao paço, não porque receie o perigo, mas porque quer d'este modo provar o seu respeito pela magestade.

— Para derrubar inimigos poderosos, cuja existencia é contraria ao bem da fé e á grandeza do reino

— disse sua paternidade — é preciso ter grande poder e grande ousadia. Faça-se sua alteza amar, e terá poder para tudo.

— Muitos fidalgos, desgostosos de ver o que se passa na côrte, e attrahidos pela grande alma de sua alteza, tem vindo ao Côrte-Real offerecer o conselho e a espada — atalhou D. Rodrigo.

— Não é tempo ainda para a espada, como por vezes tenho escripto a vossa senhoria — respondeu o jesuita — para o conselho sim.

— E que aconselha vossa paternidade que se faça n'esta occasião?

— Sua alteza deve, sem mais hesitação, deixar a côrte e partir para o exercito do Alemtejo. O senhor infante, quando era ainda de pouca idade, foi nomeado pela rainha, que Deus haja, capitão general; não é muito que hoje peça a sua magestade licença para ir ao

senhor conde, e bem se vê o impeto com que servem e os estragos que fazem no inimigo.

— Para comprar é preciso ter dinheiro — disse D. Rodrigo de Menezes — e sua alteza...

— Não o tem?

— Vossa paternidade bem sabe o estado em que está a casa do senhor infante.

— O ducado de Beja e a casa confiscada ao marquez de Villa Real e ao duque de Caminha, de que sua alteza está de posse, dão renda sufficiente para o senhor infante poder passar ao exercito como general.

— Não dão nem renda sufficiente para o senhor infante viver na côrte com o luzimento devido á sua elevada posição.

— E as suas commendas de Christo?

— Pouco rendem ou nada.

— E as saboarias do Porto, de Traz-os-Montes, e d'Entre Douro e Minho, de que o senhor D. João IV fez tambem doação a sua alteza? — perguntou o bispo do Porto.

— Estão empenhadas.

— E os dois mil quintaes de pau Brazil, de que el-rei lhe fez mercê?

— Ainda não chegaram.

— Quando a Bahia estava em risco de cahir totalmente nas mãos dos hollandezes — acudiu sua paternidade — mandou-me o senhor D. João IV, que Deus tenha em gloria, chamar a Carcavellos, onde eu estava convalescente; quando cheguei a Alcantara soube da

boca de sua magestade o que era passado no Brazil, e que o conselho d'estado fôra chamado para dar o seu parecer sobre aquelle negocio. Esperei até á noite pela resolução do conselho, e disse-me então sua magestade que todos os conselheiros tinham representado a importancia de ser soccorrida a Bahia, para o que eram necessarios perto de trezentos mil cruzados que não havia, nem occorria meio algum de poder haver. Então, indignado, respondi a el-rei: Basta, senhor, que a um rei de Portugal hão de dizer seus ministros, que não ha meio de haver trezentos mil cruzados com que acudir ao Brazil, que é tudo o que hoje temos! Ora eu, com esta roupeta remendada, espero em Deus que hoje hei de dar a vossa magestade toda essa quantia. Prometti, e cumpri, porque Deus me ajudava. Hoje tam-

rias da egreja, e desfazer todas as heresias, e receber emfim a investidura da mão do pontifice para ir depois á conquista da Terra Santa! Grandes são os decretos da Providencia, e grandes os mysterios que se contém nas prophecias!

A estas palavras seguiu-se um profundo silencio. Todos os olhos estavam fixados em sua paternidade, que, de pé, com a cabeça inclinada para traz, os olhos fulgurantes erguidos ao ceo, a boca semi-aberta, a larga testa cortada por duas rugas profundas, o braço estendido, parecia um dos prophetas antigos annunciando a destruição de um imperio ou a futura redempção da humanidade. Ninguem ousou romper o silencio; porque todos aquelles fidalgos, muitos dos quaes haviam combatido heroicamente nas guerras contra os castelhanos, se sentiam subjugados pela voz e pelo gesto do jesuita. Nenhum se julgava com direito de fallar, quando sua paternidade, calado e com a mão estendida imperiosamente, parecia querer-lhes impor silencio.

— Eia, senhores! — bradou minutos depois esse homem, a quem todos escutavam como se fôra um oraculo — É chegado o tempo de sua alteza se despedir do ocio, dos livros, das meditações solitarias, e de ensinar aos portuguezes e ao mundo o que em tão curtos annos tem aprendido. Armas, guerras e victorias, pôr bandeiras inimigas e coroas aos pés, são de hoje em diante as obrigações de sua alteza, e as de todos nós.

Um murmurio de admiração e de enthusiasmo correu por toda a assemblea; mas foi seguido logo de pro-

fundo silencio. As palavras do jesuita haviam rasgado, como por milagre, um canto do véo que lhes encobria o futuro; e todos, perplexos e assustados, meditavam e estremeciam.

Pouco a pouco o fogo da inspiração foi-se apagando nos olhos de sua paternidade. Os musculos distenderam-se, as rugas da testa desdobraram-se, o braço cahiu inerte. Aquelle velho, minutos antes bello, grande, sublime, tomou quasi subitamente um ar tão humilde; o corpo curvou-se-lhe tão quebrado e sem força; a cabeça cahiu-lhe tão sem alento; os olhos baixaram-se-lhe para o chão com tal tristeza, que, quem pela primeira vez o visse n'aquelle instante, julgaria ter diante de si o infimo dos filiados na companhia de Jesus, a quem a obediencia passiva houvesse apagado a luz da razão e o vigor da vontade propria.

). Rodrigo de Menezes e pelos outros fidalgos, o cor-
eeiro Antonio de Belem, juiz do povo da cidade de
.isboa.

As affabilidades e lisonjas dos fidalgos pozeram ter-
no ás irresoluções do juiz do povo. D'esta noite em
iante Antonio de Belem teve parte em todas as cons-
irações que se tramaram a favor do infante D. Pedro.

CAPITULO XXVII.

NOVO ROLDÃO.

Côrte-Real, como dissemos n'um dos primeiros capitulos d'esta historia, era um edificio composto de um

o de combates corpo a corpo entre os mulatos
avallariças, não menos ferozes do que os cães de
D'antes o infante descia ao picadeiro e tomava
tambem n'aquelles divertimentos grosseiros e
s pouco dignos de um principe, mas a que os
ilhos de D. João IV se entregavam apaixonada-
. Os conselhos, porém, do severo e astucioso
drigo de Menezes haviam-no convencido, de que
a conveniente não imitar os desvarios d'el-rei,
ar-se socegado e grave, para augmentar o seu
e trazer pela sympathia maior numero de fidal-
seu partido. Esta fôra a causa por que sua al-
modificara os seus habitos, se abstivera de toda a
unicação immediata com os moços das cavallari-
cercara de criados nobres, e escolhera para casa
reio a galeria das armas, cuja situação era a mais
niente para elle poder gozar do espectaculo de
cios de força, em que resolvera não tomar parte,

á janella, estava o conde da Torre: dentro da sala, a pouca distancia conversavam em voz baixa alguns criados.

Depois de um instante de silencio o infante murmurou voltando-se para o conde:

— Já vai tardando!

— Talvez o maldito do valído o mandasse assassinar tambem — bradou o conde da Torre.

— Que dizes, conde? Não póde ser. Deus nos livre de tal. O meu pobre Rodrigo!

— Nenhum de nós lhe escapará talvez! Como o Castello-Melhor manda em tudo e tudo governa, quem sabe se d'aqui a dois dias estará vivo ainda um só dos servidores de vossa alteza! O conde de S. João lá vai já caminho de Traz-os-Montes, apesar de estarmos no coração do inverno; eu já tive ordem de ir fazer gente para o exercito do Alemtejo. E sabe Deus se ambos acabaremos as nossas diligencias, sem encontrarmos o punhal de algum dos valentes d'el-rei?

— Não ousarão tanto!

— Não vê vossa alteza, que a tudo se atrevem esses ministros insolentes! — exclamou o conde, batendo com o punho no parapeito da janella — Se até a negarem a vossa alteza o que de justiça lhe pertence, elles se atrevem! Veja como, consultando um a um os conselheiros de estado e aproveitando futeis pretextos, tem sabido impedir até agora vossa alteza de tomar posse do logar de capitão general, que por tantos motivos lhe pertence!

apprehensão lhe pesava no espirito. — D. Rodri-
a Santo Antão fallar com o padre Vieira. Logo,
le voltando, saberemos a causa da sua demora.
- O privado não póde perdoar a D. Rodrigo de
es o não ter acceitado o cargo de vice-rei da In-
ue lhe elle mandou offerecer, a fim de o afastar
onge de vossa alteza. Mas livre-se o Castello-Me-
elle e todos os seus, que um dia eu os apanhe de-
de mão! Hei de provar-lhes que o conde da
ainda é o mesmo que, na batalha do Canal, ma-
inta hespanhoes e aprisionou cincoenta.
m rapido e quasi imperceptivel sorriso encrespou
o superior do infante. Sua alteza dava grande
ás historias maravilhosas, que o general, *cuja*
se encerrava em patarata como dizia o pasquim
hano, inventava a cada passo para provar o seu
de que muita gente duvidava, e a sua força em
ra difficil não acreditar ao ver as suas athleticas
rções. Apesar da tristeza, que manifestamente

Sansão; mas fiz o que acabo de dizer a vossa alteza. Trinta hespanhoes sentiram o pêso da minha espada: cincoenta estiveram pendurados na minha mão direita.

— Como foi isso? — perguntou o infante, que tinha desejo de se distrahir, como todo o mancebo de dezoito annos a quem uma ideia triste incommóda.

— Eu conto a vossa alteza como foi. Imagine vossa alteza que isto é o valle por onde passa a estradita a que chamam o *canal* — disse o conde apontando com o bastão para o espaço que mediava entre a janella e algumas cadeiras situadas a pouca distancia. — Aqui o o parapeito, é o monte occupado pelo nosso exercito; e aquellas tres cadeiras, as tres collinas de que os castelhanos estavam senhores. Proximo á primeira collina da direita, a mais ingreme de todas e onde se estabelecera o proprio D. João d'Austria, é que estava formada em columnas a cavallaria inimiga. Foi por alli que a batalha começou. Cavallaria contra cavallaria....

— Que bello espectaculo!

— Vossa alteza não póde imaginar o que foi aquelle combate! Um mar escuro e revolto de homens e cavallos, sulcado por milhares de relampagos, que as espadas, illuminadas pelos raios do sol, pareciam accender no ar! Mal se travou a peleja entre a nossa e a cavallaria inimiga, logo quatro terços de infanteria se pozeram em marcha para a primeira collina. O terço dos inglezes pela esquerda: os terços de Francisco da Silva e do Menezes pelo centro: e o de Tristão da Cu-

nha pela direita. A cavallaria hespanhola cahiu sobre os inglezes, mas foi recebida com um chuveiro de balas e deixou-lhes livre o passo. Do alto do monte as descargas de mosquetaria eram sem parar; mas os nossos subiram sempre, sem se descompor, sem darem um tiro...

— Morreram muitos?

— Alguns morreram, em quanto iam pela encosta. Mas apenas os terços, que occupavam o centro, chegaram ao pé do inimigo, deram uma descarga á queima-roupa. Os capitães tiraram as espadas, e os hespanhoes deram-lhes as costas e fugiram.

— Foi então que mataste os trinta hespanhoes?

— Não, meu principe, não foi n'esta occasião. Quasi ao mesmo tempo que a primeira collina, foi atacada a segunda; menos ingreme, é verdade, mas egualmente bem defendida. Fui eu que commandei os terços de infanteria e os esquadrões de cavallaria, que investiram este segundo baluarte do exercito inimigo. Na frente de todos, com a espada na mão, subi a encosta a cavallo; sem que me fizessem torcer ou desviar da linha recta, nem os tiros dos castelhanos, nem os barrancos do caminho. Cahi sobre os hespanhoes, e zás! Atravessei de banda a banda a primeira linha, como uma bala de canhão. Um, dois, tres, quatro, dez castelhanos cahiram logo alli mortos de um bote da minha espada. Eram gritos e gemidos por todos os lados; fugia tudo diante de mim, como se eu só valesse tanto como um exercito.

Estas ultimas palavras eram acompanhadas de gestos furibundos e de gritos discordes, como se o heroico general estivera realmente á barba com os terços de D. João d'Austria.

— Chegaram os terços — proseguiu elle com o mesmo enthusiasmo — e os inimigos, que eu já tinha posto em confusão com os golpes da minha espada, largaram as armas e deitaram a fugir pela encosta abaixo. Depois de ter dado cabo alli mesmo de uns trinta castelhanos, larguei o cavallo a galope para ver se aprisionava alguns officiaes que iam fugindo. A poucos passos, porém, uma bala perdida quebrou-me a mão direita do cavallo, e cahi...

— Foi o que valeu aos hespanhoes, heim!

— Não lhes valeu de muito: porque eu, sem perder o animo, soltei-me dos estribos a que tinha ficado

— Brava maravilha essa! E esse exercicio vio-
ento durou em quanto foram passando inimigos?

— Houve um capitão allemão, que esteve a ponto
e dar signal aos seus da minha emboscada.

— Como!

— Já tinha aprisionado trinta homens, quasi to-
os officiaes, quando, estendendo a mão, agarrei uma
relha. Segurei, mas senti grande pêso; acudi com a
utra mão, e apanhei outra orelha: firmo os pés n'uma
edra e puxo. Estava quasi em cima do muro o meu
risioneiro, que era um allemão de uma obesidade
norme, quando sinto uma coisa fria tocar-me na mão
ireita, e a orelha separar-se do corpo...

— Quem fez essa separação cruenta!

— O maldito do allemão! Cortou elle a propria
relha com a espada para se livrar do perigo.

— Mas ficou seguro pela outra.

— Nada. A outra como não podia com o pezo, ar-
ancou-se por si.

— Pobre tudesco! — exclamou o infante rindo.

— Tive receio que elle, com seus alaridos, avisasse
o perigo aos hespanhoes que vinham atraz: porém,
uando se me soltou das mãos, cahiu no chão com tal
orça, que quebrou ambas as pernas; e em vez de ala-
idos, só pôde dar gemidos e ais.

— Então continuaste a pescar castelhanos?

— Continuei a divertir-me, meu principe. Ai, que
ia de prazer foi aquelle para mim! Quem me dera po-

der estender agora o braço d'esta janella, e agarrar um castelhano!

Ao fazer esta exclamação, o conde da Torre, exaltado pela narrativa das suas fabulosas façanhas, estendeu o braço e deitou a mão a um vulto que andava pela praia. N'um abrir e fechar de olhos, o desgraçado admirador das bellezas do Tejo sentiu-se levantar do chão, içar por cima do parapeito da janella, e cahir quasi de joelhos aos pés do infante D. Pedro.

A desditosa victima dos furores bellicosos do conde da Torre era um homem entre os vinte e cinco e trinta annos, baixo, magro, um pouco desproporcionado, e com o hombro direito mais descahido que o esquerdo. Uma pallidez permanente, mas que o terror havia augmentado n'aquella occasião, dava-lhe á pelle a côr esverdeada da azeitona. O rosto, que ornavam bigode

extraordinario como inopinado, o senhor Aniceto Muleta (assim se chamava o pobre miliciano) sem se erguer da postura humilde em que o haviam deixado, levou suas mãos á cabeça, e tapando os olhos, murmurou:

— Não me matem!

Uma estrondosa gargalhada rebentou de todos os lados. Ouvindo esta manifestação de alegria, quando esperava sentir o ferro de algum assassino cravar-se-lhe no coração, Aniceto Muleta cobrou animo, tirou as mãos dos olhos, poz-se lentamente de pé, afagou o bigode, mettendo na boca as pontas dos cabellos, apanhou o chapeo e o bastão, balançou-se ora n'um pé, ora n'outro, como fazem as garças ribeirinhas, e depois de um minuto de silencio arrancou do peito, n'uma voz cava, baixa, tremula, as seguintes palavras:

— Insultastes-me, senhores! Ousastes pôr a mão n'um capitão! Não se escarnece impunemente de um homem que tem uma espada á cinta.

Segunda gargalhada, mais estrondosa do que a primeira, veio interromper as ameaças do senhor Aniceto Muleta.

Exasperado, e sobretudo certo de que lhe não queriam fazer mal, rompeu em queixas violentas contra aquelles que suppunha terem proposito firme de o offender.

— Pendurar pelas abas da casaca um militar que tem entrado em cinco batalhas! — dizia elle, levando a mão lentamente ao punho da espada — Isto não póde

ficar assim! Estou no Côrte-Real, ir-me-hei queixar a sua alteza: e se me não fizer justiça, então... então... vou-me queixar a el-rei.

— E essa espada de que lhe serve, senhor Aniceto? — perguntou o conde da Torre, pondo a mão no hombro do miliciano.

A voz do conde, e o duro contacto d'aquella pesada mão, causaram um subito tremor no capitão Aniceto Muleta. O chapeo cahiu-lhe outra vez das mãos, as pernas dobraram-se-lhe como se fosse ajoelhar, e em voz quasi inintelligivel, murmurou:

— O senhor conde da Torre! Deus tenha misericordia de mim!

CAPITULO XXVIII.

O CAPITÃO ANICETO MULETA.

— Ainda se lembra de mim, senhor Inceto Maleitas? — perguntou o conde da Torre, rindo.

— Aniceto Muleta, um criado de vossa senhoria — disse o capitão de milicianos com voz tremula, e fazendo uma profunda reverencia.

— Aniceto Muleta, é verdade. Já que está aqui, senhor Aniceto, quero apresental-o a sua alteza...

— O senhor infante está aqui! — regougou o infeliz capitão, fazendo-se verde como um camaleão quando está sobre uma folha de figueira, e olhando em roda de si com indisivel terror.

— Venha beijar-lhe a mão. O senhor infante talvez queira fazer ao heroe de Fronteira a honra de lhe dar a mão a beijar.

Aniceto Muleta, ao dar com os olhos em sua alteza, sentiu redobrar o tremor que o agitava. Os olhos dilataram-se-lhe desmesuradamente; o beiço inferior procurou apanhar as pontas dos bigodes alongando-se convulsivamente; e o nariz, longo, recurvado como um bico de passaro, e similhante a um tapume posto ao longo da cara pela natureza como para occultar a um dos olhos os segredos do outro, desceu sensivelmente, como para auxiliar os esforços do beiço. Cahindo de joelhos, o miliciano ficou mudo e immovel como a estatua do mêdo.

— Quem é este homem? — perguntou D. Pedro ao conde.

— É, como vossa alteza acaba de ouvir, o senhor Aniceto Muleta, capitão de milicianos.

— E d'onde o conheces tu, conde?

iba a historia das suas nobres acções. Foi por
que elle fugiu, quando eu o levava a Estre-
ı receber o premio que o conde de Villa-Flor
nava.
stou com curiosidade de ouvir essa historia —
infante rindo. — Dar-se-ha caso que o Muleta
mbem pescaria de castelhanos?
ão, meu principe — respondeu o conde, rindo
ariamente da allusão de sua alteza. — Não fez
caria de castelhanos; mas lançou a rede a uma
menga.
ois este homem teve parte n'esse roubo infame
illões de Fronteira commetteram? — pergun-
lteza, lançando ao senhor Aniceto Muleta um
desprezo, que o fez quasi cahir prostrado no

ossa alteza sabe... todos em Portugal tiveram
la violencia com que foi tractada a dama fla-

calasse — depois da batalha do Canal ia fugindo para Arronches acompanhada de alguns criados, quando, ao passar por Fronteira, foi accommettida por uma quadrilha de villões, que tinha por caudel um virtuoso clerigo. Entraram no coche em que estava a dama, roubaram-lhe tudo, e affrontaram-na desaforadamente.

— Segundo vejo, este capitão tambem era da quadrilha do infame clerigo.

— Preferiu roubar em Fronteira, ás ordens de um padre, a pelejar no Ameixial com os do seu terço. Isto de milicianos é gente pouco affeita ás coisas da guerra, mas que gosta de ter parte nos despojos do inimigo.

— E como se soube que esse homem comettera o crime imperdoavel de desacatar um infante de Hespanha?

— Foi um engano, uma calumnia — bradou Aniceto Muleta.

— O clerigo e os da sua quadrilha desapparecerram, mal tiveram noticia da minha chegada; mas um villão que prendemos contou-nos, que a esses insolenes se havia aggregado um tal capitão de milicianos, que viera do exercito n'aquella mesma tarde.

— Mentiu o villão! — acudiu o senhor Aniceto.

— Depois do roubo da dama, disse-nos tambem o paisano, o tal capitão fôra esconder-se na cella de um frade seu amigo, que fazia parte da communidade de um proximo convento.

— Meu rico frei Thomaz do Espirito Santo! — murmurou, pondo os olhos em alvo, o senhor Aniceto.

— Mandei dar uma busca ao convento — proseguiu o conde da Torre — porque desejava haver á mão um dos criminosos, para o pendurar n'uma forca.

— Jesus, misericordia! — clamou o miliciano — Estive a ponto de morrer por causa de uma calumnia.

— Que estavas tu a fazer n'uma cella de frade, em vez de estar no campo de batalha? — perguntou o infante á desgraçada victima do conde da Torre.

— Estavamos, eu e o meu amigo, o meu respeitavel amigo frei Thomaz do Espirito Santo, a acabar a primeira parte de uma obra...

— Alguma arte de furtar, provavelmente.

— Não, meu principe — acudiu o Muleta, a quem as palavras do infante, acompanhadas de riso, haviam dado algum animo. — A obra que então haviamos

principiado, e a que a minha má sina não tem deixado pôr termo, é uma nova *Arte de galanteria*, feita á imitação da que o senhor D. Francisco de Portugal escreveu ha annos. Mas muito mais desenvolvida e completa. É obra que ha de acabar por uma vez com barbarismos e desconchavos de maus escriptores.

— Ah! ah! Uma *Arte de galanteria!* — disse o infante — E deixaste o terço, n'um dia de batalha, para ir a Fronteira escrever uma arte de galanteria com um frade!

— Vossa alteza bem sabe que cada um tem a sua vocação. Eu não nasci para matar os meus similhantes....

— Nasceste para galantear, e combater os barbarismos?

— Foi por galanteio que este miseravel tomou par-

— Eu não fui... fui acudir... sim, corri para salvar a dama...

— E ficou-lhe com uma cruz de diamantes.

— Foi ella, quem m'a deu...

— D. Sancho jurou que havia de mandar enforcar, quando os apanhasse, os que tomaram parte n'aquelle delicto covarde. Se vossa mercê escapou da outra vez, não escapará agora á justiça.

— Misericordia! Jesus me valha! Ai, que estou perdido se vossa alteza se não compadece de mim! — exclamou o Muleta, cahindo aos pés de D. Pedro debulhado em lagrimas.

— Como escapou elle á cólera do Villa-Flor?

— De um modo singular. Quando m'o trouxeram, como me não podia demorar em Fronteira, ordenei a um soldado que o levasse prêso á garupa do cavallo. Assim se fez: tiraram-lhe a espada, que nunca servira na guerra...

— Quem usa da penna serve-se pouco da espada.

— Tiraram-lhe a espada, e com o proprio talim ataram-no pela cintura ao arção da sella. Sahimos de Fronteira, e a pouca distancia démos com um troço de castelhanos que ia fugindo. Corremos sobre elles para os aprisionar, e foi n'esta occasião que o senhor Muleta se nos escapou das mãos.

— Como fez elle isso?

— Deixou-se escorregar; e, pendurado pela cintura, cortou, provavelmente com algum ferro que trazia escondido, a silha do cavallo; o que fez immedia-

tamente voltar a sella e cahir o soldado. Isto tudo foi obra de um instante. Como o vi ficar estendido no chão ao pé do soldado, a nadar em sangue, julguei que uma bala dos castelhanos havia varado o soldado e o prêso. Disse comigo — tiveste uma morte melhor do que merecias, excommungado capitão — e passei para diante, julgando que o senhor Aniceto se não levantaria mais.

— E então! levantou-se, como vês.

— Quando d'ahi a uma hora tornamos a passar pelo sitio, onde o haviamos deixado por morto, encontramos só o soldado com uma faca cravada no coração.

— Este homem é assassino? — perguntou D. Pedro, pondo-se de pé.

— Foi para salvar a vida — respondeu, humilhan-

·nte. — Vai-te.
enhor Aniceto julgou prudente obedecer, sem
plica, á ordem do infante. Quasi sem se levan-
cuando, para não voltar as costa a sua alteza, o
la nova *Arte de galanteria* foi-se sumindo pouco
› nas trevas, que a noite começara já a espessar
lo da galeria.
ındo sahiu da galeria, o capitão Aniceto Muleta
se só, n'uma sala espaçosa e escura, com porta
na pequena escada que descia para a praia.
ois de ter lançado em roda de si escrutador e
ıte olhar, de ter percorrido todos os cantos á
evantado todos os reposteiros, tacteado todas
des e moveis, o honrado miliciano, que reunia
outras prendas o ter uma curiosidade insacia-
ılveu aproveitar-se da situação, em que o acaso
cara, para buscar descobrir algum segredo de
eza, ou algum dos fios da trama politica que,

A principio ouviu as ruidosas gargalhadas do infante e dos fidalgos, que zombavam e escarneciam d'elle, ornando-lhe o nome de epithetos e apodos, que em nada lisongearam o seu amor proprio; antes lhe enraizaram no coração odio e desejos de vingança, profundos, inextinguiveis, mas impotentes. Passados porém alguns minutos as gargalhadas cessaram, e uma bulha de passos, que se iam afastando, fez perceber ao senhor Aniceto que os fidalgos sahiam da galeria. Por um momento elle suppoz que as esperanças, que concebera, de descobrir alli mesmo algum dos segredos de D. Pedro, haviam sido baldadas, e que a sua temeraria curiosidade servira só para o fazer penar alguns minutos mais. Porém um clarão tremulo que, penetrando por debaixo dos reposteiros, veio traçar no chão, junto ás portas que davam da sala para a galeria, estreitas

teza, o infante percorria lentamente a galeria na sua maior extensão. Nenhum signal de alegria havia já n'aquelle rosto, pouco antes animado pelo riso da zombaria: a melancolia, que as historias do conde da Torre e do Muleta haviam desvanecido por algum tempo, parecia querer agora, condensando-se no espirito de D. Pedro, ganhar o tempo perdido. A expressão sinistra e carrancuda, que notou na physionomia do infante, fez estremecer o senhor Aniceto de susto e de esperança ao mesmo tempo. Elle comprehendeu que a colera de sua alteza devia de ser uma terrivel colera: e teve susto. Percebeu que, se sua alteza fallasse n'aquelle instante, revelaria alguns dos seus mais secretos pensamentos: e teve esperança.

Tendo observado por alguns instantes os movimentos lentos e a grave physionomia de sua alteza, o senhor Aniceto Muleta alargou cautelosamente com os dedos a fenda do reposteiro para ver se na galeria havia alguem mais. Quando sentiu que o seu observatorio tinha as dimensões necessarias e a conveniente situação, approximou um olho da pequena fresta e proseguiu na inspecção que havia começado já com tão feliz exito. Olhou para todos os lados sem descobrir nada que lhe satisfizesse a curiosidade; no fim, porém, tendo voltado um pouco a cabeça e feito uma pregasinha no reposteiro, deu com o terrivel conde da Torre mettido no vão de uma janella, silencioso e immobil como uma estatua. Ouriçaram-se-lhe algum tanto os cabellos, e pela espinha desceu-lhe vagarosamente um calafrio.

O infante e o conde não diziam palavra um ao outro. Sua alteza passeava, o general permanecia immobil; mas ambos pareciam esperar alguma coisa, porque de minuto a minuto voltavam os olhos para um das portas da galeria.

O reposteiro d'essa porta agitou-se emfim, e D. Lui de Menezes, conde da Ericeira, que o capitão de mil cianos reconheceu logo, porque muitas vezes o tinh visto no exercito do Alemtejo, entrou precipitada mente. O infante parou no meio da casa, e estendend a mão, que o conde da Ericeira beijou pondo um jo lho em terra, perguntou:

— Que novidade ha, conde; que me queres?

— Saio agora mesmo do paço, onde el-rei me mai dou chamar.

— Para quê? O que te queria meu irmão?

nhor D. Affonso VI; e já começava a desconfiar que me queriam deixar alli preso para...

— Para te castigar, de que crime?

— Do crime de respeitar e servir vossa alteza, senhor.

— Pois já é um crime tão grande o servir-me, que mereça castigo de prisão?

— Os conselheiros de sua magestade assim o pensam. O que acaba de me succeder no paço deu-me a esse respeito um desengano formal.

— Como é que sahiste da camara em que te fecharam?

— Passadas duas horas, como ia dizendo a vossa alteza, senti abrir a porta. Era Antonio Banha que voltava, trazendo-me um papel por ordem de sua magestade.

— Um papel!

— Sim, meu principe: um papel em que se dizia, pouco mais ou menos, o seguinte: « Sua magestade manda dizer a vossa senhoria que está informado de que vossa senhoria foi quarta feira passada ao Côrte-Real, e de que sua alteza o levou á sua galeria das armas, e lhe offereceu as armas que estão na dita galeria: ordena sua magestade que vossa senhoria declare, em baixo d'este papel, que partido pretende seguir, se o de sua magestade, se o de sua alteza. »

— E que respondeste tu a esse insolente papel?

— Respondi o que devia, meu principe.

— O valído quer afastar de mim todos os meus ami-

gos! — bradou sua alteza — O conde de S. João já lá vai para Traz-os-Montes; o conde da Torre tem ordem para partir depois d'ámanhan para Santarem; o meu D. Rodrigo querem tirar-m'o para o mandarem para a India; a ti querem afastar-te de mim com ameaças...

— Não o conseguirão.

— Bem sei, Luiz de Menezes; bem sei. Mas isto não póde soffrer-se por mais tempo.

— Tem vossa alteza razão — acudiu o conde da Torre, que até alli se havia conservado calado, mas não sem dar vivos signaes de impaciencia e de cólera. — Um só tiro de mosquete póde dar a paz a este reino; não é pois justo que todos estejamos padecendo, que todos sejamos impunemente deshonrados.

— A rainha, pobre senhora! tambem é victima da desmedida ambição do Castello-Melhor — disse o in-

— Ha poucos dias sua magestade a rainha, depois de uma viva questão com o senhor D. Affonso, recolheu-se aos seus quartos, dizendo que não queria tornar a ver mais o valído.

— As coisas estão, ao que parece, muito mudadas hoje no paço — atalhou o conde da Ericeira. — A noticia de que sua magestade vai dar um herdeiro á coroa...

A estas palavras D. Pedro empallideceu, e com voz convulsa exclamou:

— A rainha está de esperanças! Ainda m'o não participaram.

— Foi hoje que essa noticia se espalhou no paço. El-rei e o conde de Castello-Melhor foram dar os parabens e cumprimentar sua magestade; e quando eu sahi agora da minha prisão, dizia-se que tinha havido uma reconciliação entre os reaes esposos.

— E o conde?

— O conde teve a honra de beijar a mão á rainha.

— A rainha de esperanças! — murmurou sua alteza, deixando-se cahir sobre uma cadeira.

— Como nos poderemos livrar da tyrannia do valído, agora que elle tem o apoio d'el-rei e que a rainha lhe perdoou! — exclamou D. Luiz de Menezes.

— Não ha que hesitar — acudiu o conde da Torre. — É preciso dar por uma vez cabo do valído para não sermos victimas do seu implacavel odio. O Castello-Melhor mandou sem hesitação assassinar o pobre Francisco d'Albuquerque; e nós, quando se tracta de salvar

a honra e talvez a vida de vossa alteza, de assegurar a independencia de Portugal, havemos de fazer escrupulo em lhe dar o castigo que elle, pelos seus crimes, merece!

A nova que o conde da Ericeira trouxera do paço pareceu tão extraordinaria, tão inesperada ao infante, destruiu-lhe tão inopinadamente as esperanças, resfriou-lhe tanto a ardente paixão que a formosura da rainha lhe accendera na alma, causou-lhe simultaneamente tal dor, tal desconsolo, tal mágoa, tal desesperação, que por alguns instantes elle não pôde nem pensar, nem mover-se; ficou privado da voz e do sentimento. As palavras porém do conde da Torre foram-lhe direitas ao coração acordar o odio e o desejo cruento de procurar na vingança allivio e desafogo. Levantou-se de pulo, e com os punhos fechados, a boca es-

ie Castelho-Melhor. E não é para admirar que
itão de milicianos não percebesse esta singular
mação, quando o proprio D. Pedro a não sabe-
licar.

rto que o espirito humano, quando se lhe apaga
perança ou o abandona um sentimento, tem ex-
narias aberrações: delira, por assim dizer, nos
da razão, vagueia por todas as paixões em busca
ma coisa que possa substituir a esperança ou o
nto destruido. Assim o infante D. Pedro bus-
safogar as suas mágoas dando largas a um cego
ntra o valido, odio que nós, avaliando devida-
os successos e os homens d'aquelle tempo, de-
reputar até certo ponto injusto, e causado antes
go de ruins paixões, e pela acção corrosiva de
sos conselhos, do que por offensas que o Castel-
ior lhe houvesse feito; porque essas, se as hou-
m de tão pouca monta, que ao historiador con-
oso difficil será consideral-as como justificação

ensinar ao mundo de que modo se castigam ambiciosos valídos.

— O Castello-Melhor não ha de como o irmão, o Simão de Sousa, escapar-se-nos impunemente das mãos.

— Depois d'ámanhan é sabbado — insinuou o conde da Torre — e aos sabbados o valído vai de madrugada ao convento da Madre de Deus, desacompanhado, quasi só.

— É possivel ahi sem que se saiba...

— Fazer-lhe justiça.

— Mas a cólera de meu irmão...

— De homem morto só os herdeiros se lembram.

— Senhor, consulte vossa alteza, antes de tomar uma decisão tão grave, a D. Rodrigo de Menezes — disse com voz tremula o conde da Ericeira, que tinha enfiado durante este rapido dialogo do infante com o

— D. Rodrigo de Menezes vai tardando — disse o conde da Torre. — São quasi sete horas, e começo a recear...

— Que o mandassem assassinar! É de mais, tens razão, conde. Estar sempre com receio de perder os meus amigos, de os ver sacrificados por minha causa, é uma coisa que eu não posso tolerar já.

— O Castello-Melhor...

— Confio-te, conde, a desaffronta da minha honra offendida por esse malvado.

— E se el-rei quizer vingar...

— Silencio. Eu fico por tudo — atalhou o infante. E voltando-se para o conde da Ericeira, repetiu: — Silencio! Nem uma palavra a este respeito.

N'este momento o senhor Aniceto Muleta, que estava já mais morto do que vivo, ouviu um ligeiro ruido de passos na escada que dava para a praia. Mal elle se havia escondido por detraz de um reposteiro, quando dois vultos atravessaram rapidamente a sala; e levantando o reposteiro por onde elle estivera espreitando, entraram na galeria.

Apenas se viu só, o capitão de milicianos, caminhando pé ante pé encostado ás paredes, e sem respirar, desceu a escada, abriu a porta que dava para a praia, e deitou a correr para o Terreiro do Paço.

Só quando se viu fóra do Côrte-Real é que o senhor Aniceto teve animo para tomar fôlego, e meditar sobre as vantagens e perigos da sua melindrosa situação.

CAPITULO XXIX.

POLITICA DE JESUITAS.

O infante estava ainda acceso em cólera, tremulo

versação de sua alteza com os dois fidalgos, seus parciaes.

Um dos personagens, que tão confiosa e desafogadamente penetraram na sala de armas onde estava o infante, era o seu estribeiro-mór D. Rodrigo de Meneses: o outro era o jesuita, que fôra á estalagem do Alemtejo na noite em que os fidalgos, inimigos do valido de Affonso VI, se haviam reunido na sala de jogo do mestre Pedro, com o fim de catechisarem o celebre juiz do povo Antonio de Belem, e resolverem-o a abraçar o partido de D. Pedro. O leitor já deve ter percebido, nos precedentes capitulos, que este jesuita não era outro senão o celebre padre Vieira.

Mal viu entrar o seu estribeiro-mór, o infante exclamou:

— Chegaste emfim, meu Rodrigo. Louvado seja Deus. Já te julgava morto. Receava que te tivessem mandado para o outro mundo, vendo que não conseguiam mandar-te para a India.

— Ainda não, mas não tardará — respondeu D. Rodrigo, beijando a mão a sua alteza. — Porém se eu morrer no serviço de vossa alteza dar-me-hei por feliz.

— Não esperava ver-vos agora no Côrte-Real, padre Vieira — proseguiu o infante voltando-se para o jesuita, que ficara de braços cruzados e cabisbaixo á entrada da galeria. — Julgava que não sahirieis do collegio de Santo Antão senão para voltar a Coimbra.

— É necessario que eu volte sem demora para o

certão frigidissimo de Coimbra — respondeu o padre Vieira, beijando a mão ao infante. — Não quiz, porém, ir-me de Lisboa sem primeiro beijar a mão a vossa alteza.

— Ai! padre, padre, já poucos se lembram de mim n'esta terra, a não ser para me malquistarem com meu irmão! Eu aqui não sou nada, padre Vieira!

— Meu principe, e meu senhor da minha alma, vossa alteza é para todos os portuguezes o digno filho do senhor D. João IV, que Deus tem em gloria. Para mim, que busquei nos textos sagrados e nos escriptos dos santos e dos que Deus dotou de espirito prophetico, motivo e fundamento de esperanças de futuras grandezas para a egreja de Christo, é vossa alteza aquelle em quem se ha de cumprir e consummar a prophecia das palavras de Deus a el-rei D. Affonso Henri-

ara uma cadeira, proseguiu — Sentai-vos aqui, padre Antonio Vieira; sentai-vos ao pé de mim.

— Vossa alteza faz-me uma honra, que eu não mereço.

— Quebrado como estaes pela idade e pela doença, deve ser-vos penoso ficar muito tempo de pé. Sentai-vos.

— Obedeço ás ordens de vossa alteza — respondeu o jesuita, sentando-se n'um escabello.

— É grande felicidade para mim poder agora receber conselhos de quem tantas vezes os deu ao prudente rei, cuja morte choramos ainda, cuja falta sentem todos os portuguezes.

— Não sei como hei de satisfazer a menor parte das obrigações, com que vossa alteza me empenha e captiva. A minha alma é toda de vossa alteza; mas a vontade não basta, onde fallece o entendimento, para aconselhar um principe cercado de illustrados conselheiros, e que tem em si mesmo a viva luz de um elevado espirito.

— Que vos direi eu, padre Vieira, para vos persuadir a aconselhar-me, o que na vossa prudencia julgaes mais acertado que faça? — acudiu o infante — A verdade: o que vós sabeis já. Estou pobre, abandonado e esquecido por el-rei que me odeia, perseguido pelos valídos, longe dos conselhos de sua magestade onde não sou chamado; e brevemente ver-me-hei só, ficarei até sem estes poucos fidalgos que me servem; porque um a um m'os vão tirando todos. Que devo fa-

zer agora para luctar com o poder do Castello-Melhor, que de dia para dia vai crescendo mais? Pedi a el-rei, por conselho vosso, padre Antonio Vieira, que me deixasse ir para o exercito do Alemtejo combater contra os inimigos da patria, e em vez de me conceder o que lhe pedi, el-rei, ou antes o valido, afastou para longe de mim o conde de S. João, ordenou ao conde da Torre que sahisse de Lisboa, e quiz mandar para a India ao meu estribeiro-mór. Que hei de fazer, dizei-m'o padre Vieira, que hei de eu fazer?

— Ter fé e confiança em Deus: *Volo in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire*, foram as palavras de Christo a el-rei D. Affonso Henriques. É n'um principe descendente de D. Affonso, e sua decima sexta geração, que Christo prometteu estabelecer o seu imperio. Chegou o tempo da promessa se cumprir; chegou o tempo de serem estirpadas todas as seitas de infieis, convertidas todas as gentes, reformada a christandade. Os missionarios tem espalhado por toda a terra a palavra de Deus; é tempo de começar a colher o fructo da abundante e fecunda sementeira.

Os dois condes e D. Rodrigo de Menezes haviam-se retirado, para deixarem o infante fallar livremente a sós com o celebre jesuita. Sua alteza ficara pois com o padre Antonio Vieira na extensa galeria de cujas paredes pendiam antigas armaduras, espadas, alfanges, mosquetes de exquisitos feitios, longos esmerilhões, e bacamartes enormes. As luzes baças e tremulas de duas vellas de cera, que a aragem da noite, entrando pelas

janellas abertas, ora dobrava, ora fazia ondular, umas vezes alargava em labaredas, outras retrahia e quasi apagava de todo, reflectindo-se vagamente no aço polido das armas derramavam pela casa um clarão frouxo e vario, que dava aos objectos aspecto indefinido e phantastico. A cabeça magestosa e nobre do padre Vieira, assim allumiada por aquella incerta luz e animada pelo fogo intimo da fé religiosa, que o contínuo meditar, o incessante estudar dos livros sagrados e das antigas e modernas prophecias com o fim de n'ellas descobrir revelações sobre os destinos futuros da humanidade, haviam exaltado e engrandecido, parecia, não a cabeça de um *menor Daniel* como elle a si proprio se chama n'uma das suas cartas, mas a de um dos antigos prophetas, quando, sublimes, prediziam a grandeza do povo de Deus.

— De novo tornará a egreja ao estado de santidade e pureza, que já teve no tempo dos primeiros christãos — proseguiu o padre. — Assim o prophetisam o livro dos Cantares, e o Apocalipse. As felicidades promettidas para esses ditosos tempos são virtudes, santidade, graça e salvação para toda a humanidade convertida á fé de Christo.

— Mas se o futuro imperador ha de ser rei portuguez, como suppondes que eu o possa ser, que nem immediato herdeiro da coroa serei d'aqui a pouco? — perguntou sua alteza.

— Á prole da decima-sexta geração d'el-rei D. Affonso Henriques pertence a gloria de fundar o quinto

imperio, como do juramento do mesmo rei, melhor interpretado, se prova.

— A el-rei meu irmão pertence pois essa gloria.

— Só a um rei puro de todo o peccado é que Christo póde confiar o governo temporal do seu imperio: e o senhor D. Affonso VI tem-se esquecido de dar gloria a quem, sendo senhor universal do mundo, o fez rei na terra, abandonando as missões, e havendo-se com grande desattenção nas coisas da egreja.

— Se não fôr a meu irmão, será ao seu herdeiro que Deus glorificará com os bens, que as prophecias promettem ao futuro imperador. Sabereis já, talvez, que a rainha vai dar um herdeiro á coroa.

— São esperanças, meras esperanças por ora.

— Quem vol-o disse?

— Acabo de estar com o padre de Villes, o confessor francez de sua magestade, que foi a S. Antão visitar o nosso padre reitor.

A estas palavras do jesuita um rapido lampejo de alegria transpareceu no rosto de sua alteza.

— Padre Vieira — disse D. Pedro, não no tom de quem affirma uma proposição de que está convencido, senão com a expressão quasi interrogadora de quem deseja que o contrariem — padre Vieira, a coroa que Deus põe na cabeça dos reis só a mão do mesmo Deus póde tirar.

— Ou a mão do representante de Deus na terra: a mão do summo pontifice. *Quare si id exigat finis supernaturalis potest summus pontifex deponere reges,*

ɔsque regnis suis privare. O reino de Portugal póde ıstamente privar da coroa o seu principe, ainda que eja legitimo, quando no exercicio da tyrannia. E perıitta-me vossa alteza que lhe eu falle livremente n'esta ccasião, origem de tyrannia é a pouca capacidade de l-rei.

— Eu não quizera a coroa alcançada por esse modo.

— Em serviço da fé e para a conservação d'este eino, a que Deus tem assistido até hoje com particuar providencia, vossa alteza fará o que necessario fôr. Eu bem sei quanto custa deixar o socego de particuar, abandonar a paz suave do espirito, para entrar na ida incessante dos negocios. Mas não são só os soffrinentos e trabalhos do corpo, que são bem acceitos por Deus; os do espirito tambem são tomados á conta de enitencia. O cilicio, que anda entre o corpo e o liıho, não é o que mais pica: o que gasta o entendinento, e nega a vontade, este é o que afoga a alma, e ira a vida. Os outros cilicios mortificam, este mata.

— Eu não receio trabalhos que sejam para bem da é e augmento da christandade — disse o infante. — Mas pesar-me-ia o ter de tirar a meu irmão a coroa que he pertence.

— Muito pio e christão rei foi o senhor D. Affonıo III, e não poz duvida em acceitar o governo que o papa Innocencio IV tirára a el-rei D. Sancho II — atahou o padre Vieira. — O bem das almas, e o fim sobrenatural da religião fizeram com que o summo ponıifice Innocencio IV, usando do poder que Christo, Se-

nhor Nosso, lhe confiou para encaminhar os fieis e os dirigir ao fim da salvação, absolvesse os portuguezes do juramento de fidelidade feito ao rei D. Sancho, e désse o governo do reino a seu irmão, o conde de Bolonha.

— Mas então Portugal estava quasi de todo perdido.

— E agora, senhor, não vê vossa alteza que este reino se não póde sustentar, se a Providencia lhe não acudir breve com um principe prudente que o governe bem? — exclamou o jesuita — O poder proprio em que se funda a conservação de Portugal, ou são as forças interiores do reino, ou as exteriores das conquistas; e nem umas, nem outras bastam para o sustentar. As forças do reino cada vez se vão attenuando e consumindo mais: as rendas e commendas estão empenhadas

ma; e sobretudo pela tyrannia com que estes são
em duro captiveiro pelos portuguezes, que os
m até sem baptismo e sem sacramentos.
– Deus tenha misericordia de nós!
– Horrorise-se, meu senhor da minha alma, hor-
-se vossa alteza de tanto crime, que tem, que te-
odos razão para isso! Aquellas almas não são to-
emidas com o sangue de Christo, e Deus con-
s aos reis e ao reino de Portugal! E será bem
quellas almas se percam e vão ao inferno por nossa
? Senhor, já que ha tantos expedientes para os
ios do mundo, haja tambem um expediente para
gocios das almas, pois valem mais que o mundo.
- Esperemos na divina grandeza, que ha de um
ar remedio a males que poem as almas em tão
e perigo! — exclamou sua alteza.
- Os missionarios da companhia, trocando a pa-
elas brenhas, lá andam pelas terras dos indios
ndo a religião de Christo, e trazendo á fé almas

fé e voltarem para os mattos. Oh! Quantas vezes pedirão elles a Deus, que lhes dê o eterno descanso em troco d'aquelle trabalho incessante, d'aquella lucta infructifera! Oh! como se carpirão desconsolados, e se terão por homens no extremo infelizes! Se o zelo das almas, o amor das santas emprezas da companhia de Jesus, e, sobre tudo isto, a luz do Espirito Santo não inspirarem o principe que no futuro dirigir os destinos de Portugal, então não só veremos nas conquistas os gentios voltarem outra vez ás trevas do barbarismo, senão até no reino muitos dos que hoje são zelosos da fé esquecerem os seus deveres de catholicos, e deixarem-se invadir pela lepra da heresia.

— Ai! padre, Deus tal não permitta. Tudo, estou prompto para tudo, com tanto que se não realisem tão sinistras predicções.

famosissimos progenitores, não só no sceptro, mas muito mais no valor.

— Para levar a cabo tão grande empreza — proseguiu D. Pedro — é mister, como dissestes ha pouco, muito dinheiro.

— Se vossa alteza prometter justiça a quem ha muito a espera em vão, não faltará a vossa alteza dinheiro e tudo mais que necessario fôr.

— Ides fallar-me dos christãos novos.

— Christãos novos se chama a muitos, que devem ser julgados por tão verdadeiramente christãos velhos como quantos o são, só porque se lhes não conhecem os avós. Senhor, estas distinções causam os odios, e d'estes triumpham os maus e padecem os bons. O baptismo é um só; todos por elle ficam eguaes, e egual é para todos a graça que elle communica; porque para com Deus não ha excepção de pessoa, nem distincção de christão novo e christão velho. Foi com o esquecimento d'estas injustas accusações que de Roma, de França e de Hespanha se tirou a lepra do judaismo.

— Tirar ao santo officio o poder, que os reis meus avós lhe deram para purificar este reino de gente hebrea, é coisa que eu não posso prometter, sem faltar ao meu dever de christão e de principe — atalhou sua alteza.

— Nem perdão das culpas commettidas, nem diminuição no castigo d'ellas pedem os christãos novos. O que elles querem é que os estylos do santo officio se mudem, como já foram mudados em toda a christan-

dade. O estylo, que hoje guarda a santa inquisição de Portugal, é differente do que todas as outras costumam guardar; e d'esta differença resultam gravissimos inconvenientes. O primeiro, o maior de todos, é perecerem os innocentes e triumpharem os culpados. Muitos verá vossa alteza sahirem livres n'um auto de fé, que não mereceram ser presos, e que, apesar de livres, ficam com a nodoa na honra, com os achaques, e com as despezas que causam similhantes prisões: outros verá vossa alteza por *diminutos*, isto é, por não adivinharem o nome da pessoa que os accusou, ir a queimar, depois de terem, obrigados do desejo de salvarem a vida, compromettido, calumniado talvez todos os homens que conhecem. E dos *negativos*, quantos morrem sem culpa? De cem não ha um que não morra innocente! Pois não será injusto, não será cruel casti-

passaram finalmente os relaxados, disse o familiar: «Aquelles vão a queimar.» O judeu acudiu então: «Porque vão a queimar estes; é porque não querem pedir misericordia?» «Não vão por isso, respondeu o familiar, senão por negativos, porque não confessam, nem querem confessar que são judeus, dizem e protestam que são christãos.» Riu-se o judeu, exclamando: «Se a mim me fizessem inquisidor, eu lhe prometto que lhes havia de fazer o mesmo; todos os que confessassem que eram judeus os mandaria para sua casa, e a todos os que negassem eu os queimaria.»

— Quereis então que se fechem as inquisições, que fique sem defensores a fé? — perguntou o infante, um tanto abalado pelas razões persuasivas do jesuita.

— Não, senhor. Conforme a minha opinião foi bom e é bom haver inquisição; porque a minha opinião é, que todos os que confessam a lei de Christo, vivendo como catholicos, são christãos; e isto se deve á inquisição, que foi fazendo que todas as familias de judeus, que houve n'este reino, se fossem extinguindo.

— Que quereis que se faça, padre?

— O que já disse a vossa alteza: que se mudem aqui os estylos da inquisição, como o papa os mudou em Roma. É melhor, como Christo Senhor Nosso ensina, ficar a zizania entre o trigo, do que, com o zelo de tirar a zizania, dar cabo do trigo tambem. Nenhuma coisa destroe mais a monarchia, nem deve temer-se mais do que serem os innocentes castigados em vez dos criminosos.

— E havemos de deixar o monstruoso judaismo estender outra vez por este reino o seu corrupto poder?

— Pelo favor e pelo perdão se alcançará d'esses homens o que pela severidade do rigor se não tem até hoje alcançado — acudiu o padre Vieira. — É de fé que toda aquella nação se ha de converter e conhecer a Christo. E as nossas prophecias contam esta felicidade entre os prodigiosos effeitos do milagroso reinado do futuro imperador; porque dizem que ao rei encoberto virão ajudar os filhos de Jacob, e que, por meio d'este soccorro, tirarão o conhecimento da verdade de Christo, a quem adorarão e conhecerão por Deus.

— E se eu promettesse perdoar...

— Se vossa alteza prometter justiça á gente de nação, não lhe faltarão recursos para combater os inimi-

d'esta cidade. É difficultosissimo de entender a razão de estado que levou Portugal, sendo um reino fundado no commercio, a lançar os mercadores portuguezes para os reinos estranhos. Se esses mercadores, todos homens de nação e christãos novos, que estão espalhados pela Europa, voltassem a Portugal, veriamos de novo em nosso poder as conquistas occupadas hoje pelos estrangeiros, e a nossa independencia ficaria segura para sempre.

— Que se obrigam os christãos novos a fazer em favor do reino e da santa fé? — perguntou sua alteza, pondo-se de pé.

— Senhor, eu não posso dizer a vossa alteza o que elles podem fazer... — respondeu o padre Vieira, levantando-se tambem.

D. Pedro, silencioso e absorvido em profundo meditar, agitado interiormente pela ambição, pela esperança, e por ventura pelo amor e pelo ciume, deu algumas voltas pela casa. Depois, parando defronte do jesuita, exclamou com voz breve e imperiosa:

— Padre Vieira, conheceis, que eu bem o sei, quaes são as intenções d'essa gente de nação. Fallai-me claro. Dizei tudo; e eu talvez me decida então.

— Já tive a honra de declarar a vossa alteza que nada posso dizer ao certo...

— Dizei, ao menos, o que julgaes que elles farão.

— Nada posso affirmar a vossa alteza, mas parece-me...

— O que vos parece?

— Creio que gastarão, em pôr na India um exercito de cinco mil homens, de quatrocentos até quatrocentos e cincoenta mil cruzados.

— Por uma vez sómente?

— Porão além d'isso, segundo escreveu ha pouco um rico mercador de Hollanda, mais mil e trezentos homens cada anno na India á sua custa; e darão vinte mil cruzados para elles lá se sustentarem.

— E nada mais?

— Obrigam-se tambem os christãos novos a fazer uma companhia para a India, á similhança das companhias hollandezas; engrossando-a de capitaes, conforme se ajustar.

— Pela fé; não me dizeis o que elles farão em favor da propagação da fé?

— Eu já disse a vossa alteza que nada sei ao certo d'estas negociações.

udaismo e mudar os estylos da inquisição, e eu fosse ei, então...

— Que faria vossa alteza?

— Ouviria o parecer dos tres estados, reunidos em ôrtes, e depois faria o que melhor conviesse a este eino.

A estas palavras do infante seguiu-se longo e profundo silencio. Sua alteza deu pela galeria alguns passos incertos e sem direcção determinada, como quem busca acalmar a violenta agitação do espirito com o movimento authomatico do corpo. O padre Vieira, encostando a mão á mesa, sobre a qual estavam os dois castiçaes em que ardiam vellas de cera amarella, fitou os olhos em D. Pedro. O olhar do velho jesuita era tão penetrante, vinha tanto do fundo do seu immenso espirito o raio phosphorescente que lhe illuminava as pupillas e se lhe diffundia pelas iris escuras e como metallicas, havia emfim tal força, tal poder, tal alcance n'aquelle olhar, que o infante sentiu-o sem o ver. Vibraram-lhe os nervos todos, e um subito rubor lhe córou a face, porque conheceu que o padre Vieira lhe estava lendo na alma os mais intimos segredos da sua ambição, e medindo a grandeza do impeto com que as paixões lhe agitavam o coração. O padre Vieira viu o effeito que produzia o seu olhar, e logo, baixando a cabeça e tomando uma postura humilde, disse:

— Perdôe-me vossa alteza a liberdade com que lhe fallei. Eu bem sei o pouco que valho, o pouco que posso; bem sei que quem, como eu, anda tão longe do

mundo, e tem olhos de tão pouca vista, não póde ver muito d'elle, ainda mesmo ajudado pela experiencia: mas é tal o amor que tenho a vossa alteza e a este reino, que, tendo vindo a Lisboa por causas que particularmente se referem ás missões do Maranhão, onde eu tenho sempre a saudade e o desejo, não pude deixar de vir chorar aos pés de vossa alteza as desgraças de Portugal e da fé.

— Fizeste bem, padre Antonio Vieira, fizeste bem em me aconselhar; porque os vossos conselhos, para os que os ouvem, são luz que se accende nas trevas confusas do entendimento, e esclarece e illumina tudo — disse o infante, commovido e exaltado por essa influencia magnetica que os homens de talento superior exercem ainda sobre os espiritos menos elevados.

— Estamos cercados de inimigos, senhor. Castella

s maus hoje lançaram n'um sepulcro, d'onde só a poerosa mão de vossa alteza a póde arrancar ainda.

— Ficai comigo, padre Vieira. As vossas palavras ão-me força; preciso de vós para não perder a coraem na lucta! — exclamou D. Pedro.

— Fui accusado pela santa inquisição, meu prinipe. Os carceres de Coimbra estão-me esperando, e ão posso demorar-me mais tempo fóra d'elles. Não abe vossa alteza que eu, eu delinqui contra a fé, esrevi e proferi proposições hereticas, temerarias, mal oantes, e escandalosas, que perverti, adulterei, torci iolentamente o verdadeiro sentido da Sagrada Escriitura com intentos particulares?

— E essas accusações...

— Foi o santo officio que m'as fez; e que por ellas ne condemnará talvez... a ser queimado em auto de fé.

— Isso não succederá de certo. Sou eu que vol-o affirmo, padre Vieira.

— Seja feita a vontade de Deus.

— Se vos ides para Coimbra, como poderei receber os vossos conselhos?

— Os meus conselhos nada valem, de nada podem servir a vossa alteza. Chame vossa alteza para junto de si o padre Manuel Fernandes, que tem até hoje vivido no seu retiro da Cotovia; mas que póde ser para vossa alteza de grande proveito na difficil situação em que as coisas se acham actualmente.

— Fal-o-hei meu confessor.

— Eu não ousava propol-o a vossa alteza para con-

fessor; mas como foi vossa alteza que d'isso se lembrou primeiro, dir-lhe-hei que nenhum conselheiro espiritual podia vossa alteza achar melhor do que o padre Manuel Fernandes, filho humilde de Santo Ignacio. Agora peço licença a vossa alteza para me retirar. São horas de eu voltar para o collegio de Santo Antão; porque ámanhan de madrugada hei de partir para Coimbra.

— Ide, ide-vos, padre Antonio Vieira: e que Deus vos tenha na sua guarda.

— Deus conserve por muitos annos a vida a vossa alteza, como eu e este reino havemos mister — disse o jesuita ajoelhando e beijando a mão do infante.

— E a mim, a este reino, a todos nós dê o Senhor dias de paz!

— *Gloria in excelsis Deo, et in terra pax!* — acu

CAPITULO XXX.

A CASA DA TIA BRIZIDA.

Quando já noite fechada, Thereza, a casta e meiga provinciana, voltou com a sua velha tia Brizida, da Graça, onde tinha ido resar vesperas, ao Côrte-Real onde deixara Francisco d'Albuquerque entregue aos cuidados de Diogo Cutilada, achou a casa do infante n'aquella confusão e desordenado alvoroço, que, dissemos n'um dos precedentes capitulos, produzira o subito e inesperado desapparecimento do moço capitão.

Quando soube o que succedera, a desditosa Thereza, com a alma traspassada de dor, com o coração oppresso pelo pranto que a intensidade da angustia não deixava correr livre, pallida, convulsa, murmurando apenas sons confusos que mais pareciam soluços que palavras, deixou-se levar por Luiz de Mendonça e pela beata Brizida á casa, em que esta vivia a Santo André.

A casa da tia Brizida, de que já hoje não restam vestigios, ficava situada perto do Arco de Santo André, á esquina do becco denominado dos Açougues. Era uma casa de um só andar, pequena, triste, com duas janellas fechadas por apertadas jelosias, em que apenas se abriam adufas tão estreitas, que mal por ellas podia passar a cabeça da curiosa beata, e uma grossa porta reforçada por duas trancas, e toda chapeada de ferro. Na parede, entre as duas janellas, estava representado em azulejo o milagre de Santo Antonio prégando aos peixes; e defronte d'esta devota imagem, pendurada a um braço de ferro, havia uma lampada de metal amarello, que a velha Brizida cuidava em ter sempre bem accesa e espivitada.

O interior da casa correspondia perfeitamente ao exterior. Percebia-se em tudo alli a minuciosa vigilancia, os cuidados assiduos, a devoção excessiva, a rabugenta austeridade da velha beata que, não tendo nada a esperar no mundo, volta para o ceo grande parte dos seus pensamentos, e emprega em ordenar, dirigir e reger o pequeno imperio da sua casa, o que lhe resta de mundano; que ordinariamente não é pouco.

A sala, segundo a propria expressão da tia Brizida, era mesmo um *palmito*. As seis cadeiras de coiro lavrado, que a mobilavam, estavam tão limpas e polidas, que pareciam espelhos: a pregaria, que as ornava, luzia como se fosse de oiro puro. As duas commodas de pau santo, que ornavam as paredes lateraes da sala, com seus pés em fórma de garra e enfeitadas de enor-

argolões amarellos, causariam hoje pasmo a qual-
· amador de antigualhas. Sobre uma d'ellas estava
ı bella dobadoira, toda marchetada de marfim, cin-
. por uma meada de linhas alvissimas. Era esta
adoira muito estimada pela velha beata, porque ti-
certo ranger harmonioso e variado, desde o esta-
da segarrega até ao chiar do carro, que a ajuda-
a pender compassadamente nas noites de inverno,
ndo ella, para se distrahir, dobava, resava, e dor-
ao mesmo tempo. Sobre a outra commoda estava
Menino Jesus de cera, deitado em cama de algodão,
·e a qual brilhavam, como pedras preciosas, estrel-
as de papel pintado. Encostada á parede que ficava
ıteira á janella estava uma papelleira grande, tam-
ı de pau negro entalhado com arabescos amarellos,
rnada nos cantos de columnas de fuste encanado,
ı base e capitel dorico, e carrancas de bronze lavra-
com perfeição: esta papelleira servia de altar ao
to mais querido, mais adorado, mais festejado de
ntos a beata tinha em casa. Este santo, a quem to-
os dias se resavam n'aquella devota casa tres res-
sos e uma ladainha, era um Santo Antonio, bello,
do e rubicundo como um frade, que era; com o
habito negro, o seu cordão doirado á cinta, um li-
servindo de pianha a um Menino Jesus no braço
ito, e um rosario de perolas na mão esquerda. Na
ıha do Santo Antonio havia flores, aos lados, em
as de loiça da India, havia flores, por cima da ca-
a, emfim, em fórma de docel cruzavam-se tres pal-

mas bentas com seus palmitos de flores. Quatro castiçaes de prata com côtos de cera branca esperavam a hora das resas diarias para brilharem em honra do santo. Mas o que nunca se apagava, o que ardia sempre noite e dia era a torcida de uma lampadasinha de vidro, cautelosamente mettida dentro de um pires de porcellana, para evitar que o diabo, sempre inimigo de gente devota, não fizesse cahir d'ella algum morrão sobre a toalha de linho, ornada de rendas, com que a tia Brizida cobria a sua papeleira rica.

A razão d'este amor e estima particular, em que a tia Brizida tinha o seu Santo Antonio, era o ter-lhe sempre confiado todos os seus segredos desde a mais tenra infancia. Quando em pequena queria ir a alguma egreja ouvir cantar os padres em côro, ou a algum convento de freiras comer doces, Brizida resava um responso ao seu santo. Quando, já mulhersinha, sentiu tal ou qual attracção por um mercador seu visinho, foi ainda ao santo que ella confiou esse segredo. Quando mais tarde, vendo que não podia achar marido, deu em em beata, todo o fervor da tia Brizida pelo seu Santo Antonio recresceu, e fez-se quasi paixão. Se perdia alguma coisa, accendia as vellas do Santo Antonio, e pedia-lhe que a ajudasse a buscar o que havia perdido: se chovia a horas de missa, resava ao santo para que parasse a chuva: se trovejava, pegava-se com o seu protector para que lhe não cahissem raios em casa: emfim, se a velha Brizida emprehendia a feitura d'algum prato de ovos molles ou de manjar branco para mimosear o

enhor frei Thomaz do Espirito Santo, seu confessor, ra ainda ao seu bemaventurado Antonio que ella con- ava o bom exito da difficil tarefa. O Santo Antonio a papelleira era o protector, o guarda, o amigo, o ono da casa da tia Brizida. Dizemos o Santo Antonio a papelleira, para distinguir esta imagem de muitas utras do mesmo santo que havia em casa da velha eata. Esta imagem tinha feito grandes milagres, em uanto as outras, se alguma coisa faziam, era tão pou- o, que nem honras, nem orações particulares mere- iam á devota tia de Thereza.

O quarto em que dormia a beata não era menos otavel e digno de admirar-se do que a sala, pelo ceio e bom arranjo com que cada objecto permanecia nvariavelmente disposto no logar que, havia mais de inte annos, lhe marcara a minuciosa vontade de sua lona. O leito de madeira arrendada tinha no centro da abeceira dois anjos, sustentando uma concha com igua-benta, e era rematado por uma cruz. Cortinas erdes, e uma colcha de ramagem escura, completa- ram o aspecto severo da cama da velha Brizida. As aredes estavam quasi forradas de alto a baixo de ima- ens de santos, cruzes, medalhas bentas e relicarios. obre uma mesa viam-se, symetricamente dispostos, lois ou tres rosarios, um livro de orações, um cruci- ixo de oiro, etc.

A casa, que a tia Brizida destinara para quarto de ua sobrinha, era a que ella chamava o *seu oratorio:* asa pequena, triste, onde apenas entrava luz por uma

fresta, e cujo movel principal era uma especie de altar, sobre o qual estava um enorme presepio, digno de ser tomado por modelo de mau gosto, desproporção, falta de perspectiva e inverosimilhança.

Representava aquelle presepio uma montanha escabrosa e de aspera penedia, em que espontaneamente nasciam rosas do tamanho de pinheiros, e pinheiros do tamanho de malmequeres. Era esta montanha dividida em tres planos. No primeiro e mais inferior abria-se uma caverna, dentro da qual estava o Menino Jesus recem-nascido deitado sobre flores, com Nossa Senhora ao pé, de joelhos e como em oração, e a pouca distancia S. José serrando um tronco de arvore, com a attenção e actividade de um diligente carpinteiro. Á entrada da caverna já vinham chegando os Reis Magos, com suas coroas na cabeça, e sceptros na mão, segui-

o rio Jordão; e além do rio, via-se Christo no horto das oliveiras, ajoelhado, e a receber das mãos de um anjo meio escondido em nuvens de algodão, o calix da amargura. No mais alto da montanha estava um crucifixo de mais de dois palmos de altura, pallido, macerado, e manchado de sangue; com as tres Marias aos pés, e os dois ladrões aos lados. O aspecto geral d'este presepio tinha o quer que era de triste, de aterrador, assim coroado pelas figuras de tres crucificados, que, apesar da extraordinaria imperfeição com que estavam moldados, deixavam ver em toda a sua crueza e horror, como as producções singelas da meia-idade, os padecimentos de uma atroz agonia.

Pendurado da parede, por cima do presepio, estava um quadro representando S. Francisco em extasi; cópia imperfeita de um d'esses quadros de Zurbaran, em que os rigores e severa austeridade do ascetismo se acham expressos em toda a sua piedosa grandeza. A cabeça do santo livida e descarnada, quando ao cahir da tarde lhe dava de lado o tenue clarão, que entrava a custo no quarto pela estreita fresta, parecia desprender-se do quadro e agitar-se como movida pelos ardores de fervorosa oração. Á luz oscillante da lampadasinha, que a tia Brizida accendia á noite no *oratorio*, aquella terrivel cabeça tornava-se mais livida, e o resto do quadro mais tenebroso; então parecia que os beiços se lhe agitavam em convulsão, e dos olhos lhe marejavam lagrimas.

Foi para esta casa silenciosa e sombria, foi para

este funebre quarto, onde tudo infundia tristeza e causava pavor, que levaram, quebrada pela dor, consumida pela saudade, ralada pela desesperação a infeliz Thereza. Sensivel, meiga, naturalmente melancolica, a alma da desditosa noiva de Francisco d'Albuquerque, já profundamente lacerada por tantas e tão grandes catastrophes, não podia deixar de ser dolorosamente impressionada pela severidade monacal, o devoto ascetismo, a immobilidade, o silencio da casa da velha beata.

Nada alli a distrahia das suas magoas, coisa alguma lhe suavisava a inconsolavel saudade, que ella sentia por aquelle a quem já não queria como a amante, mas por quem tinha um sentimento mais casto, mais sublime talvez, mais duradoiro e desinteressado de certo do que o amor: a mizade. A amizade da mulher para

tínuo de suas amargas penas, era obrigada a ler uma ou duas horas os sermões do padre Vieira, ou a vida de algum santo.

A unica pessoa que a tia Brizida recebia em casa era o seu confessor, o senhor frei Thomaz do Espirito Santo. Este frade graciano, homem dos seus quarenta annos, era digno de occupar o primeiro logar entre as coisas feias, que se encontravam em casa da devota beata. Amarello como uma cidra, frei Thomaz tinha um rosto longo, perfeitamente desproporcionado e feio. A testa, que não tinha mais de dedo de altura, era assombrada por cabellos negros, crespos, grossos, similhantes a lan de carneiro: os olhos eram como os da toupeira, pequenos e sem brilho; vistos atravez dos enormes oculos, que dois fios de seda prendiam atraz das orelhas do graciano, apenas se figuravam como dois pontos negros; o nariz era longo, grosso e como quebrado proximo á ponta: a boca não contrastava, antes se harmonisava em tudo com o resto da physionomia; era larga, ornada de duas ordens de dentes amarellos, e, nas pouquissimas vezes que frei Thomaz fallava ou ria, curvava-se do modo mais desgracioso e desconsolado que imaginar se póde. Havia comtudo na feia cara do frade uma expressão de bondade e de singeleza, ou para melhor dizer de absoluta nullidade, que modificava até certo ponto a desagradavel impressão que o seu aspecto causava a quem o via pela primeira vez.

Frei Thomaz do Espirito Santo rarissimas vezes

fallava, como dissemos; e quando o fazia difficilmente passava além do monosyllabo. No começo da sua vida monacal o bom do frade, quando se via na precisão de travar conversa com algum dos seus companheiros de convento, buscava animal-o a fallar sempre, para se não ver na triste necessidade de pronunciar uma phrase: para isso, cada vez que via o outro frade terminar um periodo da conversação, fazia-lhe uma careta que similhava um sorriso, e dizia-lhe um «sim» animador, balanceando a cabeça. Mais tarde, quando se apercebeu de que este monosyllabo era longo de mais, modificou-o sensivelmente e reduziu-o a um som sibilante, que representava apenas a primeira lettra do impertinente monosyllabo.

Era tambem este som inarticulado, e as palavras rituaes da absolvição, que frei Thomaz unicamente fa-

por coisa alguma do que se passava em roda d'ella. Fazia tudo como automaticamente; e nem a oração, allivio e suave consolo dos desventurados, lhe allumiava a alma com um rapido clarão de esperança, lhe commovia o coração com esse brando estremecer, esse vibrar de todas as fibras, que desfaz pouco a pouco a tenebrosa cerração, em que a dor parece envolver os desgraçados nos dias de maior angustia. A esta insensibilidade, se assim se póde chamar o torpor moral causado pela grandeza do padecer, seguiram-se dias de pranto e de mudez. Cada palavra, que pronunciava, era um sacrificio: cada vez que uma causa exterior a distrahia de suas tristes cogitações, sentia a pobre Thereza dilacerar-se-lhe o coração; como se receasse ver apagadas para sempre as imagens queridas, que na fantasia se lhe desenhavam dia e noite.

Mais tarde, veio o desejo incessante de fallar de Francisco d'Albuquerque, de ver os outros interessarem-se pela sorte do infeliz capitão; de repartir emfim os tormentos que a consumiam com quem lh'os ajudasse a supportar. Foi então que Thereza olhou em torno de si, e percebeu a solidão em que se achava, e se aterrou com o triste aspecto d'aquella casa em que a haviam encerrado.

Costumada á vida de provincia, ao ar, á luz, ao perfume das flores, á liberdade do campo, á harmoniosa ondulação da aragem correndo por entre as folhas, e ao gorgear das aves voando de ramo em ramo, Thereza sentiu-se como encerrada n'um tumulo. Ar,

só coado pelas malhas da espessa gelosia ella o podia respirar: luz, só a de algum raio de sol amarellado e obliquo descendo a custo ao estreito becco dos Açougues, e a que, nem ao menos, podia aquecer as mãos, é que de longe ella podia gosar: flores, só as que enfeitavam os santos é que perfumavam a casa da tia Brizida: harmonias, só ouvia as que a dobadoira impertinente da beata, e o seu psalmear contínuo e monotono de ave-marias, formavam todos os serões n'aquella melancolica habitação. A solidão é o que sobretudo pesava á triste provinciana. Buscou fallar de Francisco com a tia Brizida: mas esta, que voltara a casa com saudades dos seus habitos de quarenta annos, de que, por causa de sua sobrinha, se havia alguns dias afastado, só no seu querido Santo Antonio, em frei Thomaz e em beaterios sabia e queria cogitar. Josepha era

seu torpor, com a esperança de saber alguma coisa ácerca do desapparecimento de Francisco d'Albuquerque: mas quando, ás perguntas da beata feitas através do ralo da porta, ouvia Mendonça responder: — « Nada se sabe ainda; não ha nem vestigios d'elle » —, a infeliz orphan tornava a perder-se de novo nas suas melancolicas reflexões. Pouco a pouco, porém, Thereza foi-se habituando áquella voz que perguntava por ella com sincero interesse, e fallava d'aquelle, cuja perda tão amargamente chorava. Logo que pôde, foi ella propria á porta perguntar noticias, indagar se alguma coisa se havia descoberto d'aquelle mysterioso successo que lhe cobrira o coração de lucto. Se alguma vez Luiz de Mendonça tardava, Thereza, impaciente, corria de minuto a minuto á janella, e levantando a adufa olhava para o arco de Santo André, ou para a rua de S. Thomé para ver se elle chegava. Se o moço fidalgo do infante faltava alguma tarde em casa da tia Brizida, Thereza não podia dormir de noite; estava impaciente, afflicta, lavada em lagrimas todo o seguinte dia, e quando Mendonça voltava, fazia-lhe amargas queixas, pedia-lhe encarecidamente que a não deixasse n'aquella penosa incerteza tantas horas, que a não abandonasse em tão insupportavel solidão.

Mendonça, porém, só pouco tempo se demorava a fallar com Thereza, porque a tia Brizida não consentia que elle lhe entrasse em casa. E o elegante mancebo estava vivamente sentido pelo que, apesar de saber avaliar as exquisitices e exagerações de uma beata do seu

sua sobrinha me pedia que deixasse entrar
Luiz de Mendonça — Sabe Deus o que se d
ahi de o verem todas as tardes entrar para a e
meu bemaventurado Santo Antonio me valha
quero que se pense mal da minha casa, filha
ninguem teve que lhe dizer até tu vires vive
— Mas, minha rica tia — acudia There
vê que eu se fallo com Luiz de Mendonça é s
ber se ha alguma noticia de Francisco...
— Agora depois de morto! Pobre rapaz,
falle n'alma!
— A mim custa-me a crêr que elle morre
da não perdi a esperança de todo.
— Mas para teres essas noticias basta fa
instante com Luiz de Mendonça; não é precis
cá entre em casa.
— A falta de confiança com que minha ti
tem-lhe causado muita pena: e se não fosse
de mim, elle ainda m'

meu irmão, que Deus haja, te havia creado com muito mimo. Se tua mãe, — uma santa era ella —, se tua mãe não morresse quando tu eras ainda pequenina, ter-te-ia dado bons conselhos, e ensinado tudo o que uma donzella honesta deve saber.

Pouco satisfeita com o sermão de que não carecia, e verdadeiramente magoada com o não ter alcançado o que innocentemente desejava, Thereza ficava, depois de ter fallado com a tia Brizida, mais triste, mais saudosa, mais só do que nunca. Fechava-se na casa do oratorio, que lhe servia de quarto, e ahi chorava horas esquecidas. Era então que as imagens que a cercavam lhe pareciam funebres como a agonia, asperas e horriveis como os extasis asceticos que representavam. Em vez de lhe excitarem sentimentos religiosos, o corpo descarnado e contorcido de Christo na cruz e o rosto livido e macerado de S. Francisco faziam-lhe pavor, causavam-lhe susto, aterravam-a.

O coração do homem é tão imperfeito como o seu espirito; é como elle egualmente sujeito a enganar-se, a tomar o erro pela verdade, a tomar o que é apenas ficticio pelo que é puramente real! As allucinações do coração não são menos extraordinarias do que as que offuscam a intelligencia; mas são quasi sempre mais duradoiras. Quantas vezes o coração, agitado por essa necessidade de sentir que continuamente o traz inquieto, se deixa prender por laços que mais tarde, quando passa a illusão, deseja quebrar para sempre? Quantas, enganado pela propria grandeza, julga amar nos outros

as nobres paixões que estão n'elle proprio? Quantas, arrastado pela imaginação — o coração tem tambem faculdades distinctas como a alma — quantas vezes, repetimos, arrastado pela imaginação cria elle em roda de si um mundo em que tudo são felicidades, ou, o que é mais geral ainda, um mundo triste, tenebroso, medonho? Muitas vezes o coração tem esperanças que nada justifica, desejos que nada póde satisfazer: ama o que não póde possuir, é indifferente ou odeia o que possue. Muitas vezes toma o habito pelo sentimento; confunde a amizade com o amor; o vago desejo com a paixão; a sympathia com as mais vivas sensações. Ás vezes é um accidente que quebra as illusões do coração: outras é a acção lenta do tempo. Ás vezes é a paixão ficticia que se desfaz como os vultos informes que levanta dos valles o tenue nevoeiro da madrugada: ou-

lhe causou o apparecimento subito de uma rival preferida, quando ella, meiga como um anjo, solicita como a caridade, passava dia e noite á cabeceira do capitão moribundo; quem tiver por experiencia propria algum conhecimento do modo como no coração se transformam os sentimentos, se desenvolvem surdamente as paixões, sem grande difficuldade descobrirá a causa d'aquelle desejo, d'aquella necessidade irresistivel que a candida provinciana tinha de consolação, de amizade, de meigas palavras, de alguma coisa emfim que lhe suavisasse o amargor da solidão em que vivia.

Vendo que nada podia alcançar directamente da velha beata, Thereza resolveu-se a pedir a frei Thomaz que intercedesse por ella. Uma tarde que a tia Brizida fôra ao Salvador assistir a uma novena, e que ficou só com o silencioso frade, Thereza resolveu-se a aproveitar o ensejo para pôr em execução o projecto que formara de conquistar a vontade do confessor de sua tia.

— Senhor frei Thomaz — começou ella quando se viu só com o frade — quero pedir-lhe um conselho e um favor.

O frade, a quem Thereza nunca até alli dissera palavra, estremeceu ao ouvir-lhe a voz; e levantando a cabeça fez-lhe um gesto para indicar que estava prompto para a escutar.

— Eu estava noiva do capitão Francisco d'Albuquerque, quando meu pae morreu. Não sei se minha tia lhe contou já a minha triste historia?

— Sss — fez o frade com um gesto affirmativo.

— E sabe tambem que este infeliz capitão foi
ma... — Aqui Thereza lembrou-se que frei Thom
Espirito Santo era do mesmo sentir que sua tia
é, seguia o partido do valído. — Sabe que Fran
desappareceu da casa do senhor infante?

— Sss! — repetiu o graciano.

— Eu ainda não perdi a esperança de o tor
ver. Não creio que elle morresse, que o matas
Era um pobre provinciano que nunca fez mal a
guem. Espero cada dia ter novas d'elle; e quand
mo hoje, Luiz de Mendonça não vem, fico afl
doente, porque receio que elle se esquecesse de n
trazer alguma boa nova.

Thereza calou-se depois d'estas palavras, e
Thomaz ficou a olhar para ella, esperando que lh
plicasse a razão por que o havia tirado do seu so

— Luiz de Mendonça está penalisado de ser tractado assim pela tia Brizida. É um fidalgo costumado aos usos da côrte, e custa-lhe o ser tractado com tão pouca consideração. Se não fosse tão boa pessoa, se não tivesse tanto dó de mim, ha muito que deixaria de qui vir.

Thereza tornou-se a calar; e frei Thomaz a fazer um esforço sobre si mesmo para perguntar:

— O favor?

— Vossa reverendissima é quem podia convencer minha tia de que não ha peccado, não ha nenhum motivo de escrupulo em admittir em casa um homem tão honrado, tão nobre, tão virtuoso como Luiz de Mendonça. Não é esta a sua opinião, senhor frei Thomaz?

— É.

— Então promette fallar a minha tia n'isto, persuadil-a a mudar de resolução?

— Sss..

— Diga, senhor frei Thomaz: responda-me.

— Sim — disse o laconico graciano fazendo um esforço para pronunciar o monosyllabo, cujo uso abandonara havia muitos annos.

Frei Thomaz cumpriu a sua promessa; e Luiz de Mendonça, em vez de ser recebido na escada e de fallar com Thereza através do ralo da porta, foi admittido na casa da devota Brizida.

CAPITULO XXXI.

MADEMOISELLE NINON DE AMURAUDE.

Luiz de Mendonça acabava de chegar de Santo

—acudiu Luiz de Mendonça, approximando-se do infante.

—Ah! Já ahi estavas! Esta carta é preciso que esta noite mesmo fique entregue... se fôr possivel.

Mendonça recebeu a carta da mão de sua alteza, e fez uma reverente mesura.

— Entrega-a em mão propria, se sua magestade te fizer a honra de te admittir á sua presença. Senão dal-a-has a mademoiselle d'Amuraude.

Fazendo nova reverencia Luiz de Mendonça sahiu da galeria, correu ao quarto a vestir-se á franceza com todo o primor e elegancia d'aquelles tempos faustosos, e, embuçando-se n'uma ampla capa, cor de violeta, encaminhou-se para o paço.

A senhora Agostinha, a severa porteira da *portaria das Damas do paço*, que o leitor já conhece, quando ao abrir a porta deu com Luiz de Mendonça, nem pareceu admirada de que o moço fidalgo a viesse incommodar áquella hora, nem fez exclamações, quando este lhe disse, que precisava fallar a mademoiselle de Amuraude; pelo contrario, mostrando-lhe n'um faceiro sorriso os seus dois ultimos dentes, disse:

— É o senhor Mendonça! Entre, entre que a menina Ninon ainda agora aqui esteve, a perguntar se vossa mercê não tinha apparecido por aqui.

— Pois vá dizer a mademoiselle Ninon, que eu trago um recado para lhe dar, que a espero aqui.

— Nada, nada. Venha subindo comigo, que ella não tarda ahi um minuto — disse a velha porteira fe-

chando a porta, e começando a subir com a ligeireza que lhe permittiam as suas tropegas pernas, a escada que levava ao corredor do dormitorio das damas, onde Luiz de Mendonça esperara, a primeira vez que veio ao paço com uma carta do infante para a rainha, que sua magestade o recebesse na sala *do lavor*.

Depois d'esta primeira mensagem, Mendonça voltara mais tres vezes ao paço com recados do infante para a rainha; mas em todas tres não só a entrada no mysterioso corredor lhe fôra vedada, o que pouca pena lhe havia causado, senão que em nenhuma lhe fôra concedido fallar e beijar a mão a sua magestade, o que profundamente o magoara. Mendonça parou pois na escada, á entrada da porta do dormitorio das damas, ancioso, tremulo, com o coração opprimido pela incerteza, pela desesperança de ver aquella por quem elle sentia um irresistivel amor: e ahi ficou esperando que a senhora Agostinha fosse chamar mademoiselle Ninon d'Amuraude.

Não tardou muito que se não ouvissem no corredor passos rapidos e ligeiros, accentuados pelo bater dos chisposinhos de pau no ladrilho. Abriu-se a porta, e Mendonça viu, á luz do lampadario suspenso no topo da escada, a gentil Ninon d'Amuraude.

— Senhor Luiz de Mendonça! — disse Ninon fazendo-lhe uma mesura.

— Mademoiselle Ninon! — murmurou Mendonça fazendo uma reverencia.

— Que quer vossa mercê de mim?

— Uma carta do senhor infante para sua magestade...

— Dê-m'a cá — acudiu Ninon estendendo a mão, e sorrindo com travessura.

— Tenho ordem de sua alteza...

— Que ordena sua alteza?

— Que a entregue eu mesmo á rainha, nossa senhora.

— O senhor infante pensa que as suas mensagens serão mais bem recebidas pela rainha, minha senhora, quando vossa mercê lh'as entregar em mão propria? — perguntou a franceza, contendo a custo uma gargalhada.

— Eu repito apenas o que sua alteza me ordenou — atalhou Mendonça despeitado.

— Não duvido. Mas o que eu queria é que vossa mercê me explicasse a razão por que sua alteza lhe deu essa ordem.

— Não me cumpre a mim interpretar as intenções do senhor infante.

— Bem sei, bem sei. Mas eu queria saber só se o senhor infante duvida confiar-me as suas cartas, para eu as levar a sua magestade.

— Não, de certo que não.

— Então deve haver outro motivo...

— Estamos aqui a fallar um com o outro, e nossos amos esperam.

— Já está enfastiado de fallar comigo? — perguntou ella, lançando a Luiz de Mendonça um olhar lu-

zente, que podia decifrar-se, ou como uma zombaria, ou como a expressão de um amor nascente.

— Não, mademoiselle Ninon: lembro-me dos meus deveres, e mais nada.

— E para se lembrar dos seus deveres, que estão ausentes, esquece-se de mim, que estou presente — disse ella.

— Não é possivel esquecer-me...

— Bem dizia sua magestade outro dia! — murmurou Ninon.

— Sua magestade dignou-se fallar em mim? — perguntou elle, ancioso.

— Sua magestade... fallou, fallou em vossa mercê ha pouco; quando estavamos, as damas francezas, a comparar a côrte d'aqui com a d'el-rei Luiz XIV.

— E que disse?

— A côrte do grande Luiz XIV é muito differente da côrte de Portugal — disse mademoiselle d'Amuraude, rindo. — Não se tracta agora de comparar as duas côrtes, mas sim de entregar a carta do senhor infante — proseguiu ella. — Dê-m'a vossa mercê, para eu a levar á rainha.

— Não é possivel ter eu a honra de beijar a mão de sua magestade?

— Talvez: mas é preciso que eu saiba primeiro se a rainha o quer admittir á sua real presença a esta hora. É contra a etiqueta, contra os usos da côrte; e não é provavel que sua magestade consinta em faltar, por causa de vossa mercê, aos preceitos da respeitavel camareira-mór, da senhora marqueza de Castello-Melhor — disse d'Amuraude com ironia.

— Eu esperarei pelas ordens da rainha — respondeu Luiz de Mendonça.

Ninon olhou um instante para elle, e lendo-lhe na cara a magoa com que pronunciara estas palavras de resignação, em vez de se commover pareceu sentir com essa magoa uma alegria maligna. Sorriu-se, e estendendo para Mendonça a mão alva, pequena e de uma fórma perfeitissima, disse-lhe:

— É de um vassallo que sabe amar devéras a sua soberana esse desejo que vossa mercê mostra ter de beijar a mão á rainha. Farei o que estiver ao meu alcance para que obtenha a felicidade que appetece, senhor: mas se a rainha não consentir em o receber

hoje, quero ao menos que, para se consolar, escute alguns instantes a voz de sua magestade.

— Como?

— Siga-me — respondeu ella, fazendo signal a Luiz de Mendonça que a seguisse. E entrou no dormitorio das damas.

Mas apenas tinha dado alguns passos parou, e pondo a mão direita no braço do moço fidalgo, e levando á boca o indicador da mão esquerda, como para recommendar silencio, ciciou-lhe ao ouvido:

— Nem palavra. Ande nos bicos dos pés, para que o não oiçam.

— Para onde me leva? — murmurou Mendonça.

— Para ao pé da rainha.

— Sem seu consentimento?

— Ella não o verá; não saberá que vosso [illegible]

— Aqui está. — E Mendonça entregou-lhe a carta de D. Pedro.

Vendo que elle voltava triste e abatido para a escada, Ninon d'Amuraude tornou a pegar-lhe do braço, e detendo-o, perguntou-lhe:

— Então recusa?

— Eu...

— Venha. E prometta guardar inviolavel segredo de tudo que ouvir...

— Pois hei de ir surprender os segredos da rainha...

— Não creio que a rainha esteja fallando agora dos seus segredos; se o acreditasse não levaria a vossa mercê onde lh'os pudesse escutar. Mas como sua majestade, quando conversa com as suas damas em intimidade, manifesta sempre saudades da nossa cara França, que não são muito lisongeiras para os portuguezes — proseguiu sorrindo a d'Amuraude — parece-me conveniente que prometta, senhor, não repetir a ninguem uma só das palavras que ouvir.

— Não é preciso prometter. As palavras de sua magestade são um thesouro que eu só para mim quiera conservar intacto.

— Prometta sempre...

— Juro.

— Então venha; que este logar aqui não é conveniente para uma rapariga estar conversando em segredo com um moço fidalgo. Cada uma d'estas portas tem dois olhos que tudo espreitam, e creio que mil bocas

para contar, não só o que os olhos viram, mas até o que desejavam ver.

Os leitores talvez se recordem ainda que o corredor, em que se passava esta scena, ia dar á porta da sala onde trabalhavam ao serão as *moças de lavor* da rainha. Foi por essa porta que mademoiselle Ninon fez entrar Luiz de Mendonça. A sala estava deserta e quasi ás escuras; e, pé ante pé, a graciosa franceza e o seu companheiro tinham-a já atravessado, sem que nada se oppozesse ao bom exito d'aquella excursão nocturna, que elle emprehendera levado só por um irreflectido sentimento de amor e ella por bondosa commiseração, ou, quem sabe? talvez por um pensamento malicioso; quando uma porta se abriu, e appareceu na penumbra de escassa luz, que vinha da casa immediata, o vulto de um homem.

Apertando o braço de Mendonça, mademoiselle de Amuraude murmurou-lhe ao ouvido:

— Embuce-se na capa, e não diga palavra. É Es-

ntrar-lhe subita e inesperadamente na alma. Foi como se o sangue se lhe conglobasse todo longe do coração, para depois vir em massa a quebrar-lhe o peito, a pprimil-o, a suffocal-o: foi como se as ideias se lhe xtinguissem por um instante, para depois voltarem os milhões, confundidas, mutiladas, em inextricavel ardume.

Deu alguns passos para se approximar de Ninon, e ia para soltar um grito, quando esta, pondo-lhe a mão na boca, lhe disse baixinho:

— Cala-te, Estevão.

— Ninon!... — exclamou Estevão suffocado.

— Cala-te, que t'o peço eu.

— Quem é este homem? — acudiu elle com colera.

— Segredo da rainha...

— Da rainha! Sua magestade sabe...

— Não sabe; não sabe ainda! Deixa-nos, vai-te. Fia-te em mim, que te amo.

E pondo outra vez a mão na boca do francez para que elle lh'a beijasse, repetiu mais baixo:

— Amo-te.

Castilho, em vez de beijar a mão da sua noiva, deiou a cabeça para traz, murmurando apenas alguns ons inarticulados, e sahiu rapidamente da sala.

— Meu pobre tigre — disse entre triste e alegre ademoiselle d'Amuraude — hei de quebrar-te as iras.

— Compromette-se por minha causa, senhora; e u não posso consentir... — acudiu Mendonça, que asistira afflicto a esta scena de ciume.

— Não importa — atalhou ella. — Não me comprometto. É bom que Estevão vá perdendo os zelos para poder ser um bom marido. Vamos; não nos demoremos mais aqui.

Luiz de Mendonça deixou-se conduzir então por um corredor estreito e bastante comprido, onde não havia nem o minimo clarão de luz. No fim do corredor Ninon abriu cautelosamente uma porta, afastou um reposteiro, que pelo ranger o moço fidalgo percebeu que era de droga de seda, e fazendo-o entrar em uma casa, cujo chão estava coberto por fôfa alcatifa em que os pés pousavam sem causar ruido algum:

— Espere aqui por mim — lhe disse ella. — Escute, e ouvirá a voz da rainha. Até já. Silencio e prudencia.

E largando o reposteiro, sahiu, deixando Luiz de

CAPITULO XXXII.

SEGREDOS DA RAINHA.

Luiz de Mendonça tremia todo; escalafrios contínuos lhe percorriam o corpo, como se estivesse em perigo de vida. Intima voz lhe dizia que n'aquelle instante elle ia perder a sua ultima illusão, se não a sua ultima esperança. E para os homens da tempera de Mendonça, que na lucta da vida tem visto apagarem-se, extinguirem-se umas atraz das outras a maior parte das suas primeiras crenças, não tanto pelos influxos nocivos da sociedade, pelos actos praticados por aquelles a quem tem querido com todo o fogo das paixões juvenis, como pela contínua acção corrosiva do seu proprio espirito, sempre prompto a despoetisar pela desconfiança, pelo receio exagerado de se enganar, os mais castos, mais suaves, mais bellos sonhos da alma, o susto de ver desapparecer a felicidade phantasmagorica

que, á custa de arte, pelo esquecimento do passado, pela combinação de antigas recordações e de saudades ainda não extinctas com vagas esperanças, elles poderam pela ultima vez imaginar, é peor, muito peor que o susto da morte. Mendonça tremia, porque no espirito lhe pesava indefinido receio, que os esforços da sua razão buscavam em vão destruir.

Do lado opposto áquelle por onde elle entrara no mysterioso camarim vinham sons de vozes femininas, interrompidos ás vezes pelos sons mais agudos e entrecortados de vibrantes gargalhadas. Quando a primeira perturbação se lhe calmou um pouco, Mendonça começou a perceber distinctamente o que se dizia, e reconheceu entre aquellas vozes a voz da rainha. Movido por uma força intima que irresistivelmente o impellia, o moço fidalgo foi-se pouco a pouco approximando do

Aqui a rainha foi interrompida por um côro de louvaminhas, a que Mendonça juntou em espirito mil phrases da mais requintada lisonja, mas que eram apenas a expressão incompleta da sua sincera admiração.

— Para as satisfazer repetir-lhes-hei os meus versos — disse a rainha. — Mas hão de dizer-me sinceramente o que pensam d'elles. São em francez já se sabe, mas quasi todas me podem entender.

A estas palavras seguiu-se um profundo silencio. A conversação precedente fôra em castelhano, porque parte das damas que estavam com a rainha eram portuguezas, e não fallavam o francez, e por isso Luiz de Mendonça percebera tudo quanto se havia dito. O castelhano era-lhe familiar como a todos os portuguezes n'aquelle tempo. Para entender, porém, a poesia franceza que a rainha ia repetir, Mendonça poz-se a escutar com toda a attenção, a fim de não perder nem uma syllaba, e poder assim decifrar a significação d'aquelles versos, que elle admirava já antes de os ouvir.

A rainha, no meio do silencio geral, começou então a declamar com voz suave, melancolica e expressiva as seguintes endeixas:

Oh mortel enchanté des vanités du monde
Et charmé des plaisirs dont tu crois qu'il abonde,
Arreste icy tes pas, et considere un cœur
Qui, comme toi, dans lui fonda tout son bonheur!

Voyant ce qu'il a fait, juge si sa manie
Doit paroitre a tes yeux, ou sagesse, ou folie;
Il suivit les plaisirs, il chercha les grandeurs,
Et crut ne les pouvoir jamais trouver ailleurs.

Mais au comble des biens dont l'Univers abonde
Et de tous les honneurs que peut donner le monde
Rien n'a pu le fixer dans ses desirs flotants,
Et rien n'a jamais pu rendre ses vœux contens.

Il lui manquoit toujours quelque chose en lui même
Pour pouvoir parvenir à ce bonheur supreme,
Dont la flateuse idée occupoit ses desirs,
Sous l'appas seducteur des terrestres plaisirs.

Aprés donc avoir fait ces diligences vaines,
Et pour y réussir essuyé mille peines,
Il reconnut enfin que qui veut etre heureux
N'en doit jamais faire les objets de ses vœus.

— É por aqui que ficou a poesia: não é ainda nem metade — disse a rainha, quando acabou de declamar.

— Que bellos versos! Que lindos pensamentos! — exclamaram algumas damas.

— Que pena que nós não saibamos ainda francez para entender os versos de sua magestade! — acudi-

— Então digo. O sentimento que inspirou esses versos a vossa magestade é, claramente se vê, é...

— O quê?

— A inconstancia.

— A inconstancia, Ninon? — exclamou a rainha, rindo — A inconstancia só?

— Talvez outro sentimento ainda; mas esse...

— Esse pódes dizel-o tambem, que me não pejo de o ter. É a saudade da França...

— E dos francezes, minha querida rainha.

— Ninon!

— Dos francezes. Eu e estas damas, todas nós temos saudade da côrte do grande Luiz XIV.

— Ha pouco estavamos a fallar d'aquelles phantasticos bailes do Mazarino, e das loterias preciosas que elle fazia na galeria pintada pelo celebre Romanelli — disse a rainha.

— E as loterias trouxeram á lembrança de vossa magestade os bellos fidalgos da côrte de França. Não é assim?

— És má, Ninon!

— Perdoe-me vossa magestade. Não posso atinar onde vossa magestade possa ver maldade n'esta minha pergunta singela.

— Eu conheço-te. Sei que, franceza d'alma e coração, não perdes occasião de fallar nas historias, nas anecdotas que te fazem rir; mesmo quando as tuas palavras offendem o coração da tua protectora, da tua

amiga — acudiu a rainha com a voz ligeiramente commovida.

— Minha rainha, minha senhora!... Eu não queria...

— Não querias fazer-me mal, bem sei, Ninon. Querias rir...

— Nem rir queria, não queria nada.

— Não és sincera. Não te envergonhes, Ninon? Conta já agora a estas damas a historia da loteria do marquez de Lauzun... historia inventada pela Montespan.

— A Montespan! Uma mulher má, uma ingrata! Capaz era ella de calumniar vossa magestade! — disse uma das damas francezas.

— A marqueza de Montespan é actualmente a amante d'el-rei Luiz XIV, não é verdade? — pergun-

lacio, e fez cantar um officio de defunctos, a que assis-
iram todos os seus amigos.

— Se não fosse a Montespan terieis vós agora por
ompanheira uma das mais graciosas, das mais bellas
imas de França — disse a rainha. — A Scarron, viuva
: um homem de talento bem singular.

— A marqueza de Montespan foi a culpada de vossa
agestade não trazer essa dama na sua companhia?

— Foi, foi a marqueza quem despersuadiu a Scar-
n de que viesse viver comigo para Portugal. Tinha-
e promettido fazel-a minha dama de honor e ella es-
va prompta para me acompanhar, quando a Montes-
n lhe metteu em cabeça que Lisboa era uma cidade
orrivel, e a côrte aqui uma côrte de selvagens.

— Como podia ella saber se Lisboa era feia ou bo-
ta, e a côrte portugueza de selvagens ou de galantes
m nunca ter visto fidalgos... — acudiu, escandali-
da uma das damas portuguezas.

— Ai não te admires, Ignez — respondeu a rai-
ha. — Nós em França suppomos que o resto do mun-
) é povoado de barbaros. E raras vezes nos engana-
os — accrescentou a rainha, melancolicamente.

— Não me admira já que uma mulher d'essas le-
ntasse um falso testemunho a vossa magestade! —
tclamou a dama portugueza.

A esta exclamação seguiram-se alguns instantes de
lencio. Todos pareciam ter receio de fallar outra vez
a historia da loteria, a que mademoiselle d'Amuraude

se referira talvez inconsideradamente, e que tanto
candalisara a rainha.

O coração de Mendonça havia mais de uma
convulsivamente estremecido durante esta conve
ção, em que o espirito da rainha vagava incerto de
cordação em recordação, de saudade em saudade.
nome do marquez de Lauzun, de que ouvira fallar m
tas vezes como do mais bello, mais faustoso, mais
gante fidalgo da côrte de França, pronunciado por
magestade causara-lhe uma impressão tão inexplica
como se aquella palavra tivesse o magico poder de
mudar a sorte, de o fazer para sempre desgraçado
feliz. Mendonça estava ancioso por ouvir a historia
loteria: ás vezes parecia-lhe que por aquella hist
elle poderia apreciar a alma e o coração da rainha;
tras, acreditando nas palavras d'esta, receava o

ado, d'onde todas as damas francezas pareciam que-
el-a afastar.

— Foi uma calumnia, um falso testemunho — ex-
lamou a rainha, rompendo o silencio — sem motivo,
em fundamento algum. Não é assim, Ninon?

— É verdade, minha senhora.

— Já que se fallou d'isso, será bom que estas se-
horas saibam o que a Montespan inventou contra mim
contra minha irman de Saboya. Lauzun é um dos
ıais galantes cavalheiros da França, não é verdade,
linon?

Aqui Luiz de Mendonça teve uma vertigem, e se
ão estivesse encostado á porta do camarim teria ca-
ido redondamente no chão.

— O marquez de Lauzun é o fidalgo mais bello do
ıundo — respondeu Ninon, approximando-se da porta
or detraz da qual ella sabia que estava Mendonça. —
; todas as mulheres em Paris morrem de amores por
lle.

— Todas não, Ninon — acudiu sua magestade com
oz tremula.

— Todas não, diz bem vossa magestade. Mas a
ıaior parte.

— A Montespan disse, que eu e minha irman tam-
em eramos das que estavam namoradas do gentil mar-
uez — proseguiu a rainha.

— Calumniadores! — exclamou, rindo, mademoi-
elle d'Amuraude.

— De que te ris, Ninon?

— Ao lembrar-me da maledicencia de todos aquelles francezes, não posso deixar de me rir — respondeu a dama. — Perdoe-me vossa magestade; rio-me de raiva. Toda a côrte, toda, calumniou a vossa magestade.

— Ai Ninon, que não tens emenda!

— De que quer vossa magestade que me eu emende? De ter raiva aos francezes?

— Esqueces-te ás vezes de que estás fallando comigo.

— Não me esqueço, não, minha querida rainha. Lembro-me de que vossa magestade está aqui n'esta côrte, onde parece que todos andam o anno inteiro de lucto e vivem como frades no convento, para só se cobrirem de gallas e arrancar o cilicio nos dias de tourada. Lembro-me de que n'esta côrte só ha alegria para luctar nas praças com as feras, só ha espirito para urdir intrigas politicas; e quero, com as minhas loucuras, fazer rir vossa magestade, fazer-lhe esquecer que está a um sem numero de leguas do nosso Paris.

— Tens razão. Dize quanto te vier á cabeça, que

— Então qual foi a outra falsidade que ella levantou contra vossa magestade? — perguntou uma dama.

— Espalhou na côrte, que nós, eu e a princeza minha irman, haviamos ajustado jogar em loteria o marquez de Lauzun...

— Jesus!

— E que, áquella que ganhasse, pertenceria o marquez e o patrimonio de ambas.

— E a outra?

— Iria viver n'um convento.

— A quem sahiu o marquez?

— A nenhuma, Ignez — respondeu a rainha. — Pois eu não te disse, que tudo isto era uma historia inventada pela Montespan!

— Eu queria dizer... perguntava a vossa magestade a qual das duas princezas a Montespan disse, que a sorte havia sido favoravel? — balbuciou Ignez.

— Foi a mim que me cahiu o numero premiado. A sorte deu-me o bello Lauzun, mas elle...

— Elle?

— Tudo isto é uma calumnia infame! — insistiu a magestade com vehemencia. — Elle, — disse-o, atreveu-se a dizel-o a Montespan — para se não sujeitar á sorte, foi pedir a el-rei, meu irmão, que não consentisse no nosso casamento. Lauzun recusar a minha mão!

— Recusar a mão de vossa magestade para se ir casar depois com mademoiselle de Montpensier, quem ha de acreditar! — disse Ninon.

— Ninguem. Mas a calumnia não é menos calumnia por isso! — exclamou a rainha — Se alguem acreditou em França tão absurda historia estará já agora desenganado, ao ver Lauzun casar-se secretamente com mademoiselle, que tem mais quatorze annos do que elle, que tem quarenta annos feitos.

— Sahiu-lhe caro o casamento!

— É verdade. Pobre Lauzun, coitado! El-rei mandou-o prender em Piguerol. Tenho tido uma pena!

— Vossa magestade não intercede por elle?

— Hei de empenhar tudo para o livrar. Já escrevi a Luiz XIV duas cartas; ainda não sei, porém, se as minhas supplicas foram attendidas — respondeu sua magestade vivamente commovida.

O que se passou na alma de Luiz de Mendonça, em todo o tempo que durou esta conversação que Ninon o

perceber o que se dizia na casa proxima, Mendonça buscava um allivio de que lhe não era dado gosar: a voz da rainha ia-lhe direita ao coração, as palavras chegavam-lhe claras e distinctas ao centro das percepções. Entre esperançoso e desconsolado, mas sempre ralado pelo ciume, Mendonça aguardou que mademoiselle d'Amuraude viesse pôr termo ao martyrio a que, por inexplicavel capricho, ella o havia condemnado.

— Não pense vossa magestade agora em coisas tristes. Esqueça-se da França se é possivel — disse mademoiselle d'Amuraude, depois de um instante de silencio. — Se vossa magestade quer tomar conhecimento da mensagem, que lhe mandou sua alteza...

— Sua alteza mandou alguma mensagem? — perguntou a rainha.

— Sim, minha senhora.

— E estavas calada com isso! Onde está o mensageiro? Que manda o infante dizer?

— O mensageiro queria entregar pessoalmente a vossa magestade a carta do senhor infante.

— É uma carta? Vai-lh'a pedir.

— Aqui a tem vossa magestade.

Houve depois alguns minutos de silencio, passados os quaes a rainha disse ás suas damas:

— Podeis retirar-vos. Tenho que dictar uma carta a Ninon. Voltareis depois.

— Se vossa magestade permittir... — acudiu Ninon balbuciando.

— O que é?

— Parece-me melhor ir vossa magestade para o seu quarto. Está frio aqui...

— Frio; não acho que faça aqui frio.

— Lá estaria eu melhor para ter a honra de escrever o que vossa magestade dictar.

— Está bom! Fazes gosto n'isso; vamos.

E Mendonça ouviu então os passos da rainha e das damas que sahiam da sala contigua.

Mais de meia hora ficou o triste namorado, para quem aquella fôra a noite dos desenganos, só e ás escuras no camarimzinho, onde tudo recendia suaves perfumes, tudo parecia fallar de amor, onde se sentiam, tenues e penetrantes, os suaves effluvios que cercam, como aura magnetica, a mulher formosa. Cada um d'aquelles objectos, porém, que n'outra occasião elle beijaria como santas reliquias, aquelle ar purificado

uras bases o predominio da influencia franceza em 'ortugal.

— Ninon — disse a rainha apenas se viu só com a ıa valida — tu és ingrata.

— Eu, minha cara rainha, eu ingrata?

— Ingrata, sim. Confio-te, entrego-te os meus segredos todos, e tu...

— Guardo-os muito bem guardados.

— O que hoje foste dizer diante d'aquellas damas...

— Em primeiro logar não é um segredo dos que vossa magestade me confiou.

— Mas póde comprometter-me.

— Uma calumnia da Montespan, d'aquella malevola Montespan! — acudiu Ninon, rindo — Um testemunho compromette só a quem o levanta.

— Basta de brincar, Ninon. Não sei se devia continuar-te a dizer os meus segredos; mas emfim tu és a minha unica... amiga.

— Sou a respeitosa e humilde serva de vossa magestade.

— Nem respeitosa, nem humilde; nem uma, nem outra coisa tu és! — disse a rainha, pondo-lhe familiarmente a mão no hombro.

— Minha senhora!

— Anda, senta-te aqui, e escreve. O mensageiro o infante está á espera. Elle é?...

— O pobre Luiz de Mendonça.

— O do lenço? — perguntou sua magestade sorindo.

— O que apanhou com risco de vida o lenço de vossa magestade nos toiros.

— Ainda está namorado?

— Está ainda, está cada vez mais namorado.

— Coitado!

— Se eu o pudesse curar do perigoso mal de que elle enfermou, cural-o-ia com prazer.

— Mas não pódes, Ninon?

— Os olhos de vossa magestade quando ferem no coração é de morte. Se elles são tão bonitos!

— Lisongeira! Anda, escreve e não fallemos mais n'isso.

— Mas elle pediu para beijar a mão a vossa magestade.

— Agora?

— Sim, real senhora.

— Causou, ao que parece. Mandou-me logo uma carta, em que se congratula pela felicidade que eu vou dar a este reino.

— Ambição e amor, tudo vossa magestade cortou com uma palavra ao desgraçado infante.

— Tens dó d'elle, Ninon? Queres que eu lhe ponha termo aos padecimentos dizendo-lhe a verdade? Perderei a victoria que é certa d'este modo. Não se fará a liga com a França, ficarei sem o apoio de Luiz XIV, mas para te dar gosto, para não offender nem de leve a ambição e o amor de sua alteza, farei quanto me aconselhares.

Estas palavras disse-as a rainha com tal ironia, que a propria Ninon olhou para ella como assustada; susto que cresceu, quando a princeza proseguiu, dizendo:

— Tu que sabes tudo, Ninon, que tens na tua mão o remedio que póde cortar pela raiz os males que atormentam a ambição e o amor do infante, porque não vaes ao Côrte-Real dizer quanto sabes? Sua alteza ser-te-ha grato, pagar-te-ha bem tão relevante serviço.

Mademoiselle d'Amuraude, com os olhos baixos, as mãos apertadas ao peito, curvou um joelho e murmurou angustiada:

— Minha senhora, minha rainha, perdoe-me vossa magestade se a offendi. Foi involuntariamente que o fiz, perdoe-me. Os segredos de vossa magestade não os ha de saber ninguem. E ha segredos...

— Que nem as paredes devem ouvir, Ninon. Levanta-te. — E a rainha estendia a mão á sua favorita.

— Levanta-te. Não tenho que te perdoar, porque me não offendeste.

Fazendo um afago a Ninon, e obrigando-a a sentar-se á mesa sobre que estava o papel para escrever, sua magestade começou a dictar a resposta á carta de D. Pedro.

A carta que a rainha dictou era unicamente composta d'essas phrases de convenção que, sendo a expressão exagerada dos mais puros e nobres sentimentos, nada significam; porque o uso lhe tem feito perder o valor e transformado o sentido de cada uma das palavras que as compõem. Sem confirmar nem negar a nova que tão viva impressão causara no infante, sem lhe dar esperanças nem o desenganar, a carta da rainha era um modelo d'aquelle estylo ambiguo, vacillante, palavroso e vago, que tem feito a gloria dos diploma-

ıçado em amplo capote, que se approximou d'elle
o reconhecer, e que depois o foi seguindo passo a
até ao Côrte-Real. Mas Mendonça, absorvido nas
dolorosas cogitações, nada viu; e chegou ao Cor-
ınto sem desconfiar de coisa alguma.

CAPITULO XXXIII.

ANICETO MULETA RESOLVE SALVAR A PATRIA.

Deixamos o senhor capitão Aniceto Muleta corren-

o servem; e bem-dizendo o instante em que se via longe do Corpo-Santo, parou emfim de correr no meio do Terreiro do Paço, e poz-se a meditar nos perigos e vantagens da sua situação.

Meditou, meditou, mas nada concluiu; porque as ideias andavam-lhe em tal confusão e barafunda, que elle não podia atinar com o fio que prendia umas ás outras. Resolveu, pois, recolher-se ao convento da Graça, onde o seu amigo frei Thomaz do Espirito Santo lhe arranjara por alguns dias uma cella para dormir e um logar na mesa do refeitorio.

Tomou pela rua Nova direito á Sé. Trepou apressadamente a calçada que vai aos antigos paços reaes, transformados já então em prisão de criminosos. Passou, correndo, pela estreita rua de S. Thomé, e chegou emfim á portaria do convento da Graça.

Os frades estavam á ceia: e esta nova, que o porteiro do convento deu ao senhor Aniceto com um sorriso de satisfação porque esperava que fosse recebida como uma boa nova, não teve poder para desenrugar o sobre-olho do preoccupado capitão. Em vez de se encaminhar para o refeitorio, o senhor Aniceto Muleta subiu as escadas que iam dar ao seu quarto, pedindo ao porteiro que avisasse frei Thomaz que elle lhe desejava fallar n'aquella mesma noite.

Frei Thomaz do Espirito Santo, que era o mesmo silencioso frei Thomaz que o leitor já conhece de casa da tia Brizida, não se fez esperar. Mal acabou a ceia, correu logo ao quarto do illustre miliciano; resolvido,

não a fallar, porque para tanto se não sentia elle com forças, mas a escutar com muita attenção as palavras do seu amigo.

Está dito já agora, nem é possivel escondel-o por mais tempo. Frei Thomaz, o pacifico, o modesto, o honrado, porque o era e muito, o honrado frei Thomaz tinha amizade intima com o capitão Aniceto Muleta, grande bulhento, apesar de medroso; grande fanfarrão e grandissimo velhaco. Explicar como esta amizade existia, não é possivel talvez. A attracção, a combinação intima de substancias com qualidades oppostas está-se cada dia observando na natureza inorganica; e é até entre corpos, que mais afastados parecem pelas suas propriedades, que melhor se manifesta a *affinidade*, essa força que une e consubstancía uns nos outros os elementos. Esses fluidos imponderaveis, auras velozes

admirar o bem ou o mal, o bello ou o feio, isto é, perde-se a faculdade que mais diverte, a unica talvez que tem poder para nos fazer levar com paciencia esta enfiada de impertinencias, que por si só constitue a vida.

Expliquem, porém, como quizerem estas amizades de frei Thomaz e do senhor Aniceto Muleta, que ellas existiam, isso é sem duvida. Sincera e desinteressada a do frade, interesseira e cavillosa a do miliciano. Para estas relações hybridas tinha, como para tudo, contribuido o acaso.

O senhor Aniceto fôra destinado por seus paes para a vida religiosa, e entrara noviço n'um convento em que era mestre de noviços frei Thomaz. O frade tomou debaixo da sua protecção o noviço, provavelmente porque este lhe fazia todas as perrices imaginaveis, e o não deixava socegar um momento; e d'aqui lhe veio essa amizade indestructivel por Aniceto Muleta que, nem a sua desobediencia aos preceitos paternos, nem a sua criminosa fugida do convento para ir assentar praça n'um regimento de milicias, pôde, sequer, alterar. Frei Thomaz não queria menos ao capitão de milicianos do que quizera ao travesso aprendiz de frade. O senhor Aniceto sabia quão util lhe podia ser a amizade do frade; e por isso a cultivava com aquelle melindre e solicitude, com que os homens previdentes cultivam os amigos que, em occasião opportuna, podem abrir as portas de um refeitorio ou desatar os cordões de uma bolsa. Quando, na vida agitada que levava, o senhor

Aniceto era victima de um revez, corria logo ao convento de frei Thomaz a pedir abrigo e protecção; e nem uma nem outra coisa lhe era negada.

Frei Thomaz do Espirito Santo tinha na solidão e no silencio nutrido sempre um desejo de todas as horas, amado como uma ideia fixa; mundano, peccaminoso talvez, mas desculpavel n'um pobre frade, que dos prazeres do mundo só conhecia no seu convento, o coro e a livraria. Frei Thomaz desejava ser author. Pouco ou nada lhe importava o assumpto; o que elle queria era ver, em lettras vermelhas, o seu nome impresso na primeira pagina de um livro, publicado com as indispensaveis licenças do santo officio e do paço.

Emprehendeu a historia da ordem a que pertencia; mas faltaram-lhe os documentos, dizia elle, e não passou nunca da terceira pagina. Começou depois a his-

—frei Thomaz era, como o leitor sabe, de um prodigioso laconismo—a causa dos seus desgostos.

O capitão Aniceto escutou ou antes adivinhou o que o graciano lhe queria dizer; e depois de cogitar um pouco, ora coçando a testa, ora mettendo na boca as pontas do bigode, e ter percebido que era chegada a occasião de captivar para sempre a vontade do frade, exclamou, como se lhe tivesse entrado no espirito subita inspiração:

—Frei Thomaz, meu rico frei Thomaz, está escripto o livro, o livro que o ha de cobrir de gloria.

O frade contentou-se com abrir os mais espantados olhos que imaginar se podem.

—É um livro—proseguiu Aniceto—que ha de ser lido por toda a côrte, que ha de andar sempre na mão dos fidalgos. Estimado, admirado, decorado por todos!

—Sss! sibilou frei Thomaz.

—Vossa reverendissima sabe, que é moda na côrte dizer *galanterias* ás damas?

O frade fez com a cabeça um signal negativo.

—Não sabe? pois é o mesmo. Vossa reverendissima tem muito geito para inventar galanterias e conceitos; e póde escrever sobre este assumpto um excellente livro.

—Eu?

—Vossa reverendissima sabe comparar as damas com as estrellas, com as flores, com o sol, com a lua, com as pedras preciosas, sabe tomar as palavras em dois sentidos?

Frei Thomaz abanou a cabeça.

— Está sempre a fazer trocadilhos, o qual mais excellente. Verá, frei Thomaz, verá que havemos, que ha de fazer um livro que não terá segundo em Portugal.

O frade estava admirado do que ouvia, e parecia-lhe impossivel fazer, não um livro como o de D. Francisco de Portugal, mas um conceito, uma simples comparação. Elle, que quasi nunca passava do monosyllabo, como poderia ter geito para trocadilhos? Quem lhe daria forças para virar e revirar, torcer e espremer palavras, e d'ellas tirar coisa que satisfizesse o gosto alambicado dos fidalgos da côrte? Frei Thomaz bem percebia a impossibilidade d'elle escrever uma nova *arte de galanteria;* como porém era necessario fallar, para provar ao senhor Aniceto que a vaidade o não cegava, o modesto graciano calou-se e esperou.

ɔo fazedor de *calemburgos* — *conceitos* se chama-
n'aquelles tempos a esses insipidos joguetes de
ras — de ditos agudos, e de finezas requintadas.
ɔitão Aniceto furtara a D. Lucas uma copia do li-
que este contava dar á estampa com o chistoso ti-
de *Ditos de quem não tem dita* (1); e era d'este
ɔso manuscripto que elle tirava as suas inspira-
para enganar o seu amigo frade.

livro ia ás mil maravilhas. As paginas compos-
ɔr D. Lucas de Portugal iam uma a uma passando
a obra de frei Thomaz, quando a dama flamenga
. João d'Austria passou fugida por Fronteira, de-
la batalha do *Canal*; e o capitão Aniceto, conscio
eus direitos como militar aos despojos do inimi-
e associou á quadrilha, que atacou, insultou, e
ɔu a amante do principe hespanhol. As conse-
cias d'este acto heroico do senhor Aniceto já os
es conhecem por um dos precedentes capitulos.

livro não foi levado ao cabo, mas a amizade do
pelo senhor Aniceto tornou-se firme a não poder
ais; e era o que este desejava. A chegada do mi-
o ao convento da Graça causou pois a frei Tho-
uma alegria verdadeira; e quando o porteiro foi
-lhe ao refeitorio, que o senhor Muleta tinha che-
de fóra e esperava por elle na sua cella, porque
sava fallar-lhe, o frade não fez mais do que engu-

Quem quizer conhecer o conceituoso livro de D. Lucas, e des-
r-se de que o *calemburgo* é coisa velha em Portugal, consulte
liotheca da Ajuda a *Collecção de papeis varios*.

lir uns atraz dos outros os bocados de carne que tinha no prato, para ir logo ter com o seu amigo.

O senhor Aniceto estava sentado na borda da cama, com os braços cahidos e os olhos fixos n'uma das traves do tecto, como quem está profundamente preoccupado por um problema que não sabe resolver: quando, porém, sentiu os passos de frei Thomaz tornou em si, e levantando-se de pulo, correu á porta da cella.

— Frei Thomaz, venha, ande cá; estava-o esperando. Tenho que lhe contar. Quero ouvir o seu conselho — bradou o capitão.

— Sss! — exclamou o frade admirado de que o manhoso Aniceto lhe quizesse ouvir os conselhos. E sentando-se, esperou que este lhe explicasse o que assim o movia a um acto tão insolito.

— Soube uma coisa, soube-a de um modo exqui-

— Podem: lá poder, podem. Trazem a côrte toda envolvida n'uma rede religiosa. A uns seguram-os pela confissão, a outros pela penitencia; a estes prendem-os com a historia de um milagre, áquelles com a promessa de muitas indulgencias. E tudo para fins seus politicos, que não esquecem nunca, para que fazem convergir tudo!

— Abusam da religião! — exclamou frei Thomaz com a indignação que o leitor póde calcular, á vista da longa phrase que elle soltou.

— Abusam, mas vencem. E elles não estão contentes com o Castello-Melhor, que lhes não faz quanto desejam. Não ha crime de que o não accusem, nem guerra que lhe não movam. Mais dia, menos dia, temos ministro jesuita a governar.

— Não. El-rei... não.

— El-rei não quer abandonar o seu valído, tem razão frei Thomaz. Mas vossa reverendissima deve lembrar-se que os jesuitas tem artes para tudo, e então mais cedo ou mais tarde...

— O confessor...

— O confessor d'el-rei não é jesuita, é verdade — acudiu o senhor Aniceto, que traduzia em phrases as palavras soltas do frade. — Mas vossa reverendissima bem sabe, sabe melhor do que eu, que os jesuitas tem preceito de afastarem de ao pé dos principes os confessores das outras ordens, para elles ficarem em seu logar. Ora veja como elles já dominam o infante, e governam na vontade da rainha. Se elles podessem pôr

D. Pedro em logar do senhor D. Affonso, estou certo que o fariam.

— Não receio.

— Tambem eu não... por ora. E por isso lhe quero pedir um conselho ácerca de um grave assumpto, que importa á paz e segurança do reino, e d'el-rei talvez.

O frade fez um gesto de admiração.

— Eu soube, — já lh'o disse ha pouco, — foi a Providencia quem m'o fez saber — soube um segredo terrivel, e não sei ainda o que hei de fazer d'elle. Ouvi eu mesmo, ouvi dizer ao infante com estas orelhas que a terra ha de comer... — O senhor Aniceto, que baixára a voz para dizer estas ultimas palavras, calou-se de repente, e olhou em roda de si, com tal ou qual desconfiança.

— Diga — acudiu frei Thomaz com um gesto ani-

le, mas ouvi-a... estando escondido... a espreitar. E se eu fôr revelar ao conde este segredo de sua alteza e se souber que fui eu, fico perdido; morro com toda a certeza ás mãos de algum dos valentes do infante.

— Vá — repetiu o frade levantando-se e fazendo um gesto imperioso.

— Mas lembre-se, frei Thomaz, lembre-se de que eu, seu amigo Aniceto Muleta, serei assassinado, se os do infante souberem que foi por minha causa que elles não satisfizeram a sua vingança.

— Vou eu — disse frei Thomaz.

— Não, não, irei eu e não vossa reverendissima — acudiu o capitão Aniceto, assustado pela resolução do graciano.

Muleta queria tirar proveito do segredo que sabia; receava porém perder a vida no negocio, e por isso hesitava ainda em o revelar a quem lh'o podia pagar. Tendo pensado melhor, durante esta conversação com frei Thomaz, nas vantagens que da sua situação podia tirar, tomou a resolução de ir elle proprio contar tudo ao valído.

— Frei Thomaz, os homens nasceram para os perigos. O que importa a vida de um pobre diabo, como eu, quando se tracta de salvar a patria? Porque é, é de véras salvar a patria o livrar o conde de Castello-Melhor da morte. Estou resolvido a ir ao paço procurar o conde, e contar-lhe tudo.

— Bom!

— Morrer pela patria é o meu dever. Não é assim, frei Thomaz?

O frade acenou com a cabeça em signal de approvação.

— Quem se não arrisca pela patria nem merece o nome de homem. — E proseguiu murmurando: — Quem se não arriscou, nem perdeu nem ganhou.

— Sss! — fez o frade, contente das boas maximas que ouvia ao seu ex-noviço.

— Se eu morrer, meu rico frei Thomaz, se eu fôr martyr do furor dos inimigos d'el-rei, reze-me missas por alma, para que Deus me tenha em gloria.

— Cem — disse frei Thomaz.

Agarrando nas mãos do frade, beijando-lh'as, e cobrindo-lh'as de lagrimas o senhor Aniceto Muleta exclamou:

— Obrigado, muito obrigado, meu querido frei

capitão Aniceto, que ficou suffocado, sem mais poder dizer palavra, nem fazer gesto que se entendesse. Era uma scena sentimental, que faria chorar as pedras, se as pedras chorassem, mas de que o senhor Aniceto interiormente se ria.

No dia seguinte pela manhan, ás horas em que o ministro valído de Affonso VI dava audiencia na grande sala do paço, o capitão Aniceto Muleta pôz-se a caminho para o Terreiro do Paço.

CAPITULO XXXIV.

AMORES.

Haverá felicidade no mundo, haverá: mas no cora-

ria, quando todo um povo prostrado no pó o ad-
o louva, o adora, e diga-nos: se não tem no mais
dito escondrijo do coração uma tristeza profunda,
he não deixa gosar a felicidade da gloria, que lhe
ıbir as lagrimas aos olhos quando mal nos labios
rmou o riso da alegria? Venha o avarento, com
os seus thesouros, cercado de gemmas preciosas
pilhas de oiro, e diga-nos: se a riqueza é a felici-
ou se não é antes a inquietação de todas as horas,
nos, se a riqueza não é martyrio, quando o susto
gue pallido diante dos olhos, e o terror cinge e
a nos braços descarnados o corpo fragil do ava-
? Venha o homem que a inspiração guiou pelos
ımensuraveis espaços da poesia, a quem a Provi-
a revelou algum dos sublimes segredos que só de
os a seculos ella diz á humanidade pela boca dos
s, e diga-nos: se, nas horas silenciosas da noite,
ıoras da solidão, quando o pensamento oscilla in-
entre o passado e o futuro, entre o real e o ima-
·io, entre a terra e o ceo, diga-nos se, n'essas me-
ılicas horas, elle se não sentiu pequeno e fraco
:e da immensidade das coisas creadas, se não sen-
ınfinita tristeza repassar-lhe a alma, se não pediu a
ı que lhe tirasse o dom fatal do genio, que conso-
ı espirito e lança na sepultura ainda no verdor dos
ıs os que o possuem? Venha tambem o amante,
todos imaginam, que todos julgam perfeitamente
ıo porque passa a vida aos pés da mulher que ado-
escutando-lhe palavras e suspiros que rescendem

ternura, venha o amante n'esse mesmo momento em que recebe n'um extasi de paixão as mais ardentes, as mais fascinadoras provas de amor, e diga-nos: se não sente a melancolia passar sobre a sua felicidade, como nuvem ligeira, sobre a face do sol em dia de primavera, diga-nos, se vago e indefinido receio o não faz subitamente estremecer, quando elle descuidoso se entrega aos encantos de uma ventura que nada parece ameaçar?

Francisco d'Albuquerque, o capitão Francisco d'Albuquerque, que nós deixamos na liteira da Calcanhares, para onde o transportára adormecido o licenciado Antonio do Prado, estava agora, na mesma tarde em que tinham logar todos os successos que narramos nos ultimos capitulos, no camarim da sua amante, n'esse camarim todo velludo, brocado e perolas, em que elle

O moço capitão amava, e era amado. Separado do resto do mundo pela morte, porque todos na côrte o julgavam assassinado, elle só existia para a Calcanhares, e esta só para elle vivia tambem. Desconfiar da pureza da alma de Margarida, da castidade da singeleza d'aquelle coração a que elle fizera sentir a primeira vibração de amor, isso não fazia, não podia Francisco d'Albuquerque fazer já. Eram tão diaphanos os olhos de Margarida, liam-se tão claramente através d'elles os pensamentos, e depois havia tanta espontaneidade nas suas palavras, tanta candura nos seus sorrisos, tanta virgindade em todos os seus modos e gestos, que era preciso ser cego e duro de coração para não crer em tudo que ella dizia. Os dias haviam passado, e com elles aquelles amores em vez de diminuir — dizem que o tempo mata os amores — só tinham crescido: crescido a não poderem crescer mais.

A convalescença de uma longa e perigosa enfermidade, esse periodo em que os orgãos acordam do torpôr que lhes causara a prostração das forças vitaes, e ao acordarem sentem com incrivel perfeição; em que a vida, recomeçando por assim dizer, parece mais variada nas impressões, a terra mais bella, mais florida, mais fragrante, o ceo mais luminoso e diaphano, o ar mais puro e mais rico do principio que alimenta a existencia: esse periodo em que a alma, abrindo-se como a flor orvalhada pelo rocio da noite depois de um dia abrazador, só exhala perfumes, só está disposta para a ternura, para a melancolia, para o amor: esse periodo,

passou-o Francisco d'Albuquerque nos braços da formosa, da meiga e amoravel Margarida.

Margarida estava alli, meio assentada meio ajoelhada sobre as almofadas que serviam de recosto ao namorado capitão. O corpo flexivel e onduloso dobrava-se-lhe em graciosa curva, inclinando-se um pouco para diante de modo que o seu rosto, bello como o das virgens de Murillo, e n'aquelle momento illuminado pelo reflexo purpureo das nuvensinhas espalhadas no ceo como ondas espumosas de um oceano phantastico, estava tão proximo do de Francisco d'Albuquerque, que este podia quasi respirar o halito brando e perfumado que se lhe exhalava dos labios semi-abertos, que o prazer tornava vermelhos como as pétalas da flor da romeira.

Francisco d'Albuquerque conquistara o mais pre-

Margarida derramava ás torrentes em roda de si. Ou osse vão receio ou presentimento, é certo que o moço capitão encontrava n'aquelles amores esse travo ligeiro mas indestructivel, que em todas as felicidades da vida descobre o homem, cujos sentidos e espirito tem a necessaria delicadeza para gosar e para soffrer.

Margarida vira no rosto do seu amante a alegria extinguir-se pouco a pouco; vira as palpebras baixarem-se-lhe convulsivamente, e depois os olhos ficarem n'essa immobilidade spasmodica, que acompanha sempre a concentração do espirito nas pessoas melancolicas: e, para o tirar brandamente d'aquelle estado, reclinou-se tanto, tanto, que os seus labios pousaram quasi sobre os d'elle. Os cabellos annelados da bella Calcanhares passaram sobre a face de Francisco d'Albuquerque, ligeiros e flexiveis, como as azas de uma borboleta; e este quasi imperceptivel contacto bastou para desvanecer as ideias melancolicas do moço namorado, para o chamar á felicidade e ao amor. Ha, é sem duvida, ha nos cabellos da mulher um fluido desconhecido, que actua sobre os nervos do homem namorado com poder egual ao das correntes galvanicas.

Francisco cingiu com o braço direito o corpo gentil da sua amada, murmurando:

— Sou feliz, Margarida.

— És feliz, Francisco, és feliz! E vejo-te sempre tão triste? — acudiu a Calcanhares sorrindo, mas com lagrimas de ternura a marejarem-lhe dos olhos.

— Olha, Margarida, não sei o que tem esta nossa

felicidade, que faz tristeza. É talvez o receio de a ver acabar; é talvez porque a alma, em quanto está aqui na terra, não tem força para gosar prazeres que são do ceo; talvez.... nem eu me atrevo a dizel-o, é talvez o ciume, que me faz, não estar triste, porque o não estou, mas cahir em melancolia.

— O ciume? De que tens, de que podes tu ter ciume?

— Ainda m'o perguntas? Pois tu não me deixas aqui só ás vezes para ir ao paço estar com el-rei?

— Ha tantos dias, ha quasi um mez que lá não vou!

— Tens saudades?

— Não, ai! não. Permitta Deus que eu nunca mais lá volte.

— Então vem, vamo-nos para longe d'aqui. Fuja-

— Que me importa a mim que me accusem. Deus sabe que sou innocente. E tambem tu o sabes, não é assim?

— És innocente e martyr.

— O martyrio acabou já. Tenho-te ao pé de mim, e é o que basta para ser feliz.

— É uma felicidade que não póde durar muito, esta nossa. De um instante para o outro póde saber-se que eu estou aqui escondido. Tens um inimigo terrivel no paço...

— Henrique Henriques.

— Henrique Henriques. Elle ama-te, tem ciumes de ti, traz-te cercada de espiões: devemos recear tudo de um homem assim. Bem viste que cuidados, que cautelas, que disfarces foram precisos para eu vir, mesmo fóra de horas, de Xabregas para esta casa. E quando eu lá estava n'aquella triste casa de Xabregas, doente quasi a morrer, quantas vezes me deixaste só dias inteiros pelo receio que tinhas d'esse homem? Vem, Margarida: o teu martyrio deve acabar por uma vez. El-rei está casado; e a rainha que é, dizem, uma virtuosa, uma santa princeza, ahi está para aconselhar e ocegar D. Affonso.

— A rainha, Francisco, a rainha é inimiga do Casello-Melhor. Quer deital-o a perder, tirar-lhe o valimento...

— E tem razão a rainha, porque o conde...

— Lembra-te que foi elle quem te salvou a vida.

— A vida, a vida se necessario fôr darei eu por

elle: mas dizer o contrario do que penso, isso nã
eu.

— Pois pensa, pois dize o que quizeres — a
Margarida acariciando-o; mas não sejas ingrat
tem-me sempre muito amor, que é o que mais n
porta.

— Margarida, de véras, nós não podemos viv
sim por muito tempo — disse Francisco d'Alb
que passados alguns minutos. — Eu morri para o
do, toda a gente d'aqui a pouco se terá talvez es
do de mim. Só para ti existo ainda, Margari
preciso que só para mim tu vivas tambem. Em
estivermos em Lisboa, não poderei ter um dia de
go. Vem, vamos para uma herdade solitaria do
tejo, viver um com o outro, um para o outro.

— Frei Pedro de Sousa ha de vir esta noite

do, onde as nossas palavras de amor interrompam apenas o silencio da solidão, então é que eu sou feliz, então digo que não ha quem seja mais feliz do que eu!

— Cala-te! És um ingrato — exclamou a Calcanhares, fechando graciosamente com um dedo a boca do seu amante.

— Ingrato! Por querer viver só comtigo! Sou ingrato, eu?

— Esqueces-te de quem te ama?

— De Luiz de Mendonça?

— D'esse te não esqueces tu. E que te esquecesses; conhécel-o de ha pouco, não era para admirar. Mas d'ella... da pobre Thereza...

O moço capitão estremeceu, e o rubor subiu-lhe á face, ao balbuciar:

— Não me esqueço... quero dizer...

— Dize, Francisco: falla-me com sinceridade. No fundo de tua alma tens pena, tens quasi remorsos de a ter abandonado, de lhe ter pago tão mal o seu amor.

— Porque me fallas tu assim d'esse amor, que... que não existiu nunca?

— Não lh'o tiveste tu a ella; mas Thereza amava-te....

— Talvez.

— Não duvides, não duvides do amor d'aquella infeliz mulher. Essa tua duvida é um sacrilegio — acudiu Margarida.

— Porque insistes em fallar do que mais me não deve lembrar? O que está feito, já não tem remedio.

ser enganada por ti, temo do a essa rapariga
pequena te ama, que nunca teve outra ideia
sar a vida toda comtigo.

— Mas que se lhe ha de fazer?

— Nada; bem sei que nada se póde fazer
consentia agora que tu fizesses coisa algu
consolar do seu amor mallogrado — acer
bella rapariga, sorrindo e fazendo um gesto
— Olha, o meu coração é uma coisa que ne
entender. Ha pouco tinha ciumes de The
que lhe tinha odio por ella te amar; agora
sympathia por isso mesmo. Quando me l
Thereza te julga morto e que tem chorado p
e dias inteiros, quizera ir ter com ella e
tudo, dizer-lhe que ainda és vivo.... Mas s
talvez, para ella. Melhor é que te julgue mo
ha de lhe passar, como passa a todos; e fic
saudade, que é um suave e consolador senti

— Tens um coração rarida.

s olhares nublados por lagrimas de ternura, esses
equebros, emfim, que compõem a linguagem dos
ites; a mais persuasiva, a mais eloquente, a mais
me linguagem que no mundo se falla.

CAPITULO XXXV.

A CONFISSÃO.

Ainda no perfumado e mysterioso camarim da Calcanhares resoavam os suspiros e os beijos de amor;

— Frei Pedro!—acudiu Margarida—Vai-lhe abrir a porta da sala, que eu vou já. Francisco, esconde-te para o teu quarto, não te veja elle aqui!

E sahiu apressadamente do camarim.

Frei Pedro, o velho e venerando geral dos Bentos, estava na sala immediata ao camarim; sentado n'uma cadeira de espaldar, e encostado a uma mesa, sobre a qual ardiam duas vellas. Quando viu entrar a Calcanhares, o frade sorriu-se com bondade, e, fazendo-lhe signal que se approximasse d'elle, disse:

— Anda cá, Margarida. Vem aqui para ao pé de mim sentar-te n'esta cadeira. Já estava com saudades tuas.

— Como se lembrou de mim, frei Pedro? — acudiu a Calcanhares, beijando-lhe a mão. — Começava a crer que se tinham esquecido de mim... todos.

— Não me esperavas hoje? Senta-te; anda, senta-te. Não sabias que eu vinha?

— Sabia; porque vossa reverendissima m'o mandou dizer.

— Mandei-te dizer que vinha esta noite, para que a minha vinda te não surprendesse — disse frei Pedro de Sousa, dando ás ultimas palavras uma intonação significativa. — Acho-te alegre — proseguiu elle no mesmo tom. — Vaes-te consolando d'aquella perda... do desastroso desapparecimento d'aquelle pobre rapaz?

— Estou... já estou livre de cuidado — balbuciou Margarida, fazendo-se extraordinariamente córada.

— Estás bella, formosa como d'antes. Desappare-

ceu a pallidez, que me assustava; e esses olhos já me não andam encovados e lacrimosos. É assim que gósto de te ver. A gente deve saber-se conformar com a vontade de Deus!

— Ai, frei Pedro, se eu o perdesse, não tinha coração para me consolar, nem para viver sequer! — exclamou ella imprudentemente.

— Então Francisco d'Albuquerque não morreu? — perguntou o tio do Castello-Melhor, surprendido. Sabes onde elle está? Quem o roubou de casa de sua alteza?

— Não sei... não posso dizer....

— Vamos, Margarida; nada de segredos comigo, teu confessor, teu amigo verdadeiro.

Curvando-se pouco a pouco a Calcanhares cahiu de joelhos aos pés do frade; e alli, com a cabeça baixa, os

de um amigo, que me ouça com indulgencia, que me aconselhe, que me ajude, que me salve de um grande perigo.

— Onde poderias tu encontrar um amigo mais verdadeiro do que eu? Quero-te como a uma filha; e nem sei, nem posso ser severo comtigo.

— E a sua protecção; promette-me a sua protecção?

— Não contas com ella, Margarida?

— Escute-me então. É uma confissão o que lhe vou dizer — proseguiu a Calcanhares, escondendo a cabeça nas mãos; — mas confissão de peccador que se não arrepende.

— Dize, filha.

— Bem sabe que Deus, compadecido dos meus soffrimentos e da minha solidão n'este mundo, me fez encontrar, no dia da chegada da rainha... um homem, que me captivou, para não mais ser livre mal me appareceu, que me fascinou mal em mim pôz os olhos.

— Sei, Margarida. E esse amor que tu lhe tomaste foi a tua desgraça e a d'elle.

— Eu assim o julguei quando, n'aquella noite horrivel, n'aquella noite que nunca mais se me varrerá da memoria, ouvi o gemido agonisante de Francisco d'Albuquerque; quando vossa reverendissima me disse que elle estava mal ferido; quando vi diante de mim Henrique Henriques, medonho, ameaçador, e como envolvido n'uma nuvem de sangue. Assim o julguei, frei Pedro: mas agora... Deus não póde levar a mal que eu

seja feliz depois de tanto padecer. Não é assim, frei Pedro?

— Ha felicidades, isso que os homens chamam felicidades! ha, torno a dizer, felicidades que são verdadeiros crimes, que são negros peccados, que Deus não póde perdoar.

— A minha felicidade não é d'essas. Escute-me, frei Pedro; escute-me indulgente, misericordioso, como Deus quando julga os peccadores. E julgue-me depois. A minha felicidade, frei Pedro, é amar e ser amada; e o amor não é um crime.

— Ás vezes, é crime o amor.

— Será, será criminoso o amor que leva a trahir juramentos solemnemente feitos; será criminoso o amor que lança a deshonra e a dôr no seio de uma familia; mas este meu amor, que faz a ventura do homem que

com Antonio do Prado ao Côrte-Real, encontrei lá, á cabeceira de Francisco, uma mulher...

— Uma mulher!

— Uma mulher que o ama; com quem elle esteve para casar...

— E disseste ha pouco que nos teus amores com Francisco d'Albuquerque não havia nem juramentos trahidos, nem prantos derramados! — acudiu o frade, buscando metter escrupulos na consciencia de Margarida, para ver se podia por este modo combater um amor, que contrariava os calculos politicos de seu sobrinho.

— São prantos que se hão de estancar. E juramentos... não sei... creio que os não havia — balbuciou Margarida.

— Margarida, Margarida — interrompeu frei Pedro em tom severo, — o peccado não anda nunca desacompanhado de lagrimas e de crimes. Esse teu amor é peccaminoso, porque o não santificaram as bençãos da egreja. E, por causa d'elle, na solidão e na tristeza chora dia e noite uma mulher innocente; por causa d'esse amor os inimigos do conde, meu sobrinho, tem contra elle levantado calumnias tremendas, accusando-o de assassino despiedoso e cruel.

A estas palavras severas de frei Pedro, a Calcanhares, debulhada em lagrimas, deixou cahir a cabeça para traz, e com um movimento de sublime exaltação, exclamou:

— Deshonrada, aviltada, accusada de crimes que

não commetti, sacrificada á vingança infame de um homem sem coração, odeiada por um povo como se fôra a causa dos seus males, desprezada.... eu pura e innocente, como uma d'essas mulheres que vivem no vicio e na vergonha.... Era justo que para tantos padecimentos houvesse compensação. Eu tambem innocente chorei muitas lagrimas; eu tambem não maculada de crimes fui calumniada. Não. Este amor não póde ser, não é peccaminoso. Foi vontade de Deus que elle nascesse n'este coração, e, desde que amo, sinto-me melhor; a minha alma eleva-se em mais fervorosas orações ao ceo, que me conhece e que me julga.

— Mas as calumnias que por tua causa tem levantado a meu sobrinho?... — atalhou o frade.

— Não sou eu, é Henrique Henriques, o assassino de Francisco d'Albuquerque, a causa unica d'essas ca-

óde haver. Só longe, muito longe da côrte, n'um anto bem só de Portugal a poderei gosar perfeita.

—Socega, filha: não chores, não te afflijas d'esse nodo. Eu sou teu amigo, bem o sabes. Dize-me o que desejas, e eu farei quanto puder para que o alcanes.

—O que desejo?—perguntou a Calcanhares, enugando as lagrimas—A paz, a solidão é o que eu dejo. Estou cansada d'esta vida de martyrio... e não é usto que eu seja por mais tempo condemnada a uma leshonra que não mereço. Em quanto não amava, em uanto vivia só com os delirios da fantasia, parecia-me nobre e bello esse viver em continuos sacrificios, essa ledicação com que eu, para o bem d'este reino, me sueitava a um martyrio de todos os instantes, me expuha ao odio e ao desprezo d'esses mesmos por quem ne sacrificava. Quantas, quantas vezes, acreditando nas suas palavras de bondade, frei Pedro, me julguei o anjo protector de Portugal?

—E és, e tens sido o anjo protector d'este reino, Margarida—acudiu o frade.

—Acabou-se a illusão; acabou de todo, e para sempre. Esta existencia agora parece-me infame e aviltante; faz-me horror. Eu amo, frei Pedro; e sou, quero ser só do homem que amo. Francisco não morreu: compadecida de mim, a Virgem Nossa Senhora salvou-m'o. Está aqui, elle; e se Henrique Henriques o souber eu e elle estamos perdidos. Quero fugir para fóra de Lisboa; e espero, conto que me ha de proteger.

É por isto que lhe eu pedi que escutasse esta minha confissão, não como juiz severo, senão como sacerdote misericordioso, que sabe perdoar, em nome de Deus, aos desgraçados que, se peccaram, foi por muito amar.

— Ouve, Margarida. Levanta-te: senta-te aqui ao pé de mim e escuta-me — disse frei Pedro de Sousa, com voz branda e affavel. — Não é como juiz, nem como sacerdote que te vou fallar; é como um amigo, como um pae.

E, quando viu a bella Margarida sentada na cadeira que tinha ao lado, o velho proseguiu:

— Tu, menina ainda innocente e candida, foste pela Providencia destinada para padecer, é verdade; porém foste destinada tambem para ser o anjo protector de muitos infelizes que, sem ti, teriam sido victimas da cólera desvairada de um rei quasi insensato.

ma embrutecida de el-rei. Conselhos que não passam pela tua boca, não são nem escutados, nem attendidos.

— Mas agora ahi está a rainha...

— A rainha é franceza e não portugueza. O que ella quer é servir Luiz XIV, para elle a ajudar depois a satisfazer a sua desmesurada ambição.

— Já lhe disse, frei Pedro; não me julgo com forças para continuar a padecer este martyrio.

— Nem eu te peço que te sacrifiques por muito mais tempo. Seria cruel, seria injusta tal exigencia. Olha, Margarida, eu já desconfiava que Francisco d'Albuquerque não tinha morrido. Disseram-m'o, a ultima vez que te vi, as tuas faces menos pallidas, e o fulgor d'esses teus olhos. Hontem, porém, vieram dizer ao conde, um d'esses maus homens que compoem as patrulhas d'el-rei é que lh'o veio dizer, que tinham visto através das gelosias do teu camarim passar um vulto de homem. Felizmente foi ao conde, e não a el-rei, nem a Henrique Henriques, que disseram este perigoso segredo: e nem um, nem outro sabem d'isto ainda, porque o conde recommendou ao homem, que lhe trouxe a nova, o mais profundo silencio. O que este viu, porém, outros o poderiam ver; e por isso vim ter comtigo para saber a verdade, e aconselhar-te e recommendar-te prudencia. Henrique Henriques anda desconfiado: tem suspeitas de que Francisco d'Albuquerque ainda é vivo, e se elle viesse a saber...

— Deus tenha misericordia de nós! — exclamou assustada a Calcanhares.

— Um crime póde ser perpetrado n'um momento; e não valem depois nem queixas, nem castigos para salvar a vida da victima.

— É por essa causa, é para evitar essa catastrophe que eu quero fugir para longe d'aqui.

— Lá mesmo, talvez, a vingança d'aquelle homem te iria procurar.

— Esconder-nos-hemos, eu e elle, n'uma herdade bem deserta do Alemtejo; e ahi, com a protecção de Deus e o auxilio de vossa reverendissima, não temo os furores de Henrique Henriques.

— Pois sim, irás para onde te não possam chegar os punhaes dos assassinos. Mas antes — proseguiu o bispo eleito de Angra, pegando com brandura na mão de Margarida — antes has de tu prestar ainda um ser-

magestade já nem de mim se lembra, felizmente. Ha quasi um mez que me não manda chamar ao paço.

— É preciso que te faças lembrada. A rainha vai tomando ascendente sobre o espirito de D. Affonso...

— Então póde a rainha, melhor do que eu, despersuadil-o...

— Não; isso não póde, não deve passar-se assim. Os inimigos do conde proclamariam por toda a parte calumnias e aleivosias contra a sua honra. Dir-se-ia que é meu sobrinho quem aconselha mal el-rei; e a rainha quem o desvia do crime, quem se oppõe ás suas tyrannias — acudiu frei Pedro.

— Mas...

— Sou eu quem t'o peço, Margarida. Faze o que te disse, vai ámanhan ao paço. Mandar-te-hei aviso da hora a que deves ir. Falla a el-rei no conde, persuade-o a que lhe escute os conselhos. Combate por todos os modos a influencia da rainha...

— Isso, isso não faço eu.

— A franceza fez hoje publicar na côrte que estava de esperanças, que ia dar um herdeiro á corôa. É uma astucia de que se quer servir para alcançar os seus fins — proseguiu o frade, baixando a voz. — Ella deseja levar el-rei a assignar a liga proposta pelo ministro francez. São ordens que recebeu de Luiz XIV; e essa liga seria a perdição d'este reino. Margarida, faz o que te eu peço. Salva a vida do conde da Ericeira e a honra de meu sobrinho.

A voz de frei Pedro havia-se tornado tremula, as

lagrimas bailavam-lhe nos olhos, e as suas mãos convulsas estendiam-se supplicantes para a Calcanhares. Esta não soube atinar com palavras para recusar o que o tio do Castello-Melhor lhe pedia; não teve animo para resistir ás supplicas do velho, e deixando cahir a cabeça com abatimento, perguntou apenas:

— E Francisco?...

— Esse irá ámanhan para um logar seguro, onde os espiões de Henrique Henriques o não possam descobrir: e depois ha de ir, hão de ir ambos — tu has de acompanhal-o, Margarida — para uma das quintas que meu sobrinho tem na provincia.

— Farei tudo que me ordene; estou prompta para mais este martyrio — disse ella. — Mas é o ultimo.

Depois de agradecer á Calcanhares, e de a afagar com palavras melliffuamente fradescas, o velho geral

CAPITULO XXXVI.

DENUNCIAS.

Era meio dia e el-rei ainda estava na cama. O rosto pallido de sua magestade, cercado pelos longos e emmaranhados anneis da profusa grenha, tinha n'aquelle momento uma expressão carregada e sinistra, que fazia singular contraste com o brutal idiotismo que lhe caracterisava a physionomia. O corpo obeso de Affonso VI permanecia em perfeita immobilidade; e só de minuto a minuto o braço direito, estendendo-se para um prato que estava á cabeceira da cama, e levando depois á boca um enorme fartalejo, que instantaneamente era devorado, dava a conhecer que d'aquelle corpo ainda não desapparecera de todo a mobilidade.

No extremo do quarto d'el-rei, do lado opposto áquelle em que estava a cama, havia um altarzinho for-

rado de damasco, sobre o qual se levantava um retabulo representando o martyrio de Santo Estevão. Um padre ainda moço celebrava, com incrivel velocidade, n'esse altar, sem que D. Affonso mostrasse sequer ter dado pela sua presença.

Nos dias de semana, quando el-rei ficava na cama até ao meio dia, entrava-lhe no quarto um padre, dizia missa e retirava-se, para que sua magestade se não incommodasse em ir á capella real. Nos dias de festa e nos domingos a missa, em vez de ir procurar sua magestade ao quarto, esperava por elle na capella real: de modo que, muitas vezes, quando nas outras egrejas estavam a vesperas é que a missa d'el-rei começava.

De joelhos ao lado da cama de sua magestade estava Henrique Henriques de Miranda, de mãos postas, olhos baixos, murmurando orações, benzendo-se, batendo

de lhe fazer perder a cabeça! — E a physionomia de l-rei, pouco antes contrahida pela colera concentrada, esenrugou-se n'uma risada alvar.

O cortezão, mal sentiu o movimento de sua mages-ıde, sacudiu, como uma mascara que lhe não convi-ha conservar por mais tempo, o ar de devota conpunc-ão com que até alli assistira á missa, e, pondo-se de é, tomou o ar jovial e cynico, que o tornara digno de osar do valimento d'el-rei.

— Não me parece que vossa magestade faça bem m exasperar sua alteza mais do que elle já está — acu-iu Henrique Henriques. — Os seus gentis-homens es-ão todos ausentes...

— Ah! ah! É verdade, estão todos ausentes; exce-to aquelle maldito Rodrigo de Menezes.

— E o conde da Torre.

— Esse já lá vai caminho de Santarem, a esta hora. landei-lhe ordem para sahir immediatamente de Lis-oa.

— Mas o senhor infante não ha de ir sem comitiva lguma para Salvaterra, onde se reune toda a côrte, nde vai sua magestade a rainha.

— Elle anda a querer-me namorar a rainha, que u bem o percebo; e tambem a namorar-me o throno: nas ha de desenganar-se de que nem uma, nem outra oisa é facil de conquistar, quando eu não quero — isse el-rei encolerisado, e batendo ao mesmo tempo al punhada na cabeceira do leito, que fez saltar esmi-alhada boa porção dos arrendados que o ornavam. —

Partiremos para Salvaterra segunda feira, d'aqui a dois dias. Já o mandei participar á côrte. Quero festejar a nova que a rainha me deu, de que ia ter herdeiro á corôa. Ninguem esperava tal, hem! Foi uma surpreza para todos; para meu irmão, para os do seu partido... e até para mim.... — Sua magestade terminou esta phrase com uma gargalhada tão prolongada e convulsiva, que parecia não poder finalisar nunca.

O padre, que ouvira a conversação de D. Affonso com um dos seus valídos, julgou prudente acabar logo a missa e retirar-se. Antes porém de sahir do quarto, approximou-se da cama d'el-rei para, segundo o costume, lhe beijar a mão e receber as suas ordens. O ruido que elle fez ao atravessar a casa tirou sua magestade da convulsão de riso nervoso, em que o pozera a sua propria graça chocarreira e miseravel. Parou de rir, e voltando-se para o padre com gesto impaciente:

lle disse a missa por inteiro, este maroto; não é as-
m, Henrique Henriques?

— Creio que sim senhor — respondeu este.

— Mas não esteve muito tempo a dizel-a. Eu não
osto de missas, nem de sermões compridos.

— Disse uma missa militar... em dia de batalha.

— Está bom; está bom. Então merece recompen-
a. Dá-lhe ahi algum dinheiro, para elle se regalar,
ste padre. Ah! E para compensar a missa que eu
oje não ouvi — proseguiu o rei, mudando de tom —
screve a Antonio Cavide, Henrique Henriques, orde-
ando-lhe da minha parte que mande dizer immediata-
nente cem missas ás almas.

— Pois sim, real senhor. Vou cumprir immedia-
amente as suas ordens.

— Podes safar-te — disse el-rei ao padre, quando
este recebeu uns vintens da mão de Henrique Henri-
ques. — Já aqui não tens nada que fazer.

O padre, sem dizer palavra e recuando para não
voltar as costas a el-rei, sahiu rapidamente do quarto.

— Olha — proseguiu sua magestade, dirigindo-se
o seu valído — manda tambem dizer mil missas por
lma de um defuncto. Mas que comecem a dizel-as de-
ois de ámanhan sómente, porque o homem ainda não
morreu. Não quero que D. Luiz de Menezes vá para o
nferno, quando morrer. Deus Nosso Senhor me livre
e tal, que nunca mais podia dormir socegado.

— Vossa magestade sempre está resolvido a man-
ar matar o conde da Ericeira?

— Estou, de certo que estou. É um malva traidor, um insolente. Queres tambem pedir-elle, como o Castello-Melhor?

— Não, senhor. Eu acho que vossa magest bem em castigar os seus inimigos. — Quem os gos poupa, nas mãos lhe morre. O conde de C Melhor parece que ignora o rifão.

— Ainda bem; ainda bem que pensas co Hei de dar cabo de todos esses fidalgos traidor andam por ahi a conspirar contra o conde; o me o meu bom conde. — As missas quero-as bem buidas, pelos santos de mais devoção — proseg rei. — São mil, não é assim? Eu disse-te mil.

— Sim, real senhor.

— Então vai contando. Trezentas ás alma cem a Nossa Senhora da Conceição...

— Faz quatrocentas.

— Mais cem a S. Bernardo...

— Quinhentas.

— Cem a Santo Antonio...

— Seiscentas.

— Cem ao Santo Christo do Carmo...

— Setecentas.

— Cem ao Bom Jesus de S. Domingos...

— Oitocentas.

— Cem ao Anjo da Guarda do Reino...

— Novecentas.

— E cem para que Deus Nosso Senhor appli que fôr mais do seu serviço...

— Faz mil.

— É isso; ahi está como eu quero que sejam offe-
ecidas as mil missas. E digam agora que eu sou mau.
lles dizem que eu sou mau, não é assim, Henrique
Henriques?

— Não creio que ninguem ouse commetter um tal
acrilegio.

— Dizem, hão de dizer. E hão de tambem publi-
ar por toda a parte que meu irmão é um santo, que o
Pedro é um principe perfeito.

— Proclamam que sua alteza é um modelo de vir-
ude — acudiu Henrique Henriques.

— Que m'o venham dizer a mim, que o vi accom-
netter uma ronda alli ao Rocio, e matar um pobre ho-
nem com um tiro de pistola, e eu lhes responderei.

— Verdores da mocidade!

— E aquelle rapaz que elle quiz assassinar, por
causa do seu criado Gaspar Varella...

— Foi para salvar a vida do seu moço da camara,
que o senhor infante acutilou o tal rapaz; o filho de
um capitão de mar e guerra.

— E Simão de Vasconcellos a quem elle deu uns
iros...

— Simão de Sousa é irmão do Castello-Melhor.
Foi uma vingança. Mas dizem que o senhor infante
está muito mudado: que se dá ás sciencias...

— Ah! ah! Meu irmão dá-se ás sciencias! — ex-
clamou el-rei, a quem as astuciosas respostas de Hen-
rique Henriques haviam irritado — Elle, que nem o

seu nome sabe escrever, dar-se ás sciencias! O que o Pedro sabe é pegar bem n'um toiro, montar a cavallo, e deitar cães de fila aos mulatos da cavallariça. Querem fazer crer ao povo e á côrte que meu irmão é bom e virtuoso, para melhor guerrearem o Castello-Melhor. Pois perdem o tempo, que não hão de conseguir nunca tiral-o do meu lado.

Henrique Henriques alcançara o seu fim, que era excitar a colera d'el-rei contra o infante. Elle não desejava, é verdade, a desunião dos dois principes; mas como via n'essa desunião um meio seguro de melhor firmar o valimento do conde de Castello-Melhor, e por conseguinte o seu proprio valimento, não hesitava em irritar, sempre que podia, em D. Affonso, o ciume que, desde a infancia, este sempre mostrara ter de seu irmão.

— Dize, dize já.

— Vossa magestade ordena que eu diga?

— Ordeno.

— Então obedecerei a vossa magestade.

— Dize. Estavas calado com isso!

— Chegou, haverá meia hora, antes da missa, che-
ou ao paço um homem; um capitão de milicias, creio
u...

— Que quer?

— Dizia elle que precisava fallar com o conde de
astello-Melhor, para lhe revelar um segredo da maior
nportancia.

— Algum pretendente, d'esses que estão sempre a
hegar do exercito, para pedirem recompensas de ser-
iços que nunca fizeram.

— Não: este não é pretendente.

— Então que quer elle ao conde?

— Não se sabe. O conde não está no paço; e o
omem teima em esperar, para lhe fallar a elle ou a
ossa magestade.

— Está ainda ahi?

— Está esperando na sala dos Tudescos — respon-
eu Henrique Henriques. — Mas, se vossa magestade
uer, manda-se pôr fóra do palacio.

— É um segredo o que esse homem quer dizer ao
astello-Melhor?

— Ao conde ou a vossa magestade. É um segredo,
iz elle, de que depende a salvação da patria.

— Sempre vale a pena saber-se o que é — disse el-

rei, cuja curiosidade Henrique Henriques soubera excitar. — Vou-me vestir. Isto, são horas. Vou-me vestir para ouvir o segredo do tal capitão de milicianos.

Vestindo-se á pressa, com o auxilio do general de artilheria, aguilhoado pela curiosidade, correu á sua antecamara, e ordenou a um dos criados que ahi estavam esperando as reaes ordens, que lhe trouxesse á sua presença o capitão de milicianos, que estava na sala dos Tudescos.

Não tardou em entrar pela antecamara d'el-rei dentro, de chapeo na mão, corpo curvado até ao chão, joelhos a dobrarem-se-lhe a cada passo, humilde, servil, reptilmente, o senhor capitão Aniceto Muleta.

O senhor Aniceto viera ao paço para, como dissemos, cumprir a promessa feita na vespera ao seu amigo frei Thomaz do Espirito Santo. Mas, ao saber que o

enrique Henriques de Miranda, resolveu confiar-lhe seu segredo, porque conhecia os laços de mutuo interesse que o prendiam ao conde valído.

Henrique Henriques, calculando logo a utilidade ue de tão importante revelação podia tirar a causa do alído, ordenou ao senhor Aniceto que se preparasse ara narrar a sua magestade o que ouvira em casa do ıfante. O pobre Aniceto, tremendo de medo, buscou scusar-se de cumprir tão perigosa ordem; porém a voz o general era tão imperiosa, e havia nos valentes da atrulha alta d'el-rei, que estavam na sala, tantas caıs patibulares, que elle não teve remedio senão caır-se e esperar.

O senhor Aniceto entrou pois na antecamara d'elei, mais morto que vivo. Mal chegou ao meio da casa arou, deixou cahir o chapeo das mãos, e deu com amos os joelhos em terra; como se lhe houvesse cahido m cima um pezo de cem arrobas.

— Ahi está, senhor, o homem que pediu para falar a vossa magestade — disse Henrique Henriques em lta voz. E chegando-se a Aniceto Muleta, murmurouhe ao ouvido: — Se não fallas, mando-te tirar a pelle om um azorrague.

— Que me queres tu? Que segredo é esse que tens ara dizer? — perguntou Affonso VI.

— Senhor... eu... — E a voz perdeu-se na garganta do miliciano.

— Falla.

— Eu... Vossa magestade ha de ter dó de mim...

porque, emfim, foi para bem do reino... O acaso... eu não queria.

— Eu não entendo este homem! — exclamou el-rei impaciente.

— Dize a el-rei o que tens para lhe dizer; e de pressa — disse o valído com um tom de voz, que fez quasi perder o alento ao desgraçado capitão.

Fazendo das fraquezas forças, e n'uma contracção espasmodica de susto, que se podia tomar por um acto de destemido arrojo, o senhor Aniceto, pondo-se de pé, exclamou:

— Nem vossa magestade, nem este fidalgo é capaz de me deitar a perder, que eu bem o sei; mas, antes de dizer o que tenho para dizer, peço-lhes que promettam não revelar a ninguem o meu nome...

— Homem, tu esqueces que estás fallando com sua

carrasco; uma forca e uma corda fazem até fallar mudos.

— Deus tenha misericordia de mim! — exclamou o desditoso Aniceto, cahindo de bruços no chão.

— Deixa lá esse miseravel — acudiu el-rei. — Nem vale a pena de o atormentar. E é capitão de milicianos, isto!

— Real senhor, prometta pelo amor de Deus... — murmurou o Muleta.

— Prometto, sim. Ninguem saberá que foste tu que me disseste o importante segredo. — E dando uma gargalhada, el-rei proseguiu: — Mas ao menos, para me dar uma prova de que te fias na minha palavra real, dize-me como te chamas.

— Eu peço perdão a vossa magestade de ter tido tão grande atrevimento — disse, um tanto mais socegado pela promessa d'el-rei, o capitão. — Mas era segurar a vida; e vossa magestade não póde levar a mal que a gente tenha amor á vida.

— Como te chamas? — perguntou Henrique Henriques com impaciencia.

— Aniceto Muleta, um criado de vossa mercê.

— Aniceto Muleta! Ah! ah! — E sua magestade cahiu n'uma cadeira, a rir como um perdido.

Á vista da hilaridade d'el-rei, o capitão de milicianos cobrou animo, foi-se levantando pouco a pouco, e finalmente ficou em pé de todo.

— Onde foste buscar esse ridiculo nome? — per-

guntou D. Affonso, quando lhe passou um pouco o ataque de riso.

— Aniceto, senhor, foi o nome que me deram na pia do baptismo — respondeu o miliciano. — Muleta, foi alcunha que me pozerão os rapazes da minha terra; por meu pae, que era côxo, me quebrar um dia nas costas a muleta a que se abordoava.

— Alguma lhe fizeste tu!

— Injustiça, foi uma injustiça paterna.

— Talvez fosse para te castigar de seres medroso.

— Eu não sou medroso. Peço a vossa magestade a mercê de me não ter na conta de medroso.

— Então estas cautelas todas com que tens estado?...

— Não é medo, é respeito ás reaes pessoas de vossa magestade e do senhor infante.

isse Henrique Henriques. — Por melhor que seja
ração do senhor infante, sua alteza não póde dei-
de ceder aos perfidos conselhos, ás suggestões e ás
gas dos seus parciaes.

— O coração de Pedro não é bom: e elle o que
é realisar a ideia que a rainha minha mãe lhe met-
na cabeça. Quer ser rei. O Castello-Melhor tem-
dito muitas vezes; e elle bem sabe por que o diz.
hei de dar-lhe uma lição mestra...

Henrique Henriques, receando que el-rei dissesse
te do capitão Aniceto Muleta alguma coisa que este
sse ir contar depois ao Côrte-Real, interrompeu
magestade, dizendo:

— Senhor, este homem veio dar-nos um tão im-
ante aviso, que não deve ir-se da presença de vossa
estade sem recompensa...

— É verdade, é verdade. Dá-lhe dinheiro — acu-
el-rei. — Dá-lhe o que elle pedir.

— Não é dinheiro que eu peço a vossa magestade,
or. Outra coisa.... duas coisas quizera eu que
a magestade me fizesse — atalhou Aniceto Mu-

— Então dize que coisas são essas.

— A primeira, era que ninguem sonhasse, sequer,
eu tinha vindo aqui dizer a vossa magestade este
edo do senhor infante. É a vida que eu peço a
a magestade.

— Eu já te prometti segredo; e basta. Dize a ou-
coisa.

— A outra coisa que eu quizera alcançar da benignidade de vossa magestade é tambem a vida.

— Pois tu não estás vivo?

— Mas póde — a desgraça persegue muitas vezes os innocentes — póde acontecer que eu, por fatalidade, caia alguma vez nas mãos da justiça, e que seja injustamente condemnado...

— A justiça não condemna injustamente — disse D. Affonso, rindo.

— Eu bem sei, senhor — proseguiu o senhor Aniceto insinuando-se, por assim dizer, por entre as palavras d'el-rei — eu bem sei que a justiça só faz justiça. Mas ás vezes as apparencias... o acaso...

— Vamos, dize o que queres.

— Quero, supplico a vossa magestade que me assigne um perdão para um condemnado....

salvar, quando eu quizer, a vida de um homem. É uma ideia que me dá gosto.

— Pode-se fazer o que este homem pede? — perguntou el-rei, voltando-se para Henrique Henriques.

— Póde, senhor — respondeu este.

El-rei então, pegando da penna, assignou um papel, e mandou a Henrique Henriques que escrevesse n'elle a ordem de darem a liberdade a um condemnado á morte: determinação que o cortezão immediatamente cumpriu.

O capitão Aniceto Muleta, beijando, com as lagrimas nos olhos, a mão de sua magestade, sahiu da antecamara; e encaminhou-se logo, correndo pelos corredores e descendo aos pulos as escadas, para o Terreiro do Paço. Quando se viu ao ar livre tomou fôlego, e, depois de ter lido com muita attenção o papel que el-rei lhe dera, foi a passos lentos caminho da Graça. A imagem da forca, que na vespera o conde da Torre lhe erguera diante dos olhos, havia-se esvaecido de todo.

Henrique Henriques, que ficara, depois da partida de Aniceto, só com Affonso VI, julgou comsigo que não devia deixar esfriar a colera de el-rei, antes excital-a a ponto d'elle tomar alguma resolução violenta. Por isso, deu-se pressa em participar a seu real amo, que Luiz Manco, um dos valentes da *patrulha baixa*, tinha visto na vespera á noite sahir do paço disfarçado um criado do infante.

— E elle viu quem era esse criado? — perguntou el-rei.

— Viu, senhor, viu que era um tal Luiz de Mendonça. Um que na ultima toirada ficou por morto na praça...

— Que apanhou o lenço da rainha?

— Esse mesmo.

— E d'onde o viu sahir o Luiz Manco?

— Da portaria das damas.

— Da portaria das damas! Virá com algum recado do infante? A rainha, a *brixota*, estará na conspiração? Olha—bradou el-rei espumando de raiva—Henrique Henriques, vai-me chamar o Manco. Não, não m'o chames. Ordena-lhe que dê quanto antes cabo d'esse excommungado Luiz de Mendonça...

— Vossa Magestade quer mandar matar...

— Esse espião do infante, esse traidor? Quero: quero acabar com toda essa pandilha infame. O Fran-

quando uma voz de mulher suave e sonora perguntou, abrindo cautelosamente uma porta falsa que havia na parede da antecamara:

— Vossa magestade permitte que entre?

CAPITULO XXXVII.

MARTYRIO.

Quando recebeu ordem do conde de Castello-Melhor de ir ao paço, estava a formosa Calcanhares com

por que o seu coração nobre e candido tinha á hypocrisia, tudo contribuia para que a ordem do conde valído causasse uma profunda mágoa á pobre Margarida. Ella, que na vespera promettera a frei Pedro de Sousa obedecer ainda por esta vez ás ordens do conde, não sentiu em si, no primeiro instante, animo para cumprir a fatal promessa.

Debulhada em pranto, e escondendo a cabeça nas mãos, a infeliz exclamou:

— Não posso, não tenho força para tanto!

— Não vás, Margarida, não vás — acudiu Francisco — Para que has de tu ir ao paço? Deixa o conde de Castello-Melhor com as suas intrigas politicas, deixa el-rei com as suas loucuras, e vem, fujamos para longe de Lisboa.

Margarida não respondeu. Ficou chorando alguns minutos, sem fazer um gesto, sem dar um gemido. Subitamente levantou-se e enxugou as lagrimas, dizendo com voz vibrante, melodiosa, e apenas ligeiramente convulsa:

— Vou salvar a vida de um homem. Nossa Senhora terá misericordia de mim.

E sem se despedir do capitão, desceu correndo ao páteo, onde a estava esperando uma liteira, e partiu para o paço.

A uma porta do páteo da capella estava uma velha açafata, a qual a conduziu por intrincado labyrintho de corredores e escadas a um camarim, onde a aguardava o conde de Castello-Melhor.

—Margarida—principiou o conde logo que a açafata se retirou — eu sabia que me não havias de abandonar n'uma occasião como esta. Quando eu, quando todos mais precisamos de ti.... Perdoa-me, Margarida — proseguiu elle affectuosamente — perdoa-me. Eu já sei tudo; frei Pedro tudo me disse. E o que elle prometteu está promettido São estes os ultimos sacrificios que de ti exijo. Salva a vida do conde da Ericeira, salva a minha honra, salva Portugal dos perigos de uma guerra sem fim, e Deus te dará o pago da tua resignação.

A Calcanhares escutara estas palavras de pé, immovel como uma estatua, sem tocar na mão que o valído estendera para ella, sem levantar o véo negro que lhe cahia do bioco. Quando o conde acabou de fallar, Margarida levantou lentamente o véo, e com um gesto de sublime resignação, apenas murmurou:

— Que quer de mim?

O rosto da bella Calcanhares estava pallido e demudado, mas tinha ao mesmo tempo tal energia de expressão, ressumbrava n'elle por tal fórma o poder de uma resolução inabalavel, que o conde receou provocar alguma explosão de queixas e recriminações.

— Frei Pedro já te explicou o que deves fazer, Margarida — proseguiu o conde com brandura. — Confio-te a minha honra e a sorte d'este reino; porque uma e outra coisa estão dependendo talvez da resolução de el-rei, n'esta critica occasião. Se el-rei insistir em mandar matar D. Luiz de Menezes, fico eu deshonrado,

e a independencia de Portugal mal segura; porque o infante é capaz de fazer alguma loucura, de que os nossos inimigos se aproveitem. Vai, Margarida, vai á camara de sua magestade: elle ainda está recolhido. Vai e falla-lhe em mim; traz á conversa a questão do conde da Ericeira; dissuade-o de commetter um crime inutil e odioso.

— Senhor conde — interrompeu friamente Margarida — eu vou cumprir a promessa que fiz. Estou certa que não esquecerá a sua.

E sem mais escutar o Castello-Melhor, sahiu por uma porta que dava para a escada que conduzia á antecamara d'el-rei.

Antes de abrir a porta da antecamara real, a Calcanhares, como ouviu fallar alto e distinguiu a voz do odeiado Henrique Henriques, deteve-se tremula e irresoluta. O senhor Aniceto acabava n'aquelle instante de sahir, levando o perdão assignado por Affonso VI; e o perfido general de artilheria estava contando a seu amo, como um dos valentes da patrulha baixa espionara na vespera Luiz de Mendonça, quando este sahia do paço pela portaria das damas. De modo que Margarida ouviu da propria boca de el-rei a ordem que elle deu ao sicario e conselheiro dos seus crimes, de mandar assassinar não só o conde da Ericeira, mas tambem o amigo de Francisco d'Albuquerque.

— Vossa magestade permitte que entre? — disse ella, abrindo a porta, quando sentiu afastar-se da antecamara real Henrique Henriques.

El-rei, que não esperava ser interrompido no desafogo de pragas e imprecações com que estava dando largas á sua colera, voltou-se para Margarida com um tal gesto de furor, que esta recuou espavorida. Cobrando, porém, animo, deu dois passos para D. Affonso, e com voz maviosissima:

— A minha presença aqui — disse — não apraz a vossa magestade?

A colera de el-rei fundiu-se subitamente. A voz da Calcanhares fez estremecer aquelle coração, em que as puras idealidades do espirito não tinham influencia, mas em que dominavam poderosas as sensações. Dando alguns passos para a sua amante, D. Affonso exclamou:

— Margarida! A tua presença apraz-me agora, como sempre. Vem. Tinha saudades tuas; fizeste bem em vir agora.

— Vossa magestade não... não se esqueceu ainda de mim?

— Não, ai, não me esqueci, nem me esqueço. — E el-rei pegou na mão da Calcanhares, e, sentando-se, obrigou esta a sentar-se ao seu lado. — Margarida, minha querida Margarida, que prazer tenho em ver-te aqui — proseguiu elle. — Nem sei como Henrique Henriques me pôde convencer de que eu te não devia ir ver n'estes primeiros tempos de casado. Tu é que já não podias passar sem mim, meu anjo da guarda. Tinhas saudades, e vieste. Bem hajas tu, Margarida.

E D. Affonso deu um beijo na testa de Margarida, que se fez branca como se lhe houvessem applicado um

d'esses horriveis tratos, que os inquisidores, mestres de crueldade e de infamia, inventaram para deshonra da verdadeira religião.

— Senhor, Henrique Henriques tem razão — acudiu ella, que desejava pôr termo áquelle martyrio a que se condemnara por grandeza de alma, porém para que se não sentia com forças no momento de o padecer — Henrique Henriques tem razão. Eu não devo perturbar a felicidade conjugal de vossa magestade; e por isso vim aqui para lhe pedir...

— Não me peças alguma coisa impossivel; não me peças que me separe de ti, porque t'o não faço.

— Vossa magestade não deve, não póde condemnar-me, a mim que estou innocente, a tão incomportavel martyrio! — exclamou ella.

— É um martyrio estar comigo! — exclamou Affonso VI fazendo-se fulo de colera.

A Calcanhares, movida pelo receio da cega colera de el-rei, pela lembrança do que promettera a frei Pedro de Sousa, e sobre tudo pelo desejo de salvar a vida do amigo de Francisco d'Albuquerque, acudiu logo com affabilidade, pegando na mão do real tyranno.

— É um tormento ver quem se ama feliz com outra.

— És tu que me não amas já; que és feliz com outros amores! — prorompeu el-rei com a mesma raiva. — Mas lembra-te, Margarida, de que eu um dia, quando soube que me trahia uma mulher com quem tinha amores, mandei-lhe matar o amante: e a ella... a ella fiz-lhe arrancar a pelle das costas com açoites.

Margarida sentiu que n'aquelle instante era necessario um supremo sacrificio para pôr termo á perigosa colera de D. Affonso. Fazendo com os braços um colar em que prendeu a cabeça do rei, a desditosa rapariga, a quem este movimento causava horror, murmurou com uma voz que mal se ouvia:

— Affonso, meu rei, não te encolerises contra mim. A tua... a serva humilde de vossa magestade... — Queria continuar, mas as palavras extinguiram-se antes de lhe chegar aos labios. Não teve força para se ouvir: porque lhe parecia uma profanação fallar de amor a outro que não fosse Francisco d'Albuquerque.

El-rei, attribuindo a melindres de amor o que era só filho de invencivel antipathia, apertou a Calcanhares ao coração, dizendo-lhe:

— Perdoa-me. Eu bem sei que tu me tens amor;

magestade — acudiu ella. — Mas quando vossa magestade escuta as inspirações de seu coração, bom e generoso, então as resoluções, que a colera lhe fez precipitadamente tomar, são abandonadas e esquecidas. Não chore, não se mortifique vossa magestade. Ninguem crê nos calumniadores.

— Margarida, se tu soubesses as traições que me tem feito alguns d'esses fidalgos, a quem eu tratava como amigos; se soubesses quanto todos me enganam, tinhas, tinhas de certo dó de mim!

— A generosidade, a grandeza d'alma são os meios melhores de que vossa magestade dispõe para castigar os criminosos. Vossa magestade perdoando, lança o remorso e a vergonha nas almas dos que se atreveram a atraiçoal-o.

— Grandeza d'alma e generosidade, quero-as para os que me amam, e não para os que me trahem. Castigos severos é o que os malvados merecem: e hão de tel-os, e hão de conhecer que um rei sabe vingar-se quando o offendem.

D. Affonso tinha outra vez cahido n'um tal accesso de colera, que a Calcanhares percebeu que eram inuteis todos os esforços para dobrar os impetos desordenados d'aquella alma, endurecida pelo habito de mandar, e embrutecida pelas ruins paixões; comtudo, para cumprir a promessa que fizera ao tio do Castello-Melhor, resolveu levar até ao Calvario a sua pesada cruz.

— Affonso, meu querido rei — acudiu ella com voz meiga — não te deixes vencer outra vez pela colera.

Um rei, — eu fallo-te com o coração, não sei dar razões politicas do que te vou dizer, — um rei, para que os homens lhe perdoem o ser rei, deve usar do seu immenso poder, como Deus, para o bem e para a misericordia, não para o mal e para a vingança.

— Queres que eu consinta que me escarneçam, queres que consinta que meu irmão me tire a corôa? Margarida, tu d'estas coisas nada entendes. És boa de mais para perceberes a maldade dos outros. Pois elles não te accusam a ti, Margarida, de me excitares á vingança, de me inspirar ideias sanguinarias! Não dizem que me trahes, que me enganas, que és uma mulher sem coração!

— Deixe vossa magestade os calumniadores levantarem testemunhos falsos. Deus sabe a verdade de tudo, e é quanto basta. A corôa de vossa magestade nin-

mão, de quem ouviste fallar, ousou entrar no paço e noite pela portaria das damas.

— Mas consulte vossa magestade o conde de Castello-Melhor; elle ha de melhor do que eu saber aconselhal-o. O conde não tem mau coração, é prudente, e alvez...

— Ha de aconselhar-me a fraqueza, a contemporização; e eu quero usar de energia para aterrar os meus inimigos. Margarida, não me falles mais n'esses traidores: falla-me de ti, do teu amor...

— Permitta-me vossa magestade que lhe eu peça pela vida d'esses desgraçados.

— Não, não me peças, que é inutil.

— Pelo amor que vossa magestade me tinha n'outro tempo...

— E que ainda te tenho, e que te hei de ter em quanto viver! — exclamou el-rei, enlaçando nos braços o corpo gentil da Calcanhares. — Margarida, julgas que eu posso deixar de te amar, esquecer-me de ti? Ai, quem me dera não ser rei, só para viver para ti só.

O amor de D. Affonso causava maior horror a Margarida do que a sua colera.

Pallida e quasi sem alento, ella deixou cahir a cabeça para traz, para fugir aos beijos e ás caricias do seu real amante. Assim, meia suspendida nos braços de el-rei, com os olhos, de que borbulhavam lagrimas, levantados ao ceo, os beiços convulsos e brancos abrindo-se-lhe como para pedir misericordia, os cabellos caindo em immensos anneis, as roupas moldando-se-lhe

em curvas graciosas sobre as fórmas bellas e de uma pureza de linhas admiravel, a expressão de angustia que não lhe diminuia antes lhe dava maior relevo á formosura, tudo fazia com que, n'aquelle instante, Margarida pudesse ser tomada como typo ideal da belleza. Era a poetica dôr da Niobe antiga idealisada pelo influxo suave da arte christan.

— Margarida, Margarida, tu amas-me, amas-me como eu te amo, não é assim? — murmurou o rei, apertando-a ao coração.

Tornando a si, e soltando-se dos braços de D. Affonso, a Calcanhares, que ouviu passos na casa immediata, exclamou:

— Vem gente. Deixe-me. Lembre-se vossa magestade de que a rainha póde saber...

— Que importa, que me importa a rainha — acu-

CAPITULO XXXVIII.

BUSCA INUTIL.

Esperar é doloroso, sobre tudo quando se espera por quem se ama; ou quando ao longo e desconsolador esperar vem juntar-se os soffrimentos do ciume, e os receios de uma desgraça que se adivinha, que se presente, sem que seja possivel dizer qual ella será. Esses receios indefinidos, mas nem por isso menos assustadores, que pezam sobre o espirito nas horas da solidão, esses receios que tantas vezes são os precursores da desventura, tornam amargosos até os instantes em que, se elles não existissem, a felicidade devera ser completa; quanto mais essas horas em que a alma, já disposta para a melancolia, parece quasi ter desejo de alimentar as proprias magoas, e de se identificar com ellas. N'essas horas, a fantasia apraz-se em crear imagens pavorosas, em cobrir de luctuosos crepes as espe-

ranças que ousam despontar na imaginação, em representar pallido e sinistro o futuro á razão assustada. Tudo é então desconsolo e abatimento, e a alma deseja, como um allivio, aniquilar-se, apagar-se por uma vez nos incomprehensiveis e incommensuraveis abismos do nada.

Francisco d'Albuquerque esperava por Margarida, que o deixara para ir ter com o seu real amante; e no seu coração, ralado pelo ciume, pezavam os mais sinistros presentimentos. As horas pareciam-lhe sem fim; a vida sem esperanças; o mundo um deserto, longe d'aquella a quem amava de immenso amor.

A voz da Calcanhares, chegando aos ouvidos do moço namorado, foi como o raio de sol que dissipa as nuvens carregadas da tempestade; fez esvaecer, em suave arrobamento de ternura, as imagens assustado-

lhe dar aviso; e foram mister os conselhos e a poderosa influencia de Margarida, para impedir que elle commettesse tão louca imprudencia.

Esperou que se fizesse noite, e então, disfarçado em trajes de homem do povo, Francisco d'Albuquerque sahiu, com a saudade a pungir-lhe no coração e as lagrimas a saltarem-lhe dos olhos, da casa onde passara os dias mais venturosos da sua vida. Sahiu para não voltar mais.

No Côrte-Real havia grande agitação, porque todos estavam occupados nos preparativos da partida para Salvaterra; e por isso Francisco d'Albuquerque pôde penetrar no interior do palacio, sem que ninguem attentasse n'elle. Atravessou á pressa as salas escuras, os corredores mal allumiados, e chegou finalmente á porta do quarto de Luiz de Mendonça.

Bateu, e ninguem lhe respondeu: tornou a bater por duas ou tres vezes, sem que no interior do quarto se ouvisse o minimo rumor. Impaciente, mas não inquieto, porque era natural que o moço fidalgo áquella hora estivesse n'outra parte do palacio, Francisco de Albuquerque, receoso de que o conhecessem, resolveu esperar alli, que o seu amigo se recolhesse. Passaram duas horas. Os rumores dos passos e das vozes dos criados de sua alteza foram-se desvanecendo pouco a pouco, e a luz baça da lampada, que pendia do tecto no corredor em que estava o nosso capitão, foi tambem pouco a pouco amortecendo. Já de espaço a espaço, da lampada se levantava uma chamma rapida, aguda,

avermelhada, acompanhada de um estalido secco e irregular, indicio certo de que estava proximo o instante da luz se apagar de todo; e ao clarão d'essa chamma as paredes pareciam agitar-se e sombras informes cruzarem-se em todos os sentidos, como precursores phantasticos de alguma apparição sobre-natural, quando Francisco d'Albuquerque ouviu approximarem-se lentamente os passos de um homem, e uma voz murmurar, entre dentes, uma d'essas cantigas melancolicas e sem rithmo, que são a mais admiravel expressão musica da tristeza indolente do nosso povo.

Reconhecendo a voz de Diogo Cutilada, o capitão resolveu dar-se-lhe a conhecer para saber d'elle novas certas de Luiz de Mendonça. Quando o velho soldado passou por elle, poz-lhe a mão no hombro, dizendo-lhe com voz imperiosa:

minou com um clarão brilhante todo o corredor, e Diogo, movido pela commoção da pancada que recebera e pelo aspecto iracundo de seu amo, que elle julgava ser uma alma do outro mundo, começou a gritar como um possesso, e a correr pelo Côrte-Real.

— Acudam — bradava elle — acudam, que andam coisas más no palacio. Abrenuncio! Jesus! Misericordia! A alma de meu amo anda a penar!

Os criados do infante, sobresaltados com os gritos de Diogo Cutilada, começaram a sahir-lhe ao encontro e a correr por todas as casas. Em poucos instantes reinava a maior confusão em todo o Côrte-Real. Receoso de que o conhecessem, o que podia comprometter a sua segurança e sobre tudo afastal-o talvez da Calcanhares para sempre, Francisco de Albuquerque atravessou correndo as casas que o separavam da galeria das armas, e, abrindo uma das janellas que deitavam para a praia, saltou d'ella abaixo; deixando todos no Côrte-Real persuadidos de que uma alma do outro mundo havia n'aquella noite vagado pelos corredores do palacio.

O capitão, quando se viu fóra do Côrte-Real, pozse a cogitar no que devia fazer para salvar a vida do seu amigo e a do conde da Ericeira; e, lembrando-se das relações que havia entre os jesuitas e sua alteza, resolveu ir ao collegio da Cotovia contar ao padre Manuel Fernandes, que elle sabia fôra nomeado confessor do infante, o que Margarida lhe dissera das sinistras intenções d'el-rei.

O padre estava já recolhido; porém, como Francisco d'Albuquerque insistiu em pedir que lh'o fossem chamar, não tardou muito que elle viesse saber o que lhe queria áquellas horas um homem, que, pelos trajos, lhe haviam dito ser villão.

O padre Manuel Fernandes era o typo do jesuita. Alto, magro e macilento, os seus olhos nunca se fixavam na pessoa com quem fallava, a cabeça tinha-a constantemente inclinada com humildade; na testa liza e polida não se lhe via uma só ruga, que pudesse denunciar os pensamentos que trazia escondidos na alma. Era o typo do jesuita: *Pessima vulpes, occultus detractor, sed non minus nequam adulator blandus.*

— Deus o guarde — disse elle, quando entrou na casa onde o estava esperando Francisco d'Albuquerque. — Que me quer?

— Querem-o assassinar?

— Os assassinos das patrulhas d'el-rei tem ordem para o matarem onde quer que o encontrem.

— Foi o valído quem lhes deu essa ordem, não é assim? — perguntou o jesuita, cuja physionomia, perdendo a indifferença habitual, se illuminou subitamente de um clarão sinistro.

— Não, não foi o valído. Foi el-rei.

— Que diz, homem! Veja lá o que diz! Olhe que falla d'el-rei, e mentir...

— Eu não minto, padre. Nunca menti... agora não minto.

— Então quem lh'o disse, como soube isso?

— É um segredo que não posso dizer a vossa paternidade.

— É algum dos da patrulha d'el-rei, e por isso...

— Não sou villão... não sou d'esses villões que matam por dinheiro!

O tom em que Francisco d'Albuquerque fez esta exclamação era tão cheio e vibrante, havia n'elle tanto orgulho e verdade, que o padre Fernandes levantou os olhos, e observou alguns instantes com grande attenção o seu interlocutor. Esta rapida observação bastou. Um quasi imperceptivel sorriso encrespando os cantos da boca do jesuita, e um leve aceno deram a conhecer que elle acabava de descobrir um segredo importante.

— Bem sei — disse o padre Fernandes depois de uma pausa — bem sei que não é d'esses villões. É pelo contrario uma victima d'elles.

— Eu!

— A providencia divina salvou-lhe a vida — proseguiu o jesuita sem attender á exclamação do moço capitão — e para coisa boa havia de ser. Já se começa a perceber a mão de Deus que lhe anda dirigindo as acções...

— Mas, padre...

— Bastantes cuidados tem dado ao senhor infante. Todos o julgavam morto...

— A mim! Quem lhe disse... — acudiu Francisco d'Albuquerque.

— Nós sabemos tudo — respondeu o confessor do infante. — Agora é preciso, é vontade de Deus que assim seja, é preciso conservar-se como até agora, morto para todos, vivo só....

— Para quem?

longe da côrte um abrigo seguro, onde possamos passar o resto da vida.

— São promessas — disse o padre Fernandes — e bem sempre é facil cumprir o que se promette. Bem sabe que o valído sacrifica aos seus interesses a Margarida; e frei Pedro de Sousa não tem vontade que não seja a de seu sobrinho. De mais, para servir a causa de sua alteza, deve, Francisco d'Albuquerque, conservar-se na côrte; e quando descobrir algum segredo, — Margarida conta-lhe tudo de certo, — quando tiver noticia de alguma d'essas tenebrosas conspirações que os valídos andam sempre tramando contra os servidores fieis do senhor infante, deve vir avisar-me de tudo, para se tomarem as disposições necessarias para baldar todos os esforços dos inimigos da religião e da patria.

— E quer vossa paternidade fazer de mim um denunciante? Deshonrar-me...

— Não ha deshonra em servir um principe como D. Pedro. Para um fim tão justo todos os meios são bons.

— Padre Fernandes, eu não posso fazer o que me diz. Vejo que nenhum segredo lhe é desconhecido; e saberá de certo que tudo, estou prompto a sacrificar tudo por a mulher que amo. Vossa paternidade não póde avaliar estas paixões mundanas...

— Para curar o mal é preciso conhecel-o. Nós, filho, estudamos todas as paixões... para lhes darmos remedio.

— Esta não tem remedio.

— Nem eu quero condemnar esses amores. Pelo contrario: podem servir para bem da fé, é preciso que continuem esses amores. Assim como soubemos agora d'este segredo importante, podemos vir a saber outros muitos...

— Mas para isso é necessario que Margarida continue a viver com el-rei...

— Assim é.

— É o que eu não poderia consentir. Antes a morte, do que tornar a padecer o martyrio por que passei hoje — prorompeu o capitão, a quem o ciume pôz fóra de si.

O padre olhou para elle um instante, e depois com voz melliflua:

— Não se afflija, Francisco d'Albuquerque — disse. — Se não póde ser não seja. Mas emfim, bem vê

— Então...

— Quero fugir esta noite mesmo: mas sem Margarida...

— Margarida fica na côrte ainda por alguns dias — interrompeu o jesuita. — Mesmo quando o tio do Castello-Melhor cumpra a promessa que fez, o conde de certo a não deixa ainda partir.

— Mas em poucos dias...

— Pois bem, se frei Pedro faltar ao que prometteu, cumpril-a-hei eu a sua promessa, com a condição...

— De que?

— De que Margarida me tomará por seu director espiritual, e confessor.

— Como a hei de eu persuadir...

— Escrevendo-lhe já. Margarida faz quanto lhe disser. Póde prometter-lhe a protecção da companhia.

Dizendo isto, o padre Manuel Fernandes ordenou com um gesto a Francisco d'Albuquerque que se assentasse a uma mesa em que havia tudo o necessario para escrever: e elle mesmo, sentando-se tambem, traçou á pressa algumas linhas, em que participava ao conde da Ericeira a noticia que acabava de receber.

Acabou de escrever, e, levantando-se, o padre Fernandes tocou uma sinetasinha que estava pendurada a um canto da casa, e immediatamente appareceu um servente, vestido com a roupeta negra, o qual esperou de olhos baixos, n'uma postura humilde, que o jesuita lhe désse as suas ordens.

— Esta carta ha de ser entregue já em mão propria

ao senhor conde da Ericeira D. Luiz — disse o confessor do infante. — E esta — proseguiu, dando tambem ao servente a carta que Francisco d'Albuquerque lhe acabava de entregar — é necessario leval-a á Ribeira a casa de Margarida... da Calcanhares.

— Para ser entregue a quem?

— Á aia de Margarida, que é confessada do padre João das Chagas.

O servente recebeu as duas cartas da mão do padre Fernandes, e sahiu fazendo uma reverencia até ao chão.

— Padre Fernandes — disse o capitão, logo que sahiu o servente — ainda lhe não pedi tudo que tinha a pedir-lhe.

— Pois falle, filho. Diga o que quer mais.

— Não é só a vida do conde da Ericeira que está em risco. Henrique Henriques tem ordem para man-

go do moço capitão partira pela manhan para Salvaterra, a fim de preparar a parte do palacio real destinado para residencia do senhor infante.

Francisco d'Albuquerque resolveu partir immediatamente para Salvaterra, e o jesuita, reiterando-lhe as promessas que lhe fizera, acompanhou-o minutos depois até á porta do carro do Collegio, onde já o estava esperando um bom cavallo.

FIM DO SEGUNDO VOLUME.

INDICE.

		Pag.
Capitulo XXII.	— Á cabeceira do doente	5
Cap. XXIII.	— Rapto	19
Cap. XXIV.	— Conselho nocturno	41
Cap. XXV.	— A estalagem do Alemtejo	64
Cap. XXVI.	— Sua paternidade	87
Cap. XXVII.	— Novo Roldão	106
Cap. XXVIII.	— O capitão Aniceto Muleta	117
Cap. XXIX.	— Politica de jesuitas	136
Cap. XXX.	— A casa da tia Brizida	157
Cap. XXXI.	— Mademoiselle Ninon d'Arcussude	[illegible]

LIVRARIA DE VIUVA MORÉ, EDITORA.

BIBLIOTHECA MORÉ.

Volumes publicados:

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Doze Casamentos felizes, collecção de pequenos romances; 2.ª edic. revista pelo author — 1 v. 16.º 500

Estrellas Funestas — 1 vol. 16.º gr. . . . 500

Estrellas Propicias — 1 vol. 16.º gr. . . . 400

Memorias do Carcere — 2 vol. 16.º gr. . . 800

As Tres Irmans — 1 vol. 16.º gr. 500

Romance d'um homem rico; 2.ª edic. com um prefacio. — No prelo.

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

A Mocidade de D. João V, romance historico; 2.ª edição revista pelo author — 3 vol. 18.º . . 1$500

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

BIBLIOTHECA MORÉ.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

M ANNO NA CORTE.

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA PELO AUTHOR.

TOMO III.

PORTO,
EM CASA DE VIUVA MORE — EDITORA,
PRAÇA DE D. PEDRO.
a casa em Coimbra, a da Calçada.
Casa de Commissões em Paris, 2 bis, Rua d'Arcole.
1863.

J. W. Howes;
from Portuguese dept
Philadelphia Exhib
Recd. March, 187

UM ANNO NA CORTE.

UM ANNO NA CORTE.

POR

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA PELO AUCTOR.

TOMO III.

PORTO
EM CASA DA VIUVA MORÉ — EDITORA,
PRAÇA DE D. PEDRO.

A mesma casa em Coimbra, Rua da Calçada. | Casa de Commissões em Paris, 2 bis, Rua d'Arcole.

1863.

493738

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXIX.

APPARIÇÃO.

Era ainda noite cerrada, acabavam de dar cinco horas no relogio do palacio real de Salvaterra, e Luiz de Mendonça já estava a pé.

O moço fidalgo passeava rapidamente de um para outro extremo de uma sala immensa; e só de tempos a tempos parava para se approximar da larga chaminé, onde ardia um tronco de pinheiro com chamma viva e brilhante.

O vento soprava em contínuas rajadas, fazendo estalar as janellas e zumbindo pelas fendas das portas com um som agudo e triste. Fóra ouvia-se o ramalhar das arvores sacudidas pelo vento, o ciciar do matto varrido

pelo furacão, o bater da chuva cahindo em torrentes, e a agua dos brejos, que se haviam tornado em vastas lagôas, correndo em ruidosas catadupas para se ir confundir com as aguas do Tejo.

Os mil ruidos da tempestade formavam um temeroso concerto, a que os latidos e uivos das matilhas, fechadas nas cavalariças reaes, davam um caracter lugubre e phantastico. As grossas gottas, que, infiltrando-se por entre as telhas mal juntas do telhado, cahiam a espaços eguaes no ladrilho da sala, parecia quererem marcar o compasso áquella orchestra extravagante. Luiz de Mendonça escutava, por instantes, os rugidos da tempestade com pavor. Na solidão, nas horas funebres da noite, quando tudo que vive parece calar-se na superficie da terra para deixar mais poderosa e livre a natureza, ou soltar apenas longos gemidos de angustia, a alma do homem, ainda quando os padecimentos, as magoas, as desillusões a tem robustecido, não póde eximir-se ao susto, ou antes á influencia poderosa das supersticiosas recordações da infancia.

A fantasia do solitario mancebo vagava desvairada-

do, que, ao fitar n'elle os olhos envidraçados, lançava do peito um grito cavo, lugubre, prolongado, que por fim se confundia com os bramidos do vento. Depois, estas tristes phantasmagorias desvaneciam-se; e Luiz de Mendonça sentia-se transportado a um camarim sumptuoso, e ahi, de joelhos aos pés da rainha, com o coração a pular-lhe no peito de alegria, beijava as mãos alvas e graciosas de que elle vira, no dia da toirada real, desprender-se aquelle lenço de finissima cambraia, seu unico thesouro agora.

Então elle tirava do seio o lenço que a rainha lhe dera, e beijava-o, unia-o ao coração, orvalhava-o de lagrimas com vivos transportes de alegria; ardentissimas expressões de amor.

Subitamente lhe parecia ouvir uma gargalhada fria e desdenhosa; e a voz da rainha, sonora e vibrante, dizer: — Lauzun é um dos mais galantes cavalheiros da França.

Logo depois, como para lhe suavisar o amargor de tão pungente magoa, passava-lhe na imaginação escandecida a suave, a casta, a candida imagem de Thereza; melancolica como a saudade, terna e affavel como a amizade.

Mas aquella noite de vendaval mais era para imaginações pavorosas que para branduras e alegrias. Os rugidos do vento, e o marulho das torrentes, influiam profundamente no espirito do moço fidalgo: e por isso a cada ideia fagueira, que tinha, se associava logo outra ideia triste ou temerosa! A lembrança de Thereza

trouxe-lhe logo a fatal recordação do amigo assassinado.

Luiz de Mendonça estava ainda scismando na sorte funesta de Francisco d'Albuquerque, n'aquelle amor irresistivel que o levara a uma morte prematura, n'aquelle desapparecimento do Côrte-Real ainda não explicado, quando sentiu tres ou quatro pancadas rijas, dadas em uma porta da sala que deitava para a praça do Palacio.

Aquellas pancadas inesperadas fizeram-lhe um estranho sobresalto. Eriçaram-se-lhe os cabellos, e a mão estendeu-se involuntariamente para o canto da casa onde estava encostada a espada. Porém, reflectindo melhor, sentiu que era uma deshumanidade deixar á chuva e ao frio quem batia, talvez para pedir soccorro. Correu á porta; abriu-a rapidamente: mas, quando deu com os olhos no homem que entrou de pulo

— Pois tu não morreste?

— Bem vês que não — disse Francisco, rindo e eitando sobre uma cadeira o capote molhado que tra-ia, fechando a porta, e approximando-se do lume. — lão morri. E se queres ter d'isso um bom desengano, á-me alguma coisa que se coma, se ha.

Envergonhado do terror que mostrara á vista do eu amigo, Mendonça por fim approximou-se d'elle, braçou-o com sincera alegria, e correu depois a bus-ar-lhe uma perdiz assada, um pão e uma borracha de inho que tinha n'um armario.

— Com que, julgaste-me morto?— perguntou Fran-isco d'Albuquerque, sentando-se para comer. — Pois verdade. Estou morto, perfeitamente morto.

— Estás morto, mas fazes bem pela vida — acudiu lendonça, sentando-se ao lado do capitão, e pondo-ıe a mão no hombro, como para se desenganar de que ão era uma apparição que tinha diante de si.

— Estou morto para o mundo, para todos, exce-:o para Margarida, para o padre Manuel Fernandes, e gora tambem para ti.

— Cedo resuscitarás. Voltas para o serviço do se-hor infante?

— Não. Volto para o paraizo, d'onde vim para te ılvar a vida.

— Vieste do paraizo para me salvar a vida?

— Para te salvar a vida, que está em grande risco. 'iram-te sahir do paço, pela portaria das damas...

— Fui lá com um recado de sua alteza.

— Não te pergunto a que lá foste, não o quero saber — acudiu o capitão com um sorriso.

— Ai, não penses, Francisco, não penses que sou feliz. O vaticinio da excommungada bruxa, da maldita cigana Zaída, vai-se cumprindo. O meu amor cada vez é maior; e ella...

— Isso em ti é uma loucura. Que podias tu esperar, quando pozeste a mira tão alto, senão penas, soffrimentos, dores d'alma sem remedio?

— Mas ella...

— É rainha.

— Tem olhos...

— Que só vêem o que está tão alto como ella.

— Que descem ás vezes tambem. A rainha tem olhos para ver, e coração para amar simples fidalgos, em cujas veias não corre sangue real.

mas o homem que ella amou, um fidalgo francez, o duque de Lauzun, não soube apreciar a sua ventura... não quiz o amor d'essa mulher divina.

— Como soubeste?...

— Ouvi-o, não te posso dizer como, ouvi-o da propria boca da rainha.

— Então deves ter esperança. Já vês que o seu coração não é de pedra.

— Já teve coração de mulher — acudiu Luiz de Mendonça: — mas agora tem coração de rainha. A rainha... não repitas a ninguem o que te vou dizer...

— Estou morto, e os mortos não fallam.

— A rainha só pensa em se engrandecer. Quer dominar tudo aqui: e ha de conseguil-o, porque tem alma para isso.

— E tu amal-a tanto, conhecendo-a assim?

— Já te disse que este amor é uma sina má, que me arrasta ao abismo. Sinto-o, sei-o de certo: mas não lhe posso resistir.

— Ambos nos perderemos pelo amor.

— Ah! Não me contaste ainda esse milagre da tua resurreição — interrompeu Mendonça. — Sou um egoista, que só penso e só fallo de mim. Conta-me, conta-me tudo.

Então Francisco d'Albuquerque contou longamente, ao seu amigo, a historia dos seus amores com a Calcanhares, e a resolução em que estava de fugir com ella. Quando acabou de fallar já era dia claro.

CAPITULO XL.

O JOGO DAS CANNAS.

O sol era esplendido e o ceo de um azul vivo e luminoso, o ar fresco corria brandamente por entre os

pareciam esperar impacientes por alguem: de momento a momento batia com a mãosinha branca e mimosa no parapeito da janella, e depois, voltando-se para Ninon d'Amuraude que estava de pé por detraz d'ella, exclamava: — Ainda não vem!

De repente entrou na praça do palacio, que estava preparada para n'ella se correrem cannas, o infante D. Pedro montado n'um brioso cavallo branco. D. Pedro vinha vestido de seda cor de violeta; no chapeo ondeavam-lhe magnificas plumas brancas: dos copos da espada pendia um lindo fiador, tambem violeta bordado de oiro.

Sua alteza atravessou a praça, fazendo caracolar o cavallo n'um meio galope elegante, e, parando debaixo da janella em que estava a rainha, tirou o chapeo que metteu debaixo do braço esquerdo, e curvou-se até quasi tocar com a fronte no pescoço do cavallo.

A rainha respondeu a esta respeitosa saudação endireitando-se e fazendo uma graciosa mesura, com todos os tempos e requebros que exigia a etiqueta d'aquelles tempos cumprimenteiros.

Um sorriso sympathico curvou harmoniosamente os beiços da formosa franceza, e os seus olhos responderam com um olhar, que lhe illuminou instantaneamente a physionomia, á phrase apaixonada que se lia nos do infante quando ergueu a cabeça.

Via-se que D. Pedro ganhara muito no coração da rainha, desde que a côrte viera para Salvaterra. Era claro, que as relações entre os dois reaes cunhados se

haviam tornado mais intimas: não pela amizade, mas sim por um sentimento n'aquelle caso menos innocente e sincero. Aquelles amores, apenas nascentes, haviam tomado, talvez por alguma d'essas causas quasi imperceptiveis e insignificantes que são a origem ás vezes das grandes tempestades do coração, incremento bastante para que a rainha não pudesse, apesar do seu genio artificioso, occultar a alegria que lhe causava a presença do infante.

— Como elle vem hoje guapo! — disse a rainha para Ninon.

— Sempre o vi com os mesmos olhos — respondeu esta.

— Tambem eu — acudiu a rainha. — Mas elle hoje vem, que parece um dos mais gentis cavalheiros da nossa côrte.

nse um instante os olhos de D. Pedro, que fizera ca-
car o cavallo diante da janella do paço, e, immobil
mo se fôra de pedra, fitára em estatica admiração.

Em quanto esta scena se passava, n'um quarto si-
uado na parte mais alta de um dos largos lanços internos do
alacio, que, por assimesmo, dizia de ser habitado,
stavam dois mancebos espreitando pelos fendas de uma
uella descomjuntada e fôra de tabuas carcomidas, os
ystos da minha e de um alcoa.

— Olha como é formosa! — dizia um.

— Vê como o infante a mira com gentilezas —
endia o outro.

— É de uma graça que não tem egual! — exla-
nou o primeiro.

— Oh se tem! — murmurou o segundo. — Ai Ma-
arida, Margarida, tu vales mais do que uma rainha!

— Que mesura tão perfeita! É a sua alteza, que
lla cumprimenta.

— Não vês a alegria que sua alteza teve pintada na
ara?

— Ella sorri-se... olha para o infante... e de que
nodo. Jesus, se me não enganam os presentimentos!
Quem póde acreditar na felicidade! Não quero, não
posso ver mais. Como elles olham um para o outro!

E o homem que fez estas exclamações, interrompi-
las e entrecortadas por murmurios inarticulados, re-
cuou alguns passos e foi-se esconder no fundo do quar-
to, a que davam luz não só as fendas da janella, mas os
largos buracos do sobrado e do tecto.

Já o leitor conheceu de certo que os dois man
bos, que se escondiam na parte arruinada do pala
de Salvaterra, eram os dois heroes da nossa histor
Um escondia-se, porque estava morto, o outro pa
que o não matassem.

— Não fujas, não te vás, Luiz de Mendonça — dis
da janella Francisco d'Albuquerque. — Ahi vem e
trando na praça el-rei e muitos fidalgos. Lá dá co
sua alteza. Fallaram-se. A côrte olhou toda para
rainha. Encaminharam-se para o arco grande. Apeiar
se. Vem ver a rainha, que se vai a metter para dentr

A estas palavras Mendonça deu um pulo até á ja
nella, e viu ainda de relanço a senhora dos seus pens
mentos no momento em que se recolhia da janella.

— Tu podes vel-a: de longe é verdade, mas pod
— proseguiu o capitão. — Eu, porém, não posso ve

tambem as janellas do palacio de damas, desembargadores, clerigos, e fidalgos velhos; e o parapeito, que circumdava a praça, de mancebos nobres, dos que não tomavam parte nos jogos d'aquella tarde. Appareceu emfim a rainha; e mal ella assomou á janella, um capitão seguido de alguns soldados da guarda tudesca varreu da praça quanto n'ella havia.

Logo que a praça ficou despejada, duas esquadras de pagens fidalgos, uma vestida de violeta, outra de vermelho, sem chapeos e conduzindo á mão azemolas carregadas de caixotes com cannas e alcanzias para servirem nos jogos, entraram lentamente na praça, e foram, separando-se ao chegarem ao meio da arena, depôr os cofres das munições nos pontos oppostos, onde estavam marcados os dois castellos das quadrilhas que deviam combater n'aquella tarde.

Dispostas as coisas na praça para os jogos poderem começar, entraram logo em duas linhas, uma de que era mourão el-rei, e outra de que era mourão o infante, seis cavalleiros. Os que acompanhavam el-rei vinham da direita, todos vestidos de vermelho, chapeos de plumas, polainas presas com fitas da côr dos vestidos, e os cavallos enfeitados tambem de vermelho: os que acompanhavam D. Pedro traziam como este vestidos cor de violeta.

As duas quadrilhas caminharam a passo até ao meio da praça com as espadas na mão, e de modo que os dois reaes irmãos formavam a primeira parelha. Ahi todos tiraram os chapeos, que metteram debaixo do

braço da rédea, saudando logo depois a rainha com as espadas. Feito este cumprimento, as duas linhas afastaram-se uma da outra ladeando, e depois de terem saudado em roda todos os espectadores, foram postar-se junto aos cofres onde tinham guardadas as cannas e as alcanzias que lhes deviam servir para o combate.

Cumpre-nos dar agora aqui ao leitor uma ideia rapida dos jogos das cannas e das alcanzias, para que possa perceber a conversação a que o vamos fazer assistir.

Collocadas as quadrilhas em dois pontos oppostos da praça destinada para o jogo das cannas, sahia de uma d'ellas um cavalleiro armado de uma canna verde a desafiar os da outra quadrilha. Ao chegar á esquerda dos contrarios, o quadrilheiro que ia levar o desafio ladeava até vir collocar-se em frente d'estes, e então lan-

O jogo das alcanzias, que ás vezes se fazia conjuntamente com o das cannas, era mais variado e divertido do que este. Alcanzias eram umas bolas muito frageis de barro secco ao sol, do tamanho de laranjas, dentro das quaes se mettiam flores ou confeitos. Os cavalleiros n'este jogo vinham armados de escudosinhos de metal ou de coiro, em que traziam pintadas as suas armas e emblemas: e atiravam uns aos outros as alcanzias que traziam no bolso. A destreza n'este jogo era acertar no corpo ou no cavallo do adversario, e aparar no escudo todos os golpes.

— O infante não desprende os olhos da rainha! — exclamou Luiz de Mendonça, seguindo com a vista os movimentos de D. Pedro.

— Lá sáe elle da quadrilha para desafiar el-rei — acudiu Francisco d'Albuquerque. — Bem! Como faz ladear com graça o cavallo. E o modo arrogante com que lançou ao ar a canna! Lá vai el-rei perseguindo-o. Nem uma vez lhe tocou. Brava maravilha! Cortou a canna, como se fôra uma penna, sem esforço!

— E sem tirar os olhos da rainha!

— El-rei está fulo de raiva!

— Não vês como a rainha bate as palmas a cada proeza de sua alteza! Ella ama-o!

— Agora ahi vai o conde de Castello-Melhor jogar com o conde de Val de Reis.

— Pouco me importa quem joga as cannas. Não quero, não posso ver mais — interrompeu Mendonça com um suspiro. E afastou-se outra vez da janella. —

Estar aqui preso; e não poder ver lá de mais perto — acudiu elle depois de alguns minutos de silencio. — Depois de ámanhan ha uma caçada; e eu hei de ir a ella disfarçado em moço do monte. Seja como fôr, hei de ir.

— E eu tambem. Diogo Cutilada disse-me hontem que Margarida chegava esta noite a Salvaterra. Na caçada é occasião de lhe eu fallar. Quero acabar com esta vida de saudade e martyrio por uma vez! Exigirei de frei Pedro de Sousa o cumprimento da promessa que fez a Margarida; e se elle faltar á sua palavra, irei ter com o padre Fernandes, e esse de certo nos livrará, a mim e a Margarida, d'este padecimento horrivel.

— Diogo ha de vir logo. Vou mandar dizer a sua alteza que estou aqui prompto para receber as suas ordens; e depois explicar-lhe-hei a causa do meu desap-

— A rainha fez-lhe signal! — exclamou Luiz de Mendonça. — Lá lhe deitou o ramo de flores que trazia preso no justilho! Ai! o que não dera eu por aquelle ramo!

— Tens o que vale mais que um ramo de flores, que séca e se reduz a pó: tens o lenço que apanhaste na toirada real, e que a rainha te deu.

— Mas não com aquelle sorriso, aquelle olhar apaixonado com que deu as flores a sua alteza.

— Tu não és principe.

— Um louco é que eu sou.

No entretanto o sol tinha-se escondido por detraz dos montes, e o ceo começava a escurecer. Acabados os jogos na praça, apenas haviam ficado alguns dos valentes da patrulha de el-rei e os moços da cavallariça. Pelas janellas do paço começou a ver-se o clarão de luzes, e a ouvir-se o rumorejar das vozes dos fidalgos, que se juntavam nas salas de recepção da rainha.

Os dois moços fidalgos de sua alteza, cada um sentado em seu poial da janella d'onde tinham assistido aos jogos reaes, seguiam com os olhos os vultos que percorriam a praça, e as sombras mais ou menos graciosas que se approximavam ou se afastavam das janellas illuminadas do paço, em quanto a imaginação lhes esvoaçava, perdida e sem rumo, pela fantastica região dos sonhos; umas vezes desenhando a historia brilhante de uns amores ditosos, outras entenebrecendo o futuro com imagens pavorosas.

A bulha de passos que se approximavam, e o ranger

da porta do quarto que se abria, veio chamar á realidade os dois desvairados fantasiadores. Ambos deram um pulo e levaram a mão ás espadas; vendo porém entrar o velho Diogo Cutilada com uma lanterna na mão esquerda e um cesto na direita, tornaram-se a sentar tranquillamente.

O velho soldado collocou a lanterna no canto da casa que ficava mais afastado da janella, depositou o cesto ao pé da lanterna, e approximou-se de seu amo.

— E ainda está vivo o meu senhor Francisquinho! Não me farto de o ver! — disse elle — Que tempos estes nossos! Bem se vê que o Encoberto...

— Margarida já chegou? — atalhou Francisco d'Albuquerque.

— A Calcanhares... Perdão, meu capitão, a senhora D. Margarida?

teiro de latão, uma penna de pato e uma folha de papel grosso e amarello como um pergaminho velho.

— Aqui está tudo. — E Diogo apresentou, com ares de triumpho, a Luiz de Mendonça o que tanto lhe custara a alcançar.

Luiz de Mendonça escreveu immediatamente ao infante, participando-lhe quanto lhe havia succedido depois que chegara a Salvaterra, sem comtudo lhe dizer quem lhe trouxera a noticia de que el-rei tinha dado ordem para o assassinarem; e entregou a carta a Diogo, para que a levasse a sua alteza.

O velho Cutilada, porém, só sahiu do quarto onde se haviam escondido os dois criados de D. Pedro, depois de ter posto sobre um dos poiaes da janella um perú assado e uma garrafa de vinho que trazia no cesto, e de ter escutado attentamente as recommendações de seu amo, que lhe exigiu o mais inviolavel segredo sobre a sua resurreição, e lhe ordenou que viesse dar-lhe parte da chegada de Margarida, mal ella desembarcasse em Salvaterra.

CAPITULO XLI.

AO AMANHECER.

— A caça é uma escola e semelhança verdadeira da vida militar. Ha n'ella ciladas, atalaias, corridas, or-

Ainda não era sol nado. O ar estava frio, mas perfeitamente sereno; no oriente appareciam já vivos e formosos os primeiros clarões da aurora, os quaes tingiam aquella parte do ceo, que parecia apoiar-se no horisonte da banda do nascente, de uma côr açafroada; por um esbatido suave esta côr passava a um alaranjado claro, depois a amarello esverdeado, para no zenith se confundir com o azul pallido da atmosphera. Na praça e no palacio reinava a maior actividade. Os moços da cavalhariça seguravam, sellados e promptos, cavallos que relinchavam sacudindo as crinas: dos moços do monte, uns sostinham pelas trelas sabujos, outros afagavam e seguravam magnificos lebreos inglezes, armados de coleiras com pontas de ferro e coletes feitos de pelle de porco bravo. Ao latido das matilhas reaes juntava-se o som das trompas de caça, os gritos dos caçadores impacientes e dos fidalgos chamando pelos escudeiros, e dando-lhes ordens para tudo estar prestes, logo que apparecessem suas magestades.

— Antonio Rodrigues — acudiu o infante, quando o velho parou um instante para tomar fôlego, — dizme cá: suppões que a monteria hoje será feliz?

— A carne de porco não é agora de vez — respondeu Rodrigues: — comtudo é certo que havemos de apanhar uma rez, e talvez duas. Eu conto a vossa alteza um caso que me succedeu, por este tempo do anno, meados de fevereiro, com um porco mestiço. Já eu era couteiro d'el-rei o senhor D. João IV, tinha mor-

rido o meu mestre João Matheus, e eu havia começado o meu livro de Caça Venatoria... (1)

— Vamos ao caso.

— Pois o caso ahi vai. Indo eu uma tarde caçando pela coitada de Bel-monte do duque de Aveiro, alli onde chamam Mal-Marrão, veio direito a mim um porco com tão extraordinario impeto que, dando-me uma trombada, me deitou para cima de uma tojeira. Larguei-lhe o sabujo que levava atrelado; mas o porco, em vez de fugir, poz-se em campo com elle, correndo-o por muitas vezes com extraordinaria fereza. Então eu, pondo á cara a espingarda que levava, dei-lhe um tiro que o matou logo.

— E então?

— Eu digo a vossa alteza; a carne do tal porco tinha um cheiro muito forte do monte e varrasco. É o

Aristoteles diz que na esquerda só, e Plinio na direita. No cabo tem o veado um humor verde, que dizem ser venenoso...

— Está bom. Já vejo que conheces os mais profundos segredos da caça.

— Conheço: isso asseguro eu a vossa alteza que conheço. E é porque ha muitos annos que ando n'esta vida; e aprendi muitas verdades do meu mestre João Matheus, e tambem muitas coisas que o não são. Tive bastantes vezes a honra de caçar com o augusto pae de vossa alteza. Ainda me lembra, como se fosse hoje — — proseguiu o velho, endireitando-se, e sacudindo orgulhosamente a cabeça — ainda me lembra do primeiro dia, em que acompanhei o senhor D. João IV, que Deus haja, á caça. Foi em Pancas que eu esperei por sua magestade. Encontramos um veado, que se embrenhou n'umas moitas e camarias. El-rei foi-o seguindo com uma cadella de trella, que o rastejava com cuidado. A rez demandava uns matos muito espessos, que havia não muito longe, para d'este modo salvar a vida; de maneira que até ao meio dia, hora em que o pae de vossa alteza se recolheu por causa do muito calor que estava, não lhe pudemos fazer tiro. Eu porém, com consentimento de sua magestade, fui atrelando o veado todo aquelle dia; e já á boca da noite é que lhe pude dar uma fraca pelourada, que por lhe não acertar na trave do pescoço o não matou, mas derrubou-o: e por isso o pudemos levar vivo a sua magestade, que muito o estimou; porque o soltou no páteo

da quinta, e alli esteve mais fero que um toiro bravo, arremettendo contra tudo.

— Então tu cuidas que hoje poderemos fazer uma boa monteria? — perguntou D. Pedro.

— Os empresadores dão noticia de umas camarias ahi para as bandas de Benavente, onde se costumam amalhar os porcos — respondeu o couteiro. — Ha lá uns carrascaes cercados de tojo gatão, para onde tem visto metterem-se muitas rezes.

— E já ha noticia d'elles terem encontrado alguma rez hoje?

— Não ha, senhor infante. Mas ahi chega um moço do monte, que provavelmente vem trazer ao monteiro-mór a relação do que fizeram os empresadores.

De feito entrava n'esta occasião na praça, a cavallo n'uma egoa de campo, um moço do monte, correndo á

— Teremos occasião de ver trabalhar os lebreos inglezes de sua magestade — acudiu o couteiro. — Quando um porco velho traz escudeiro, é sabido que é este o que primeiro foge por ser o mais fraco. Mas o porco velho, mais animoso, defende-se dos cães com grande ferocidade, e dá sempre lugar a um renhido combate.

— E então o porco marrão deixa-se fugir? — interrompeu D. Pedro.

— Se se não póde matar a tiro ou á lança, deixa-se fugir, para se não perder o porco velho, que é rez de muito maior valor.

— Vossa alteza não manda mais nada de mim? — perguntou com voz sumida e gesto humilde o moço do monte.

— Não. Vai dar o teu recado ao monteiro-mór.

— Guarde Deos a vossa alteza. — E o campino encaminhou-se para o palacio.

— Já é sol fóra. São horas de partir — exclamou o infante com impaciencia, depois de ter algum tempo estado a olhar para as janellas do quarto da rainha.

— E parece-me que já alli vem suas magestades — accrescentou Antonio Rodrigues.

El-rei, dando a mão á rainha e seguido de muitos fidalgos e algumas damas, sahiu n'este momento da porta do palacio real. O infante foi ao seu encontro de chapeo na mão; beijou respeitosamente a mão da rainha, e depois saudou profundamente seu irmão, porém com os olhos baixos e uma frieza glacial.

— Que tens, Pedro? — perguntou el-rei sorrindo, e batendo familiarmente com a mão no hombro de D. Pedro — Vens com uma cara tão carrancuda, n'um dia de caçada? Temos perto dois porcos que nos esperam. Disse-m'o agora mesmo o monteiro-mór. Havemos de ter uma feliz monteria.

— Vossa magestade não anda feliz em monterias. Foge-lhe a caça.

— Que queres dizer com isso? — acudiu el-rei. — É a primeira monteria que se faz este anno.

— Em Lisboa é que vossa magestade mandou fazer a primeira caçada real...

— Que estás dizendo? — E D. Affonso fez-se pallido como se fôra perder os sentidos.

— Estava brincando apenas. Não julgava offender a vossa magestade com estas innocentes palavras.

— Não, não me offendeste. Não percebo, porém...

— Não fallemos mais em tal — atalhou sua alteza, sorrindo. — Sabe vossa magestade já o que se passou em Lisboa? — proseguiu elle mudando de tom — Sabe a catastrophe, o attentado horrivel de que ia sendo vi-

diante de tanta gente, não é occasião para fallarmos d'essas coisas — prorompeu el-rei.

— Para el-rei fazer justiça é sempre occasião.

Estas palavras, trocadas entre os dois irmãos, haviam lançado o terror em todos os que as escutavam. Os cortezãos sentiam a tempestade rugir, e afiguravase-lhes que de um instante para o outro a colera real, não podendo descarregar-se sobre o infante, os viria fulminar a elles. O conde de Castello-Melhor, livido e tremulo, fizera por duas vezes esforços para interromper sua alteza; mas a voz morrera-lhe na garganta. O susto produzira n'elle a mais completa aphonia.

Foi a rainha, que temeu tambem ver repetir-se alguma d'aquellas scenas violentas a que já por vezes assistira, quem veio interpor-se para conciliar os dois irmãos. Com um movimento gracioso, pegando na mão de seu real esposo:

— Sua alteza tem razão — disse ella. — Como rei que é, bom e magnanimo, não ha de vossa magestade deixar para mais tarde o informar-se de um caso funesto, succedido com um dos seus fieis vassallos.

— Tem razão a rainha — balbuciou Affonso VI. — Diz o que tens para dizer, Pedro.

— Peza-me ter de narrar a vossa magestade um crime, que o ha de sem duvida affligir: mas vossa magestade quer ter a condescendencia de me escutar, e eu não devo perder esta occasião para o informar do que succedeu ao conde da Ericeira.

Este nome era indubitavelmente esperado por el-

rei e pelos seus valídos; comtudo, quando D. Pedro o soltou da boca, todos se tornaram lividos, e D. Affonso teve de se segurar ao braço da rainha para não cahir. Um silencio solemne se fez em roda dos principaes actores d'esta scena verdadeiramente dramatica.

— Saiba vossa magestade — começou sua alteza, — visto que o seu ministro lhe não participou ainda o que acaba de succeder em Lisboa, — e D. Pedro lançou uns olhos accesos em colera ao Castello-Melhor — saiba vossa magestade que antes de hontem ao anoitecer, como estava chovendo, o conde da Ericeira D. Luiz passou pelo Rocio n'um coche fechado, em que iam tambem seu irmão e a condessa sua mulher. Quando chegou defronte da arcada de S. Domingos, sahiram d'ella repentinamente uns homens, que atiraram tres tiros ao coche....

do, conde — proseguiu, voltando-se para o Castello-Melhor — has de mandar inquirir sobre este acontecimento, para se castigarem os culpados. E agora vamos para a monteria, que são horas.

O infante ia para fallar ainda, dando largas á colera que lhe fervia n'alma, quando a rainha, com voz quasi supplicante, e fixando n'elle olhos de que se irradiavam os mais deslumbrantes clarões da paixão, disse tambem:

— São horas; partamos. Sua magestade prometteu fazer justiça, e ha de fazel-a.

CAPITULO XLII.

A MONTERIA.

El-rei logo que montou a cavallo, agitado pela rai-

não azul retinto como nas madrugadas do verão, mas esbranquiçado, parecia tornar mais diffusos e suaves os clarões do sol. O mato, a que se suspendiam em miriades as gottas do orvalho, havia-se metamorphoseado n'essas plantas prodigiosas, cujas flores são rubis, cujos fructos são diamantes, que só vecejam e exhalam perfumes nos jardins encantados, que os poetas orientaes nos descrevem. As avesinhas, levantando-se espavoridas debaixo dos pés dos cavallos, iam, lançando pios de terror, buscar nas alturas abrigo e segurança.

O espectaculo da natureza, acordada do seu dormir nocturno pelo luzeiro da madrugada, n'aquella extensa planura onde parecia conservar-se ainda inalterada a physionomia selvagem, singela, quasi monotona dos paizes inhabitados, não era gracioso mas era bello. A alma dilatava-se com os olhos pela extensão dos campos. O coração do infante, agitado pela convulsão violenta, que a ambição e o odio excitam n'aquelles que são assaz desditosos para se deixarem subjugar por essas ruins paixões, mas dominado tambem por paixão mais suave, ia-se pouco a pouco serenando; á medida que a poesia da natureza, e os effluvios do amor lhe penetravam os sentidos. El-rei, levado pelo seu cavallo em carreira desfechada, foi-se sempre alongando da comitiva da rainha, até que uma quebrada do terreno o pôz fóra da vista d'esta; então D. Pedro, cercado de fidalgos moços, de damas formosas, debaixo do influxo de um ceo puro, quebrando debaixo dos pés do seu lasão os ramos de rosmarinho e as estevas que o orvalho da

noite cobrira de diamantes, sentindo-se amado pela rainha, de cujos olhos formosos elle via irradiar-se a esperança, esqueceu tudo para só pensar na sua felicidade e no seu amor.

A rainha tambem não despregava os olhos do principe; e o bello rosto, em que se reflectiam vivamente todos os sentimentos de uma alma ardente, estava animado e alegre. A alegria dos principes bem depressa se communicou a quantos os acompanhavam. A meia legua de Salvaterra já todos os signaes de terror e de colera, que a altercação do infante com el-rei havia feito apparecer nas caras espavoridas dos cortezãos, se tinham desvanecido: a serenidade, a alegria, ou essa expressão dubia e multiforme, que tira aos lisongeiros todo o caracter physionomico e é um dos maiores requintes da sua arte abiecta, transparecia em todos os

ra, perder-se no areal. Esta fonte, toda frescura, perfumes e flores, era assombrada por quatro bellos freixos de folhagem ligeira e ondulante, e cercada de moitas e matos em que as estevas se entrelaçavam com as silvas, as clematites e o alegra-campo. Era junto d'esta fonte que D. Affonso VI se havia apeado; foi alli que se reuniram todos os caçadores.

El-rei, cercado dos empresadores, inquiria sobre o modo por que elles tinham descoberto e amalhado os porcos. Não havia duvida que para o carrascal, n'aquella madrugada, entrára um porco grande seguido de um marrão ou escudeiro, como lhe chamavam os caçadores: os empresadores tinham seguido o rasto das rezes sem serem aventados por ellas, e descoberto assim o logar onde se recolhiam.

A esperança de uma monteria que, segundo a opinião dos caçadores experimentados, não podia deixar de ser interessante, animava os principes e os fidalgos. Rivalidades, odios, desejos mallogrados, ambições não satisfeitas, tudo foi esquecido, ou pelo menos pareceu esquecido pelos cortezãos. D. Affonso e o infante conversaram sobre o modo por que devia ser feita a monteria: o Castello-Melhor e D. Rodrigo de Menezes discutiram, placidamente e com a boca cheia de riso, os meritos e bellezas dos lebreos inglezes d'el-rei.

Resolveu-se alli mesmo que o marrão, que era de esperar fosse o primeiro a sahir da moita, seria monteado á lança por el-rei; e o porco grande entregue aos lebreos inglezes. Então, o monteiro-mór ordenou a

monteria, distribuindo os caçadores, os monteiros e
moços do monte em roda do carrascal; e foi pôr el-r
n'uma quebrada por onde, segundo o parecer dos ma
sabedores das coisas da caça, devia escapar-se a re
quando se visse atacada e perseguida pelos sabujo
A rainha, sua alteza, Ninon d'Amuraude e outras d
mas ficaram com alguns fidalgos nas proximidades
fonte, para verem a caçada, em que não deviam tom
parte.

Dispostas assim as coisas pelo monteiro-mór, s
magestade deu signal para começar a monteria, tiran
de uma trombeta doirada, que trazia a tiracollo, a
guns sons agudos e desafinados. Sua alteza, cuja pa
xão pela trombeta lhe não consentia ficar silencio
quando tinha occasião de mostrar as suas prenda
embocou tambem a trompa de caça, e repetiu o sign

Antonio Rodrigues. Quando elles acham só marroada ladram com atrevimento; mas em dando com rez que lhes rebata os impetos, e que lhes mostre os dentes deveras, já são mais cautelosos e menos linguarães. Vil canzoada!

— Enganaram-se então os empresadores — interrompeu el-rei, quando disseram terem visto entrar um porco e um marrão na moita.

— Não se enganaram talvez, perdoe-me vossa magestade. Os sabujos deram com o porco primeiro, e por isso ladram assim.

— Este não foge de certo, porque se lhe deitam os lebreos.

O alarido geral levantado por caçadores, e o ladrar mais approximado dos sabujos, veio cortar este dialogo de el-rei com o velho couteiro. Um marrão, perseguido pelos cães, sahia correndo e cortando o mato do carrascal serrado, que coroava o oiteiro. A rez ora fugia para se salvar dos seus perseguidores, ora, sentindo-se seguida de perto, parava para se defender. Então travava-se uma lucta, que apenas durava instantes; e a fera rasgava com os dentes açacalados e agudos um sabujo, o que fazia que os outros d'ella se alongassem.

Affonso VI, logo que a rez entrou n'uma planura que ficava a meia encosta, deu de esporas ao cavallo, e correu sobre ella, com a lança em punho. Um golpe rijo, dado perpendicularmente com a lança no dorso do porco, atravessou este de parte a parte. El-rei, quando sentiu a lança presa, largou-a; e principiou a correr

em roda da rez, que ferida, assustada pelos gritos dos caçadores, e dilacerada pelos sabujos, deu apenas algumas voltas desatinadas na planura, e cahiu por fim esvaecida e sem alento.

A victoria de el-rei foi celebrada por toda a côrte. Sua magestade ria, batia as palmas, fazia os gestos mais desordenados para manifestar a sua alegria, e repetia continuamente em altos brados, voltando-se ora para a rainha, ora para o infante:

— Digam agora que eu sou tolhido do lado direito, que fiquei paralytico de pequeno! Digam que eu não presto para nada, que não posso nada, e que por isso me ia matando o toiro d'Azeitão! Ninguem dava uma lançada melhor do que esta; nem tu, Pedro, e mais és um gigante. Digam que sou paralytico! Hei de fazer aos meus inimigos o que fiz a este porco, passal-os de

animal, com as cerdas ouriçadas, os olhos flammejantes, e a boca espumosa e escancarada, deixando ver dentes alvos e agudos. Os lebreos hesitaram instantes, porém animados pelas vozes dos caçadores arremessaram-se sobre elle, buscando filal-o pelas orelhas ou pelo cachaço. O porco, ora afugentava os lebreos dando-lhe fortes trombadas, ora, sentindo as carnes dilaceradas pelos dentes d'estes, sacudia o corpo com tal violencia que lançava a muitos passos de distancia os seus audazes inimigos. O combate durou assim poucos minutos; até que a fera, sentindo-se impotente contra os repetidos ataques dos lebreos, e assustada pela vozeria dos caçadores, aproveitou um momento em que os cães se haviam afastado um pouco d'ella, e fugiu, rompendo a linha dos caçadores, que sobre ella dispararam inutilmente alguns tiros.

Quando Affonso VI correra para o lado do carrascal, opposto áquelle em que fôra morta a primeira rez, haviam-no seguido todos os fidalgos e os caçadores: o infante porém e a rainha, apenas acompanhados por Ninon d'Amuraude, em vez de seguirem el-rei, deixaram-se ficar junto á fonte aprazivel e amena, que borbulhava á sombra dos salgueiros.

— É um prazer barbaro este que se gosa em perseguir, em matar um pobre animal, que vive socegado no seu deserto, sem fazer mal aos que tanto mal lhe querem — disse a rainha, quando viu cahir exangue o porco que el-rei atravessara com a lança.

— Barbaro é sempre o prazer que se tem em ver

padecer. E quantas vezes os proprios anjos procuram esse prazer? — acudiu sua alteza.

— Os anjos! A vingança é o prazer dos deuses, diziam os pagãos; mas dos anjos nunca ninguem o disse senão vossa alteza.

— Sem ser por vingança, por simples passatempo, ha anjos, dos que andam pela terra, que fazem passar horas de dor, amarguradas horas, aos que os adoram mais ardentemente.

— É que não são anjos, esses taes — disse a rainha rindo. — E se o são, não os tenha vossa alteza por bons, tenha-os por anjos maus.

— Vossa magestade não sabe que os fanaticos não pensam; adoram só?

— Parece que vossa alteza tem a queixar-se de algum dos taes anjos. Falla tanto do coração.

ar que o adoro — exclamou o infante com exaltação, dizendo com os olhos o que a boca calava apenas.

A rainha viu, com a finura e rapidez de apreciação e que as mulheres são naturalmente dotadas, os inonvenientes que poderia ter o proseguir n'aquelle momento uma tão melindrosa conversação. Ella queria onservar o infante n'esse estado de duvida esperanosa, de recatado desejo, de quasi grata anciedade, que obustece a paixão nascente, e lhe dá, pela compressão, ım irresistivel poder sobre as faculdades do espirito e lo coração; e por isso, interrompendo-o quando elle ia alvez soltar alguma phrase mais calorosa:

— Vossa alteza não repara talvez — disse a rainha orrindo — que me está fazendo uma confidencia.

— E a quem, a não ser a vossa magestade, posso u dizer...

— Eu não posso desapprovar a escolha da confiente — atalhou ella: — mas a do logar...

— Tem vossa magestade razão. Nem sempre ha oder para abafar os primeiros impulsos do coração. ó quem está indifferente, frio, estranho a todo o senimento, é que póde escolher a hora, o logar para as onfidencias. Vossa magestade bem vê — prorompeu). Pedro, animando-se cada vez mais — bem vê que ou infeliz, que sou perseguido, eu e todos os meus migos, pelos valídos; que meu irmão, em vez de me er amizade, me odeia. Sou um principe desgraçado; o sentimento ardente, grande, irresistivel, que me dá ida, que me dá animo para soffrer, quer vossa mages-

tade que eu o cale? Não posso. Morrerei sim, mas occultar por mais tempo a vossa magestade o que sinto...

Os olhos de sua alteza arrazaram-se de lagrimas; e a voz, que se lhe havia pouco a pouco tornado tremula, fez-se de todo inintelligivel. A rainha não era insensivel; e D. Pedro era um guapo e formoso principe.

— Não diga, não me diga vossa alteza o que este coração sabe já — acudiu a rainha. — Ha coisas que é infelicidade sentil-as, que é porém quasi crime dizel-as.

— Viver sem esperança!

— Sem esperança, não. Espere vossa alteza, esperemos todos dias melhores.

— Uma palavra de vossa magestade bastaria para me dar animo. O martyrio mais cruel soffrel-o-ia resignado, depois de a ter escutado.

— O que os ouvidos não ouviram, deve adivinhal-o

Sem dar tempo a que D. Pedro empunhasse a lança
: caça, que trazia suspensa da sella, o porco arremet-
u ao cavallo da rainha, e, cortando-lhe os musculos
ıs mãos com os dentes açacalados, deu com elle em
rra. A rainha estava perdida talvez, se sua alteza,
or um movimento rapido como o pensamento, a não
ouvera cingido com o braço direito e suspendido as-
m no ar, no momento em que o cavallo baqueou no
hão. A situação do infante era embaraçosa e assusta-
ora. Com a rainha quasi desmaiada nos braços, elle
ão podia defender-se do porco, que, espumando de
aiva, estava a ponto de se lhe lançar ao cavallo. O
erigo era imminente; um instante bastaria talvez para
ue aquella caçada, começada com tão funestos auspi-
ios, terminasse por uma catastrophe terrivel; quando
m moço do monte, sahindo como por milagre detraz
e uma das moitas que assombravam a fonte, correu
ara a fera, e, com risco de ser despedaçado, foi cra-
ar-lhe no coração uma faca de mato, unica arma que
razia na mão.

Ajoelhando ao pé do cavallo do infante, o moço do
nonte que acabava de praticar aquelle acto de incrivel
ienodo, offereceu então á rainha, que ainda estava sus-
ıendida nos braços de D. Pedro, a faca com que matara
: javali.

— Venho pedir a vossa magestade perdão da culpa
ıue acabo de commetter — disse elle com voz tremula,
nas n'um tom que indicava não ser aquella a primeira
vez que fallava com principes. — Foi culpa involunta-

ria, e isso bastará talvez para a tornar menos digna de castigo.

Apenas passado o perigo a rainha tornara a si. Soltando-se então dos braços de sua alteza, saltou ao chão com a ligeireza de uma silphide, e approximando-se do moço do monte:

— De que me pedes perdão? De me ter salvado a vida? — acudiu sua magestade interrompendo-o. — Pede-me o que quizeres em paga do que fizeste, e dar-to-hei logo.

N'este instante já D. Pedro estava ao lado da rainha; e quando esta acabou de fallar elle accrescentou:

— Eu tambem devo-te mais do que a vida, devo-te a vida de sua magestade. Se desejas alguma coisa que eu te possa dar, é teu.

— O que foi? o que succedeu? — perguntou el-rei,

o meu cavallo; foi o javali quem o pôz n'aquelle estado. E eu mesma não escaparia de tamanho perigo, se não foram sua alteza... e este moço do monte.

El-rei, dotado de uma mobilidade de ideias e de sensações, que era tida por muitos na côrte como um symptoma de loucura, passou instantaneamente da colera ao reconhecimento.

— Salvaste a vida da rainha — disse elle ao moço do monte, — e não dizias nada. Quem tem ahi oiro para dar a este pobre homem?

Muitos fidalgos offereceram a bolsa a sua magestade.

— Aqui tens dinheiro — proseguiu el-rei, offerecendo a Luiz de Mendonça a bolsa que lhe pareceu mais pesada. — Se quizeres mais, passar-te-hei uma ordem, para Antonio Cavide te dar o que me pedires.

— Agradeço a vossa magestade a sua real munificencia — acudiu Mendonça, pondo-se de pé. — Nada preciso, nada quero.... senão beijar a mão da rainha, se sua magestade m'o consentir.

— Não queres aceitar nada da minha mão? — perguntou el-rei, a quem esta resposta orgulhosa de um simples moço do monte começára a accender outra vez a colera.

— Da mão de vossa magestade já recebi um dom, de que nunca me poderei esquecer — respondeu o criado de sua alteza com voz vibrante e sonora.

— Consinto em fazer-te a graça que me pediste —

interrompeu a rainha, estendendo-lhe a mão de que havia descalçado a luva.

Então Mendonça pôz de novo o joelho em terra, beijou a mão da rainha, e, saudando depois com grande acatamento el-rei e o infante, recuou até ao logar onde estavam os couteiros, e escondeu-se por entre elles.

— Era Luiz de Mendonça! — disse a rainha a Ninon d'Amuraude.

— Não dizia eu a vossa magestade, que elle tem um amor, como aquelles de que nos fallam os romances de cavalleria.

— Quem é este homem? — perguntava ao mesmo tempo el-rei a Henrique Henriques.

— É Luiz de Mendonça — respondia este.

— O que foi ao paço com a mensagem do infante?

CAPITULO XLIII.

A TROVOADA.

A caçada real prolongou-se por todo o dia. A côrte, depois de jantar á pressa em Benavente, partiu para uma mata de sobreiros que ficava a meia legua d'alli, e onde se dizia haverem apparecido veados.

A noticia era certa. Os caçadores encontraram no sobreiral uma manada de veados, que foram atrelando com os sabujos até el-rei disparar sobre ella uma pelourada, com tão feliz exito que logo uma das maiores rezes deu signaes de que fôra ferida.

— Vai ferido aquelle ultimo veado da direita, Antonio Rodrigues? — perguntou el-rei, sem demorar o galope do cavallo, ao velho couteiro que o seguia.

— Bem vê vossa magestade que vai ferido — res-

pondeu o couteiro. — Lá cingiu as orelhas atraz com a dor: e vai-se afastando das outras rezes.

— É preciso não o perder de vista. Adiante, adiante! — bradou Affonso VI.

E elle, seguido já de poucos, atravessou a mata, cortou longitudinalmente um extenso sarçal, passou a vau uma ribeira que o inverno tornara caudal, e perdeu-se emfim da vista do grosso dos caçadores. A meia legua além da ribeira já sua magestade era apenas acompanhado pelo couteiro velho Antonio Rodrigues.

— Havemos de a alcançar — prorompeu el-rei, suffocado pelo cansaço e pelo vento que se alevantara rijo e frio, e que elle rompia a custo na sua carreira velocissima.

— Já vai cançado o veado, senhor — respondeu o

vens, que ao começo da tarde se haviam encastellado no horisonte, tinham rapidamente invadido todo o ceo, impellidas pelo vento do sul.

De quando em quando as nuvens mais espessas e negras pareciam rasgar-se, para dar sahida ao clarão incerto de um relampago; outras vezes o fogo da tempestade suspendia-se um instante, em fórma de globo, entre o ceo e a terra, para depois se desfazer em lagrimas ardentes: e então o mato da planicie e as arvores das montanhas eram sinistramente allumiadas por uma luz baça e livida, e de sobre as aguas dos pantanos parecia instantaneamente levantar-se uma labareda azulada e phosphorecente. O trovão retumbava de montanha em montanha, até se extinguir em surdos rugidos. A trovoada estava imminente; e comtudo el-rei e o seu couteiro ainda não haviam dado por ella. Algumas grossas gottas de chuva, e o clarão de um relampago, que a obscuridade do ceo deixou manifestar com todo o seu esplendor, seguido quasi instantaneamente pelo trom metallico d'um terrivel trovão, chamaram a attenção dos dois infatigaveis caçadores.

— Parece-me que chove — exclamou el-rei.

— Não passa de algumas gottas de agua — respondeu o couteiro, que observava com toda a attenção o veado morto por el-rei. — É uma bella rez: caça real na verdade....

— Não passa de algumas gottas! Olha o que ahi vem. Julgas que não teremos agua a cantaros?

— Tem vossa magestade muita razão. Eu não ti-

nha dado por tal. Mas agora vejo que não podemos escapar á trovoada, e á chuva...

— Ahi a temos comnosco — acudiu el-rei.

A chuva com effeito principiou a cahir com tal força, que el-rei, montando outra vez a cavallo, ajudado por Antonio Rodrigues, metteu a galope desfechado pela charneca, bradando:

— Deixemos o veado e a caçada; voltemos para Benavente pelo caminho mais curto e a galope.

— É mais perto a Salvaterra, cortando aqui pela direita, senhor — disse o couteiro, que já ia seguindo el-rei.

— Então põe-te adiante de mim e ensina-me o caminho. Eu não sei se os cavallos nos levarão a Salvaterra; mas em quanto elles puderem, adiante.

— Vamos de pressa, meu senhor, antes que os ribeiros engrossem. Que isto é chuva de fazer cheia. Faz-me lembrar este caso outro que me succedeu com o pae de vossa magestade, que Deus haja: tambem n'uma caçada de veados na tapada de Villa Viçosa. Tinhamos caçado um dia todo de verão. Sua magestade era louco por caça e por toiros...

— Deixemo-nos de historias. Agora trata-se de andar — interrompeu el-rei.

A tempestade ia cada vez crescendo mais: e a não serem os relampagos, que se succediam uns aos outros quasi sem intervallos, Antonio Rodrigues ter-se-ia perdido a cada instante. De momento para momento as difficuldades do caminho augmentavam; porque a chu-

va alagava tudo, e o cansaço dos cavallos não lhes consentia já caminharem, senão a passo.

— É sem fim este caminho! — bradou Affonso VI, depois de ter andado por mais de uma hora em silencio atraz do velho couteiro — Tu perdeste-nos de certo.

— Não, meu senhor. É este o caminho; e já não estamos longe. Se não fossem estes excommungados lameiros chegariamos a Salvaterra n'um ai.

— Se os cavallos andassem! O meu já se foi a baixo por duas vezes; e não tarda que me deite ao chão.

— Não me lembra de ter visto outra trovoada assim; a não ser na noite em que me perdi com o senhor D. João IV, que Deus tem, na tapada de Villa Viçosa.

— Tornamos á historia?! Já te disse, que não queria contos agora. O infante e a pandilha dos fidalgos — proseguiu o rei, deixando-se levar pela colera que havia uma hora lhe refervia n'alma — o infante e a pandilha dos fidalgos estão a estas horas no paço, sem chuva e sem frio, a aquecer-se á lareira, em quanto eu por aqui ando perdido por estas charnecas; e nem se lembram de que os posso metter a todos n'uma torre, ou mandal-os para Africa. Hei de lhes dar uma lição que lhes fique de memoria. Não achas que tenho razão?

Esta pergunta, que seria embaraçosa para qualquer cortezão acostumado a evitar em todas as occasiões o manifestar a sua opinião sobre as coisas, e principalmente sobre as pessoas, não fez ao singelo e leal couteiro nenhum abalo. Elle respondeu com a simplici-

dade com que responderia a uma pergunta sobre o modo de atrelar o veado, ou de cevar um sabujo:

— Não creio que os fidalgos, e sobre tudo sua alteza, se esquecessem assim de vossa magestade. Nós fizemos uma grande volta, e por isso os não encontramos. Mas é provavel que elles andem pela liziria em busca de vossa magestade.

— Tu pensas isso? Pois olha que te enganas. Elles o que querem é vêr-se livres de mim.

— Meu senhor, vossa magestade não é justo para com os seus vassallos.

— Atreves-te a dizer que não sou justo?

— Eu já sou velho, senhor, e toda a minha vida tenho fallado verdade.

— Mas esqueces-te de que fallas comigo — bradou Affonso VI fóra de si.

cólera á grave lição que Antonio Rodrigues acabava de lhe dar, porque a furia lhe tinha passado já, e não querendo confessar o seu erro, porque o orgulho lh'o não consentia, Affonso VI tomou o partido que muitos tomam em taes occasiões. Guardou silencio.

A chuva tinha abrandado um tanto. El-rei e o seu couteiro continuaram a caminhar silenciosos; até que, ao clarão vivo, mas intermittente dos relampagos, descobriram a pouca distancia Salvaterra, dominada pelas torres ponteagudas do palacio real. N'aquelle instante sahiam da villa e corriam em todos os sentidos muitos cavalleiros com archotes accesos.

A scena era bella e phantastica. Um rei perdido no meio de uma extensa charneca, apenas acompanhado por um couteiro velho; ambos silenciosos, ambos preoccupados; um pela magoa do orgulho offendido, outro pela saudade de um rei que fôra sincero e magnanimo para com elle: ao longe, ora apparecendo brilhante como se a illuminara o sol da primavera, ora sumindo-se em trevas densissimas, a villa em que avultava o real palacio, a que a incerteza da luz e o mal definido das fórmas dava proporções colossaes: correndo em todas as direcções, cruzando-se, approximando-se para se afastarem, afastando-se para de novo se approximarem, centenares de fachos, que por vezes pareciam levados pelo vento através da solidão e da obscuridade, por vezes guiados pela mão fatal dos espiritos maleficos por entre os tremendos paroxismos da tempestade: finalmente, os multiplicados bramidos de trovoada, a

que sobresahiam por instantes os sons clamorosos e melancolicos da voz dos cavalleiros que buscavam Affonso VI: tudo contribuia para augmentar a sinistra grandeza d'aquella noite medonha.

— Hoje é sabbado — resmungou o couteiro por entre dentes, mas de modo que el-rei ouviu.

— E que tem isso? — perguntou este.

— É dia de se juntarem feiticeiros e bruxas á hora da meia noite. E bem parece que já andam á solta por ahi. Eu por mim nunca vi noite mais horrivel.

— Tens medo?

— Saiba vossa magestade que eu medo não o tenho; porque bem sei que sempre ha de succeder o que Deus fôr servido. Mas antes queria estar a esta hora á lareira com a mulher e os pequenos, do que n'esta maldita charneca.

vêr diante de si uma planicie immensa, toda coberta de mato, como esta; e ao cabo da planicie branquejar a villasinha que elle habitava. Correu, correu atraz do veado encahtado; e dava graças á sua boa sorte por ver que se ia cada vez approximando mais da sua terra, sem comtudo perder de vista a rez.

— Matou-a, heim? — perguntou el-rei, a quem este caso, analogo ao que lhe estava succedendo a elle, principiava a interessar.

— Não matou, senhor. O veado quasi ao chegar á villa sumiu-se subitamente, sem que o proprio caçador, que levava n'elle os olhos pregados, pudesse dizer nem como, nem para onde. Mal o diabo, porque era o diabo que assim levava o caçador enganado com aquella fórma e apparencia de veado, mal o diabo se apartou da vista do pobre caçador, logo este se achou rodeado de muitos vultos negros de feia catadura e desmedida grandeza, que se lhe acercaram, agarraram-o, e já o iam levando para uma caverna que alli havia aberta no chão, quando elle se lembrou de chamar pelo santo nome de Christo, Senhor nosso.

— Que tal ficariam os demonios depois d'isso!

— Arrebentaram todos como bombas, meu senhor. Foi uma tremenda bulha. Espalhou-se no ar uma nuvem de espesso fumo, e um cheiro insupportavel de enxofre.

— O caçador teve grande medo?

— Cahiu no chão e não deu mais tino de si até ao outro dia de madrugada. Acordou frio de pedra; e viu

então que tinha cahido dentro de um charco, n'uma charneca que ficava a muitas leguas da villasinha em que elle vivia, e que lhe parecera na vespera ficar mesmo alli á mão.

— Era outra a terra que elle tinha visto?

— Não era nada. Uma illusão do diabo, e nada mais. A charneca era um perfeito deserto, em que se não enxergava viva alma.

Fallando assim de feitiçarias e supersticiosos terrores, el-rei e Antonio Rodrigues chegaram perto de uma immensa fogueira, que elles julgavam haver sido accendida para lhes servir de farol, um pouco á direita de Salvaterra, nas proximidades do palacio. Foi só então que elles descobriram em roda da fogueira alguns vultos, e a pouca distancia oito ou dez choças pyramidaes de palha e mato, dispostas n'um arco de circulo

se lhe amoldava a todos os angulos, se lhe enroscava nos ossos quasi descarnados, vinha, dando pulos e torcendo-se n'uma como dança de bacchante, direita a Affonso VI, que já n'esta occasião havia chegado a poucos passos da fogueira. A cigana trazia os cabellos, brancos como a neve, soltos ao vento; e na mão direita brandia, á maneira das Euménides da mythologia antiga, um facho que por instantes a illuminava com luz vermelha e sinistra.

Parando defronte d'el-rei, a pavorosa bruxa começou a bradar com voz rouca e tremula, e a brandir sempre o facho fulgurante:

— Bemditos os esconjuros que m'o trouxeram aqui.

E logo depois, pondo-se a correr em roda do cavallo de Affonso VI, começou a cantar lenta e funebremente:

— Esconjuro-vos, resconjuro-vos todos, demonios da carniçaria, demonios da pescadaria, esconjuro-vos, demonios dos hortelões, demonios do curral, todos juntos vinde, juntai-vos, no coração de Affonso entrai, trazei-m'o aqui prestes, sem tardar; não o deixeis comer, nem beber, nem socegar, nem dormir, nem repousar, até vir ao meu mandar, e me seguir aonde eu o levar.

— Que esconjuros estás fazendo ahi, bruxa excommungada? — bradou el-rei, levando a mão á faca de mato.

— Esconjuros são para bem de quem os ouve — respondeu a cigana no mesmo rithmo funebre. — Vem

comigo, e verás. Por ti esperava, por ti chamava; vieste, porque os demonios te trouxeram, vieste para ver o que não quizeras ver.

— Quem és tu? — perguntou o rei, reportando-se.

— Zaída, sou Zaída. A mãe desditosa; a serva do demonio que me não quer dar minha filha. Por tua causa, por causa do rei e do vassallo morreu minha filha Aza. Quero dar-lhes o pago, vem comigo.

E ao dizer isto, Zaída fez um gesto imperativo; e agitando o facho acima da cabeça de modo que no ar se espalhou um sem numero de faiscas, pôz-se a caminhar em direitura a Salvaterra.

A poucos passos, porém, vendo que a seguiam os dois cavalleiros, parou; e com voz imperiosa:

— Basta que um me siga; o rei e não o vassallo—

nea: soltando a redea ao cavallo, e cravando-lhe os acicates, o cavalleiro desappareceu na obscuridade.

El-rei seguiu a bruxa, que continuava na sua andadura incerta, saltitante, convulsiva, a approximar-se de Salvaterra. Quando chegaram a um logar onde os não allumiava já o clarão da fogueira dos ciganos, Zaída parou outra vez; apagou o facho na agua da chuva empoçada no chão, e dizendo a Affonso VI que se apeasse e a seguisse em silencio, prescripções a que elle se sujeitou sem contestar, approximou-se vagarosamente de uma casa terrea de que mal se percebia o contorno irregular no fundo tenebroso do ceo.

Pegando da mão de el-rei, e recommendando-lhe com breve e imperioso tom que escutasse, Zaída chegou-se a uma porta, cujas fendas estreitas não deixavam perceber nada do que se passava no interior da casa. Então sua magestade ouviu uma voz de mulher, que dizia com suavissima ternura:

— Se me visse apartada de ti para não mais te ver, morria de saudades... ou matava-me para não padecer com ellas.

E confrangeu-se-lhe o corpo todo, como se houvessem despedido sobre elle uma forte descarga electrica. A voz que dizia aquellas meigas palavras era a voz da Calcanhares.

— Quero... — bradou el-rei suffocado.

A voz calou-se, mal el-rei soltou este brado.

— Cale-se — murmurou a bruxa pondo-lhe a mão na boca. — Olhe vossa magestade, e veja — proseguiu

ella, afastando com esforço uma das taboas da porta, que, mal segura, deu algum tanto de si.

Affonso VI olhou pela fenda que se abrira, e viu no meio da casa, de pé, n'uma posição em que se deixava perceber a anciedade, o susto, o pavor, com os braços enlaçados, e os rostos pallidos reclinados um no outro, Francisco d'Albuquerque e a formosa Margarida. El-rei ia para gritar, mas a voz afogou-se-lhe na garganta, ia para arrombar a porta, mas faltaram-lhe as forças para se mover. Este instante de immobilidade e silencio foi bastante para desapparecer como por encanto aquella visão, graciosa para um pintor que a admirasse com olhos de artista, horrivel para el-rei, que a via com olhos de cioso. A casa ficou em profundas trevas, e el-rei nada mais ouviu senão a voz de Zaída, que lhe segredava ao ouvido:

— Persegue-os. Vê se ainda os podes agarrar — clamou D. Affonso.

— A quem, a quem manda vossa magestade que eu persiga?

— A elles. Estavam aqui n'esta casa; Margarida e...

— E quem, meu senhor?

— E o Albuquerque, o criado do infante.

— Esse morreu. Não sabe vossa magestade que o mataram; e que me accusam a mim, accusação injusta como tantas outras, de o ter mandado matar?

— Então... — acudiu el-rei com pasmo.

— Foi uma illusão que vossa magestade teve. D'esta casa não sahiu ninguem, posso affirmal-o a vossa magestade. Eu venho de Salvaterra e não vi ninguem.

Ordenando então a alguns dos criados do paço, que tinham acudido com archotes accesos, que cercassem a casa, e a outros que lhe arrombassem as portas, o conde mostrou a el-rei que ella estava inteiramente inhabitada.

— Foi esta bruxa maldita que enganou a vossa magestade — disse o valído, depois de ter explorado com D. Affonso todos os cantos da arruinada casa.

— Foi? Seria talvez... — murmurou el-rei perplexo.

— Estas bruxas para tudo tem artes; até para invocarem a sombra dos mortos, como esta fez agora. Mas ella dará na santa inquisição conta dos seus crimes, e do pacto que tem com o demonio.

— Pois sim, conde: manda essa bruxa para a inquisição. E agora vamos a casa de Margarida, que a quero ver, quero-lhe fallar.

— Vossa magestade esquece-se de que a rainha minha senhora está esperando anciosa... — acudiu o conde.

— Quero que se faça a minha vontade — interrompeu el-rei colerico.

Pondo então, sem mais dizer palavra, o joelho em terra para el-rei montar, e saltando depois n'um cavallo que alli tinha á mão um dos criados do paço, que acudira aos gritos de sua magestade, o conde partiu para Salvaterra com seu amo; ordenando aos da patrulha real, que estavam misturados com os outros criados, que conduzissem a velha Zaída ao carcere do palacio.

CAPITULO XLIV.

PRESENTIMENTOS.

N'este mesmo dia da caçada real, de madrugada, chegara a Salvaterra a Calcanhares, que o conde de Castello-Melhor, sempre com o fim de conservar influencia activa sobre o animo de el-rei, que tendia constantemente a escapar-se-lhe, mandara buscar a Lisboa.

Apenas em Salvaterra, logo Margarida ordenou á sua aia e confidente indagasse noticias de Francisco de Albuquerque; e como por sua parte este tambem havia encarregado Diogo Cutilada de procurar Margarida, os mensageiros dos dois amantes em breve se encontraram. De modo que, quando a côrte partiu para a monteria, já estava ajustada a hora e o logar em que elles se encontrariam.

Ao cahir da tarde a Calcanhares, acompanhada

apenas pela aia, sahiu de sua casa, que ficava a pouca distancia do palacio real, por detraz da falcoaria, e dando uma larga volta, dirigiu-se a uma casinha terrea e baixa, situada a uns quinhentos passos da villa. A porta da pequena casa estava cerrada apenas, e Margarida entrou sem hesitar. Já lá a estava esperando o namorado capitão Francisco d'Albuquerque, que anhelava por ver-se outra vez junto da sua amada, n'aquelle *engano d'alma*, n'aquelle enlevo doce e apaixonado, brando e penetrante, que só um amor verdadeiro póde dar.

Sós, porque a aia de Margarida ficara de guarda á porta, os dois amantes lançaram-se nos braços um do outro; e durante minutos não se ouviram n'aquella pobre casa senão as palavras soltas, incoherentes, balbuciadas, suspiradas, que são a mais dramatica e sincera

— Fugiremos.

— Não temos para onde. E as minhas... as nossas promessas...

— Que importam promessas, quando cumpril-as é morrer a fogo lento, é consumir-se em incomportaveis tormentos.

— Mas, eu uma triste mulher escrava, porque o sou, tu um pobre capitão, criado de sua alteza, sem protecção, sem nada, que podemos nós fazer contra a vontade de tantos grandes e poderosos?

— Pedirei auxilio ao senhor infante; pedir-lhe-hei...

— Não te attenderá. Sua alteza — permitte-me que eu te falle com sinceridade: tu és homem, mas não conheces os grandes, como eu, meu querido Francisco — Sua alteza julga-te morto; e faz-lhe conta que tu estejas morto. É mais uma accusação contra o valído...

— O senhor D. Pedro quererá então a nossa fuga, para que se não saiba mais de nós na côrte — acudiu o capitão.

— Já te não lembras do que passaste com o padre Manuel Fernandes? Recebi a carta que me escreveste antes de sahir de Lisboa; e o jesuita... Eu já me confessei ao padre Fernandes. Os jesuitas querem saber por mim os segredos d'el-rei e do Castello-Melhor, e não consentirão que eu me afaste da côrte.

— O que podem os jesuitas?

— Podem tudo, Francisco. É d'elles que treme o conde; é d'elles que se arreceia el-rei. Sinto-me per-

dida no meio de tantas paixões, de tanta ambição, de tantos interesses luctando sempre, de tantos odios implacaveis. Eu, fraca mulher, como poderei resistir á força de tantas vontades?

— Não percas o animo, Margarida. Havemos de vencer todos os obstaculos que se oppozerem á nossa felicidade. O nosso amor ha de ser mais poderoso do que os poderosos. E de mais, não nos prometteu frei Pedro de Sousa a sua protecção?

— O conde oppor-se-ha a tudo.

— Não prometteu o padre Manuel Fernandes salvar-nos?

— Mas com a condição de eu ficar na côrte mais alguns dias.

— Então...

— Esses dias tornar-se-hão em annos, se assim fôr

loucura sahir eu de casa a esta hora; quando el-rei, quando Henrique Henriques estão a chegar por instantes da caça, e podem dar por tudo, mandarem-te assassinar...

— Não receies nada. Deus não póde permittir...

— Francisco, é melhor separarmos-nos; voltemos para Salvaterra. É noite, quasi noite cerrada, e o tempo está assustador.

— Não tinha dado por tal.

— Nem eu. Mas olha, vê como se tem carregado o ceo; e com que rapidez se succedem os relampagos.

— Já se ouvem perto os trovões. Tens razão, Margarida — proseguia Francisco d'Albuquerque suspirando — é preciso separarmos-nos antes que augmente a tempestade. Para [illegible] a [illegible]...

— Logo que poder ser. Amanhã [illegible]...

— Ai, permitta o ceo que assim seja.

— Não te esqueças de me [illegible] — [illegible]diu a Calcanhares com um [illegible]. [illegible] mais tristes do que o pranto: [illegible] solar, porém que fazem partir o coração [illegible].

— Quem se ha de esquecer [illegible] vivido com um anjo?

E a estas seguiram-se [illegible] o amor dictava, e que a [illegible] eloquentes, poeticas, sublimes.

No entretanto a tempestade [illegible] tendendo pelo ceo as suas [illegible] do trovão, acompanhado pela [illegible]

pelos valles, cada vez mais temeroso. E quando no fim de uma longa despedida, em que aos amargores dos maus presentimentos se misturavam as ineffaveis doçuras do amor, os dois amantes se quizeram separar, a chuva, cahindo em torrentes, inundava os campos, e tornava quasi impossivel a volta de Margarida para Salvaterra.

— Que se ha de fazer agora! — exclamou a Calcanhares ao chegar á porta da casa para sahir. — Voltar para Salvaterra é impossivel com esta chuva; e é já noite... é tarde.

— Esperaremos que pare a chuva, e então irás.

— Não vês a sahirem de Salvaterra, e correndo em todas as direcções cavalleiros com archotes accesos? Que será?

— Ainda havia ar de dia, quando a côrte entrou

de mulher, que parece, que talvez seja alguma bruxa; e então... *abrenuncio*. Credo. Deus seja comnosco. Deixemos abrandar um pouco a tempestade.

— É melhor ficar — disse Francisco d'Albuquerque, a quem o desejo de estar com a sua amada fazia ter em pouco todos os perigos.

— Fechemos a porta então. — E a aia da Calcanhares, acompanhando a palavra com o gesto, fechou immediatamente a porta.

— Estamos mais em segurança agora com a porta fechada — proseguiu a aia. — Não nos verá a tal bruxa que por ahi anda; se é bruxa e não o diabo em pessoa. Deus se amerceie de vós, amen!

— Vou ver o que é — acudiu Francisco d'Albuquerque.

— A Senhora da Penha o livre de tal! Esperemos que passe a tormenta. Santa Barbara bemdita... Eu vou accender a candeia que vi alli pendurada na cosinha.

— E se o campino, que é o dono d'esta casa, vier agora, e me vir e nos encontrar aqui juntos, que se ha de fazer, Francisco? — interrompeu a Calcanhares.

— Não vem. Elle cedeu a casa ao Diogo Cutilada até ámanhan; e é homem seguro.

A aia de Margarida tremendo de medo, e mais para se dar conforto a si do que para servir sua ama, accendeu a candeia do campino, e pendurou-a n'um prego que havia para esse fim cravado na parede.

... Os dois amantes, detidos pela chuva e pelo receio

de serem encontrados pelos cavalleiros, que tinham visto a correr pelo campo com archotes na mão, em pouco tempo esqueceram de todo o perigo em que estavam para pensarem unicamente um no outro.

Tirou-os d'este brando e doce esquecimento o ruido surdo de um cavallo, gallopando na terra molhada, que vinha do lado da casa que olhava para Salvaterra; e logo depois a voz de Affonso VI, pronunciando do outro lado da casa algumas palavras que os dois amantes não puderam perceber.

O terror, como o impulso de uma força sobrenatural, fel-os pôr de pé, hirtos, suffocados, sem voz, e quasi sem sentimento. Julgavam-se perdidos, mortos ambos sem remissão, quando subitamente viram perto de si o conde de Castello-Melhor, pallido e demudado pelo susto, porém não opprimido, não paralisado, não

— Não tem perigo. Dá-me a tua palavra...

— E se...

— Dá-m'a, senão estão perdidos ambos.

— Dou-lhe a minha palavra, senhor conde.

— Bem. Agora saiam. Está á porta um cavallo. É forte o cavallo, e Salvaterra fica perto. Partam todos tres, a aia de Margarida tambem. Nem mais uma palavra. Vão-se.

Era tempo: porque el-rei já estava batendo com violencia á porta, e de um instante para outro a podia arrombar. Francisco d'Albuquerque partiu para Salvaterra, levando nos braços as duas mulheres quasi desmaiadas. O que se passou depois entre o Castello-Melhor e el-rei, já fica contado no capitulo anterior.

Á porta da casa da Calcanhares, os dois amantes separaram-se, sem que entre elles se trocasse uma palavra sequer. A dôr suffocava-os; um presentimento fatal havia destruido n'elles toda a esperança, e acordado mil confusos terrores; e por isso não ousavam communicar-se um ao outro o intimo do seu pensamento.

Margarida, mais morta do que viva, subiu as escadas, encostando-se, para não cahir, ás paredes e ao braço da sua aia; e apenas entrou no quarto, deitou-se ou antes arrojou-se, n'um accesso de violenta desesperação, sobre um estrado, dando livre expansão aos soluços, aos gemidos, aos gritos, que a dôr moral, mais acerba e pungente do que a dôr physica, involuntariamente lhe arrancava do peito.

A aia afflicta, assustada tambem, porém mais senhora de si do que a Calcanhares, foi-lhe a custo tirando os vestidos salpicados de lama, foi-lhe enxugando os cabellos que a chuva humedecera, e concertando emfim todos os desalinhos que as agitações d'aquella noite tempestuosa lhe haviam causado.

Margarida permanecia ainda como insensivel para tudo quanto a cercava, e não descontinuara de chorar, e lamentar-se, quando na escada resoavam já os passos pesados, lentos, e embaraçados d'el-rei.

— Senhora, minha rica senhora — exclamou a aia da Calcanhares, sacudindo-lhe o braço para a tirar do torpôr em que estava, e enfiando-lhe á pressa as mangas de renda de uma *roupa de chambre* branca: — minha ama, ahi vem el-rei. Já vem subindo a escada. Torne em si; cobre animo; não se deite a perder, não

ridade o resto do corpo; tudo lembrava um d'esses quadros de Rembrandt ou de Gherardo *delle notti*, bellos pela naturalidade do desenho, admiraveis sobre tudo pelos energicos contrastes da luz e da sombra.

Margarida poz-se de pé; mas não poude nem andar, nem mover-se, nem balbuciar uma palavra, quando el-rei assomou á porta do quarto.

— Cobre animo, minha senhora — murmurou-lhe ao ouvido a aia, antes de sahir. — Olhe que a sua vida e a do senhor capitão dependem de uma palavra sua.

El-rei entrou no quarto, quasi tão pallido e tremulo como a Calcanhares. O chapeo enterrado até aos olhos e assombrando-lhe o rosto, os vestidos molhados, amarrotados, cobertos de lama, davam-lhe um aspecto sinistro.

— Margarida — disse elle approximando-se do estrado em que a Calcanhares se deixou outra vez cahir sem alento — Margarida... não me esperavas aqui?

— D. Margarida — acudiu o conde valído, que seguia D. Affonso — não se afflija mais. Bem vê que el-rei já voltou, que lhe não succedeu mal. Animo, D. Margarida.

— Que tens, não respondes? — E sua magestade, quasi fóra de si, apertou com violencia a mão da sua desditosa victima, que soltou um grito de dôr.

— D. Margarida estava angustiada pela ausencia de vossa magestade, como nós todos, mais do que todos nós...

A dôr physica deu á Calcanhares a consciencia da

sua situação, e ella poude instantaneamente perceber a grandeza do perigo que lhe estava imminente. Com aquella espontaneidade de acção, aquella coragem de inspiração que é o caracteristico das mulheres sensiveis, cingiu com os braços o pescoço d'el-rei, e reclinando com brandura a cabeça sobre o peito d'elle, para assim esconder melhor as lagrimas que lhe rebentavam dos olhos e o tremor convulso dos labios desbotados, que a repugnancia e o susto contrahiam, murmurou baixinho:

— É verdade, senhor; estava n'uma angustia horrivel... e foi tal a felicidade que senti em ver a vossa magestade, que não tive força para fallar.

E vendo que D. Affonso se não deixava abrandar com aquelles afagos, proseguiu ainda mais baixo:

— O receio só de te perder, meu rei, seria capaz de me matar. Eu amo-te...

El-rei, sem responder palavra, tirou o chapeo que deitou para o chão, e sentou-se lentamente n'uma cadeira. Seguiu-se um momento de silencio, em que parecia, pela angustia que se lhe pintava no rosto, que a Calcanhares e o privado tinham a vida suspendida dos labios do rei.

— Margarida — disse este por fim com rudeza — crês em feitiçarias?

— Creio, meu senhor — respondeu ella.

— E julgas que é possivel a uma bruxa mostrar á gente o que não existe realmente?

— Senhor, tudo é possivel ao demonio, e áquelles a quem elle serve.

— Margarida, eu já esta noite te vi.

— Agora.

— Não; ha meia hora talvez.

— A mim?

Affonso VI calou outra vez, e ficou immovel, com os olhos pregados nos olhos de Margarida. Via-se que elle balançava entre a cólera e a duvida: entre a raiva e um sentimento menos violento.

— Tu não sahiste hoje d'aqui? — perguntou elle depois de longo silencio.

— Bem vontade tinha eu d'isso — respondeu a Calcanhares, sempre suffocada pelo susto — bem vontade tinha eu de sahir d'aqui...

— Para que?

— Para ir em busca de vossa magestade.

— E não foste?

— Não me atrevi... não tive animo...

— Margarida, ou tu mentiste agora; ou então... estás em perigo de ser enfeitiçada. Diz-me a verdade, minha querida Margarida; conta-me tudo a mim. — Dizendo estas ultimas palavras, el-rei tomou um tom de brandura e meiguice.

A desditosa Margarida teve tentação de abrir a sua alma a el-rei, de lhe narrar a historia dos seus amores, e de lhe pedir perdão depois. Ao seu coração leal e sincero repugnavam aquelles enganos, aquelles fingimentos, aquellas falsidades, a que a constrangiam os

perigos da sua posição, a vontade do conde valído, e os conselhos de frei Pedro de Sousa. Ia quasi a quebrar o segredo e a perder-se talvez, quando um gesto do Castello-Melhor, que exprimia a anciedade, a colera, a supplica, veio detel-a.

— A verdade, a verdade é o que eu disse a vossa magestade — balbuciou ella. — Não sahi d'esta casa.

— Então o que eu vi...

— Foi uma feitiçaria da maldita bruxa cigana, que quiz enganar a vossa magestade — interrompeu o conde.

— Talvez. Foi feitiçaria, foi. Mas acho-te triste, Margarida, inquieta, desassocegada — proseguiu o rei — Eu já aqui estou ao pé de ti, e não te vejo alegre.

— O susto fez-me mal. Estou doente... dóe-me a cabeça; não sei o que tenho. — E a Calcanhares, obedecendo a um olhar do privado, abraçou de novo D.

— Fazes bem, conde: e eu quero assistir ao interrogatorio.

— Far-se-ha a sua vontade, meu senhor. E agora...

— Agora o que?

— Se vossa magestade me permitte, que eu tome a liberdade de lhe lembrar...

— O que? Não hesites. Permitto-te que me lembres o que quizeres.

— Peço licença para lhe lembrar, real senhor, que a rainha, minha senhora, está esperando por vossa magestade.

— Tens razão. Vamos. Não quero fazer esperar a rainha.

— Sua magestade estava afflicta pela demora...

— Todos aqui estavam afflictos por minha causa, segundo vejo — interrompeu el-rei com um sorriso, em que transparecia a colera. É muita ventura ser rei. Pois vamos consolar os afflictos.

E pegando no chapeo, que o escrivão da puridade lhe apresentava, el-rei sahiu sem dizer mais palavra a Margarida.

Quasi ao entrar no paço, sua magestade voltou-se subitamente para o conde, e disse-lhe:

— Conde, estes meus amores com Margarida são um escandalo para a côrte e para o reino todo. A rainha é a rainha; e é necessario que eu me lembre d'isto. A rainha diz que a coroa vai ter um herdeiro; e eu

quero mostrar-lhe a minha gratidão por ella assegurar por este modo a felicidade de Portugal.

El-rei não disse mais nada; mas o conde sentiu faltarem-lhe as pernas, e um frio de gelo correr-lhe por todo o corpo.

CAPITULO XLV.

O INQUIZIDOR GERAL.

Eram apenas oito horas da manhan, quando uma enorme liteira pintada de vermelho, com seus cupidos dourados nos cantos, e armas reaes nas portinholas, guiada por dois liteireiros vestidos de vermelho, desembocando da rua dos Escudeiros, e atravessando o rocio de Lisboa na sua maior extensão, foi parar á porta do negro e sombrio edificio, onde se passavam os terriveis e cruentos mysterios da inquisição.

Mal um dos liteireiros abriu a liteira, logo de dentro saltou o conde de Castello-Melhor, emboçado n'uma capa á franceza, e com o chapeo de plumas enterrado até aos olhos; e entrando na portaria, tocou uma sineta que sostinham dois varões de ferro pregados na parede. Ao som da sineta acudiu logo o porteiro, e com uma voz rude e secca, disse ao conde:

— Que manda, meu fidalgo?

— Quero fallar ao senhor inquisidor geral — respondeu o Castello-Melhor.

— O senhor arcebispo agora mesmo se levantou, e já está trabalhando no serviço de Deus e do santo tribunal.

— Vai dizer ao alcaide dos carceres secretos que o conde de Castello-Melhor deseja fallar ao senhor D. Verissimo de Lancastre.

— É vossa excellencia! então póde entrar. Entre vossa excellencia; vá subindo, que lá em cima está o meirinho na casa da espera.

O valído subiu a larga escada de pedra que levava á sala de espera do *santo* tribunal; casa immensa, de abobada, forrada de azulejo, cercada toda em roda de um assento de pedra, e com uma cruz negra, que apa-

Um instante depois o conde de Castello-Melhor, tendo atravessado um extenso corredor, entrou no gabinete do inquisidor geral. O gabinete do velho arcebispo era uma casa grande, triste, fria e mal allumiada por uma d'essas janellas, cujo vão é egual a uma das nossas salas de hoje, e que parecem possuir a singular propriedade de darem passagem a uma quantidade de luz, que está sempre na razão inversa da sua grandeza. As paredes eram forradas de damasco encarnado agaloado e franjado de oiro, que o pó, a humidade e o tempo haviam feito desbotar n'alguns sitios, ennegrecer n'outros, atramar-se e rasgar-se em muitos: quatro cadeiras de espaldar, tambem de damasco, estavam symetricamente dispostas em roda de uma mesa de pau santo com pés torneados, sobre a qual havia um grande numero de in-folios abertos, rumas de autos, rolos de pergaminhos, e no meio de tudo isto um tinteiro de prata colossal. Dois quadros grandes de côr carregada e escura, de desenho incorrecto, de composição absurda, um representando S. Domingos com o crucifixo alçado, a assistir á matança dos albigenses na tomada de Bessiers, o outro representando um auto de fé no Terreiro do Paço, onde se viam representados mais de vinte hereges a arder, augmentavam ainda o caracter sinistro e funebre d'aquelle gabinete.

O inquisidor estava sentado no vão da janella, de modo que o allumiava de perfil a restea de sol que entrava pelas rejas de estreita gelosia. Era um velho magro, curvado pelos annos, tremulo, com a cabeça calva

e o rosto por extremo agudo e anguloso. Quando o conde de Castello-Melhor entrou, D. Verissimo fez um esforço para se levantar; mas, com um gesto, o conde pediu-lhe que se não incommodasse, e elle deixou-se cahir outra vez sobre a cadeira.

— Não se incommode senhor D. Verissimo — disse o conde — não se incommode vossa senhoria. Eu venho só para ter novas certas da sua saude, e para fallarmos...

— Isto vai como Deus é servido, até que venha o dia do descanço. Mas sente-se vossa excellencia aqui ao pé de mim. Traz uma cadeira para o senhor conde — proseguiu D. Verissimo, voltando-se para o meirinho que ficára á porta — traz uma cadeira, e depois podes-te ir embora.

O meirinho obedeceu; e Castello-Melhor sentou-se

ha de nos conservar a sua preciosa vida, para que estes reinos fiquem de todo purificados de hereges e inimigos da fé.

— Não ouso esperar que nosso Senhor me conceda tanta gloria: não lhe mereço tanto.

— Apesar de haver quem anda trabalhando para mudar os estylos da santa inquisição, e para alcançar um perdão geral para a gente de nação — acudiu o escrivão da puridade, com fingida tristeza — espero que sua santidade, e estou certo que el-rei não consentirão nunca em tal, sabendo os males que d'ahi podem vir para a religião.

— Ha muitos campeões, a quem os judeus dão lança de prata, e que os defendem por toda a parte com coragem e ardor. As lanças de prata são muito fortes — proseguiu D. Verissimo. — Poucos são os peitos que se cobrem com um escudo rijo bastante para lhes resistir aos golpes. Atrevem-se a accusar o santo tribunal de obrar contra o direito das gentes, e até contra o direito divino. Se lhes déssemos ouvidos, convencer-nos-iam de que o santo tribunal não faz senão condemnar innocentes. A lingua do calumniador consome tudo: *Et lingua ejus ignis est.*

— *Detractores Deo odibiles* — acudiu o Castello-Melhor. — As calumnias e os esforços dos maus não lhe hão de aproveitar. Sejamos sinceros. Estamos sós, podemos fallar com o coração nas mãos... e de mais a mais é do serviço de Deus que se tracta. Sejamos sinceros. Os padres da companhia querem dominar tudo

no temporal como no espiritual, e o santo officio assombra-os: não os deixa publicar livremente as suas heresias e os seus erros.

— É verdade, é bem verdade isso, conde — interrompeu o inquisidor animando-se. — Lá está o padre Vieira, que tem sido o nosso mais incansavel, mais ardente inimigo, na inquisição de Coimbra, por ter escripto erros sem conto, heresias sem numero n'aquelle seu papel intitulado: Quinto imperio. *Sapiens hæresim!* Quiz fazer do Bandarra, do sapateiro de Trancoso, um propheta como os que Deus allumiou outr'ora, com o seu espirito: para... para fins que só os jesuitas sabem.

— Bem vê vossa senhoria para que elles querem fazer acreditar o povo nas prophecias de Bandarra. É porque no tempo do quinto imperio, que elle promette

— Os jesuitas, senhor conde, bem sabe vossa excellencia que não tem acto algum espontaneo e livre. São jesuitas e não homens do seculo.

— Tem razão, senhor arcebispo. Se houvesse uma nação toda de jesuitas, não me seria difficil governal-a.

— Sendo vossa excellencia geral da companhia. — E D. Verissimo de Lancastre riu-se com satisfação por ter deixado perceber o seu pensamento, sem comtudo se ter expressado com clareza em assumpto tão melindroso.

O conde de Castello-Melhor ficou mais de um minuto calado a meditar, antes de poder progredir na sua conversação com o arcebispo inquisidor. A nação que elle governava, Portugal, era n'aquelle tempo uma nação dirigida, dominada, fanatisada pelos jesuitas, era uma nação jesuita emfim; e elle sentia já que não tinha força para se manter no poder contra a vontade da omnipotente companhia de Jesus.

— Como lhe faltou o padre Vieira — disse por fim o conde — os christãos novos tomaram para defensor o padre Manuel Fernandes, o confessor de sua alteza; e já trabalham para conquistar o animo do senhor D. Pedro.

— O padre Fernandes ha de seguir as pégadas que deixou o seu companheiro e mestre. Não faltarão memoriaes, promessas de dinheiro a el-rei, queixas a sua santidade, e tambem não faltará, talvez, algum breve mandando exhibir processos á inquisição, como o que

já houve. Mas paciencia! *oportet hæreses esse*, como disse o apostolo.

— Talvez que para os fins, inintelligiveis para nós, da Providencia divina importe que haja hereges e heresias. Mas o que de certo não é vontade de Deus é que os hereges triumphem e governem o mundo — disse o conde de Castello-Melhor.

— Nem tal póde succeder nunca — acudiu logo D. Verissimo.

— Quem sabe? As coisas parecem encaminhar-se para esse fim. Os jesuitas de dia para dia vão tendo mais influencia no animo do infante; a rainha é governada pelo padre de Villes, e a França de hoje em diante favorecerá as pretenções de sua magestade, e por conseguinte as ambições do seu confessor e da companhia de Jesus. A liga com a França está assignada, senhor D. Verissimo, assignou-se ha tres dias, como vossa

rompesse as hostilidades por causa dos direitos que julga ter a Flandres.

— Essa foi tambem por muito tempo a minha opinião — disse o conde — e, na verdade, com a intervenção do ministro inglez, o cavalheiro Fanshaw, estivemos a ponto de ver acceitar as nossas propostas pelo governo hespanhol. Mas agora as coisas tinham mudado um tanto de aspecto. Os hespanhoes recusaram o nosso *ultimatum*.

— Não quizeram tratar comnosco de rei a rei.

— É verdade: não quizeram reconhecer o senhor D. Affonso VI como legitimo rei de Portugal.

— Deviamos continuar a instar pela paz. Ha vinte e seis annos que temos guerra; a nação precisa descanço para se não perder de todo.

— A paz era incerto, muito incerto que a pudessemos alcançar sem condições deshonrosas para nós — acudiu o conde. — A guerra entre França e Inglaterra fez cobrar animo aos hespanhoes. Em vez de quererem a paz, elles só pensavam em nos conquistar, agora que nos viam desajudados e abandonados de todos. Eu bem sei que a fidelidade dos portuguezes ao seu rei, e o seu amor da patria e da independencia, são penhores seguros da nossa existencia politica. Já estivemos á beira do abysmo, cançados, exhauridos, com os exercitos hespanhoes no coração do reino, e soubemos resistir-lhe: mais ainda, soubemos vencer. Mas deveremos nós conservar sempre uma tão cega confiança na nossa boa estrella? A paz era impossivel agora; os

hespanhoes não a quereriam. Sem dinheiro e sem exercito a guerra não se póde sustentar: nós estavamos sem dinheiro, e em pouco tempo ficariamos sem exercito, se não buscassemos apoio em alguma nação poderosa. Outro perigo nos estava imminente tambem, contra o qual era preciso tomar precauções. Os inglezes, depois de terem trabalhado como mediadores para nos fazerem assentar pazes com Hespanha, vendo que esta recusava pôr-se de acôrdo comnosco, mostraram-se resolvidos a fazer um tratado com os nossos inimigos, a accommodar-se com os hollandezes, e a abandonarem-nos. Não podiamos ter a paz: era indispensavel que nos pozessemos nas melhores condições possiveis para a guerra.

— Mas com esta liga que se fez com a França ficamos obrigados a fazer a guerra, em quanto a guerra

ter, nem pagar. A paz era n'esta occasião a primeira necessidade para o povo.

— E crê vossa senhoria que eu ignorava isso? Fiz inutilmente todos os esforços por alcançar a paz, uma paz honrosa para a nação portugueza; e agora mesmo, antes de dar um passo para esta liga com a França, ponderei sempre a el-rei tudo quanto a esse respeito havia de importante, ouvi sempre o conselho d'estado, consultei a rainha, dei conta de tudo ao senhor D. Pedro. E todos, todos votaram pela alliança franceza, e pela continuação da guerra. Se algum dia a nação se houver de queixar d'este acto politico...

— A nação queixa-se já.

— Não é sobre mim que as suas queixas devem cahir. Eu não fui senão o executor das vontades de quem póde mais do que eu. Aqui tudo se vai submettendo á influencia franceza. Portugal é uma nação que hoje, desgraçadamente, não póde viver por si. Deixou de ser conquista hespanhola ha pouco, para se rasgar agora nas mãos da Inglaterra, da França e da Hollanda, que se querem apossar dos ultimos pedaços do seu rico manto de purpura.

— Mas vossa excellencia, que é o valído d'el-rei, o seu ministro, o seu escrivão da puridade, tudo emfim; não póde evitar a total ruina d'esta nação, que já foi tão grande, tão poderosa, e a favor da qual Deos tem feito tantos e tão pasmosos milagres? — disse o inquisidor, accentuando e demorando-se em cada uma das

palavras, que designavam os titulos e o valimento do conde.

— Quer que eu lhe falle com sinceridade, senhor D. Verissimo?

— Faz-me muita honra n'isso, senhor conde.

— Os meus conselhos ainda são escutados por el-rei, ainda sou escrivão da puridade; mas como os jesuitas me fazem tanta guerra a mim como á sagrada inquisição, não sei quanto tempo durará ainda o meu valimento. A companhia que tanto tem podido fazer contra uma instituição tão santa, tão proveitosa para a religião, tão conveniente para a propagação da fé como é o santo officio, o que não poderá contra um pobre ministro, que não tem senão bons desejos, amor da patria, e dedicação pelo seu rei! Já excitaram as desconfianças de sua magestade a rainha contra mim: fi-

e Salvaterra não deu ouvidos senão... a quem os de-
a dar, á rainha.

— E então...

— A rainha minha senhora desejava, como era
atural a uma princeza franceza, a uma parente de
uiz XIV, desejava ligar-nos indissoluvelmente á Fran-
a. Sua magestade ficou tão satisfeita por o abbade de
. Romão ter alcançado o fim para que fôra mandado a
ortugal, que logo no dia 31 de março lhe dirigiu um
ilhete dando-lhe os parabens, e já escreveu a el-rei
e França pedindo-lhe graças e favores para elle. In-
elizmente — proseguiu o conde fingindo-se commo-
ido — para perturbar a alegria da rainha, uma gran-
e desgraça...

— Uma desgraça? Qual foi...

— A esperança, que sua magestade nutria de dar
m herdeiro á corôa, acaba de se desvanecer; sem que
a magestade mesma possa dizer como passou tantos
ezes n'essa illusoria esperança.

— É maravilhosa, inexplicavel essa illusão! — ex-
lamou o inquisidor, tomando uma pitada da sua caixa
e oiro, para esconder o sorriso que lhe tremia incerto
a boca. — *Quid est hoc?*

— Que se ha de fazer já agora? O tratado está as-
ignado — disse o conde — e o que devemos fazer é ti-
ar d'elle o maior proveito que fôr possivel. Em es-
ando accommodadas as nossas differenças com os Es-
ados-Geraes da Hollanda, ser-nos-hão restituidas Co-
chim e Cananor. O papa ha de vir tambem agora a

melhores termos comnosco, e então confirmar-nos-ha os bispos...

— Grande felicidade será essa para este povo; porque n'estes annos, em que Roma nos deixou no abandono, uma parte do clero, esquecida da propria modestia, tem-se tornado a vergonha e o escandalo da egreja.

— E com a confirmação dos bispos talvez, é quasi certo, que sua santidade concederá a el-rei um ou dois barretes cardinalicios; para premiar as virtudes e serviços dos prelados, que tem mostrado mais zelo pela religião e mais amor pela patria.

— Vossa excellencia espera que sua santidade...

— Conto n'esta occasião com a coadjuvação do cardeal de Vendome, legado *á latere* do papa, para alcançar os dois barretes — ou ao menos um barrete cardi-

n'um instante de reflexão, a meio caminho do nariz. Voltou os olhos para o ministro de Affonso VI, e desviou-os logo para olhar para a janella, por onde entrava n'aquella occasião um sol esplendido apesar da gelosia: e no fim, não achando palavras para responder ao seu astucioso interlocutor, baixou a cabeça e murmurou alguns sons inintelligiveis.

O conde leu claramente na alma do inquisidor; e, vendo que era então a occasião mais opportuna para lhe fallar no objecto melindroso, que o levara áquella casa de horrores e de martyrios, poz-se de pé, pegou no chapeo e na capa que deitara sobre uma cadeira, e, no tom da mais perfeita indifferença, perguntou:

— Vossa senhoria teve noticia d'uma bruxa que eu mandei de Salvaterra para os carceres do santo officio?

— Ouvi fallar n'essa peccadora — respondeu D. Verissimo, tornando um pouco em si.

— É uma bruxa muito perigosa, que tem estreito pacto com o diabo.

— Quiz dar feitiços a el-rei?

— Não, senhor. Mas mostrou-lhe, n'uma visão infernal, coisas que muito magoaram sua magestade. O senhor D. Affonso que ninguem, porque todos o respeitam, todos o amam... que ninguem é capaz de atraiçoar, viu-se trahido por uma pessoa... a quem muito quer.

— Deus de misericordia!

— El-rei mandou entregar a bruxa ao santo officio, para que se faça justiça.

— Far-se-ha justiça.

— Sua magestade, porém, quer assistir ao interrogatorio que se fizer á ré.

— As vontades d'el-rei são ordens.

— É preciso que a bruxa confesse que, quanto sua magestade viu, foi tudo obra do demonio.

— Ha de confessar tudo, tudo — disse D. Verissimo. — A serva do demonio ha de accusar o seu senhor; para confusão dos hereges, e maior gloria da egreja.

O ministro e o inquisidor olharam um para o outro; mas ambos desviaram logo a vista, porque o rubor lhes subiu ás faces, e o riso lhes assomou aos labios.

O Castello-Melhor, despedindo-se então do arcebispo com muita reverencia, sahiu da inquisição, e en-

CAPITULO XLVI.

UM INTERROGATORIO.

Aos que bem conhecem a physionomia, aos que são dotados da rara faculdade de ler no rosto dos homens as qualidades, os vicios, as propriedades do seu espirito, deve-lhes ser possivel muitas vezes perceber intuitivamente, ao verem o retrato de um rei, a tendencia e indole historica do seu reinado.

Quem observar attentamente os retratos dos reis de Portugal não deixará de encontrar grande concordancia entre a fórma, a expressão do rosto de muitos d'elles, e o caracter que manifestaram nos seus actos politicos, nas suas sympathias pela guerra ou pela paz, no seu cego fanatismo, ou no zelo sincero e louvavel pela religião. Em nenhum, porém, essa concordancia se manifesta de um modo mais evidente, mais incon-

testavel, do que em D. João III. Quem, ao attentar bem n'aquella physionomia triste, severa, sombria, quasi monastica, não sentirá logo, que no reinado d'aquelle principe a grandeza das armas portuguezas acabou; e que o poder do fanatismo, da intolerancia, e da cobiça sobrepujou todos os outros poderes, tolheu para sempre todos os esforços na nação para conservar a liberdade, a independencia, a riqueza, e a gloria? Quem não verá que a decadencia começou alli; que essa serie de catastrophes, rapida, constante, fatal, irreparavel, que fez da nação mais feliz e poderosa da Europa, uma nação fraca, desmoralisada, esquecida e desestimada de todos, principiou no reinado de D. João III?

Foi este rei, quem, para fallar exactamente, extorquiu ao papa a auctorisação para estabelecer em Por-

vorecer e tratar como os proprios christãos velhos, sem d'elles serem distinctos e apartados em coisa alguma. » Esses taes, a que chamavam a *gente de nação*, haviam-se enriquecido pelo commercio, porque eram a parte activa, industriosa, commerciante, laboriosa do povo portuguez, que então vivia como um morgado rico na indolencia e na dissipação. Quizeram despojal-os de seus haveres e riquezas, tirar-lhes a influencia que lhes davam as vastas relações commerciaes, que mantinham com todos os povos do mundo: quizeram sacrifical-os, em nome da religião christan, á cobiça do clero, á ambição e avareza dos fidalgos, e instituiram para esse fim um tribunal iniquo, atroz, sem consciencia, o qual, condemnando promiscuamente innocentes e criminosos á deshonra, á tortura, á morte, fez fugir de Portugal o commercio, a industria e a riqueza; lançou a desconfiança nas familias; a delação, a vingança, o fanatismo na sociedade; destruiu tudo; fez de uma nação grande e conquistadora uma nação miseravel, pobre e deshonrada pelos estrangeiros; fez de um povo robusto e ousado um povo de fanaticos e judeus, de algozes e de victimas.

N'aquelle tribunal, a que se dava como por atroz escarneo o nome de *santo officio*, tudo parecia combinado para satisfazer a crueldade, a injustiça e a devassidão de inquisidores sem probidade. O modo por que se recebiam as delações, por que se interrogavam os denominados réos, por que se instauravam e levavam por diante os processos; o segredo e mysterio que en-

volvia todos os actos do tribunal; as causas por que se infligiam os supplicios mais crueis, causam indignação, asco, horror a quem tem no coração o sentimento da justiça e da moralidade, a quem comprehende os santos e puros dogmas da religião de Jesus Christo.

Para se apossarem dos bens de alguns homens de nação, ou para se vingarem de um inimigo, os inquisidores e todos os outros agentes e adherentes do santo officio não recuavam diante de nenhuma infamia, não hesitavam em commetter a mais repugnante immoralidade. Um inquisidor, para levar ao supplicio um negociante rico, ameaça uma filha d'elle, que apenas contava dez annos, de lhe queimar as mãos n'um brazeiro se não confessar que seu pae flagellou a Christo; outro, com o baculo de bispo, fere na cabeça uma pobre serva, para a obrigar a calumniar seus amos. Esposas

Que tribunal se póde comparar na injustiça, na arbitrariedade, no contínuo postergar todos os principios da moralidade e do christianismo ao *santo* tribunal? Bastava o incoherente depoimento de testemunhas não contestas, para levar um desgraçado á inquisição; depois o processo todo estava compendiado nos dois adagios que o povo repetia n'aquelles tempos, e que os proprios inquisidores não tomavam por affrontosos, antes consideravam como devendo servir de norma aos seus julgamentos: — « Dai-m'o vós christão novo, dizia um dos adagios, que eu vol-o darei judeu »: — outro adagio resava da seguinte maneira:

Dámelo confeso
Qu'yo te lo daré quemado.
Déjame hacer el proceso
Y juzguelo su padre.

Eis a theoria da inquisição como o povo a entendia, formulada com horrivel singeleza, porém com exacta verdade.

Nos seus julgamentos os inquisidores não seguiam nem o direito civil, nem o canonico, nem leis particulares dadas pelos reis de Portugal, nem bullas dos papas, a quem por vezes recusaram obediencia. Eram elles que faziam as leis e julgavam por ellas, envolvendo tudo, leis e processos, de tenebroso e impenetravel segredo. Era um homem accusado por falsos delatores de não comer carne de porco, nem de coelho, nem de lebre, nem peixe de pelle, de vestir camisa lavada aos sabbados, e de outras coisas que hoje nos fazem rir,

mas que o *santo* tribunal reputava verdadeiros crimes, e ficava provado assim que esse homem *judiava*. Se, vendo-se accusado por calumniadores e inimigos seus, elle recusava confessar *um crime* de que estava innocente, por ser verdadeiro christão e ter consciencia e probidade, ia a morrer por *negativo*. Se depois de haver, para salvar a vida, declarado ser judeu e pedido perdão, não acertava, não adivinhava os nomes de todas as testemunhas que depozeram contra elle, ia a queimar por *diminuto*. Se, conhecendo que não escapava á morte, mesmo depois de ter confessado culpas que não commettera e pedido misericordia, se desdizia de tudo, então era justiçado por *variante*, *revogante*, *ficto*, *falso* (1).

Era d'este modo, era offendendo os mais singelos e universaes principios da justiça e da moral, era profa-

uma tocha accesa na mão, porque n'aquellas escadas que levavam ás prisões subterraneas não penetrava quasi a luz do dia; seguiam-os D. Verissimo de Lancastre, o inquisidor da segunda cadeira, e um deputado do santo officio.

— Não tem fim esta maldita escada — exclamou D. Affonso impaciente.

— Já falta pouco — disse o deputado do santo officio. — São sessenta e dois degraus, e já descemos quarenta e nove.

— Vossa magestade quer entrar na casa dos tormentos? — perguntou D. Verissimo de Lancastre.

— Não. Não me disseram que havia uma janellinha d'onde se via e ouvia tudo?

— Sim, senhor. A janella dos inquisidores.

— É aqui — disse do extremo do corredor subterraneo, onde el-rei acabava de dar entrada, uma voz grossa, a que a resonancia da abobada dava um timbre quasi metallico.

— Quem está alli? — exclamou sua magestade, detendo-se com hesitação.

— É o alcaide dos carceres secretos que espera por vossa magestade — respondeu o velho D. Verissimo socegadamente.

A este tempo já o luciferario havia parado á porta baixa, fechada por uma grade de ferro, que estava no fim do corredor. Logo que el-rei se approximou, a porta abriu-se, e o alcaide, vindo-lhe ao encontro, poz-se de joelhos e offereceu-lhe o molho das chaves

dos carceres. El-rei transpoz a porta sem nem sequer olhar para o alcaide.

O cubiculo em que Affonso VI entrou com o seu escrivão da puridade e os juizes do santo officio era tão estreito, que n'elle mal poderiam caber dez pessoas: allumiava-o apenas um clarão vivo e vermelho que entrava pelas malhas da adufa da janella, onde os inquisidores vinham ás vezes ver o que se passava na casa dos tormentos.

Esta era uma casa quadrada e espaçosa, com abobada de volta de sarapanel e de arestas, em cujo feixo havia um florão de que pendia uma corrente terminada por um annel de bronze. Em roda, pendurados pelas paredes e espalhados pelo chão, havia instrumentos de fórmas monstruosas, tenazes de ferro com dentes incisivos e agudos como os do tigre, vasos enormes cheios

'oyos, promotor da inquisição, estava ao canto do carere sentado a uma mesa, do lado opposto da qual se ia o notario com a penna na mão e uma folha de paıel amarellado diante de si. Dois guardas, de aspecto arrancudo e sinistro, seguravam uma velha pallida e lescarnada, apenas coberta em parte por uma tunica lespedaçada, e cuja face repugnante estava em harmoıia perfeita com a dos outros actores d'aquella scena nfernal. Outro guarda, mancebo ainda imberbe, com . alegria nos olhos e o riso na boca, como quem sabia aborear o inquisitorial prazer de martyrisar o proxino, corria de um lado para o outro da casa; ora atiando o lume; ora dispondo em roda da victima os insrumentos da tortura; ora dizendo em voz baixa aos eus companheiros alguma chocarrice nefanda, que os azia rir. Todos pareciam esperar por alguma coisa ıara darem principio á sua tarefa horrorosa.

E com effeito, quando o alcaide dos carceres entrou ıa casa da tortura e disse algumas palavras ao ouvido lo doutor Foyos, este, endireitando-se com solemniade fradesca e limpando estrondosamente a laringe do ncommodo pigarro, como pregador que depois de dier um texto latino se prepara para entrar no exordio o seu sermão, deu com as seguintes palavras signal e que se ia dar principio ao terrivel drama:

— Senhor notario, escreva as confissões da ré.

Depois, voltando-se para a velha que os guardas eguravam, disse-lhe:

— A misericordia do santo tribunal está sempre

prompta para perdoar e absolver os que confessam os seus peccados, sem reserva, nem excepção. Confessa as tuas culpas, Zaída, e mostra arrependimento d'ellas; porque se forem tão graves que não possam ser perdoadas n'este mundo, talvez no outro Deus se compadeça de ti.

Via-se no tom, na phrase e no gesto do doutor Foyos o desejo de brilhar diante dos invisiveis espectadores do interrogatorio.

Zaída, que tinha estado até áquelle momento como em lethargia, ergueu-se de pé quando ouviu as palavras do promotor, e com voz firme e vibrante, respondeu:

— Já confessei o que tinha a confessar; agora não me resta nada que dizer.

— Confessas ser bruxa e ter relações com o demo-

as e infamias que se fazem n'esses malditos ajuntamentos?

— Confesso.

— E ter adorado o maioral dos demonios, que está entado em cadeira negra de espaldar, a presidir ao anquete de carne de bode preto, com que rematam ssas festas infernaes?

— Confesso.

— Confessas saber adivinhar e ter feitiçarias para em e mal querer, para se haverem as coisas, e saber-e o que ha de ser; com esconjuros, convocações dos emonios e chamamentos de almas?

— Confesso.

Aqui o doutor Foyos sacudiu gravemente a cabeça, omou uma larga inspiração, limpou de novo a garanta, e proseguiu com solemnidade:

— Falta confessar ainda um crime gravissimo, o ais grave de todos; um crime contra Deus e contra -rei. Com as tuas artes diabolicas, e para fins sinis-os, quizeste enganar sua magestade fazendo-lhe ver o ue não existiu nunca, e que não póde existir: mos-ando-lhe, como criminosa, uma dama innocente, e... irtuosa.

O promotor, depois de ter dito com esforço estas ltimas palavras, tossiu estrepitosamente, e olhou para janella onde estava Affonso VI.

— Confessas tambem este crime — proseguiu elle epois de uma pausa — para remir a tua alma?

— Não.

— Depois de teres confessado todos os crimes, de que serve quereres negar este? — acudiu o doutor Foyos, assustado com esta negativa. — Os outros são bastantes para te levar á fogueira. O negar este não te póde salvar o corpo, e póde-te perder a alma.

— Não confesso isso, porque o não fiz — disse a velha Zaída quasi com o riso do prazer na boca. — O que el-rei viu era realidade e não illusão. El-rei é trahido por essa mulher, por todas as mulheres que elle julga amarem-o.

— Mulher, a santa inquisição tem meios de te arrancar a verdade — exclamou o promotor.

— A verdade é esta, e eu não direi outra coisa senão o que é verdade.

— Persistes em negar esse crime?

— Sim.

— Como está liquido talvez as palavras lhe escorreguem bem por elle — disse a meia voz para os seus companheiros aquelle guarda dos carceres, moço e risonho, que tinha andado a dispor artisticamente em roda da victima todos os instrumentos da tortura. Os outros riram da atroz chocarrice; e a scena infame progrediu.

O tormento do pez ardente era um d'esses requintes da crueldade, que nenhuma fera, a não ser a fera pensante, imaginativa, beata e hypocrita, a que chamam o homem, ousaria inventar e applicar a um ente vivo, e muito menos a um ente da sua propria especie. Na lucta entre os inquisidores e as suas victimas eram sempre aquelles quem venciam; porque de um lado havia a crueldade incansavel, uma variedade, um luxo de martyrio prodigioso, e do outro só havia a paciencia e a resignação, que são frageis, que não podem quasi nunca resistir á dôr physica levada ao seu auge maior.

Zaída não pôde resistir ao novo tormento: n'um ai de agonia pediu misericordia aos seus algozes.

— Confessas o crime que commetteste contra Deus e contra el-rei? — perguntou o promotor do santo officio.

— Tudo, confesso tudo — respondeu ella.

Então o doutor Foyos ordenou, com um gesto, aos guardas dos carceres que desatassem a sua victima do potro; e estes, obedecendo promptamente, deixaram cahir a bruxa velha semi-morta no chão.

— Escreva, senhor notario — disse o promotor. —

A ré declara espontaneamente ter, por arte diabolica e poder de Satanaz, feito vêr a el-rei o que nunca existiu, nem podia existir; evocando para isso do outro mundo a alma penada do capitão Francisco d'Albuquerque.

Aqui o doutor Foyos tornou a olhar para a janella onde estava D. Affonso VI, e deu a sessão por acabada.

El-rei assistira ao interrogatorio de Zaida sem dizer palavra. Quando viu porem-se de pé o doutor Foyos e o seu notario, levantou-se tambem, e encaminhou-se com o seu passo lento e arrastado para a escada por onde uma hora antes descera aos carceres secretos.

— Vossa magestade ouviu as confissões da bruxa? — perguntou o conde de Castello-Melhor.

— Ouvi tudo — respondeu el-rei seccamente.

E ninguem mais ousou interromper o silencio de sua magestade.

CAPITULO XLVII.

PAX CHRISTI!

— Bem diz vossa paternidade. A similhança das situações em que se acham nossos reaes amos é tal, que parece ter a Providencia divina disposto unil-os pelas tribulações... talvez para os unir depois pelas felicidades.

— Tudo póde ser, e tudo se deve esperar de quem não desampara os principes que se interessam pelo engrandecimento da nossa religião. O soffrimento tem sido grande em sua magestade; se não fossem a muita modestia e grande paciencia da rainha, já as suas queixas teriam chegado aos ouvidos de toda a christandade. A tyrannia d'el-rei tem ido sempre crescendo; e agora em Salvaterra ainda ella se manifestou de uma maneira mais cruel, como todos viram. Os valídos cada vez

abusam mais da auctoridade que el-rei lhes deixa, absoluta e despotica, sobre o reino, e até sobre a real familia; e demais, nem esperança póde haver já de que a corôa tenha herdeiro, filho do senhor D. Affonso.

Isto diziam, caminhando lentamente por uma rua coberta de parreiral na cerca do noviciado da Cotovia, dois jesuitas; o padre Manuel Fernandes e o padre de Villes, o confessor de sua alteza e o confessor da rainha.

— O reino — disse o padre Fernandes — já começa a perder a esperança de ver perpetuar-se a corôa em descendentes d'el-rei; e são grandes, são justos os receios que muitas pessoas prudentes manifestam, de que, se por desgraça o infante morresse, nos vissemos outra vez em poder dos hespanhoes: e agora sem remissão, sem podermos tornar a recobrar a nossa inde-

a que el-rei tem chegado já bastam para se poder por ellas avaliar até onde póde ir a colera de sua magestade. A rainha está na firme resolução de salvar a sua honra, a sua consciencia e o estado; pedindo para isso, se necessario fôr, auxilio ao rei de França, fugindo do paço, fazendo publica a historia secreta do seu casamento. É porém minha opinião, e já a esse respeito disse algumas palavras a sua magestade, que não foram desattendidas, que a rainha e sua alteza devem unir as suas forças para destruirem, com menos risco, o poder dos valídos.

— É essa tambem a opinião do senhor infante — interrompeu o jesuita portuguez. — E no coração d'elle ha um sentimento que o leva a desejar, a pedir, a solicitar essa união. Eu já outro dia lhe dei conta da conversação que tivemos aqui mesmo ácerca das desgraças da côrte e do reino. Disse-lhe as relações em que a rainha está com o general Schomberg, e o grande proveito que do apoio do general se póde colher; sua alteza mostrou, como era de esperar do seu magnanimo coração, desejo de entrar immediatamente na ardua empreza de salvar a patria e a religião.

— Ah! ah! As forças assim ficam pelo menos eguaes. De um lado el-rei com os valídos; do outro a rainha e o infante. Ha meios para conseguir que França tome interesse n'esta contenda; e o povo... a companhia deve chamal-o ao partido dos principes, que é tambem o partido d'ella.

E o padre de Villes parou, esfregando as mãos e

deixando abrir-se-lhe na boca um riso de esperança; quasi de triumpho.

— E é; o partido de sua alteza é o partido da sociedade de Jesus — disse o padre Fernandes, depois de meditar um instante. — Quando acabou a regencia da rainha mãe, d'aquella santa rainha que tanto amou a religião e trabalhou para a sua propagação, acabou tambem o grande poder da companhia em Portugal. O tribunal das missões, creado pelo nosso padre André Fernandes, que tanto fez crescer e prosperar o negocio da conversão das almas nas regiões da Asia, da Africa e da America, está quasi extincto. El-rei não tem um confessor, um director espiritual da companhia; e por isso ahi vai, levado pela furia das paixões mundanas, a um abismo que a razão humana não póde sondar.

— Pois até ao ponto de lhe tirar o reino deve chegar sua alteza? Isso não faz o senhor infante por certo.

— Sua alteza não, a nação sim — disse o francez. — A nação junta em côrtes póde, deve tirar o governo ao senhor D. Affonso; porque assim é necessario para a sua conservação e defensão natural. Mas por agora a guerra deve ser toda contra os valídos, contra o conde de Castello-Melhor principalmente; porque em faltando esse apoio, o resto cáe por si.

— E quem ha de authorisar esse acto das côrtes contra a soberania de um rei?

— Vossa paternidade é muito sabio — respondeu o padre de Villes socegadamente — para desconhecer a opinião do grande Bellarmino. O papa, como soberano espiritual que é, póde, se assim fôr preciso para a salvação das almas, mudar os imperios, tirar a corôa a um para a dar a outro principe: *Potest mutare regna, et uni aufferre atque alteri conferre.*

— E as consequencias?

— As consequencias serão o termos em Portugal um rei pio e santo, que terá por director espiritual vossa paternidade, jesuita virtuoso e illustrado, que fará tudo pela religião, e dará ás missões meios para conquistarem muitas almas e augmentarem as aldeias dos indios convertidos á fé; um rei, emfim, que, por dever a corôa aos esforços da companhia, não se esquecerá de trabalhar para a realisação do quinto imperio annunciado pelo nosso padre Vieira, e para o triumpho cabal das doutrinas de Santo Ignacio.

de engrandecer
dominação das
ambos pertenci

Depois de l
diante do seu c
vero e jovial:

— Então po
mo feita? — per

— Parece-m
concluida a allia
— Sua alteza nã
salvar a patria e

— Dizia, por
o senhor infante
irmão?

— Em lhe tir
sim o devemos

— E quem ha de trahir o segredo?

— O acaso, um descuido talvez — acudiu o jesuita francez. — Devo contar-lhe, padre Fernandes, um caso que succedeu ha dias, e que prova ser toda a prudencia pouca, quando se tracta de uma coisa grave e melindrosa, como é esta em que nos achamos empenhados.

— Diga vossa paternidade o caso.

— A rainha está em correspondencia activa com o conde de Schomberg, a cuja alma elevada e excellente caracter não podiam deixar de ser sensiveis as desgraças de sua magestade. Depois de ter feito difficuldade, a principio, em entrar n'esta conjuração contra os valídos, — porque, como já disse ha pouco a vossa paternidade, é só contra os ministros d'el-rei que por ora se devem dirigir os nossos esforços, — depois de ter feito difficuldade, como ia dizendo, o Schomberg abraçou a causa da rainha e da justiça...

— E depois?

— O general, desde então, escrevia directamente a sua magestade, participando-lhe tudo quanto succedia no exercito e na côrte, de que se pudesse tirar proveito para o nosso triumpho. Outro dia, porém, quando ella estava ainda na cama lendo uma carta que o conde de Schomberg lhe escrevera, entraram-lhe no quarto a camareira-mór e el-rei; e accusando-a de preguiçosa e de faltar aos seus deveres religiosos — o senhor D. Affonso, que a tudo falta e que muitas vezes ouve missa mesmo na cama, a reprehender sua magestade, que é uma santa! — e accusando-a e dizendo-lhe muitas pa-

lavras duras, obrigaram-a a levantar-se á pressa, e a correr á capella real. Foi ahi, quando a missa já estava começada, que a rainha se lembrou que esquecera a carta debaixo do travesseiro. N'uma angustia inexprimivel chamou por mim, e ordenou-me que fosse ao seu quarto buscar a perigosa carta que lá ficara. — Minha senhora, observei então, eu, um padre, um jesuita, quer vossa magestade que ouse metter a mão na cama de uma rainha? — Vá, senão está tudo perdido. — Obedeci. Quando, porém, ia a entrar no quarto, ouvi as vozes d'el-rei e da marqueza de Castello-Melhor que fallavam alto, dizendo mal da rainha. Voltei para a capella...

— E o que fez sua magestade?

— Mandou uma das suas damas, mademoiselle de

— Foi um aviso do ceo, para nos recommendar a prudencia e o segredo.

— Tudo, como vê, padre Fernandes — disse o francez — parece dispor-se favoravelmente para os nossos fins. Carecemos do apoio de França para pôr termo á grande obra. Mas esse alcançal-o-hemos facilmente, em lhe dizendo: *Sis felix, nostrumque leves laborem.*

— Peço perdão a vossa paternidade — atalhou o padre Fernandes. — A minha opinião é que não carecemos do apoio de França, senão para o momento do combate. Conselhos de tão longe escusamol-os: e França não dará auxilio ao senhor infante e á rainha, senão entregando-se-lhe a direcção de tudo.

— Tem razão, padre Fernandes — disse de Villes, depois de reflectir. — Basta que a rainha, como eu já lhe aconselhei, prepare com uma carta Luiz XIV para os acontecimentos futuros, contando-lhe os seus padecimentos, e a impossibilidade em que está, para tranquillidade da sua consciencia e segurança da sua honra, de continuar a viver com o senhor D. Affonso.

— Sua magestade poderá tambem na sua carta dizer a el-rei de França, o quanto sua alteza se interessou pelo tractado de liga; o muito que contribuiu para que se concluisse com tanta brevidade; e a pena que lhe tem causado o ver os estorvos que os valídos tem posto a que sua magestade christianissima consiga conquistar em Galliza uma praça aos hespanhoes.

— Será util mandar-se a carta com a maior brevi-

dade possivel. De um dia para o outro póde chegar uma conjunctura, em que convenha sahir a campo com as forças de que dispomos, a levar de uma arrancada esta praça, cujas muralhas se acham já delidas, desmoronadas quasi, e com os alicerces escavados pelos trabalhos dos nossos mineiros.

— Ah! ah! Bem se vê que vossa paternidade está premeditando uma guerra. Falla como o conde Schomberg — atalhou, rindo, o confessor do infante.

— Parecia-me tambem util que sua alteza escrevesse algumas linhas a el-rei de França — proseguiu o francez, sem attender ao gracejo do seu confrade: — dando-lhe, por exemplo, os parabens de se achar assignado o tractado da liga.

— Essa carta poderia ser considerada como a confirmação do tractado: e quando sua alteza governar

querque, que se disse terem os da patrulha baixa roubado uma noite do Côrte-Real. O outro, é um Luiz de Mendonça, moço fidalgo que el-rei mandou assassinar, e que até agora tem escapado aos punhaes dos assassinos.

— São seguros?

— Ambos segurissimos. Francisco d'Albuquerque está namorado da Calcanhares, e eu prometti-lhe um asylo seguro para ir viver com a sua amante. Depende da companhia, este.

— E o outro?

— O outro arriscou a vida por duas vezes: uma para apanhar n'uma tourada um lenço da rainha; outra agora em Salvaterra, para salvar a rainha da furia de um javali. Bem vê vossa paternidade...

O padre de Villes levantou a vista para o outro jesuita, e leu-lhe nos olhos o resto da phrase que este havia calado.

— Obedientes e silenciosos ambos? — perguntou.

— Um e outro como o cadaver: *perinde ac cadaver*.

— *Pax Christi* — disse o padre de Villes, saudando o padre Fernandes.

— *Pax Christi* — respondeu este.

E os dois jesuitas separaram-se; para irem, um dar parte á rainha, outro ao infante, do pacto que acabavam de fazer em nome de seus reaes amos.

A noite er
que offusca o l
linhas ondulos
phantastica das
branco apenas a
e no interior do
de estevas, de sa
Novo, não penetr
corria pelos

formosas noites de verão n'este nosso paiz, onde a vida brota por toda a parte e gira em todos os átomos. Era o coachar quasi contínuo das rans, que de charco para charco se chamavam, ora em tom grave e sonoro n'uma cadencia lenta e compassada, ora em tom agudo e estridente n'uma cadencia rapida e desordenada. Era o estridor dos grillos, que acompanhava o zumbido de milhares de outros insectos, a que de tempos a tempos se juntava tambem o grito importuno das corujas. Eram ás vezes os uivos lugubres e dilatados dos lobos, ou os pios tristes e entrecortados dos moxos. Emfim, como suave aspiração da natureza ao sublime da melodia, era de quando em quando o rouxinol que entoava a medo algumas notas soltas, depois trillos e vollatas sem rithmo, depois suspiros limpidos e tão suaves que mal se podiam distinguir dos murmurios das folhas. Harmonias, como as que n'aquella noite enchiam o bosque, só Beethoven e Weber souberam imitar.

A luz alvacenta do luar, passando a custo por entre a folhagem basta dos pinheiros, vinha desenhar sobre a areia branca e solta do caminho sinuoso, que atravessava o bosque, figuras irregulares, que tremiam, brincavam, e se transformavam mal o vento agitava a larga copa das arvores. Era por este caminho areento, allumiado apenas pelos escassos raios da lua coados por entre os ramos, que iam a passo, porque as desegualdades do terreno e os barrancos cavados pelas torrentes do inverno não lhes consentiam outra andadura, dois cavalleiros, ambos com chapeos de abas largas,

gibão estreito, bacamarte a tiracollo, e alforges na anca do cavallo.

— Que excommungado caminho — disse um dos viajantes. — Não chegamos nem d'aqui a uma hora a Monte-Mór.

— Os cavallos não podem ir mais depressa por esta areia — respondeu o outro.

— Ahi vais tu agora, Luiz — proseguiu o primeiro — ver esse mundo, que dizem ter tanto que admirar; essa bella côrte d'el-rei de França, onde ha tanta riqueza, tantos divertimentos, tantas mulheres formosas, que não vivem senão para amar e ser amadas. Não me voltes de lá namorado!

— Bem sabes que não é possivel isso — respondeu Luiz de Mendonça. O que eu desejo, o que busco agora é arrancar do coração o que n'elle tenho. O coração

— Aquella mesma que em Alcantara nos prognosicou futuros terriveis; Zaída, a mãe de Aza.

— A maldita faz os prognosticos, e trabalha depois ara que se realizem. Vaticinou-me a morte, e queria er se el-rei me mandava enforcar! — exclamou Franisco d'Albuquerque. — O que é certo — proseguiu lle — é que, se o Castello-Melhor não apparece tanto tempo para nos dar aviso, apagar a luz, e mandar-nos ara Salvaterra, estava eu a esta hora morto de véras. ; ella, a minha pobre Margarida... talvez assassinada ambem.

— O conde salvou-te por interesse proprio.

— Não duvido, Luiz de Mendonça; porém salvouıe. O conde já por duas vezes me salvou a vida. E é or isto que me custa o entrar em todas estas conspirações contra elle.

— E o bem da patria?

— Olha, Luiz — interrompeu o capitão — parecene que Portugal não ha de ganhar muito, se em vez o Castello-Melhor ser ministro, el-rei se deixar gorernar pelos que governaram a rainha mãe. Estamos qui n'um deserto, e nem a lua nos vê á sombra d'eses pinheiros: posso dizer-te sinceramente o que penso em receio de offender o infante. Parece-me que o conle não é tão mau como o querem fazer, e que Portugal lhe deve, em grande parte, o ter podido n'estes ulimos annos sustentar a sua independencia.

— Estás agora pelo conde? — perguntou Luiz de Mendonça.

— Não. Mas, como quem já não é d'este mundo, como homem morto que sou, não digo senão verdades — disse Francisco d'Albuquerque, rindo.

— Então, como estou fallando com um morto, e a lua não nos vê, nem nos ouve — e Mendonça ria dizendo isto — vou dizer-te o que penso d'estas conspirações, e alliviar-te assim em parte do pezo que tens na consciencia.

— Como! de que modo?

— Estas conspirações, estas guerras não são contra o conde só. Os conspiradores pozeram a mira mais alto.

— Pois até a el-rei querem chegar?

— Ouve. Quando hontem te deixei na sala do noviciado da Cotovia, em que ambos nos achavamos escondidos — principiou Mendonça — fui á cerca, onde me estava esperando o padre Manuel Fernandes. Logo que me avistou, disse-me que me ia confiar uma missão difficil, que muito interessava o senhor infante e a rainha. Respondi-lhe que estava prompto para tudo que me ordenasse. Então, entregando-me estas duas cartas que levo para el-rei de França, recommendou-me muita cautela, muito segredo, muita diligencia: marcou-me o itinerario, as casas em que hei de pernoitar, as pessoas com quem devo fallar; participou-me que até Elvas iria acompanhado por ti, mas que em Elvas nos deviamos separar, porque alli me estava esperando um padre da sua ordem para me conduzir até Paris: emfim, fallou-me com tal clareza e individuação de toda esta viagem, que me convenceu de que tudo

está preparado para uma empreza mais importante do que tirar o conde valído do lado d'el-rei.

— Talvez te não enganes nas tuas conjecturas.

— Ao separar-se de mim, o padre Fernandes disse-me, pondo-me a mão no hombro, estas formaes palavras: « Vá, senhor Luiz de Mendonça, vá a esta viagem longa e difficil, que quando voltar ha de cá achar grandes mudanças. Em vez de assassinos para o apunhalarem, ha de, se Deus proteger os que só em o servir cogitam, encontrar quem o premeie, pela sua dedicação e fervoroso amor ao senhor infante e a sua magestade a rainha. » Hei de encontrar grandes mudanças, diz o padre Fernandes; e essas quaes poderão ser senão mudanças de governo e de rei?

— Esta união secreta da rainha com sua alteza é para dar que pensar, isso é verdade, Luiz — disse o capitão.

— O que é sem duvida para mim é que entre a rainha e o senhor infante ha mais do que uma união politica! — acudiu Luiz de Mendonça com um suspiro.

— A mim não me disse o confessor de sua alteza senão o que... o que te contei já. Recommendou-me que te acompanhasse até Elvas; e se por desgraça tu fosses detido no caminho, tomasse conta das cartas que levas, e as entregasse no collegio dos jesuitas de Elvas ao padre Lobato, e lhe obedecesse como se elle fôra o proprio senhor infante. Depois, como eu lhe lembrasse as promessas que elle me fez de salvar Margarida do terrivel captiveiro em que agora a tem el-rei e Henri-

que Henriques, prometteu-me que ao voltar de Elvas talvez ella já me estivesse esperando em Aldeia-Gallega. Pobre Margarida! — exclamou o namorado capitão. — O que não terá padecido, fechada n'aquella casa da Ribeira como n'uma prisão, vigiada de dia e de noite, guardada pelos da patrulha baixa, sem saber novas minhas desde Salvaterra!

— E Thereza, a candida Thereza, que ainda não sabe se estás morto ou vivo, e que talvez a esta hora esteja pensando que eu me esqueci d'ella. Eu, que a estimo, que a respeito, que lhe quero como a uma irman — disse Mendonça.

— E tens razão, que Thereza é um anjo. Eu é que fui, é que sou um ingrato com ella. Mas o que póde a vontade sobre um coração que se apaixona, e que nas [illegible]

— Pois, agora que a estrada é boa, vamos depressa, porque estou cançado de tanto caminhar — acudiu Francisco d'Albuquerque.

E, largando os cavallos a trote largo, os dois amigos chegaram á porta da pequena casa, que se abriu a um signal de Luiz de Mendonça. Quem abriu a porta era um velho com roupeta e cara de jesuita; o qual, logo que examinou n'um relancear de olhos os dois mancebos, dirigindo-lhe á cara a luz viva de uma lanterna que tinha na mão, soltou com voz lenta e soturna um *pax Christi*, fazendo um gesto que queria dizer: « entrai, que bem vos conheço. »

Os viajantes entraram n'uma casa terrea muito extensa, e mal allumiada por as luzes de duas lampadas penduradas do tecto por cordas diante da janella; aquellas mesmas luzes que Mendonça mostrara ao capitão ao sahir do pinhal, e que serviram de signal para elle conhecer o logar onde era esperado. No meio da casa havia uma grande mesa cercada de bancos, tudo de cortiça tosca e rude; a um canto estavam empilhados muitos mólhos de feno. Foi para ahi que os dois viajantes levaram os cavallos, depois de os terem desapparelhado; em quanto o jesuita fechava a janella, punha sobre a mesa a lanterna, e ia a uma prateleira buscar um prato de barro com uma perna de carneiro assada, uma borracha de vinho, e um enorme pão de rolão.

Francisco d'Albuquerque, Luiz de Mendonça e o jesuita dispunham-se a cear, e a integridade da perna de carneiro já tinha sido atacada por mais de um golpe,

quando duas rijas pancadas na porta os vieram pôr em sobresalto. Os dois mancebos deitaram mão ás pistolas que tinham tirado dos coldres e posto sobre a mesa, e o jesuita correu á porta.

— Quem bate ahi? — perguntou este.

— É de paz quem bate — respondeu de fóra um homem, cuja voz tinha accento estrangeiro.

— Não se abre a esta hora.

— Abra, que eu tenho que fallar com dois viajantes que entraram agora mesmo para aqui.

— Vá seu caminho, que se não abre a porta.

— Teem medo de um homem só, tantos que lá estão dentro! — exclamou o estrangeiro.

— Abra a porta e deixe entrar — disseram ao mesmo tempo os dois moços fidalgos de D. Pedro, em quem

tava em todos os actos da vida; a de Mendonça lentamente e a custo, como se a detivesse um presentimento. O francez recebeu os cumprimentos como recebera as ameaças, a rir: e, logo que prendeu o seu cavallo aonde estavam já os cavallos dos criados do infante, veio sentar-se á mesa, e foi o primeiro a atacar a ceia e a provar do vinho.

A fome era grande em todos, e durante um quarto de hora não se ouviu palavra em roda d'aquella mesa. Mas no fim chegou, como chega sempre, a saciedade; e então Estevão de Castilho rompeu o silencio, dizendo:

— Hão de ter curiosidade de saber o que me trouxe aqui.

— Verdade é, senhor, que a sua presença... — acudiu Francisco d'Albuquerque.

— Não era esperada, mas é facil de explicar — interrompeu o francez. — Antes porém de a explicar, desejo saber de quem tenho a honra de ser commensal. A fallar a verdade eu devia ter feito esta pergunta logo que entrei: mas como sabia que n'esta cabana estavam dois fidalgos da casa do senhor infante, e me vi tão bem recebido e agasalhado, tratei de comer antes de tudo, porque trazia fome de matar.

— Tem por commensaes, senhor Estevão de Castilho — disse Mendonça — dois homens que servem, como vossa mercê disse, o senhor infante; e que, por o conhecerem como fiel criado da rainha, o admittiram n'esta casa.

— Tenho ideia de já o haver encontrado, senhor...

como é o seu nome? — perguntou Castilho, attentando em Luiz de Mendonça.

— O meu nome é Luiz de Mendonça — respondeu este como impacientado. — E não é sem fundamento essa ideia que tem, porque duas vezes nos encontramos já.

— Aonde?

— Uma na *portaria das damas* do paço, onde me livrou, senhor Estevão de Castilho, das garras da senhora Agostinha, o terrivel dragão d'aquelle jardim de hisperides.

— Lembra-me, recordo-me d'isso. Ia vossa mercê com uma mensagem para sua magestade. E a outra vez que nos vimos foi...

— D'essa vez não nos vimos, encontramo-nos só.

— Com quem eu estou para casar, é verdade — disse o criado da rainha. — E é isso que explica a minha curiosidade agora.

— Pois sinto não poder satisfazer a sua curiosidade.

— Porque?

— É segredo da rainha, que se não póde revelar — respondeu Luiz de Mendonça; sorrindo de um modo quasi imperceptivel.

Castilho mordeu o beiço, a ponto de lhe espirrar o o sangue; porém, para encobrir a colera que lhe subia á cabeça e lhe toldava a vista, voltou-se para o capitão Francisco d'Albuquerque:

— E vossa mercê, posso saber-lhe o nome? tem a bondade de me dizer quem é?

— Certamente que hei de ter essa bondade — respondeu rindo o capitão: — quando nos disser o que o trouxe aqui, e como soube que nos encontrava n'esta casa.

— Não tenho duvida em o dizer. Tambem estou iniciado nos segredos da rainha; mas a fidalgos, que servem fielmente o senhor infante, não hesito em lhes contar o que sei. Vou com uma carta de sua magestade para o marechal Schomberg, que ha de tambem escrever para França ao visconde de Turenne sobre os negocios de Portugal: e sua alteza, a quem tive a honra de fallar hontem á noite, disse-me que, não descançando no caminho, encontraria aqui em Monte-Mór, n'uma casa isolada fóra do povoado, os dois criados

seus, que levavam para França as cartas da rainha. Eis aqui como eu soube que n'esta casa acharia bom gasalhado para uma noite, e companhia para a jornada de ámanhan.

— Fallou hontem com sua alteza? — perguntou Francisco d'Albuquerque.

— Fui levar-lhe da parte da rainha — respondeu o francez, fixando os olhos em Mendonça — fui levar-lhe uma mensagem, que deu grande gosto ao infante. Segredos, segredos de amor da rainha; que valem mais do que os segredos politicos de que alguem faz tão grande mysterio.

— Cada um guarda os segredos que lhe confiam, e cumpre assim o seu dever — acudiu Luiz de Mendonça. — Mas nem todos fazem assim. E ha até quem in-

de pé, e agarrando com mão convulsa de colera uma das pistolas que estavam sobre a mesa.

O francez, livido, hirto, com os olhos dilatados, com a voz afogada pela raiva, com um temeroso rugido, tirou do cinto uma adaga, e precipitou-se sobre Mendonça.

Francisco d'Albuquerque, que estava entre os dois adversarios, mal viu o perigo que corria o seu amigo, segurou Estevão de Castilho pelo meio do corpo, em quanto o jesuita desviava o braço de Mendonça, no momento em que este disparava a pistola, cuja bala foi cravar-se na parede, passando a dois palmos da cabeça do francez.

— Que loucura é esta? — bradou o capitão.

— Esqueceis que sois christãos? — acudiu o jesuita.

— Esta affronta... com sangue, com sangue se ha de lavar — balbuciou por fim o criado da rainha.

— N'um duello, mas não n'um assassinato — interrompeu Francisco d'Albuquerque.

— Pois seja n'um duello, e já — disse Luiz de Mendonça.

— A religião não consente... — ia o jesuita a dizer.

— A honra não consente que este duello fique para mais tarde! — rugiu o francez.

— E se um de vós morrer, quem ha de cumprir a missão que lhe encarregaram os principes?

— O que sobreviver — respondeu Luiz de Mendonça, que tinha conseguido tornar-se senhor de si, e

serenar um pouco o animo. — Francisco d'Albuquerque servir-nos-ha de padrinhos; e elle, com aquelle de nós que ficar com vida, dará cumprimento ás ordens dos principes.

— Vamos, pois, vamos já — bradou o francez.

— Bater-vos-heis á espada — disse o capitão.

— Á espada — responderam os dois adversarios.

— Aqui?

— Lá fóra — disse Mendonça. — Está um luar claro como dia. Temos luz bastante para nos matarmos á vontade.

O duello travou-se a pequena distancia da casa, n'um pradosinho de relva quasi secca, onde o luar dava de chapa; de modo que cada um dos combatentes podia seguir com os olhos os movimentos das espadas, em que por vezes parecia correr um raio de fogo. — O com-

não nos venham encontrar aqui as patrulhas de Monte-Mór. Disse-me o jesuita que está ahi aquartelado um esquadrão do regimento do Maré, commandado pelo conde de Rosan.

Assim como ia fallando d'este modo, o capitão, ajoelhado, buscava á pressa por debaixo da coira de anta que o francez tinha vestida a carta da rainha; e Mendonça no entretanto corria á casa, cuja porta o jesuita conservara aberta, e tirava para fóra os cavallos. No momento porém em que Francisco d'Albuquerque se levantava já com a real carta para ir ter com o seu companheiro, desembocaram de uma rua de Monte-Mór alguns soldados de cavallaria, correndo á redea solta. O perigo era eminente, e Francisco d'Albuquerque, cedendo ao primeiro impulso do animo assustado, deitou a correr para onde o estava esperando o seu companheiro com os cavallos: este movimento, porém, fez com que os soldados o descobrissem logo, e corressem sobre elle.

Mal tivera tempo de dar alguns passos, e de gritar a Luiz de Mendonça que fugisse, o que este fez sem hesitar, quando se viu cercado de soldados vociferando contra elle, e chamando-lhe assassino. Despedaçar a carta da rainha e lançar os fragmentos no chão, de modo que os soldados os não vissem, foi o que o moço capitão fez primeiro: depois, tirando a espada e entregando-a ao chefe da patrulha, deixou-se conduzir para Monte-Mór, para onde os soldados levaram tambem o cadaver de Estevão de Castilho.

A trama
dida, de que e
trabalhavam D
savel conselhei
companhia de
envolvendo por
prio rei. A intri
côrte de Affonso

O partido de D. Pedro, estreitamente unido já ao partido da rainha, engrossava e fortificava-se pelos esforços dos chefes da conspiração. Sua alteza, docil aos conselhos do seu estribeiro-mór e do padre Manuel Fernandes, principiou por occasião de ter assistido á morte subita de um criado de el-rei, chamado Agostinho de Ceuta, a frequentar muito os sacramentos; a passar horas inteiras em oração; a buscar o retiro para se entregar á meditação; ganhando por este modo as sympathias da gente do povo e do clero, que por toda a parte apregoava as suas virtudes, e louvava o seu grande temor de Deus; buscando ao mesmo tempo tornar manifesta a impiedade e o descomedimento de el-rei. Para obter as sympathias dos militares, chamava o infante ao Côrte-Real todos os que vinham a Lisboa requerer algum emprego e que eram mal despachados; fazia-lhes muitas promessas, excitava-os contra o valído, e mostrava-se sentido pelas injustiças que el-rei praticava com os que fielmente o serviam. Aos nobres e aos poderosos de todo o reino fazia sua alteza mercês, alegrava com esperanças, lisongeava com agrados e favores. Ao povo lisongeava-lhe tambem as paixões; ora chamando a si todos os membros da casa dos vinte e quatro, e tratando-os com grandes distincções; ora fazendo espalhar por Lisboa papeis contra o credito do conde de Castello-Melhor e de seu real irmão; ora publicando, com escandalo manifesto, a impossibilidade de poder a corôa ter outro herdeiro a não ser elle infante; ora, emfim, mandando os seus criados cathequi-

da corte. E,
certa harmon
dalgos parcia
mostrava que
remos aqui o
mente amigav
que nada podi
mesmo eram i

Alguns fida
alteza, zelosos
talvez as relaçõ
ria Francisca, r
poraneo escreve
na côrte alguma
má do infante co
principalmente q
fiança, se observ

liar-se com D. Pedro e com os que tomavam partido por elle, ou pelo menos diminuir a animosidade com que o atacavam, e talvez por ventura para ver se afastava uma da outra as duas parcialidades do infante e da rainha, abraçou o pensamento dos dois marquezes, e persuadiu el-rei a que consentisse no casamento. A rainha e sua alteza « para desmentirem a má opinião que podia crescer » mostravam interessar-se muito porque o negocio se effeituasse; fallando a rainha, para esse fim, a D. Affonso VI: declarando sua alteza que estava prompto para seguir pontualmente as ordens de seu irmão, e pedindo que sobre o assumpto se consultassem os soberanos de Inglaterra, e el-rei lhe augmentasse as rendas e luzimento da sua casa.

D'esta fórma se estabelecera entre as parcialidades contrarias aquella apparente harmonia, da qual resultou por algum tempo na côrte uma quietação, que perturbavam apenas as declamações violentas de imprudentes e mal soffridos servidores do infante.

Tudo parecia encaminhar-se, pois, para a pacifica conclusão do casamento de D. Pedro, quando em 23 de agosto de 1667 se correram touros no Terreiro do Paço, para celebrar os annos d'el-rei, e festejar Santo Antonio, como era costume antigo na cidade de Lisboa. A segunda tourada devia fazer-se no dia 27; e Affonso VI, acompanhado por alguns fidalgos e pelo seu privado, sahiu na vespera de tarde da cidade, para ir esperar os toiros, e acompanhal-os até á praça. Porém, em quanto el-rei estava ausente, um aconteci-

...em para o e
nistro houve r

Era n'essa
paço, pela pri
nio de Sousa
secretario do i
samento. Ant
de estado entr
audiencia publi
sentar uma car
mara da cidade
nha, cercada n
composta dos fr
guezes, e de mu
de Macedo com s
çador silencio. D
go do valído, lhe

entregaram a vossa magestade o conde de Santa Cruz seu mordomo-mór, e o seu secretario Pedro d'Almeida. Esses papeis remetti-os a dois desembargadores, como vossa magestade me ordenou, e hoje acham-se no conselho d'estado.

— E porque se desobedeceu assim ás minhas ordens? — exclamou a rainha, que buscava um pretexto para se mostrar descontente.

— Senhora, eu cumpri as ordens de vossa magestade; porém os desembargadores, não se julgando auctorisados a decidir uma questão d'esta natureza, entregaram o negocio ao conselho d'estado. Póde vossa magestade fallar n'elle ao conde de Castello-Melhor.

— Ao conde hei de eu fallar em coisas de minha casa! — exclamou a franceza encolerisada, partindo o leque no braço da cadeira em que estava sentada — Fiz proposito de lhe não fallar em nada, e agora ao proposito se seguiu juramento; porque não quero verme desattendida, e affrontada por quem devera obedecer-me. Faltastes á vossa obrigação, Sousa de Macedo; praticastes um excesso imperdoavel em alterar as minhas ordens.

O secretario d'estado, de um caracter irascivel e violento, e que demais era notado na côrte pela sua antipathia aos estrangeiros, principalmente aos francezes, teve necessidade de um grande esforço de vontade para responder respeitosamente á rainha:

— Minha senhora, bem vê vossa magestade que não fui eu, mas sim os desembargadores nomeados para

cahir o leque
rendas da *ba*
processo d'aq
reeiro que m
minha casa,
que estado se
tribunaes?

— Senhor
culdades por c
não haver prov
é accusado de
vossa magestad
giu, e buscou a
rancar os soldad
o vissem pratica

— É só por
como merece, es
cisca. — O conde,
to eu deseio. Ten

minada pela colera, a rainha disse então que lhe faltavam com tudo; que não tinha com que fazer uma esmola, porque lhe retardavam a consignação de vinte mil cruzados que el-rei lhe dera; que o dinheiro ia todo para outras pessoas que estavam em summa prosperidade, em quanto a ella lhe faltavam as consignações, aos soldados as pagas, aos religiosos, aos orphãos, ás viuvas, e aos fidalgos os juros e as tenças; que ao duque de Cadaval haviam chamado do seu injusto desterro para a côrte, sem lh'o participarem, apesar de haver tantas vezes intercedido por elle.

— Emfim — concluiu ella — parece que querem ostentar o seu poder, para mostrarem que eu não tenho parte alguma no governo. Ha alguem na côrte que busca por desvanecimento occasiões de me offender, e que é tão soberbo que imagina ter eu vindo a Portugal não para ser rainha, senão para ser sua escrava.

— O conde de Castello-Melhor, e todos nós, não cuidamos senão em servir e agradar a vossa magestade — acudiu o Macedo. — Os negocios de que vossa magestade me acaba de fallar não dependem do conde, nem de mim; a outros ministros toca a sua resolução. E a consignação dos vinte mil cruzados, se vossa magestade ainda a não recebeu é porque, sendo nova, tem levado tempo e achado difficuldades o seu assentamento. Minha senhora — proseguiu elle, levantando a voz — junto de vossa magestade ha quem a engana. De todas as coisas importantes se dá parte a vossa magestade; e se da vinda do duque se lhe não disse nada, é

senhora, e
vossa mage
porque tod
a adoração.
— Não
Os respeitos
tres ou qua
conta das mi
po usurpada
tugal. Eu b
pura raiva, e
dadas — eu b
guem, é grai
como quem so
les a quem do
quem me quei
nem auxilio pa
— Minha s
de estado, levar

O velho secretario de estado, lembrando-se que fallava á soberana, prostrou-se de joelhos; e, com voz em que se deixava perceber a colera mal comprimida pelo respeito, disse:

— Escute-me vossa magestade, porque quero justificar-me...

A franceza, porém, em vez de o escutar voltou-lhe as costas; e Sousa de Macedo, para a deter, pegou-lhe com a mão convulsa nas roupas que rojavam pelo chão.

— Como! vilão! — bradou ella, batendo com o pé na casa, — és tão atrevido! — E levantando a mão, deu com a luva na cara do secretario de estado: encaminhando-se depois com passos precipitados para a sua camara.

Vendo-se o velho assim affrontado cruelmente diante de uma parte da côrte, levantou-se livido, hirto, com os olhos dilatados e phosforecentes, a boca tremula e semi-aberta; afastou com uma das mãos as cans que lhe encobriam a testa, e, apontando com a outra para a porta por onde a rainha sahira, balbuciou com voz cava e suffocada:

— É uma acção indigna! Nunca um rei tratou d'esta sorte um vassallo... um velho!

Apenas D. Affonso VI voltou do campo, onde tinha ido esperar os touros, logo a rainha foi ter com elle para lhe contar os aggravos que recebera do secretario de estado, e pedir-lhe que o castigasse severamente; para escarmento dos que a offendiam de proposito deliberado, e para desaffronta da sua dignidade. El-rei,

— na d
ausentar-se
matou o fra
pagar com a
Em quar
estado a el-r
conde de Ca
fizera.
— Veja v
colera o secre
o caso que lh
cia, se um vel
que nunca sof
sem lavar a su
— Tenha
acudiu o conde
fez; e o melho
passe a tormen
res estragos!

nem eu havemos de consentir. Vamos a ver se podemos socegar a *brixota*, resolvendo-lhe a consulta do mordomo-mór como ella deseja, e enforcando-lhe o tal almocreve que matou Estevão de Castilho.

—Mas...

—Faça o que eu lhe recommendo, que é o mais prudente, senhor Macedo. Para levar a bom termo este negocio, é preciso ter paciencia.

Ora este almocreve, que todos concordavam ser indispensavel enforcar para socego espiritual da rainha, era o capitão Francisco d'Albuquerque; que os soldados do regimento do Maré haviam encontrado, vestido á maneira dos almocreves do Alemtejo, junto do cadaver do francez Estevão de Castilho.

CAPITULO L.

AS DUAS RIVAES.

Deixemos por agora o paço e as suas intrigas politicas, para acompanharmos o silencioso frei Thomaz do Espirito Santo á tranquilla casa da sua confessada, a beata e sebastianista tia Brizida.

O frade percorreu todo o espaço que media entre o convento da Graça e o becco dos Açougues, com passos apressados; cabisbaixo, e mãos escondidas nas mangas do habito. Quando chegou á porta da beata deteve-se um pouco a scismar; levantou depois os olhos, e, como visse atravez das malhas da gelosia o vulto da bella Thereza, fez um gesto que indicava uma grave resolução corajosamente tomada, e enfiou pela escada acima. Foi a propria Thereza quem abriu a porta a frei Thomaz, e, dando-lhe as « boas-tardes » com voz

maviosa, ao mesmo tempo que lhe beijava a manga do habito, o conduziu á salinha; onde a tia Brizida estava dobando n'aquella dobadoira sonora e soporifera, com que ella se acalentava aos seus devotos serões.

A suave e meiga provinciana estava mais pallida e magra do que quando viera do Alemtejo; os olhos negros parecia haverem-se-lhe dilatado, sem perderem comtudo nem brilho nem formosura. A solidão d'aquella casa, que para Thereza se tornara perfeito deserto depois que a ella não vinha Luiz de Mendonça; os exercicios espirituaes em que se passava alli a maior parte do dia; a severidade monacal da tia Brizida; e, porque o havemos de occultar, a saudade, não do capitão Francisco d'Albuquerque,—a saudade dos mortos é consolação e não dôr — mas d'aquelle elegante e grave moço fidalgo do infante, que viera a principio trazer-lhe consolações pela perda de um noivo e acabara por se fazer amar; a saudade de Luiz de Mendonça, viva, acerba, cheia de esperanças e incertezas, tudo havia dado á graciosa Thereza um ar de melancolia, de candura triste e religiosa resignação, que, por assim dizer, illuminavam a sua belleza physica com a quasi-divina luz da bondade e perfeição moral.

Frei Thomaz foi recebido pela tia Brizida, como todo o confessor era, n'aquelles tempos fradescos, recebido por uma beata; com muitos cumprimentos, muitos respeitos, muitos carinhos. Nada, porém, lhe poude fazer quebrar o silencio, nem mesmo sibilar aquelle polymorpho « sss! » com que elle affirmava, negava,

sentimentos v
maz levantou-
entrou no lug
tambem de ca
Quando se
da mão, fitand
ciam, e disse-ll
— Animo!
Thereza, q
e sabia que o
cesso aos sentin
— O que ha
a Luiz de Mendo
— Não — int
— Diga o que
é esse?
— No Limoei
— No Limoei
Thereza, vendo qu
— Sss!

— E o preso era...

— Sss!

— Falle, senhor frei Thomaz. Pelo amor de Deus, falle — exclamou ella.

— Não o conheço.

— Então porque está assim afflicto?

— Porque o preso é um resuscitado.

— É Francisco d'Albuquerque?

— Sss.

— Não morreu! — murmurou Thereza, suffocada pela alegria. — Não morreu o meu... meu irmão!

E como frei Thomaz estava mudo e triste diante d'aquella expansão de alegria, Thereza começou de novo a inquietar-se, a duvidar do que o frade lhe dissera, a recear que outras desventuras viessem aggravar as dôres que havia um anno lhe dilaceravam o coração.

— Está certo que era elle, que o não enganaram? perguntou ella anciosa. — Francisco d'Albuquerque está vivo? E porque está preso? Falle, responda-me, por Nossa Senhora.

— Era elle — respondeu o confessor da tia Brizida.

— Não lhe disse nada.... não lhe fallou em ninguem?

— Disse-me que lhe affirmasse, Thereza, que elle ainda vivia...

— E mais nada?

— Mas que estava para morrer.

— De doença?

— Sss!

— Então...

— Enforcado.

— Jesus! Enforcado? E porque?

— Accusam-o de ter morto um francez no Alemtejo.

— É falso.

— Assim diz elle.

— Vou pedir ao Castello-Melhor, vou fallar a el-rei....

— Sss! — soprou o frade, fazendo com a cabeça um gesto de negação.

— Que hei de fazer para o salvar?

Frei Thomaz do Espirito Santo tossiu, e de um só fôlego, com pasmosa volubilidade, como quem tem de cumprir uma tarefa difficil, e deseja ver-se livre d'ella, disse:

— Ir ter com Margarida; contar-lhe tudo. Ella fallará com o conde, e com el-rei. Não se deve pronunciar o nome d'elle para que os seus inimigos o não oiçam. Julgam todos que é um almocreve do Alemtejo, que está preso. O francez que morreu era criado da rainha. É o que Francisco me disse.

— Hei de eu ir fallar á amante de el-rei! E pedir-lhe por Francisco! — exclamou Thereza; movida por um sentimento de natural repugnancia, que a sua posição relativamente á Calcanhares cabalmente justificava. Depois, detendo-se um pouco, reflectindo no perigo em que estava o seu companheiro da infancia, a

quem ella queria como a irmão, e buscando na abnegação, brandura e natural bondade da sua alma força para vencer os impulsos de uma paixão pouco generosa, disse com voz firme a frei Thomaz: — É preciso que eu vá a casa de Margarida. Já: não se deve perder um instante. Frei Thomaz, vossa reverendissima faz de certo a mercê de me acompanhar até á casa d'essa mulher. É uma obra de caridade; é para salvar a vida de meu irmão.

— Vou — respondeu o frade.

D'ahi a pouco desciam á Sé e encaminhavam-se para a Ribeira frei Thomaz do Espirito Santo e Thereza, com a bioca da manta cahida de modo que lhe escondia quasi o rosto. Era ao cahir da tarde quando chegaram á casa de Margarida. A robusta porta do pateo estava fechada; e o frade bateu tres ou quatro vezes, antes que um homem de repugnante e assustadora apparencia viesse ver quem era.

— Desejamos fallar a D. Margarida — disse Thereza ao homem, que perguntara com voz aspera o que queriam alli. — Temos que lhe dizer...

— Não falla a ninguem D. Margarida. Vão-se seu caminho, senão...

— É para lhe pedir esmola para uns desgraçados...

— O frade que lhe dê o que precisa, mana — interrompeu o terrivel porteiro, rindo ignobilmente. — O frade é magano. Que bella moça traz comsigo!

Já ia para fechar a porta na cara de Thereza e do

linda como u
pre assim, be
senhora D. M
talvez. O fra
dinheiro.

— Minha
pendo as choca
senhora, nós p
bemos que é m
nos ha de escut

— Abra a p
Calcanhares ao
que Henrique F
rida.

— Tenho or

— Pois isto
mou a aia, cheg
que minha ama e

sento, onde estavam concentradas as deliciosas e amadas recordações da sua vida; no camarim onde ella assistira á quasi resurreição physica e moral do seu amante, onde lhe ouvira essas palavras sempre as mesmas, porém sempre eloquentes, persuasivas sempre, com que o homem, que ama de véras, falla do seu amor áquella, por quem sente a mais exaltada e viçosa paixão que póde engrandecer a alma.

Pela janella, fechada por uma cortina de seda vermelha, entrava uma suave e tenue meia-luz, que perfeitamente se harmonisava com o brando clarão de duas lampadas de alabastro, ardendo diante de um primoroso Christo de marfim, cuja belleza era realçada pela larga cruz de ebano em que estava pregado. Áquella luz, Margarida, vestida de negro, e pallida por extremo; com os olhos ligeiramente afogueados pelo acre contacto das lagrimas; os cabellos negros apenas sostidos por uma fita, e cahindo descuidosamente sobre o collo; as mãos alvissimas, que o emmagrecimento parecia haver alongado, tornando ao mesmo tempo mais pura e aristocratica a sua fórma, estendidas com desalento sobre o velludo do vestido; Margarida era a imagem harmoniosa e melancolica da saudade.

Desde que em Salvaterra, n'aquella noite funesta, Margarida fôra separada de Francisco d'Albuquerque, nem uma hora tinha havido de repouso para o seu espirito, nem de allivio para o seu coração. Guardada pelo ciume vigilante e desconfiado de Henrique Henriques, só duas vezes sahira de casa para ir ao paço, de-

pois da sua volta para Lisboa. Na solidão, e opprimida pela magoa e pelo susto, a alma da amante de Affonso VI havia-se votado á oração, e ás meditações religiosas; os escrupulos tinham vindo, vivos e pungentes, perturbar-lhe a consciencia; e então, a imaginação exaltada e ardente lançara-se n'essas regiões immensas do ascetismo, onde a luz e as trevas, a alegria e a dôr, a bemaventurança e a eterna condemnação apparecem n'um vasto turbilhão de ideias confusas, de indecisas esperanças, de indefinidos desejos. Os conselhos e as praticas do seu novo director espiritual, o padre jesuita Manuel Fernandes, tinham profundamente impressionado o espirito, por natureza exaltado e inclinado á tristeza, da desditosa Margarida; e desenvolvido n'ella uma *theopathia*, que destruira quasi totalmente todas as paixões que a prendiam á terra.

O seu amor por Francisco d'Albuquerque nada perdera da sua intensidade; mas havia n'esse amor agora um mystico desejo de purificação, uma esperança de felicidade pela união espiritual, de santificação pelo arrependimento. Cançada de padecer na terra, de ver sempre um abismo, aberto pelos crimes e pelas ruins paixões de homens sem piedade, entre ella e a felicidade. Margarida, sem cessar de ter no coração todos os ardores de um amor apaixonado, havia alevantado a sua alma acima das miserias da terra; entranhando-se n'esse vago imaginar, que é o allivio e a consolação dos que tem sincera crença n'um mundo melhor.

A Calcanhares estava entregue a tristes cogitações.

quando Thereza entrou no camarim, com o rosto ainda meio escondido pelo bioco negro da manta. E com razão a candida provinciana conservara o bioco assim cahido para a fronte, porque n'aquelle momento estava tão pallida, tão convulsa, tão fóra de si, que, se a aia de Margarida a visse em tal estado talvez suspeitasse que ella vinha áquella casa para praticar alguma acção criminosa.

Quando a aia disse a sua ama estava alli a mulher, que instantemente pedira para lhe fallar, Margarida levantou a cabeça, e com uma voz meiga e melancolica:

— Sente-se aqui ao pé de mim, senhora — disse; — e diga-me com sinceridade em que a possa servir.

— Senhora — balbuciou Thereza, sem se mover, e levando a mão ao peito para conter os impulsos do coração, que batia desordenadamente.

— Soffre! — acudiu a Calcanhares, pondo-se de pé, e pegando na mão de Thereza. — Permitta Deus que eu possa allivial-a d'essa dôr que a atormenta, senhora! Vamos, não trema, não se afflija tanto. A minha alma está preparada para entender as queixas dos desgraçados.

Era tão suave a voz de Margarida ao dizer estas palavras, estava tão melancolica, revelava tal bondade a sua physionomia, os seus olhos arrasados de lagrimas tinham uma doçura tão angelica, que Thereza sentiu fundirem-se, ao brando contacto da meiga alma da que fôra sua rival, todas as repugnancias, apagarem-se todas as antipathias. A sua mão, que fugira um pou-

co, assustada de se achar unida á mão da Calcanhares, tornou-se menos tremula; a sua voz era intelligivel e mais firme quando disse:

— É-me penoso, D. Margarida, vir eu mesma fallar-lhe n'um triste caso, que a ambas nos interessa.

— A ambas! — E D. Margarida, em quem estas singelas palavras haviam vivamente excitado a curiosidade, sentou-se no seu rico estrado, obrigando Thereza a sentar-se-lhe ao lado.

— A ambas — proseguiu esta, tirando a sua mão d'entre as mãos da Calcanhares. — A grandeza do sacrificio, que eu fiz em vir aqui, podel-a-ha apreciar, senhora, quando souber quem sou.

Deitando então o bioco para traz, Thereza deixou ver á Calcanhares o seu rosto suave, que as penas haviam empallidecido. A amante d'el-rei, ao reconhecel-a, fez um gesto em que visivelmente se pintava o espanto e a anciedade, que lhe causava o ver na sua propria casa a noiva de Francisco d'Albuquerque.

— O perigo imminente, a urgente necessidade de soccorro que tem... Francisco d'Albuquerque... meu irmão, explicam e justificam, D. Margarida, a minha vinda a esta casa — deu-se pressa em dizer Thereza.

— Que ha, que succedeu? — perguntou logo Margarida com grande turbação.

— O que ha? Francisco está vivo...

— Bem o sei.

— Mas em risco de morrer como criminoso, como assassino, sendo innocente.

— Que me diz? Pois elle está preso? Querem matal-o? Tinham-me dito que estava para o Alemtejo; fóra do alcance dos seus, dos meus inimigos. Enganou-me o padre Fernandes.

Thereza, que ignorava todas as circumstancias do desapparecimento do capitão, não sabia o que pensar d'estas palavras da Calcanhares. Esta, notando o espanto da bella provinciana:

— Não se admire — disse — não se admire de eu estar informada de tudo que respeita a Francisco d'Albuquerque. Sou culpada, pequei, offendi-a, senhora; mas a confissão dos meus erros servirá agora para a sua expiação.

Estas palavras pronunciou-as Margarida com uma voz em que vibravam soluços; e as lagrimas cahiam-lhe a quatro e quatro, bellas como diamantes, pelas faces brancas.

— Confessal-o-hei aqui — proseguiu ella — eu amei-o, amei-o e amo-o muito. Perdoe-me, Thereza, perdoe-me se lhe roubei o amor d'esse homem. Mas eu tinha vivido sempre sem amar e sem ser amada; só na minha tristeza; insultada e desprezada sendo innocente; victima da crueldade dos homens, sem ter feito nada por que merecesse esse castigo de Deus. Vi Francisco d'Albuquerque, e amei-o; e como elle acreditou na minha innocencia, e me abençoou quando todos me amaldiçoavam, e me respeitou quando todos me desprezavam, esse amor tornou-se vida para mim. Quando

quasi moribu
lher, que eu
perdôe! sent
todos os sent
todas as pai
pegando na n
grimas marej
cute-me e ter
te-Real Franc
casa o tive, e
mulher no mu

A Calcan
suas lagrimas
d'aquella gran
reza sentiu-se
paixão: então
sensibilidade
Francisco d'A

— Não se atormente d'esse modo, D. Margarida. Eu nada tenho a perdoar-lhe; e se tivesse.... Como não havia de perdoar a quem tornou Francisco... meu irmão, feliz?

— Nem feliz o pude fazer! — exclamou a Calcanhares. — Por minha causa tem estado em perigo de se perder, e, agora mesmo, talvez a sua vida corra perigo.

— É verdade — acudiu Thereza. — Francisco está preso no Limoeiro; e accusam-o de ter morto no Alemtejo um criado francez da rainha. Frei Thomaz do Espirito Santo, o bom frade que me acompanhou, que alli está fóra, foi hoje chamado ao Limoeiro para confessar um homem preso; e esse homem era Francisco. Foi por frei Thomaz que eu soube esta terrivel nova. É preciso salval-o...

— Pedirei ao Castello-Melhor, a el-rei que o salve.

— Não sabem ainda o seu verdadeiro nome nos tribunaes. Suppoem que é um vilão, um simples arreeiro.

— É melhor assim. Estamos livres então da colera implacavel de um inimigo poderoso; estamos ao abrigo da perseguição cruel, que de certo Henrique Henriques nos moveria, se soubesse que Francisco d'Albuquerque está encarcerado no Limoeiro.

— Vá, senhora, vá depressa fallar com o privado d'el-rei, antes que as coisas vão mais adiante e se torne impossivel salval-o.

— Ai, Deus me acuda! — exclamou a Calcanhares

— Tudo parece disposto contra nós. É castigo que o ceo me quer dar.

— Porque diz isso?

— A côrte está n'este momento em grande desordem. Accusam o conde de ter querido envenenar sua alteza. O infante, para se vingar, dispunha-se com alguns fidalgos do seu partido a assassinar o conde mesmo dentro do paço; mas elle, avisado a tempo, cercou-se de soldados, armou todos os criados d'el-rei, e preparou-se para a guerra. A rainha é pelo infante, e se o conde quizer agora... Nossa Senhora se compadeça de nós!

— Se o conde quizer agora...

— Se quizer salvar um homem accusado de ter morto um criado da rainha, talvez o não possa conseguir; sem pôr em risco a sua posição de primeiro ministro, e n'esse caso...

— O conde...

— O conde recusará salvar Francisco d'Albuquerque da morte.

— Misericordia!

— Mas vou, vou já ao paço — disse a Calcanhares com voz resoluta. — E de lá não hei de voltar, sem, ou ter salvo a vida de Francisco, ou ter obtido licença para me encerrar n'um convento, e, para sempre, me separar do mundo.

Dizendo isto, Margarida, movida por essa intima necessidade de afagos e de commiseração que a alma sente nas crises dolorosas da vida, deitou-se nos bra-

ços de Thereza, que a recebeu, a conchegou ao peito, a beijou como se fôra uma irman. As lagrimas das duas lindas mulheres misturaram-se; e, como as lagrimas, as suas almas uniram-se em estreito amplexo, attrahidas pela conformidade dos sentimentos.

CAPITULO LI.

O CORTE-REAL.

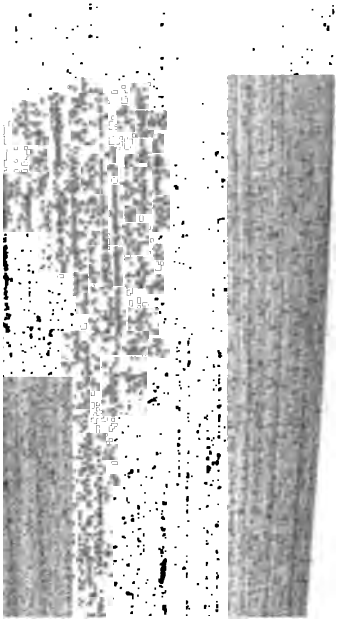
Depois da grave pendencia, que teve logar entre a rainha e o secretario de estado Sousa de Macedo, as intrigas, os odios, a guerra entre os dois partidos em que a côrte, e, n'aquelle tempo, parte do reino se achava dividido, tinham crescido de dia para dia. A crise politica, que tirou a Affonso VI o throno e a mulher, approximava-se. Aquella lucta de pigmeus, aquella lucta em que não havia uma unica ideia que não fosse mesquinha, em que não tomava parte homem algum verdadeiramente grande, chegava quasi ao seu termo: sem que nem o rei, nem o seu valído desconfiassem talvez de toda a importancia dos resultados d'ella.

Foram baldados os esforços que el-rei fez para pacificar o animo da rainha. Recusando apparecer nas

festas de touros, que em honra de Santo Antonio dava o senado da camara de Lisboa, ella tinha feito publicas suas malquerenças com seu real marido, e com o conde de Castello-Melhor; e de tal modo cresceu o descontentamento do povo pela interrupção das festas, e tanto augmentou a má vontade dos partidarios do infante contra o conde, que este resolveu-se a reunir o conselho de estado, e, por voto d'elle, a desterrar para algumas leguas de Lisboa o Sousa de Macedo.

Não colheu, porém, o valído o fructo que esperava d'este acto de fraqueza; porque, ao passo que a rainha se mostrava ainda pouco satisfeita com a ausencia do secretario de estado, o infante e os fidalgos inimigos do conde dispunham-se a assassinal-o, na sexta feira 2 de setembro, dentro do paço, na grande sala onde elle dava as audiencias. Ao proprio infante, ao conde de Villa-Flor, e a poucos mais cabia n'aquella tragedia, cujo enredo se havia delineado no Côrte-Real, o papel de libertadores da patria e vingadores da rainha. Os outros servidores de D. Pedro deviam, na occasião em que o conde fosse assassinado, guardar as portas do palacio real, e deter el-rei preso no quarto; até que os negocios publicos tivessem tomado a direcção que sua alteza julgasse opportuno dar-lhe n'aquella occasião, para satisfazer os calculos da sua ambição, e de seus incestuosos amores.

Para cohonestar esta violencia contra o primeiro ministro, os partidarios do infante começaram a espalhar pela cidade, que o conde queria dar peçonha a sua



industriado po
tal importanci
mo coisa certa
valído se most
severidade o se

Avisado a
dro, o conde v
os valentes da p
cava com os qu
reiro do Paço
cavallaria da cô
de Vasconcellos
ra acudir a pala
que na manhan
çado pelos cons
um inimigo desc
lante e preparado

Desenganado

el-rei, accusando o conde de Castello-Melhor de querer attentar contra a sua vida, e declarando que, ou el-rei havia de apartar de si o conde, ou se veria na necessidade de buscar reinos estranhos.

O rei, logo que recebeu, já de noite, a carta de seu irmão, entregou-a ao privado. O conselho de estado reuniu-se logo e resolveu que o marquez de Marialva fosse dizer a sua alteza da parte de D. Affonso VI, que por sua real ordem se haviam dobrado as guardas do paço, e que, como cousa sua, o marquez procurasse saber, se sua alteza levaria a bem que o conde fosse a seus pés beijar-lhe a mão.

A estas mensagens seguiram-se outras. O infante exigindo sempre que o conde de Castello-Melhor sahisse da côrte, o rei buscando estabelecer a conciliação e a paz entre sua alteza e o ministro. Logo no principio d'esta negociação espinhosa o conde mostrou fraqueza de animo, e deixou ver que a sua natural pusillanimidade lhe não consentiria sustentar por muito tempo aquella lucta desegual. N'um dos primeiros conselhos de estado, que se fizeram para tractar das respostas que Affonso VI havia de dar ás cartas do infante, o conde mandou ler um papel, no qual elle expunha a sua magestade os serviços que fizera a Portugal durante o seu ministerio, e lhe pedia, em recompensa, que accedesse aos desejos do infante, e o deixasse ir passar o resto de seus dias n'um canto solitario, onde nada perturbasse o seu socego.

A falta de vigor e resolução d'el-rei, e os receios

do Castello-Melhor foram dando força aos partidarios de sua alteza; a ponto do infante, quando el-rei exigiu que declarasse quem fôra a pessoa que lhe dissera que o conde o queria matar, recusar peremptoriamente fazel-o, em quanto o valído não sahisse de Lisboa.

O conde conhecia a grandeza do perigo que lhe estava imminente; e, para se fortificar com a opinião das principaes corporações do reino, em que elle sabia haver muitos partidarios seus, resolveu que o conselho de estado, os desembargadores do paço, dois ministros de cada um dos outros tribunaes, os juizes da corôa, e os procuradores da corôa e da fazenda se reunissem n'uma assemblea, para lhes ser proposta a queixa de D. Pedro, e decidirem se elle devia ou não ser apartado da côrte.

Sabendo d'esta resolução do ministro valído, o infante escreveu a todos os tribunaes, ao senado, e á popular casa dos *vinte e quatro*, remettendo-lhes copias das cartas que mandara a el-rei; e buscou chamar a si todos os que podiam influir na resolução da assemblea que estava para se reunir no paço. Mas o conde tambem se não descuidava, e procurava pertinazmente, usando do seu poder e da influencia de Affonso VI, assegurar o seu triumpho; já fazendo promessas e graças aos seus mais tibios partidarios; já mettendo no conselho d'estado amigos zelosos e seguros: de modo que a junta dos ministros chamados a conselho por o valído, depois de ouvir a leitura de um papel, em que sua magestade el-rei lhe ordenava dissessem se o conde devia

ser ou não desterrado, votou quasi unanime que o conde se devia conservar no poder; dando assim ao valído uma victoria, apparentemente decisiva, sobre o irmão de Affonso VI.

No dia em que se reuniu no paço a junta de magistrados, que deu, como acabamos de dizer, um voto tão desfavoravel á causa do infante D. Pedro, a cidade de Lisboa conservou-se em agitação. As tropas estavam formadas no Terreiro do Paço; os criados de el-rei guardavam armados as portas de palacio; e o povo, curioso e assustado, animado pela colera, ou impellido por essa necessidade instinctiva de movimento e de ruido, que é a manifestação da vida e da força latente da plebe, enchia a rua Nova, e espreitava á boca de todas as ruas que davam para o Terreiro.

Antes das Ave-Marias já as portas das tendas e lojas resoavam, com aquellas pancadas sêccas e compassadas que acompanhavam o pôr das trancas e o metter das cunhas; n'aquelles felizes tempos, por que tanto choram os sinceros amadores de antigualhas, unica segurança dos que tinham de seu alguma coisa. Antonio de Belem, o juiz do povo da cidade, depois de ter tambem trancado a sua porta, encaminhou-se vagarosamente para o Terreiro do Paço. A sua elevada estatura parecia haver tomado n'aquella occasião proporções mais colossaes; a sua severa physionomia assumira um caracter grandioso, que tinha ao mesmo tempo o quer que era de ridiculo. Tudo n'elle parecia estar dizendo á gente do povo, que respeitosamente se desviava para

diatamente s

— Aqui

— Pois

vamos; que

perar.

O juiz d

cos minutos

to. Antonio

mão, ajudou

cer.

O Côrte-I

paço. Bacam

vam nas mãos

ciam disposto

foi entre dois

severa catadu

conde da Tor

fante.

dos do povo, como vossa mercê, é que são o melhor e mais seguro apoio dos principes. Bem precisa é agora a ajuda do povo para acabar com o valído. É outro Miguel de Vasconcellos, Antonio de Belem, que precisamos deitar tambem das janellas do paço abaixo. E com a ajuda de Deus assim ha de succeder, se elle se não emendar dos seus erros.

No alto da escada estavam dois moços fidalgos de D. Pedro, que receberam com grande demonstração de cortezia o juiz do povo, e o ficaram acompanhando n'uma sala, em quanto o conde da Torre foi dar parte a sua alteza da sua chegada. Não esperou muito o importante correeiro, porque minutos depois veio buscal-o D. Rodrigo de Menezes, e conduzil-o á casa onde sua alteza estava, cercado de numerosa fidalguia.

O infante, logo que viu assomar á porta o juiz do povo, exclamou:

—É Antonio de Belem que chegou! Pois entre, entre para cá, Antonio de Belem, que muito folgo em o ver. —E, dando a mão a beijar ao correeiro, proseguiu: —N'esta casa póde entrar quando e como quizer, Antonio de Belem. Sou-lhe muito affeiçoado, porque conheço as suas boas intenções, e obriga-me a estimal-o o seu merecimento.

O juiz do povo estava que não cabia em si, de contente e orgulhoso por se ver tratado assim por o infante e por tantos fidalgos. Os olhos brilhavam-lhe como dois carvões accesos, e, ao mesmo tempo que um riso convulsivo lhe repuxava os cantos da boca, duas

nho, só para servir vossa alteza o q

— Obrigado, Antonio de Belem

te. — A sua coadjuvação póde se

Queremol-o ter comnosco; quero-o

te n'esta occasião, em que peço j

não quer fazer. O juiz do povo te

tauração, o defensor da justiça, e

dades e dos erros do governo. Me

tou por mais de uma vez as adm

povo, e seguiu-lhe os conselhos.

reino está quasi em tanto risco de

ses tempos calamitosos, em que a t

gal-o outra vez aos castelhanos; p

nistro que se atreveu a desacatar

privado de el-rei que intentou um

intentou dar peçonha ao filho de

quer agora, pela intriga, fugir ao

merecido.

xas e os attrahir, se fosse possivel, ao seu partido. Como as coisas estivessem habilmente preparadas por D. Rodrigo de Menezes, e o infante industriado para fallar a cada fidalgo do modo que melhor podia lisongear-lhe as vaidades, e irritar-lhe as paixões, os esforços de sua alteza haviam tido feliz resultado. Todos os fidalgos que cercavam D. Pedro pareciam animados do mais vivo desejo de lhe provar a sua dedicação; e, com effeito, todos lhe haviam assegurado, que elles proprios seriam executores do castigo do conde « provado que fosse que este queria attentar contra a vida de sua alteza. »

Os fidalgos applaudiram muito o discurso de D. Pedro ao juiz do povo, e repetiram-lhe em discursos, que eram éco apenas do que sua alteza dissera, exagerando-as, as palavras cavilosas, com aquella insistencia e intenção na voz que os cortezãos, mestres na lisonja, sabem empregar nas occasiões em que querem alcançar alguma graça. D. Rodrigo de Menezes, quando passou a salva das lisonjas, com que os fidalgos julgaram do seu dever festejar Antonio de Belem, tomou a palavra, e n'um tom mellifluo e insinuante:

— N'uma occasião — disse ao correeiro — em que a fidalguia portugueza se mostra tão inclinada a tomar como sua propria a causa de sua alteza, devemos estar certos de que o povo não deixará um principe, como este que a Divina Providencia nos deu, em perigo de ser sacrificado á tyrannia de um ministro sem consciencia.

— O povo ha de ser o que sempre tem sido — acu diu o correeiro.—Inimigo dos tyrannos, e fiel aos seu principes legitimos.

— Ora bem! Não era menos de esperar de Antoni de Belem; do nosso honrado juiz do povo.

— D'esta vez póde ser que vejamos realisada a pro phecia antiga; talvez esteja chegado o dia, em que s atolem em sangue os cavallos, alli na rua Nova—diss Antonio de Belem, commovido. — Deus tenha miseri cordia de nós! Se isso é preciso para o reino se ni perder, succeda embora. Para tudo devemos estar pre parados.

— O que é preciso é acabar com o Castello-Melhor e com todos os da sua pandilha! — bradou o conde d Torre.

— Pois deitemos, deitemos esse Jonas ao mar, cessará a tormenta — disse com solemnidade o juiz d povo.

— Sua alteza não quer que por sua causa se verti sangue portugez. É o desejo do bem da patria quem o move, e não outro algum interesse — interrompe D. Rodrigo.

O infante, advertido por estas palavras do seu conselheiro de que lhe cumpria, n'aquelle momento, dizer algumas phrases que revelassem amor da patria, poz-se de pé, e n'um tom grandioso e de soberania, disse:

— Eu não quero que o povo se sacrifique por mim: sou eu que me quero sacrificar ao bem da patria. As perturbações que tem havido até agora não procedem

de mim, senão da maldade do ministro que, não contente só com o valimento, quer envenenar-me, e se ri das accusações e das justas queixas que d'elle tenho feito a el-rei. Não quero que se diga que por minha culpa correu sangue innocente. Para quietação da côrte, o que tenho de melhor a fazer é sahir d'ella, e ir a reinos estranhos buscar a segurança e protecção que me faltam em Portugal. Foi-me contraria a decisão da junta, pela maior parte composta de magistrados integros, que hoje se reuniu no paço; foi-o de certo, porque o Castello-Melhor, com aquellas artes diabolicas com as quaes os maus ministros, que Deus manda ás nações como flagello e castigo, sabem conservar-se no poder e no valimento, a enganou, a illudiu com fingidas palavras; adulterando os factos e deturpando a verdade. Se a opinião, porém, d'esses juizes foi contra mim, confio que a opinião dos homens bons de Portugal, da nobreza e do povo, me hão de justificar aos olhos do mundo. Dia virá em que a justiça da minha causa se fará manifesta a todas as nações; e então terei por armas a razão e a innocencia, e por defensores a nobreza e o povo.

Os applausos rebentaram subitamente, como um trovão, no meio do silencio que succedeu ao discurso do infante. Todos queriam provar a sua alteza a parte que tomavam nas suas magoas e queixas; uns offerecendo-lhe dinheiro para a sua viagem a reinos estranhos; outros pedindo-lhe licença para o acompanharem; e todos praguejando contra o valído, e querendo

persuadir o infante que continuasse a permanecer na côrte e expulsasse d'ella pela força, se necessario fosse, o Castello-Melhor e todos os seus parciaes.

— Meu principe — disse por fim Antonio de Belem — eu tenho uns poucos de mil cruzados de meu, se me quer fazer a mercê de os acceitar estão todos á disposição de vossa alteza. Mas antes de deixar Portugal lembre-se, senhor, que é principe portuguez, e que a vossa alteza pertence salvar este reino dos perigos que lhe estão imminentes, velar pela sua segurança, e defendel-o dos seus inimigos. Meu principe, o povo escuta-me e acredita em mim. Mal elle souber que querem offender a vossa alteza, virá todo guardar o Côrte-Real; para que nem d'elle se approximem os infames que se atrevem a erguer maus olhos para vossa alteza. Nós cá, os da casa dos vinte e quatro, somos gente do povo, e nada mais; mas não cedemos a ninguem em fidelidade aos principes, e havemos de o provar. Ao povo nada lhe mette medo, quando tem por si a razão. Ordene vossa alteza, e verá o que nós sabemos fazer. E agora só tenho a pedir perdão a vossa alteza, e a todos estes fidalgos, de ter fallado tanto.

— Fez bem, Antonio de Belem, fez muito bem em fallar assim, com sinceridade e franqueza — disse o infante.

— Eu fallo com o coração nas mãos, e eis ahi o que é — acudiu o juiz do povo, que se sentia contente de si, e queria fallar sempre, como fazem os homens rudes quando desejam mostrar-se importantes.

— É assim mesmo que sua alteza deseja que vossa mercê lhe falle sempre — interrompeu D. Rodrigo de Menezes. — Mas o que é preciso é que se não deixem amedrontar, vossa mercê e os outros do povo, com as ameaças do conde de Castello-Melhor ou com as arguições que el-rei lhe fizer. Se nos conservarmos todos firmes no proposito de defender o nosso augusto principe D. Pedro, e se lhe pedirmos fervorosamente que nos não desampare, talvez consigamos que sua alteza se nos conserve no reino, e que a paz se firme por fim entre nós em seguras bases.

— Juro aqui, pela salvação da minha alma — exclamou o correeiro, com exaltação — juro em meu nome, e em nome do povo de Lisboa, que, se fôr essa a vontade do nosso principe, nem sua alteza ha de sahir da côrte, nem o conde ha de ficar n'ella. Sua magestade, depois da junta dos barretes que reuniu esta manhan no paço, mandou-me chamar, para me culpar a mim das desordens que o conde de Castello-Melhor tem provocado na cidade; eu, porém, depois de ter ouvido el-rei, disse-lhe o que tinha no coração com verdade, como deve fazer um juiz do povo.

— Fez vossa mercê muito bem, e assim deve continuar a obrar, para serviço de sua alteza.

— É verdade, Antonio de Belem — acudiu o infante. — É assim mesmo que eu desejo que continue sempre a praticar; e, se a Providencia Divina nos ajudar, havemos de ver acabados os traidores e os ministros tyrannos. Agora vá-se.... póde-se ir, Antonio de

Belem, que o não quero deter aqui por mais tempo. Fique certo de que me não hei de esquecer nunca dos serviços que me tem feito.

Estas ultimas palavras de D. Pedro foram acompanhadas de um gesto, pelo qual sua alteza confirmava ao juiz do povo a ordem de se retirar, e lhe offerecia ao mesmo passo a mão para elle ter a honra de a beijar.

Antonio de Belem obedeceu ás palavras e ao gesto do infante, e sahiu do Côrte-Real; sendo acompanhado até á escada, com grande cortezia, por um camarista, e por dois pagens com tochas.

CAPITULO LII.

A SUPPLICANTE.

A Calcanhares cumpriu o que dissera a Thereza. Apenas chegou a noite, por ella esperada em extremos de impaciencia, o animo atormentado não lhe consentindo maiores delongas; correu logo a metter-se na cadeira que Henrique Henriques deixara á sua disposição, e cujos moços não sabiam outro caminho que não fosse o do paço.

Margarida entrava sempre no palacio real pela porta dos quartos do Castello-Melhor, sem que a visse ninguem, excepto os criados da confiança do conde. N'aquella noite, porém — a mesma em que no Côrte-Real se passava a curiosa scena a que no capitulo antecedente fizemos assistir o leitor — não foi possivel á Calcanhares passar pelo Terreiro do Paço, onde estavam acampados os terços de infanteria da côrte, e pelos pa-

taes, pun
gente gro
vialidade.
Marga
de religios
piação do
conselhos
veis pecca
para ella,
cel-a. A su
accendida
religião, o
sem comtu
rigo, a esp
salvação de
No paço
que este esta
de não sahira

— Mas preciso muito fallar ao senhor conde — acudiu a Calcanhares.

— Eu vou chamar o senhor frei Pedro de Sousa.

— Pois elle está no paço?

— Desde que começaram estas desordens, ainda sua reverendissima não deixou o senhor conde.

D'ahi a poucos minutos entrava na sala, onde a Calcanhares ficara, engolphado nos seus dolorosos pensamentos, o velho frade, tio do conde de Castello-Melhor.

— Que vem fazer aqui, que quer de mim a minha boa Margarida? — perguntou frei Pedro com a sua voz branda, e bondosa.

— Ai! É vossa reverendissima! — exclamou a Calcanhares; levantando-se sobresaltada da cadeira, em que estava sentada.

— Sou eu; o teu sincero amigo, Margarida — acudiu o frade com tristeza. E obrigando com o gesto Margarida a sentar-se, sentou-se elle tambem n'uma cadeira proxima. — Para que vieste ao paço, filha — proseguiu o tio do valído — agora que tudo anda n'esta desordem, e que el-rei, como tu desejavas, parece não se lembrar já de ti? Podia ter-te succedido alguma desgraça por essas ruas. O povo anda tão desenfreado, os soldados são tantos por ahi, que foi loucura expores-te aos insultos d'essa gente perdida, e sem consciencia.

— Para evitar uma catastrophe irremediavel, para salvar um innocente da morte, é que eu vim agora ao paço, frei Pedro — disse Margarida.

— E quem é o innocente cuja vida está em tamanho risco? — perguntou o confessor d'el-rei, que logo pensou no conde seu sobrinho.

— É um homem, cuja morte seria a minha morte tambem... a minha morte, porque eu não teria forças para resistir ás saudades, e aos remorsos de haver sido com o meu amor causa, em parte, das suas desgraças.

— Está em risco a vida de Francisco d'Albuquerque?

— Está, está em muito risco a sua vida; e se vossa reverendissima me não ajudar a salval-o, vel-o-hemos morrer victima de um terrivel engano.

— Henrique Henriques, esse mau homem! Deus lhe perdôe os seus peccados! Henrique Henriques descobriu o logar onde elle se escondia? Perseguem-o os assassinos d'essas terriveis patrulhas, que el-rei tem em roda de si?

— Bem sabe, frei Pedro, que eu não amei nunca senão esse homem — exclamou a Calcanhares, convulsa, e com os soluços a cortarem-lhe as palavras. — Bem sabe que n'esse amor concentrei o meu existir; que n'elle empreguei as potencias da minha alma, que a dôr, o longo padecer, o sentimento da minha soledade tornaram vigorosas, superiores ás minhas forças, capazes de me consumirem a vida. Tenha dó de mim, frei Pedro. Não é a felicidade que eu agora peço; não mereço a Deus tanto bem, não me julgo digna do ceo, e esse amor é o ceo para mim: o que eu quero é saber

ue elle vive, que está fóra de todo o perigo, e ir de-
ois consumir o resto d'esta existencia nas sombras de
ıma clausura, onde não cheguem senão as vozes dos
ıeccadores arrependidos pedindo misericordia ao Se-
ıhor. Até para ser feliz se perde a força. A alma mor-
e ás vezes para o mundo antes de nós morrermos; e a
ninha alma morreu. Matou-m'a esta dôr, que nunca
ne deixa, frei Pedro.

— Animo, Margarida — acudiu frei Pedro de Sou-
a, pegando na mão da pobre menina. — Não nos dei-
.emos abater, filha. Tudo se póde remediar, querendo
)eus.

— O que não tem remedio é este desalento, que
ne aperta o coração, e me não consente nem sequer o
er feliz! Mas não importa, salve-se elle, e de mim não
uidemos por agora.

— Ainda me não disseste que perigo elle corre.
'omo, de que o podemos salvar?

— Da morte.

— Onde está Francisco d'Albuquerque?

— Preso no Limoeiro.

— Porque?

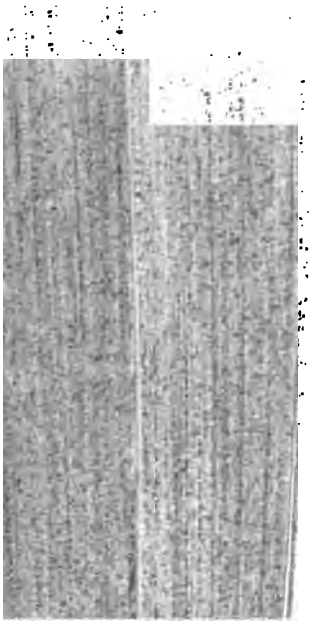
— Accusam-o de ter morto no Alemtejo um criado
la rainha. Mas é falso, elle está innocente.

— Quem te disse que estava innocente?

— Disse-o elle... ao seu confessor.

— Mas quem está preso, por ter assassinado um
rancez da casa da rainha, é um arreeiro.

— Assim o pensam todos, e é talvez o que tem sal-



colera da rainl

— O cond
confessor d'el-

Um leve r
canhares, e es
relampagos de
tenues, que lh
expressão seve
beiços, como p
hidos; a voz to

— A minh
cio, feito ás am
ra perdi-a por
alma. Por elle
E agora, se eu
nocente, se lhe
desesperação, e
merecida, ha de.

alma pouco vigorosa, e em que os ultimos successos da côrte haviam causado um abalo profundo; a sua bondade não lhe consentia o offender a justa dôr da amante de Francisco d'Albuquerque; a sua virtude não lhe permittia contestar a verdade das queixas da desditosa mulher.

— Vamos fallar ao conde — disse elle. — Meu sobrinho ha de fazer tudo... tudo que puder ser. Eu vou adiante avisal-o de que estás aqui; e, em elle estando só, havemos de lhe fallar sobre este negocio. É melindroso o negocio; e o que é preciso é que socegues o animo, para que o conde te escute.

O frade sahiu logo que acabou de dizer estas palavras; não tanto para ir procurar o conde, como para cortar uma conversação, que o commovia profundamente, e o punha n'uma situação de que elle não sabia como pudesse tirar-se, sem offender, ou a sua consciencia, ou os interesses de seu sobrinho.

Um quarto de hora depois de frei Pedro deixar só a Calcanhares, veio buscal-a um criado do conde, que a conduziu pelos escuros e extensos corredores do paço, até á grande sala de audiencia. A extensa casa, cujas paredes eram forradas de estantes cheias de livros, e ao longo da qual se estendiam enormes mesas de pau escuro, gemendo debaixo do peso de massos de papeis e de tinteiros de estanho colossaes, symetricamente dispostos diante de cadeiras de coiro, n'aquelle momento abandonadas e solitarias, a extensa casa estava allumiada apenas por duas velas, postas sobre um bo-

fete collocado no intervallo de duas janellas; e esta luz, fraca e tremula, dava um aspecto triste a todos os objectos, tornava mal definidos todos os seus contornos, e deixava ás sombras, que se projectavam nas paredes e no ladrilho, uma cor carregada que dava a tudo uma physionomia phantastica.

Quando Margarida entrou na sala, onde a esperavam o conde valído e o velho geral dos bentos, uma das portas que ficavam quasi escondidas entre as estantes, e que davam communicação para os quartos de el-rei, abriu-se subitamente, e um homem entrou por ella; porém, apenas dera dois ou tres passos, recuou e sumiu-se outra vez na escuridão. Margarida não poude, por causa da pouca luz, conhecer quem era aquelle homem que, ao vel-a, fugira com tão grande precipitação; mas pesou-lhe no coração um sinistro presentimento, e pareceu-lhe que a porta que se abrira se não havia tornado a fechar. Preoccupada, comtudo, pela ideia do perigo do capitão Francisco d'Albuquerque, agitado o espirito pela incerteza e pela esperança, ella esqueceu este incidente para só cuidar em salvar da morte o seu desditoso amante.

O conde de Castello-Melhor, pallido e inquieto, estava sentado defronte do bofete, sobre o qual ardiam as duas velas que sós allumiavam a sala da audiencia. Com o corpo inclinado para diante, o conde encostava a barba nas mãos cruzadas sobre a mesa, e parecia deixar-se ir perdendo nas suas reflexões, amargas de certo, porque profundas rugas lhe encrespavam a testa.

approximando-lhe as negras e densas sobrancelhas. O bispo d'Angra estava de pé, encostado ao espaldar da cadeira do conde, entregue tambem ás suas tristes meditações.

Foi frei Pedro quem veio ao encontro de Margarida, e, conduzindo-a pela mão até á cadeira do valído:

— Meu sobrinho — disse — aqui está Margarida.

O conde levantou lentamente a cabeça, e, fitando na Calcanhares olhos que a tristeza tornava quasi ternos, perguntou:

— E que quer de mim a nossa linda Margarida?

— O senhor frei Pedro de Sousa já havia de dizer a vossa excellencia o que eu venho pedir aqui — acudiu a Calcanhares. — Venho pedir justiça para um innocente, e misericordia para mim.

— Quando depender de mim que se faça justiça — disse o conde — ha de fazer-se. E misericordia de ti, Margarida, escusas de pedir-m'a; tenho-te amizade que vale mais.

— Se tem dó de mim, se me tem amizade como diz, senhor conde, não hesitará então em salvar Francisco d'Albuquerque da morte.

— Se eu puder... — interrompeu o ministro.

— Se puder! — exclamou a Calcanhares, deixando-se cahir sobre uma cadeira, por lhe parecer, ao ouvir estas palavras do conde, que o chão lhe fugia subitamente debaixo dos pés. — Se puder! Pois ha de, senhor, deixar morrer um innocente...

— Eu não sou rei, Margarida; e a morte d'esse in-

feliz é exigida por quem póde mais, muito mais do que eu.

—Pois vossa excellencia, sabendo que vão assassinar um homem que não commetteu culpa alguma, tem animo para consentir em tão horrivel atrocidade?

—Que posso eu fazer, como hei de oppor-me ás vontades da rainha?

—É ministro, é christão, e o seu dever é pugnar pela justiça.

—Sou ministro—atalhou o conde—e Deus sabe que só por servir a minha patria o tenho querido ser até hoje; sou ministro, mas estou cercado de poderosos inimigos, que me odeiam. Não tenho força para luctar, e cahirei do poder, se me não ajudarem a prudencia, a moderação, e a perseverança. Oppor-me n'esta occasião directamente aos desejos da rainha seria perder-me.... e perder talvez a liberdade e a independencia de Portugal; porque elles não sabem governar este reino, não o podem governar sem mim.

—Senhor conde—exclamou Margarida—eu não sei se Deus deu só a vossa excellencia juizo para governar este reino; sou uma triste mulher que da vida não sei senão que se reza, que se soffre e que se ama: mas o que me diz o coração é, que o sacrificio da vida de um innocente é um crime aos olhos de Deus.

—Se eu pudesse salvar a vida d'esse homem, tel-o-ia feito logo que m'o pediste.

—Tem poder, senhor conde, para resistir, para luctar com o infante, para armar o paço contra o ir-

ião de el-rei, para fazer do senhor D. Affonso o seu efensor, tem poder para dobrar á sua vontade a vonade de todos, e não póde agora livrar da morte um obre arreeiro do Alemtejo, um desgraçado que ninuem conhece!

— A morte d'esse desgraçado significa um triumho para a rainha.

— Pois deite vossa excellencia, entre a vaidade da ainha e a cabeça d'esse homem, o seu poder e o poder l'el-rei.

— O que não farei eu pela minha boa Margarida? — acudiu o ministro, a quem havia lisongeado a coniança que Margarida mostrava no seu poder. — Se puler, sem comprometter o futuro do governo d'este reio, levar a rainha a perdoar ao capitão... ao arreeiro lo Alemtejo, fal-o-hei; não só por agradar á minha morosa Margarida, senão tambem para que se faça ustiça a um innocente.

— Bem vês que o conde tem boa vontade de te fa:er o que lhe pedes — interrompeu frei Pedro de Sou:a, que até alli se conservara silencioso. — Se elle me omasse os conselhos, e Deus sabe que são sinceros! leixaria estas desordens da côrte, abandonaria ao inante o poder que sua alteza ambiciona, e iria passar o esto da vida no socego da sua casa. Mas elle não me quer escutar, e, como ministro, tem deveres que nós odos devemos respeitar. Deixemos ao conde o cuidado l'este negocio, e elle fará o que puder ser.

A Calcanhares sentiu os amargores e as angustias

da desesperação, do susto, da colera dilacerarem-lhe a alma.

— Não saio d'aqui — prorompeu ella levantando a voz — não saio do paço, sem que o senhor conde me prometta que ha de salvar a vida de Francisco d'Albuquerque. Se o senhor conde me não fizer essa promessa, que elle me deve pelos sacrificios de honra e felicidade que fiz á sua ambição, ir-me-hei ter com el-rei, confessar-lhe-hei tudo, pedir-lhe-hei misericordia. Se el-rei me não escutar, vou deitar-me aos pés da rainha. É mulher; ha de entender a minha desesperação, ha de compadecer-se de mim.

— Socega, Margarida — acudiu o conde — o amor faz-te perder a cabeça!

— O amor... já não. Eu acabei para a vida, para as paixões, para a felicidade. Peço a vida d'esse homem, porque o amo, porque lhe quero mais do que á minha vida, mais do que á salvação da minha alma. No convento, onde me vou clausurar para nunca mais ver o mundo, não teria paz, não acharia consolação. não teria forças para rezar se... Jesus me valha! Francisco acabasse ás mãos do carrasco; victima d'essas ambições, d'esses orgulhos, a que eu já sacrifiquei tambem a minha desgraçada existencia.

Era tão melancolica, e ao mesmo tempo tão severa a voz da Calcanhares, ao soltar estas palavras, que o valído sentiu a commoção e um como susto de remorsos pesarem-lhe no coração.

— Tem confiança em mim, Margarida — disse elle.

— Devo tanto.... deve tanto este reino todo, que é ingrato, Margarida, á tua boa alma, á tua dedicação quasi angelica, que te não posso recusar nada. Hei de empenhar todo o meu poder para salvar o teu capitão; mas tu....

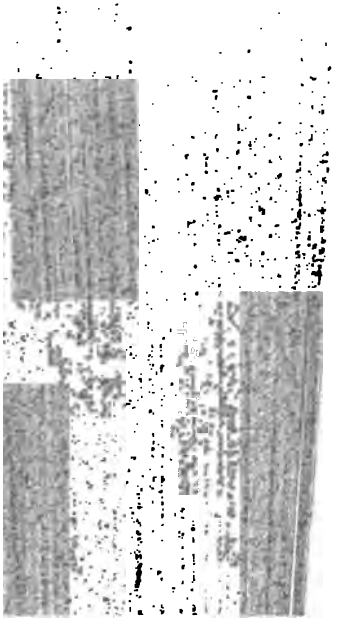
— Vou-me fechar n'um convento para alcançar da Virgem Nossa Senhora, pela penitencia e pela oração, perdão das minhas culpas. Promette-me pois, senhor conde, que fará tudo por salvar esse infeliz, por quem lhe peço?

— Tudo — disse o ministro com hesitação.

— A sua alma é bella, é nobre; não lhe queira tolher os generosos impulsos.

O velho tio do Castello-Melhor juntou as suas preces ás da lacrimosa Margarida. E as palavras apaixonadas da bella supplicante, que se lhe lançara aos pés, e os graves e religiosos conselhos do frade commoveram tanto o ministro valído, que este fez promessa solemne de arriscar até o seu futuro, para salvar o capitão Francisco d'Albuquerque.

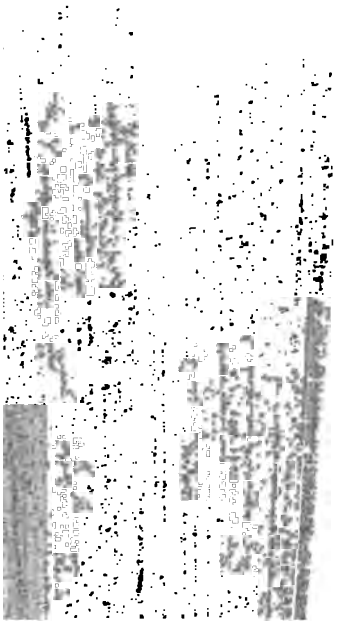
A instancias de Margarida, o conde escreveu tambem uma ordem, para deixarem fallar « com o arreeiro alemtejano, que estava preso por haver sido accusado de ter morto um criado de sua magestade a rainha, a pessoa que apresentasse aquella ordem, feita e assignada pelo conde de Castello-Melhor. » O valído, porém, não confiou este importante papel á Calcanhares, sem esta lhe haver primeiro jurado que não iria ella propria ao Limoeiro.



O Limoeir
hoje é; um tris
cadeia, onde es
e repugnanteme
uma leve culpa
nossa muito suj
assassinos e os s
o desamor pelas
rem-se em ruina

alteraveis são os abusos, os erros, as anti-civilisadoras instituições da monarchia velha. O que os nossos fofos reformadores mal souberam ainda importar para a nossa terra, terra boa e de gente caridosa, foi esse espirito de bem entendida philantropia governamental; verdadeiro e unico socialismo rasoavel, esperança e salvaguarda do mundo civilisado. Philantropia que busca derramar no povo a instrucção e a moralidade, que acompanha o pobre do berço á sepultura; dando-lhe o pão da beneficencia no dia da fome; abrindo-lhe hospitaes, a cuja construcção, a cujos aperfeiçoamentos preside a sciencia ajudada de todas as suas maravilhosas descobertas; estabelecendo-lhe *presepios* para os filhos ainda no berço; hospicios para os velhos invalidos: philantropia que nem dos criminosos se esquece, que procura facilitar-lhes os caminhos para o arrependimento, e os cerca d'aquellas medidas hygienicas que a sociedade não tem direito para recusar, nem mesmo áquelles que ella condemnou pela haverem offendido.

Era no Limoeiro que estava o nosso capitão Francisco d'Albuquerque, preso por haver sido encontrado, pelos soldados do regimento de Maré, ao pé do cadaver de Estevão de Castilho. O humilde arreeiro (por tal passava perante a justiça o gentil criado de sua alteza o infante D. Pedro), o humilde arreeiro devera á enormidade do seu supposto crime, e ainda mais á importancia que a rainha havia dado a um negocio que em outra occasião passaria para ella quasi desapercebido, o estar só n'uma sala, separado dos outros presos, que



incertezas de
os amargores
triste, quasi
á vida livre e
tuido as intr
traição, os ca
simplicidade
siasta sem du
desanimadora
via o conheci
são levados,
xam vencer p
não existe no
feita; havia er
em que os jes
mentes do fana

Francisco
reflexões tristes

— Thereza! — exclamou elle, levantando-se da cadeira em que estava sentado. A recordação, porém, da ingratidão que commettera deteve-o, quando ia já para se lhe lançar nos braços.

Não succedeu assim a Thereza. Cedendo aos puros, aos sinceros impulsos da sua alma, esquecendo todo o passado para sentir unicamente a alegria de ter vivo diante de si aquelle que ella pensara não tornar mais a ver no mundo, aquelle a quem, se não consagrava já o mais ardente affecto do coração, dava ao menos quanto ha de mais vivo e mais nobre na amizade, Thereza cingiu com os braços Francisco, e, apertando-o ao coração, deu-lhe na testa um beijo innocente e casto como a sua alma.

— Francisco! Não posso duvidar agora; está vivo ainda o meu Francisco! — exclamou ella.

— Thereza, aqui? Quem.... a trouxe aqui, senhora? — perguntou o capitão, hesitando a cada palavra, tremendo que viesse o desengano, que elle duvidava se tinha ou não chegado já, desvanecer subitamente aquella alegria de Thereza.

— A amizade, meu irmão — respondeu a bella provinciana, fazendo sentir que conhecia o valor de cada uma de suas palavras — a amizade, as saudades.... o desejo de te trazer uma esperança e uma alegria.

— Uma esperança, uma alegria! Então frei Thomaz, aquelle bom frade que me confessou aqui, foi contar-te tudo; que eu não morrera, mas que estava em perigo de morrer; que inimigos implacaveis me

— Conto
tou-me tudo
lo-Melhor já
boa Margarid
uma esperanç
agora de ver a
ser uma aleg
ama tanto.

Os olhos d
Curvando o joe

— És um a
e a misericordi
ousei mandar-te

— Para te s
t'a salvar, meu i

— Mas tudo
ingratidão...

— Justifica t
amor d'agnel

É o que eu sou, o que fui sempre para ti — disse Thereza, interrompendo-o com um gesto de ineffavel ternura.

— Amizade de irmão... mais ainda; tenho por ti a adoração, que teria por um anjo, se elle se dignasse baixar sobre mim os olhos.

— Não sou um anjo, não! — exclamou Thereza; suspirando, e deixando brincar na boca um sorriso mal seguro. — Para todos nós o coração é um mysterio, que não sabemos decifrar. O melhor é seguirmos-lhe as vontades, e não buscarmos achar as causas do que n'elle passa.

— Deus do ceo! E não te hei de eu ter por um anjo! Só no ceo se sabe perdoar assim.

— Isto não é perdão. Não tenho que perdoar — acudiu ella. — Não te dissimularei porém a verdade agora, Francisco. No primeiro momento, quando acabando de perder, infeliz de mim! meu desditoso pae, soube que me não amavas já, que ias perder a vida por outra, tive tal dôr d'alma que não sei como não morri. Mas agora... — aqui Thereza deteve-se um momento, por não achar palavras com que expressar os seus pensamentos, ou talvez antes por se não atrever a confessal-os. — Agora sei que és feliz com o amor de uma mulher digna de ti, e... basta essa ideia para me consolar.

A hesitação, a perplexidade de Thereza eram tão patentes, que Francisco d'Albuquerque percebeu havia n'aquelle coração um segredo, que se escondia tal-

vez mesmo á consciencia da candida provinciana. No amor, ainda no mais puro — e é esta uma verdade que os amantes não hão de confessar nunca — ha sempre uma parte de sentimento perfeitamente reflexa, que nada tem com o objecto amado, que nasce na propria alma do que ama e lhe vem alimentar o fogo da paixão; é a parte do sentimento produzida pela vaidade, ou, fallando mais exactamente, pelo amor-proprio. Muitas vezes, muitas, o amor passa, mas a vaidade e o amor-proprio ficam quasi tão melindrosos como d'antes; e, como estas duas paixões, podemos chamar-lhes assim, tem tambem os seus ciumes, não é raro ver ciumes em quem já não ama; isto é, não é raro encontrar ciumes perfeitamente absurdos. Foi um vislumbre d'este ciume bastardo que o heroe da nossa historia sentiu, quando pela mente lhe passou a ideia de que

— E d'aquella roseira que eu plantei ao pé do teu jasmineiro! — interrompeu Thereza, deixando-se dominar pelo irresistivel poder das recordações. — Como cresceram unidos os dois arbustos... como se harmonisava bem a alvura dos jasmins com o vermelho avelludado das rosas!

— Quando o perfume das flores nos penetrava os sentidos, que enlevo, que suave embriaguez era a nossa! Parecia que novos horisontes se abriam diante do espirito, e que por elles podiamos ver as placidas alegrias do ceo.

— Nada perturbava então a singeleza das nossas almas, a pura e simples jovialidade de nossos corações. Meu pae vivia ainda...

— E nós julgavamos eterno o que tão pouco devia durar! — exclamou o capitão, animando-se cada vez mais. — Quem diria que, com o tempo, nos veriamos afastados um do outro: tu, orphan, eu perseguido como um malfeitor; quebrados todos os laços... Todos não! — exclamou — Todos não, porque ainda somos um para o outro o que eramos então.

— Irmãos! — acudiu Thereza. E as mãos dos dois encontraram-se; e quando ambos levantaram os olhos havia n'elles mais fogo, do que é natural em olhos que anima só a amizade fraterna.

N'esta situação ficaram alguns minutos em silencio. Porém, se as bocas calavam, os olhos fallavam uma linguagem terna e melancolica. N'aquelles corações, em que não existira nunca um mutuo amor ver-

Orestes (
essa amiz
degenera
— Ma
cobrindo
não pôde
porque o
não viria a
nos seus e
— Vin
Francisco (
nos doces p
garida m'as
— Marg
das tuas esp
Melhor a pro
— Duas
capitão — P
unir pela gra

ao senhor infante intercedesse por mim, e obtivesse da rainha o perdão de um crime que não commetti.

— E queres que eu vá lançar-me aos pés de sua alteza, contar-lhe tudo?

— Não. O padre Manuel Fernandes, o confessor jesuita de sua alteza, esteve aqui. Foi elle quem me recommendou que conservasse occulto o meu verdadeiro nome.

— O conde tambem disse, que o teu nome devia ficar ignorado de todos.

— E quando — proseguiu Francisco — pedi ao padre Fernandes, que alcançasse do infante e da rainha um perdão, não para o capitão Francisco d'Albuquerque senão para o misero arreeiro do Alemtejo, respondeu-me que não convinha ao bem da causa de D. Pedro, que é, diz elle, a causa da patria, que eu devesse a vida a outrem que não fosse o valído d'el-rei. Foi elle quem me mandou aqui frei Thomaz do Espirito Santo, para que eu te fizesse constar por via d'elle a minha situação perigosa, e o favor que de ti esperava.

— Jesus, meu Deus! Os jesuitas escondem em tudo taes mysterios, que o espirito perde-se querendo-os decifrar.

— O pensamento que dirige a companhia é muito grande, muito vasto, Thereza, para ser comprehendido por quem, como nós, vive cercado das miserias do mundo. Para ver longe é preciso subir ao cume das serras. Para ver a terra toda é preciso saber-se desprender d'ella.

— O padre Fernandes é confessor de Margarida. Porque não foi elle proprio dizer-lhe que estavas preso aqui, e que ao conde valído devia ella pedir por ti?

— Não sei. O padre Fernandes não quer que Margarida saiba que elle veio ao Limoeiro.

— E se o valído recusasse salvar-te?

— O jesuita jurou que me salvaria a vida; com uma condição, porém...

— Qual?

— Com a condição de que eu buscaria, pela oração incessante e fervorosa, alcançar a graça divina, e merecer que Jesus me considerasse digno de entrar na sua sociedade.

A conversação tomara pouco a pouco um caracter triste e severo. As doces recordações do passado desappareceram, para dar logar a pensamentos lugubres, a assustadoras apprehensões, a terrores, a presentimentos sinistros. Thereza contou então a Francisco d'Albuquerque o estado em que havia encontrado a Calcanhares; o abatimento, o desalento em que estava, e o desejo que ella manifestava de se recolher a um convento para ahi gastar na penitencia o resto da vida: e ao capitão não causou nem angustia nem estranheza, que fossem taes as ideias de Margarida. O seu espirito sympathisava com o espirito da sua amante. A dôr e a influencia, profundamente alterante, dos conselhos religiosos do padre Manuel Fernandes, haviam tirado a ambos a força de luctarem com as difficuldades da vida, e sobre tudo com as exigencias da propria con-

encia. De modo que, quando o capitão e a terna ›vinciana se enlaçaram nos braços um do outro, pa-se despedirem, lagrimas de desconsolada magoa cor-·am dos olhos de ambos.

— Cu
Não nasc
tua casa, |
ção da tu
nem as ap
talentos ou
no ceo ha n
Isto diz
dro de Sou
lhor.

ciedade é preciso passar, para salvar uma nação dos inimigos de fóra, e dos intrigantes de dentro. Acreditaram que era por ambição que eu lhes resistia, quando me queriam arrancar do lado d'el-rei. Enganaram-se; não conheceram, que só o meu amor por este reino e a gratidão a sua magestade me davam forças para supportar os amargores da minha situação. O que me custa agora é deixar meus filhos—porque os meus inimigos não descançarão sem que me vejam desterrado da patria—o que me peza é ver el-rei sem um conselheiro, e o reino ao desamparo.

—Animo, filho. A rainha prometteu-te a sua protecção...

—A rainha não me prometteu, impoz-me a sua protecção. Com o poder acabaram-se-me os amigos. Esses mesmos conselheiros, esses juizes, que ha dez dias apenas votaram por mim e contra o infante, agora voltam-me as costas; porque o poder está n'outra parte. E assim, abandonado por todos, que havia eu de fazer senão acceitar a protecção da rainha?

—Quando vi, que sua alteza insistia na sua queixa calumniosa...

—Atrozmente calumniosa!

—Tu nunca pensaste sequer em dar peçonha ao filho de D. João IV?

—Nem eu o pensei—respondeu o conde com dignidade—nem sua alteza o acreditou nunca. Eis aqui a prova do que lhe acabo de affirmar, frei Pedro.

E dando ao frade uma carta que estava sobre a me-

minha
çam ass
servirá
lhos de u
O bi
seu sobr
uma luz-
te — leu
« Log
« entrar n
« de obede
« tade foss
« vossa ma
« e honra d
— O in
lumnia, que
vado d'el-rei.
— « ....

— Mau principe, e maus conselheiros! Não é de christãos o que te fizeram, conde, é de jesuitas! E que te disse a rainha, quando te entregou esta carta?

— Assegurou-me que em pouco tempo me veria restituido ao meu logar de ministro, e que então brilhariam mais os resplendores do meu credito.

— Talvez sejam sinceras as palavras de sua magestade.

— Não são. Mas pouco importa: servem ao menos para minha justificação.

— Quando eu, vendo-te perdido de todo e já desanimado, fui ha tres dias com tua mãe lançar-me aos pés da rainha, e supplicar-lhe que se compadecesse de nós todos, e acceitasse o ser medianeira entre ti e sua alteza, ella mostrou-se enternecida; e até lhe vi correrem as lagrimas pela cara abaixo—disse o velho frade.

— Enternecimento de mulher! Chorou, mas nem esqueceu nem perdoou. Nem foram capazes de a mover á piedade sincera as minhas lagrimas, nem o sentimento de seu marido, que tão queixoso se tem mostrado pelo meu desterro.

— El-rei quer-te muito. É uma consolação para ti na desgraça.

— Affonso VI tem a alma da criança com as paixões do homem feito. Amor e odio, tudo n'elle é violento, mas sem consistencia. Quando hontem Ruy de Moura, um dos amigos na prosperidade, que me abandonou agora que me viu na desgraça! quando Ruy de Moura foi dizer-lhe que era indispensavel sahir eu da

côrte, el-rei tirou, cego de raiva, a adaga para o matar. E não bastaram para o socegar as palavras e as supplicas da rainha; foi preciso que eu proprio, de joelhos, lhe pedisse que me deixasse partir.

— São provas violentas, mas são provas de amizade as que el-rei te deu, conde — interrompeu frei Pedro.

— Quando lhe passou aquelle primeiro impeto da colera — acudiu o conde — el-rei, lançou-se nos braços da rainha, chorando, e clamando que « só n'ella agora ficava a sua unica consolação ». E hoje, sua magestade parece ter-se quasi de todo esquecido de mim. Era fragil, muito fragil — exclamou o ministro — a columna que sustentava o meu poder; fel-a cahir um sopro apenas da adversidade. Triste poder o que tem por base só a sympathia e a vontade de um.... de um rei, que é paralytico de um lado, e quasi louco do outro.

tem-lhe ensinado as praticas da devoção austera; mas as virtudes christans...

— Cuidado, conde, não te cegue o odio — interrompeu o frade.

— Não me cega o odio, porque o não tenho á rainha. Mas tive occasião de conhecer que ella nada esquece, e nada perdôa. Não só não perdoou ainda ao secretario d'estado Sousa de Macedo as severas verdades que lhe disse, mas nem o desgraçado arreeiro do Alemtejo esqueceu ainda.

— Francisco d'Albuquerque...

— Fallei-lhe n'elle agora mesmo, pedi-lhe que lhe salvasse a vida ao menos...

— E respondeu-te?

— Que Estevão de Castilho era o noivo da sua dama valída mademoiselle Ninon d'Amuraude, e que, sem esta perdoar, ella, a rainha, o não faria tambem. Demais, era preciso um exemplo de severidade, para ensinar o povo a respeitar os criados da casa real.

— Pobre Margarida!

— Para não faltar á promessa que fiz a Margarida, hei de ainda fallar a el-rei no desgraçado capitão, e supplicar-lhe que o não desampare.

— Vê se o salvas, conde. É bom que o teu governo acabe com um acto de justiça e de gratidão. Alcançando o perdão para Francisco d'Albuquerque, que está innocente, pagas á boa Margarida, tão calumniada e offendida, os sacrificios que ella tem feito a bem d'este reino.

— Esse anjo da guarda de Affonso VI, que tantas vezes pela brandura, pela meiguice o póde deter no momento em que elle ia ordenar uma injustiça ou authorisar um crime, Margarida vai agora tambem ser afastada do paço — disse o conde de Castello-Melhor.

— E vai talvez ficar exposta ás perseguições de Henrique Henriques, a quem só prendiam a amizade e o respeito que tem por ti.

— Henrique Henriques tambem não ficará muitos dias ao lado d'el-rei. Os partidarios do infante não consentirão no paço muito tempo um homem, que sabem me é tão affeiçoado.

— Mas antes de sahir do paço, se sahir, póde para se vingar...

— Não, não é capaz de fazer uma acção tão contraria aos meus desejos.

— Recommenda a el-rei a vida do pobre capitão. O processo já está terminado, e o infeliz condemnado á morte. Só sua magestade o póde salvar agora.

D'esta conversação, a que o fizemos assistir, já o leitor terá conhecido o estado de enfraquecimento, a que haviam chegado, pelas intrigas e cabalas politicas dos partidarios do infante e da rainha, Affonso VI e o seu privado. O triumpho do infante era completo. A resistencia armada do paço seguira-se uma serie de cartas, em que as palavras do rei se iam cada vez tornando mais brandas á medida que as do principe se tornavam mais imperiosas e severas. De dia para dia o valído ministro sentia mais e mais faltar-lhe o chão de-

baixo dos pés, e notava que as hostes dos seus partidarios se iam tornando mais raras. O juiz do povo e os seus vinte e quatro estavam por sua alteza; os fidalgos e os membros dos tribunaes tinham-se, pela maior parte, passado para o partido do mais forte; e, mesmo nos terços, que guardavam o paço, se havia manifestado o desejo de ver acabadas entre os dois reaes irmãos malquerenças, que podiam levar o reino a uma guerra civil: de modo que o conde de Castello-Melhor, que via além de tudo seu real amo pouco disposto a levar por diante a sua primeira resolução, de dobrar á sua a vontade de D. Pedro, resolveu ceder a um poder mais forte do que o seu, e entregou a sua causa nas mãos da rainha; fazendo-lhe promessas de titulos, prerogativas e dinheiro para ella e para seus parentes: promessas que a franceza fingiu attender, porque via n'aquelle negocio meio de se vingar do conde e de satisfazer a sua ambição e paixões.

Quando o triste dialogo de frei Pedro de Sousa e de seu sobrinho chegava ao ponto em que o deixamos ha pouco, um pagem veio da parte d'el-rei dizer ao conde, que sua magestade o estava esperando para d'elle se despedir. Castello-Melhor correu logo aos quartos de Affonso VI; não sem que um momento no coração se lhe accendesse a esperança de poder salvar ainda o seu poder da tormenta, em que estava a ponto de se perder para sempre. Esperança fragil, porém, que um instante de reflexão havia já desvanecido,

quando o desditoso privado chegou á presença de seu real senhor.

El-rei passeava com passos deseguaes e pesados na sua antecamara, quando o ministro entrou. O rosto inexpressivo do monarcha não deixava perceber se na sua mente havia algum pensamento triste, ou se a colera o agitava. Era uma mascara sem mobilidade, que poderia servir para materialmente representar a insignificancia; e poder-se-ia comparar á agoa crassa e immobil de um paul, que o rijo vento do norte póde apenas encrespar á superficie.

— Está decidido, conde, partes esta noite mesmo — disse elle ao seu valído, parando no meio da casa. — Já recebeste a carta de meu irmão? O Pedrinho não é tão mau como o querem fazer. Já lhe vai passando a furia; e d'aqui a oito dias estás tu de volta para o paço. Ah! ah! — proseguiu o rei, rindo — e a rainha, a *brixota*... que interesse tem mostrado por ti n'esta occasião! Eu não a entendo. Tanta colera, tanta colera, e agora tanta amizade.

— Devo muito á bondade da rainha, minha senhora — respondeu o conde de Castello-Melhor com ironia. — Se não fosse sua magestade interessar-se por mim, estava eu a esta hora n'uma torre, ou morto de garrote talvez.

— Foi bom que ella se interessasse por ti, isso é verdade. Meu irmão era capaz de se não contentar com menos do que isso.

— E a vontade do principe... — E o conde parou n'esta ultima palavra, que pronunciara lentamente.

— Do principe!... Tambem tu lhe dás esse titulo, a que elle não tem direito?

— O senhor infante deseja esse titulo, e vossa magestade não lh'o recusará de certo. Sua alteza não se contentará... com menos do que isso.

— É preciso que se façam côrtes, para o jurarem principe. E só quando...

— Quando sua alteza persuadir o juiz do povo, e os fidalgos, de que vossa magestade não póde ter outro herdeiro a não ser o senhor D. Pedro, é que ellas se hão de reunir. Mas isso já está quasi feito. Lisboa está toda persuadida, que, infelizmente, o casamento de vossa magestade... não dará fructo.

— Quem espalhou essa ideia no povo? — perguntou Affonso VI, com impeto.

— O tempo... e os criados de sua alteza.

— Pois não ha de ser o que elles pensam. Pedro nunca ha de ser principe em quanto eu viver.

— A vontade de Deus ha de cumprir-se.

— Já agora sahirás da côrte. Prometti-o á rainha, e ha de ser.

— Bem sei, real senhor, que hei de sahir de ao pé de vossa magestade. E venho, com as lagrimas nos olhos e a dôr no coração, receber as ordens de vossa magestade, e beijar-lhe a mão pela... ultima vez. — E o conde, levando aos olhos o lenço de cambraia branco e ajoelhando diante de Affonso VI, beijou-lhe a mão.

— Pela ultima vez! — bradou o rei — Isso não. D'aqui a oito... a tres dias has de estar de volta. Quero-te aqui ver, d'aqui a tres dias. Quem havia de governar, se tu te fosses para sempre?

— Cá ficam ao pé de vossa magestade a rainha, minha senhora, e o senhor infante. Um conselheiro e um ministro, que Deus esclarecerá com as suas luzes, mais do que se tem dignado até hoje fazel-o á minha humilde pessoa.

El-rei deu duas voltas pela sala calado, e depois, batendo violentamente com o punho sobre um bufete em que estavam frangões assados, fructas e doces, — porque sua magestade tinha sempre um appetite voraz e comia a todas as horas, — e enchendo a boca com uma pera doce, bradou:

— Não quero eu que te vás d'aqui.

— Senhor...

— Não quero. Não quero. Não quero.

— Mas para ir agora contra a vontade do senhor infante, é preciso empregar a força, a violencia...

— Empregue-se tudo. Mette meu irmão n'uma torre, se quizeres.

A esperança animou subitamente o rosto do ministro valído. Approximando-se de Affonso VI, que se sentara a comer, provavelmente para alimentar a sua raiva, e encostando-se-lhe ao espaldar da cadeira, o conde perguntou com uma voz, em que a duvida se misturava com a persuasão:

— Vossa magestade está resolvido a oppôr a força ás vontades de sua alteza?

El-rei continuou a comer, sem responder uma palavra á pergunta do seu ministro.

— A fidalguia e o povo — proseguiu este — estão em Lisboa mal dispostos contra mim. Mas não succede o mesmo na provincia. É no exercito que se deve ir buscar a força para castigar as imperiosas exigencias... de sua alteza não — o respeito que lhe devo, me obrigam a crer que más suggestões só o tem arrastado a oppôr-se á vontade de vossa magestade — mas sim dos seus conselheiros traidores.

Então o privado expoz ao seu rei um plano de resistencia, que consistia, em este se retirar ao Alemtejo, cercar-se das tropas que havia n'aquella provincia, a que depois se accrescentariam troços de gentes das outras provincias, e dictarem d'alli o ministro e o rei a sua vontade aos revoltosos de Lisboa.

D. Affonso VI, sem descontinuar de comer, ouvia o seu ministro; e quando este esperava ver seguidos os seus conselhos e mais exaltada a furia do principe, levantou-se este socegadamente, limpou os dedos cobertos de lusidia gordura aos bolços da casaca de velludo, e foi afagar o seu famoso lebreo inglez, que dormia n'um canto da sala sobre uma almofada.

— Valente, meu Valentinho, coitado. Ah! Estás aqui, preguiçoso! É preciso irmos a Alcantara uma tarde d'estas, meu velho. — Ligeiras pancadas na cabeça do cão acompanharam cada uma d'estas palavras.

esquecido, perguntou com voz mal se

— O que determina vossa mage
n'esta conjunctura?

Embaraçado com esta pergunta, A
se: e, depois de hesitar um instante,
mente:

— Nada.

— Á vista d'isso peço a vossa m
digne dar-me as suas ordens. Vai pa
eu, sendo da vontade de vossa mages
vido a partir immediatamente para ur
rabidos, que fica perto de Torres-Ved

— Pois vai-te, para voltares brev

— Será o que Deus quizer.

— Não quero que vás mal comigo
pegando na mão do seu ministro, cu
rasarem-se de lagrimas — Eu sou te
Mas bem vês que não póde ser, eu n
Lisboa.

— Vossa magestade

meu interesse do que a minha razão. O castigo, orém, não vem longe do crime. É o ultimo conselho que em minha vida tenho a honra de dar ao meu ei.

— Conde, conde — exclamou D. Affonso, cujos lhos tambem não estavam enxutos — se queres, iremos para o exercito do Alemtejo.

— Não, meu senhor. Seria a guerra civil; e Deus ibe se uma guerra civil não traria a ultima hora da berdade e da independencia d'este reino.

— Mas então....

— Partirei. Ir-me-hei para longe de vossa magesde, acabar a vida na solidão da minha casa, ou nos nargores do desterro. Não importa — proseguiu elle signado — faça-se a vontade divina. É tempo que abem as calumnias contra mim, e que comece a minha justificação. Accusam-me de ter tractos com Castella; de ter acclamado el-rei de Castella em Portugal; e ter querido dar peçonha a sua alteza; de ter rouado o thesouro publico: dia virá em que o mundo odo, e até os meus proprios inimigos darão testemuho da minha innocencia. Agora só supplico a vossa agestade, que escute as palavras da rainha, minha enhora, e chame aos seus conselhos o senhor infante; para fazer assim calar os perturbadores do socego ublico. É isto o que peço a vossa magestade como inistro: como homem tenho a pedir-lhe tres graas.

— Quaes são, conde?

deve j
amigo
A
era sol
te, qu
travag
doente,
mentos
mente f
— I
vor — d
— (
— E
— A
d'ella? A
— A
inquisiçã
dores, no
terrompen
— vive de

e dia fazer oração, e preparar-se para entrar dignamente no numero das servas do Senhor.

— A Calcanhares beata! — exclamou el-rei, rindo.

— Vossa magestade bem sabe, que D. Margarida foi sempre uma boa e virtuosa mulher — acudiu o ministro com gravidade.

— Sei... sei — respondeu D. Affonso, cujo riso a seriedade do ministro fez subitamente interromper.

— Consinta vossa magestade que D. Margarida cumpra os seus desejos.

— Está concedido — disse el-rei, pondo a mão no hombro do conde. — Se eu não estivesse certo de te ver aqui outra vez em breve, diria que estás fazendo testamento. Ah! ah!

— Para o governo d'este reino fico morto desde hoje. E, mal me virem morto, os meus inimigos terão cuidado de me deitar em cima uma loisa tão pesada, que eu a não possa levantar mais, nem mais sahir da sepultura.

— Ideias tristes...

— Que vossa magestade quer esquecer — acudiu o conde com abatimento. — E faz bem vossa magestade.

— Que tens mais a pedir-me?

— Uma terceira graça, senhor, tenho a pedir a vossa magestade. E esta espero eu que m'a conceda, como teve a bondade de conceder as outras.

— Qual é?

— A vida de um homem, que eu creio estar innocente, mas que as apparencias condemnam.

— Qual é?

— Um pobre arreeiro...

— Que a rainha deseja ver enforcado, porque lhe matou o Castilho?

— Esse mesmo, senhor.

— Que te importa a vida d'esse arreeiro?

— Talvez esteja innocente do crime de que o acusam, e então...

— Em elle morrendo, mandar-lhe-hei dizer cem missas por alma.

— É melhor que vossa magestade lhe salve a vida.

— Isso te não faço eu. Ir-me, por causa de um almocreve, pôr mal com a rainha, e com o infante!... Isso não te faço. É dar-lhes pretextos para moverem guerra a ti, e ao secretario de estado.

— Meu real senhor, por quem é... — disse o conde, juntando as mãos supplicante.

— Não, meu conde, é uma loucura. Estás de uns escrupulos que me assustam. Começo a crer que vaes morrer de véras.

— Vossa magestade não quer fazer-me a graça que lhe peço?

— Não insistas mais, para me não obrigares a recusar-te tudo — respondeu o rei, em quem a colera, que a contrariedade lhe causava sempre, começava já a manifestar-se.

O conde reconheceu a inutilidade de insistir mais tempo na sua supplica.

— Faça-se a vontade de vossa magestade — disse le.

Estavam já calados havia minutos o rei e o minis-o, quando o relogio do paço bateu lentamente onze ɔras n'um sino, a que o silencio da noite, e o estado ɔ espirito dos dois illustres personagens que o escuta-ɪm, dava uma voz lugubre e fatidica.

Affonso VI contou em alta voz as ultimas pancadas ɔ relogio.

— Nove... dez... onze...

— Senhor—disse o conde—que ordens tem vossa ɪagestade a dar-me?

— Para quê?

— São onze horas.

— E então...

— Esta noite devo sahir da côrte, como vossa ma-estade sabe. Assim o prometti á rainha, minha se-ɪhora.

— Vaes-te, conde? Pois não te esqueças das mi-ɪhas ordens. D'aqui a oito dias quero-te aqui.

— Voltarei quando vossa magestade me mandar ɔrdem para isso. Agora peço licença a vossa magestade ɔara lhe beijar a mão.

— Não. Quero que me abraces como a um amigo, ɪue sou — disse o rei estendendo-lhe os braços.

O conde abraçou seu real amo. Quando se separa-ɪam um do outro, o rei e o ministro estavam com os ɔlhos arrasados de lagrimas. Por quem chorava o con-

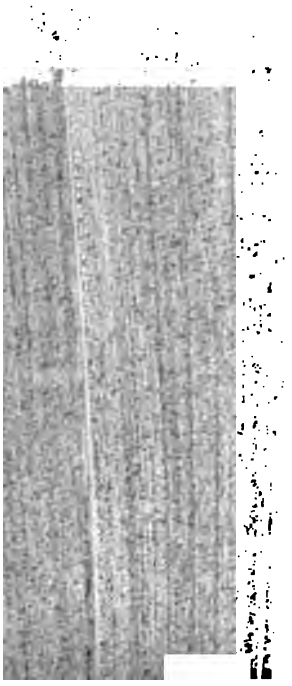
de de Castello-Melhor? Pelo rei, ou pelo poder
deixar para sempre?

Ás duas horas d'essa mesma noite o ministro
fonso VI partiu para o seu longo desterro, acom
do apenas por vinte soldados da cavallaria da co

CAPITULO LV.

QUEM O SALVARÁ?

Thereza estava meio deitada sobre o estrado, e, com a cabeça escondida nas almofadas de velludo branco, soltava a cada instante do intimo peito gemidos e soluços que cortavam o coração. Margarida, de joelhos, mãos postas, e os olhos afogados em lagrimas levantados para o formoso crucifixo que pendia da parede, murmurava lenta e tristemente uma ladainha, a que respondia com voz soturna frei Thomaz do Espirito Santo. Este, de joelhos tambem e com a cabeça coberta pelo capuz, infundia pavor com seu aspecto sinistro. Só uma lampada de alabastro allumiava tenuemente o camarim da desditosa Calcanhares; e os seus reflexos avermelhados batendo no brocado e no velludo, e os



pungia n alma;
pulsão externa
habito de longo
e abalar-lhe as
natural insensil
A voz soluçant
grito de dôr, ti
sentimentos ma

— Ámanhai
com mão despie
morre!... justiç

Margarida a
sobresalto, e fo
estrado, ao pé
como uma irmai

— Ámanhan
esperança nos re

— As espera
disse a Calcanha
mentos da alma

. Um demonio — Deus me perdoe, e lhe perdoe a ! — um demonio resolveu a nossa perdição; e não resistir-lhe. Francisco morrerá... e eu morrerei ı elle.

— Não poude fallar a el-rei, Margarida? Nem é sivel fallar-lhe ainda antes do momento terrivel? perguntou Thereza.

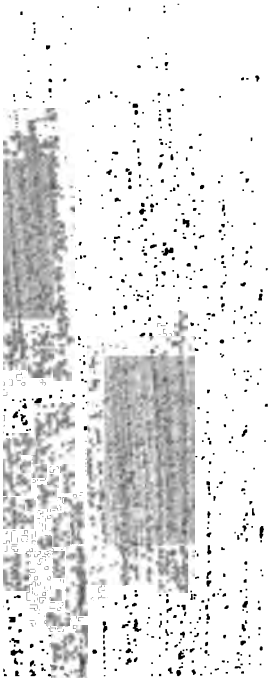
— Não. Quando frei Thomaz nos trouxe esta tarde ɜrrivel noticia, de que ámanhan... o nosso desditoso igo iria — innocente, meu Deus! — iria a... mor-, corri logo ao paço.

— E lá...

— Tudo está mudado no paço desde que o conde 'oi. Quem governa alli agora ostensivamente são os tidarios de D. Pedro; e no animo d'el-rei, por desça nossa, governa secretamente esse homem sem ıa, a quem eu devo esta vida de martyrio que tenho lecido. Henrique Henriques é quem aconselha, quem 'erna el-rei... E sabe tudo.

— Pois esse homem...

— Encontrei-o n'um dos corredores do paço. Esa-me esperando alli para me fazer uma proposta inıe. — «Sei tudo, me disse elle. A vida d'esse capique ama tanto, Margarida, está na minha mão; e ıra não virá, como da outra vez, o Castello-Melhor 'a o salvar. El-rei não lhe perdoa; porque quer ste modo captivar a benevolencia da rainha para o retario de estado: e só eu posso ainda salvar Franco d'Albuquerque.»



pricho de uma
buscar em Hesp
chegar o odio vi
nos faça esquec
idiotas. »

— E não ca
respondeu, Mar
mado?

— Fui escr
esta, soltando
egoismo... Ai!
dres... eu, pobr
ignominia? Sac
querque por um
onde hei de agor

— Na pureza
ama-a, ama-a m
custosa do que l
mentos sem fim,
ciume — disse Tl

ıe iam os ultimos alentos da vida. — A Virgem Senhora nossa escute as minhas supplicas, e me inspire; orque a minha debil razão, a minha consciencia fraca ão bastam para me guiar. Se o sacrificio d'esta vida udesse salvar-lhe a d'elle, com que alegria eu exhala-a o ultimo suspiro! Mas deshonrar este amor que as grimas e a oração tem purificado, que d'elle me veio só para elle quero, este amor que é o meu thesouro a minha gloria, isso não posso, não sinto em mim lma para o fazer. Thereza, de que desgraças tenho do causa involuntaria... e como me deve mal-quer!

— Não, minha querida Margarida! — exclamou 'hereza, dando-lhe um beijo — Tenho dó de a ver paecer. Dóe-me o coração quando me lembro de que manhan... Ai! Parece incrivel. Isto é um sonho ıau! Repita-nos, frei Thomaz, o que lhe disse Franisco?

O taciturno frade, obrigado a fallar por esta perunta de Thereza, a quem elle consagrava uma amiade a seu modo, isto é, humilde e submissa como a o rafeiro, mas muda e sem expansibilidade, approxiıou-se do estrado, e depois de um esforço para vencer sua repugnancia a quebrar o silencio, respondeu apeas:

— Que morrerá ámanhan.

— E mais nada, frei Thomaz? Por Deos, respona. Falle!

— « O meu ultimo pensamento, disse, em coisas

d'este mundo, será para dois anjos que me ensinaram a conhecer a bondade divina. »

— Pobre Francisco! — exclamou a lacrimosa donzella.

— E quando lhe recommendou que nos viesse contar essa terrivel nova — acudiu a Calcanhares — não lhe disse se ainda lhe restava alguma esperança?

— Sss! — respondeu o frade, abanando a cabeça tristemente.

— Nenhuma?

— Em Deus, a quem elle pertence.

— Como?

— Fez o voto na companhia de Jesus.

A isto seguiu-se um instante de silencio.

— Quer ver-nos ainda antes de morrer, o meu rico irmão! — exclamou por fim a desolada Thereza — Sente-se com forças, Margarida, para assistir a essa horrivel agonia?

— Não sei; talvez morra com elle — respondeu Margarida. — Mas vou. Hei de ir: havemos de ir ambas, não é assim? havemos de ir vêl-o subir aquella fa-

Por fim, arrastadas por essa invisivel necessidade de fallar no assumpto das proprias magoas, que é ao mesmo tempo martyrio e consolação dos que teem a alma profundamente dilacerada pela dôr, as duas mulheres proseguiram as suas amargas lamentações.

— Vêl-o morrer assim, sem o poder salvar, sem uma esperança sequer! — murmurou Thereza.

— A consciencia — acudiu a Calcanhares — diz-me que eu devo recusar a horrenda, a vil proposta de Henrique Henriques: mas o desejo de o salvar... o terror que me causa a ideia de o ver expirante...

— Não... não sei. É um sacrificio superior ás suas forças, Margarida. E de mais, inutil talvez; talvez... condemnavel.

— Condemnavel, inutil talvez! Embora! — exclamou a amante de Francisco d'Albuquerque — Consumme-se o sacrificio, e Deus decidirá do futuro.

Levantando-se então do estrado em que estava sentada, e com um d'esses gestos de sublime resignação, que são nos martyres a manifestação do triumpho do espirito sobre as fraquezas e os abatimentos da debil natureza, Margarida traçou n'um papel rapidamente e com mão segura algumas linhas, que eram a sua propria condemnação á morte; mais ainda, que eram, julgava ella, um ignobil sacrilegio contra o seu amor, e a perdição da sua alma para todo o sempre.

— Pelo amor de Deus, frei Thomaz — disse então ao graciano, entregando-lhe a carta que escrevera — por Deus, peço-lhe que vá sem demora, já, ao paço, e

entregue esta a Henrique Henriques de Miranda. Diga-lhe... — aqui a voz sumiu-se-lhe quasi de todo ao murmurar — diga-lhe que fico aguardando o cumprimento da promessa que elle me fez.

As ultimas syllabas d'esta phrase, que tinha uma dolorosa, uma horrivel significação para a atribulada Margarida, foram já apenas perceptiveis; e, ao acabal-as, cahiu a desventurada sem sentidos nos braços de Thereza.

Meia hora depois, quando o frade voltou, a Calcanhares já havia recobrado os sentidos. A dôr tinha-lhe, porém, tirado a força de fallar; e Thereza, respeitando aquelle abatimento sublime, não ousava tambem soltar uma palavra. Abraçadas uma com a outra, unidas as frontes pallidas, misturados os cabellos, confundidas as lagrimas, as duas mulheres conservaram-se, em quanto estiveram sós, immoveis, caladas; não ousando quasi respirar, nem sequer volver os olhos, como receando perturbar aquelle funebre, aquelle pesado silencio que as envolvia. Parecia-lhes, ás desgraçadas, que uma palavra, um gesto evocaria talvez das sombras

désse conta do resultado da sua missão. Esperaram em vão, porque frei Thomaz, fixando n'ellas os olhos amortecidos, ficou boquiaberto e immobil, n'aquella inacção da palavra que era um dos seus mais notaveis caracteristicos.

— Então!? — murmurou por fim Margarida em voz baixa, como se desejasse não ser ouvida.

— Nada — respondeu laconicamente frei Thomaz.

— Que me diz! Henrique Henriques já não quer... salvar a vida de Francisco d'Albuquerque?

— Sss! — sibilou o frade, encolhendo os hombros.

— Não quer? Responda.

— Não póde.

— Porque? É tarde já?

— Morre.

— Morre! Francisco morre! Não ha esperança, meio nenhum de o salvar?

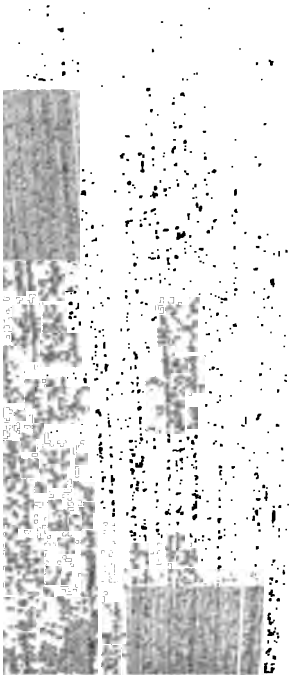
— Henrique Henriques morre.

— Mataram-o? — exclamou Margarida quasi com um grito de alegria.

— É Deus quem o mata. Está quasi morto.

— Não lhe entregou a minha carta, não lhe fallou?

Frei Thomaz respondeu a esta pergunta entregando a Margarida a carta que esta havia escripto para Henrique Henriques. Recebendo aquelle papel em que pensava haver traçado o ultimo adeus ao seu amor e á pureza da consciencia, a exaltada amante d'Albuquerque rasgou-o com um movimento de frenetica, de incomprehensivel alegria, em mil pedaços. N'esse momento



do estrado, a in

— Quem o

— Eu... —

Este monos
Thereza e Mar
mente de pé.

— Vossa re

— Como o p

— Como o l
reza.

— Talvez —
phrase de duas p
minuto.

Uma lembrar
tante o espirito,
E, como receand
se esvaecesse, frei
cução. Sem escut
plicas de Margari

— Onde irá elle? — exclamou Margarida.

— Como póde o pobre frei Thomaz salvar o nosso querido Francisco! — disse Thereza.

— Uma illusão, uma illusão do bom frade! Que mais póde ser?

— Bons desejos, coitado!

— E nós havemos de o deixar assim morrer?

— Que lhe havemos... que se lhe ha de fazer agora? O seu sublime sacrificio, Margarida, foi inutil. Deus não quiz; e os juizos de Deus são superiores á nossa razão.

— Tenho uma... uma esperança não, um presentimento illusorio, enganador talvez, de que Francisco não morrerá ámanhan...

— Ai! eu não ouso, não tenho nem força para ter um presentimento! — exclamava Thereza, chorando.

— Ainda tenho esperança no padre Manuel Fernandes. Francisco, como nol-o disse ha pouco frei Thomaz, fez voto na companhia de Jesus. E os padres jesuitas talvez o salvem ainda.

Um clarão de esperança passou tambem então no casto e suave rosto de Thereza.

— Talvez! — disse ella lançando os braços ao collo de Margarida — Talvez! O padre Fernandes prometteu salval-o se elle entrasse na companhia.

— Quando?

Thereza contou então á sua amiga o que o capitão lhe dissera no Limoeiro, das suas relações com o confessor do infante, das recommendações e das promes-

sas d'este, e emfim confessou-lhe as causas que a haviam levado a occultar-lhe até aquella occasião tão interessante segredo; uma das quaes era a falta de confiança que ella tinha de que taes promessas se cumprissem.

— Ámanhan — disse a Calcanhares — logo que amanheça, irei a S. Roque fallar com o padre Fernandes. Tudo isso me espanta, tudo isso me parece extraordinario. Uma tal promessa, um segredo tão recommendado...

— São coisas de jesuitas. Bem sabe, Margarida, que ha sempre em tudo que elles fazem razões occultas, mysterios impenetraveis...

— Saberei tudo ámanhan...

— O padre Fernandes não lhe explicará nada.

— Talvez o salve, e é quanto eu desejo — acudiu a Calcanhares. — Rezemos, Thereza. Vamos pedir a Nossa Senhora um milagre.

E as duas, pondo-se de joelhos, começaram com fervorosa fé uma ladainha á Virgem Mãe de Deus.

CAPITULO LVI.

SÓ UM MILAGRE O PÓDE SALVAR.

O taciturno e tranquillo frei Thomaz do Espirito Santo, aguilhoado pela ideia que excitações repetidas e a imminencia d'uma catastrophe assustadora lhe haviam feito espontaneamente nascer no cerebro esteril, não andou, correu pelas ruas escuras e desertas que da Ribeira levavam ao largo da Sé: e, esquecendo todos os seus habitos, até deixou sahir da boca preguiçosa duas exclamações tão involuntariamente, que, ao ouvil-as, uma horripilação de susto lhe escorregou fria ao longo da espinha dorsal, como se ouvira uma alma do outro mundo, nas suas divagações nocturnas por este valle de lagrimas, perturbar com os seus gemidos o silencio da noite. No largo da Sé, porém, esperava-o uma surpreza muito superior áquellas que lhe haviam causado as suas proprias exclamações.

maz sentiu falt
dos olhos, apag
res a ideia lumi
dido para diante
tos, a boca sem
voltada para tra
obediente e cur
tava o pasmo, s
deza ao incendi
tudo de ser mo
nosso nada heroi

Desembocan
o leitor sabe, e
doze ou quatorze
brancos, as caras
negros em que ha
olhos, cingidos p
pelo chão, brandi
uma luz convulsa
tos gritos de dA-

das, que vinham pedir aos homens soccorro para poderem entrar no ceo? Era uma procissão de penitencia, como havia tantas n'aquelles tempos de superstição, em que christãos pensavam que, para remir toda a especie de peccado, bastava queimar judeus, e rasgar as carnes com as cordas da disciplina? Era uma quadrilha de salteadores, que se encobriam com aquelles habitos medonhos, para mais a seu salvo commetterem assassinios e sacrilegios talvez? Frei Thomaz pensou em tudo isso; teve vontade de fugir, mas um poder, uma força mysteriosa lhe chumbara os pés ao chão. Subitamente, porém, quando já o ultimo dos encapuzados se ia a sumir, o bom frade, impellido talvez pela mesma mão occulta que o detivera na sua rapida carreira, girou sobre os calcanhares, transformou a physionomia espantada n'uma physionomia em que havia uns longes de sorriso jovial, e poz-se a seguir a fantastica procissão, que caminhava, sempre com o mesmo vagar e soltando os mesmos lugubres clamores, ao longo da rua Nova. Os temerosos emboçados tomaram pela rua dos Escudeiros, seguiram pela praça do Rocio, que atravessaram na sua maior extensão, e foram depois direitos á calçada da Gloria, onde pararam diante de uma casa alta e de boa apparencia, que ficava proximo a um jardim do conde de Castello-Melhor, sem que frei Thomaz os perdesse um momento de vista; já demorando o passo e deixando-se ficar a bastante distancia para o não verem, já approximando-se d'elles quanto lhe era possivel, para escutar as poucas pala-

mas brancos poz
os seus lamentos
o chefe, bateu r
tantes depois ab
de susto pergunt

— Quem est

— Somos nó
á porta. E todc
mido.

— Que quer
tremula que da p

— Somos nó
aqui por mandadc
des, que te encor
os maus nas suas
çarás a salvação c
este mandado divi
rás, e irás para o i
mysteriosos fantasi
e todos os compan

rocissão dos farricocos voltou outra vez na direcção o Rocio. O chefe d'elles ficou alguns passos para traz, fim de observar o effeito produzido pelos seus avisos o outro mundo a Luiz Mendes; e como visse que a ja-ella se havia fechado e tudo entrado na quietação, ôz-se a correr para se ir juntar ás outras almas do urgatorio. Mas quando ia a voltar á esquina da rua, entiu-se vigorosamente agarrado. Era o nosso frei 'homaz do Espirito Santo quem o detinha, seguran-o-o pelo capuz.

— Apanhei — disse o frade.

— Quem é... que quer? — bradou a alma do pur-atorio, levantando o archote, com furia, sobre a ca-eça do seu audaz adversario.

— Sss! — sibilou o frade com authoridade.

— Frei Thomaz! Que vem fazer aqui, frei Thomaz?

— Aniceto Muleta, quero...

— O que quer? Ámanhan me dirá o que deseja; gora deixe-me — acudiu o capitão Aniceto Muleta. — Deixe-me, que ando no serviço de sua alteza.

— Sss! — fez o frade, sem largar o capitão.

— Deixe-me, senão...

— O perdão?

— Que perdão? Perdão de que? Eu não tenho que he perdoar — respondeu o senhor Aniceto, com muito spanto na voz, e escondendo por detraz do panno negro ue lhe cobria a cara um sorriso mais velhaco e feio ue o de um macaco, quando acaba de commetter um urto e se sente em segurança no tôpo de um coqueiro.

— O perdão d'el-rei.

— El-rei não precisa que eu lhe perdôe. Basta que lhe perdôe Deus os seus peccados! — exclamou o miliciano; abusando do laconismo do seu amigo frade, e fazendo-se desentendido.

— O perdão em branco que el-rei te deu, quando lhe foste dizer, que queriam matar o Castello-Melhor — disse com impaciencia o graciano.

Havia dez annos que frei Thomaz não dizia tanta palavra vehemente de uma vez; e o bom do frade ficou sem fôlego, como se houvesse subido a correr a escada da torre do seu convento.

— O perdão, que el-rei me deu em paga do serviço que fiz ao conde valído, não o trago aqui; e, depois, ainda que o trouxesse não lh'o dava, frei Thomaz. É a minha vida talvez, frei Thomaz. E a vida não se dá a ninguem.

— Preciso — acudiu laconica, mas imperiosamente o frade, que, mais forte que o senhor Aniceto, tinha este sempre vigorosamente seguro.

— Deixe-me ir, que os outros vão-se afastando. Já lá vão longe. Sem mim não são capazes de fazer nada em favor da santa causa.

— Quero o perdão.

— Quanto dá por elle?

— Cem missas.

— Não preciso. A minha alma está por conta dos santos padres da companhia de Jesus.

— Dez cruzados.

— É pouco.

— Trinta.

— É pouco.

— Cem.

— É pouco.

— Vou contar a sua alteza...

— O quê? — perguntou o capitão Aniceto, sobresaltado.

— Espião! — clamou o graciano, com um gesto de terrivel ameaça.

O leitor talvez se recorde ainda, que o capitão Aniceto Muleta escutara um dia, escondido atraz de um reposteiro, os segredos do infante D. Pedro, e que depois os fôra contar a el-rei; recebendo em premio d'este serviço, assignado pelo punho real, o perdão para um criminoso, sem designação de pessoa a quem esse perdão pudesse ser destinado. Esta palavra, pois, do taciturno frei Thomaz produziu, como era de esperar, uma atroz angustia na alma pouco robustamente temperada do salteador do Alemtejo.

— Cale-se, meu querido frei Thomaz! — exclamou elle pondo a mão na boca do frade.

— Sss! — fez este, repellindo a mão do capitão de milicias, com indignação.

— Eu lhe dou o perdão. Levo-lh'o logo ao convento.

— Já.

— Agora não póde ser. Não o tenho aqui. E de mais, tenho ue ir ainda a tres casas com as almas

do purgatorio, para assustar os inimigos de sua alteza.

— Já — repetiu frei Thomaz.

— Levo-lh'o ao convento. Fie-se no seu amigo Aniceto Muleta, frei Thomaz. E se eu faltar a esta promessa, vá então accusar-me ao senhor infante de traidor, de... espião.

— Vou — pronunciou o graciano, largando o capuz do senhor Aniceto.

— Fique certo, que lá lhe levo ao convento o perdão d'el-rei — disse este, sacudindo-se e movendo-se como um homem que se sente livre de uma prisão incommoda. — Não esqueçam os cem cruzados, frei Thomaz.

E quando viu o frade afastar-se, tomando o caminho do seu convento, rosnou entre dentes:

— Veremos o que diz a tudo isto o nosso padre Manuel Fernandes: e seguiremos os seus preceitos á risca.

No dia immediato á noite em que teve logar a historica scena das almas do purgatorio, que acabamos de narrar — scena que depois se repetiu muitas noites, ás vezes acompanhada de violencias, pondo em susto, e enchendo de pavor a gente pacifica de Lisboa, — no dia immediato, como iamos dizendo, mal a manhan começava a romper, colorindo de purpura e de reflexos de oiro o ar diaphano por cima dos montes d'além do Tejo, já o padre de Villes e o padre Manuel Fernandes passeavam vagarosamente na sala da livraria do collegio de Santo Antão.

— Então que tem vossa paternidade a contar-me de novo? — perguntou o jesuita francez.

Um sorriso, que exprimia a satisfação e o orgulho, passou levemente pelos beiços finos do padre Fernandes.

— Muitas, muitas coisas de novo tenho que lhe contar, padre de Villes — disse o confessor do infante. — Está tudo, com a ajuda de Deus, em excellente caminho; e o triumpho da boa causa, triumpho de que hão de vir tantos bens á companhia de Jesus, isto é, á religião, já não está longe. É um sacrificio necessario, um acto violento, mas indispensavel. A corôa não póde ficar por mais tempo sobre a debil cabeça de Affonso VI. Interesses do reino e da fé exigem que se lhe tire um poder, de que elle sabe só abusar.

— De certo, padre Fernandes. É esse um ponto em que todos estamos de accôrdo. Mas o que ha feito, para se conseguir esse tão desejado fim? Tiramos o Castello-Melhor do lado d'el-rei; mas os seus parciaes são ainda quem dirigem as acções de sua magestade; e o secretario d'estado, o Sousa de Macedo, que é homem de merecimento, ainda está em Lisboa, apesar das razões de queixa que a rainha tem d'elle.

— O Castello-Melhor está longe da côrte. Henrique Henriques está gravemente enfermo; castigou-o Deus dos seus peccados por este modo: dizem que não morrerá d'esta, mas, se escapar, foge de certo de Lisboa. El-rei, que até hontem recusara receber o senhor infante, recebel-o-ha esta manhan, e mandará retirar

povo faria uma
cessos do que
causa dos hesp
não recebesse a
tropa do Terrei
queza do partid
— E o secr
— Esse, se
buscar ao paço.
gola; como a ra
negocio está a d
vejamos D. Pedr
— E a rainl
de Villes, olhand
— De certo,
ponder. — O pap
faça este casamer
gestade com o sei
que os seus innoc
Os dois jesuit

— Hoje deve ser um grande dia para a companhia — disse por fim o padre Fernandes. — A entrada de sua alteza no paço ha de ser marcada por um milagre aos olhos do povo.

— Que milagre!

— Vossa paternidade sabe que é hoje o dia em que esse arreeiro do Alemtejo, que se diz ter morto o criado da rainha, ha de ser levado ao supplicio?

— Sei.

— Pois esse homem, coitado! que não é um arreeiro, mas sim um capitão de infanteria... o mesmo que foi mal ferido uma noite na rua, e que depois, ainda gravemente enfermo, desappareceu do palacio do senhor infante...

— Que me diz, padre Fernandes? Pois esse homem, esse capitão... é o que foi acompanhando Luiz de Mendonça, quando partiu para França com as cartas da rainha?

— Esse mesmo capitão. O arreeiro que a justiça condemnou como assassino de Estevão de Castilho vai hoje ao supplicio, e vai innocente.

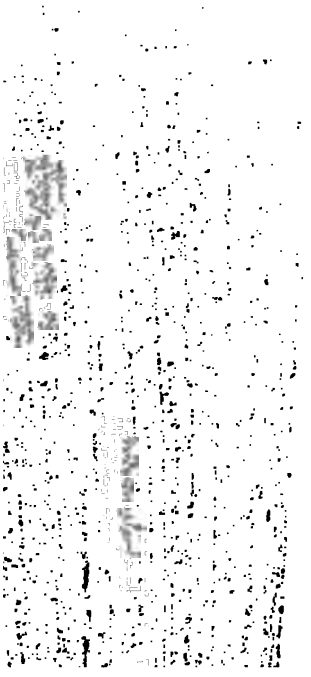
— E então?

— Está innocente, e é nosso irmão. Fez hontem os primeiros votos na companhia de Jesus. Ha de ser salvo por um milagre.

— Como?

— Luiz de Mendonça chegou esta noite a Aldeia-Gallega, com a resposta d'el-rei de França.

— E onde está a carta do grande Luiz XIV? — per-



accrescentou: —
Eu sei o que a
d'ella, que me
Luiz XIV prom
fante; e põe á d
dra forte, que, e
— Boas nov
Villes, apertand
nheiro. — Vamos
— Eu, como
querque está inno
a companhia. Te
se desgostoso do
de ser um excelle
gosas do sertão.
fé viva, de abnega
sem descontinuare
aos peccadores e a
que se ganham alm
dito da sociedade

— Oh! O milagre... Eu tinha tenção de o arrancar á justiça, facilitando-lhe a evasão do Limoeiro: mas Deus, que vê melhor do que nós fracos mortaes, deciiu que as coisas se passassem de outro modo. A proosito; vossa paternidade sabe que o povo vai hoje ao Terreiro do Paço dar vivas a suas magestades e ao senhor infante, e que ao mesmo tempo aproveitará a ocasião para pedir que se convoquem as côrtes?

— Não sei. Mas o milagre?

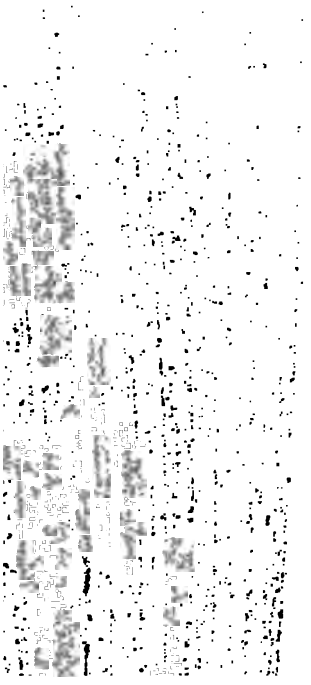
— Se se fizerem côrtes está tudo acabado, e sem violencias — disse o padre Fernandes. — As côrtes acclamam principe o senhor D. Pedro, entregam-lhe a regencia, e o resto faz-se por si.

— Tem-me excitado a curiosidade, padre Fernandes, com o milagre que ha de salvar o nosso irmão Francisco d'Albuquerque; e não m'o quer dizer.

— Não, padre de Villes; não quero fazer um segredo dos beneficios que Deus faz á companhia. Quando o infeliz, condemnado por um crime que não commetteu, chegar ao Terreiro do Paço, ás nove horas, para ser suppliciado, estará a praça cheia do povo que vai para ver entrar sua alteza no paço, e para pedir côrtes, então...

N'este momento um servente entrou na sala da livraria, e depois de se curvar humildemente diante dos seus superiores, disse ao padre Fernandes:

— Está alli o capitão Aniceto Muleta, que diz ter precisão de fallar a vossa paternidade sem demora, para negocio de grande interesse.



sultado do seu
da cidade, e
frei Thomaz d
escutar com
disse ao milici
— Vá vos
var a frei Tho
é o perdão, s
faça o que aca
— Não m
perguntou o in
— Nada n
e trate de se ar
— Eu entr
ternidade — di
pungido. — Di
cissão das alma
— Sáe — re
nando com um
Sua paterni

A Calcanhares e Thereza vinham, não conduzidas pela esperança, mas como arrastadas pelo desejo de luctar ainda contra a fatalidade que reputavam inexoravel, e de dar assim mais um momento de allivio ás suas almas opprimidas pelo terror, vinham pedir ao padre Fernandes que salvasse das mãos do carrasco o desditoso Francisco d'Albuquerque.

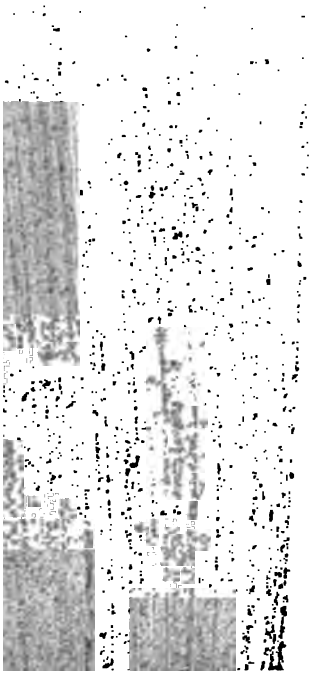
— É de joelhos, padre Manuel Fernandes — disse por fim Margarida, prostrando-se no chão — é de joelhos que lhe peço a vida d'este desgraçado. Salve-o, salve-o, que está innocente. As suas mãos estão puras de sangue.

— Levante-se, Margarida. Só diante de Deus é que se pede de joelhos — acudiu o jesuita com bondade, e fazendo esforços para a tirar d'aquella posição humilde.

— Pois é a Deus que eu peço, com a alma rasgada pela dôr, a vida de Francisco. Eu só desejo que vossa paternidade junte as suas ás minhas orações; e que peça á rainha que perdôe, um crime não, porque o crime se não commetteu... que salve de uma morte ignominiosa um pobre innocente.

— Farei o que me pede, Margarida.

— Eu tambem uno as minhas supplicas ás de Margarida — interrompeu Thereza. — Sei que Francisco d'Albuquerque, que meu irmão não commetteu o crime de que o accusam... e vossa paternidade sabe-o tambem, porque, por recommendação sua, entrou Francisco na companhia.



consolação de
Ignacio.

— Morrer
cente? — excl
dôr. — A con
tanto dominio
do supplicio u
alcançar da ra
caso?

— A vonta
vida dos filhos
Deus quem dev
para elles, se o
triumpho.

— Mas agor

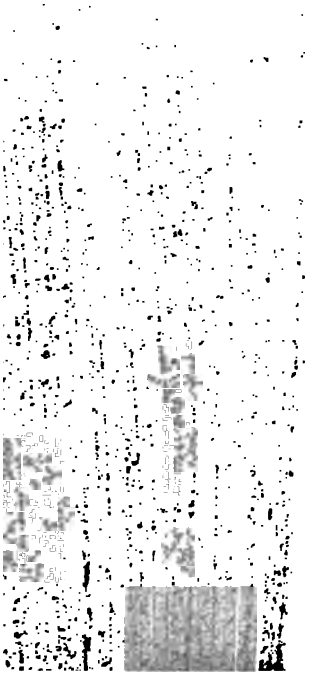
— Não se m
rior á sua razão
Pense antes na
n'essas suas supp
ha muita munda

tações lhe acordaram n'aquelle momento todos os escrupulos de que o seu espirito padecia, e que a angustia lhe fizera esquecer. Teve pejo de se ver alli de joelhos aos pés do seu confessor, não a pedir a absolvição de peccados que lhe pareciam tremendos, mas a pedir a vida de um amante. Este sentimento, porém, depressa passou; porque a dôr que lhe dilacerava o coração era por extremo viva para que pudesse ser esquecida, e porque a pureza da consciencia e o sentimento da propria dignidade lhe disseram, que eram mal cabidas e injustas as severidades do padre jesuita.

— Nossa Senhora sabe, padre Manuel Fernandes, se é um pensamento peccaminoso que me trouxe agora aqui! — exclamou a Calcanhares no fim d'um minuto de silencio. — Não é, não. Desejo salvar a vida de Francisco d'Albuquerque, porque lhe quero como a um irmão muito amado. O amor passou. Agora a minha vida é toda para a oração, para servir a Deos; mas um sentimento como este meu não póde Deus condemnal-o. Ai! N'este momento — é o ceo que assim o quer, para me dar lenitivo a esta grande dôr! — n'este momento sinto-me purificada de todo o peccado, sinto-me digna de entrar no numero das servas do Senhor.

— Que está dizendo, Margarida? — acudiu o padre Fernandes — Isso é orgulho, orgulho e peccado. Quem se póde julgar digno de servir a Deus? Que sentimento humano existe a que o peccado se não misture, em que se não esconda o crime?

— Mas o arrependimento lava os erros do passado,



pedir por elle
seus pés; e s
menos a consc
sivel para o sa
— É tarde
jesuita. — D'a
buquerque sal
sua alteza ao
modo que só p
já não fosse ten
— Faremos
sua alteza cheg
— Inutil, é
protecção, na n
o padre com firr
tes. Haverá um
um milagre par
tigo que não me
tarem para impe
— Então

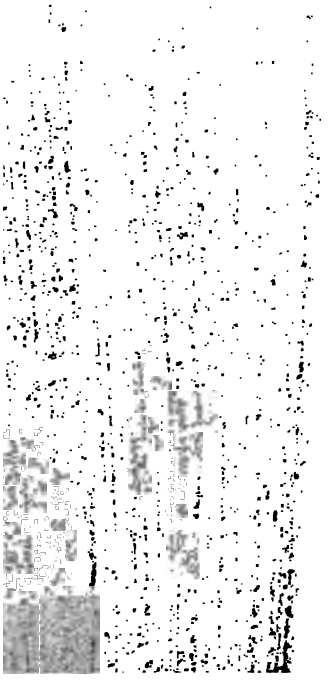
— Lembre-se que prometteu salval-o, se elle proferisse os primeiros votos na sociedade de Jesus — accrescentou Thereza.

— Lembro-me de tudo, e hei de fazer tudo que a minha consciencia me dictar — acudiu o jesuita. — Não são as promessas que me obrigam; senão o desejo de salvar da ignominia um irmão innocente. Vão, vão ambas pedir, humildes e com sincera fé, ao Senhor, que tudo manda e tudo póde, que se compadeça do infeliz Albuquerque. O remedio só do ceo póde vir: e é ao ceo que devem elevar as suas supplicas. A egreja já está aberta; vão para lá esperar que Deus decida, se quer fazer de Francisco d'Albuquerque um martyr, ou um missionario que vá prégar a fé aos gentios da America.

E dando conselhos, fazendo admoestações, consolando e castigando as rebeldias do coração das duas afflictas mulheres, foi-as o padre Manuel Fernandes levando para a egreja do collegio de Santo Antão, onde as deixou entregues á dôr, á duvida, á esperança, ao terror, e á oração.

Quando se viu só, o jesuita esfregou as mãos, tomou uma larga respiração, e disse entre dentes:

— Agora vamos annunciar ao padre de Villes o milagre que ha de hoje acontecer no terreiro do Paço.



— Viva o s
— Viva!
— Viva o r
— Vivam a
— Queremo
— Viva a ra
Estes vivas
milhares de voz
midos discordes
Paço, iam excita
que dentro do pa
— Visto com

— la bonito! É um rapaz como se quer! — respondeu a outra.

— Viva! — gritavam ambas, acompanhando os clamores do povo.

— Que differença entre elle e el-rei? Heim!

— A rainha tem razão. Eu se fosse a ella já ha muito não vivia com o marido.

— Ora ahi está o que se chama fallar bem, senhora Joaquina! — interrompeu o rotundo frei Antonio da Redempção, que escutara esta conversação. A voz do frade estava rouca — porque frei Antonio não era dos que menos tinham gritado n'aquella memoravel manhan em que, depois de sahir da côrte o conde valído, o infante foi pela primeira vez recebido por seu irmão — mas soube dar-lhe tal doçura, que a senhora Joaquina voltou para elle uma cara em que o riso punha a descoberto duas ordens de dentes brancos como perolas. — Eu bem sabia que a linda taverneira da taverna do Salpicão não podia pensar d'outro modo.

— Ora conte-nos, senhor frei Antonio, o que se diz da ida de sua alteza ao paço? — perguntou a senhora Joaquina.

— O que se diz? Diz-se que el-rei o recebeu por ter medo cá do povo; e que nem lhe quer dar uma palavra, nem quer que o senhor infante lhe falle.

— Mau homem, mau homem é el-rei! — acudiu a companheira da Maritorna do Salpicão.

— Lá isso é que não tem duvida que elle é. Mas

as côrtes hão de pôr cobro a tanta maldade. Queremos côrtes! — gritou o frade com a voz já quasi extincta.

— Queremos côrtes! — repetiram os que estavam em roda d'elle, e que sós o podiam ouvir.

Mas o grito assim transportado, como por ondulações successivas, encheu n'um instante a praça inteira.

O povo estava apinhado debaixo das janellas do paço; e, apesar dos terços de infanteria que ainda se conservavam na praça, soltava a cada instante os seus gritos sediciosos, lançava injurias contra os nobres que seguiam o partido de Affonso VI, e até contra o proprio rei, e tinha mesmo por duas vezes levado a ousadia a ponto de entrar nos páteos, e de invadir as escadas do palacio regio; sendo preciso para o obrigar a retirar-se o emprego de violencias. Havia, porém, no Terreiro um espaço cuidadosamente guardado por uma

A entrada de D. Pedro no paço foi uma entrada triumphal. Acompanhado pelos fidalgos, que o tractavam como se elle fosse já o rei de Portugal, cercado do povo, que o victoriava como se elle tivesse salvado a patria no campo de batalha, sua alteza penetrou no palacio de seu irmão, não como vassallo, mas como senhor; e os seus proprios inimigos pensaram, com terror, que já nada podia impedir, talvez, que elle usurpasse a seu irmão o throno que D. João IV conquistara com as armas aos hespanhoes. Depois que sua alteza desappareceu da vista do povo, este não cessou de dar *vivas*, e de soltar clamores; até que o som lento e triste de uma campainha veio chamar-lhe para outro objecto as attenções.

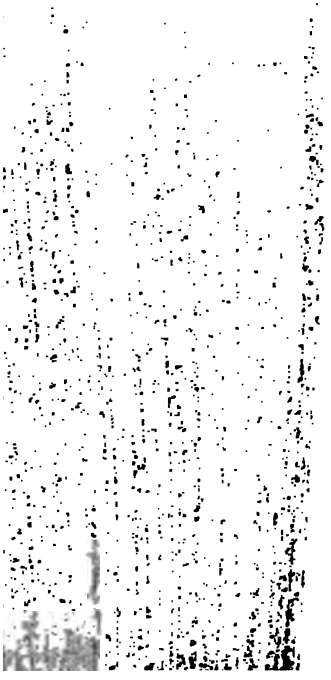
O som, lamentoso como um grito de angustia, vinha da banda das Fangas, e pouco a pouco approximava-se do Terreiro do Paço. Parte do povo, movido por uma curiosidade cruel, correu ao encontro do funebre prestito que aquella agourenta campainha precedia. Os officiaes da justiça em nome da barbara e despiedosa lei, a irmandade da misericordia em nome da caridade christan, conduziam o desditoso Francisco d'Albuquerque á forca. O confessor do condemnado, que o acompanhava n'aquelle fatal momento, prodigalisando-lhe as consolações da religião, e approximando-lhe a cada instante dos labios um crucifixo que trazia na mão, era o jesuita Manuel Fernandes. Via-se no gesto e na expressão do rosto do padre que as suas palavras deviam ser repassadas de unção. Francisco d'Albuquerque,

com os olhos fitos no ceo, o passo firme e seguro, sem mostrar nem terror, porque tinha pura a consciencia e se sentia innocente, nem orgulhosa e estulta coragem, porque sabia o valor d'aquelles minutos de vida que lhe restavam, escutava attento o padre Fernandes.

Quando entraram, porém, no Terreiro do Paço, o confessor e o penitente esqueceram um instante a oração para pensarem nas coisas mundanas; porque um e outro percorreram com olhos em que tansluzia a avidez da curiosidade, a immensa praça. O jesuita, depois de estudar, por assim dizer, n'um relancear da vista a physionomia do povo, e de reconhecer que n'aquellas ondas de homens rugia já vagamente uma tremenda tempestade, voltou os olhos para o Tejo, como se buscasse no rio alguma coisa que vivamente o interessava. E, se buscava alguma coisa, encontrou-a de certo, porque um clarão de alegria lhe illuminou instantaneamente o rosto. A alegria passou comtudo rapida como o relampago: a fronte do padre carregou-se outra vez de severa tristeza, e as orações, os conselhos ao penitente, um momento interrompidos, continuaram no mesmo tom devoto e compungido com que haviam sido feitos, sem interrupção, desde o Limoeiro até ao Terreiro do Paço. Francisco d'Albuquerque, esse não procurou conhecer se o povo estava ou não disposto a revolucionar-se, nem tão pouco se algum barco mysterioso vogava pelo Tejo. Os seus olhos buscavam uns olhos compassivos; o seu coração buscava um coração que sentisse com elle as mágoas

que o ralavam. Era o amor que se accendia pela ultima vez n'aquella alma já sem vigor, e que acordava n'ella a mais acerba das saudades; a saudade que tem por futuro uma ausencia que dura por toda a eternidade. Os olhos do angustiado Albuquerque não encontraram senão o odio, a colera, ou a indifferença em toda a gente em que se fitaram. O que elles queriam achar não estava alli. Só, no meio da multidão que o julgava criminoso e esperava quasi com impaciencia o momento de o ver subir a uma forca, onde havia o misero achar allivio á sua immensa dôr? No ceo. E foi com o espirito elevado a Deus, e absorvido nos fervores da oração, que Francisco d'Albuquerque seguiu, quasi automaticamente, a fatal procissão até ao pé da forca.

O povo correu todo para ver passar o terrivel prestito; e cercou, apinhando-se, o espaço onde estava levantado o poste fatal, que era difficilmente guardado pelos esforços e ameaças dos soldados armados de piques e de mosquetes. No seu desejo de ver aquelle espectaculo repugnante e atroz, que a justiça, em nome da moral e para provar a sua solicitude em purificar os costumes publicos, lhe estava preparando, a multidão esqueceu o seu amor ao infante, o seu odio ao valído, e a sua esperança de salvar a patria, alcançando d'elrei a promessa de convocar a côrtes os tres estados do reino. Aos gritos, aos vivas, aos clamores succedeu por alguns minutos aquelle sussurro sem palavras, ora crescente, ora decrescente como o bramido do mar ba-



agora mais
Paço, para
velas todas
de quatro r
dade ao caes
não pareceu
lhe sulcaram
expressão de
trando então
leta, que tam
presentar a s
de representa
signal quasi i
senhor Anicet

Quando o
cisco d'Albuq
pesadêlo dolor
seus desvairad
horror, no bra
que lhe bolan

vez no meio do povo, em vão, os dois entes amados, que o pobre Francisco não podia crer o houvessem abandonado n'aquella hora suprema.

— Não vieram! — exclamou elle baixo ao ouvido do padre Fernandes. E na sua voz tremula havia mais dôr do que no ultimo gemido de um moribundo.

— Hão de vir, irmão — respondeu o jesuita, tambem em voz baixa.

— Tarde. D'aqui a um instante... — Francisco d'Albuquerque completou o seu pensamento olhando para o carrasco, que se vinha approximando d'elle.

— Deus terá misericordia da innocencia — disse o padre. — Ajoelhai, irmão — proseguiu em voz alta — e recebei a ultima benção, que vos quero lançar em nome do Senhor, que conhece a vossa innocencia.

Quando Francisco, de joelhos já, esperava humildemente, e com as faces molhadas de pranto, a benção do jesuita, dois homens, correndo, atravessaram o Terreiro do Paço, a gritar:

— Mataram o senhor infante! Os traidores mataram o nosso principe!

Se subitamente cahisse um raio no meio d'aquelle povo amontoado, não teria de certo causado maior desordem do que produziu o grito pavoroso de Aniceto Muleta e de Diogo Cutilada, o velho sebastianista, que sempre andara ao serviço do capitão Francisco d'Albuquerque, e que, n'esta occasião funesta, se pozera ás ordens do astucioso miliciano, na esperança de salvar seu amo. O povo, com rugidos de colera e gemidos de

angustia, precipitou-se sobre o palacio real, e, a não ser a rapidez com que fecharam as portas os soldados que as guardavam, o paço teria sido invadido pela multidão.

— Queremos ver o senhor infante.

— Matemos os traidores!

— Demos cabo de tudo!

— Fogo ao palacio!

— Arrombem as portas!

Estes e outros clamores eram acompanhados de pragas, imprecações, e insultos a todos os partidarios d'el-rei. Em quanto a maior parte do povo dava largas á sua colera, soltando estas vozes de furor, outra mais activa, e de um espirito mais prático e positivo, lançava contra as portas pedras, ou mettia-lhes os hombros para as arrombar. As portas começavam a estalar, a gemer e a dar signaes de que não fariam longa resistencia aos esforços da plebe, quando uma das janellas mais baixas do paço se abriu, e a ella appareceu um dos corregedores da côrte.

— Calem-se lá! Silencio! — gritaram os do povo,

m grande maioria n'aquella reunião popular como em uasi todas, lhe prestassem attenção.

— Em nome d'el-rei — principiou elle pela centema vez — ordeno a todos os que presentes estão, que afastem para longe das portas do paço...

— Abaixo o corregedor. Fóra o béca. Matem o aidor! — rugiu uma parte da plebe em tumulto: e ma pedra, lançada por mão temeraria, foi quebrar um dro mesmo ao lado do corregedor. O juiz fez-se ranco como a cambraia da sua ballona, mas proseguiu go que o tumulto diminuiu outra vez algum tanto:

— El-rei, para socegar a inquietação do povo, que aidores tem desassocegado com intrigas e calumnias, ignar-se-ha apparecer á janella do palacio na compahia da rainha, e de seu augusto irmão o senhor D. Pero.

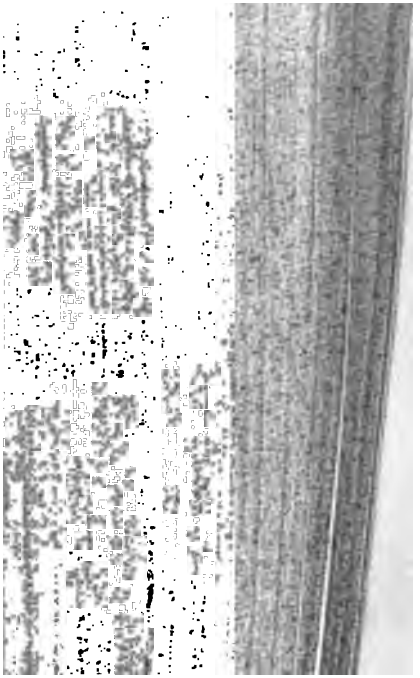
— Viva el-rei! — clamou todo o povo.

— Viva o senhor infante!

— Viva a rainha!

— Viva o corregedor! — bradaram tambem muios. O corregedor, que começara a sua oração entre nsultos, vituperios e ameaças, acabou-a entre applauos e vivas; o que elle não deveu de certo, como o leior póde julgar, á sua facundia.

Este tumulto tinha tido um effeito util para os proectos do padre Manuel Fernandes, o demorar a execução de Francisco d'Albuquerque; de modo que, quando corregedor terminou o seu discurso pacificador, ainla o jesuita e o seu penitente fallavam em voz baixa,



confi
hosti
paço,
seus
soceg
uma
já con
vestid
do pra
alegria
querqu
gria m
alegria
seu ulti
o horror
nura, de
Com
os hombr
rida e Th
pirito Sa

gre, um vivo sentimento de expansiva alegria, a que se misturava ainda a vaga tristeza, essa como sombra de terror que as grandes mágoas deixam por muito tempo no espirito, mesmo depois de passarem, davam-lhes a ambas uma tal grandeza, e sobretudo uma tal belleza, que todos os do povo que as viam, se afastavam respeitosamente para as deixar passar.

Novos gritos de enthusiasmo se levantaram da plebe, quando, n'este momento, uma das grandes janellas do paço se abriu de par em par, e n'ella appareceram Affonso VI, a rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, e o infante D. Pedro.

— Viva a familia real! Viva o infante! Viva a rainha! — bradou o povo.

— Não mataram o nosso infante! Viva! — gritaram uns.

— El-rei apertou a mão a sua alteza! Viva! — repetiam outros.

— A rainha é o anjo da paz, que está entre ambos! Viva! — diziam em altos gritos outros.

— El-rei não faz cara alegre a tudo isto — dizia á senhora Joaquina o nosso frei Antonio da Redempção.

— Que ha de elle fazer? A rainha tem mais inclinação para o lado esquerdo.

— É verdade — acudiu um visinho. — Olhem como ella se chega para o infante!

— Aquillo tambem é mal feito — interrompeu outro visinho; homem severo e, ao que parece, amigo da moralidade. — É dar maus exemplos ao povo.

— Te
este, dand
Duran
cessado.
voltados já
vanta na
dade da pr
mais depre
maior part
raiva não
na verdade
injusto, qu
o podiam e
Francis
Thereza e d
cer a Deus a
dara. O per
capitão Anic
mão, e lia-o
justiça que e

ao pé da forca, vendo mallogradas as suas esperanças, e tendo reconhecido n'uma das duas mulheres, que haviam trazido o perdão real ao condemnado, a odiada amante de Affonso VI, principiaram a bradar:

— Traição! Mata a Calcanhares! É uma injuria á rainha! É uma desfeita ao povo! Fóra a infame! É um escandalo! É uma vergonha para o povo!

E estes gritos foram n'um apice repetidos pela multidão, a qual se precipitou logo sobre os soldados que guardavam a forca. Estes, vendo-se tão violentamente atacados, prepararam-se para a defeza; e foi o seu aspecto severo e ameaçador quem salvou a vida do condemnado, e de quantos estavam em roda d'elle. Os mais furiosos, porém, d'entre os do povo, não ousando, por medo, atacar a tropa que guardava Francisco d'Albuquerque, começaram a arremessar pedras contra este e contra a Calcanhares; e de certo teriam feito alguma victima, se o confessor do infante não viesse em seu soccorro. De pé, cobrindo com o seu vulto magestoso Francisco e as duas mulheres, que se conservavam abraçados e de joelhos esperando resignados a morte; levantando na mão direita um crucifixo, e estendendo o braço esquerdo com imperio, o padre Manuel Fernandes disse, com aquella voz sonora e forte com que tantas vezes, prégando, fizera estremecer de pavor quantos o escutavam:

— Parai, homens loucos! — E estas palavras, por duas vezes repetidas, impozeram silencio aos que estavam ao alcance da sua voz. O jesuita proseguiu: —

que da su
que não e
primeira p
Os sen
dão como
que nas r
mente da
enthusiasm
plebe rude.
um immen
riosa do jes
sem cabisba
proprios exc
Mas não
gos que ame
que. Affons
tumulto popu
ambos perdid
rei, perdoand
quizera fazer

ca, diante do povo de Lisboa, deixou os seus instinctos de ferocidade sobrepujarem a sua debil razão.

— Vossa magestade perdoou, sem m'o dizer, ao assassino de um criado da minha casa? — exclamou a rainha com indignação.

— É falso. Não perdoei. É uma traição. Quero que elle morra — balbuciou Affonso VI, espumando de colera.

— Quiz-me vossa magestade fazer ainda esta affronta... Talvez o seu privado, o conde...

— Enforquem-o! — rugiu o rei. — E a ella tambem, áquella mulher tambem.

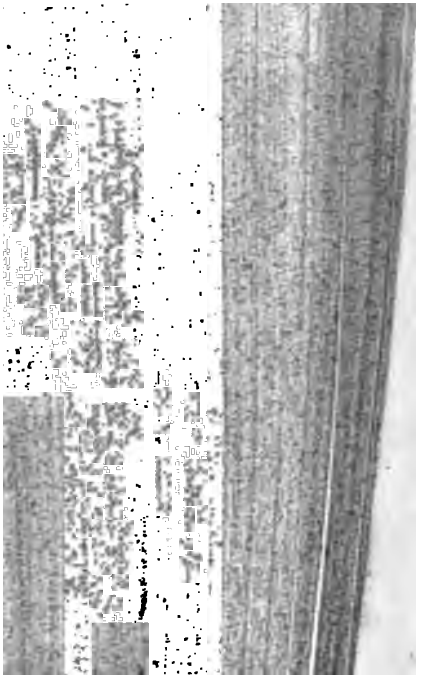
— Ella? — perguntou a rainha. — Quem é?

— A Calcanhares — respondeu elle. — A traidora Calcanhares.

D. Maria Francisca não amava seu marido, antes pelo contrario o detestava; porém, como mulher orgulhosa que era, tinha um odio mortal a Margarida, a quem attribuia grande parte das suas desgraças. Voltando-se pois para o Marquez de Marialva que estava atraz d'ella:

— Vá, marquez — disse — vá dizer que cumpram as ordens d'el-rei. Sua magestade não perdoou.

O marquez correu logo ao Terreiro do Paço para obedecer ás determinações de suas magestades; e, já elle havia acabado de intimar aos officiaes de justiça a fatal ordem, dizendo que — «el-rei e a rainha queriam que o criminoso fosse enforcado, e lhe não perdoavam» — quando um novo personagem, que rompera a



eu qu
nha o
tei-o.
innoc
me, é

—
nhia d
des.

—
pranto
ços o se

— L
hindo de

— M

— De

— A
der!

— De

— O c

— Que

Todo o povo, que momentos antes esbravejava n'um cego furor, agora com fervor religioso desbarretava-se, e curvava respeitoso a cabeça para receber a benção do padre Manuel Fernandes.

Em quanto isto se passava no Terreiro, o padre de Villes, que entrava no paço mesmo n'aquelle instante, chegou-se á rainha, que se afastara um pouco da janella, provavelmente para não assistir á execução da sua horrivel ordem, e disse-lhe em segredo:

— Chegou de França Luiz de Mendonça; e trouxe uma carta de el-rei Luiz XIV, que eu e o padre Manuel Fernandes teremos logo a honra de entregar a vossa magestade.

— Onde está Luiz de Mendonça?

O jesuita, que não perdera um instante de vista nenhum dos actores do curioso drama que se estava representando no Terreiro do Paço, respondeu á rainha, apontando para a escada da forca, a que elle n'aquelle momento subia.

— Alli está Luiz de Mendonça.

— Para que?

— Para salvar da morte um innocente que os tribunaes injustamente condemnaram.

— Quem lhe disse, padre de Villes, que aquelle homem não assassinou Estevão de Castilho?

— Eu vou responder a vossa magestade. — E então o jesuita repetiu á rainha a historia do duello nocturno entre Luiz de Mendonça e Estevão de Castilho, que o padre Fernandes lhe contara.

Abeu
com u

—

matou

—

honra.
to; e a
busque
Fra
Santo
povo qu
de fazer
cedidos
Os jesuit
que os h
colhe, pa
tencia.

Marga
uma lagri
que sentia

tomar logar entre os seus irmãos da companhia de Jesus, Margarida, mettendo-se n'uma liteira que do paço lhe mandara a propria rainha, por conselho do seu confessor, acompanhada por Thereza e pelo padre Manuel Fernandes, foi tambem ao convento de Santa Joanna pedir um abrigo ás tormentas d'este mundo, onde pudesse gastar o resto da vida na oração e na penitencia.

A cas
Thereza,
monacal,
de, que a
ma, quand
um refugio
com a alm
da singelez
tir, mesmo
o seu graci

aos proprios olhos do feliz captivo, cantava ao cahir da tarde na janella que deitava para o estreito becco dos Açougues. Aquelle pallido e descarnado S. Francisco em extasi, que, nos primeiros dias que Thereza passou em casa de sua tia, tantas vezes a fizera estremecer de pavor, estava agora quasi todo escondido por uma cortina de seda côr de rosa. E mesmo o querido presepio da tia Brizida, á força de ornatos, de fitas, de flores, tinha tomado uma physionomia risonha e de festa; muito outra e diversa d'esse antigo aspecto triste e lugubre, que a beata considerava como uma maravilha, não sendo mais do que o resultado das imperfeições d'aquella monstruosa composição de um esculptor privado de todas as noções do bello.

Não era só no seu modo de ser physico que a casa da tia Brizida se havia deixado influenciar pelo benefico poder de Thereza. O amavel imperio, que a graciosa menina conseguira exercer sobre a velha beata, havia tomado tal força por fim, que esta não via já senão pelos olhos de sua sobrinha, não pensava senão o que a *sua alegria* queria que ella pensasse. Todas as impertinencias acabaram; toda a rabugenta austeridade se trocou em condescendencia sem limites. Com tanto que Thereza a acompanhasse nas suas novenas, e a deixasse ir á Graça todas as manhans propôr ao seu confessor os escrupulos da vespera, a tia Brizida estava por tudo quanto ella desejava; sem se queixar, e sem mesmo fazer reflexões ou dar conselhos.

— O que a minha alegria quer é sempre o melhor

a sua
onde
a mão
dido,
que fiz
Therez

—

Th
ciou:

— I

— P

deitou-s
luçar.

Para
consentir
diam, foi
sem solem
d'ella.

O leito,

poder que o tempo tem sobre os amores; sobre os amores sem esperança, já se vê; se, recorrendo á historia, se informar ahi do procedimento nada innocente de D. Maria Francisca com seu marido, e das particularidades do seu segundo casamento com o proprio cunhado, muitos annos antes da morte de Affonso VI — casamento escandaloso este, em que se principiou a fallar pela cidade de Lisboa logo que a rainha, fingindo-se offendida por o secretario d'estado Sousa de Macedo não ter sido desterrado, e mostrando extraordinarios escrupulos de consciencia de que não julgamos dever dar aqui noticia, fugiu do paço para o convento da Esperança, e pediu ao cabido da sé a annullação do seu matrimonio — se, finalmente, nós lhe dissermos que Francisco d'Albuquerque, depois de encarecer as virtudes e perfeições de Thereza, recommendou ao seu amigo Luiz de Mendonça que a protegesse e a defendesse dos perigos do mundo, como se ella fôra uma irman sua, então o leitor poderá, como nós, suppôr que Luiz de Mendonça resolveu pedir em casamento a formosa Thereza, não talvez por se sentir totalmente curado dos seus infelizes amores, senão por desejar interpôr entre estes e o seu coração um novo affecto puro e consolador.

Na tarde do dia 2 de abril de 1668, isto é, sete mezes depois dos acontecimentos a que assistimos no anterior capitulo d'esta historia, na sala da tia Brizida estavam sentados em roda de uma mesa sobre a qual havia doces e fructas, a velha beata, os dois noivos,

com a bea
a criada
fiava, par
de estopa.
D. Fel
curiosa, de
tuosa. Era
todos em ca
— Vi-o
o coche: a r
marido. Ia
lhe succedes
ser rainha co
nem desasoce
mento do prir
— Estava
tante doente —
co e estremece

— A rainha ia vestida com muita riqueza? — perguntou Thereza.

— Queria parecer uma perola, porque só perolas levava em cima de si. Coitado do pescador, que foi buscar aquella perola ao fundo do mar. Ha de arrepender-se cedo.

— Tu tens bem pouco amor á rainha, minha querida — disse a tia Brizida, interrompendo a sua amiga.

— Não lhe chames rainha, Brizida, porque D. Pedro ainda não é senão principe. E o desgraçado, que alli está preso no palacio real já não é seu marido.

— El-rei, quando ouvisse hoje os tiros no castello e no mar, não havia de ficar muito contente.

— El-rei — acudiu a freira — dizem, perguntou qual era a causa d'aquella alegria na cidade? Se seu irmão já estava rei? E, como lhe respondessem que se havia o principe casado com madama Maria, acudiu logo: « Não me queixo da affronta que me fazem, não; o que sinto é dó de meu pobre irmão, que se ha de arrepender de tal casamento, mais cedo do que julgam todos os que hoje assistem a estas festas. »

— São extraordinarias essas palavras de D. Affonso — acudiu Luiz de Mendonça.

— Elle sabe bem o que diz.

— Sss! — sibilou com duvida frei Thomaz.

— A desgraça tem-lhe dado juizo. Dizem agora que o principe vai mandar seu irmão degradado para Guiné, e que já se está preparando o navio que o ha de levar. Tem-o ha seis mezes preso no paço, tirou-lhe a

as que fizeram
de D. Pedro se
dama Maria nã
dias? Parece q
casamento, de q
nullou o seu m
sabbado de ramo
choa, e já está c

— Foi para
que lhe pediram
levar para Fran
— disse Thereza.

— O caso n
Descasada pelos r
ta-feira de cinza,
palacio aonde ha
nha! E isto com
Paço a ouvir estal
de mais ás razões

— Jesus Senh

— Casados sem dispensa do Papa.

— Mas com dispensa do cardeal de Vendome, legado de sua santidade — acudiu Mendonça.

— Dizem que o breve de dispensa tem a data de 13 de março. O cardeal consentiu no casamento de Madama Maria com o senhor D. Pedro, quando ella era ainda legitima mulher d'el-rei D. Affonso. Que legado este, e que breve!

— Onde irá o nosso Francisco d'Albuquerque a esta hora? — disse Thereza, para mudar de conversação; porque já estava cansada da maledicencia da freira.

— Vai por esse mar fóra — respondeu Luiz de Mendonça. — Vai, com outros missionarios, converter á fé de Christo, salvar do inferno os indios do Maranhão. O padre Antonio Vieira, que o conheceu e muitas vezes lhe fallou agora no collegio de Santo Antão, edificado da modestia, do ardor religioso, da humildade de Francisco, recommendou-o aos cuidados do superior dos jesuitas no Maranhão.

— Deus afaste d'elle esses martyrios, de que tantos padres tem sido victimas nas perigosas missões do sertão! — Acudiu Thereza.

— E da amante de Francisco d'Albuquerque — interrompeu D. Feliciana — da celebre Calcanhares, não se sabe nada?

— Estive ainda hontem em Santa Joanna — respondeu a tia Brizida, — e disse-me ella mesma, a boa e estimavel Margarida, que tenciona professar em setembro.

e lhe mandar p
respondeu a bea
— E estes n
mez de setembr
rem? — acudiu
baria.

— Estes noi
quaresma para c
festa n'esta casa.

Dizendo estas
da mesa; acaban
que serviu para a
sua maledicencia
golosina, e para o
principaes persona
nós tambem aqui
benevolo, que teve
á ultima pagina, no
feito perder algumas

INDICE.

		Pag.
Capitulo XXXIX	— Apparição	5
Cap. XL.	— O jogo das cannas	12
Cap. XLI.	— Ao amanhecer	24
Cap. XLII.	— A monteria	34
Cap. XLIII.	— A trovoada	49
Cap. XLIV.	— Presentimentos	65
Cap. XLV.	— O inquisidor geral	81
Cap. XLVI.	— Um interrogatorio	97
Cap. XLVII.	— Pax Christi!	111
Cap. XLVIII.	— O duello	122
Cap. XLIX.	— Rebenta a tempestade	138
Cap. L.	— As duas rivaes	150
Cap. LI.	— O Côrte-Real	166
Cap. LII.	— A supplicante	181
Cap. LIII.	— Visita ao encarcerado	194
Cap. LIV.	— Um ministro na angustia	206
Cap. LV.	— Quem o salvará?	225
Cap. LVI.	— Só um milagre o póde salvar	237
Cap. LVII.	— Faz-se o milagre	256
Cap. LVIII.	— Conclusão	276

José Casanova
romances; 2.ª edi
Estrellas Fune
Estrellas Prop
Memorias do C
As Tres Irman
Romance d'um
prefacio. — No pr

LUIZ AUG

A Mocidade d
2.ª edição revista

JOÃO

Um anno na C
pelo author — 3 v

FR. FRANCISC

Diccionario Ge
suas Possess
ção consideravelme
na divisão territori
1 vol. 8.º . . .

SEP 1 6 1911
SEP 2 5 1912
SEP 2 6 1912
SEP 2 6 1912
SEP 3 0 1912